GEORGE R. KNIGHT

PARA NÃO ESQUECER

Meditações Diárias

PARA NÃO ESQUECER

Meditações Diárias

GEORGE R. KNIGHT

Tradução
Cecília Eller Nascimento

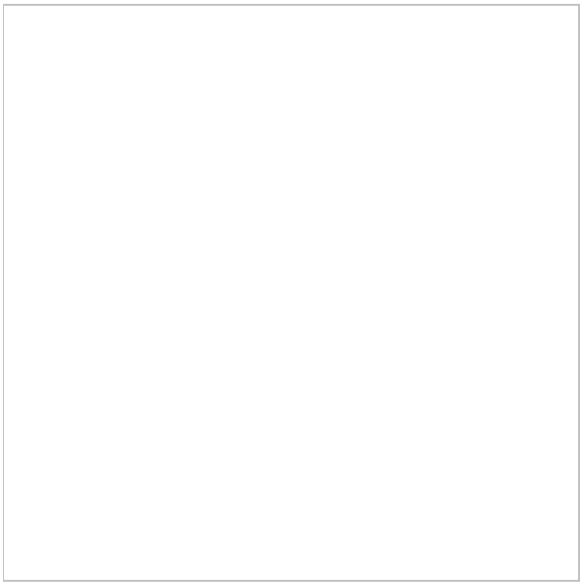
Casa Publicadora Brasileira
Tatuí, SP

Título original em inglês:
Lest We Forget

Direitos de tradução e publicação em
língua portuguesa reservados à
Casa Publicadora Brasileira
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP
Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900
Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888
www.cpb.com.br

1ª edição neste formato
Versão 1.1
2014

Coordenação Editorial: Vanderlei Dorneles
Editoração: Vinícius Mendes, Guilherme Silva, Diogo Cavalcanti
Revisão: Adriana Seratto
Design Developer: Fernando Lima
Capa: Eduardo Olszewski
Imagens da Capa: Fotolia



EDITORA AFILIADA

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, *sem prévia autorização escrita* do autor e da Editora.

15090/31657

Apresentação

“Nada temos que recear quanto ao futuro, a menos que esqueçamos a maneira em que o Senhor nos tem guiado.” Ellen G. White

O que fazemos no presente molda tanto a história quanto o futuro.

1832 Um fazendeiro de meia-idade começa a pregar que Jesus voltaria em breve.

1844 Uma adolescente frágil relata a primeira visão que Deus lhe concedeu.

1846 Um ex-capitão de navio publica um livrinho sobre o sábado.

1849 Um pregador itinerante sem um centavo no bolso escreve um panfleto de oito páginas para levar luz aos que estavam em trevas.

Foi assim que tudo começou. Pessoas comuns – que tiveram uma vida extraordinária de dedicação a Deus – foram pioneiras de um pequeno movimento que se transformou em uma denominação mundial formada hoje por milhões de membros.

Neste devocional, George R. Knight nos reapresenta a nossos antepassados espirituais. Eles não eram perfeitos. Nem sempre eram de fácil convivência. Entretanto, partilhavam um objetivo comum: contar aos outros sobre o Salvador que voltará em breve.

Assim como em qualquer família, é muito fácil esquecer de onde viemos, das lutas enfrentadas por aqueles que nos antecederam e não valorizar a herança que

nos foi concedida. Às vezes, precisamos de um gentil lembrete do verdadeiro valor do legado que eles deixaram. Ao moldarem o futuro do adventismo, os intrépidos pioneiros deram forma não só à nossa história, mas também ao nosso presente. E, ao meditar no passado, podemos refletir sobre o futuro, para o qual cada um de nós contribui.

George R. Knight, educador, historiador e teólogo respeitado, foi professor de história da igreja na Universidade Andrews. Mesmo aposentado, ainda escreve e faz palestras. É autor de muitos livros, entre eles, A Mensagem de 1888 e Em Busca de Identidade, lançados pela Casa Publicadora Brasileira.

“Eu me recordo dos tempos antigos; medito em todas as Tuas obras e considero o que as Tuas mãos têm feito.” *Salmo 143:5, NVI*

Abreviaturas das citações de Ellen G. White

CBV	*A Ciência do Bom Viver*
CE	*O Colportor-Evangelista*
CPPE	*Conselhos a Pais, Professores e Estudantes*
Ct.	Carta
DTN	*O Desejado de Todas as Nações*
Ed	*Educação*
Ev	*Evangelismo*
FEC	*Fundamentos da Educação Cristã*
GC	*O Grande Conflito*
HR	*Health Reformer*
LS	*Life Sketches of Ellen G. White* (edição de 1915)
LS 1888	*Life Sketches of Ellen G. White* (edição de 1888)
Man.	Manuscrito

ME1-3	*Mensagens Escolhidas*, volumes 1-3
MS	*Medicina e Salvação*
PE	*Primeiros Escritos*
PJ	*Parábolas de Jesus*
PP	*Patriarcas e Profetas*
PT	*The Present Truth*
RH	*Review and Herald*
SG1-4	*Spiritual Gifts*, volumes 1-4
SW	*Southern Work*
T1-9	*Testemunhos Para a Igreja*, volumes 1-9
TM	*Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos*
VE	*Vida e Ensinos*
WLF	A Word to the “Little Flock”

Uma Palavra a Meus Companheiros de Jornada

Bem-vindo à jornada na qual passaremos 365 dias caminhando pelos anos de formação da Igreja Adventista.

Escrevi este devocional com a firme convicção de que: (1) Deus guiou a Igreja Adventista do Sétimo Dia e continuará a fazê-lo, (2) o adventismo é um movimento profético, não uma mera denominação a mais e (3) o maior perigo que a igreja enfrenta no século 21 é esquecer sua identidade, perdendo, assim, seu propósito e motivo de existir. Daí o título, *Para Não Esquecer*.

Ao contrário da sequência comum dos devocionais que se concentram em pensamentos edificantes e inspiradores relacionados a um texto da Bíblia, *Para Não Esquecer* adota uma abordagem histórica que busca esclarecer os leitores acerca do desenvolvimento do adventismo e, ao mesmo tempo, inspirá-los. Nem sempre foi fácil unir esses propósitos em uma página, mas foi o que tentei fazer.

Escrevi estas meditações com a convicção de que a maioria dos membros da igreja compreende pouco sobre a nossa história. Por isso, preciso admitir que meu propósito consciente ao preparar este livro foi instrutivo, obviamente sem perder de vista o aspecto devocional. A longo prazo, as duas esferas não se separam. Afinal, toda devoção verdadeira deve ter raízes em fatos, não em ficção.

Tenho a confiança de que as meditações deste ano aproximarão cada leitor tanto da igreja quanto do Senhor. Além disso, oro para que a compreensão de nossa história conceda discernimento e coragem ao caminharmos rumo ao futuro e ao alvo do segundo advento.

O preparo desta obra teria sido impossível sem a ajuda habilidosa de minha

esposa e dos editores Gerald Wheeler e Jeannette Johnson, meus editores na Review and Herald.

George R. Knight

Rogue River, Oregon

“Nada temos que recear quanto ao futuro, a menos que esqueçamos a maneira em que o Senhor nos tem guiado e os ensinos que nos ministrou no passado.” *Ellen G. White*

Janeiro

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Pedras Memoriais

As doze pedras que tiraram do Jordão, levantou-as Josué em coluna em Gilgal. E disse aos filhos de Israel: Quando, no futuro, vossos filhos perguntarem a seus pais, dizendo: Que significam estas pedras?, fareis saber a vossos filhos, dizendo: Israel passou em seco este Jordão. Josué 4:20-22

Essas não eram meras pedras antigas! Cada uma delas tinha um significado especial. Eram pedras memoriais e cheias de história.

Fisicamente eram bem comuns, parecidas com milhões de outras nos montes da Palestina. Entretanto, aquelas doze pedras apontavam para algo. Elas relembravam a direção de Deus na experiência de Israel.

A Bíblia é um livro histórico baseado em uma série de acontecimentos que foram narrados para apresentar o relato da criação e da redenção. Suas narrativas abarcam um longo período de tempo, passando pelas origens da Terra, a entrada do pecado em nosso mundo, a história do povo de Deus, a encarnação, morte e ressurreição de Jesus, e ainda apresentam profeticamente o desfecho de todo esse drama, anunciando o retorno de Cristo. A Bíblia foi escrita para registrar os atos milagrosos de Deus ao guiar Seu povo.

Quando as igrejas perdem de vista o sentido desses memoriais, é certo que surgirão problemas. À deriva, longe de seu ancoradouro, ficam sem rumo. Na esfera judaico-cristã, a perda da direção começou com o esquecimento do passado – mais especificamente, das antigas orientações divinas.

Sempre que isso acontece, perde-se o senso de identidade. Com isso, desaparecem a missão e o propósito. Afinal, se você não sabe quem é, dentro do plano de Deus, como saberá o que tem a dizer ao mundo?

A história cristã está cheia de grupos religiosos que se esqueceram de onde vieram e, em consequência disso, perderam o direcionamento para o futuro. Tal esquecimento é uma tentação muito real para o adventismo.

Não foi casualmente que, já idosa, Ellen White alertou seus leitores sobre isso. Ela escreveu: “Passando em revista a nossa história, percorrendo todos os passos de nosso progresso até ao estado atual, posso dizer: ‘Louvado seja Deus!’ Quando vejo o que Deus tem executado, encho-me de admiração por Cristo, e de confiança nEle como dirigente. Nada temos a recear no futuro, a não ser que nos esqueçamos a maneira em que o Senhor nos tem guiado” (VE, p. 204).

Conforme veremos em nossa jornada pela história do adventismo, ao longo do ano, nossa igreja tem suas próprias pedras memoriais. Se as negligenciarmos, o risco é todo nosso.

Tempos Empolgantes – 1

Tu, porém, Daniel, encerra as palavras e sela o livro, até ao tempo do fim; muitos o esquadrinharão, e o saber se multiplicará. Daniel 12:4

O historiador Ernest Sandeen afirma que “os Estados Unidos, no início do século 19, estava embriagado pelo milênio”. Cristãos de todas as vertentes criam que estavam às portas do reino de Deus.

O terrível e destruidor terremoto de Lisboa, em 1755, havia direcionado a mente das pessoas para muitos assuntos ligados ao fim do mundo. Entretanto, o estímulo mais importante tinha raízes nos acontecimentos da Revolução Francesa, nos anos 1790. As reviravoltas sociais, políticas e religiosas que estavam acontecendo lembravam o povo das descrições bíblicas do fim do mundo. A violência e a magnitude da catástrofe francesa fizeram os olhos dos eruditos das duas margens do Atlântico se voltarem para as profecias bíblicas de Daniel e Apocalipse.

Em particular, muitos estudiosos da Bíblia desenvolveram um súbito interesse pelas profecias de tempo referentes ao ano de 1798. Em fevereiro daquele ano, o general de Napoleão, Berthier, havia marchado até Roma e destronado o papa Pio VI. Por isso, para muitos eruditos bíblicos, 1798 transformara-se num ponto de referência para relacionar a história secular com as profecias bíblicas. Usando o princípio de que, em profecia, um dia equivale a um ano, interpretaram o aprisionamento do papa como a “ferida mortal” de Apocalipse 13:3 e o cumprimento das profecias dos 1.260 dias/anos de Daniel 7:25 e Apocalipse 12:6, 14 e 13:5.

De acordo com Sandeen, os estudiosos da Bíblia acreditavam que tinham

agora um “ponto fixo na cronologia profética de Apocalipse e Daniel. Alguns tinham a certeza de serem capazes de definir a própria posição do desenrolar da cronologia profética”.

Por fim, muitos sugeriram que a profecia de Daniel 12:4 estava se cumprindo. Seiscentos anos antes do nascimento de Cristo, o profeta escrevera: “Tu, porém, Daniel, encerra as palavras e sela o livro, até ao tempo do fim; muitos o esquadrinharão, e o saber se multiplicará.” Por causa dos acontecimentos mundiais, a convicção de que o “tempo do fim” havia chegado se tornou muito forte. Como nunca antes, os olhos dos estudiosos da Bíblia “esquadrinharam” as profecias enquanto tentavam obter uma compreensão mais clara dos eventos finais. O fim do século 18 e o início do século 19 testemunharam a publicação de um número sem precedentes de livros sobre profecias bíblicas.

Os eventos previstos nas Escrituras estavam se cumprindo. Além da investigação dos escritos de Daniel como nunca antes, o conhecimento a respeito dessas profecias crescia com rapidez. Era uma época de empolgação profética.

Tempos Empolgantes – 2

E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim. Mateus 24:14

O estudo das profecias bíblicas não foi a única reação religiosa à Revolução Francesa. Ocorreu também como desdobramento o maior reavivamento religioso da história dos Estados Unidos. Desde os anos 1790, até a década de 1840, o Segundo Grande Despertamento fez mais do que qualquer outro evento na história do jovem país para transformá-lo numa nação cristã.

Com o reavivamento religioso, aconteceu uma onda de reformas sociais e individuais. Muitos acreditavam que as rupturas políticas e tecnológicas do fim do século 18 e início do século 19 haviam começado a proporcionar os instrumentos para a criação do Céu na Terra. Surgiram centenas de movimentos de reforma para o aperfeiçoamento da sociedade humana.

Grupos pró-reforma apareceram em quase todas as áreas imagináveis de interesse do ser humano, no início do século 19. Foi nessa época que as campanhas para a abolição da escravatura, das guerras e do consumo de álcool se tornaram fatores importantes da cultura norte-americana. Além disso, surgiram associações para promover a educação pública, um melhor tratamento aos surdos, cegos, doentes mentais e prisioneiros, a igualdade entre os sexos e as raças, e assim por diante. Extrapolando a esfera social, era possível encontrar organizações defendendo mudanças pessoais em áreas de reforma moral e saúde, inclusive a Sociedade Vegetariana Norte-Americana.

Religiosos e secularizados uniram energias e recursos na esperança de aperfeiçoar a sociedade por meio de um movimento de reforma. No entanto, os

religiosos iam além de seus contemporâneos, criando sociedades bíblicas, associações de missões locais e estrangeiras, uniões de escolas dominicais e grupos para promover a santidade do domingo. Pela primeira vez, os cristãos protestantes sentiram a necessidade de pregar o evangelho a todo o mundo.

A ideia era que as reformas e outros aspectos do Despertamento prepariam o mundo para o início do milênio de Apocalipse 20, durante o qual a Terra continuaria a melhorar até o retorno de Cristo no fim dos mil anos.

Foi a um mundo cheio de empolgação pelo início do milênio que Guilherme Miller começou a pregar sua mensagem do advento. Por conta disso, as igrejas de toda parte o recebiam de braços abertos.

Deus preparou o caminho. Ele sempre faz isso. Nossa tarefa é seguir Sua direção.

Um Candidato Improvável ao Ministério

Em resposta, Jesus declarou: "Digo-lhe a verdade: Ninguém pode ver o reino de Deus, se não nascer de novo". João 3:3, NVI

É em meio à exuberância expectante e esperançosa do Segundo Grande Despertamento que encontramos um candidato pouco provável ao ministério.

Na verdade, quando tinha vinte e poucos anos, Guilherme Miller (nascido em 1782) estava mais interessado em rir dos pregadores do que copiar sua conduta. Os melhores alvos para suas piadas eram seus familiares. Os "favorecidos" por essa atividade incluíam o avô Phelps (pastor batista) e o tio Elihu Miller, da Igreja Batista de Low Hampton.

As imitações das peculiaridades devocionais de seu tio e avô foram fonte de muita diversão para os colegas céticos de Miller. Ele imitava, com "seriedade jocosa", as "palavras, os tons de voz, os gestos, o fervor e até mesmo a tristeza que manifestavam por alguém como ele".

Além de fazer graça com os amigos, tais exibições revelavam o estado de espírito do jovem Miller. Assim como outros naquela época de rápidas transições culturais, ele passava por uma crise de identidade. Sem dúvida, parte da rebelião contra a família era um aspecto da eterna luta dos adolescentes para descobrir quem são em relação aos próprios pais.

Entretanto, Guilherme nem sempre fora rebelde com a religião. Durante a infância, havia sido intensamente devoto. A primeira página de seu diário (que começou a escrever durante a adolescência) contém a seguinte declaração: "Aprendi a orar ao Senhor ainda novo." Trata-se da única frase descritiva sobre si na introdução do diário; portanto, deveria ser algo importante para ele como

característica distintiva.

No entanto, isso não duraria. No início da idade adulta, Miller abandonou o cristianismo e se tornou um deísta cético e agressivo, que satirizava não só o avô, mas o próprio cristianismo em si.

Contudo, o velho vovô Phelps nunca desistiu dele. “Não se aflija tanto pelo Guilherme”, dizia, consolando a mãe do rapaz. “Ainda há algo para ele fazer pela Causa de Deus.” E foi isso mesmo que aconteceu. Infelizmente para ela, ainda demoraria para que essa profecia se cumprisse.

Phelps nunca parou de orar por seus filhos e netos. Eis uma lição importante para nós que vivemos no século 21.

Do Desespero à Esperança

Tanto o sábio quanto o insensato têm o mesmo fim. Basta um só dia, e eles são esquecidos. [...] O homem morre [...]. Viemos do pó e ao pó voltaremos". Eclesiastes 2:15, 16; 3:19, 20, A Mensagem

Miller serviu como capitão durante a Guerra Anglo-Americana (1812-1814), e tal experiência proporcionou um ponto de virada em sua vida. Mesmo antes de o conflito começar, ele tinha dúvidas sobre suas crenças deístas.

Ao mesmo tempo, ele começou a refletir sobre o significado da morte. Em 28 de outubro de 1814, escreveu para a esposa, falando sobre um amigo que havia morrido: "Não falta muito e, assim como Spencer, eu também deixarei de existir. Que pensamento solene!"

Os fatos difíceis da vida empurravam o capitão Miller em direção à fé que rejeitara com tanto vigor no passado. No entanto, ele ainda tinha uma esperança. Caso conseguisse encontrar patriotismo verdadeiro nas fileiras do exército, poderia concluir que sua fé no deísmo não estava equivocada. Contudo, escreveu: "Mas os dois anos de serviço militar foram suficientes para me convencer de que eu estava errado nesse aspecto também." O retrato negativo da natureza humana encontrado na Bíblia parecia mais correto do que sua perspectiva deísta, a qual ensina que a natureza humana é, em princípio, boa e justa; porém, Miller não conseguia comprovar tal fato na história. "Quanto mais eu lia, mais assustadoramente corrupto o caráter do ser humano se apresentava. Não conseguia encontrar nenhum momento positivo na história. Os conquistadores e heróis pareciam demônios em forma humana. [...] Comecei a desconfiar de todas as pessoas."

A crise final de Miller em relação ao deísmo está ligada ao que parece ter sido um ato divino na história, durante a batalha de Plattsburg, em setembro de 1814. Nela, o “arremedo de um exército” norte-americano derrotou as forças superiores de membros regulares do exército britânico, alguns dos quais haviam vencido Napoleão fazia pouco tempo.

Os Estados Unidos estavam certos da derrota. Miller concluiu: “Um resultado tão surpreendente e contrário a todas as probabilidades me pareceu obra de uma força mais poderosa do que a humana.”

Assim como o autor de Eclesiastes, Miller foi forçado pelas dificuldades da vida a olhar mais uma vez para Deus. A boa notícia é que as dificuldades ainda continuam a desempenhar a mesma função em nossos dias.

Deus Opera de Maneira Inesperada

De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus. Romanos 10:17, ARC

A rejeição das incongruências do deísmo por parte de Miller não significa que ele tenha ficado empolgado em se tornar cristão. No entanto, ele começou a frequentar a igreja. Pelo menos quando sentia vontade.

O ponto de virada em sua vida ocorreu em maio de 1816, quando ele se pegou “no ato de tomar o nome de Deus em vão”. Ele havia adquirido esse hábito no exército, porém, chegara à convicção de que era errado.

Tal incidente pode parecer insignificante para a maioria das pessoas, mas a temática da religião incomodou a mente de Miller por um tempo. O resultado foi que isso desencadeou uma crise em sua vida. Posteriormente, ele escreveu: “No mês de maio de 1816, senti a culpa do pecado. Que horror me encheu a alma! Esquecia-me de comer. Os céus me pareciam bronze, e a terra era como ferro. Permaneci assim até outubro, quando Deus me abriu os olhos.”

Aconteceram duas coisas em setembro de 1816 que predispuseram Miller para uma crise em outubro. A primeira foi a celebração da batalha de Plattsburg. Enquanto se preparavam para um momento de “grande alegria”, os veteranos assistiram a um sermão na noite anterior à grande festa. Eles voltaram profundamente reflexivos. A oração e o louvor haviam substituído a descontração e a euforia da dança à medida que se lembravam das circunstâncias da amarga batalha e de sua vitória “surpreendente”.

O segundo evento ocorreu no domingo seguinte. A mãe de Miller descobriu que ele faltava à igreja sempre que o pastor não estava na cidade. Em tais ocasiões, um dos diáconos lia com dificuldades um sermão.

Miller cometeu o “erro” de insinuar que, se pudesse fazer a leitura, ele sempre estaria presente. Assim, ele, ainda deísta, passou a receber convites para apresentar os sermões que os diáconos escolhiam. No dia 15 de setembro de 1816, Miller leu um sermão que o emocionou a ponto de sentar-se no meio da mensagem.

Algumas semanas depois, ele escreveu: “Deus abriu meus olhos, ó minh’alma, que Salvador descobri em Jesus!” Tal descoberta impulsionou o recém-converso a estudar a Bíblia com regularidade. Dentro de pouco tempo, ele percebeu: as Escrituras “se tornaram meu deleite e em Jesus encontrei um amigo”.

Deus opera milagres. O fato de tomar alguém cético como Miller e levá-lo à conversão por meio da leitura de um sermão em voz alta é uma verdadeira maravilha. Servimos a um Deus que usa infinitas maneiras para realizar Sua vontade.

Homem da Palavra

Lâmpada para os meus pés é a Tua palavra e luz para os meus caminhos. Salmo 119:105

Embora tivesse feito várias leituras durante seu período deísta, ao se converter ao cristianismo em 1816, Miller se tornou essencialmente um homem de um livro só: a Bíblia. Alguns anos depois, ele escreveu a um jovem amigo pastor: “Você deve pregar a Bíblia, provar todas as coisas pela Bíblia, falar da Bíblia, exortar segundo a Bíblia, orar conforme a Bíblia, amar a Bíblia e fazer tudo o que estiver ao seu alcance para que os outros também a amem.”

Em outra ocasião, ele declarou que as Escrituras são “um tesouro que o mundo não é capaz de comprar”. Além de trazer paz e “firme esperança no futuro”, “sustenta a mente” e “provê uma arma poderosa para derrubar a infidelidade”. Também “fala sobre os acontecimentos futuros e revela quais são os preparativos necessários para estar pronto”. O desejo de Miller era que os jovens pastores estudassem a Bíblia, em vez de serem doutrinados em “algum credo sectário”. “Eu os faria estudar as Escrituras por si mesmos. [...] Caso não tenham opinião própria, eu lhes imprimiria a mente de outro escreveria ‘beatos’, em sua testa e os enviaria como *escravos*!”

Além de levar outros à Bíblia, Miller praticava o que pregava. Foi seu estudo intensivo das Escrituras que o levou a conclusões surpreendentes. Sua abordagem era completa e metódica. Sobre seu estudo inicial da Palavra de Deus, ele comentou que começou com Gênesis e lia cada versículo. Só prosseguia “à medida que o significado das diversas passagens era desvendado, para que eu me livrasse dos empecilhos a respeito de qualquer misticismo ou de quaisquer contradições”. Explicou: “Sempre que encontrava algo enigmático,

minha prática era comparar com textos correlatos. Com a ajuda de *Cruden*, examinei todos os textos da Bíblia nos quais havia alguma palavra importante em partes obscuras. Então, ao deixar cada uma ter sua importância própria no assunto do texto, caso minha visão sobre ela harmonizasse com todas as passagens correlatas nas Escrituras, deixava de ser uma dificuldade."

O estudo da Bíblia por parte de Miller foi intensivo e também extensivo. Da primeira vez, levou cerca de dois anos no que parece ter sido um estudo em tempo integral. A partir de então, ele se deu por convencido "de que [a Bíblia] é sua própria intérprete", trata-se de um "sistema de verdades reveladas de maneira tão clara e simples que mesmo o tolo não tem necessidade de se confundir".

Podemos agradecer a Deus porque Ele continua a nos guiar por Sua Palavra.

Descoberta Surpreendente

Ele me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado. Daniel 8:14

Miller não evitava os textos que alguns consideram as partes mais infrutíferas das Escrituras, como as cronologias. “Tinha plena convicção de que ‘toda a Escritura é inspirada por Deus e útil’, que ela veio a existir não pela vontade do ser humano, mas foi escrita à medida que homens santos eram movidos pelo Espírito Santo, para nosso aprendizado, a fim de que, por meio da perseverança e do consolo da Bíblia, pudéssemos ter esperança. Por isso, conseguia enxergar nos trechos cronológicos das Escrituras uma porção da Palavra de Deus tão digna de nossa séria consideração quanto qualquer outra.”

“Senti, portanto, que, na tentativa de compreender o que Deus, em Sua misericórdia, achou apropriado nos revelar, eu não tinha o direito de passar por cima dos períodos proféticos. Percebi que os acontecimentos preditos para se cumprir em dias proféticos haviam se estendido por muitos anos literais; como em Números 14:34 e Ezequiel 4:4-6, Deus havia designado um ano para cada dia. [...] Só conseguia considerar o tempo simbólico, atribuindo um ano para cada dia, em conformidade com a opinião de todos os comentários protestantes tradicionais. Caso conseguíssemos, então, obter alguma pista quanto a seu momento de início, veio-me à mente que poderíamos ser guiados até o momento provável de seu fim. Como Deus não nos faria uma revelação inútil, eu as interpretei como relativas ao tempo em que esperaríamos confiadamente pela vinda” de Cristo.

Miller interpretou a purificação do santuário, em Daniel 8:14, como a purificação da Terra pelo fogo por ocasião do segundo advento. Uma vez que os

eruditos bíblicos concordavam, de modo geral, que a data de início dos 2.300 dias era 457 a.C., ele concluiu, em harmonia com diversos autores que escreveram sobre o tema, que a profecia de Daniel se cumpriria por volta de 1843.

A diferença de opinião quanto a Daniel 8:14 não se referia ao tempo; mas, sim, à natureza do evento. Por volta de 1818, Miller chegou à conclusão surpreendente de que “dentro de cerca de 25 anos [...] todas as questões presentes seriam terminadas; todo o orgulho e poder, toda a pompa e vaidade, maldade e opressão chegariam ao fim; em lugar dos reinos deste mundo, o tão desejado e pacífico reino do Messias seria estabelecido”.

A volta de Jesus continua a ser a maior de todas as esperanças, o acontecimento que produzirá alegria suprema.

Descoberta Empolgante

Fui, pois, ao anjo, dizendo-lhe que me desse o livrinho. Ele, então, me falou: Toma-o e devora-o; [...] na tua boca [será] doce como mel. Apocalipse 10:9

Apocalipse 10 é um interlúdio fascinante entre a sexta e a sétima trombetas. O soar da sétima trombeta está relacionado aos acontecimentos do segundo advento, quando "o reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e Ele reinará para todo o sempre" (Ap 11:15, NVI).

O ponto central do capítulo 10 é o "livrinho". No versículo 2, o tempo verbal indica que ele será aberto no fim dos tempos. O Antigo Testamento nos fala somente de um livro que ficaria selado até o tempo do fim: "Tu, porém, Daniel, encerra as palavras e sela o livro, até ao tempo do fim; muitos o esquadrinharão, e o saber [sobre o livro de Daniel] se multiplicará" (Dn 12:4).

É interessante constatar que o livro de Daniel só tem duas partes nas quais se afirma explicitamente que permaneceriam seladas até o tempo do fim. Uma delas está ligada à profecia dos 1.260 anos no capítulo 12 (ver v. 7-9). A outra é Daniel 8:26, versículo em que lemos: "A visão das tardes e das manhãs que você recebeu é verdadeira; sele porém a visão, pois refere-se ao futuro distante" (NVI). Joyce Baldwin observa que "o motivo para Daniel ter mantido seladas suas duas últimas visões é que elas ainda não eram relevantes (8:26; 12:9)". Como Leon Wood destaca em seu comentário sobre Daniel: "uma vez que a única menção", no capítulo 8, "à tarde e manhã é feita no versículo 14, a referência [no v. 26] deve ser às 2.300 tardes e manhãs."

Também é importante notar que Gabriel diz duas vezes na visão do capítulo 8 que ela se estenderia até o "tempo do fim" (v. 17, 19). Na explicação do anjo,

três dos quatro símbolos de Daniel 8 se cumpriram na história (v. 20-25) e apenas um deles (as 2.300 tardes e manhãs) é deixado para se cumprir no tempo do fim (v. 26).

Miller observou essas coisas. Por isso, pôde apresentar uma linha do tempo no periódico *Signs of the Times* [Sinais dos Tempos], de maio de 1841, na qual Apocalipse 10 havia se cumprido com o livrinho sendo aberto. Realmente sua abertura foi doce como o mel. “Nem preciso expressar a alegria que encheu meu coração diante da maravilhosa perspectiva” do breve retorno de Jesus.

A mensagem do livrinho foi recebida com doçura. Todavia, Miller, como a maioria de nós, apegava-se às partes da profecia que imaginava compreender e pulava todo o resto. Assim, ele não chegou à conclusão de que a abertura das profecias do livrinho terminaria trazendo amargura e desapontamento (Ap 10:8-10).

Senhor, ajuda-nos a aprender a ler com ambos os olhos abertos.

A Interpretação de Miller

Nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação; [...] mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo. 2 Pedro 1:20, 21, ARC

Miller não estava sozinho em sua compreensão da profecia. A interpretação profética se divide em três escolas principais. Os preteristas consideram que o cumprimento profético ocorreu por volta da época em que a mensagem foi escrita. Para esse grupo, o livro do Apocalipse, por exemplo, estaria falando principalmente de acontecimentos que ocorreram no fim do primeiro século da era cristã.

O futurismo, uma segunda escola, defende que a maior parte das profecias apocalípticas acontecerá dentro de um curto espaço de tempo pouco antes do segundo advento. A popular série *Deixados para Trás* baseia-se no futurismo.

A terceira perspectiva, o historicismo, considera que o cumprimento das profecias iniciou no tempo do profeta, continua ao longo do espectro da história e chegará ao clímax na segunda vinda.

A melhor ilustração da compreensão das profecias pelos historicistas se encontra em Daniel 2, cujo cumprimento começou durante a época de Nabucodonosor e Daniel, estendeu-se ao longo dos três impérios que dominaram o mundo mediterrâneo até as divisões de Roma, e chegará ao fim com o reino de Deus. As visões de Daniel 7-9 e 10-12 retomam o modelo historicista, assim como Apocalipse 12.

Miller era historicista, assim como a igreja apostólica e quase todos os comentaristas protestantes até a metade do século 19. Embora o futurismo e o preterismo captem aspectos importantes das profecias bíblicas, não foram usados

pela maior parte dos intérpretes do Apocalipse até a Reforma de Lutero. A partir de então, alguns comentaristas tentaram fugir do que consideravam interpretações historicistas problemáticas. De acordo com a perspectiva deles, temas como o grande dragão vermelho e a meretriz precisavam ser revisados. No fim do século 19 e início do século 20, houve uma adesão súbita ao futurismo e ao preterismo, parcialmente como resposta às falhas do milerismo que se evidenciaram.

No entanto, as lacunas da interpretação milerita não mudam a perspectiva historicista de Daniel 2, nem mesmo o princípio dia/ano, tão entretecido em Daniel 9 que os tradutores da *Revised Standard Version* verteram o versículo 24 por “setenta semanas de anos”, a despeito de o hebraico só trazer “setenta semanas”. O acréscimo foi necessário até para indivíduos que não criam nas profecias preditivas, a fim de que pudessem entender o sentido de uma profecia que afirma se estender da época da restauração de Jerusalém até o Messias.

O Pecado do Estudo da Bíblia

Filho do homem, Eu te dei por atalaia sobre a casa de Israel [...]. Quando Eu disser ao perverso: Certamente, morrerás, e tu não o avisares [...], esse perverso morrerá na sua iniquidade, mas o seu sangue da tua mão o requererei. Ezequiel 3:17, 18

A descoberta de Guilherme Miller em 1818, de que Jesus voltaria à Terra "em aproximadamente 25 anos o encheu de alegria". Que boa notícia!

Contudo, ele observou: "Senti o peso da responsabilidade com toda força a respeito de meu dever para com o mundo." Se o fim estava próximo, era importante que todas as pessoas soubessem.

Miller supôs que suas conclusões sobre o advento seriam recebidas com oposição entre os "descrentes", mas não tinha dúvida de que os cristãos de todas as partes as aceitariam com alegria. Entretanto, temia apresentar suas descobertas, "para que, havendo a possibilidade de estar errado, não fosse um instrumento para iludir muitos". Por isso, passou mais cinco anos (1818-1823) em estudo contínuo da Bíblia. Quando eliminava uma objeção em relação ao advento, outra lhe vinha à mente. Uma delas foi a declaração de que "a respeito daquele dia e hora ninguém sabe". Sobre o período de cinco anos, Miller afirmou em 1845: "Surgiram mais objeções em minha mente do que foram levantadas por meus oponentes desde então; e não sei de nenhuma objeção que tenha sido levantada sem antes haver passado em minha mente." No entanto, depois de continuar o estudo, sentiu a convicção de que podia responder a todas com a Bíblia. Assim, após sete anos de estudo, ele estava plenamente convencido de que Cristo voltaria "por volta do ano de 1843".

Naquele período, Miller relata que "o dever de apresentar as evidências da

proximidade do advento aos outros voltou a pesar sobre mim com grande força”.

Em decorrência disso, ele começou a declarar mais abertamente suas opiniões em conversas particulares com vizinhos e com o pastor. Para seu espanto, porém, “poucos [...] demonstravam interesse ao ouvir”.

Miller continuou a estudar a Bíblia e, quanto mais o fazia, mais sentia a convicção do dever de contar aos outros. “Vá e conte ao mundo do perigo que ele corre”, era a mensagem que o perseguia dia e noite.

Contudo, essa era a última coisa que ele queria fazer. Como muitos de nós, Miller amava estudar a Bíblia, mas lhe faltava a vontade de testemunhar. Esse é o pecado do estudo da Bíblia. Todos sentimos a tentação de transformar a prática num fim em si mesma, em vez de usá-la para nos motivar à ação.

Cuidado com o que Promete a Deus

Então, entendeu Eli que era o Senhor quem chamava o jovem. Por isso, Eli disse a Samuel: Vai deitar-te; se alguém te chamar, dirás: Fala, Senhor, porque o Teu servo ouve. 1 Samuel 3:8, 9

Às vezes, nós não queremos ouvir. Esse foi o caso de Guilherme Miller. Embora escutasse com distinção a ordem de advertir o mundo, ele não desejava fazê-lo.

"Fiz tudo a meu alcance para evitar a convicção de que algo me era exigido; eu achava que, ao falar abertamente sobre o assunto, estaria cumprindo meu dever, e Deus levantaria os meios necessários para a realização da obra. Orava pedindo que algum ministro percebesse a verdade e se dedicasse a divulgá-la."

Ah, essa é uma solução ótima! Encontrar um pastor para fazer nosso trabalho. Cheguei à conclusão de que se a igreja depender só dos pastores para "terminar a obra", demorará um pouco mais do que a eternidade. A verdade sobre as boas-novas é que Deus chama cada um de nós a desempenhar nossa parte.

No entanto, era justamente isso que o homem Guilherme Miller não queria fazer. Em sua tentativa de testemunhar por procuração, ele acabou chegando à desculpa de Moisés: "Eu disse ao Senhor que não estava acostumado a falar em público, que não reunia as qualidades necessárias para conquistar a atenção das pessoas" e assim por diante. Contudo, não conseguia ter alívio. Por mais nove anos, Miller lutou contra a convicção de que tinha uma tarefa a cumprir para Deus. Até que, em certo sábado de 1832, ele se assentou em sua escrivaninha para examinar os detalhes de um ensino bíblico. De repente, sentiu-se tomado

pela crença de que precisava fazer algo pelo Senhor.

Em agonia, exclamou que não era capaz de ir. “Por que não?”, foi a resposta. Então ele repetiu para si mesmo todas as desculpas esfarrapadas.

Por fim, sua aflição ficou tão grande que ele prometeu a Deus que cumpriria seu dever caso recebesse o convite para falar em público sobre o tema da volta de Jesus. Com isso, suspirou aliviado. Afinal, ele tinha 50 anos de idade, e ninguém nunca o pedira para pregar sobre o assunto até então. Enfim, sentiu-se livre. Dentro de meia hora, porém, ele recebeu justamente esse convite. Miller teve, então, um ímpeto de raiva por ter prometido algo ao Senhor. Sem responder, saiu de casa furioso. Depois de lutar com Deus e consigo mesmo por cerca de uma hora, finalmente concordou em pregar no dia seguinte. Aquele sermão foi o início de um dos ministérios mais bem-sucedidos do século 19.

Moral da história: Tome cuidado com o que promete a Deus. Ele pode ter muito mais planos para sua vida do que você ousa sonhar.

Mensagem Poderosa em Roupagem Comum

Disse-lhe Deus: Sai e põe-te neste monte perante o Senhor. Eis que passava o Senhor; e um grande e forte vento fendia os montes e despedaçava as penhas diante do Senhor, porém o Senhor não estava no vento; depois do vento, um terremoto, [...] e, depois do fogo, um cicio tranquilo e suave. 1 Reis 19:11, 12

Com frequência, Deus usa as coisas comuns da vida. E isso é bom, pois quase todos nós somos comuns. Assim era Guilherme Miller.

A experiência de Timothy Cole, pastor da congregação Conexão Cristã, em Lowell, Massachusetts, ilustra este fato. No fim da década de 1830, ouviu falar sobre o sucesso notável de Miller como reavivador da igreja e o convidou para fazer uma série de reuniões em sua igreja. Ele foi receber o evangelista de sucesso na estação de trem, esperando um cavalheiro vestido com roupas da moda, cujo porte se equiparasse à sua reputação. Cole observou atentamente os passageiros desembarcarem, mas não viu ninguém que correspondesse a isso. Até que um senhor simples, tremendo de paralisia, desceu do vagão de passageiros. Para o espanto de Cole, o “velhinho” era Miller. Ele logo se arrependeu de tê-lo convidado. Concluiu que alguém com aquela aparência não poderia saber muito sobre a Bíblia.

Visivelmente constrangido, Cole conduziu Miller pela porta dos fundos de sua igreja e, depois de lhe mostrar o púlpito, assentou-se em meio à congregação. Miller não gostou, mas deu continuidade ao culto. No entanto, Cole se impressionou com a pregação. Depois de quinze minutos, ele se levantou da congregação e assentou-se atrás do pregador. Miller pregou durante uma semana e voltou no mês seguinte para uma segunda série. O reavivamento foi um sucesso, e até o próprio Cole se converteu ao ponto de vista milerita.

A realidade pura é que Deus é capaz de fazer coisas extraordinárias com pessoas comuns. O *Maine Wesleyan Journal* caracterizou Miller como um "fazendeiro comum", porém capaz de "cativar a atenção do auditório por uma hora e meia a duas". Não era o homem, mas a mensagem. A fala de Miller era sincera, lógica e bíblica. E ele também tinha uma veia humorística. Em certa ocasião, quando criticado por suas crenças, ele disse ao público: "Alegaram que sou louco e que fiquei sete anos em um hospício; caso houvessem dito que eu fiquei em um mundo louco por 57 anos, eu seria obrigado a admitir minha culpa."

Um homem comum com uma mensagem poderosa. Deus o usou. Ele pode usá-lo também, caso você permita.

O Clamor da Meia-Noite

Mas, à meia-noite, ouviu-se um clamor: Aí vem o esposo!
Saí-lhe ao encontro! Mateus 25:6, ARC

Era natural que Miller e seus seguidores fossem atraídos pelo grande sermão de Jesus sobre o advento, encontrado em Mateus 24 e 25. No entanto, a parábola das dez virgens, em Mateus 25:1-13, lhes chamava a atenção de maneira especial. Eles viam o próprio movimento e sua mensagem nessa passagem.

Eles interpretavam as dez virgens como a humanidade em geral, no tempo da graça. As cinco virgens prudentes representavam os que creem em Deus, ao passo que as néscias representavam os incrédulos. As lâmpadas eram a Palavra de Deus e o óleo simbolizava a fé.

Para eles, o casamento era o ponto principal da parábola. Era o momento em que Cristo, o noivo, apareceria nas nuvens do céu. As bodas eram o grande evento para o qual toda a história convergia. A chegada do noivo era a esperança que os motivava ao sacrifício dos próprios recursos para custear a pregação.

Para os mileritas, a sonolência das virgens apontava para a apatia e a ignorância tanto de cristãos quanto de descrentes acerca da proximidade e do momento do advento.

Miller escreveu: “O ‘clamor da meia-noite’ é o atalaia [...], que, mediante a Palavra de Deus, descobre o tempo revelado e imediatamente proclama a mensagem de advertência: ‘Eis o noivo! Saí ao seu encontro!’” Em outras palavras, o clamor da meia-noite era o último chamado ao despertamento, a fim de que as pessoas ficassem prontas para a chegada do Noivo divino.

Entretanto, nem todos responderiam. Segundo a perspectiva de Miller, a

reação à proclamação do clamor da meia-noite produziria uma divisão entre prudentes e néscios, entre aqueles que aceitariam a mensagem e se prepariam para o Noivo que se aproximava e aqueles que continuariam a dormir.

No segundo momento, os prudentes entrariam no reino com o Noivo. Para o restante, porém, a porta seria fechada. Miller entendeu o fechamento da porta como o fim do tempo da graça para os seres humanos.

Por isso, sua mensagem era tão urgente. As pessoas precisavam receber a advertência para que pudessem se preparar para o maior de todos os acontecimentos.

Essa mensagem continua a ser importante em nossos dias. Miller pode ter se equivocado em relação ao momento do segundo advento, mas esse evento continua a ser a grande esperança da humanidade. E a função do povo de Deus ainda é acordar os pecadores adormecidos para a realidade final de que nosso mundo não durará para sempre.

O Napoleão da Imprensa

Vi outro anjo [...] dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo. Apocalipse 14:6, 7

O homem que levou o adventismo ao conhecimento do grande público não foi Guilherme Miller, mas Josué V. Himes, pastor da Conexão Cristã que aprendera as habilidades de jornalista com William Lloyd Garrison, o líder do movimento de libertação dos escravos.

Em seu primeiro encontro com Miller, em novembro de 1839, Himes se convenceu de sua mensagem, mas se espantou com o fato de não ser ainda conhecida.

– Você realmente acredita nesta mensagem? – perguntou Himes.

– Com certeza. Caso contrário, eu não a pregaria – disse Miller.

– Mas o que você está fazendo para difundi-la por todo o mundo?

– Tudo que posso – foi a resposta de Miller.

– Bem, mas ela ainda está escondida. Há pouco conhecimento sobre o assunto, depois de tudo o que você já fez. Se Cristo vier dentro de alguns anos, como você acredita, não se deve perder tempo em dar a advertência à igreja e ao mundo, com o ímpeto de um trovão.

– Sei disso, irmão, sei disso. No entanto, Himes, o que um velho fazendeiro pode fazer? Tenho procurado ajuda. Eu quero ajuda.

Com a entrada de Himes, o milerismo assumiu uma dinâmica que não tinha antes. Com sua explosão de energia e criatividade, entre 1840 e 1844, Himes colocou o movimento a todo vapor.

Nathan Hatch, importante historiador das religiões nos Estados Unidos, descreveu os esforços de publicação de Himes como um “ataque de mídia sem precedentes” e “uma inédita avalanche de comunicações”. Um dos críticos de Himes o chamava de “Napoleão da imprensa”.

Dentro de um curto espaço de tempo, Himes deu início aos periódicos *The Midnight Cry* [O Clamor da Meia-Noite] e *Signs of the Times* [Sinais dos Tempos], que levaram a mensagem do advento aos confins da Terra, e publicou um número sem-fim de livros e folhetos. Em poucos anos, com tecnologia relativamente primitiva, ele distribuiu milhões de impressos. Himes era o relações públicas, e Miller, o homem das ideias. Ambos foram fundamentais para conferir dinamismo ao movimento.

A boa notícia é que Deus precisa de todos nós. Cada um tem algum talento que pode usar para a glória dEle. Na verdade, hoje mesmo, o Senhor chama você para dedicar mais uma vez sua vida e suas habilidades a Ele e à Sua obra na Terra.

Uma Mensagem Urgente

Ide, pois, para as encruzilhadas dos caminhos e convidai para as bodas a quantos encontrardes. Mateus 22:9

Os cristãos mileritas sentiam a urgência de advertir o mundo sobre a vinda de Cristo. Um dos principais instrumentos que eles utilizavam eram as reuniões campais, uma forma de agrupamento usada pelos metodistas e outros desde 1800.

A iniciativa para a primeira reunião campal milerita ocorreu na cidade de Boston, em maio de 1842. O ano de 1843 se aproximava rapidamente, e a maior parte do mundo ainda precisava ser advertida.

L. C. Collins expressou a fé de muitos, quando escreveu: “Tenho *forte* fé na vinda de Cristo em 43. Não faço planos para nada além desta data, a não ser a glória. [...] Entretanto, com tão pouco tempo para despertar as virgens sonolentas e salvar almas, devemos *trabalhar*; *trabalhar* noite e dia. Deus nos enviou com pressa, para dar o *último* convite e necessitamos de trabalhar com fervor, *instando* para que entrem, a fim de que a casa se encha. [...] Homens fortes em Israel estão se reunindo para nos ajudar. O clamor da meia-noite ainda deve ser soado e ecoar por todos os vales, colinas e planícies. Um tremor assombroso precisa atingir os pecadores de Sião. A crise *deve chegar* antes que a porta da misericórdia se feche para sempre contra eles. Todos precisam sentir que é *agora* ou *nunca*.”

Um senso de urgência e responsabilidade repousava severamente sobre os mileritas por volta da metade de 1842. Um dia depois que Collins escreveu sua carta, teve início a grande reunião geral de Boston, com José Bates na direção. Naquela ocasião, não só foi votada a realização de reuniões campais, como

também nomeada uma comissão para coordená-las. O principal objetivo dos encontros seria “despertar os pecadores e purificar os cristãos ao soar o clamor da meia-noite”.

Alguns mileritas achavam que a ideia de fazer tais reuniões era um pouco presunçosa. Afinal, uma reunião campal era uma grande iniciativa. “O quê?”, questionavam. “Um pingo de adventistas realizando uma reunião campal? Eles mal conseguem fazer reuniões nos lares!” No entanto, a palavra-chave é que eles iriam “tentar”, a despeito das aparências.

Deus lhes recompensou a fé. Josiah Litch estimou que de 500 a 600 pessoas se converteram a Deus durante as duas primeiras reuniões campais adventistas.

Há uma lição a ser aprendida. Não são as aparências exteriores que contam, mas, sim, as bênçãos de Deus. E Ele continua desejoso de abençoar aqueles que dão um passo de fé e se dispõem a “tentar”.

O Zeloso Charles Fitch

Pois o zelo da Tua casa me consumiu. Salmo 69:9

Em 1838, uma publicação dos sermões de Miller sobre o segundo advento chegou às mãos de Charles Fitch, pastor presbiteriano e proeminente abolicionista.

Em 5 de março, ele escreveu a Miller: “Estudei com um interesse irresistível que nunca senti por outro livro, a não ser a Bíblia. Comparei com textos das Escrituras e com a história e não encontrei uma dúvida a respeito da correção de seus pontos de vista.”

Fitch, um homem fiel e de caráter zeloso e sincero, não se satisfez com uma mera leitura inicial. Não demorou muito para que tivesse lido o livro de Miller seis vezes, observando que sua “mente estava grandemente envolta pelo assunto”.

Impulsionado pela mensagem de Miller, ele imediatamente “escreveu e pregou ao povo de Boston” sobre sua nova fé. Depois de pregar seus dois primeiros sermões sobre os ensinos de Miller, no dia 4 de março, escreveu que desejava ser um “atalaia nos muros” e queria “dar o sonido certo à trombeta”.

Num grande passo de fidelidade e ação, Fitch anunciou a Miller que, no dia seguinte, 6 de março, ele havia agendado a leitura de um artigo sobre a doutrina adventista perante a associação ministerial de Boston. Às vezes, porém, o zelo passa à frente do conhecimento e da sabedoria. E foi isso que aconteceu com Charles Fitch, em 6 de março de 1838. O zeloso pregador, que mal tivera tempo de examinar a doutrina para si, ficou intimidado e chocado pela reação que recebeu. Para seus colegas de ministério, aquilo não passava de “fantasia”. “Eles

riram muito do assunto”, recorda Fitch, “e não pude deixar de admitir que fui considerado um simplório”. Depois disso, ele desistiu de pregar que o advento estava próximo. Conforme sua avaliação posterior da situação, “o medo dos homens me fez cair em uma armadilha”.

Não por muito tempo. Em 1841, ele estudou de novo os mesmos temas. Posteriormente, tornou-se um dos defensores mais proeminentes do movimento. Foi o único dos principais pregadores do milerismo que não passou pelo desapontamento de outubro de 1844. Enquanto estava em Buffalo, Nova York, no fim de setembro, ele batizou um grupo de crentes no gelado lago Erie, em um dia frio, com ventania. Depois de começar a se dirigir a seu alojamento com as roupas molhadas, voltou duas vezes para batizar mais candidatos. A exposição prolongada o levou à enfermidade e morte em 14 de outubro. Nem mesmo o perigo da morte arrefeceu o zelo desse fiel de 39 anos. Ele sabia que “só dormiria por pouco tempo até ser acordado na manhã da ressurreição”.

A Voz dos Anjos

Seguiu-se outro anjo, o segundo, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia que tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição. Apocalipse 14:8

Os mileritas acreditavam estar pregando a primeira mensagem angélica de Apocalipse 14:6, 7: “Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo, dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo; e adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.”

Para eles, a “hora do Seu juízo” era o segundo advento. Logo, era equivalente à purificação do santuário, em Daniel 8, e à chegada do Noivo, em Mateus 25. Criam que as três passagens apontavam para o retorno de Jesus.

A princípio, a pregação dessa mensagem parecia inofensiva; mas, com a aproximação da data esperada, aumentou a tensão entre os crentes no advento e os outros cristãos. Precisamos nos lembrar de que, antes de 1843, os mileritas não tinham congregações separadas. Eles cultuavam com os membros de suas igrejas locais, que não criam no adventismo. No entanto, eles não conseguiam simplesmente ficar calados à medida que o momento esperado do advento se aproximava. Essa era a esperança mais acalentada no coração de cada um deles.

Isso era bom. Todavia, muitos dos membros das igrejas que eles frequentavam já haviam ouvido demais sobre o tema, criando o clima para o conflito na época em que começava o que os mileritas acreditavam ser seu último ano na Terra. Com o tempo, muitas congregações concluíram que a única solução parecia ser removê-los do rol de membros e tirar os pastores adventistas

dos púlpitos.

Os adventistas reagiram quando Charles Fitch pregou a segunda mensagem angélica: “Caiu a grande Babilônia” (Ap 14:8), “sai dela, povo Meu” (Ap 18:4, ARC). Para eles, qualquer membro de igreja que não estivesse aguardando expectante o breve retorno de Jesus se encontrava verdadeiramente confuso (isto é, em Babilônia).

A segunda mensagem angélica proveu uma justificativa teológica para os adventistas se separarem de suas congregações. E o mais importante: deu-lhes a independência necessária para continuar a estudar a Bíblia à medida que Deus os conduzia da mensagem do segundo anjo para a terceira, nos meses seguintes ao desapontamento de outubro de 1844. O caminho progressivo na verdade nem sempre é livre de obstáculos, mas Deus está conduzindo mesmo quando não conseguimos ver além da confusão terrena.

José Bates Invade o Sul

O meu Deus enviou o Seu anjo, que fechou a boca dos leões.
Eles não me fizeram mal algum. Daniel 6:22, NVI

O milerismo não era bem-vindo no sul dos Estados Unidos, uma vez que a maioria dos líderes do movimento milerita era abolicionista. Todavia, convites para o envio de pregadores continuavam a chegar. Na reunião geral dos mileritas, em maio de 1843, foi decidido não enviar oradores para os estados escravocratas por causa do perigo e das dificuldades.

Entretanto, no início de 1844, José Bates sentiu a convicção de que Deus o chamava a ministrar tanto para escravos quanto para seus proprietários. Depois de experimentar um sucesso modesto em Maryland, o intrépido missionário foi desafiado e denunciado por um líder metodista leigo que atacou a "doutrina do advento com violência". Em meio ao ataque, o homem "começou a falar em nos tirar [da cidade], despachando-nos de trem".

Bates replicou: "Não pense que percorremos quase mil quilômetros passando por gelo e neve, às próprias custas, para lhes anunciar o clamor da meia-noite sem antes parar e analisar o preço a ser pago. Caso o Senhor não tenha nenhuma outra obra para nós, repousaremos [alegremente] no fundo da baía de Chesapeake ou em qualquer outro lugar até que Ele venha. Mas se Deus tiver mais trabalho para realizarmos, você será incapaz de nos encostar um dedo!"

Em outra ocasião, durante a mesma viagem, um juiz sulista abordou Bates, dizendo que havia pensado que ele era um abolicionista que havia chegado para "levar nossos escravos embora".

"Sim, senhor juiz", respondeu Bates. "Sou abolicionista, vim levar seus escravos embora e vocês também!"

Bates sentia-se especialmente satisfeito em poder dar a mensagem aos escravos. Às vezes, ele até preferia ir andando de um compromisso para o outro, a fim de poder conversar com os escravos longe dos ouvidos dos brancos. Ele relatou: “Os pobres escravos festejavam” diante da mensagem do advento, “sobretudo quando descobriam que o Jubileu estava tão próximo. Eles pareciam sorver a mensagem como bois bebendo água e, pelas coisas que ouvi, creio que muitos deles estarão prontos quando Jesus voltar.”

Deus nunca disse que o caminho de nossa vida seria fácil. No entanto, prometeu que, se formos fiéis a Seus desígnios, Ele nos abençoará e será conosco.

Nós, cristãos, podemos louvar a Deus por todas as Suas bênçãos a cada dia.

O Milerismo Afro-Americano

O Espírito do Senhor está sobre Mim, pelo que Me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-Me para proclamar libertação aos cativos e [...] para pôr em liberdade os oprimidos. Lucas 4:18

O milerismo foi um movimento que predominou entre os brancos do norte dos Estados Unidos, numa época em que a maioria dos negros ainda morava no sul. Contudo, encontramos evidências consistentes de que afro-americanos frequentaram cultos e reuniões campais adventistas. Por volta da metade de 1843, a responsabilidade de realizar um trabalho ativo em meio à população negra se tornou mais evidente para os líderes mileritas. Como resultado, Charles Fitch fez a proposta bem-sucedida de "fazer uma campanha de fundos para um obreiro trabalhar com nossos irmãos de cor". No dia seguinte, os participantes recolheram recursos para que John W. Lewis, "um pregador negro muito estimado", trabalhasse em tempo integral "com essa classe tão negligenciada de irmãos nossos, com os quais ele tem uma ligação íntima".

Em fevereiro de 1844, Himes pôde relatar que "a maioria dos negros havia recebido a doutrina" em Filadélfia. "Um de seus pastores mais eficientes aceitou toda a doutrina e se dedicará por completo a proclamá-la."

Outro pregador negro que anunciou a mensagem adventista foi William E. Foy, que teve várias visões a partir de 18 de janeiro de 1842. Elas o levaram a crer no breve retorno de Jesus, muito embora, conforme ele mesmo disse, "era contrário à doutrina da breve vinda de Jesus" até receber as visões. Além de acreditar na volta de Cristo, Foy escreveu: "O dever de declarar a meus irmãos as coisas que me foram reveladas e de adverti-los a fugir da ira vindoura pesava grandemente sobre mim."

Foy resistiu a essa convicção por um tempo, em parte porque a mensagem do advento era “tão diferente” do que o povo esperava e em parte por causa do “preconceito das pessoas contra [aqueles de] minha cor”. No entanto, em meio a uma oração em aflição profunda, ele recebeu a impressão definitiva de que Deus estaria com ele se partilhasse a mensagem. Em resultado, começou a pregar sua nova fé.

A mensagem da esperança adventista sempre encontrou corações receptivos em meio aos oprimidos do mundo, qualquer que seja sua etnia ou cultura. Aqueles que se endurecem a essa verdade são os que constroem seu reino nesta Terra. Precisamos nos lembrar de que todos os habitantes da Terra estão sob a escravidão do pecado e necessitam ser libertos por Aquele que veio livrar os cativos. A esperança do advento é o sonho de liberdade eterna para todas as pessoas.

Mulheres Adventistas em Ação

E Míriam cantou para elas assim: Cantem ao Senhor porque Ele conquistou uma vitória gloriosa; Ele jogou os cavalos e os cavaleiros dentro do mar. Êxodo 15:21, NTLH

As mulheres sempre desempenharam uma parte na obra de Deus. Isso também se aplica ao adventismo milerita.

Lucy Maria Hersey, por exemplo, se converteu aos 18 anos de idade e sentiu que o Senhor a estava chamando para pregar o evangelho.

Em 1842, ela aceitou a doutrina de Miller. Pouco depois, acompanhou o pai numa viagem a Schenectady, Nova York, onde um dos crentes pedira a ele que falasse a um grupo de não adventistas sobre as evidências de sua fé. As pessoas "se opunham tanto a *mulheres falando em público*" que o anfitrião achou melhor que só o pai fizesse a apresentação. No entanto, o sr. Hersey perdeu a voz.

Após um longo silêncio, o anfitrião apresentou Lucy e disse que ela era capacitada a discorrer sobre o assunto. E foi isso que ela fez. A reação foi tão favorável que logo eles precisaram arranjar um auditório maior para acomodar a multidão. Esse foi o início de um trabalho frutífero que resultou na conversão de vários homens que se tornaram pregadores adventistas.

Olive Maria Rice teve ainda mais êxito. Ela se converteu ao milerismo em 1842: "Estou convicta de que o Senhor tem algo mais para mim do que ajudar nas reuniões de oração." Em março de 1843, Deus já havia abençoado seu trabalho com centenas de conversões. Ela escreveu a Himes: "A todo tempo há quatro ou cinco lugares requisitando meus esforços ao mesmo tempo."

Rice reconhecia que muitos se opunham a sua obra, por ser mulher, mas declarou: "Não ouso parar pelo único motivo de ser uma irmã. Embora homens

possam me censurar e condenar, sinto-me justificada diante de Deus e espero com alegria o dia de prestar contas por assim advertir as pessoas à minha volta.”

Elvira Fasset precisou superar a oposição de seu marido. Ela aprendera que as mulheres não deveriam falar em público. Contudo, depois de ser pressionada por outros, finalmente cedeu e descobriu que o Senhor abençoava seu trabalho. Um dos conversos mais importantes foi seu esposo, que testemunhou o impacto da pregação da esposa e passou a reconhecer a importância da profecia de Joel 2, a qual prediz que nos últimos dias Deus derramaria Seu Espírito sobre as filhas e as servas. Depois disso, o casal Fasset começou a atuar como uma equipe ministerial, pregando juntos a mensagem adventista.

A boa notícia é que Deus chama todos nós para proclamar Sua mensagem.

O Ano do Fim do Mundo

Eis que vem com as nuvens, e todo olho O verá. Apocalipse 1:7

"Este ano [...] é o último em que Satanás reinará em nossa Terra. Jesus Cristo voltará. [...] Os reinos da Terra serão despedaçados. [...] O brado de vitória será ouvido no Céu. [...] O tempo não mais existirá." Estas foram as palavras escritas por Guilherme Miller em seu "New Year's Address to Second Advent Believers" [Discurso de Ano Novo para os Crentes no Segundo Advento], no dia 1º de janeiro de 1843. Enfim o ano do fim do mundo havia chegado.

Como poderíamos esperar, a empolgação era grande; mas eles não tinham certeza do momento do ano em que esperar a segunda vinda. O próprio Miller, ciente de que Cristo dissera que ninguém sabe o dia, nem a hora, era prudente a esse respeito. "Por volta do ano 1843" era o mais preciso que ele podia ser.

Em dezembro de 1842, seus discípulos o pressionavam para ser mais específico. Afinal, Miller concluiu que poderia especificar melhor. Baseando seus cálculos na festa judaica da Páscoa, escreveu que Jesus apareceria nas nuvens do céu em algum momento entre 21 de março de 1843 e 21 de março de 1844.

Aqueles que acreditavam ter descoberto alguma fórmula para apontar o dia exato sugeriram várias datas dentro desse período. Miller defendia um cumprimento mais para o fim do ano, pois pensava que a fé dos crentes seria provada.

De fato, o segundo advento não ocorreu em 21 de março de 1844. Os esperançosos admitiram que haviam errado o cálculo da data da Páscoa. Talvez fosse em 21 de abril, mas esse dia também passou. E assim os grupos mileritas

passaram por seu primeiro desapontamento, durante a primavera.

O movimento conseguiu não se desintegrar na época porque não havia colocado muita esperança numa data específica. Em contrapartida, os membros sentiam-se desanimados. Eles continuaram a estudar a Bíblia para discernir em que ponto do tempo profético se encontravam. No início do verão, descobriram Habacuque 2:3: “Porque a visão ainda está para cumprir-se no tempo determinado, mas se apressa para o fim e não falhará; se tardar, espera-o, porque, certamente, virá, não tardará.” Concluíram que estavam passando pelo “tempo da tardança”. Afinal, Mateus 25:5 não ensinava claramente que “o noivo” tardou?

A fé daquelas pessoas tinha uma resiliência admirável. Mesmo assim, estavam desapontadas. Todavia, em vez de desistir, voltaram-se para a Bíblia a fim de descobrir em que ponto da história profética se encontravam. Não era isso que gostariam de estar fazendo, mas ainda hoje é a única opção para aqueles de nós que continuam a clamar: “Até quando, ó Soberano Senhor?” (Ap 6:10, ARA).

O Movimento do Sétimo Mês

O décimo dia deste sétimo mês é o Dia da Expiação.
Levítico 23:27, NVI

A esperança renasceu entre as fileiras dos desanimados adventistas mileritas, em agosto de 1844, quando um pastor metodista chamado Samuel S. Snow demonstrou, com base na Bíblia, que eles estavam procurando o cumprimento da profecia das 2.300 tardes e manhãs de Daniel 8:14 nas datas erradas.

O próprio Miller havia expressado a lógica da nova interpretação em um artigo no periódico *Signs of the Times*, em 17 de maio de 1843. Ele argumentou que o primeiro advento de Cristo havia cumprido as festas de primavera do ano cerimonial estabelecido em Levítico 23, mas que as festas do outono, ou do sétimo mês, precisavam estar conectadas ao segundo advento.

A lógica parecia sensata o bastante. Afinal, a oferta das primícias, a morte de Cristo como o cordeiro pascal e o derramamento pentecostal já haviam acontecido, de acordo com o Novo Testamento. No entanto, nenhuma das festas do sétimo mês ligadas ao período da colheita se cumprira durante o Novo Testamento.

Tais fatos levaram Miller a sugerir que seus seguidores deveriam aguardar o sétimo mês do ano religioso judaico para que se cumprisse a profecia que haviam identificado com o segundo advento.

Miller tinha desenvolvido o argumento do sétimo mês em maio de 1843, mas deixou a questão de lado e voltou a defender uma data no primeiro mês ou na Páscoa. Snow, porém, seguiu a lógica de Miller, chegando a sua conclusão natural. Aguardando o retorno de Cristo no fim das 2.300 tardes e manhãs, predisse que Jesus voltaria em 22 de outubro de 1844, o sétimo mês do ano

judaico, no Dia da Expiação.

Snow publicou suas descobertas pela primeira vez em *The Midnight Cry,* no dia 22 de fevereiro de 1844, mas ninguém estava preparado para ouvir. Já em agosto, todos se encontravam prontos para escutar isso com atenção.

O movimento do sétimo mês arrebatou o milerismo. Na edição de 3 de outubro, de *The Midnight Cry*, George Storrs escreveu: “Pego a pena com um sentimento que nunca experimentei antes. Sem dúvida, em minha mente, o décimo dia do sétimo mês testemunhará a revelação do Senhor Jesus Cristo nas nuvens do céu. Faltam poucos dias para esse acontecimento. [...] Agora vem o verdadeiro Clamor da Meia-Noite. O anterior não passava de alarme. Agora o real está soando!

Isso é empolgação de verdade. Como você viveria se acreditasse poder calcular matematicamente que Jesus voltaria em menos de três semanas? É exatamente assim que devemos viver todos os dias.

Doce e Amargo

Tomei o livrinho da mão do anjo e o devorei, e, na minha boca, era doce como mel; quando, porém, o comi, o meu estômago ficou amargo. Apocalipse 10:10

Ah, e como foi doce! Ao escrever em 6 de outubro, o dia em que finalmente aceitou a data de 22 de outubro, Miller exclamou, no artigo de capa de *The Midnight Cry*, publicado em 12 de outubro: “Vi uma glória no sétimo mês como nunca antes. Embora o Senhor tenha me mostrado a importância típica do sétimo mês um ano e meio atrás [no artigo de maio de 1843], eu ainda não havia reconhecido a força dos tipos. [...] Minha alma louva e agradece ao Senhor. Benditos sejam os irmãos Snow, Storrs e outros por seu papel em abrir meus olhos. Estou quase no lar. Glória! Gloria!! Glória!!! Percebo que o tempo está correto. [...]

“Minha alma está tão cheia de alegria que mal consigo escrever. [...] Vejo que estamos certos. A Palavra de Deus é verdadeira, e minha alma se enche de alegria. Meu coração está repleto de gratidão ao Senhor. Oh, como eu gostaria de gritar! Mas bradarei quando o ‘Rei dos Reis vier’. Parece que os ouço dizer: ‘O irmão Miller é fanático!’ Pois bem, chamem-me do que quiserem; não me importo; Cristo virá no sétimo mês e nos abençoará a todos. Oh, gloriosa esperança! Então eu O verei, serei como Ele é e com Ele estarei para sempre. Sim, para sempre e sempre!”

Nada foi mais doce do que a esperança do breve retorno de Cristo!

Todavia, Ele não veio. E quão amargo foi o desapontamento!

Em 24 de outubro, o líder milerita Josiah Litch escreveu de Filadélfia para Miller e Himes: “O dia é sombrio por aqui. As ovelhas estão dispersas, e o

Senhor ainda não voltou.”

Hiram Edson relatou: “Nossas mais acalentadas esperanças e expectativas foram esmagadas e nos sobreveio um espírito de pranto como eu nunca havia experimentado antes. Parecia que a perda de todos os amigos terrenos não se compararia ao que sentíamos. Choramos e choramos até o raiar do dia”.

Um jovem pregador milerita chamado Tiago White escreveu: “O desapontamento com a passagem do tempo foi amargo. Crentes fiéis haviam deixado tudo por Cristo e compartilhado sua esperança como nunca antes. [...] O amor de Jesus enchia cada alma [...] e com desejo inexprimível oravam: ‘Vem, Senhor Jesus, vem logo’. Mas Ele não veio. E voltar então aos cuidados e perplexidades da vida, diante de toda a zombaria e de todos os insultos dos descrentes que escarneciam como nunca antes era uma prova terrível de fé e perseverança.”

A abertura do livrinho de Daniel foi verdadeiramente doce na boca, mas amarga no estômago.

A Orientação Divina

Ora, nós esperávamos que fosse Ele quem havia de redimir a Israel. Lucas 24:21

Miller e seus companheiros de fé haviam se enganado em alguns aspectos de sua interpretação e de seu entendimento da Bíblia. Afinal, Jesus não voltou à Terra em 22 de outubro de 1844, nem em nenhuma data dos anos 1840. A pergunta que se impõe é: “Estaria Deus dirigindo um movimento como esse?”

Encontramos a melhor resposta no Novo Testamento. Lá vemos os discípulos interpretando erroneamente as palavras de Cristo sobre Sua crucifixão e a natureza de Seu reino diversas vezes. Foi só depois da ressurreição que eles começaram a entender o que Jesus tentara lhes ensinar. Mas, como não estavam prontos, precisaram passar por um desapontamento avassalador que abalou até mesmo os alicerces de sua crença na orientação divina. Foram necessários estudo e compreensão para conseguirem entender o que lhes havia acontecido.

O fato é que Deus escolhe trabalhar por meio de agentes humanos no plano da salvação. Até mesmo as situações guiadas por Ele têm tanto elementos divinos quanto humanos. E tudo o que concerne à humanidade se encontra manchado com a falibilidade. É assim que Deus tem trabalhado nos seres humanos e por meio deles ao longo da história.

Na situação específica do milerismo, podemos nos perguntar por que Miller não leu o restante de Apocalipse 10, uma vez que cria que a abertura das profecias do livrinho de Daniel refletida naquele capítulo se cumpriria em seus dias. Isto é, se ele acreditava que o livro fora aberto e sua mensagem era doce na boca, por que não percebeu que seria amarga no estômago (v. 10) e que outro movimento surgiria das cinzas da amargura, com uma mensagem mundial para

“muitos povos, nações, línguas e reis” (v. 11)? A própria lógica de Miller deveria levá-lo a ver que Deus previra o amargo desapontamento, assim como Jesus predissera o mesmo em relação a Seus discípulos.

E ainda: Se Miller defendia estar pregando a primeira mensagem angélica (Ap 14:6, 7), e muitos de seus seguidores criam estar anunciando a segunda (v. 8), por que eles deixaram de dar a ênfase devida à terceira? (v. 9-12). As três juntas conduzem progressivamente ao segundo advento retratado nos versículos 14-20.

O fato é que Deus escolheu seres humanos falíveis para usar em Sua missão na Terra. A boa notícia é que Ele continua a trabalhar conosco, a despeito de nossas fraquezas. Podemos louvá-Lo e agradecê-Lo por isso!

Tempo de Dispersão – 1

Eis que vem a hora e já é chegada, em que sereis dispersos.
João 16:32

Josiah Litch usou palavras cheias de significado bíblico ao escrever, dois dias depois do desapontamento de outubro: “O dia é sombrio por aqui. As ovelhas estão dispersas, e o Senhor ainda não voltou.” Desapontamentos espirituais profundos sempre tendem a provocar desilusão e dispersão dos fiéis.

Foi isso que ocorreu com os adventistas mileritas no fim de 1844 e início de 1845. Eles ficaram desorientados e confusos enquanto tentavam descobrir o sentido de sua experiência. O ápice de sua esperança os havia levado às profundezas do desespero.

É impossível formar um retrato totalmente preciso dos mileritas decepcionados, mas é provável que a maioria tenha abandonado a fé adventista e voltado para suas antigas igrejas ou se deixado arrastar para a descrença.

Aqueles que mantiveram a esperança no breve retorno de Cristo podem ser classificados em três grupos gerais. A grande pergunta que rondava a todos era: “O que aconteceu, se é que aconteceu algo, em 22 de outubro, no encerramento dos 2.300 dias de Daniel 8:14?”

O primeiro grupo identificável a surgir na esteira do desapontamento foi o dos espiritualizadores. Esse setor do adventismo defendia que o movimento estava correto tanto em relação à data quanto ao evento. Isto é, Cristo havia voltado em 22 de outubro. No entanto, Ele fizera uma entrada espiritual no coração dos fiéis, em vez de um retorno visual nas nuvens do céu.

Com essa interpretação, deram um importante passo para longe da

interpretação de Miller sobre a Bíblia. Começaram a espiritualizar seu significado, mesmo em passagens que falam obviamente de eventos literais. Com isso, abriram-se a toda espécie de engano.

O fanatismo despontou cedo entre os espiritualizadores. Havia quem afirmasse que, como já estavam no reino, encontravam-se necessariamente sem pecado e além do pecado. Alguns dentre o grupo tomaram maridos e esposas "espirituais", com resultados nada espirituais. Outros defendiam que, como estavam no sétimo milênio, era errado trabalhar. Outros ainda, seguindo a ordem bíblica de que os membros do reino devem ser como criancinhas, descartaram o uso de talheres e passaram a comer com as mãos e a engatinhar. É desnecessário mencionar que ondas de entusiasmo carismático surgiram em meio a suas fileiras.

Precisamos ser cuidadosos e inteligentes ao ler a Palavra de Deus. Espiritualizar o significado claro das Escrituras corresponde a se abrir para um desastre espiritual.

Tempo de Dispersão – 2

Então, Jesus lhes disse: [...] Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho ficarão dispersas. Mateus 26:31

Guilherme Miller temia o fanatismo mais do que qualquer outra coisa. Seu movimento ficara relativamente livre desse problema até outubro de 1844, mas, por volta da primavera de 1845, fanatismos e excessos carismáticos corriam soltos em meio a certos segmentos dos espiritualizadores.

Em abril de 1845, Miller estava extremamente incomodado com essa situação. Naquele mês, ele escreveu a Himes: “Vivemos em uma época estranha. Toda sorte de interpretação fantasiosa das Escrituras é agora prescrita por novos luminares, que refletem seus raios de luz e calor para todos os lados. Alguns deles são estrelas cadentes e outros só emitem luz fraca. Estou cansado dessas mudanças constantes; mas, meu querido irmão, precisamos aprender a ter paciência. Se Cristo voltar nesta primavera, não necessitaremos dela por muito tempo; e se Ele não vier, precisamos de muito mais. Estou preparado para o pior, esperando pelo melhor.”

Infelizmente, o tempo continuou a tardar. Miller e seus seguidores testemunharam algo diferente do “melhor” tão esperado. Um ano e meio depois, já enfermo, escreveu: “Estou tomado pela dor. Tenho sido assolado por dores de cabeça, nos dentes, nos ossos e no coração desde outubro; mas bem mais pela última dor, quando penso em tantos dos amados irmãos do passado que, depois do desapontamento, caíram em fanatismos de toda natureza, deixando os primeiros princípios do aparecimento glorioso de nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo.”

Ele não era o único que ficou confuso e perturbado pelo caos de

desorientação entre os espiritualizadores no início de 1845. Em maio, Himes observou que “o movimento do sétimo mês [produzira] mesmerismos profundos”.

O problema de todos os mileritas, nesse período, era a questão da identidade. Diferentes setores do movimento sugeriram respostas diversas para ela, mas todos lidavam com as mesmas inquietações.

Expressando da forma mais clara possível, é difícil se manter no caminho certo em períodos de grande perturbação. Sempre foi e sempre será. Nossa oração diária deve ser para Deus nos ajudar a manter os dois pés no chão e a mente tão clara quanto possível, sobretudo em tempos turbulentos. E assim como Miller, na prova devemos esperar pelo melhor, mas preparados para o pior.

Ajuda-nos hoje, ó Pai, a ter uma atitude de equilíbrio e uma prece no coração.

Tempo de Dispersão – 3

Tudo, porém, seja feito com decência e ordem. 1 Coríntios 14:40

Colocar ordem na confusão: era disso que os adventistas precisavam na primavera de 1845. Pelo menos era o que Josué V. Himes pensava. Ele conseguia ver claramente que os espiritualizadores fanáticos levariam o movimento à ruína.

No entanto, o fanatismo não era o único ponto de divergência entre Himes e os espiritualizadores. Ele também discordava quanto ao suposto cumprimento da profecia em outubro de 1844. Conforme vimos antes, os espiritualizadores achavam que isso havia ocorrido – que Jesus entrara no coração deles em 22 de outubro de 1844 e que a profecia das 2.300 tardes e manhãs havia se cumprido, ou seja, eles estariam corretos tanto em relação ao tempo quanto ao evento.

Passado um período, Himes admitiu que o milerismo estivera errado em relação ao tempo, mas correto em relação ao evento que deveria acontecer no fim dos 2.300 dias. Em outras palavras, nenhuma profecia havia se cumprido no dia 22 de outubro, mas eles deveriam continuar a esperar o retorno de Jesus nas nuvens do céu durante os seguintes anos de “tempo controverso”. No processo para chegar a essa conclusão, ele começou a desistir da concepção de profecia defendida por Miller desde novembro de 1844. Eventualmente, afastou as pessoas da interpretação profética que dera força e foco ao evangelismo milerita.

Entretanto, esse resultado final não estava claro para todos durante a primavera de 1845. Tudo que Himes sabia era que eles precisavam fugir dos falsos ensinos dos fanáticos. Foi o mesmo temor que levou Miller, cada vez mais enfraquecido e tomado por dores, à campal de Himes, no fim de abril de 1845.

Himes havia convencido Miller a se unir a ele em um congresso planejado para começar no dia 29 de abril, em Albany, Nova York. Lá o grupo majoritário de adventistas se organizou em uma quase denominação, com base doutrinária e abordagem organizacional rudimentar próxima ao congregacionalismo.

O evento em Albany foi positivo no sentido de tentar colocar ordem no caos. Todavia, foi prejudicial ao afastar o segmento do milerismo do modo de interpretar as profecias que deram origem e sentido ao movimento. O maior problema subjacente é que sua principal motivação era se definir em termos daquilo a que eram contrários. Caíram na armadilha de fazer teologia contra as crenças do próximo. E, com isso, vem uma falha de equilíbrio.

Ajuda-nos, Senhor, a manter os olhos em Tua Palavra, em vez de nos concentrarmos nos problemas de quem está ao redor, à medida que procuramos nos orientar ao longo do dia.

Tempo de Dispersão – 4

Pela fé, entendemos. Hebreus 11:3

O entendimento não chega com facilidade. Em especial quando mais precisamos dele, quando nossa confusão abala os alicerces da vida.

É quase impossível para nós, que vivemos mais de 160 anos depois do evento, compreendermos o grau de confusão e caos entre os mileritas após o grande desapontamento de outubro de 1844.

As respostas para o que aconteceu, conforme observamos nos últimos três dias, eram muitas. O segmento espiritualizador defendia que eles estavam corretos quanto ao tempo e ao evento e afirmavam que Cristo tinha vindo no dia 22 de outubro. Os adventistas de Albany, por sua vez, alegavam que erraram quanto ao tempo, mas estavam corretos em relação ao evento que ocorreria no fim das 2.300 tardes e manhãs. Isto é, nenhuma profecia se cumprira em outubro, mas a purificação do santuário correspondia ao segundo advento e ainda estava por acontecer.

Os dois grupos abriram mão de algo essencial. No caso dos espiritualizadores, foi o entendimento literal da Bíblia, ao passo que o grupo de Albany deixou de lado a concepção de profecia defendida por Miller.

No entanto, houve uma terceira posição possível em relação ao cumprimento da profecia dos 2.300 dias em outubro de 1844, a saber, que os mileritas acertaram o tempo, mas erraram o evento. Em outras palavras, a profecia das 2.300 tardes e manhãs se cumprira, mas a purificação do santuário com certeza não correspondia ao segundo advento.

O interessante a respeito dessa terceira abordagem é que não teve muitos

adeptos, diferentemente das outras duas propostas. Entretanto, na metade de 1845, milhares se identificavam com as ideias dos espiritualizadores e dos adventistas de Albany, mas a orientação que defendia o acontecimento de alguma coisa em 22 de outubro não teve presença marcante.

No entanto, era deste terceiro posicionamento que surgiriam os adventistas do sétimo dia, que se tornaram o maior dentre os grupos adventistas. Tal acontecimento aguardava três coisas: (1) o surgimento de líderes, (2) a evolução de doutrinas que explicassem a experiência milerita e esclarecesse noções equivocadas e (3) o surgimento de periódicos e estratégias organizacionais capazes de difundir tais ensinos. O restante da jornada deste ano seguirá esse terceiro grupo.

Desde já, porém, podemos ser gratos a Deus por Sua paciência. Ele espera por nós, enquanto procuramos resolver as dificuldades da vida.

Conheça José Bates

Eis que Eu estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores. Gênesis 28:15

José Bates foi fundamental durante a etapa inicial do adventismo do sétimo dia. Além de estar no centro do desenvolvimento da posição doutrinária do movimento, levou, depois de um tempo, a mensagem do sábado aos outros dois fundadores do movimento. Conforme veremos, Bates, além de ser um dos fundadores do adventismo, foi também seu missionário mais zeloso. Podemos afirmar, sem dúvidas, que não haveria adventismo do sétimo dia da maneira que o conhecemos sem sua liderança pioneira.

Bates nem sempre foi cristão. Ele nasceu em Massachusetts, no dia 8 de julho de 1792, e rejeitou a fé de seu pai no início da vida. Sua cidade natal estava se transformando na capital dos caçadores de baleias dos Estados Unidos, e ele sonhava o tempo inteiro com uma vida de aventuras no mar. Apesar de o pai ter planos para ele, finalmente, lhe deu permissão para partir, na esperança de que uma viagem o “curaria”, mas o efeito foi exatamente o oposto.

Em junho de 1807, pouco antes de completar 15 anos, Bates partiu como assistente de navio numa viagem para a Europa. Suas primeiras experiências no mar poderiam levar uma pessoa mais acanhada a desistir dos sonhos e voltar para casa. Por exemplo, no retorno da viagem da Inglaterra, o jovem caiu no oceano do topo de um dos mastros, perto de um grande tubarão para o qual alguns de seus companheiros estavam jogando iscas. Caso a criatura não tivesse mudado de posição bem naquele instante, a carreira de Bates no mar teria sido bem curta.

Na primavera de 1809, ele teve outra experiência quase fatal quando o navio

em que estava atingiu um *iceberg*, próximo a Newfoundland. Presos no porão de carga do navio, ele e outro marinheiro seguraram-se no escuro, preparados para morrer, enquanto ouviam, de tempos em tempos, “os gritos de alguns dos miseráveis companheiros, no convés acima [deles], suplicando a Deus por misericórdia”.

Anos mais tarde, Bates escreveu sobre suas inquietações espirituais na ocasião: “Oh, que pensamento terrível! Prestes a entregar minha alma e [...] descer com o navio naufragado até o fundo do oceano, tão longe de casa e dos amigos, sem a menor [...] esperança do Céu.”

O vigoroso jovem recebeu um chamado para despertar, mas ainda não estava pronto para entregar a vida a Deus.

Podemos ser agradecidos porque Deus não desiste. Quão bem-aventurada é a verdade de que Ele continua a trabalhar inclusive por aqueles a quem amamos!

O Bates Prisioneiro

Basta a cada dia o seu próprio mal. Mateus 6:34, NVI

Precisei viver um pouco para finalmente entender esse versículo. A Nova Tradução na Linguagem de Hoje é ainda mais clara: “Para cada dia bastam as suas próprias dificuldades.”

O grande ponto de virada na vida de Bates ocorreu em 27 de abril de 1810. Naquela noite, uma equipe de recrutadores formada por um oficial e 12 homens entrou na pensão onde ele se encontrava, em Liverpool, na Inglaterra, pegou-o com outros norte-americanos à força e os arrastou, para serem “recrutas” da marinha britânica, embora tivessem documentos comprovando serem cidadãos dos Estados Unidos.

Para nós, esse tipo de abordagem pode parecer algo absolutamente impensável, mas aqueles eram tempos diferentes. A Grã-Bretanha estava no meio de uma guerra mortal contra Napoleão, e a marinha necessitava de homens. Por causa do baixo salário, das péssimas condições de vida, da alimentação pobre e das surras costumeiras, era quase impossível conseguir recrutas suficientes. No início da guerra dos Estados Unidos contra a Grã-Bretanha, em 1812, a marinha britânica contava com cerca de 6 mil norte-americanos.

Bates, aos 17 anos, passaria os cinco anos seguintes (1810-1815) como “convidado” do governo britânico. Serviu metade do tempo na Marinha Real e a outra metade ficou como prisioneiro de guerra. As experiências que teve revelam a força de sua constituição. No início da guerra, em 1812, os britânicos enviaram 200 norte-americanos do esquadrão de Bates para guerrear contra os franceses. Somente seis deles se recusaram, incluindo Bates. Sua recusa lhe custou caro.

Em certa ocasião, num conflito com a frota francesa, todos os norte-americanos auxiliaram os britânicos, menos ele, conforme seu relato da ocasião. Por causa dessa intransigência, um oficial britânico o jogou no chão e ordenou-lhe que colocasse cadeias nos próprios pés. Bates respondeu que o faria sem problemas, mas não trabalharia porque era prisioneiro de guerra. Naquele instante, o oficial disse a Bates que, quando começasse a batalha, ele seria “içado no mastro principal para servir de alvo para os franceses”.

O espírito de independência e determinação caracterizou toda a vida de José Bates. Foi justamente essa índole corajosa baseada em princípios que o transformou no tipo de pessoa enérgica o bastante para dedicar-se à edificação de um movimento, que se originou das ruínas do milerismo.

Sigamos seu exemplo! Deus necessita de pessoas como José Bates.

Fevereiro

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28

Bates se Torna Religioso

Busquei ao Senhor, e Ele me respondeu. Salmo 34:4, ARC

O pai de Bates era um homem religioso que tentara, sem sucesso, criar seu filho para ser uma pessoa espiritual. Em 1807, uma das ondas de reavivamento do Segundo Grande Despertamento mexeu com o jovem Bates, mas o interesse durou pouco, pois a carreira no mar levou sua vida para outro rumo.

Todavia, o mar tem uma forma de fazer os olhos dos marinheiros se voltarem para Deus, sobretudo quando viajam em pequenos navios de madeira. Como Bates expressou posteriormente: a única coisa no mar turbulento "que nos separava da eternidade tinha a espessura de uma tábua". Segundo ele, suas primeiras inquietações religiosas surgiram quando percebeu essa barreira de separação. No meio de um furacão furioso de quatro dias, que fez as ondas chegarem até a altura do topo dos mastros, o jovem capitão desesperado fez duas coisas: lançou 40 toneladas de ferro ao mar e deu o passo inédito de pedir ao cozinheiro do navio que orasse.

O cozinheiro não era o único em oração. Prudy, esposa de Bates, também orava. Além disso, achando que o esposo levava romances e novelas demais nas viagens, Prudy acrescentou um Novo Testamento e outras publicações cristãs à bagagem dele. Por meio delas, o Espírito Santo fez Sua obra. Logo Bates perdeu o interesse em ler simplesmente como passatempo e começou a devorar livros como *Rise and Progress of Religion in the Soul* [Crescimento e Progresso da Religião na Alma], de Philip Doddridge. O capitão de 32 anos estava se tornando religioso, mas temia que seus oficiais e subalternos descobrissem e zombassem dele.

O ponto de virada aconteceu por ocasião da morte de um marinheiro

chamado Christopher. Por ser o capitão, era dever de Bates supervisionar o funeral, mas ele sentia-se muito indigno para isso.

Bates fez o melhor que pôde. Quatro dias depois do sepultamento, entregou a vida a Deus: “Prometi ao Senhor que eu O serviria pelo resto da vida.”

O sentido do enterro de Christopher afetou não só a Bates. Ele usou o acontecimento para tocar seus tripulantes também. No domingo seguinte, fez um sermão sobre a vida eterna.

Bates recordava sua conversão como “a pérola de grande valor, equivalente a mais riquezas do que minha embarcação é capaz de conter”. Observou também qual era seu único desejo: “poder ensinar [aos outros] o caminho da vida e da salvação.”

E foi isso que ele fez. Tal missão dominou o restante de sua existência.

Servimos a um Deus poderoso, capaz de transformar nossa vida.

Um Reformador à Solta

Esquadrinhemos os nossos caminhos, provemo-los e voltemos para o Senhor. Lamentações 3:40

Em sua última viagem (a que ele fez depois de se converter), Bates acreditava que era seu dever não só converter os marinheiros ao cristianismo, mas também se certificar de que eles se comportassem como cristãos, mesmo antes de sê-lo.

Por isso, no pôr do sol de 9 de agosto de 1827 (o dia em que partiram), Bates reuniu a tripulação e explicou as regras da viagem. Deve ter sido um choque para os rudes homens do mar que se encontravam diante dele. Além de não xingar, deveriam demonstrar respeito uns pelos outros usando o nome próprio de cada um, em vez de apelidos. Mais radical ainda era a regra que proibia a saída da embarcação aos domingos, quando o navio estivesse no porto. Em vez disso, proclamou o capitão, “guardaremos o sábado” a bordo do navio.

A maioria deles ficou assentada, em silêncio, estupefata diante das declarações. Alguns exprimiram opiniões contrárias, mas o que podiam fazer? Afinal, já estavam no mar para uma jornada que provavelmente duraria um ano e meio.

Entretanto, a bomba de verdade ainda não tinha sido lançada. *The Empress* [A Imperatriz], anunciou Bates, seria um navio temperante. Não haveria licor nem bebidas embriagantes a bordo e, se pudesse, ele os convenceria a nunca beber, nem mesmo em terra firme. Naquele instante, Bates se ajoelhou, dedicando a si mesmo e os marinheiros a Deus.

Sem dúvida, foi uma viagem bem diferente para os tripulantes. Não sabemos tudo o que sentiram, mas um exclamou que eles estavam “começando muito

bem”. Pelo menos um deles achava que, na verdade, estavam começando muito mal.

Durante a viagem, Bates começou a entender mais sobre o sábado. Ele leu pelo menos duas vezes a obra de Seth Williston, *Five Discourses on the Sabbath* [Cinco Discursos sobre o Sábado]. Após a primeira leitura, Bates declarou não saber que a Bíblia tinha tanto a dizer sobre o assunto. Observou que, logicamente, “ele fora alterado para o primeiro dia da semana”, em lembrança ao dia em que “nosso Salvador se levantou triunfante da sepultura”. Algumas semanas mais tarde, escreveu: “Quanto mais leio e reflito sobre este dia santo [domingo], mais me convenço da necessidade de santificá-lo por completo.”

O cristianismo fez a diferença na vida de Bates. Mudou tudo. O mesmo deve acontecer conosco depois de encontrarmos Cristo e O recebermos como Salvador e Senhor. Seguir Seus passos deve nos levar a uma vida radicalmente distinta do mundo ao nosso redor.

Bates Descobre a Reforma Suprema

Nós, porém, segundo a Sua promessa, esperamos novos Céus e nova Terra, nos quais habita justiça. 2 Pedro 3:13

Bates deparou-se pela primeira vez com o ensino sobre o breve retorno de Cristo por intermédio de um pastor local, mas a ideia não progrediu muito em sua mente até 1839. No outono daquele ano, ouviu a respeito de Guilherme Miller, que pregava o retorno de Cristo para ocorrer por volta de 1843.

Quando apresentou objeções à ideia, alguém lhe disse que Miller usava bastante as Escrituras para comprovar seu ponto de vista. Logo Bates começou a frequentar uma série de reuniões adventistas e ficou "muito surpreso ao descobrir que era possível alguém mostrar qualquer coisa sobre o tempo da segunda vinda do Salvador". Ao voltar para casa da primeira palestra, declarou à esposa: "Esta é a verdade."

Seu passo seguinte foi ler um livro que em português seria: "Evidências das Escrituras e da História sobre a Segunda Vinda de Cristo, por Volta do Ano de 1843", de Guilherme Miller. Bates aceitou os ensinos de Miller de todo o coração, sendo, assim, o primeiro dos que mais tarde se tornariam adventistas do sétimo dia.

Logo o milerismo dominou a vida de Bates, tomando o tempo que ele antes devotava às reformas sociais. Nessa época, alguns de seus amigos lhe perguntaram por que ele não frequentava mais as reuniões de temperança e as sociedades abolicionistas. Ele dizia: "Ao aceitar a doutrina da segunda vinda do Salvador, encontrei o suficiente para engajar todo o meu tempo no preparo para tal acontecimento e ajudar os outros a fazer o mesmo. Além disso, todos os que aceitassem essa doutrina se tornariam necessariamente defensores da temperança

e da abolição da escravatura.”

Bates continuou dizendo a seus amigos que “muito mais poderia ser realizado ao se trabalhar na fonte” do problema. Afinal, os vícios que as várias sociedades de reforma tentavam erradicar eram consequências de uma vida pecaminosa, mas o retorno de Cristo resultaria na “obliteração súbita e completa de todo mal”. Por isso, para Bates, o milerismo se transformou na “reforma suprema”. Ele concluiu que “uma humanidade corrupta era incapaz de reformar a corrupção”. O breve advento de Cristo seria a única solução real e permanente.

Desde o início, Bates foi um líder no milerismo. Foi um dos dezesseis que convocaram a primeira reunião geral do movimento em 1840 e o presidente da assembleia que ocorreu em maio de 1842.

Deus dirigiu a vida de Bates passo a passo. Ele faz o mesmo com você e comigo. Nosso papel é não correr à frente, mas seguir Sua direção dia após dia.

Conheça Tiago White

Veio a palavra do Senhor a Jonas [...] dizendo: Dispõe-te, vai à grande cidade de Nínive e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até Mim. Jonas se dispôs, mas para fugir da presença do Senhor. Jonas 1:1-3

Alguns de nós ouvem o chamado do Senhor para pregar a Palavra, mas não nos sentimos tão dispostos a fazê-lo. Esse foi o caso de Tiago White, a segunda pessoa fundamental para a fundação do adventismo do sétimo dia.

Tiago nasceu em Palmira, Maine, em 4 de agosto de 1821. Ele conta: "Batizei-me aos quinze anos e me uni à igreja [Conexão] Cristã. Contudo, aos vinte, eu havia afundado meu espírito no estudo e no ensino [...]. Nunca caí no pecado comum de profanidade, não usei tabaco, chá ou café, nem levei aos lábios um copo de bebida alcóolica. Todavia, eu amava este mundo mais do que a Cristo e o mundo por vir, e adorava a educação, em vez de adorar o Deus dos Céus."

O jovem Tiago ouvira falar sobre o milerismo, mas considerava o movimento um "fanatismo alucinado". No estado de espírito em que se encontrava, ficou chocado ao ouvir sua mãe, em quem confiava, expressar uma opinião favorável à doutrina adventista. Ele não estava preparado para o impacto que isso teria sobre ele, em parte porque já havia feito planos para a própria vida, mas a convicção da verdade foi algo que não conseguiu evitar.

Ele relata: "Ao voltar para Deus, senti a forte convicção de que deveria renunciar aos meus planos mundanos e me entregar à obra de advertir o povo a se preparar para o dia do Senhor. Eu amava os livros em geral; mas, durante o período de apostasia, não tinha tempo para o estudo das Sagradas Escrituras,

nem gosto por fazê-lo. Por isso, era ignorante quanto às profecias."

De maneira mais específica, Tiago White sentiu-se impressionado a visitar os alunos da turma em que lecionava em uma escola pública. "Orei para ser poupado desta tarefa", escreveu, "mas não senti nenhum alívio." Naquele estado de espírito, foi trabalhar nos campos do pai, "na esperança de que conseguisse dar vazão aos sentimentos que me faziam sofrer".

Entretanto, não conseguiu. Então Tiago orou pedindo alívio a Deus, sem o sentir. Por fim, "meu espírito se levantou em rebelião contra o Senhor e, impensadamente, disse: 'Eu não irei'." Batendo o pé, pôs fim ao assunto e prosseguiu com a vida.

A experiência de Tiago White não é diferente da de alguns de nós. Ouvimos o chamado de Deus para fazer isto ou aquilo, mas batemos o pé e resistimos.

Deus, porém, não desiste. Ele tem um plano para cada um. Qual é o plano dEle para você hoje? E o mais importante: Como você reagirá à vontade divina?

Pregador a Despeito de si Mesmo

Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus [...]: Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina. 2 Timóteo 4:1, 2

Na meditação de ontem, vimos Tiago White resistindo ao chamado de Deus. Ele conta: “Finalmente resolvi que cumpriria meu dever.” Logo em seguida, “a doce paz de Deus fluiu para minha mente e o Céu parecia brilhar a meu redor. Levantei as mãos e louvei ao Senhor com voz de triunfo”. Suas lutas com as ambições terrenas não terminariam naquele momento; mas, pelo menos, ele estava caminhando na direção correta.

O testemunho de Tiago causou impacto desde o início. Em certo lugar, uma mulher reuniu uns 25 vizinhos não cristãos, e ele deu seu testemunho e, então, se prostrou para orar. “Fiquei surpreso ao descobrir que aqueles 25 pecadores se prostraram comigo. Só consegui chorar. Todos eles choraram junto.”

Tiago obtinha sucesso, mas sentia-se constantemente dividido entre suas ambições terrenas e o chamado de Deus para pregar o breve advento. Escreveu que “a luta era ferrenha”. Após uma ocasião em que se “sentiu envergonhado” porque sua pregação fora pobre por falta de conhecimento da Bíblia, ficou chocado ao ouvir alguns de seus ouvintes chamarem-no de “Ancião White”. “A palavra Ancião”, relembra ele, “cortou meu coração. Senti-me confuso e quase paralisado.”

As coisas prosseguiram relativamente bem até ele tentar falar na presença de dois pregadores que não haviam aceitado a doutrina do advento. Após vinte minutos, ele ficou “confuso e constrangido e se assentou”. Naquele momento, constatou: “Eu finalmente abri mão de tudo por Cristo e pelo evangelho,

encontrando enfim paz e liberdade.”

Além da entrega, Tiago percebeu que, se queria ser um pregador bem-sucedido, precisava se preparar para a tarefa. Para isso, ele nos conta que comprou publicações adventistas, leu-as com cuidado e estudou a Bíblia. Também falava em público à medida que Deus abria o caminho.

Podemos encontrar uma lição para todos nós na experiência de Tiago White. É claro que nem todos somos chamados para o ministério pastoral, mas Deus convida cada um para usar os talentos que nos deu. Alguns passam por uma batalha contínua de aceitação. A boa notícia é que o Senhor não perde a paciência conosco. Assim como Ele fez com Tiago, continua a trabalhar *em* nós a fim de poder trabalhar *por meio de* nós. Nossa oração diária deve ser para que Deus nos mostre Sua vontade e a aceitemos em nossa vida.

Ninguém Disse que Seria Fácil

Você, porém, seja moderado em tudo, suporte os sofrimentos, faça a obra de um evangelista, cumpra plenamente o seu ministério. 2 Timóteo 4:5, NVI

Ninguém disse que fazer a vontade de Deus seria fácil. Pelo menos não foi para o pregador Tiago White. Para começar, ele era pobre. Tiago lembra que, ao sair para "o grande campo de colheita, não tinha cavalo, sela, rédea, nem dinheiro", mas sentia que devia ir. "Eu havia gastado o dinheiro recebido no último inverno em roupas necessárias, na ida a reuniões do segundo advento e na compra de livros. No entanto, meu pai me ofereceu um cavalo para o inverno e o Ancião Polley me deu uma sela com o acolchoado gasto e vários pedaços de uma velha rédea."

Sim, Tiago White era pobre, mas foi, assim mesmo. Contudo, nem todos ficavam felizes com sua chegada. Em um lugar, ele relata que uma bola de neve quase atingiu sua cabeça enquanto orava. Então veio um dilúvio delas, acompanhado do barulho de uma turba com a qual precisou gritar. Ele recorda: "Minhas roupas e a Bíblia também ficaram molhadas com os flocos derretidos de uma centena de bolas de neve."

O desafio era o que fazer. Ele concluiu: "Não havia tempo para lógica, então fechei a Bíblia e descrevi os terrores do dia do Senhor. [...] Arrependei-vos e convertei-vos" foi seu apelo. No fim da reunião, quase cem pessoas creram.

Deus nunca disse que seria fácil. No entanto, só porque ir é difícil, não significa que a bênção divina não repousa sobre nós. O jovem pregador Tiago White aprendeu a crescer a despeito das dificuldades. Nesse processo, ele desenvolveu abordagens inovadoras para falar à mente e ao coração das pessoas.

Em certo lugar barulhento, onde encontrou dificuldades até mesmo para subir ao púlpito, as primeiras palavras que o público ouviu de seus lábios foi uma canção em alto e bom som:

“Vereis o Senhor voltando

Vereis o Senhor voltando

Vereis o Senhor voltando

Não tardará,

Com o som de canções

Com o som de canções

Com o som de canções

Ecoando pelo ar.”

Além de acalmar a multidão, o cântico expressou a esperança da breve chegada do advento, à qual ele dedicou sua vida. Deus nunca nos disse que seria fácil seguir Jesus, mas Ele nos promete bênçãos sem limites quando o fazemos.

Conheça Ellen White

Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade.
Eclesiastes 12:1

“Enquanto eu estava orando junto ao altar da família, o Espírito Santo me sobreveio, e pareceu-me estar subindo mais e mais alto da escura Terra. Voltei-me para ver o povo do advento no mundo, mas não o pude achar, quando uma voz me disse: ‘Olha novamente, e olha um pouco mais para cima.’ Então, olhei mais para o alto e vi um caminho reto e estreito, levantado num lugar elevado do mundo. O povo do advento estava nesse caminho, a viajar para a cidade que se achava na sua extremidade mais afastada” (PE, p. 14). Essas palavras registram parte da primeira visão celestial de Ellen G. Harmon, aos dezessete anos, em dezembro de 1844.

Ellen e sua irmã gêmea eram as mais novas de uma família de oito filhos em Gorham, Maine. Elas nasceram em 26 de novembro de 1827. O pai era chapeleiro e, depois de um tempo, levou a família para morar em Portland, Maine.

Foi em Portland que, aos nove anos de idade, Ellen sofreu um acidente que a afetou profundamente. Atingida no rosto por uma pedra jogada por uma colega de classe, ficou à beira da morte por várias semanas. Após certo tempo, conseguiu se recuperar, mas a experiência a deixou com a saúde tão fragilizada que não pôde continuar a frequentar a escola. Isso a afligiu ao longo da maior parte de sua vida.

Todavia, a incapacidade de obter escolarização formal não impediu sua educação informal. Seus relatos autobiográficos revelam uma jovem com mente inquiridora e natureza sensível. O tamanho de sua biblioteca pessoal na época de

sua morte indica que era uma pessoa versada em vários assuntos.

Sua sensibilidade transparecia não só no relacionamento com as outras pessoas, mas também com Deus. Na verdade, mesmo uma leitura casual de sua autobiografia leva à conclusão de que ela era uma pessoa fervorosa na religião desde suas lembranças mais antigas.

O pensamento de que Jesus poderia voltar dentro de alguns anos foi um choque para a pequena Ellen. Ela ouviu falar sobre esse ensino pela primeira vez aos oito anos, quando, a caminho da escola, pegou um pedaço de papel no qual havia a mensagem de que Cristo poderia voltar em poucos anos. “Fui tomada pelo terror”, escreveu. “Uma impressão tão profunda se formou em minha mente [...] que mal consegui dormir por várias noites e eu orava continuamente para estar pronta quando Jesus viesse” (LS, p. 20, 21).

Sua experiência na juventude nos ajuda a ver que algumas coisas que tememos podem acabar se transformando na esperança de nossa vida, sobretudo quando passamos a entender melhor o caráter de Deus.

Ellen Luta com Deus

Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé! Marcos 9:24

A jornada religiosa não é igualmente aprazível para todos. Isso se aplica em especial àqueles de natureza sensível. E a jovem Ellen era uma pessoa sensível.

Vimos que ela foi “tomada pelo terror” quando criança, depois de ler pela primeira vez sobre a proximidade do advento. Seu temor da segunda vinda se originava de várias fontes. Uma delas era a sensação de indignidade. “Havia em meu coração o sentimento de que eu nunca conseguiria me tornar digna de ser chamada de filha de Deus. [...] Parecia-me que não era boa o bastante para entrar no Céu” (LS, p. 21).

Ellen lutou com esses medos durante anos. Duas falsas crenças agravaram seu problema. A primeira era crer que precisava ser boa – ou até mesmo perfeita – para que Deus a aceitasse. A segunda era que se estivesse verdadeiramente salva, teria um sentimento de êxtase espiritual.

Suas trevas emocionais começaram a se dissipar durante o verão de 1841, quando participou de uma reunião campal metodista em Buxton, Maine. Em um sermão, ouviu que nem todos os esforços pessoais têm valor para conquistar o favor divino. Ela percebeu que “somente por meio da ligação com Jesus, mediante a fé, o pecador se transforma em um filho de Deus, cheio de fé e esperança” (LS, p. 23).

Daquele momento em diante, fervorosamente pediu perdão por seus pecados e se esforçou para entregar-se ao Senhor por completo. “Tudo o que meu coração expressava era: ‘Ajuda-me, Jesus; salva-me ou perecerei!’” “De repente”, ela nos conta, “o fardo me deixou e meu coração ficou leve” (ibid.).

No entanto, ela pensou que aquilo era bom demais para ser verdade. Por isso, tentou reassumir parte da aflição e da culpa que sempre a haviam acompanhado. Conforme ela mesma expressou: “Parecia-me que eu não tinha direito nenhum de me sentir jubilosa e feliz” (ibid.). Só aos poucos Ellen compreendeu as maravilhas da plenitude da graça redentora de Deus.

A despeito do novo entendimento, ela continuou a lutar com as dúvidas, pois não sentia o êxtase que acreditava ser necessário experimentar caso estivesse salva de verdade. Em decorrência disso, continuou a temer que não fosse perfeita o suficiente para encontrar Seu Salvador durante o advento.

A reação de Ellen parece familiar? Muitos de nós temos dificuldade em crer que o evangelho realmente seja tão bom quanto Deus afirma. No fim, a solução não se encontra nos sentimentos, mas em entender, de fato, como são as promessas divinas.

Ajuda-nos hoje, Senhor, em nossa descrença.

Ellen Crê no Advento – 1

Na casa de meu pai há muitas moradas. Se assim não fora, Eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E, quando Eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para Mim mesmo, para que, onde Eu estou, estejais vós também. João 14:2, 3

Ellen Harmon ouviu Guilherme Miller pela primeira vez em uma série em Portland, Maine, em março de 1840. Quando ele voltou para uma segunda sequência de encontros, em junho de 1842, ela participou com alegria.

Ellen aceitara a mensagem de Miller, mas não conseguia escapar do medo incessante de não ser "boa o suficiente". Além disso, a ideia de Deus torturando as pessoas num inferno eterno a atormentava.

Enquanto Ellen se encontrava nesse estado mental, a mãe sugeriu que ela se aconselhasse com Levi Stockman, pastor metodista que havia aceitado o milerismo. Stockman aliviou a mente de Ellen ao lhe contar "acerca do amor de Deus por Seus filhos errantes; disse que, em vez de Se alegrar em sua destruição, Ele almeja atraí-los a Si com fé e singela confiança. Ele se demorou a falar do grande amor de Cristo e do plano da redenção".

"Vai em paz, Ellen", ele disse, "volte para a sua casa confiante em Jesus, pois Ele não retirará Seu amor de todo aquele que O busca verdadeiramente" (T1, p. 30). A conversa foi um dos grandes pontos de virada na vida de Ellen Harmon. Daquele momento em diante, ela começou a ver em Deus "um Pai bondoso e terno, em vez de um tirano austero, que constrange os seres humanos à obediência cega". Seu coração "correu em direção a Ele com amor profundo e fervoroso. A obediência à Sua vontade [então] parecia uma alegria; era um prazer estar a Seu serviço" (LS, p. 39).

A nova compreensão de que Deus é um Pai carinhoso ajudou a jovem Ellen de diversas maneiras. Uma delas foi entender a natureza do inferno, assunto que analisaremos mais à frente.

A visão de Deus como Pai bondoso também a ajudou a aguardar o segundo advento com alegria e entusiasmo. Ela percebeu que não tinha nada a temer; na verdade, entendeu que tinha tudo a esperar.

E que esperança bendita! Quantas vezes nós, no século 21, ficamos tão envolvidos em nossa vida cotidiana a ponto de falharmos em compreender a magnitude das promessas da segunda vinda de Jesus! Por melhores que sejam as coisas dadas a nós por nosso Pai bondoso aqui na Terra, a Bíblia nos revela que aquilo que está por vir será infinitamente melhor.

Podemos ser gratos por ter um “Pai bondoso”.

Ellen Crê no Advento – 2

Porquanto o Senhor mesmo, dada a Sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos Céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor. Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras. 1 Tessalonicenses 4:16-18

Que palavras consoladoras! Elas soaram alegremente para a jovem Ellen Harmon. Depois de descobrir que Deus é um “Pai bondoso”, ela se encheu de energia para anunciar a segunda vinda aos outros.

Por isso, indo contra sua índole naturalmente tímida, ela começou a orar em público, a compartilhar, nas reuniões metodistas, sua crença no poder salvador e no breve retorno de Jesus e a ganhar dinheiro para comprar materiais impressos e, assim, espalhar a doutrina adventista.

Essa última atividade era especialmente difícil para Ellen. Por causa da saúde fragilizada, precisava se assentar apoiada na cama para tricotar meias, ganhando 25 centavos por dia. Sincera ao extremo, sua convicção se demonstrava em todos os aspectos da vida. Isso levou muitos de seus amigos à fé em Jesus.

Não era só Ellen que demonstrava zelo pela mensagem do advento pregada por Miller, mas também seus pais e irmãos. No entanto, a igreja metodista, da qual eram membros, ensinava que Cristo só voltaria após mil anos de paz e abundância. A denominação não apreciava a agitação constante do ensino sobre o breve retorno de Jesus. Por isso, em setembro de 1843, a família Harmon foi expulsa do rol de membros dessa igreja.

Tal experiência refletiu a de muitos outros adventistas em vários lugares, que se recusaram a permanecer em silêncio sobre o assunto da volta de Jesus.

Ellen e a maioria dos outros mileritas não se deixavam abater pela expulsão das diferentes denominações. Afinal, eles criam que Jesus viria dentro de poucos meses, acabando com todos os seus problemas. Com essa esperança em mente, os crentes mileritas mantinham suas reuniões para se encorajarem, à medida que o momento predito se aproximava. A alegria lhes enchia o coração. Conforme Ellen expressou posteriormente, o ano de 1844 foi o “mais feliz de sua vida” (LS, p. 59).

Ao olhar para o passado, percebemos que aqueles fiéis estavam errados quanto à data do advento, mas não em relação à esperança. A bendita esperança do advento de Jesus continua a ser uma alegria que enche nosso coração de expectativa.

O Povo da Bíblia – 1

Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino,
para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça.
2 Timóteo 3:16

A questão mais básica para qualquer grupo religioso é a autoridade. Aqueles que deram início ao movimento adventista do sétimo dia não tinham dúvidas a esse respeito. Conforme expressou Tiago White, no início de 1847, “a Bíblia é uma revelação perfeita e completa. É nossa única regra de fé e prática”.

Os guardadores do sábado, conforme veremos nos próximos dias, desenvolveram suas crenças doutrinárias distintivas com base no estudo das Escrituras. Isso nem sempre ficava claro para seus críticos. Por exemplo, em 1874, Miles Grant argumentou em *World’s Crisis* (Mundo em Crise, um dos principais periódicos dos adventistas do primeiro dia): “Os adventistas do sétimo dia afirmam que o santuário purificado no fim dos 1.300 [2.300] dias mencionados em Daniel 8:13, 14 é o Céu e que tal purificação começou no outono de 1844 d.C. Se alguém quiser saber por que eles creem dessa maneira, a resposta é que as informações vieram por intermédio de uma das visões da senhora E. G. White”.

Uriah Smith, editor da publicação adventista do sétimo dia *Review and Herald*, respondeu vigorosamente à acusação: “Já foram escritos centenas de artigos sobre o assunto [do santuário]. Entretanto, em nenhum deles as visões são abordadas como autoridade sobre a questão, ou como a fonte de onde foi tirado qualquer ponto de vista que defendemos. Nenhum pregador se refere a elas ao abordar o tema. O apelo é invariavelmente à Bíblia, na qual há amplas evidências da perspectiva que adotamos sobre o assunto.”

Deve-se destacar que Smith fez uma declaração que qualquer pessoa disposta a investigar a literatura adventista do sétimo dia da época pode comprovar. Paul Gordon fez isso com o tema do santuário, na obra *The Sanctuary, 1844 and the Pioneers* [O Santuário, 1844 e os Pioneiros] (1983). Suas descobertas apoiam a afirmação de Smith.

Os fatos sobre o caso são que, embora muitos adventistas posteriores tenham demonstrado a tendência de depender da autoridade de Ellen White ou da tradição adventista, os primeiros adventistas eram um povo da Bíblia.

Os adventistas do sétimo dia de todas as regiões do mundo precisam prestar atenção a esse fato em sua busca pelo adventismo genuíno da história. A boa notícia é que Deus nos deu as palavras da vida em Seu Livro. Podemos nos alegrar hoje com o salmista, que declarou: “Guardo no coração as Tuas palavras, para não pecar contra Ti” (Sl 119:11).

O Povo da Bíblia – 2

Receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim. Atos 17:11

Ellen White estava em plena harmonia com seu esposo e com Bates no que se refere à centralidade da Bíblia. Em seu primeiro livro (1851), ela escreveu: “Recomendo-vos, caros leitores, a Palavra de Deus como regra de vossa fé e prática” (PE, p. 78). E, 58 anos depois, diante da Assembleia da Associação Geral, de 1909, ela disse, com a Bíblia nas mãos: “Irmãos e irmãs, recomendo-vos este Livro.” Suas últimas palavras em uma Assembleia da Associação Geral da igreja refletem o sentimento de seu ministério ao longo de mais de seis décadas.

Em 1847, Tiago White abordou a questão do papel único da Bíblia na formação doutrinária adventista, afirmando que as Escrituras são “nossa única regra de fé e prática”. Ele acrescentou: “As visões verdadeiras são dadas para nos conduzir a Deus e a Sua palavra escrita; mas aquelas que introduzem uma nova regra de fé e prática, separada da Bíblia, não podem provir do Senhor e devem ser rejeitadas”.

Quatro anos depois, mais uma vez ele deixou o tópico bem claro: “Todo cristão, portanto, tem o dever de considerar a Bíblia uma regra perfeita de fé e ação. Precisa orar com fervor para ser auxiliado pelo Espírito Santo na busca de toda a verdade das Escrituras e por seu dever completo. Não tem a liberdade de se afastar da Palavra para descobrir seu dever por intermédio de qualquer um dos dons. [...] A Bíblia precisa estar à frente, e os olhos da igreja devem se voltar para ela, como a regra de conduta e base da sabedoria.’”

Em suma, os primeiros adventistas do sétimo dia rejeitavam a tradição, a autoridade da igreja e mesmo os dons como fontes para suas doutrinas. Com isso em mente, é importante nos perguntarmos em que posição nós, adventistas (tanto na esfera individual quanto coletiva), nos encontramos no que se refere à autoridade. Em muitos casos, parece que estamos enfraquecidos em relação à Bíblia.

O dia de hoje é o melhor momento para reverter esse problema. Agora mesmo, ao orar, meu desejo é que você refaça o compromisso de estudar as Escrituras com seriedade todos os dias. Que tal começar com os evangelhos, as cartas de Paulo ou Salmos?

O mais importante, porém, não é o ponto de partida de seu estudo, mas, sim, que, no espírito dos pioneiros adventistas, você se comprometa a estudar a Palavra de Deus todos os dias por no mínimo meia hora. Sei que interferirá em seu tempo na frente da televisão, mas isso não será nada mal.

A Porta Fechada

E, saindo elas [as virgens néscias] para comprar, chegou o noivo, e as que estavam apercebidas entraram com ele para as bodas; e fechou-se a porta. Mais tarde, chegaram as virgens néscias, clamando: Senhor, senhor, abre-nos a porta! Mas ele respondeu: Em verdade vos digo que não vos conheço. Mateus 25:10-12

Alguns símbolos bíblicos adquirem mais de um significado ao longo do tempo. Esse foi o caso da porta fechada no adventismo pós-milerita, no fim dos anos 1840.

Anteriormente, vimos que, desde 1836, Miller definiria a porta fechada de Mateus 25:10 como o fim do tempo da graça para a humanidade. Isto é, antes de Cristo voltar, todos os seres humanos já terão tomado uma decisão favorável ou contrária à salvação.

Miller relacionou o segundo advento à data de outubro de 1844; por isso, defendia que o tempo da graça encerraria nessa época. Ele continuou a apoiar tal opinião após o desapontamento de outubro. Por exemplo, em 18 de novembro de 1844, ele escreveu: “nós [terminamos] nossa obra de advertir os pecadores. [...] Deus, em Sua providência, fechou a porta; a única coisa que podemos fazer é encorajar uns aos outros a sermos pacientes”.

Esse não era o único ponto de vista sobre os confusos acontecimentos do outono de 1844. Josué V. Himes, desde 5 de novembro, concluíra que nenhuma profecia havia se cumprido em outubro de 1844. Se esse fosse o caso, então a porta da graça não teria se fechado, e o povo de Deus ainda precisava anunciar a mensagem da salvação.

Por mais estranho que nos pareça hoje, foram as diferentes interpretações sobre o sentido da “porta fechada” que separaram as várias ramificações do adventismo a partir de 1845. Para entender esse assunto, é importante saber que, até o início de 1845, a expressão “porta fechada” havia adquirido dois significados:

O fim do tempo da graça; e

O cumprimento de uma profecia em outubro de 1844.

Com isso em mente, podemos pensar nos adventistas de Albany que seguiram Himes como os “adventistas da porta aberta” e nos espiritualizadores fanáticos e nos guardadores do sábado que estavam surgindo como “adventistas da porta fechada”.

Nesse meio tempo, a tarefa teológica dos guardadores do sábado, no fim da década de 1840, era separar-se de seus primos fanáticos no segmento do adventismo que defendia a porta fechada. Isso só seria possível por meio de mais estudo da Bíblia e da orientação divina.

Nova Luz Sobre o Santuário – 1

Ele me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado. Daniel 8:14

Nunca devemos nos esquecer de que aqueles que se tornariam adventistas do sétimo dia defendiam a teoria da porta fechada. Isto é, eles acreditavam que a profecia de Daniel 8:14 havia se cumprido em outubro de 1844. Eles não tinham dúvidas quanto à data. Os intérpretes historicistas de Daniel sempre concordaram, de modo geral, que a profecia das 2.300 tardes e manhãs se cumpriria entre 1843 e 1847. A controvérsia não era em relação à data, mas, sim, ao que aconteceria no fim do período profético. Em outras palavras, havia um consenso generalizado sobre a interpretação do número simbólico ligado à data, mas ampla discordância no tocante à interpretação dos outros dois símbolos proféticos de Daniel 8:14.

A tarefa teológica que os adventistas precisavam realizar após o desapontamento de outubro era desvendar o significado do santuário e da purificação.

Conforme observamos anteriormente, Miller interpretara que o santuário era a Terra e a purificação seria pelo fogo, por ocasião do segundo advento. Estava claro que esse ponto de vista havia falhado. É importante reconhecer que alguns expressaram dúvidas sobre a interpretação de Miller antes mesmo do desapontamento de outubro de 1844. Josiah Litch, por exemplo, escreveu, em abril de 1844: “Não foi provado que a purificação do santuário, a qual deve acontecer no fim dos 2.300 dias, seja a vinda de Cristo e a purificação da Terra.” Mais uma vez, observou, enquanto lutava para compreender o sentido do texto, que eles provavelmente estavam “errados quanto ao evento que marcava seu

fim”.

Essa linha de pensamento ganhou força logo depois do desapontamento de 1844. Joseph Marsh reconheceu, no início de novembro: “Admitimos alegremente que erramos no que se refere à natureza do evento que esperávamos ocorrer [...]; mas não podemos admitir que nosso grande Sumo Sacerdote não tenha realizado naquele dia tudo que o tipo nos dá justificativa para acreditar.”

Podemos extrair uma lição aqui. Às vezes, temos mais certeza sobre determinada interpretação das Escrituras do que deveríamos. Precisamos ser humildes e fazer nossa parte ao estudar a Palavra de Deus.

Ajuda-nos, Pai, a manter a mente aberta à Tua orientação, à medida que estudamos Tua Palavra.

Nova Luz Sobre o Santuário – 2

Temos um Sumo Sacerdote como esse, o qual Se assentou à direita do trono da Majestade nos Céus e serve no santuário, no verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, e não o homem.
Hebreus 8:1, 2, NVI

Anos depois do acontecimento, Hiram Edson escreveu sobre uma experiência que afirma ter vivenciado em 23 de outubro de 1844, o dia após o desapontamento: "Comecei a sentir que poderia haver luz e auxílio para nós naquela aflição. Disse a alguns de meus irmãos: 'Vamos ao celeiro.' Entramos ali, fechamos as portas e nos prostramos perante o Senhor.

"Oramos com fervor, pois sentíamos nossa necessidade. Continuamos em oração sincera até recebermos o testemunho do Espírito de que nossa oração fora aceita, a luz seria dada e nosso desapontamento seria explicado e esclarecido de maneira satisfatória. Após o desjejum, disse a um de meus irmãos [provavelmente Owen R. L. Crosier]: 'Vamos sair e animar alguns de nossos irmãos'.

"Começamos a caminhar e, enquanto passávamos por um grande campo, fui parado no meio dele. O Céu parecia aberto a meus olhos. Eu via com distinção e clareza que, em vez de nosso Sumo Sacerdote sair do santíssimo no santuário celestial para vir à Terra no décimo dia do sétimo mês, no fim das 2.300 tardes e manhãs, Ele entrou pela primeira vez no segundo compartimento do santuário e que tinha uma obra a realizar no santíssimo antes de voltar à Terra."

As memórias de Edson são bem conhecidas entre os adventistas do sétimo dia. Alguns pensam que foi dessa "visão" que a igreja tirou a doutrina do santuário. No entanto, precisamos nos perguntar: As visões ou os *insights* dele

(ou de qualquer outra pessoa) são um alicerce apropriado para fundamentar uma doutrina? E se o adventismo não contasse com o relato da experiência de Edson? Faria alguma diferença? Nenhuma!

Hiram continuou seu relato contando que ele, Crosier (que estava morando com ele parte do tempo) e o Dr. Franklin B. Hahn estudaram o tema do santuário na Bíblia. Crosier fez uma pesquisa aprofundada. Edson e Hahn concordaram em custear a publicação das descobertas.

Isso é importante. A experiência de Edson no máximo apontou para uma interpretação possível do significado do santuário, mas somente o estudo da Bíblia foi capaz de prover um fundamento sólido.

Sempre devemos basear todos os nossos ensinos no estudo da Bíblia. Sempre!

Nova Luz Sobre o Santuário – 3

Eles servem num santuário que é cópia e sombra daquele que está nos Céus, já que Moisés foi avisado quando estava para construir o tabernáculo: "Tenha o cuidado de fazer tudo segundo o modelo que lhe foi mostrado no monte". Hebreus 8:5, NVI

Ontem conhecemos Owen R. L. Crosier, o amigo de Hiram Edson que dedicou tempo a um estudo intensivo e abrangente da Bíblia sobre o significado do santuário e da purificação que aconteceria no fim das 2.300 tardes e manhãs de Daniel 8:14. Em *Day Dawn* [Raiar do Dia], material publicado por Edson e Hahn, Crosier explicou suas descobertas de maneira sistemática. Uma de suas primeiras conclusões foi que a interpretação de Miller estava equivocada, visto que "a palavra santuário não pode se aplicar à Terra por nenhum princípio existente". Crosier certamente tinha uma concordância em mãos quando observou que "a palavra santuário ocorre 104 vezes na Bíblia, 100 delas no Antigo Testamento [...] e 4 no Novo, todas elas na epístola aos Hebreus".

Mais adiante em seu artigo, Crosier conclui que o santuário de Daniel 8:14 não podia ser o santuário judaico, pois este fora "irrecuperavelmente destruído". "Todavia, embora o santuário judaico tenha deixado de ser o santuário 1.800 anos atrás, algo mais existia no fim dos 2.300 dias para receber o título de santuário e, no fim do período, passar por uma mudança expressa pela palavra 'purificado', 'justificado', 'vindicado' ou 'declarado justo'."

Crosier observou que o livro de Hebreus deixa algo claro: "Após a ascensão, Cristo entrou no lugar do qual o santuário judaico era uma figura, um modelo ou tipo e este foi o local de Seu ministério durante a dispensação do evangelho." Hebreus revela inquestionavelmente: "'Temos um Sumo Sacerdote como esse, o

qual Se assentou à direita do trono da Majestade nos Céus e serve no santuário.’ Esse não é o único texto do Novo Testamento no qual a palavra santuário é encontrada, mas os outros três se referem ao santuário judaico. Agora podemos ter segurança ao afirmar que não há autoridade bíblica para chamar qualquer outra coisa de santuário na dispensação do evangelho, além do local do ministério de Cristo no Céu, desde o momento de Sua ascensão ao Pai até Sua segunda vinda.”

Podemos agradecer a Deus hoje por Jesus ser nosso sumo sacerdote no santuário celestial. “Portanto, Ele é capaz de salvar definitivamente aqueles que, por meio dEle, aproximam-se de Deus, pois vive sempre para interceder por eles” (Hb 7:25, NVI). Amém!

Nova Luz Sobre o Santuário – 4

Ele é capaz de salvar definitivamente aqueles que, por meio dEle, aproximam-se de Deus, pois vive sempre para interceder por eles. Hebreus 7:25, NVI

Crosier começou a escrever sobre o santuário celestial em março de 1845, mas foi em 7 de fevereiro de 1846 que ele apresentou sua interpretação mais completa sobre o assunto em um artigo chamado “The Law of Moses” [A Lei de Moisés].

Podemos resumir da seguinte forma as conclusões mais importantes encontradas em “The Law of Moses”: (1) Existe um santuário literal no Céu. (2) O santuário hebraico era uma representação visual completa do plano da salvação, que seguia o modelo do santuário celestial. (3) Assim como os sacerdotes terrenos tinham um ministério em duas fases no santuário do deserto, Cristo tem um ministério de duas etapas no santuário celestial. A primeira etapa começou no lugar santo após Sua ascensão e a Segunda, em 22 de outubro de 1844, quando Jesus passou do primeiro compartimento do santuário celestial para o segundo. Logo, o dia antitípico ou celestial do Dia da Expiação começou nessa data. (4) A primeira etapa do ministério de Cristo está ligada ao perdão, ao passo que a segunda envolve o apagamento dos pecados e a purificação tanto do santuário quanto dos crentes. (5) A purificação de Daniel 8:14 era do pecado; portanto, seria efetuada pelo sangue, não pelo fogo. (6) Haveria um intervalo de tempo entre o início do ministério de Jesus no santíssimo e o segundo advento.

Os resultados do estudo da Bíblia, realizado por Crosier, responderam às perguntas sobre a identidade do santuário e a natureza da purificação. Além disso, mostraram o que havia acontecido no fim da profecia dos 2.300 dias de Daniel 8:14.

O artigo de Crosier não passou despercebido por aqueles que se tornariam líderes dos adventistas guardadores do sábado. Já em maio de 1846, José Bates recomendou a abordagem de Crosier sobre o santuário, considerando-a “superior a qualquer material do tipo disponível”.

No ano seguinte, Ellen White escreveu: “O Senhor me mostrou em visão, mais de um ano atrás, que o irmão Crosier tem a luz verdadeira acerca da purificação do santuário [...] e que era de Sua vontade que o irmão Crosier escrevesse o ponto de vista que nos mostrou em *Day-Star Extra*, no dia 7 de fevereiro de 1846” (WLF, p. 12).

Podemos ser gratos a Deus não só porque tem um plano para salvar Seu povo do pecado, mas também porque esse plano está sendo levado a efeito por meio do ministério de Cristo em nosso favor no Céu.

Nova Luz Sobre o Santuário – 5

Portanto, era necessário que as cópias das coisas que estão nos Céus fossem purificadas com esses sacrifícios, mas as próprias coisas celestiais com sacrifícios superiores. Pois Cristo não entrou em santuário feito por homens, uma simples representação do verdadeiro; Ele entrou nos Céus, para agora Se apresentar diante de Deus em nosso favor. Hebreus 9:23, 24, NVI

A profecia de Daniel 8:14 sobre a purificação do santuário, no fim das 2.300 tardes e manhãs, era de grande importância para os adventistas da porta fechada. Por isso, não é de se espantar que encontremos outras pessoas além de Hiram Edson, Owen R. L. Crosier e Franklin B. Hahn preocupadas com a identidade do santuário, o sentido da purificação e o que de fato ocorreu na conclusão da profecia dos 2.300 dias.

Outros estudiosos que publicaram sobre o assunto incluem Emily C. Clemons, que editou um periódico, na metade de 1845, chamado *Hope Within the Veil* [Esperança Além do Véu]; e G. W. Peavey, o qual ensinava, em abril de 1845, que Cristo havia "terminado a obra tipificada pelas ministrações diárias antes do décimo dia do sétimo mês e que, naquela data, entrara no santo dos santos".

Peavey também percebia uma conexão entre Daniel 8:14, Hebreus 9:23, 24 e Levítico 16. Ele concluiu que o lugar santíssimo do santuário celestial necessitava ser purificado pelo sangue de Cristo no dia antitípico da expiação. No entanto, ele acreditava que a purificação do santuário celestial havia acontecido em 22 de outubro de 1844, ao passo que Crosier e seus amigos consideravam a expiação um processo inacabado que havia começado naquela

data. A interpretação de Crosier foi a adotada pelos adventistas guardadores do sábado.

As primeiras visões de Ellen Harmon também abordaram o tema do santuário. No início de 1845, ela relatou uma visão na qual viu “o Pai erguer-Se do trono e num flamejante carro entrar no santo dos santos para dentro do véu, e assentar-Se” no início da segunda fase do ministério celestial de Cristo (PE, p. 55).

Embora essa visão esteja em harmonia com as conclusões de Crosier e outros estudiosos da Bíblia, devemos nos lembrar de que Ellen Harmon não tinha preeminência nem autoridade sobre o adventismo da época. Era basicamente desconhecida das principais figuras ligadas ao desenvolvimento da teologia do santuário. Para eles, Ellen era apenas uma menina de 17 anos, afirmando ter visões em meio às vozes conflitantes do adventismo da porta fechada; que, na época, estava literalmente infestado de gente dizendo ter dons carismáticos.

Devemos louvar a Deus por sempre estar disposto a guiar nossa mente enquanto buscamos conhecer Seu maravilhoso plano de redenção.

A Primeira Visão de Ellen White – 1

E acontecerá, depois, que derramarei o Meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão. Joel 2:28

Em dezembro de 1844, Ellen Harmon estava orando com mais quatro mulheres na casa da Sra. Haines, em Portland, Maine. “Enquanto estávamos orando”, conta Ellen, “o poder de Deus veio sobre mim como nunca havia sentido antes” (LS, p. 64).

Durante a experiência, ela relata: “Pareceu-me estar subindo mais e mais alto da escura Terra. Voltei-me para ver o povo do advento [...], mas não o pude achar, quando uma voz me disse: ‘Olha novamente, e olha um pouco mais para cima.’ Com isto olhei mais para o alto e vi um caminho reto e estreito, levantado num lugar elevado do mundo. O povo do advento estava nesse caminho, a viajar para a cidade que se achava na sua extremidade mais afastada. Tinham uma luz brilhante colocada por trás deles no começo do caminho, a qual um anjo me disse ser o ‘clamor da meia-noite’ [a pregação de que 22 de outubro seria a data do cumprimento de Daniel 8:14].

“Essa luz brilhava em toda extensão do caminho e proporcionava claridade para seus pés, para que não tropeçassem. Se conservavam o olhar fixo em Jesus, que Se achava precisamente diante deles, guiando-os para a cidade, estavam seguros.

“Mas logo alguns ficaram cansados e disseram que a cidade estava muito longe e esperavam nela ter entrado antes. Então Jesus os animava. [...]

“Outros temerariamente negavam a existência da luz atrás deles e diziam que não fora Deus quem os guiara tão longe. A luz atrás deles desaparecia, deixando-

lhes os pés em densas trevas, de modo que tropeçavam e, perdendo de vista o sinal e a Jesus, caíam do caminho para baixo, no mundo tenebroso e ímpio. [...]

“Logo nossos olhares foram dirigidos ao oriente, pois aparecera uma nuvenzinha aproximadamente do tamanho da metade da mão de homem, a qual todos nós soubemos ser o sinal do Filho do Homem. Todos nós em silêncio solene olhávamos a nuvem que se aproximava e se tornava mais e mais clara e esplendente, até converter-se numa grande nuvem branca. [...]

“Então a trombeta de prata de Jesus soou, ao descer Ele sobre a nuvem. [...] Olhou para as sepulturas dos santos que dormiam, ergueu então os olhos e mãos ao céu, e exclamou: ‘Despertai! Despertai! Despertai, vós que dormis no pó, e levantai-vos!’” (PE, p. 14-16).

A Primeira Visão de Ellen White – 2

E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do Meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão. Atos 2:17

É surpreendente notar que a primeira visão de Ellen White não abordou o tema do santuário, nem de sua purificação. Em vez disso, seu objetivo era encorajar os desapontados adventistas mileritas, oferecendo-lhes segurança e consolo. De maneira mais específica, proporcionava instrução em várias frentes.

Primeiro, a visão indicava que o movimento de 22 de outubro não havia sido um erro. Pelo contrário, em 22 de outubro houve o cumprimento de uma profecia. Por isso, era uma "luz brilhante" atrás deles, para ajudá-los a se orientar e a guiá-los rumo ao futuro. É interessante saber que Ellen Harmon havia abandonado a crença na mensagem de outubro de 1844 no mês anterior à sua primeira visão. Portanto, o que ela viu era contrário a seus pensamentos pessoais.

Segundo, a visão revelava que Jesus continuaria a dirigi-los, mas eles precisavam manter os olhos fitos nEle. Logo, o adventismo tinha dois focos de orientação: o acontecimento de outubro na história passada e o direcionamento contínuo de Jesus no futuro.

Terceiro, a visão parecia sugerir que demoraria mais do que o esperado para Cristo voltar.

Quarto, era um erro grave abandonar a experiência passada do movimento de 1844 e afirmar que ela não viera de Deus. Aqueles que chegassem a essa conclusão se afundariam em trevas espirituais e perderiam o rumo.

A primeira visão de Ellen White proporcionou várias lições positivas. Mas

não deixemos de observar uma coisa: ela não mostrou *o que* havia acontecido em 22 de outubro de 1844. Tal conhecimento ficaria claro por meio do estudo da Bíblia. Em vez de dar explicações específicas, a primeira visão somente ressaltou o fato de que Deus estava guiando um povo a despeito do desapontamento e da confusão. Esse foi o primeiro sinal de Seu cuidado e direcionamento profético por intermédio de Ellen Harmon.

O tema de Deus guiando Seu povo em meio aos perigos e às ciladas da história se transformaria em um dos focos centrais do ministério dela. Ganharia maturidade em cinco obras importantes que acompanham o curso da história do direcionamento divino desde a entrada do pecado, em *Patriarcas e Profetas*, até a conclusão do plano de Deus, em *O Grande Conflito*.

Graças ao Senhor por Sua orientação constante!

O Chamado Para Testemunhar

Não temas; pelo contrário, fala e não te cales. Atos 18:9

Cerca de uma semana após a primeira visão, Ellen recebeu uma segunda

instruindo a contar aos outros adventistas o que Deus lhe havia revelado. Também lhe disse que ela enfrentaria grande oposição.

Ellen hesitou diante do dever. Afinal, raciocinou, sua saúde era frágil, tinha apenas 17 anos e era naturalmente tímida. “Durante vários dias”, explicou mais tarde, “orei para que este encargo fosse removido de mim e posto sobre alguém capaz de o suportar. Não se alterou, porém, minha consciência do dever, e soavam-me continuamente aos ouvidos as palavras do anjo: ‘Torna conhecido a outros o que te revelei’” (VE, p. 65). Ela prosseguiu admitindo que preferia a morte à tarefa a sua frente. Depois de perder a doce paz que lhe sobreviera após a conversão, encontrava-se mais uma vez em desespero.

Não é de se espantar que Ellen Harmon sentisse medo de falar em público. Afinal, a população em geral zombava dos mileritas. Além disso, erros doutrinários graves e várias formas de fanatismo assolavam as próprias fileiras dos mileritas após o desapontamento.

De maneira mais específica, o dom de profecia se tornara especialmente suspeito em 1844, tanto para a sociedade mais ampla quanto para os adventistas mileritas. No verão de 1844, Joseph Smith, o “profeta” mórmon, perdera a vida ao ser atacado por uma multidão, em Illinois. O fim de 1844 e o início de 1845 testemunharam o surgimento de um grande número de “profetas” adventistas de caráter questionável, vários deles atuando em Maine. Na primavera de 1845, os adventistas de Albany votariam que não tinham “confiança em nenhuma

mensagem ou visão, nem em sonhos, línguas, milagres, dons extraordinários, revelações” e assim por diante.

Em meio a uma atmosfera como essa, não surpreende que a jovem Ellen Harmon tenha procurado evitar seu chamado ao ministério profético. Contudo, a despeito de seus temores pessoais, ela foi em frente e começou a apresentar o confortante conselho divino aos adventistas confusos.

Mesmo uma rápida consideração sobre suas diversas declarações autobiográficas iniciais revela que ela se deparou com bastante fanatismo e oposição pessoal. Algumas de suas primeiras visões trataram do fanatismo e da oposição ao dar conselhos e repreensões de natureza particular.

Ó Senhor, ajuda-nos hoje a sermos fiéis no lugar onde nos colocaste e capacita-nos para anunciarmos a mensagem que nos tens dado.

Sobre o Restauracionismo

Os teus filhos edificarão as antigas ruínas; levantarás os fundamentos de muitas gerações e serás chamado reparador de brechas e restaurador de veredas para que o país se torne habitável. Isaías 58:12

Por volta de 1800, surgiu nos Estados Unidos um movimento de restauracionismo desejando reformar as igrejas por meio da recuperação de todos os ensinos do Novo Testamento. Os restauracionistas rejeitavam a ideia de que a Reforma era algo que havia acontecido somente no século 16. Em vez disso, ela havia começado nessa época, mas deveria continuar até os últimos vestígios da tradição serem rejeitados e a Bíblia assumir um lugar central dentro da igreja. A tarefa do movimento restauracionista era terminar a Reforma inacabada.

Os restauracionistas defendiam um ponto de vista radical do princípio de *sola scriptura*. Queriam evidências bíblicas para todas as posições que adotavam. As Escrituras eram o único fundamento para sua fé e prática. O movimento também era contrário aos credos. Uma declaração popular entre seus defensores era: “Não temos outro credo além da Bíblia.”

O espírito do movimento restauracionista abriu caminho para grande parte da agenda teológica da maioria dos protestantes norte-americanos durante o início do século 19. Promovia a atitude de retorno à Bíblia que permeava a mentalidade protestante da época.

Uma das ramificações do movimento restauracionista teve importância especial para os adventistas do sétimo dia: a Conexão Cristã. Tiago White e José Bates (dois dos três fundadores do adventismo) eram membros desse grupo.

Os dois levaram consigo para o adventismo tanto a filosofia centrada na Bíblia, da Conexão Cristã, quanto o alvo de conduzir a igreja de volta a *todos* os ensinos esquecidos das Escrituras. Estavam convictos de que tal restauração deveria acontecer antes do segundo advento.

A visão restauracionista da história continua a influenciar o adventismo hoje. Veja, por exemplo, as palavras introdutórias da Declaração de Crenças Fundamentais: “Os adventistas do sétimo dia aceitam a Bíblia como seu único credo.” Além disso, *O Grande Conflito*, de Ellen White, baseia-se em um padrão restauracionista, identificando a redescoberta dos ensinos bíblicos perdidos nos primeiros séculos do cristianismo, desde a Reforma até o fim dos tempos.

Nós, adventistas do sétimo dia, temos motivos para agradecer por pertencermos a um movimento que se baseia firmemente nas Escrituras.

Os Dons Espirituais e a Bíblia – 1

E Ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com o fim de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado. Efésios 4:11-13, NVI

Os primeiros adventistas guardadores do sábado defendiam o ensino bíblico de que os dons espirituais, inclusive o dom de profecia, existiriam na igreja até o segundo advento.

Uriah Smith fez uma ilustração que expressa bem essa ideia. Ele escreveu: “Suponha que estejamos prestes a começar uma viagem. O dono da embarcação nos entrega um livro de instruções, dizendo que ele contém as orientações necessárias para toda a jornada e que se prestarmos atenção a elas, chegaremos com segurança ao destino.

“Depois de partir, abrimos o livro para saber o que ele diz. Descobrimos que o autor alista princípios gerais para nos governarem na viagem e nos instrui o máximo possível, abordando as várias dificuldades que podem surgir, até o fim. Entretanto, também nos fala que a última parte de nossa jornada será especialmente perigosa; que as características da subida estão em constante mudança por causa de areias movediças e tempestades; ‘contudo, para essa parte da viagem’, diz ele, ‘providenciei um piloto que os encontrará e lhes dará as informações que as circunstâncias e os perigos ao redor exigirem; deem ouvidos a ele’.

“Com essas instruções, chegamos ao momento especificado de perigo e, conforme a promessa, o piloto veio a nosso encontro; mas, assim que ele ofereceu seus serviços, alguns dos tripulantes se levantaram contra ele. ‘Temos o

livro de instruções original’, protestaram, ‘e isso nos basta. Só nele nos baseamos e em nada mais; não queremos nada de você’.

“Quem está dando ouvidos ao livro de instruções? Aqueles que rejeitam o piloto ou os que o aceitam, conforme o livro orienta? Julguem vocês.

“No entanto, alguns [...] podem nos abordar sobre esse ponto da seguinte forma: ‘Então você considera que a senhora White é nosso piloto?’. É para evitar esforços nessa direção que escrevemos essa frase. Não é isso que estamos dizendo. O que afirmamos com distinção é isto: que os dons do Espírito nos são dados para servirem de piloto nestes tempos de perigo e sempre que encontrarmos manifestações genuínas dos dons, em quem quer que seja, temos o dever de respeitá-las. Se não o fizermos, chegamos ao ponto de rejeitar a Palavra de Deus, que nos instrui a aceitá-los”.

Os Dons Espirituais e a Bíblia – 2

A uns estabeleceu Deus na igreja, primeiramente, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois, operadores de milagres; depois, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas. 1 Coríntios 12:28

A Conexão Cristã exerceu forte impacto sobre os primeiros adventistas guardadores do sábado, inclusive em seu ponto de vista sobre os dons espirituais.

Descobrimos a perspectiva conexionista sobre o assunto por meio dos escritos de William Kinkade (nascido em 1783), um dos mais proeminentes teólogos do movimento. Kinkade escreveu em 1829 que, durante a juventude, ele se recusava a "ser chamado de qualquer outro nome além de *cristão*" e só tinha um livro por "padrão: a *Bíblia*".

Ele não tinha dúvidas em relação à autoridade suprema das Escrituras. No entanto, em sua extensa discussão sobre a "restauração da antiga ordem das coisas", afirmou que não conseguia entender "um pequeno ponto" da mensagem neotestamentária.

Ele argumentou que no centro do Novo Testamento se encontravam os dons espirituais, inclusive "o dom de profecia, mencionado em passagens como 1 Coríntios 12:8-31 e Efésios 4:11-16. Os dons espirituais estavam presentes na antiga ordem das coisas na igreja; todos que se opõem a isso, estão se opondo ao cristianismo. Dizer que Deus fez os dons cessarem é o mesmo que alegar que Ele aboliu a mensagem da igreja neotestamentária. [...] Esses dons constituem a antiga ordem de coisas".

Kinkade defendeu que não se tratava de dons temporários que terminaram com a era apostólica. Em vez disso, "esses dons, conforme expostos nas

Escrituras, compõem o ministério evangélico” anunciado no Novo Testamento.

A teologia de William Kinkade sobre o Novo Testamento, da perpetuidade dos dons espirituais, no contexto da Bíblia como única fonte de autoridade, é importante para a compreensão dos primórdios do adventismo do sétimo dia, uma vez que dois dos três fundadores da denominação haviam participado ativamente da Conexão Cristã. Tiago White e José Bates chegaram ao adventismo do sétimo dia vindos de um movimento que defendia tanto a Bíblia como único fator determinante de fé e prática quanto a continuidade dos dons espirituais.

O delicado equilíbrio entre os dois elementos se reflete nos escritos de Tiago White, que define o tom da função apropriada dos dons espirituais na igreja.

Pai, somos gratos porque cuidas tanto de Tua igreja a ponto de derramar sobre ela os dons do Espírito. Ajuda-nos a ser sábios no uso dos Teus dons.

Os Dons Espirituais e a Bíblia – 3

Não atrapalhem a ação do Espírito Santo. Não desprezem as profecias. Examinem tudo, fiquem com o que é bom. 1 Tessalonicenses 5:19-21, NTLH

Como é fácil desprezar qualquer pessoa que afirme ter o dom de profecia; afinal, temos a Bíblia. Além disso, várias pessoas com problemas mentais e questionáveis em vários aspectos fizeram tal declaração ao longo da história. À luz dos fatos, é natural duvidar ou até mesmo desprezar.

No entanto, o conselho da Bíblia sobre o assunto é este: “Não atrapalhem a ação do Espírito Santo. Não desprezem as profecias” (1Ts 5:19-21, NTLH).

Desprezar quem afirma ter o dom de profecia não é uma alternativa para os cristãos. Em vez disso, as Escrituras exigem que tais pessoas sejam “examinadas” ou testadas.

Além de nos pedir para avaliá-las, a Bíblia sugere algumas formas de fazê-lo. Uma aparece no Sermão do Monte, no qual Jesus nos ordena: “Acautelai-vos dos falsos profetas, que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores. Pelos seus frutos os conhecereis. [...] Assim, toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus” (Mt 7:15-17).

Aplicando o texto ao aspirante a profeta, é preciso avaliar os resultados dos princípios que ele advoga e observar se a vida dele reflete a vontade divina.

Outra passagem se encontra em 1 João 4: “Provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora. Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de

Deus” (v. 1-3).

Devemos nos perguntar: Qual é o testemunho do candidato a profeta a respeito de Jesus? Isaías 8:20 apresenta um terceiro teste: os ensinos da pessoa estão em conformidade com a Bíblia?

Todos esses critérios são importantes, mas o mais crucial é se os profetas apontam para si mesmos e para a própria mensagem ou para Jesus e a Bíblia.

Os primeiros adventistas foram obrigados a usar a Bíblia para avaliar as declarações feitas pela jovem Ellen Harmon e por outros no fim dos anos 1840. E nem sempre era fácil tomar uma decisão. Continua a ser uma tarefa difícil.

Ajuda-nos hoje, ó Pai, a nos tornarmos estudantes zelosos de Tua Palavra a fim de podermos avaliar melhor todas as coisas espirituais.

Testando os Profetas – 1

Acautelai-vos dos falsos profetas, que se vos apresentam disfarçados em ovelhas. [...] Pelos seus frutos os conhecereis.
Mateus 7:15, 16

Ontem vimos que a Bíblia nos manda testar aqueles que alegam ter o dom profético. Foi exatamente isso que os primeiros adventistas guardadores do sábado fizeram.

Analisemos o exemplo de José Bates: depois de testemunhar Ellen White em visão muitas vezes, declarou ser como "Tomé, duvidoso". Ele disse: "Não acredito em [suas] visões. Mas se conseguisse crer que o testemunho relatado pela irmã nesta noite é mesmo a voz de Deus para nós, eu seria o homem mais feliz da Terra."

Afirmou que a mensagem dela o emocionava profundamente, cria que ela era sincera e, de certo modo, foi envolvido pela experiência. "Embora não conseguisse ver nada [nas visões] que militasse contra a Palavra", escreveu posteriormente, "senti-me excessivamente provado e alarmado. Por muito tempo, [permaneci] indisposto a crer que se tratasse de algo mais do que um estado produzido pela condição debilitada de seu corpo."

Entretanto, mesmo tendo dúvidas, ele não a rejeitou de imediato. Tendo vindo da Conexão Cristã, pelo menos estava aberto à ideia de que os dons do Espírito Santo, inclusive o de profecia, permaneceriam em atividade na igreja até o retorno de Cristo.

Por isso, Bates decidiu investigar o que Ellen acreditava ser o dom de profecia. "Portanto", escreveu, "procurei oportunidades na presença de outros, quando sua mente parecia livre de exaltação, fora de reuniões, para questionar e

interrogar a ela e aos amigos que a acompanhavam, sobretudo sua irmã mais velha, a fim de tentar chegar à verdade.” Quando ela estava em visão, Bates acrescentou: “Eu ouvia cada palavra e observava todos os movimentos para detectar qualquer engano ou influência hipnótica.”

A experiência de Bates nos mostra um estudo de caso de alguém lutando entre a propensão natural a rejeitar a reivindicação individual ao dom profético e a ordem bíblica para testar tudo e reter o que é bom (1Ts 5:19-21).

Voltaremos à luta de Bates sobre essa questão, mas precisamos ser honestos com nós mesmos. Como estão as coisas comigo? A mente e o coração estão abertos à verdade? Ou estou tão cheio de preconceitos que fico cego às evidências? Que Deus conceda a cada um de nós uma visão clara e um coração aberto em relação ao assunto do dom profético.

Testando os Profetas – 2

Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus. 1 João 4:1

O ponto da virada na avaliação de Bates sobre o dom de Ellen White ocorreu em novembro de 1846, em Topsham, Maine, quando ela teve uma visão que incluía dados astronômicos. Por ser um ex-marinheiro, Bates era bem familiarizado com o assunto.

Posteriormente, ele contou a J. N. Loughborough sobre sua experiência em Topsham. Loughborough relatou: “Certa noite, na presença do irmão Bates, que ainda não cria nas visões, a Sra. White teve uma visão na qual logo começou a falar sobre as estrelas. Ela fez uma vívida descrição dos cinturões rosados que viu na superfície de algum planeta e então acrescentou: ‘Vejo quatro luas’. ‘Ah’, disse o irmão Bates, ‘ela está vendo Júpiter.’” Ellen continuou a descrever vários outros fenômenos astronômicos.

Depois que Ellen White saiu da visão, Bates lhe perguntou se já havia estudado astronomia. Ela recorda: “Disse-lhe que não tinha lembrança de já haver visto um livro de astronomia” (VE, p. 88).

Tiago White tinha a mesma opinião a respeito do desconhecimento de Ellen sobre o assunto. “Sabe-se muito bem”, escreveu ele ao relatar a visão de Topsham, no início de 1847, “que ela não tinha nenhum conhecimento de astronomia e não saberia responder nenhuma pergunta sobre os planetas antes de receber essa visão.”

A evidência foi suficiente para o cético Bates. Daquele momento em diante, passou a acreditar firmemente que Ellen tinha o dom divino. Ele concluiu, em abril de 1847, que Deus havia concedido o dom a ela “para confortar e fortalecer

seu ‘povo disperso’, ‘dilacerado’ e ‘despedaçado’”, desde o desapontamento de 1844.

Em janeiro de 1848, Bates fez um apelo a seus leitores para que não rejeitassem a obra de Ellen White “por causa de sua juventude, suas enfermidades corporais e sua falta de conhecimento secular”. Afinal, destacou: “A característica de Deus sempre foi usar as coisas fracas deste mundo para confundir as sábias e fortes.” De acordo com Bates, o Senhor a estava usando para “encorajar o pequeno rebanho” numa época em que muitos dos líderes estavam desertando.

“No passado”, observou, “fui lento em acreditar que as visões dessa irmã provinham de Deus. Não me opus a elas porque a Palavra do Senhor é absolutamente clara ao afirmar que seriam dadas visões espirituais a Seu povo nos últimos dias.”

E assim será. Nossa tarefa não é desprezar, mas, sim, testar e provar.

Bates Aceita o Sábado – 1

Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus. Êxodo 20:8-10

Os adventistas do sétimo dia consideram José Bates o apóstolo do sábado, mas precisamos nos perguntar: Como ele se deparou com esse assunto?

A resposta a essa pergunta tem mais de um desdobramento. Para começar, desde que se tornara cristão, ele guardava o domingo de forma estrita, chegando ao ponto de impor essa posição à tripulação quando foi capitão de um navio.

O segundo aspecto envolve, sem dúvida, seu estudo das profecias. Afinal, um estudioso do livro do Apocalipse não teria dificuldade em perceber que os mandamentos de Deus seriam guardados no tempo do fim (ver Ap 12:17; 14:12).

Entretanto, o que de fato foi determinante para que Bates entendesse que o sábado do Novo Testamento é o sétimo dia, e não o domingo?

É aí que entram os batistas do sétimo dia. O grupo nunca teve uma abordagem evangelística agressiva. Os Estados Unidos tinham apenas 6 mil pessoas dessa denominação em 1840. Por volta do ano 2000, o número havia diminuído para 4.800, uma perda de 20% dos membros em 160 anos. Para ser claro, o evangelismo nunca foi seu ponto forte.

No entanto, houve pelo menos um momento da história em que assumiram uma abordagem mais ativa. Em sua reunião geral de 1841, concluíram que Deus “requeria” o evangelismo sobre o assunto do sábado. Merlin Burt relata que, em 1842, a sociedade de publicações da denominação “começou a divulgar uma série de folhetos com o objetivo de ‘apresentar o sábado’ ao ‘público cristão’”. Mais uma vez, na assembleia geral de 1843, os batistas do sétimo dia decidiram

que era seu “dever solene” esclarecer os outros cidadãos sobre o assunto do sábado do sétimo dia.

Seus esforços tiveram resultados positivos. Em sua reunião de 1844, os batistas do sétimo dia agradeceram a Deus porque “um interesse mais profundo e disseminado sobre o assunto havia surgido como nunca antes se ouviu falar em nosso país”.

A história desses batistas nos mostra que a verdade é algo bom, mas também indica que ela não pode fazer nenhum bem caso as pessoas simplesmente se acomodem e não façam nada para disseminá-la.

Foi somente depois de tomarem a decisão consciente de fazer brilhar sua luz sobre o assunto que as coisas começaram a acontecer. Continuamos precisando de decisões assim para fazer a luz brilhar hoje.

Março

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Bates Aceita o Sábado – 2

E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera. Gênesis 2:3

Ontem constatamos que os batistas do sétimo dia tiveram certo êxito, no início dos anos 1840, em seus esforços para chamar a atenção de outros cristãos para o sábado bíblico.

O interessante é que parte significativa desse interesse desenvolveu-se entre os adventistas mileritas. Como resultado, o periódico *Sabbath Recorder* relatou, em junho de 1844, que "números consideráveis dentre aqueles que aguardam a breve aparição de Cristo aceitaram o sétimo dia e começaram a observar o sábado". O artigo também sugeria que a obediência ao sábado fazia parte do "melhor preparo" para o advento.

Não sabemos exatamente o que o *Sabbath Recorder* quis dizer com "números consideráveis" de mileritas que haviam começado a guardar o sábado até o verão de 1844, mas temos conhecimento de que a questão do sábado havia se tornado problemática o bastante por volta de setembro, a ponto de a publicação milerita *Midnight Cry* divulgar dois artigos detalhados sobre o assunto.

Em um deles, lemos: "Muitas pessoas treinaram a mente para respeitar uma suposta obrigação de observar o sétimo dia." Os editores decidiram que, "pela lei, os cristãos não estão sob a exigência de separar nenhuma porção específica do tempo e considerá-la sagrada". Mas, se tal conclusão fosse incorreta, "então pensamos que o sétimo dia seria o único dia de guarda sobre o qual há uma lei".

O artigo final conclui com o pensamento de que "os irmãos e as irmãs que

defendem o sétimo dia [...] estão tentando consertar o velho e quebrado jugo judaico para colocá-lo sobre o próprio pescoço". O artigo também sugeria que os cristãos não deveriam chamar o domingo de sábado.

Os batistas do sétimo dia responderam aos artigos do *Midnight Cry* declarando o seguinte: "A recente descoberta dos crentes no segundo advento, que lhes dá a certeza de que Cristo virá no décimo dia do sétimo mês, provavelmente incapacitou a mente deles para dar a atenção devida às considerações sobre o sábado."

E foi isso mesmo que aconteceu, mas a verdade bíblica é persistente. E podemos ser gratos por isso. Deus dirige Seu povo como um todo, e também individualmente, passo a passo, por meio de Sua Palavra.

Bates Aceita o Sábado – 3

Porque em verdade vos digo: até que o céu e a Terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra. Mateus 5:18

Entre os batistas do sétimo dia que interagiram com os mileritas, uma das pessoas mais importantes foi Rachel Oakes. No início de 1844, ela já havia aceitado a mensagem do advento e também partilhado sua crença sobre o sábado com a congregação adventista em Washington, New Hampshire, da qual sua filha Cyrus Farnsworth era membro. Parece que seu primeiro converso foi William Farnsworth, que, no passado, a convencera dos ensinos mileritas.

Outra pessoa a quem ela levou a verdade sobre o sábado foi Frederick Wheeler. Enquanto pregava na igreja de Washington, ele afirmou que todos aqueles que confessavam comunhão com Cristo deveriam "estar prontos para segui-Lo, obedecendo aos mandamentos de Deus e guardando-os em todas as coisas".

Mais tarde, Rachel Oakes lembrou Wheeler de suas observações. Ela lhe disse:

– Eu quase me levantei naquele momento do culto para dizer algo.

– E o que você tinha em mente? – perguntou Wheeler.

– Eu queria falar que você devia arrumar de volta a mesa da Ceia e colocar a toalha sobre ela até começar a guardar os mandamentos de Deus.

Wheeler ficou chocado com um ataque tão direto. Depois de um tempo, ele contou a um amigo que as palavras da Sra. Oakes "cortaram mais fundo do que qualquer coisa que lhe haviam dito até então". No entanto, ele refletiu sobre elas,

estudou o assunto na Bíblia e logo começou a guardar o sábado.

Ao que parece, isso aconteceu em março de 1844. Depois disso, vários membros da igreja de Washington se uniram a Wheeler e William Farnsworth na observância do sábado bíblico.

Quando eu chegar ao Céu, uma das pessoas que quero procurar é Rachel Oakes. Ela deve ter sido uma figura peculiar. O mínimo que podemos dizer a seu respeito é que, com toda certeza, ela não tinha vergonha de compartilhar suas crenças. Deus lhe deu uma voz e ela a usou para espalhar a verdade do sábado. Provavelmente sua abordagem sobre esse tema era cristocêntrica, uma vez que Wheeler, um pastor metodista, não se esquivou dela.

Uma das lições que aprendemos com Rachel Oakes é que nunca sabemos a dimensão da influência que teremos sobre as outras pessoas. E isso vale para todos nós. Inclusive para você!

Bates Aceita o Sábado – 4

Se Me amais, guardareis os Meus mandamentos. João 14:15

A experiência adventista com o sábado em New Hampshire, durante a primavera de 1844, foi significativa. Entretanto, a conversão de Thomas M. Preble ao sábado bíblico teve impacto ainda maior. Preble, pastor de uma congregação da Igreja Batista do Livre-Arbítrio na região de Nashua, era milerita desde 1841. Parece que foi Frederick Wheeler quem lhe falou sobre o sábado. A congregação de Wheeler em Washington ficava a cerca de 50 quilômetros da casa de Preble, que começou a guardar o sábado no verão de 1844.

Não temos o registro de nenhuma publicação de Preble sobre o sábado antes do desapontamento, embora seja provável que ele tenha participado da agitação que deu origem às várias respostas publicadas na edição de setembro do periódico *Midnight Cry*, com o objetivo de arrefecer a discussão sobre o sétimo dia.

No entanto, no início de 1845, Preble abordou o assunto com muita ênfase, publicando um artigo sobre o sábado em *Hope of Israel*, no dia 28 de fevereiro. Ele concluiu seu estudo afirmando que “todos aqueles que guardam o primeiro dia como se fosse ‘o sábado’, são guardadores do domingo papal! E transgressores do sábado de Deus!”

Declarou: “Se eu só tivesse um dia para viver nesta Terra, deixaria de lado o erro e abraçaria a verdade assim que a conseguisse enxergar. Que o Senhor nos dê sabedoria e nos ajude a guardar todos ‘os Seus mandamentos, para que [tenhamos] direito à árvore da vida’” (Ap 22:14, ACRF).

Um panfleto de 12 páginas intitulado *Livreto Demonstrando que o Sétimo Dia Deve Ser Guardado como Sábado em vez do Primeiro Dia, "Segundo o Mandamento"* foi escrito logo em seguida ao artigo.

Em abril de 1845, Bates entrou em contato com o artigo de Preble sobre o sábado em *Hope of Israel*. Ele nos conta que "leu e comparou" as evidências de Preble com a Bíblia e se convenceu de que "nunca houvera mudança" do sábado para o primeiro dia da semana.

"Esta é a verdade", declarou. E "em poucos dias", ele relatou: "minha mente se convenceu a guardar o quarto mandamento". Uma das características impressionantes de Bates era sua disposição de mudar opiniões sólidas quando deparava com evidências bíblicas adequadas.

Deus deseja que cada um de nós também tenha uma mente disposta a aprender à medida que Ele nos guia no caminho da verdade.

Bates Prega o Sábado – 1

Depois disto, ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Disse eu: eis-me aqui, envia-me a mim. Isaías 6:8

Logo depois de aceitar o sábado, Bates viajou até New Hampshire, para se encontrar com Wheeler, os irmãos Farnsworth e outros adventistas que guardavam o sétimo dia. George, filho de Wheeler, relata que Bates chegou perto das 22h, “depois que toda a família já se encontrava deitada”. George ouviu o pai abrir a porta para alguém. Durante a noite, ele acordou de tempos em tempos para ouvir a voz deles. Conversaram a noite inteira e continuaram até meio-dia. Depois disso, Bates voltou para sua casa.

De volta a Massachusetts, Bates encontrou James Madison Monroe Hall, na ponte que une as cidades de Fairhaven e New Bedford.

Foi durante esse encontrou que Hall fez a pergunta que provavelmente alterou suas atividades daquele dia inteiro e, com certeza, mudou sua vida para sempre.

– Quais são as novidades, capitão Bates?

– A novidade é que o sétimo dia é o sábado e que nós devemos guardá-lo.

Não sei quanto tempo eles passaram na ponte; mas, considerando o estilo de Bates, pode ter sido o dia inteiro. O que sabemos é que Hall foi para casa, estudou sobre o assunto na Bíblia e guardou o sábado seguinte. Sua esposa o acompanhou uma semana depois. Hall foi o primeiro converso de Bates a uma compreensão que moldaria a vida de ambos daquele dia em diante.

Hall passou a ter tanta consideração por Bates que deu a seu único filho o

nome de José Bates Hall.

E José Bates continuou a ser um homem com uma missão. Ele não relaxaria nessa iniciativa até se encontrar em seu leito de morte. Nada seria capaz de detê-lo.

Por exemplo, no início dos anos 1850, Bates relata uma viagem missionária ao Canadá que durou cinco semanas, durante a qual ele lutou com neve forte e frio extremo por mais de 20 dias, “atravessando neve profunda com dificuldade por mais de 60 quilômetros” para levar a mensagem a uma família interessada.

Em outra ocasião, abriu um buraco de um metro no gelo a fim de encontrar água suficiente para batizar sete pessoas em um dia cuja temperatura era de 34 graus Celsius abaixo de zero. O nome disso é zelo missionário.

Deus, ajuda-me hoje a levar Tua mensagem mais a sério. Ajuda-me a sair de minha zona de conforto.

Bates Prega o Sábado – 2

Estejam sempre prontos para responder a qualquer pessoa que pedir que expliquem a esperança que vocês têm. 1 Pedro 3:15, NTLH

Sendo bem discreto na forma de expressar, pode-se dizer que José Bates foi uma testemunha entusiasmada de sua nova compreensão acerca do sábado. Em 1854, por exemplo, o jovem Stephen N. Haskell (pregador adventista do primeiro dia) encontrou aquele turbilhão de energia, convicção e entusiasmo. Haskell tinha 21 anos e já havia ouvido sobre o sétimo dia, mas não estava totalmente convencido do assunto. Até que alguém levou Bates à casa dele.

Haskell conta que Bates passou dez dias com eles, pregando todas as noites, bem como no sábado e no domingo. Além disso, o missionário irrefreável fez um estudo com Haskell e alguns outros "da manhã até o meio-dia, do meio-dia até o anoitecer e depois à noite até a hora de todos irem se deitar".

Entretanto, nem sempre ele era bem-sucedido em seu testemunho. Um de seus maiores fracassos ocorreu em agosto de 1846, no mês em que conheceu um jovem pregador da denominação Conexão Cristã e sua namorada – Tiago White e Ellen Harmon. Bates, é claro, deu um de seus extensos estudos bíblicos sobre o tema que se tornara seu preferido. O resultado? Fracasso total!

Ambos rejeitaram o ensino sobre o sétimo dia. Ellen relembrou: "O irmão Bates estava guardando o sábado e insistiu quanto à sua importância. Eu não consegui senti-la e achei que o irmão B. estava enganado ao se deter no quarto mandamento mais do que nos outros nove" (1888 LS, p. 236, 237).

O encontro de Bates com Tiago White e sua então futura esposa não foi o único acontecimento importante de agosto de 1846. Naquele mês, aconteceu o

casamento de Tiago e Ellen, além da publicação do primeiro livro de Bates sobre o sábado, chamado *The Seventh-day Sabbath, a Perpetual Sign* [O Sábado do Sétimo Dia, um Sinal Perpétuo].

No entanto, antes de falar sobre esses acontecimentos, precisamos olhar um pouco mais para Bates. Podemos aprender no mínimo três lições com ele. Primeiro: é fácil nos tornarmos unilaterais e desequilibrados em nossa apresentação da mensagem bíblica. Segundo, até mesmo as pessoas mais zelosas falham de tempos em tempos. Terceiro, tal falha não é desculpa para pararmos de tentar.

Tiago White Muda de Ideia Quanto ao Casamento

Então, respondeu Ele: Não tendes lido que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne? Mateus 19:4, 5

Sem dúvida, é um choque para os adventistas do sétimo dia mais idealistas descobrir que Tiago White não acreditava no casamento.

É isso mesmo que você leu. Tiago era contrário ao casamento, em 1845. Por isso, publicou em *Day-Star* que um casal adventista havia "negado a fé" ao anunciar seu casamento. Ele defendia que o matrimônio era "uma artimanha do diabo". "Os firmes irmãos de Maine que aguardam a volta de Jesus não têm participação nenhuma nesse tipo de empreitada." Você deve estar se perguntando por que ele assumiu tal perspectiva. A resposta vem na frase seguinte: "Nós aguardamos a redenção na vigília da manhã."

A verdade é que ele esperava o retorno de Jesus em outubro de 1845. Além disso, os primeiros adventistas criam que o tempo era curto demais. Dessa perspectiva, casar-se e constituir família pareciam formas de negar a fé na *breve* vinda de Cristo. Afinal, se Ele voltasse quando estavam esperando, não haveria necessidade de lares e casamentos terrenos.

Mais tarde, Tiago relatou: "A maioria dos irmãos que cria conosco que o movimento do segundo advento era obra de Deus se opunha ao casamento por acreditar que o tempo era muito curto e considerava o ato de se casar uma negação da fé, uma vez que tal passo parecia antever anos de vida neste mundo."

Todavia, o tempo passou. E com ele veio uma nova avaliação.

O resultado foi que Tiago e Ellen se casaram em agosto de 1846. O motivo

foi este: “Deus tinha uma obra para nós dois realizarmos, e Ele viu que poderíamos ajudar muito um ao outro nesse trabalho.” Afinal, a jovem Ellen precisava de um “guardião legal” para viajar pelo país levando sua “importante [...] mensagem ao mundo”.

Às vezes, cometemos erros. Quando isso acontece, a única coisa sensata a fazer é admitir e corrigir nossos atos.

Ajuda-me, Senhor, a ver Tua orientação apesar de meus erros. Ajuda-me a ser humilde o suficiente para me adaptar quando estiver equivocado.

Bates Prega o Sábado – 3

Proferirá palavras contra o Altíssimo [...] e cuidará em mudar os tempos e a lei. Daniel 7:25

Em agosto de 1846, foi publicado o primeiro livro de Bates sobre o sábado. Em português, o título do livro seria: “O Sábado do Sétimo Dia, um Sinal Perpétuo, do Início até a Entrada Pelas Portas da Cidade Santa, Segundo o Mandamento”.

É um título bem grande, mas revela a firme crença de Bates na importância do sábado no tempo do fim.

A edição de 1846 desse livrinho (de apenas 48 páginas) apresentava um conceito amplamente batista do sétimo dia sobre o sábado. Portanto, Bates expôs a ideia de que o sábado era o dia correto de adoração e que o papado havia tentado mudar a lei de Deus (Dn 7:25).

Contudo, há dois tópicos de especial interesse na edição de 1846 desse livro, os quais revelam que Bates estava começando a interpretar o sábado à luz de uma estrutura teológica adventista.

O primeiro é o pensamento no prefácio de que “o sétimo dia” deveria “ser restaurado antes do segundo advento de Jesus Cristo”. Tal ideia derivava da abordagem restauracionista que Bates trazia consigo da Conexão Cristã. De acordo com esse ponto de vista, a Reforma não estava terminada e não estaria até que todas as grandes verdades bíblicas negligenciadas ou pervertidas ao longo da história encontrassem seu devido lugar dentro da igreja de Deus.

A segunda tendência bem adventista encontrada na edição de 1846 do livro de Bates é a interpretação do sábado dentro do contexto do livro do Apocalipse.

Ele ligou o sábado a Apocalipse 14:12: “Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus.” Ele também apontou para a alusão encontrada na ordem do versículo 7 (“adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas”) de que “o sétimo dia está mais claramente incluso nessa ordem” do que os outros nove.

Foi justamente essa ênfase que havia despertado a rejeição de Ellen Harmon. Entretanto, Bates não recuou simplesmente por enfrentar críticas e oposição.

Ajuda-nos, Senhor, a manter os olhos abertos ao estudarmos Tua Palavra. E dá-nos forças quando descobrirmos as verdades importantes.

Thomas Preble e Rachel Oakes

Escolhei, hoje, a quem sirvais. Josué 24:15

Precisamos saber o destino de Thomas M. Preble e Rachel Oakes, pessoas fundamentais na cadeia de acontecimentos que levaram José Bates a crer no sábado.

Infelizmente, Preble desistiu de observar o sétimo dia. Em 1849, escreveu: “Depois de guardar o sétimo dia como o sábado meticulosamente por cerca de três anos, tenho razões satisfatórias para deixar de fazê-lo e guardar o primeiro dia como eu fazia.” Em 1867, Preble publicou um livro sobre o assunto, cujo título em português seria: “O Primeiro Dia Como o Sábado: Provas Claras Demonstrando que a Velha Aliança, ou Dez Mandamentos, Mudou ou se Completou na Dispensação Cristã”.

Ao comentar o livro de uma perspectiva adventista do sétimo dia, Uriah Smith sugeriu, em termos claros, que a obra anterior de Preble sobre o sétimo dia como o sábado fora a melhor das duas.

O cunhado de Preble duvidava de sua sinceridade com respeito ao domingo. De acordo com ele, Preble se tornara administrador de uma grande propriedade e, quando o sábado interferiu em seus negócios, ele parou de guardá-lo. “A teoria da ausência de lei foi sua desculpa posterior para a questão.”

Contudo, mesmo depois de rejeitar o sábado, o impacto que Preble deixou no coração e na mente de José Bates não se reverteria por nada.

Bates não foi o único líder importante do adventismo do sétimo dia a ser influenciado pelo folheto de Preble, de 1845. Na primavera daquele ano, o material caiu nas mãos do jovem John Nevins Andrews, com 15 anos na época,

convertendo-o à observância do sétimo dia. Posteriormente, Andrews se transformaria no principal erudito do adventismo sobre o sábado, publicando em 1873 a primeira edição de sua importante obra *History of the Sabbath and First Day of the Week* [História do Sábado e do Primeiro Dia da Semana].

E Rachel Oakes, a pessoa indiretamente responsável por levar a mensagem do sábado a Preble? Ela guardou o sábado pelo resto da vida, mas demorou muito para se batizar na Igreja Adventista do Sétimo Dia, por causa de alguns rumores que ouvira sobre Tiago e Ellen White. Quando tais rumores foram esclarecidos, no fim da década de 1860, ela foi batizada, pouco tempo antes de morrer.

Stephen N. Haskell escreveu em seu obituário: “Ela dorme, mas o resultado de ter levado o sábado aos adventistas permanece vivo.”

Louvado seja Deus por Sua forma grandiosa de conduzir Seus filhos!

Bates Prega o Sábado – 4

Não tenha medo, continue falando e não fique calado. Atos 18:9, NVI

José Bates não tinha nem um pingo de vergonha de contar aos outros sobre o sábado. Contudo, um de seus fracassos mais patentes em relação ao assunto foi com a própria esposa. Mesmo escrevendo livro após livro sobre o assunto e provavelmente incomodando-a o tempo todo, ela devia ser tão obstinada quanto o marido. O resultado é que “ele guardava o sábado sozinho”.

Na cidade de Fairhaven, era de conhecimento público que o “capitão Bates costumava levar a esposa de carruagem para a igreja cristã aos domingos, mas ele próprio não entrava para adorar ‘no sábado do papa’. Voltava para buscá-la após o culto”. A boa notícia é que Prudence Bates aceitou o sétimo dia, em 1850. As orações, o exemplo e a persistência de Bates finalmente trouxeram sua recompensa.

Outra boa notícia para Bates foi a conversão de Tiago e Ellen White ao sétimo dia, provavelmente em novembro de 1846. Após ter lido a obra “O Sábado do Sétimo Dia, um Sinal Perpétuo”, escrita por Bates, Tiago relatou: “constatei a verdade sobre o sábado e comecei a ensiná-la.”

Tal aceitação abriu caminho para a formação do adventismo do sétimo dia. A partir de então, Bates e o casal White começaram a trabalhar juntos.

As coisas finalmente começavam a acontecer. Em dezembro de 1846, o livro de Bates havia chegado ao oeste do estado de Nova York. No fim do ano, Bates e Tiago tinham a expectativa de se encontrarem com Hiram Edson, Owen R. L. Crosier e Franklin B. Hahn (os homens que desenvolveram o entendimento sobre o santuário celestial) na casa de Edson, em Port Gibson, Nova York, mas

as circunstâncias forçaram White a permanecer no Leste.

Um dos itens em pauta era o sétimo dia. Edson afirmava ser favorável à guarda do sábado havia alguns meses, mas ainda não tinha uma convicção definitiva.

Entretanto, após a explicação de Bates, durante a qual Edson “mal conseguia permanecer sentado”, ele se levantou e disse: “Irmão Bates, isso é luz e verdade. O sétimo dia é o sábado e estou contigo em guardá-lo.”

Portanto, no fim de 1846, encontramos um grupo de fiéis unidos em três doutrinas únicas e cruciais: o segundo advento, o sábado e o santuário celestial. O palco estava montado para o surgimento do adventismo do sétimo dia.

De nossa perspectiva, Deus pode até conduzir as coisas fora de nossa expectativa, mas Sua orientação é segura.

Ajuda-nos, Senhor, a ter fé em Tua orientação.

A Tentação do Legalismo

Portanto, ninguém será declarado justo diante dEle baseando-se na obediência à Lei, pois é mediante a Lei que nos tornamos plenamente conscientes do pecado. Romanos 3:20, NVI

Nem tudo que Bates ensinava era irrepreensível. Embora seja impossível ter dúvidas quanto a sua devoção ao sábado a partir de 1846 até o fim de sua vida, seu entendimento sobre a relação entre o sétimo dia e o plano da salvação não era tão clara.

Às vezes, o capitão soava extremamente legalista: “A guarda desses mandamentos salva a alma.” “A observância do sábado de Deus santifica e salva a alma! Entretanto, a guarda de um ou de todos os outros nove sem ele não o faz.” “Devemos guardar toda a [lei] para sermos salvos.” “Os filhos de Deus só serão salvos se cumprirem ou guardarem os mandamentos.”

Embora Bates também fizesse declarações sensatas sobre o evangelho, não há dúvida de que ele tinha um tom de legalismo que o acompanhou ao longo de toda a vida.

Uma de suas passagens bíblicas preferidas para apoiar sua abordagem legalista à guarda do sábado é a história do jovem rico, em Mateus 19. Várias vezes, Bates se referiu a ela para defender sua opinião. “E eis que, aproximando-se dEle um jovem, disse-Lhe: Bom Mestre, que bem farei, para conseguir a vida eterna? E Ele disse-lhe: [...] Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos” (v. 16, 17, ARC). Bates entendia que esse ensino significava que “o único caminho para entrar na vida é guardar os mandamentos”. Além do mais, acrescentava, caso Jesus não tivesse a intenção de dizer o que disse, “então

haveria enganado o jovem rico”.

Vinte anos depois de expressar tais pensamentos, Bates continuava repetindo a mesma história do jovem rico e concluía: “Se você realmente deseja ter a vida eterna quando Jesus voltar, tenha a certeza, oh, sim, tenha a certeza de que guarda todos os Dez Mandamentos de Deus.”

Infelizmente, em 1888, Uriah Smith e George Butler ainda aplicavam Mateus 19 da mesma forma. Aliás, eu me lembro de muitos estudos bíblicos publicados que usavam essa passagem como prova para a guarda dos mandamentos durante a década de 1960. Para alguns, guardar os mandamentos ainda era o caminho para a vida eterna. É exatamente essa ideia que Paulo ataca no versículo de hoje (Rm 3:20).

Como é triste perceber que cristãos sinceros podem acabar usando bons textos da Bíblia de forma errada.

Ajuda-nos, ó Senhor, em nossa luta para compreender o verdadeiro sentido das Escrituras.

Vislumbres do Evangelho

Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Efésios 2:8, 9

Bates pode ter conseguido convencer os outros dois fundadores do adventismo do sétimo dia a respeito do sábado, mas eles não aderiram a seu legalismo.

Tiago White, por exemplo, foi bem claro quando escreveu: “Que fique claramente compreendido que não há salvação na lei, isto é, não há qualidade redentora na lei.”

Para White, o mais importante era ter “fé viva e ativa em Jesus”. Ao falar sobre a mensagem milerita, em 1850, ele declarou: ela “nos levou aos pés de Jesus a fim de pedir perdão por todos os nossos pecados e obter salvação plena e livre por intermédio do sangue de Cristo”.

Se, por um lado, Tiago apelava ao povo para “obedecer e honrar [a Deus] mediante a observância de Seus mandamentos”, em contrapartida, escreveu que “devemos buscar perdão livre e completo de todas as nossas transgressões e falhas mediante a expiação em Jesus Cristo agora, enquanto Ele apresenta Seu sangue perante o Pai”.

Ellen tinha a mesma opinião do marido. Sua aplicação da história do jovem rico, encontrada em Mateus 19, ao longo de seu duradouro ministério é especialmente esclarecedora. Ela nunca citou Jesus nesse contexto dizendo que o caminho para conquistar o Céu era a guarda dos mandamentos.

Em vez disso, invariavelmente apontava para além daquilo que chamava de compreensão “externa e superficial” do relato do jovem rico (defendida por

Bates). Ela chamava a atenção para a necessidade mais profunda da transformação total que só pode ocorrer por meio de um relacionamento pessoal com Cristo.

Para ela, a lição de Mateus 19:16, 17 não é que a salvação é obtida pela lei, mas que o jovem rico fracassara por completo. Ela observava que, embora seja verdade que ele obedecesse aos aspectos exteriores dos Dez Mandamentos, não conseguia ver que as raízes da lei se encontravam no amor de Deus. Para ela, o jovem rico não fora salvo por guardar os mandamentos; em vez disso, estava totalmente perdido (ver, por exemplo, SG2, p. 239-243; DTN, p. 518-523; PJ, p. 390-392).

Um dos entendimentos mais importantes para nosso viver diário tem a ver com a relação entre a lei e o evangelho. Falaremos mais sobre a mensagem evangélica posteriormente neste ano.

O Sábado e a Visão Apocalíptica – 1

Abriu-se, então, o santuário de Deus, que se acha no Céu, e foi vista a arca da Aliança no Seu santuário. Apocalipse 11:19

Alguns dias atrás, falamos a respeito do livrinho de Bates, publicado em agosto de 1846. Destacamos que a primeira edição de *The Seventh-day Sabbath, a Perpetual Sign* expressava a compreensão batista do sétimo dia. De acordo com essa linha de pensamento, o sábado deveria ser guardado, mas a igreja o mudara no período medieval.

Também vimos que o livro converteu o casal White, Hiram Edson e outros estudiosos do santuário celestial à doutrina do sábado. Debates entre Bates e essas pessoas o levaram a uma compreensão mais completa das consequências do sétimo dia para o período imediatamente anterior ao segundo advento. Bates publicou seu ponto de vista enriquecido sobre o assunto, em janeiro de 1847, em uma segunda edição de *The Seventh-day Sabbath*. Embora só tivesse 14 páginas a mais, elas apresentavam a estrutura interpretativa que formaria a base para todo o pensamento teológico futuro sobre o quarto mandamento.

Um dos *insights* principais foi a ênfase em Apocalipse 11:19: “Abriu-se, então, o santuário de Deus, que se acha no Céu, e foi vista a arca da Aliança no Seu santuário.” Bates compreendera um fato que estava em harmonia com a ideia da entrada no segundo compartimento do santuário celestial, ligada a Daniel 8:14. Embora cada uma das visões do Apocalipse comecem com uma cena no santuário, na primeira metade do livro, todas elas acontecem no lugar santo. No entanto, em Apocalipse 11:19, o foco muda para o santíssimo. Em outras palavras, Bates percebeu que o próprio livro do Apocalipse conecta a abertura do lugar santíssimo do santuário celestial aos acontecimentos do tempo

do fim.

Mais importante ainda para ele, porém, era o conteúdo da arca. Conforme ele mesmo dizia, “este templo foi aberto para algum propósito”. Em sua opinião, tal propósito era dar destaque aos Dez Mandamentos, o item mais importante no interior da arca da Aliança (Dt 10:5).

Bates havia começado a entender que o cerne do livro do Apocalipse conjuga o segundo advento, a abertura do lugar santíssimo do santuário celestial no tempo do fim e a importância dos Dez Mandamentos logo antes da volta de Cristo. Tal ponto de vista ficaria ainda mais evidente para ele em Apocalipse 12–14.

Senhor, ajuda-nos a ver aquilo que tentas nos ensinar nessa importante passagem bíblica sobre o tempo do fim.

O Sábado e a Visão Apocalíptica – 2

Irou-se o dragão contra a mulher e foi pelejar com os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus. Apocalipse 12:17

A descoberta do santuário em Apocalipse 11:19 levou Bates naturalmente ao capítulo 12. Esse capítulo é uma representação da igreja cristã desde o nascimento de Jesus até o tempo do fim, quando o dragão (identificado como "diabo e Satanás", no v. 9) se ira contra a mulher (a igreja) e vai "pelejar com os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus" (Ap 12:17).

Nessa ocasião, Bates encontrou o elo entre Apocalipse 11:19 e 12:17. A abertura do segundo compartimento do santuário celestial no tempo do fim, revelando a arca que contém o decálogo (11:19), relaciona-se com os mandamentos, que ficam em evidência no ponto culminante do capítulo 12.

Em seu estudo, Bates concluiu que não só os Dez Mandamentos seriam restaurados no tempo do fim, como também surgiria um conflito em torno deles. De acordo com sua perspectiva, o conflito envolveria principalmente um dos mandamentos: o sábado, aquele que fora mudado pela igreja (ver Dn 7:25). Ele continuou a ler e viu que tal mandamento foi destacado em Apocalipse 14:7.

Conforme expressou, "a realidade de que ainda haverá uma luta ferrenha a respeito da restauração e da guarda do sétimo dia, a qual provará todas as pessoas que entrarão pelas portas da cidade, não pode ser contestada. Fica claro que o diabo está guerreando contra todas elas. Leia Apocalipse 12:17. 'Lembra-te do dia de sábado, para o santificar.' Amém". Com essas palavras, Bates concluiu a edição de 1847 do livro *Seventh-Day Sabbath*.

As descobertas sobre o livro do Apocalipse deixaram Bates boquiaberto. Além de Deus ter um “remanescente” que guardaria o sábado no tempo do fim, haveria discórdia em relação a esse mandamento. Tal conclusão ficou ainda mais firme após o estudo de Apocalipse 13 e 14.

É impossível saber se Bates compreendia com tanta clareza, mas Apocalipse 12:17 é o texto-chave do restante do Apocalipse. De maneira mais imediata, o capítulo 13 detalha o poder do dragão de 12:17, e o capítulo 14 dá mais informações sobre a mulher nos últimos dias. Ambos espelham o conflito ligado ao povo de Deus no tempo do fim. Ademais, Apocalipse 15–19 desenvolvem os períodos de tempo dos capítulos 13 e 14, expondo acontecimentos proféticos do tempo do fim.

Ajuda-nos, Senhor, a estudar estas passagens tão significativas como Bates e outros o fizeram.

O Sábado e a Visão Apocalíptica – 3

Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus. Apocalipse 14:12

Em nossa última leitura, vimos que, em janeiro de 1847, José Bates havia concluído, com base em Apocalipse 12:17, que Deus teria um povo no tempo do fim que honraria os Dez Mandamentos contidos na arca da Aliança (Ap 11:19), mas que o dragão guerrearia contra esses guardadores dos mandamentos. Ele não precisou estudar muito mais para perceber que esse conflito do tempo do fim se refletia em passagens como Apocalipse 13:7, 8, que apresenta aqueles que adoram a besta pelejando contra os seguidores do Cordeiro.

Do capítulo 13, ele prosseguiu para Apocalipse 14, que retrata os adoradores do Cordeiro do tempo do fim, seguindo-O "por onde quer que vá" (v. 4).

Nesse momento, Apocalipse 14 se transformou no ponto central do estudo de Bates, na segunda edição de *The Seventh-Day Sabbath, a Perpetual Sign*. Antes de analisar as conclusões a que ele chegou, é bom rever o esboço do capítulo 14 em si.

1. Os versículos 1-5 apresentam os 144 mil do tempo do fim, que seguem o Cordeiro em todos os Seus ensinos e têm "na fronte escrito o Seu nome e o nome de Seu Pai" (v. 1).

2. Os versículos 6 e 7 relatam a primeira mensagem angélica.

3. O versículo 8 apresenta a segunda mensagem angélica.

4. Os versículos 9-12 explicam a mensagem do terceiro anjo.

5. O versículo 13 destaca o destino dos seguidores do Cordeiro perseguidos no tempo do fim segundo Apocalipse 13.

6. E o capítulo 14 chega ao clímax com a volta de Cristo nas nuvens do céu para ceifar a colheita da Terra (v. 14-20).

Tal progressão não escapou à análise de Bates, em seu esforço para entender em que ponto do fluxo dos acontecimentos do tempo do fim se encontrava o povo de Deus. É interessante observar que alguns mileritas haviam enfatizado a primeira e a segunda mensagens angélicas. O próprio Miller acreditava que a mensagem da hora do juízo, proclamada pelo primeiro anjo, era pregada em seus dias. Para Miller, o juízo de Apocalipse 14:7 correspondia ao segundo advento.

Charles Fitch começou a proclamar a segunda mensagem angélica sobre a queda da Babilônia, em 1843, quando as denominações passaram a perseguir aqueles que criam no segundo advento. Entretanto, foi o conteúdo da mensagem do terceiro anjo que chamou a atenção de Bates.

Antes de orar nesta hora, sugiro que você leia Apocalipse 14.

O Sábado e a Visão Apocalíptica – 4

Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo; e adorai Aquele que fez o céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas. Apocalipse 14:7

Nos últimos dias, estamos estudando a compreensão crescente de Bates acerca de Apocalipse 12–14. Ele sentiu um fascínio especial pelas três mensagens angélicas do capítulo 14, retratadas como as últimas que Deus daria ao mundo antes do segundo advento.

Ele achou o versículo 12 particularmente pertinente. Mais uma vez (ver Ap 12:17) é ressaltado o fato de que, logo antes do fim dos tempos, Deus teria um povo guardador dos mandamentos. É claro que ele não deixou escapar os desdobramentos do versículo 7, que revela qual mandamento estaria em foco na batalha do tempo do fim. Ele acertou ao reconhecer que as palavras “adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas” aludem ao mandamento do sábado, encontrado em Êxodo 20:8-11 (ver Gn 2:1-3). Também percebeu com clareza, com base em Apocalipse 14:7 e 9, que a adoração seria um tema central no fim da história do mundo. Segundo Apocalipse 14, antes do segundo advento, ou as pessoas estarão adorando a besta de Apocalipse 13 (ver Ap 14:9) ou o Criador do céu e da terra (v. 7). O segundo grupo obedecerá, é claro, a *todos* os mandamentos de Deus enquanto aguardam com perseverança (v. 12) a volta de Jesus nas nuvens do céu (v. 14-20).

A leitura de Apocalipse 12:17–14:20 levou Bates a muitas conclusões. A primeira delas, de que, desde 1845, Deus vinha levantando um povo que honraria todos os Seus mandamentos, inclusive o sábado. “Agora”, escreveu ele, em 1847, “é indiscutível e claro que tal povo pode ser encontrado na Terra, [...] e este tem se unido em grupos ao longo dos dois últimos anos, para guardar os

mandamentos de Deus e ter a fé ou o testemunho de Jesus.”

Em segundo lugar, “João revela ainda que se trata de um remanescente [...] que pelejaria [...] por guardar ‘os mandamentos de Deus’ [...] (12:17)”.

Terceiro, Bates notou que o Apocalipse retrata apenas dois grupos no tempo do fim. “Um deles guarda os mandamentos e tem a fé de Jesus. O outro carrega a marca da besta.”

Seus *insights* abriram caminho para o desenvolvimento da teologia adventista do sétimo dia. Em 1847, ele havia desenvolvido, em essência, aquilo que se tornaria conhecido, dentro dos círculos adventistas, como a teologia do grande conflito.

Pai, mais uma vez, pedimos que nos dê uma mente clara para meditar em Tua última mensagem para este mundo.

O Sábado e a Visão Apocalíptica – 5

Olhei, e eis uma nuvem branca, e sentado sobre a nuvem um semelhante a filho de homem, tendo na cabeça uma coroa de ouro e na mão uma foice afiada. Apocalipse 14:14

Ao longo dos últimos dias, temos meditado sobre a atuação de Bates no desenvolvimento da teologia do grande conflito. No início de 1847, ele havia chegado à conclusão de que o movimento adventista do sétimo dia em formação não era apenas mais um impulso denominacional, mas, sim, um movimento profético.

Outra coisa que precisamos observar é o fato de que o tema do grande conflito se encontra firmemente enraizado nas Escrituras. Há gente demais que acredita que sua origem está nos escritos de Ellen White. A partir de 7 de abril de 1847, ela também começaria a ressaltar esse ensino, mas o relato de sua visão sobre o assunto foi uma confirmação do estudo da Bíblia feito por Bates, não a origem de uma crença. Analisemos sua primeira visão sobre o grande conflito.

No dia 7 de abril de 1847, ela escreveu: “Caro irmão Bates, no último sábado, nós nos reunimos com os queridos irmãos e irmãs aqui. [...] Logo fiquei alheia às coisas terrenas e fui transportada a uma visão da glória de Deus. [...] Depois de ver a glória do lugar santo, Jesus levantou o segundo véu e passei para o santíssimo.

“No santíssimo, eu vi a arca. [...] Dentro dela, se encontravam [...] as tábuas de pedra. [...] Jesus as abriu e eu vi os Dez Mandamentos escritos nelas com o dedo de Deus. [...] Em uma das tábuas, havia quatro e na outra, seis. Os quatro da primeira tábua brilhavam mais do que os outros seis. Mas o quarto (o mandamento do sábado) reluzia com mais força do que todos os outros, pois o

sábado foi separado para ser guardado em honra ao nome de Deus. [...] Vi que Deus jamais mudara o sábado, pois Ele nunca muda. [...]

"Vi que o santo sábado é e será o muro de separação entre o verdadeiro Israel de Deus e os descrentes; vi também que o sábado é a grande questão para unir o coração dos preciosos santos de Deus enquanto esperam" (WLF, p. 18, 19).

Ellen prosseguiu observando que a pregação e a observância fiel do sábado se tornaria uma mensagem poderosa. Porém, "no início do período de angústia", ela acarretaria perseguição, chegando a ponto de todos aqueles "que não receberam a marca da besta ou de sua imagem [...] não poderiam comprar e vender". A visão termina com perseguição e com o livramento na segunda vinda, quando Jesus voltará em uma "grande nuvem branca" (ibid., p. 19, 20).

Pai, esperamos ansiosos por essa nuvem, com todo o significado e todas as bênçãos que ela traz. Amém.

O Foco Adventista Sobre o Sábado

Coloque marcos e ponha sinais nas estradas. Jeremias 31:21, NVI

José Bates nunca separava história e teologia. Pelo contrário, em sua mente, ambos eram dois aspectos do mesmo assunto. Tal união se revelava no título da maioria de seus livros, inclusive nas duas edições de *The Seventh-day Sabbath, a Perpetual Sign* [O Sábado do Sétimo Dia, um Sinal Perpétuo] (1846, 1847), cujo subtítulo em português seria "Do Início até a Entrada Pelas Portas da Cidade Santa, Segundo o Mandamento". A mesma inclinação histórica aparece na obra de 1847, que poderia se chamar "Marcos e Pilares do Segundo Advento: Ou uma Visão Conectada do Cumprimento das Profecias, Pelo Povo Peculiar de Deus, do Ano 1840 até 1847".

Para José Bates, o adventismo do sétimo dia era tanto um movimento quanto uma mensagem, ancorados na história profética. Os "marcos" e os "pilares" são referências claras a Jeremias 31:21, passagem que fala deles como guias para o povo de Deus em sua jornada rumo ao lar. Em nossa primeira leitura (Js 4:20-22), no dia 1º de janeiro, vimos como Deus usou um monte de pedras memoriais para ajudar Seu povo a não se esquecer de como Ele o havia conduzido no passado. Bates emprega a mesma metáfora para afirmar que o Senhor continuava à frente.

Tiago White ficou empolgado com o livro "Marcos e Pilares do Segundo Advento". Um mês após sua publicação, elogiou a obra para um amigo, observando: "O irmão Bates lançou um livro sobre nossa experiência passada." Três meses depois, Tiago escreveu: "As obras [de Bates] sobre o sábado do Senhor e nossa experiência passada são muito preciosas para nós neste momento

de prova.”

Na mente de Tiago White, a contribuição central de Bates era aquilo que ele chamaria posteriormente de perspectiva da “cadeia de acontecimentos”, a qual caracteriza a forma de Deus conduzir Seu povo, conforme retratada em Apocalipse 14. A compreensão da sequência de acontecimentos começou com a pregação de Guilherme Miller a respeito das boas-novas do segundo advento (Ap 14:6, 7), continuou com a mensagem de que Babilônia havia caído, anunciada por Charles Fitch (v. 8), e estava chegando ao clímax com a pregação de Apocalipse 14:12, com sua mensagem sobre a guarda dos mandamentos no tempo do fim. Bates e, então, o casal White perceber que essa cadeia levava ao segundo advento.

Obrigado, Senhor, por teres nos dado marcos proféticos. Ajuda-nos a discernir a relevância deles.

Dando um Passo de Fé

Porém ela respondeu: Tão certo como vive o Senhor, teu Deus, nada tenho cozido; há somente um punhado de farinha numa panela e um pouco de azeite numa botija; e, vês aqui, apanhei dois cavacos e vou preparar esse resto de comida para mim e para o meu filho; comê-lo-emos e morreremos. Elias lhe disse: Não temas; vai e faze o que disseste; mas primeiro faze dele para mim um bolo pequeno e traze-mo aqui fora; depois, farás para ti mesma e para teu filho. 1 Reis 17:12, 13

E foi isso que a viúva fez! Contudo, nem sua farinha nem seu óleo acabaram até a fome terminar. A viúva de Sarepta deu um passo de fé, e Deus a recompensou.

José Bates teve várias experiências semelhantes. Aos 36 anos de idade, ele havia acumulado dinheiro suficiente para se aposentar. Entretanto, até o fim de 1844, tinha doado praticamente tudo para o avanço da mensagem milerita. Sua generosidade o colocou na posição de também precisar dar um passo de fé.

Isso nos leva de volta a seus livrinhos. Bates descobriu que era mais fácil escrevê-los do que custear sua publicação. Foi assim que, no outono de 1847, sentou-se para escrever um livro de mais de cem páginas com apenas 12,5 centavos de dólar no bolso.

Antes de ir à editora, sua esposa pediu que ele comprasse farinha. Como só tinha 12,5 centavos, conseguiu comprar menos de dois quilos. Sem saber das circunstâncias, ela lhe perguntou como um homem que havia navegado pelo mundo inteiro era capaz de chegar em casa com tão pouca farinha.

Naquele instante, Bates lhe contou duas coisas. Primeiro, que havia usado todas as economias. Segundo, que estava escrevendo outro livro sobre o sábado.

Aquelas notícias a frustraram de verdade. Afinal, ela sequer havia aceitado a mensagem do sábado. Conforme expressou Bates, “ela não compreende meu dever”. Como de costume, ele disse que Deus cuidaria deles. E foi isso que o Senhor fez!

Logo depois, sentiu-se impressionado a ir até o correio; lá encontrou dez dólares em sua correspondência. Com a quantia, pôde comprar alimentos em quantidade adequada e então pensar em elaborar o livro.

Mesmo assim, porém, chegou à editora sem dinheiro suficiente, tão somente para descobrir que alguém já havia pagado as despesas de impressão. Insensatez ou fé?

Essa pergunta continua a ser crucial em nossos dias. Deus prossegue abençoando aqueles que dão um passo de fé. E, às vezes, ainda usa outros como Seus agentes para “pagar a conta”.

A Hora do Ajuntamento – 1

Ide, pois, às saídas dos caminhos e convidai para as bodas a todos os que encontrardes. E os servos, saindo pelos caminhos, ajuntaram todos quantos encontraram, tanto maus como bons.
Mateus 22:9, 10, ARC

Vimos em janeiro que o grande desapontamento de outubro de 1844 abalou o milerismo. O movimento, tão forte no passado, dividiu-se em vários segmentos e muitos desistiram de vez do adventismo. O tempo de dispersão começou no fim de 1844.

No entanto, nem tudo se perdeu. Três anos e meio de estudo zeloso da Bíblia haviam ajudado José Bates e o casal White a chegar a algumas conclusões poderosas quanto ao motivo do desapontamento e ao sentido da história profética, de acordo com o livro do Apocalipse.

No início de 1848, eles tinham uma mensagem baseada no cerne do Apocalipse de João que relacionava o segundo advento, a abertura do segundo compartimento do santuário celestial e a importância do sábado ao tempo do fim, formando uma teologia unificada. Para Bates e os White, as três doutrinas não eram distintas, nem "crenças fundamentais", mas, sim, uma mensagem unificada para os últimos dias. Eles compreendiam que sua proclamação evangelística deveria ser feita nos termos das três mensagens angélicas de Apocalipse 14.

Vamos dar uma olhada na carta de Tiago ao irmão Bowles, em 8 de novembro de 1849: "Mediante a proclamação da mensagem do sábado em conexão com o movimento adventista, Deus está tornando conhecidos aqueles que Lhe pertencem. Tivemos um tempo de dispersão, mas ele ficou no passado e

agora é o momento para os santos se ajuntarem em unidade de fé e serem selados pela verdade santa e unificadora que veio à tona. Sim, irmão, a hora chegou. É verdade que a obra avança devagar, mas seu avanço é certo e ganha força a cada passo. Novas pessoas estão entrando nos campos [...] e proclamando a mensagem separadora do selo [...] do terceiro anjo de Apocalipse 14. [...] Ó, minh'alma, que mensagem!

"Nossa experiência passada com o advento, nossa posição presente e a obra futura estão delineadas em Apocalipse 14 [...] da forma mais clara que a pena profética poderia escrever. Graças a Deus porque podemos enxergar! [...] Creio que a verdade do sábado ainda ecoará pela Terra como o advento nunca conseguiu. Permaneçamos acordados e prontos a qualquer momento a fim de trabalhar para Deus. [...] Nosso lar, nosso lugar de descanso, nosso Céu é além, logo além. [...] Jesus está voltando para ajuntar os pobres desterrados e levá-los ao lar."

É impossível não perceber a empolgação de Tiago. Eu também me empolgo quando leio as promessas e profecias de Deus. Nosso lar não é aqui, mas "além".

A Hora do Ajuntamento – 2

Então o senhor disse ao servo: "Vá pelos caminhos e valados e obrigue-os a entrar, para que a minha casa fique cheia". Lucas 14:23, NVI

Por volta da metade de 1847, os líderes daquilo que estava se transformando no adventismo do sétimo dia haviam aceitado um grupo central de crenças. O passo seguinte seria compartilhá-las com os outros. A tática principal que empregaram foi organizar uma série de conferências cujo propósito, de acordo com Tiago White, seria de "unir os irmãos em torno das grandes verdades relacionadas à mensagem do terceiro anjo".

Em 1848, muitos adventistas da Nova Inglaterra e do oeste do estado de Nova York haviam se convencido da veracidade de algumas doutrinas dos guardadores do sábado, mas faltava um consenso.

A série de conferências iniciada em 1848 faria o trabalho evangelístico de espalhar a mensagem. Considerando que eles eram adventistas da "porta fechada", os quais criam que a porta da graça havia se fechado para todos, com exceção dos que tinham aceitado a mensagem de Miller, os convidados para as conferências eram apenas os adventistas que concordavam com a primeira mensagem angélica e, de preferência, com a segunda. A tarefa dos evangelistas era apresentar a terceira mensagem angélica como parte da resposta para o que ocorrera no fim dos 2.300 dias, revelando em que ponto se encontravam na história profética.

Tiago White, ao relatar sobre a primeira conferência, em abril de 1848, observou que cerca de 50 pessoas compareceram. "Nem todos estavam plenamente na verdade. [...] O irmão Bates apresentou os mandamentos sob uma

clara luz, e, por meio de valiosos testemunhos, foi salientada a sua importância para cada um de nós. Suas palavras tiveram o efeito de confirmar aqueles que já estavam na verdade e de despertar os que não se haviam decidido completamente" (VE, p. 117). O objetivo das conferências fica ainda mais claro no relato de Ellen White sobre a que foi realizada no "celeiro do irmão Arnold", em agosto de 1848. Ela conta que havia cerca de 35 presentes e "dificilmente haveria dois que concordassem entre si. [...] Todos estavam ávidos por uma oportunidade de [...] pregar para nós". Contudo, "nós dissemos que não havíamos percorrido uma distância tão longa para ouvi-los, mas, sim, para lhes ensinar a verdade" (SG2, p. 97, 98). Também contou com alegria que, depois de uma reunião difícil, os participantes por fim se uniram "na terceira mensagem angélica".

Deus continua a usar homens e mulheres que compreendem Sua Palavra para guiar outros ao entendimento da verdade. Certamente, Ele deseja usar você nessa iniciativa hoje.

A Hora do Ajuntamento – 3

Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas-novas, que faz ouvir a paz, que anuncia coisas boas, que faz ouvir a salvação. Isaías 52:7

A fase inicial do que Tiago White chamou de hora do ajuntamento durou de 1848 até 1850. As conferências dos guardadores do sábado foram o meio que Bates e o casal White usaram, no decorrer desses anos, para formar o grupo básico de crentes nas três mensagens angélicas de Apocalipse 14, mas elas não foram o único instrumento usado por Deus.

Durante uma delas, realizada em Dorchester, Massachusetts, em novembro de 1848, Ellen White teve uma visão que mudaria para sempre o adventismo.

Depois de sair da visão, disse ao esposo: “Tenho uma mensagem para você. Você precisa começar a publicar uma pequena revista e enviá-la às pessoas. Não importa que seja pequena a princípio. À medida que as pessoas lerem, elas lhe mandarão recursos para publicar e será um sucesso desde o início. Esse começo modesto *foi-me mostrado como algo semelhante a raios de luz clareando o mundo inteiro*” (LS, p. 125; itálico acrescentado).

Tal declaração pode não parecer tão impressionante 160 anos depois. Afinal, no início do século 21, as publicações adventistas alcançam toda a Terra, produzidas aos milhões todos os anos em centenas de idiomas, nas mais diversas casas publicadoras. No entanto, esse é o cumprimento, não a profecia.

O que os primeiros adventistas devem ter pensado dessa visão? Afinal, é provável que, em novembro de 1848, houvesse menos de cem adventistas guardadores do sábado e quase todos eram pobres. Além disso, todos acreditavam no conceito da porta fechada, inclusive Ellen White. Conforme ela

declarou mais tarde: “Com meus irmãos e irmãs, após a passagem do tempo em quarenta e quatro, acreditei que não mais se converteriam pecadores. Nunca, porém tive uma visão de que não se converteriam mais pecadores” (ME1, p. 74).

Na verdade, a visão das publicações contradizia sua crença pessoal e a dos outros guardadores do sábado. Foi uma visão de orientação aberta dada a um grupo que cria na porta fechada.

Contudo, a despeito das crenças daquela época, as publicações adventistas, inclusive a “pequena revista”, espalharam-se como “raios de luz clareando o mundo inteiro”.

Obrigado, Deus, porque Tua visão é superior à nossa. Ajuda-me hoje a ver com Teus olhos, não com os meus.

A Publicação da Mensagem – 1

Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo,
e sereis Minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda
a Judeia e Samaria e até aos confins da Terra. Atos 1:8

Um começo pequeno marcou o caminho da igreja cristã apostólica. O mesmo se aplica ao adventismo do sétimo dia. Seria difícil imaginar um início mais modesto para o que se tornaria uma iniciativa mundial de publicações.

Em resposta à visão de sua esposa, Tiago White, financeiramente debilitado e sem casa para morar, deu um passo de fé para escrever e publicar a "pequena revista". Ao recordar a experiência, escreveu mais tarde: "Sentamo-nos para preparar aquela pequena folha de papel, escrevendo cada uma de suas palavras. Toda nossa biblioteca era formada tão somente por uma Bíblia de bolso de quinze centavos, uma concordância condensada de Cruden e um velho dicionário Walker, sem uma parte da capa. Destituídos de meios, nossa esperança de sucesso repousava em Deus."

Sem muita escolha, White procurou uma editora que aceitasse fazer o panfleto de oito páginas para um desconhecido, e disposta a receber o pagamento depois que chegassem contribuições dos esperados leitores. Charles Pelton, de Middletown, Connecticut, foi o homem que aceitou tal proposta.

Os primeiros mil exemplares de *The Present Truth [*A Verdade Presente*]* saíram do prelo em julho de 1849. Ellen White relembra: "Quando ele trouxe o primeiro número da editora, todos nos ajoelhamos, pedindo ao Senhor com o coração humilde e muitas lágrimas que deixasse Sua bênção repousar sobre os frágeis esforços de seu servo. Então ele [Tiago] endereçou a revista a todos que achara que a leriam e a levou para o correio [a 13 quilômetros de distância] em

uma bolsa de tapeçaria. [...] Logo começaram a chegar cartas com recursos para publicar a revista e as boas notícias de tantas pessoas aceitando a verdade" (1888 LS, p. 260).

O conteúdo de *The Present Truth* correspondia àquilo que os guardadores do sábado consideravam a mensagem especial de Deus para seu tempo: o sábado, as três mensagens angélicas e assuntos afins. A "pequena revista" desempenhou parte importante na hora do ajuntamento durante o fim dos anos 1840.

Da perspectiva humana, Deus muitas vezes trabalha de maneiras estranhas. Ficamos impressionados com a grandeza e o poder de qualquer iniciativa. No entanto, o Senhor valoriza a humildade e a dedicação. Dar um passo de fé não foi algo apropriado apenas para Tiago White. O Senhor também pode usar você e eu se Lhe dermos o pouco que temos em humilde dedicação.

A Verdade Presente – 1

Por esta razão, sempre estarei pronto para trazer-vos lembrados acerca destas coisas, embora estejais certos da verdade já presente convosco e nela confirmados. 2 Pedro 1:12

Todos os fundadores do adventismo do sétimo dia tinham uma compreensão dinâmica daquilo que chamavam de “verdade presente”. É claro que o uso do termo não lhes era exclusivo. No passado, os mileritas o haviam empregado para se referir à iminente volta de Jesus. Depois o aplicaram ao movimento do sétimo mês (ou seja, a proclamação de que Jesus viria em outubro de 1844).

Não foi por acaso que Tiago White escolheu o título de *The Present Truth* para o primeiro periódico adventista do sétimo dia. Bates usava o termo desde janeiro de 1847 para se referir ao sábado e às verdades ligadas a ele.

Na primeira edição de sua pequena publicação em julho de 1849, depois de citar 2 Pedro 1:12, que fala de estar “certos da verdade já presente”, Tiago White escreveu: “No tempo de Pedro, havia uma verdade presente, ou uma verdade aplicável ao tempo presente. A igreja sempre teve uma verdade presente. A verdade presente hoje é a que mostra um dever atual, e a posição correta para nós que estamos prestes a testemunhar o tempo de angústia.” Ele concordava com Bates no que se refere ao conteúdo da verdade presente. As duas primeiras mensagens angélicas haviam sido anunciadas. Chegara o momento da terceira.

Os primeiros guardadores do sábado acreditavam que conheciam uma mensagem que o mundo precisava ouvir, mas reconheciam que Deus ainda tinha mais para lhes revelar. Ou seja, eles consideravam o conhecimento da verdade algo dinâmico e progressivo. Por isso, Ellen White pôde escrever, em relação às questões teológicas debatidas na Assembleia da Associação Geral de 1888:

“Aquilo que Deus dá a Seus servos para falar hoje pode não ter sido a verdade presente de vinte anos atrás, mas trata-se da mensagem do Senhor para este tempo” (Man. 8a, 1888).

Bates e o casal White estavam abertos ao conhecimento da verdade. Líderes posteriores apresentaram a mesma visão dos fundadores. Uriah Smith, por exemplo, escreveu em 1857 que os guardadores do sábado vinham descobrindo verdades crescentes desde 1844. Ele observa: “Temos recebido a graça de nos alegrar com verdades muito além das que percebíamos no passado. Mas não imaginamos saber tudo ainda. [...] Confiamos que devemos progredir e que nosso caminho continuará a brilhar cada vez mais.”

Como eu me encontro hoje? Minha mente ainda é aberta para a orientação de Deus à medida que Ele revela as verdades de Sua Palavra?

A Verdade Presente – 2

Seguiu-se a estes outro anjo, o terceiro, dizendo, em grande voz. Apocalipse 14:9

Uma das maneiras de compreender a concepção de verdade presente dos fundadores do adventismo do sétimo dia é analisando um dos sermões evangelísticos de Tiago White. Ao termos um vislumbre de seu fluxo poderoso de ideias, precisamos nos lembrar de que ele estava pregando e escrevendo a ex-mileritas, isto é, homens e mulheres que já haviam aceitado a primeira e talvez a segunda mensagem angélica de Apocalipse 14.

Ele declara: “Então o sexto versículo do décimo quarto capítulo introduz a mensagem do segundo advento e começa outra *cadeia de acontecimentos* ligada às mensagens sucessivas a serem proclamadas ao povo de Deus” antes do segundo advento.

“Todos os crentes no advento concordam que a mensagem do primeiro anjo” se cumpriu na proclamação do segundo advento de Cristo nos anos 1840. “Com que solenidade, zelo e santa confiança os servos do Senhor anunciaram a hora que se aproximava! E oh, como suas palavras mexeram com as pessoas, derretendo o coração do mais endurecido pecador!”

O segundo anjo “*veio* depois que o primeiro entregou o fardo de sua mensagem”. Ele “nos chamou de dentro das [...] igrejas para sermos livres para pensar e agir por conta própria no temor de Deus. É extremamente interessante o fato de a questão do sábado ter começado a ser agitada entre os crentes no segundo advento logo depois de serem chamados a sair das igrejas pela mensagem do segundo anjo. A obra de Deus avança em ordem. A verdade do sábado apareceu na hora certa para cumprir a profecia. Amém.”

“Ele nos tirou do cativeiro das igrejas, em 1844, nos humilhou, nos provou e desenvolveu o coração de Seu povo, para ver se este guardaria Seus mandamentos. [...] Vários pararam na mensagem do primeiro anjo e outros na segunda; mui- tos recusam a terceira, mas poucos seguem o ‘Cordeiro por onde quer que vá’ e sobem para possuir a terra.”

A verdade presente para os fundadores do adventismo do sétimo dia estava ligada ao desenrolar da história profética. Deus estava reunindo um povo. Passo a passo, revelava-lhe Sua verdade. Eles nunca se consideraram simplesmente mais uma denominação. Pelo contrário, sempre consideravam seu movimento com teor profético. Tinham uma mensagem especial para anunciar antes da volta de Jesus. O conteúdo dessa proclamação está expresso em Apocalipse 14:6-12, que forma o cerne da mensagem divina para o tempo do fim.

A Publicação da Mensagem - 2

Porque precederás o Senhor, preparando-Lhe os caminhos.
Lucas 1:76

Há algo nas mensagens empolgantes que leva as pessoas a quererem compartilhá-las com os outros. Isso se aplica de maneira especial à revelação divina para a humanidade.

Por volta de 1849, os adventistas guardadores do sábado, embora em número reduzido, estavam mais do que ávidos para espalhar sua mensagem por meio da página impressa. Além de lançar *The Present Truth*, para apresentar a nova compreensão sobre o sábado e a terceira mensagem angélica, Tiago White também começou a publicar, no verão de 1850, a *Adventist Review* [Revista Adventista], periódico que tentava impressionar os mileritas dispersos com o poder e a veracidade dos argumentos subjacentes ao movimento de 1844.

A abordagem de Tiago era acompanhada de um plano. Ao passo que a *Adventist Review* tinha o objetivo de despertar os mileritas desapontados quanto à verdade da primeira e segunda mensagens angélicas, *The Present Truth* os incentivava a aceitar a terceira.

Os guardadores do sábado estavam convencidos de ter a mensagem de Deus para os últimos dias. Vemos seu entusiasmo pela mensagem e a disposição ao sacrifício para publicá-la refletidos no primeiro censo geral adventista realizado em 1860. A iniciativa foi liderada por D. T. Taylor, do movimento adventista cristão. O censo identificou 54 mil adventistas de várias vertentes, dos quais cerca de 3 mil guardavam o sábado. O que mais chama a atenção nos números de Taylor é o interesse relativo às publicações pelos diferentes grupos adventistas. Os maiores tinham muitas vezes o número de membros dos

guardadores do sábado e sua lista de distribuição de material impresso contava com apenas 5 mil pessoas, enquanto o grupo menor tinha uma lista de 4.300. Taylor fez o máximo para enfatizar que os guardadores do sábado, “embora certamente uma minoria, são muito dedicados, zelosos e ativos na promulgação de seu ponto de vista peculiar acerca do domingo e do sábado”.

Essa era a realidade. Eles tinham uma mensagem para o povo de Deus do tempo do fim e sabiam disso. O dinamismo deles trouxe recompensas. O número de membros entre os guardadores do sábado durante a hora do ajuntamento saltou de cerca de cem, no fim de 1848, para aproximadamente 2.500, quatro anos depois. Outras pessoas, graças ao ministério de publicações, começaram a entender a lógica de sua mensagem.

Deus continua a usar as publicações adventistas para espalhar Sua mensagem. Cada um de nós pode participar dessa obra por meio de recursos e orações.

Até Bons Amigos Brigam Feio

[Paulo e Barnabé] tiveram um desentendimento tão sério que se separaram. Atos 15:39, NVI

Eles pareciam a equipe evangelística perfeita, mas problemas podem surgir até mesmo entre bons amigos cristãos. Foi isso o que aconteceu quando Paulo e Barnabé entraram em conflito em relação à adequação de Marcos ao ministério. O resultado foi que ambos seguiram caminhos separados, no que parece ter sido um desentendimento. Entretanto, Deus os abençoou apesar do problema. Ele tinha então duas equipes evangelísticas, em vez de uma só.

O registro dessa desavença me lembra de outra que ameaçou separar dois líderes guardadores do sábado, em 1850. A questão foi a "pequena revista" da visão de Dorchester. Depois da visão, Ellen White disse ao marido – talvez de maneira pessoal – que ele deveria publicar um periódico que acabaria se tornando como "raios de luz clareando o mundo inteiro".

No entanto, Bates tinha uma opinião diferente quanto ao assunto. Ele tinha certeza de que o periódico de Tiago estava usando dinheiro que deveria ir para o evangelismo. White, por sua vez, achava que eram desperdiçados recursos em outras áreas que poderiam e deveriam ser empregados no custeio da publicação.

Tiago escreveu: "O irmão Bates me escreveu uma carta que me colocou lá embaixo. [...] Eu já estava sob forte pressão por causa do fardo que sentia em relação à revista." No entanto, a carta de Bates piorou as coisas: "o fardo ficou cada vez mais pesado sobre mim" e "decidi deixá-lo para sempre". "Penso" que a revista "acabará. [...] Acho que darei um tempo em tudo por agora."

A batalha prosseguiu ao longo da maior parte de 1850 e ameaçava destruir o adventismo do sétimo dia. O diabo nunca dorme, amigos. Depois de anos de luta

e sacrifício, Bates e Tiago White finalmente tinham uma mensagem para pregar e havia chegado a hora de fazer isso. O movimento não vacilou diante da personalidade pertinaz dos dois líderes. Em seu papel de mediadora dos dois, Ellen White temia que eles acabassem destruindo tudo aquilo que amavam. A boa notícia é que Deus os ajudou a lidar um com o outro e a resolver as diferenças.

As coisas não mudaram muito. A igreja do século 21 continua repleta de personalidades fortes, de indivíduos cheios de opinião própria. E o diabo ainda tenta causar divisão, mas Deus prossegue em Sua iniciativa de conciliar. Nós precisamos estar abertos ao impacto enternecedor de Seu Espírito.

Hinos Para o Povo Peculiar de Deus

E entoavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro. Apocalipse 15:3

Quando um movimento cristão começa a tomar forma definida, em geral, desenvolve o próprio hinário. Tiago White se lançou nessa tarefa para o adventismo do sétimo dia, publicando, em 1849, “Hinos Para o Povo Peculiar de Deus, que Guarda os Mandamentos de Deus e a Fé de Jesus”.

É claro que hinos e hinários nunca são neutros. Eles refletem a mensagem mais importante para aqueles que escrevem os cânticos e os compilam. Muitas pessoas aceitaram a doutrina cristã ortodoxa cantando, o mesmo se deu em relação à mensagem adventista no século 19.

Tiago White sabia do poder da música. Ele também reconhecia sua função doutrinária. Assim, não causa espanto descobrir que o primeiro hino da antologia de Tiago se chamava “Santo Sábado”. A mensagem do cântico fala por si só.

A pura e infalível Palavra de Deus,
Fonte sempre segura,
Seus estatutos, seus preceitos e suas leis
São escritos para a mente pura.

Ainda mais tarde [...]
Ouvimos o profeta dizer:
Atentai, não tema reprovação, [...]
Quem ao sábado resolve obedecer.

Pois assim disse o Deus todo-poderoso

No paraíso [...]

A Palavra seria guia garantido.

E se desta lei ele fugisse,

Seu passo por certo acabaria pervertido.

O santo sábado ali foi feito

E Deus o escolheu santificar;

Para nosso Deus obedecer,

Devemos esta ordem praticar.

Tempos depois, quando Moisés vivia,

Esta lei foi ratificada.

E todos quantos seguem a santa Palavra

Podem agora ter a vida santificada.

Aos que verdadeiramente descansam:

Cavalgarão nos altos da Terra

E entre os salvos serão sustentados.

Aqui estão os perseverantes

Que guardam puros os mandamentos.

Na cidade santa entrarão

Se até o fim se mantiverem atentos.

Então sigamos este caminho,

Até quando para Canaã voltarmos.

Lá andaremos em ruas de ouro

E naquele descanso permaneceremos.

Uma vez que o hinário de Tiago só trazia a letra, você precisa imaginar como o hino era cantado. No entanto, o poema não deixa dúvidas quanto à mensagem.

Mais Cânticos do Advento

Os resgatados do Senhor voltarão e virão a Sião com cânticos de júbilo; alegria eterna coroará a sua cabeça. Isaías 35:10

Como se pode imaginar, o hinário compilado por Tiago White continha vários cânticos sobre a segunda vinda e o Céu. Contudo, uma vez que a maioria das pessoas já era cristã antes de começar a guardar o sábado, ele parece não ter sentido necessidade de acrescentar muitos hinos sobre a graça e a adoração à majestade de Deus. Estes já eram bem conhecidos. Ao que tudo indica, a seleção de Tiago tinha o objetivo de suprir uma lacuna doutrinária. Alguns eram bem específicos, como o que se chamava simplesmente "Lava-pés".

Embora "Lava-pés" não tenha chegado à seleção atual do *Hinário Adventista do Sétimo Dia*, algumas das escolhas de Tiago ainda podem ser encontradas. Meu preferido é "Sou Peregrino e Forasteiro", número 334. Que tal cantá-lo agora?

Sou peregrino e forasteiro,

Uma noite aqui demoro e nada mais.

Não me detenhas, pois que vou indo

Lá na cidade pra onde eu sigo,

Meu Senhor, sim, meu Senhor é sua luz.

Lá não há pranto, não há tristeza,

Pra onde há fontes sempre fluindo.

Oh! Quanta glória lá brilha sempre!

Lá está meu anelante coração.

Aqui no mundo escuro e triste

Eu ando errante, e a dor existe.

Em tudo há graça, real beleza.

Ó terra triste, eu vou deixar-te,

Mas um dia voltarás à perfeição.

Por Cristo foste criada linda,

E restaurada serás ainda.

Coro:

“Sou peregrino e forasteiro,

Uma noite aqui demoro e nada mais.”

É verdade que nós, adventistas modernos, nos consideramos peregrinos e forasteiros nesta Terra, que só podem se demorar por uma noite? Para muitos de nós, a Terra se transformou em lar. Estamos confortáveis aqui. E gostamos disso. Afinal, pensamos conosco mesmos: “Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma” (Ap 3:17).

Até que a polícia bata à porta para contar o que aconteceu com nossa filha; ou o médico diga que temos câncer em fase avançada; ou, repentinamente, o cônjuge peça o divórcio. De uma hora para outra, voltamos à realidade. A Terra *não* é o nosso lar.

Ajuda-me hoje, Pai, a reavaliar as prioridades de minha vida.

Sonhos Providenciais

Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles. Apocalipse 21:3

Enquanto refletimos sobre os primeiros hinos adventistas, precisamos nos lembrar da vida curta, mas produtiva de Annie Smith, que contribuiu com três hinos para o *Seventh-day Adventist Hymnal* – "How Far From Home?" [Quão Longe do Lar?], "I Saw One Weary" [Vi Alguém Cansado] e "Long Upon the Mountains" [Longe nas Montanhas].

A mãe de Annie fora milerita e, em 1851, havia conhecido José Bates e passado a guardar o sábado. Ambos concordaram em orar por Annie, que não tinha interesse nenhum pelo adventismo. Pouco tempo depois, Bates se programou para fazer uma série de conferências perto da casa da moça. A mãe insistiu em que ela comparecesse, mas a filha não se interessou muito. Contudo, talvez para agradar a mãe, Annie concordou em ir.

Na noite anterior à reunião, Bates teve um sonho: todos os lugares estavam ocupados, com exceção de um, próximo à porta. Ele sonhou que mudou o tema que havia planejado, para falar do santuário. Eles cantaram o primeiro hino, oraram e cantaram mais um hino. Quando abriu a Bíblia e começou a ler "Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado", apontando para o desenho do santuário em seu grande quadro profético, a porta se abriu e uma jovem sentou-se na cadeira vazia. Bates também sonhou que aquela era Annie Smith, por quem ele e a mãe da moça vinham orando. Na mesma noite, Annie teve um sonho praticamente igual. Ela também se viu chegando atrasada, no momento em que o pregador começava a ler Daniel 8:14.

Quando chegou a noite da reunião, Annie saiu de casa com tempo de sobra, mas se perdeu e só conseguiu chegar na hora do segundo hino. Logo, sentou-se perto da porta assim que o pregador começava a ler a passagem com a qual ela havia sonhado.

Bates só lembrou do sonho quando a viu passando pela porta. Quando a reunião terminou, dirigiu-se a Annie, chamou-a de filha da Sra. Smith e contou que havia sonhado com ela na noite anterior. A vida de Annie Smith nunca mais seria a mesma. Naquela mesma noite, ela aceitou a mensagem adventista do sétimo dia.

Deus trabalha de maneiras extraordinárias. E ele continua a fazê-lo nos dias de hoje. Todos nós temos entes queridos que precisam entender melhor sobre o amor e cuidado de Deus. O mesmo Senhor que cuida de nós, vela também por nossos amados. Nunca deixemos de orar por eles!

Mais Sobre Annie Smith

E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram. Apocalipse 21:4

Ontem conhecemos Annie Smith no momento de sua conversão. Pouco depois, ela escreveu para a *Review and Herald*, em 21 de novembro de 1851: “Creio que deixei tudo para seguir ao Cordeiro onde quer que Ele vá. A Terra perdeu seus atrativos. Todas as minhas esperanças, alegrias e afeições estão concentradas nas coisas divinas, do alto.

“Só quero me sentar aos pés de Jesus e aprender dEle. Nenhuma outra ocupação me interessa além de estar a serviço do Pai celestial. Não encontro nenhum outro deleite além da paz de Deus, que excede todo entendimento.

“Louvado seja Seu nome por tudo que fez por mim. Sinto um doce antegozo das glórias do mundo melhor – uma ânsia por aquela herança – e estou determinada, pela graça de Deus, a superar todos os obstáculos, carregar a cruz e ignorar a vergonha para ter entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.”

Até aquele momento, todas as suas esperanças e ambições se concentravam na carreira do magistério em uma escola secundária. Na verdade, pouco antes de se converter, havia aceitado a oferta de uma posição de prestígio, com um excelente salário. Em suma, em 1851, ela tinha todas as coisas que havia almejado.

No entanto, depois de aceitar a mensagem do advento por intermédio de José Bates, todas as suas ambições mudaram. Ao ouvir que Tiago White precisava de ajuda para editar a *Review*, ofereceu-se para auxiliá-lo de graça, em troca apenas

de casa e comida. Estava empolgada em participar da obra do Senhor, a fim de ajudar outros a aprender sobre o reino vindouro.

Annie trabalhou com Tiago White por três anos, mas uma tuberculose pulmonar lhe ceifou a vida em 1855, aos 23 anos de idade. Um dia antes de sua morte, escreveu o prefácio do poema “Home Here and Home in Heaven” [Lar Aqui e Lar no Céu], agradecendo a Deus a obra que Ele lhe concedera aqui, mas com os olhos voltados para o Céu, à medida que seus dias “deixavam de fluir”.

A vida de Annie pode ter sido curta, mas sua influência perdura, sobretudo por meio de seus hinos e de seu irmão Uriah Smith, a quem sua experiência ajudou a levar para o Senhor, no final do ano de 1852.

Senhor, enquanto medito na vida de Annie Smith, ajuda-me a colocar meus valores e minhas prioridades na ordem certa. Entrego-me para Teu serviço hoje. Muito obrigado pela vida.

Morte e Ressurreição – 1

Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes com respeito aos que dormem. 1 Tessalonicenses 4:13

Algum tempo atrás, vimos como os primeiros guardadores do sábado descobriram as verdades bíblicas acerca do sétimo dia e das duas etapas do ministério de Cristo no santuário celestial, ensinos que integraram a compreensão deles sobre o segundo advento, baseada em Apocalipse 11:19–14:20. Essas três "colunas da verdade" se encontravam no centro do adventismo do sétimo dia.

Entretanto, os leitores detalhistas devem ter notado a falta de uma quarta coluna adventista em nossa discussão: aquilo que os adventistas tradicionalmente chamam de "o estado dos mortos". Precisamos entender como aqueles primeiros guardadores do sábado desenvolveram seu entendimento sobre o inferno e o que acontece com as pessoas quando morrem.

Tais assuntos perturbavam profundamente muitas pessoas. Veja o exemplo da jovem Ellen Harmon, que escreveu: "Em minha mente, a justiça de Deus eclipsava Sua misericórdia e Seu amor. Eu havia sido ensinada a crer num inferno continua- mente a arder, e o aterrorizante pensamento que estava sempre diante de mim era que meus pecados eram grandes demais para serem perdoados, e que eu estava perdida para sempre. As assustadoras descrições que eu ouvira sobre os perdidos, marcaram-me profundamente. No púlpito, os pastores pintavam quadros vívidos da condição dos perdidos. [...] Depois de torturá-los por milhares e milhares de anos, vagas ardentes levariam à superfície as contorcidas vítimas, que gritariam: 'Até quando, Senhor, até quando?' Então a resposta trovejaria no abismo: 'Por toda a eternidade!' [...]

“Nosso Pai celestial foi-me apresentado como um tirano que se deleitava nas agonias dos condenados, e não como o terno e compassivo Amigo dos pecadores; que ama Suas criaturas com amor que ultrapassa todo entendimento, e que deseja vê-los salvos em Seu reino. [...] Quando tomou posse de minha mente o pensamento de que Deus tinha prazer em torturar Suas criaturas, que haviam sido formadas à Sua imagem, uma cortina de trevas pareceu separar-me dEle” (T1, p. 23-25).

Nem é preciso dizer que a jovem Ellen era incapaz de conciliar o ensino tradicional sobre o inferno com o amor de Jesus. Contudo, tal pensamento piorava ainda mais as coisas, já que ela temia estar rejeitando a Palavra de Deus, tornando-se, portanto, ainda mais merecedora do inferno do que antes.

Senhor, ajuda nossa mente finita a compreender os ensinos difíceis das Escrituras.

Abril

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

Morte e Ressurreição – 2

Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor.
Romanos 6:23

Considerando as lutas de Ellen com o ensino tradicional sobre o inferno, não é de admirar que, mais tarde, tenha escrito: “Está além do poder do espírito humano avaliar o mal que tem sido feito pela heresia do tormento eterno. A religião da Bíblia, repleta de amor e bondade, e abundante de misericórdia, é obscurecida pela superstição e revestida de terror. [...] As opiniões aterrorizadoras acerca de Deus, que pelos ensinos do púlpito são espalhadas pelo mundo, têm feito milhares, e mesmo milhões de céticos e incrédulos” (GC, p. 536).

Preciso admitir que as mesmas questões me perturbavam. Tanto que, em 1997, escrevi um artigo para *Signs of the Times* [Sinais dos Tempos], intitulado “The Infinite Hitler” [O Hitler Infinito]. A ideia básica era que, se o ensino da tradição da igreja fosse verdadeiro, Hitler e Stalin pareceriam bem bonzinhos. Afinal, suas vítimas acabaram morrendo, ao passo que Deus queimaria as Suas em agonia consciente ao longo das intermináveis eras da eternidade. Outras pessoas devem ter reconhecido a lógica do artigo, pois recebeu o prêmio de mérito da Associated Church Press, em junho de 1998.

É claro que eu sabia que muitos outros concordariam, pois citei líderes intelectuais evangélicos como John R. W. Stott e Clark Pinnock, os quais rejeitaram o ponto de vista tradicional para aderir ao bíblico.

Mas qual é o ponto de vista bíblico? E como os adventistas chegaram a ele? Começaremos a analisar essas questões amanhã, mas primeiro é importante

saber se os seres humanos nascem ou não com a imortalidade. Os filósofos gregos dizem que sim, mas a Bíblia, embora admita que Deus a possua (1Tm 6:16), declara que os únicos seres humanos que a receberão são os que creem em Jesus e isso só acontecerá por ocasião do segundo advento de Cristo (1Co 15:51-55).

Imortalidade significa não estar sujeito à morte. Logo, se os ímpios a tivessem, por definição viveriam de alguma forma ao longo da eternidade; mas se não têm, deverão morrer, como diz Romanos 6:23 com toda clareza. Não há outras opções.

Senhor, agradecemos porque Tu só concedes o dom da imortalidade aos que creem em Jesus. Também somos gratos porque o pecado e os pecadores não são imortais.

Morte e Ressurreição – 3

Então, a serpente disse à mulher: É certo que não morrereis.
Gênesis 3:4

Duas vertentes levaram a verdade bíblica sobre a morte e o inferno para o adventismo do sétimo dia. George Storrs, que conhecemos anteriormente como um dos principais a propor o movimento do sétimo mês, estimulou uma delas. Em 1837, Storrs havia encontrado um livro de Henry Grew sobre o destino final dos ímpios. Grew argumentava em favor da "extinção completa do ser, em vez da preservação infinita do pecado e do sofrimento".

Até aquela ocasião, Storrs nunca duvidara de que as pessoas possuíssem uma alma imortal. Entretanto, a obra de Grew o impulsionou a um estudo completo do assunto na Bíblia. O resultado foi que Storrs "ficou convicto de que o ser humano não tem a imortalidade por criação, nem por nascimento. Ele começou a crer naquilo que os teólogos chamam de condicionalismo (isto é, as pessoas recebem a imortalidade somente sob a condição da fé em Cristo) e aniquilacionismo (a destruição final e eterna dos ímpios, em vez da preservação da vida deles no fogo do inferno ao longo das eras sem fim).

O ensino de tais doutrinas colocou Storrs em conflito com o metodismo e contribuiu para sua decisão de resignar o ministério em 1840. Storrs expressou seu ponto de vista em livros como "Uma Investigação: A Alma dos Ímpios É Imortal? Em Seis Sermões", de 1842. Ele declarou que a afirmação do diabo para Eva no jardim do Éden, "é certo que não morrereis", foi a maior de todas as mentiras.

Em 1842, Storrs se tornou milerita por meio do ministério de Charles Fitch. Infelizmente, todos os líderes mileritas, com exceção de Fitch, rejeitaram de

forma veemente o ponto de vista de Storrs. Em 25 de janeiro de 1844, Fitch lhe escreveu acerca de suas convicções: “Como você tem lutado sozinho a batalha do Senhor na questão do estado dos mortos e da destruição final dos ímpios, escrevo para dizer que, afinal, depois de muito estudo, oração e convicção plena de meu dever perante Deus, estou preparado para me posicionar a seu lado. Estou totalmente convertido à verdade bíblica de que ‘os mortos não sabem coisa nenhuma.’”

Sem querer esconder sua luz “debaixo de uma vasilha”, Fitch logo pregou dois sermões sobre o assunto para sua igreja. “Eles provocaram um grande alvoroço”, escreveu ele a Storrs. “Muitos já achavam antes que eu era endemoniado, mas agora têm certeza. Contudo, meu irmão, não tenho direito de me envergonhar da verdade de Deus sobre esse assunto, nem sobre nenhum outro.”

Morte e Ressurreição – 4

Gostaríamos de saber que novo ensinamento é esse que você está trazendo para nós. Pois você diz algumas coisas que nos parecem esquisitas, e nós gostaríamos de saber o que elas querem dizer. Atos 17:19, 20, NTLH

Os ouvintes de Paulo, em Atenas, tinham o desejo de aprender mais sobre a nova doutrina que o apóstolo ensinava. Contudo, o mesmo não se pode dizer a respeito dos líderes mileritas em relação à compreensão de Storrs sobre o estado dos mortos.

No dia 7 de maio de 1844, Miller publicou uma carta descartando "qualquer conexão, apoio ou simpatia às opiniões do irmão Storrs no que se refere ao estado intermediário e ao fim dos ímpios". Em abril, Josiah Litch chegou ao ponto de publicar um periódico chamado "O Antianiquilacionista". A postura geral de Miller era ficar longe do assunto. Jesus voltaria dentro de poucas semanas e, então, todos saberiam a verdade em relação ao tema. Tais pronunciamentos, é claro, não contribuíram muito para calar Storrs e seus colegas.

E o ímpeto deles deu fruto. Nos anos seguintes, as duas maiores denominações que sairiam do milerismo – os cristãos do advento e os adventistas do sétimo dia – adotariam tanto o condicionalismo quanto o aniquilacionismo.

Os ensinos de Storrs foram um dos caminhos que trouxeram o condicionalismo para o adventismo. O outro foi a Conexão Cristã. Elias Smith, um dos fundadores dessa igreja, aceitara tal ensino no início do século. Muitos membros dessa denominação, no desejo de restaurar todos os ensinos perdidos

da Bíblia, enfatizavam o condicionalismo e o aniquilacionismo. Tal postura influenciara Tiago White e José Bates, uma vez que ambos haviam sido membros da Conexão Cristã.

Esse posicionamento também atrairia a jovem Ellen Harmon, depois que sua mãe o aceitou na igreja de Casco Street, em Portland, Maine. Depois de ouvir a mãe argumentar com uma amiga, ela investigou o tema na Bíblia e aderiu a ele. Tais *insights* levaram grande alívio a sua mente e seu coração. Além de dissipar as dúvidas quanto ao amor e à justiça de Deus, ajudou-a a entender o motivo da ressurreição. Afinal, conforme ela própria expressou, “se, por ocasião da morte, o corpo entrasse na felicidade ou no tormento eternos, qual seria a necessidade de ressurreição da pobre matéria decomposta?” (LS, p. 49, 50).

Assim, os três fundadores do adventismo do sétimo dia eram condicionalistas desde o início do movimento.

Obrigado, Senhor, por Tuas promessas grandiosas e pelas crenças com sentido vital e consistente.

As Colunas Doutrinárias

Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina. Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina. 2 Timóteo 4:2, 3

No início de 1848, os líderes adventistas do sétimo dia haviam chegado a uma concordância geral em relação a pelo menos quatro pontos doutrinários, por meio do estudo extensivo e intensivo da Bíblia:

1. Retorno pessoal, visível e pré-milenar de Jesus.

2. A purificação do santuário celestial, com o ministério de Cristo no segundo compartimento, que começara em outubro de 1844 – o início do antitípico Dia da Expiação.

3. O dever de guardar o sábado, o sétimo dia, e seu papel no grande conflito no contexto do tempo do fim, profetizado em Apocalipse 12–14.

4. A imortalidade não como qualidade não inerente, mas, sim, algo que as pessoas recebem somente mediante fé em Cristo.

Os adventistas sabatistas, posteriormente conhecidos como adventistas do sétimo dia, passaram a considerar tais ensinos como “marcos” ou “colunas” doutrinárias. Esse conjunto de crenças separa essa ramificação do adventismo não só dos outros mileritas, mas dos cristãos de modo geral. Essas quatro doutrinas distintivas se encontravam no coração do adventismo do sétimo dia em desenvolvimento, definindo-o como um movimento e um povo diferenciado. As chamadas colunas doutrinárias formavam o cerne inegociável da teologia adventista.

O leitor cuidadoso pode se perguntar por que eu não incluí a doutrina dos dons espirituais e sua relação com Ellen White na lista acima. Embora se trate de uma perspectiva adventista única, o assunto só passou por tentativas de formulação doutrinária nas décadas de 1850 e 1860. Além disso, a própria Ellen White não considerava tal ensino uma das colunas.

É claro que os guardadores do sábado compartilhavam diversas crenças com outros cristãos, como a salvação pela graça mediante a fé no sacrifício de Jesus e a eficácia da oração. Contudo, nos primeiros anos, o ensino adventista se concentrava naquilo que diferia dos outros cristãos, não nas semelhanças.

Tal omissão acabaria causando problemas teológicos com os quais teriam de lidar nos anos 1880. Falaremos mais sobre esse assunto depois.

Por enquanto, podemos agradecer a Deus a clareza dos fundadores do adventismo do sétimo dia em seu estudo teológico. A boa notícia é que o sistema de crenças proposto por eles faz todo sentido.

Privação Financeira

Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus. Romanos 12:1

É mais fácil ser um sacrifício morto do que vivo. Pelo menos, com a morte, o sacrifício termina; em vida, porém, ele continua. Foi isso que aconteceu com os fundadores do adventismo.

Conforme já mencionamos, Bates tinha certa riqueza, mas depois de doar tudo para o milerismo, exceto a própria casa, passou o resto da vida em grandes apertos.

No entanto, ele não foi o único. Em abril de 1848, Tiago White escreveu que tudo que ele e Ellen possuíam, “incluindo roupas, lençóis e mobília, cabia em um baú de 90 centímetros, cheio somente até a metade. Nada tínhamos para fazer além de servir a Deus e ir aonde Ele abrisse o caminho para nós”.

Contudo, viajar não era fácil naquela época, principalmente para alguém sem recursos. José Bates, por exemplo, sentiu a forte impressão, no início de 1849, de que era seu dever pregar a mensagem em Vermont. Sem dinheiro, ele decidiu ir andando do sul de Massachusetts até lá.

No entanto, ele não era o único convicto acerca dessa viagem missionária. Sarah, irmã de Ellen White, sentiu a forte impressão de que deveria ajudá-lo, pediu adiantamento de salário para o patrão e ainda resolveu trabalhar a mais, ganhando 1 dólar e 25 centavos por semana, a fim de custear as despesas de Bates.

A viagem deu frutos. Tiago White escreveu que Bates “passou por dificuldades, mas Deus esteve com ele e muito bem foi realizado. Ele instruiu

um número considerável de pessoas na questão do sábado, deixando tantos outros convictos a esse respeito".

Para nós que vivemos em uma época mais próspera, é difícil entender as privações enfrentadas pelos primeiros adventistas para cumprir a missão. Mais tarde, Tiago White comentou que "os poucos que ensinavam a verdade viajavam a pé, na segunda classe de trens ou no convés de barcos a vapor, por falta de recursos". Ellen White comentou que tais viagens os expunham à "fumaça dos cigarros, [...] além do praguejar e da conversação vulgar da tripulação e dos viajantes de camada social inferior" (T1, p. 77). À noite, muitas vezes eles dormiam no chão, em caixas de carga ou sacas de grãos, usando a mala como travesseiro e o casaco como cobertor. No inverno, caminhavam pelo convés para manter-se aquecidos.

E nós imaginamos que temos uma vida difícil, de sacrifícios! Pense mais uma vez. A maioria de nós não faz a menor ideia dos sacrifícios que foram necessários para a consolidação de nossa igreja.

A Tentação de Marcar Datas – 1

Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos Céus, nem o Filho, senão o Pai. Mateus 24:36

A despeito das claras palavras de Jesus sobre o assunto e da crise milerita na tentativa de marcar a data do segundo advento, era uma constante tentação para os adventistas descobrir a data do advento ou chegar o mais próximo possível disso. Precisamos admitir que é uma possibilidade empolgante, mas o fracasso inevitável tem um efeito perturbador sobre a igreja e seus membros.

Após a falha da predição de que Cristo voltaria em outubro de 1844, parecia natural para os adventistas desapontados continuarem a marcar datas para tal acontecimento com base em diversas profecias. Assim, Guilherme Miller e Josiah Litch passaram a esperar o retorno de Jesus antes do fim do ano judaico de 1844 (isto é, até a primavera de 1845). H. H. Gross, Joseph Marsh e outros projetaram datas em 1846 e, quando esse ano terminou, Gross encontrou motivos para esperar por Cristo em 1847.

Os primeiros adventistas guardadores do sábado não estavam imunes à marcação de datas. Em setembro de 1845, Tiago White acreditava com firmeza que Jesus viria no décimo dia do sétimo mês judaico, em outubro daquele ano. Foi por esse motivo que ele argumentou publicamente que o casal adventista que anunciava seu casamento havia “negado a fé” no segundo advento, uma vez que “tal passo parecia antever anos de vida neste mundo”.

Contudo, “alguns dias antes que passasse o tempo esperado”, relembra Tiago, “eu me encontrava em Fairhaven e Darthmouth, Massachusetts, com uma mensagem sobre esse assunto de datas. Ellen estava com o grupo em Carver, Massachusetts, onde teve uma visão de que nós seríamos desapontados, e os

santos deveriam passar pelo ‘tempo da angústia de Jacó’, ainda no futuro. A visão da angústia de Jacó foi algo completamente novo para nós e para ela também”.

Parece que tal experiência curou Tiago White da tentativa de especular sobre a data do segundo advento. No entanto, como veremos amanhã, ela certamente não impediu José Bates.

Os discípulos também queriam que Jesus fizesse isso, como está relatado em Mateus 24, mas Ele Se recusou e continua a Se recusar. Essa é uma lição importante, que precisamos aprender.

A Tentação de Marcar Datas – 2

Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor. Mateus 24:42

Será que Jesus está certo disso? “Com certeza, deve haver alguma maneira de determinar o tempo, pelo menos para nós, adventistas fiéis.”

Era o que José Bates pensava, em 1850. O fato de o tempo passar certamente o desanimava. Afinal, seis longos anos haviam decorrido desde o desapontamento milerita. É claro que ele conseguiria descobrir a data se trabalhasse duro o bastante. E em 1850, Bates estava certo de que alcançara isso.

Naquele ano, ele escreveu: “Tenho toda convicção de que as sete manchas de sangue no altar de ouro diante do propiciatório representam a duração dos procedimentos judiciais ligados aos santos vivos no lugar santíssimo.”

Muitos de nós já ouvimos falar sobre o princípio bíblico de um dia corresponder a um ano na interpretação profética. Entretanto, Bates criou um método novo: o princípio de uma mancha de sangue correspondente a um ano! Usando sua “nova luz”, ele concluiu que o julgamento pré-advento duraria sete anos e terminaria em outubro de 1851, ocasião em que Cristo voltaria.

Considerando sua influência dentro dos círculos dos guardadores do sábado, Bates logo arrebanhou seguidores desse novo esquema, mas o casal White resistiu à ideia com firmeza.

Em novembro de 1850, Ellen declarou publicamente: “O Senhor me mostrou que o tempo não é uma prova desde 1844 e nunca mais será” (PT, novembro de 1850).

No dia 21 de julho de 1851, quando a empolgação pelo assunto crescia, ela

escreveu na *Review and Herald*: “O Senhor me mostrou que a mensagem do terceiro anjo deve prosseguir e ser proclamada aos filhos dispersos do Senhor, e que ela não deve se basear no tempo; pois o tempo nunca mais será uma prova. Vi que alguns estavam recebendo uma falsa animação proveniente da pregação sobre o tempo e que a terceira mensagem angélica é mais forte do que o tempo. Observei que essa mensagem pode se firmar em bases próprias, não necessitando do tempo para fortalecê-la, e que ela deve prosseguir em poder a fim de fazer sua obra.”

A igreja de hoje precisa dar ouvidos a esses *insights*. Ao olhar para o adventismo, vejo um povo que esqueceu o poder de sua mensagem. Lembro-me como a impetuosidade do fluxo temporal no Apocalipse mexeu comigo quando o compreendi pela primeira vez quase 50 anos atrás. Os anos não diminuíram seu poder. Uma das maiores necessidades do adventismo atual é recuperar sua mensagem.

A Tentação de Marcar Datas – 3

Depois de muito tempo, voltou o senhor daqueles servos e ajustou contas com eles. Mateus 25:19

Ontem vimos José Bates lutando com toda força com o aspecto da "tardança" do sermão de Jesus em Mateus 24 e 25. Com base no princípio de uma mancha de sangue por ano, ele determinou que Jesus voltaria em outubro de 1851. Também percebemos que Ellen White questionou Bates, mas ela não havia terminado. Ouçamos um pouco mais.

Na *Review* de 21 de julho de 1851, escreveu: "Vi que alguns faziam tudo para se inclinar para o período do próximo outono, isto é, baseando seus cálculos em referência a esse momento. Vi que isso estava errado, por este motivo: Em vez de ir a Deus todos os dias para conhecer seu dever presente, eles olham para frente e fazem cálculos como se soubessem que a obra terminaria neste outono, sem perguntar a Deus todos os dias qual é seu dever."

No mês seguinte, Tiago foi bem claro com Bates, afirmando que fora contra seu ensino de datas desde o início, um ano antes. Referindo-se especificamente à teoria do outro pioneiro, Tiago escreveu: "Alguns que espalham tal ensino são por nós muito estimados, e os amamos 'com todo fervor' como irmãos. Sentimos que nos demoramos muito em dizer algo que possa magoar seus sentimentos; no entanto, não podemos deixar de dar alguns motivos por que não aceitamos a questão do *tempo.*" Então ele mencionou seis razões que o levavam a crer que Bates estava errado.

O confronto combinado dos White parece ter convencido Bates (que cria no dom profético de Ellen) de que estava errado quanto à questão de datas. Pouco depois, ele e a maioria dos que o haviam seguido abandonaram a ênfase. O

resultado foi que, no início de setembro, Tiago pôde constatar que “o tempo de sete anos” não era mais assunto em sua recente viagem pelas igrejas. Alguns, porém, conforme Ellen observou em novembro, se apegaram à expectativa do tempo e se encontravam muito “abatidos e sombrios”, confusos e perturbados (Ct 8, 1851).

A crise das “sete manchas” fez Bates superar a marcação de datas. Depois disso, embora ele considerasse que o fim estava próximo, nunca mais marcou data

Que pena que alguns de seus seguidores espirituais não entenderam esse aspecto! A tentação de definir datas, com a empolgação resultante e o desapontamento final, continua entre nós. Infelizmente, muitos adventistas estão mais interessados na agitação do segundo advento do que no “dever presente”. As bênçãos de Deus só podem ser esperadas se invertermos nossas prioridades.

Senhor, ajuda-nos a conhecermos hoje o nosso “dever presente”.

A Tentação de Marcar Datas – 4

E, tardando o noivo, foram todas tomadas de sono e adormeceram. Mateus 25:5

A reação de Ellen White à postura de Bates, em 1851, não foi sua primeira manifestação contrária à marcação de datas. Desde 1845, ela advertia repetidas vezes aos irmãos que o tempo não era mais uma prova e, cada vez que passava uma data sugerida, enfraquecia a fé daqueles que nela haviam depositado sua esperança. Até mesmo sua primeira visão dava pistas de que a cidade poderia se encontrar "muito longe". Em resposta a sua posição referente à marcação de datas, alguns a acusaram "de ser como o mau servo que dizia em seu coração: 'Meu Senhor tarde virá'" (PE, p. 14, 15, 22).

Ela tinha certeza de que a terceira mensagem angélica provia um alicerce mais sólido para sua fé do que a marcação de datas. Além disso, ao comentar o assunto das datas, ela sempre afastava os guardadores do sábado da empolgação quanto ao momento marcado, em direção a seu dever presente na Terra. Com o tempo, tal ênfase proveu a justificativa para a criação de instituições que poderiam levar o adventismo do sétimo dia a todos os cantos do planeta. Jesus é claro quanto à questão de marcar datas, em Mateus 24. Por conta disso, Ellen White expõe os problemas ligados a essa prática.

No entanto, adventistas do sétimo dia marcadores de datas continuam em sua tentativa desesperada de manter a empolgação. Lembro-me de 1964. Muitos tinham certeza de que Jesus voltaria naquele ano porque a Bíblia ensinava que "assim como foi nos dias de Noé, será também nos dias do Filho do Homem" (Lc 17:26). E Noé não pregara sua mensagem por 120 anos até o dilúvio chegar? Então pronto! Era isso! Os adventistas vinham pregando sua mensagem por 120

anos desde 1844. A “prova” era conclusiva. Jesus retornaria em 1964, provavelmente no dia 22 de outubro.

Então veio o ano 2000, o início do sétimo milênio, o milênio sabático de descanso celestial. Pessoas de todas as partes se empolgaram com isso. Por volta daquele ano, um livro adventista que ficou entre os mais vendidos chegou ao mercado mostrando um relógio indicando poucos minutos para a meia-noite, quando chegaria o Noivo.

É triste o fato de muitos adventistas continuarem vulneráveis à marcação de datas e desligados de seu “dever presente”. Infelizmente, entendem ao contrário a mensagem de Jesus em Mateus 24 e 25.

Ajuda-nos, Senhor, a desejar alimento sólido, em vez de açúcar espiritual.

Alternativa à Marcação de Datas – 1

Disse-lhe o senhor: Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor.
Mateus 25:21

Em Mateus 24 e 25, há um sermão estranho! Encontramos os discípulos perguntando a Cristo sobre a destruição do templo e pedindo um sinal de Seu retorno e do fim de todas as coisas. Sendo bem claro, preciso dizer que a resposta de Jesus deve ter sido frustrante. Para começar, Ele alistou uma série de "sinais" que ocorrem em todas as eras, como guerras, terremotos e fomes; em seguida, prosseguiu afirmando que "ainda não é o fim", "porém tudo isto é o princípio das dores" (Mt 24:6, 8).

Além disso, Cristo mencionou, ao mesmo tempo, acontecimentos ligados à destruição de Jerusalém, em 70 d.C., e ao segundo advento. E como se não bastasse, disse-lhes que ninguém, a não ser Deus, sabe a hora desse evento (v. 36). Jesus concluiu sua exposição, após o pedido por um sinal, com uma admoestação: "Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor" (v. 42). Ele também poderia muito bem ter dito: "Não se preocupem com o tempo."

Naquele momento, em Seu sermão, Jesus deixou de lado os sinais e passou a abordar o que mais precisava falar a Seus discípulos que desejavam a chegada do fim o mais rápido possível. A partir do versículo 43, Cristo conta cinco parábolas que se movem progressivamente ao que eles mais *necessitavam* ouvir, em vez daquilo que mais *queriam* ouvir (isto é, quão próximo estava o fim).

A primeira parábola (v. 43, 44) apenas lhes orienta a vigiar, uma vez que não conheciam a hora do segundo advento. A segunda (v. 45-51) diz que eles tinham

deveres a cumprir enquanto vigiavam e esperavam, e que o tempo demoraria mais do que imaginavam. A terceira (Mt 25:1-13) continua o tema da vinda tardia, ressaltando a necessidade de preparo para o evento. A quarta parábola (v. 14-30) ressalta como eles deveriam se preparar. Necessitavam desenvolver e colocar em prática seus talentos com fidelidade. E o clímax das parábolas – a que fala das ovelhas e dos cabritos (v. 31-46) – declara de maneira explícita a natureza essencial do trabalho que deveria ser feito no período de espera e vigilância.

Em outras palavras, Jesus afasta toda a discussão acerca do tempo preciso e a dirige ao "dever presente". John Wesley, fundador do metodismo, entendeu o que Cristo queria dizer. Quando alguém lhe perguntava o que ele faria hoje caso tivesse a certeza de que Jesus voltaria amanhã, respondia que faria exatamente o que havia planejado.

Senhor, ajuda-nos a reconhecer que estar prontos não significa empolgação, mas o cumprimento de Tua vontade enquanto vivemos neste mundo.

Alternativa à Marcação de Datas – 2

Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes Meus pequeninos irmãos, a Mim o fizestes. Mateus 25:40

Como ser um adventista fiel? Essa é a pergunta crucial. Os discípulos e os primeiros cristãos, como muitos de nós atualmente, queriam passar o tempo todo em empolgação emocional. No entanto, Jesus procurou direcionar a atenção deles a uma esfera mais sóbria do viver cristão no mundo cotidiano.

Ontem encerramos com a parábola das ovelhas e dos cabritos, em Mateus 25:31-46. Ellen White compreendeu o sentido das palavras de Cristo ao escrever: “Assim descreveu Cristo aos discípulos, no monte das Oliveiras, as cenas do grande dia do juízo. E apresentou sua decisão como girando em torno de um ponto. Quando as nações se reunirem diante dEle, não haverá senão duas classes, e seu destino eterno será determinado pelo que houverem feito ou negligenciado fazer por Ele na pessoa dos pobres e sofredores. [...] Aqueles que Cristo louva no juízo, talvez tenham conhecido pouco de teologia, mas nutriram Seus princípios. Mediante a influência do divino Espírito, foram uma bênção para os que os cercavam. Mesmo entre os gentios existem pessoas que têm cultivado o espírito de bondade; antes de lhes haverem caído aos ouvidos as palavras de vida, acolheram com simpatia os missionários, servindo-os mesmo com perigo da própria vida. Há, entre os gentios, pessoas que servem a Deus ignorantemente, a quem a luz nunca foi levada por instrumentos humanos; todavia não perecerão. Conquanto ignorantes da lei escrita de Deus, ouviram Sua voz a falar-lhes por meio da natureza, e fizeram aquilo que a lei requeria. Suas obras testificam que o Espírito Santo lhes tocou o coração, e são reconhecidos como filhos de Deus” (DTN, p. 637, 638).

O Espírito Santo tem tocado seu coração? Onde está seu foco como adventista? Na empolgação do último pregador que convence a igreja da proximidade do advento? Ou no “dever presente” enquanto aguardamos tal acontecimento?

Devo admitir que, por definição, a empolgação é mais cativante; porém, o “dever presente” é mais cristão.

De acordo com Jesus, o verdadeiro adventista não é aquele que só consegue pensar em como a vinda de Cristo está próxima, mas, sim, aquele que vive o amor de Deus enquanto espera, aguarda e vigia a chegada desse dia.

Hoje, meu amigo, Jesus quer que cada um de nós dedique mais uma vez a própria vida à missão de ser cristãos neste mundo, enquanto aguardamos o vindouro.

Mudança Sobre a Porta Aberta – 1

Eis que tenho posto diante de ti uma porta aberta.
Apocalipse 3:8

Os primeiros guardadores do sábado eram adventistas da “porta fechada”. Miller tirou a expressão “porta fechada” de Mateus 25:10, para referir-se ao fim do tempo da graça, antes da chegada do Noivo. Outra forma de expressar é dizer que Miller acreditava que todas as pessoas já terão tomado uma decisão a favor ou contra Jesus antes de Sua segunda vinda e que não haverá uma segunda chance após esse acontecimento. Trata-se de um ensino bíblico sensato.

Entretanto, a concepção de Miller acerca da porta fechada tinha um problema embutido. Ele havia relacionado o segundo advento ao fim das 2.300 tardes e manhãs de Daniel 8:14. Portanto, cria que, no final de 1844, a porta da graça havia se fechado, no dia 22 de outubro, e, por isso, a obra de pregar o evangelho aos pecadores terminara. Assim, mais nenhum pecador se converteria.

Todos os primeiros adventistas guardadores do sábado, sem exceção, acreditavam na ideia da porta fechada. Contudo, conforme vimos anteriormente, o estudo da Bíblia logo os levou a concluir que a purificação do santuário não era o segundo advento, mas estava ligada ao ministério de Cristo no santuário celestial.

Naquele momento, eles se viram tentando sustentar uma teologia que não se encaixava mais. Haviam mudado a interpretação da purificação do santuário, porém não reinterpretaram o instante do fechamento da porta. No entanto, a transformação de uma crença exigia a mudança da outra, mas tal ideia não ficou clara de imediato para os guardadores do sábado.

Foi só no início dos anos 1850 que eles chegaram a uma posição harmônica

sobre o assunto. Entretanto, a mudança não ocorreu a princípio por terem percebido que erraram. Em vez disso, enfrentaram outro problema que não se resolvia. Quer gostassem quer não, continuavam a receber conversos que não haviam passado pela experiência milerita. A princípio, pensaram que deveriam se recusar a batizá-los. Isso aconteceu com Joseph H. Waggoner, que mais tarde se tornou um líder ministerial dos adventistas do sétimo dia.

Foi a realidade desses conversos que levou os guardadores do sábado de volta à Bíblia para reestudar o assunto. No fim de 1851, perceberam o erro cometido. O resultado foi a conclusão de que verdadeiramente a porta da graça se fecharia antes do advento, mas que tal evento ainda estava por ocorrer. Esse *insight* abriu as portas para que a mensagem fosse espalhada a todos.

É realmente bom saber que Deus nos guia mesmo em meio a nossas confusões!

Deus Usa Até Nossos Erros

O Senhor Deus me disse: "Eu lhe ensinarei o caminho por onde você deve ir; Eu vou guiá-lo e orientá-lo." Salmo 32:8, NTLH

Servimos a um Deus cheio de graça. Se eu precisasse lidar com pessoas que não conseguem enxergar os próprios erros, provavelmente as ignoraria ou as faria pagar o preço por seus problemas. Com certeza, não as abençoaria apesar de seus erros. Todos podemos ser gratos porque Deus não é como nós. O Deus a quem servimos nos abençoa a despeito de quem nós somos. O evangelho nos ensina que o Senhor usa até mesmo nossos erros.

Foi isso que aconteceu na experiência da porta fechada. Os guardadores do sábado defendiam um erro teológico grave e óbvio. Afinal, durante o período da porta fechada da história do adventismo, eles criam que o alcance evangelístico do movimento se restringia àqueles que haviam aceitado a mensagem milerita dos anos 1830 e início da década de 1840, uma vez que a porta da graça se encontraria fechada para todos os outros.

No entanto, Deus usou esse erro para o bem do movimento. Primeiro, Ele orientou o pequeno grupo de guardadores do sábado a usar aquele período da história para construir uma base teológica sólida. Assim, gastaram um pouco dos escassos recursos em evangelismo até terem uma mensagem. Segundo, depois de desenvolverem sua identidade teológica, restringiram o evangelho aos outros mileritas, dos anos 1848 a 1851. Foi só depois de firmarem um alicerce teológico sólido e um significativo grupo central de membros é que eles passaram a evangelizar a população em geral e posteriormente os confins da Terra.

Ao recordar a era da porta fechada na história do adventismo, considero-a uma etapa necessária para o desenvolvimento do movimento. Deus estava guiando Seu povo passo a passo para a construção de uma plataforma firme, a partir da qual lançaria uma missão “a cada nação, e tribo, e língua, e povo” (Ap 14:6).

Deus nos abençoa de diversas maneiras. Esse é o evangelho, as boas-novas. E você, amigo? Tem paciência com os que demoram a aprender? Será que nós temos o mesmo espírito? Será que o desejamos? Desafio cada um de nós hoje a aplicar a graça divina em nosso viver diário com a esposa, o marido, os filhos e membros da igreja.

Ajuda-nos, Pai, a ser uma bênção, uma inspiração positiva até mesmo quando as pessoas ao nosso redor cometem erros sérios.

Mudança Sobre a Porta Aberta – 2

Estas coisas diz o santo, o verdadeiro, aquele que tem a chave de Davi, que abre, e ninguém fechará, e que fecha, e ninguém abrirá. Apocalipse 3:7

Um dos acontecimentos mais significativos para o adventismo do sétimo dia foi a mudança da porta fechada para a porta aberta, no início dos anos 1850.

Antes de analisarmos a nova posição, é necessário resumir os vários significados que eles atribuíam ao antigo ponto de vista: (1) a porta da graça teria se fechado em 22 de outubro de 1844; (2) uma profecia se cumprira nessa data; e (3) a missão evangelística deles após esse período se restringia aos que haviam sido mileritas.

A maioria das discussões sobre o assunto se concentrava no primeiro e no terceiro pontos, mas o segundo era igualmente importante.

No entanto, conforme observamos antes, o cumprimento da profecia certamente não era o segundo advento. Logo, a porta da graça não havia se fechado. O resultado é que eles acabaram reconhecendo o erro do primeiro ponto e abriram mão da interpretação da porta fechada.

Tal conclusão os levou a mudar de ideia quanto ao terceiro ponto. Desde a visão de Ellen White, em novembro de 1848, a respeito da mensagem do advento se espalhando pelo mundo como raios de luz, a percepção de uma missão com portas abertas começou a despontar aos poucos entre os relutantes fiéis. Eles passaram a ver, progressivamente com mais clareza, que tinham uma mensagem do tempo do fim para todo o mundo, não só para os ex-mileritas.

Conforme Ellen White expressou em março de 1849: “Mostrou-se-me então [...] que o tempo para os mandamentos de Deus brilharem em toda a sua

importância [...] seria quando a porta fosse aberta no lugar santíssimo do santuário celestial, onde está a arca que contém os Dez Mandamentos.” Segundo essa visão, em 1844, Jesus Se levantou, fechou a porta do lugar santo e abriu a do santíssimo: “Vi que Jesus havia fechado a porta do lugar santo, e que nenhum homem poderia abri-la; e que Ele havia aberto a porta para o santíssimo, e que homem algum podia fechá-la” (PE, p. 42). Com essa abertura, chegou o discernimento sobre uma nova mensagem a respeito do sábado e de assuntos proféticos relacionados que acabariam levando os guardadores do sábado até as extremidades da Terra.

No que se refere à missão, o adventismo nunca mais seria o mesmo. Diante do movimento estava uma missão com portas abertas. Esses mensageiros tinham uma mensagem que o mundo precisava ouvir antes do advento de Jesus nas nuvens.

A Mensagem Aperfeiçoada

Pois o Cordeiro que Se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida.
Apocalipse 7:17

O revisionismo fez parte da progressão do movimento da guarda do sábado nos anos 1850, à medida que seus integrantes começaram a analisar mais uma vez alguns de seus conceitos e ajustá-los da maneira apropriada.

Foi isso que aconteceu com a questão da porta fechada, conforme vimos ontem. Assim, no início de 1852, Tiago White podia proclamar: “Essa porta aberta nós ensinamos e convidamos a todos que têm ouvidos a ouvirem, a se dirigirem a ela e encontrarem salvação mediante Jesus Cristo. Há glória excelsa na visão de que Jesus abriu a porta para o santíssimo. [...] Se disserem que somos da teoria da porta aberta e do sábado, do sétimo dia, não nos oporemos, pois essa é nossa fé.”

Durante o início dos anos 1850, ele e outros guardadores do sábado se alegravam não só pela guia progressiva de Deus, mas também pela beleza de sua mensagem e a magnitude da missão que o Senhor colocou diante deles.

Havia vitalidade na atitude deles. Não sentiram medo de admitir que haviam cometido um erro. Além de permanecerem firmes nas crenças que defendiam por causa do estudo cuidadoso da Bíblia, estavam dispostos a adaptar aquelas que o tempo e o estudo adicional demonstrassem ser equivocadas.

Algumas pessoas pensam que a mensagem da Igreja Adventista do Sétimo Dia já nasceu com pleno desenvolvimento lá na década de 1840.

Nada poderia ser mais falso. O sistema adventista de crença é um aspecto dinâmico do movimento. À medida que Deus conduz, a denominação tem se

mostrado disposta a seguir. Por isso, a compreensão das verdades bíblicas e da missão cresceu e se expandiu ao longo do tempo. Baseando-se naquilo que comprovadamente é sólido, inclusive em suas colunas doutrinárias centrais e na compreensão do desenrolar das profecias de Apocalipse 12:1 a 14:20, os adventistas continuam a ajustar seu sistema de crenças para corresponder a um entendimento mais adequado da mensagem bíblica e das necessidades de um mundo pecador.

E a transformação ainda não acabou. Deus continuará a conduzir Seu povo até o dia em que virmos Cristo voltando nas nuvens.

Pai, nós Te agradecemos por Tua orientação no passado. E aguardamos ansiosos Tua guia no futuro. Ajuda-nos a ter a mente aberta e o coração pronto à medida que nos diriges passo a passo.

O Ajuste da Segunda Mensagem Angélica – 1

Um segundo anjo seguiu o primeiro, dizendo: – Caiu! Caiu a grande Babilônia! Ela embriagou todos os povos, dando-lhes o seu vinho, o vinho forte da sua terrível imoralidade!
Apocalipse 14:8, NTLH

Até que ponto os adventistas do sétimo dia devem cooperar com outras denominações cristãs? A igreja e seus membros devem participar de projetos sociais com outras denominações? Caso sim, por quê?

Tais perguntas são importantes. Afinal, nossos primeiros companheiros de fé não ensinavam que todas as outras igrejas fazem parte da Babilônia caída de Apocalipse 14:8 e 18:1-4?

É certo que sim. E por causa desse ensino, o adventismo ainda enfrenta tensão em vários subgrupos quanto à problemática da cooperação com outros cristãos. Felizmente, a história do adventismo lança bastante luz sobre o tema da queda da Babilônia e sobre as questões relacionadas a isso.

Conforme observamos antes, as primeiras interpretações adventistas acerca da Babilônia já existiam bem antes do nascimento do adventismo do sétimo dia. Observamos que Charles Fitch abriu caminho para o conceito milerita quando começou a proclamar a queda da Babilônia, no verão de 1843. Para Fitch, a Babilônia era formada tanto por católicos romanos quanto por protestantes que rejeitavam os ensinos da Bíblia sobre o segundo advento.

Tiago White ratificou a compreensão básica em 1859, ao escrever: “Sem hesitar, aplicamos o título de Babilônia do Apocalipse a todo o cristianismo corrupto.” A corrupção envolvia queda moral e a mistura de ensinos cristãos com filosofias não cristãs, por exemplo, a imortalidade da alma, que deixava as

igrejas sem defesa contra o espiritualismo. Em suma, Babilônia representava as igrejas confusas.

Entretanto, com a passagem do tempo, os adventistas guardadores do sábado, no início dos anos 1850, começaram a perceber que as denominações fiéis ao domingo não se encontravam erradas em muitas áreas de seu ensino e de sua prática. O mundo não era tão preto no branco quanto haviam pensado a princípio. Tais pensamentos os colocaram em um caminho que levaria a mais discernimento no tocante às consequências da segunda mensagem angélica.

Ajuda-nos, Pai, a manter os olhos abertos para o bem que há nos outros, até mesmo naqueles que estão confusos em seu sistema de crenças.

O Ajuste da Segunda Mensagem Angélica – 2

Depois destas coisas, vi descer do céu outro anjo, que tinha grande autoridade, e a Terra se iluminou com a sua glória. Então, exclamou com potente voz, dizendo: Caiu! Caiu a grande Babilônia. Apocalipse 18:1, 2

Depois que os guardadores do sábado deixaram de defender o ensino de que a porta da graça havia se fechado, abriu-se o caminho para outra compreensão da queda de Babilônia.

Eles passaram a entender que a segunda mensagem angélica apresentava a queda de Babilônia em duas etapas. Ao passo que Fitch havia considerado Apocalipse 14:8 e 18:1-4 um só evento, Tiago White e os guardadores do sábado começaram a interpretar os acontecimentos como dois incidentes separados.

Tiago observou que a queda da Babilônia narrada em 14:8 “se encontra no passado”, enquanto a apresentada em 18:1-4 é presente e sobretudo futura. Conforme ele declarou em 1859: “Primeiro ela cai [14:8]; em segundo lugar, torna-se morada de demônios e ‘covil de toda espécie de espírito imundo’ [...]; terceiro, o povo de Deus é chamado para sair dela; e quarto, as pragas divinas são derramadas sobre ela.”

Portanto, embora os guardadores do sábado cressem que o mundo religioso cometera um grave erro durante o início dos anos 1840 ao rejeitar a mensagem do segundo advento com veemência, essa recusa foi apenas o início da confusão. Acontecimentos posteriores, especialmente no fim dos tempos, levariam essas denominações a uma desordem moral e doutrinária ainda mais séria. Como resultado, Deus finalmente desistirá daqueles que escolheram fazer parte de Babilônia.

Ellen White concordou com a reinterpretação de seu esposo sobre a queda progressiva de Babilônia, mas, com o tempo, ela foi além disso. De acordo com a Sra. White, “o cumprimento perfeito de Apocalipse 14:8 está ainda no futuro”. Uma consequência disso é que “a grande massa dos verdadeiros seguidores de Cristo encontra-se ainda” em igrejas fora do adventismo. Logo, Babilônia está confusa, mas ainda não caiu por completo. Como resultado, declarou ela, o chamado “Sai dela, povo Meu”, de Apocalipse 18:1-4, constituirá “a advertência final a ser dada aos habitantes da Terra” (GC, p. 390, 604).

Senhor, ajuda-me hoje a desenvolver um coração compreensivo que defende a verdade, mas que mostra bondade àqueles que não enxergam as coisas da mesma forma que eu.

Possibilidades de Cooperação – 1

Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a Mim Me convém conduzi-las; elas ouvirão a Minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor. João 10:16

Com a reinterpretação do assunto da porta fechada e da queda de Babilônia, Tiago e Ellen White criaram o fundamento teológico para a cooperação do adventismo com outros grupos cristãos. Tal parceria se tornou uma questão cada vez mais forte, à medida que os adventistas do sétimo dia perceberam que o segundo advento não estava tão próximo quanto eles haviam esperado a princípio.

Todavia, a associação com as pessoas “de fora” traria as próprias tensões para a denominação, as quais dividiriam o pensamento adventista naquilo que podemos classificar como orientações “moderada” e “radical”. Os moderados eram favoráveis à cooperação que não comprometesse a integridade teológica e ética do movimento, ao passo que os radicais tinham dificuldade em trabalhar com qualquer grupo que não entendesse as coisas exatamente como eles.

Um caso ilustrativo é a relação do adventismo com a União das Mulheres Cristãs em Prol da Temperança. Sem dúvida, tal movimento contava com boas ideias, pois defendia a temperança, em conformidade com as preocupações do adventismo. O resultado foi que, a partir de 1877, os adventistas começaram a unir esforços com essa instituição.

As integrantes do grupo aparentemente só defendiam boas ideias. Contudo, em 1887, elas misturaram as coisas ao se aliarem à Associação Nacional de Reforma, na iniciativa de conseguir a aprovação de uma lei federal apoiando o caráter sagrado do domingo. Naquele mesmo ano, a União das Mulheres Cristãs

incluiu um departamento de observância do domingo em sua organização. No ano seguinte, apoiou um projeto de lei federal em prol da guarda do domingo.

Tais passos demonstravam que aquele grupo estava se transformando rapidamente em uma completa Babilônia aos olhos de alguns adventistas. Embora tivessem “a verdade” no que se refere à temperança, ao mesmo tempo apoiavam o “erro” quanto à questão do sábado. Eles concluíram que, se isso não fosse confusão ou Babilônia, o que seria então? Tais mudanças continuaram a causar preocupação entre as fileiras adventistas ao longo dos anos 1890.

Esses são os fatos do caso. A tarefa de hoje é: debater com outros ou pensar sobre qual deve ser a atitude apropriada e que rumo tomar numa situação como essa.

Como tais questões afetam o que significa ser um cristão adventista no mundo contemporâneo?

Possibilidades de Cooperação – 2

“Mestre”, disse João, “vimos um homem expulsando demônios em Teu nome e procuramos impedi-lo, porque ele não era um dos nossos.” Marcos 9:38, NVI

“‘Não o impeçam’, disse Jesus. ‘Ninguém que faça um milagre em Meu nome, pode falar mal de Mim logo em seguida, pois quem não é contra nós está a nosso favor’” (Mc 9:39, 40, NVI).

Deveriam os adventistas unir esforços publicamente com aqueles que misturam a verdade com erros teológicos graves? Foi esse o questionamento de ontem.

Ellen White e outros adventistas dos anos 1890 sabiam muito bem do ponto de vista favorável ao domingo por parte da União das Mulheres Cristãs em Prol da Temperança, mas procuraram cooperar com a entidade o máximo possível naquela época.

Havia outros adventistas que não tinham certeza se essa era a atitude correta. Por exemplo, Alonzo T. Jones, editor da Review and Herald, publicou uma série de editoriais sugerindo que essa União era apóstata e ainda não tinha feito o suficiente em sua oposição à tolerância religiosa.

Essa mentalidade maniqueísta desencadeou uma série de cartas da Ellen White. Por ser uma pessoa disposta a trabalhar mesmo com um pouco de conflito, ela aconselhou Jones a não ser tão duro e crítico com aqueles que não viam as coisas com os olhos adventistas. Escreveu: “Há verdades vitais sobre as quais eles receberam bem pouca luz.” Por isso, “devem ser tratados com carinho, amor e respeito pela boa obra que realizam. Você não deve lidar com eles dessa maneira” (Ct 62, 1900).

Ela observou que não estava argumentando com a “real verdade” da posição de Jones, mas, sim, com sua falta de visão, tato e gentileza. Afirmou que a abordagem dele levaria os membros da União das Mulheres Cristãs em Prol da Temperança a concluir: “Veja bem, é impossível ter qualquer contato com os adventistas do sétimo dia; pois só nos dão a escolha de nos relacionarmos com eles se acreditarmos exatamente da mesma forma que eles” (ibid.).

Assim ela se opôs por completo à atitude radical. Em vez disso, comentou: “Devemos tentar conquistar a confiança das atuantes na União das Mulheres Cristãs e nos harmonizar com elas tanto quanto possível. Elas podem aprender coisas de nós e nós delas” (ibid.).

Ela orientou Jones a não representar a verdade como algo “tão pavoroso” que leva os outros a se afastarem desesperados. Insistiu que demonstrasse “ternura cristã” àqueles que não viam as coisas como ele (ibid.).

Como está meu “quociente de tolerância”? Minha abordagem com aqueles que diferem de mim expressa “ternura cristã”?

Possibilidades de Cooperação – 3

Cada um ajuda o outro e diz a seu irmão: “Seja forte!”
Isaías 41:6

As redefinições relativas à porta fechada e à Babilônia abriram caminho para os guardadores do sábado cooperarem com pessoas que diferiam deles teologicamente. Entretanto, quais seriam os princípios orientadores dessa cooperação?

Mais uma vez, o apoio à santificação do domingo pela União das Mulheres Cristãs em Prol da Temperança provê um bom exemplo. Ellen White escreveu: “Luz me foi concedida que, enquanto não houver sacrifício de princípios de nossa parte, tanto quanto possível devemos nos unir a elas nos esforços em prol das reformas de temperança. [...]

“Foi-me mostrado que não devemos afastar as atuantes Mulheres Cristãs em Prol da Temperança. Ao nos unirmos com elas em prol da abstinência total, não mudamos de opinião quanto à observância do sétimo dia e podemos demonstrar nosso apreço pela posição que elas adotam na questão da temperança.

“Ao abrir a porta e convidá-las a se unir a nós na questão da temperança, garantimos a ajuda delas nesse aspecto. E elas, ao se unirem a nós, ouvirão novas verdades que o Espírito Santo está esperando para com elas lhes impressionar o coração” (RH, 18 de junho de 1908).

Foi o mesmo espírito de conciliação que levou Ellen White a sugerir que os pastores adventistas conhecessem os outros ministros de sua região, deixando-os saber que os adventistas eram “reformadores, mas não fanáticos”. Seu conselho foi que se concentrassem nos “terrenos comuns” que os adventistas compartilham com os outros e “apresentar a verdade tal como é em Jesus”, em

vez de menosprezar as outras igrejas. Usando tais técnicas, os pastores adventistas poderiam “aproximar-se dos pastores de outras denominações” (Ev, p. 143, 144, 227, 562).

Precisamos tomar cuidado para não disparar a “arma da Babilônia” em direção a todos que não entendem as coisas como nós. A história adventista é reveladora nesse aspecto. A redefinição do tema Babilônia, nos anos 1850, provê um fundamento crucial para a participação do adventismo em um mundo que ainda não chegou ao fim.

Esse foi o fruto do crescimento de Tiago White na compreensão sobre as duas etapas da queda de Babilônia, em 1859. Precisamos aprender a viver na tensão de trabalhar com aqueles que diferem de nós ao mesmo tempo em que nos mantemos firmes, de pé nas belas verdades bíblicas que nos tornam um povo. A outra opção seria viver numa clausura completa.

Ajuda-nos, Senhor, a aprender os princípios e as necessidades de cooperação enquanto tentamos mudar o mundo.

O Ajuste da Primeira Mensagem Angélica – 1

Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a Terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo, dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo; e adorai Aquele que fez o céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas. Apocalipse 14:6, 7

Que mensagem poderosa! Os adventistas ouvem sobre ela o tempo todo, mas é provável que não parem para analisá-la.

A mensagem tem quatro ensinos centrais. Primeiro, o evangelho eterno. Para os mileritas, o evangelho eterno era mais do que meramente a cruz e a ressurreição de Cristo. Ele também incluía a melhor das boas-novas: que Jesus está voltando para cumprir plenamente as bênçãos que Sua crucifixão e vitória sobre a morte tornaram possíveis. Portanto, o evangelho eterno abrange o segundo advento, a ressurreição dos que morreram em Cristo, a trasladação dos vivos para o encontro com Cristo nos ares e o reino do Céu em sua plenitude. O evangelho eterno envolvia tudo isso e muito mais para os mileritas e os primeiros guardadores do sábado.

A segunda parte da mensagem estipula que ela deve ser pregada a toda a Terra. Por isso, J. V. Himes enviou literatura milerita a todos os postos missionários do mundo. Os primeiros guardadores do sábado chegaram a dizer que os mileritas haviam cumprido a comissão durante o início dos anos 1840. Foi só aos poucos que eles compreenderam suas responsabilidades missiológicas.

A terceira parte, a proclamação da hora do juízo de Deus, os mileritas interpretavam como o segundo advento. Para eles, tratava-se do juízo executivo.

Sobre esse ponto, os guardadores do sábado tiveram novas ideias.

A quarta parte, relacionada à adoração ao Criador, não era muito enfatizada pelos mileritas. Entretanto, como vimos algumas semanas atrás, os guardadores do sábado consideraram corretamente que tais palavras aludiam ao sábado, refletindo Êxodo 20 e Gênesis 2:1-3. Eles enxergaram uma alusão ao sábado em Apocalipse 12:17 e 14:12, versículos que dizem que Deus teria um povo guardador dos mandamentos nos últimos dias. Portanto, a parte da adoração ao Criador, de Apocalipse 14:7, formava um aspecto central do ensino adventista.

As três mensagens angélicas de Apocalipse 14 são as últimas dadas por Deus a um mundo à beira da morte. Precisamos passar mais tempo refletindo no significado que elas têm em nossos dias.

O Ajuste da Primeira Mensagem Angélica – 2

Foram postos uns tronos, e o Ancião de Dias Se assentou; [...] milhares de milhares O serviam, e miríades de miríades estavam diante dEle; assentou-se o tribunal, e se abriram os livros. Daniel 7:9, 10

Além da ênfase ao sétimo dia, em Apocalipse 14:7, uma mudança importante que os guardadores do sábado fariam na interpretação da primeira mensagem angélica se concentrava nas palavras “é chegada a hora do Seu juízo”.

Os mileritas haviam identificado a cena do juízo de Daniel 7, a purificação do santuário de Daniel 8:14 e o julgamento de Apocalipse 14:7 como o juízo que ocorreria no segundo advento. Logo, para eles, tratava-se de um juízo executivo, o momento em que Deus daria a recompensa segundo aquilo que os seres humanos haviam escolhido e feito (ver Mt 16:27). Charles Fitch declarou que o juízo de Apocalipse 14:7 se referia à “destruição” do mundo.

Os guardadores do sábado, após anos de estudo por parte de alguns, começaram a entender que o juízo mencionado nessas passagens era o julgamento pré- advento, ou o que passariam a chamar de juízo investigativo. Todavia, essa nova interpretação causaria conflito em suas fileiras, uma vez que nem todos os líderes aceitaram o conceito até a metade ou o fim da década de 1850. Alguns críticos, do século 20, ensinaram que os adventistas logo transformaram o juízo em um acontecimento anterior ao advento depois de 1844 a fim de justificar o desapontamento. No entanto, isso não se confirma pelos fatos históricos.

Para começar, o conceito do juízo pré-advento surgiu antes do desapontamento de outubro de 1844. Josiah Litch desenvolveu essa ideia no fim

dos anos 1830. Sua visão principal na época era que o julgamento precisava preceder a ressurreição.

Em 1841, ele escreveu: “Nenhum tribunal humano pensaria em executar juízo sobre um prisioneiro antes que fosse julgado, quanto menos Deus.” Logo, o Senhor, antes da ressurreição, deveria julgar cada ato humano. Na ressurreição, Ele executa- rá o juízo de acordo com Suas decisões. Vários mileritas adotaram a perspectiva de Litch antes de outubro de 1844. E isso não foi muito difícil, pois o ensino bíblico de que Cristo recompensará as pessoas quando vier nas nuvens do céu sugere que, antes desse momento, Deus já terá decidido quem se levantará na primeira ressurreição.

Temos razões para agradecer por servirmos a um Deus justo, que não é arbitrário e se baseia em evidências, em vez de depender de caprichos despóticos.

O Ajuste da Primeira Mensagem Angélica – 3

Mas, depois, se assentará o tribunal para lhe tirar [do chifre pequeno] o domínio. [...] O reino, e o domínio [...] serão dados ao povo dos santos do Altíssimo. Daniel 7:26, 27

Vimos ontem que, no final dos anos 1830, Josiah Litch começou a interpretar que as palavras “é chegada a hora do Seu juízo” de Apocalipse 14:7 se referiam a algo anterior ao dia do juízo final. O próprio Litch acreditava que o julgamento ou juízo pré-advento havia começado em 1798, no fim dos 1.260 dias de Daniel 7:25, e terminaria antes do segundo advento, no fim das 2.300 tardes e manhãs.

A ideia de um juízo pré-advento não morreu com o desapontamento de outubro de 1844. Enoch Jacobs, por exemplo, não era guardador do sábado; mas, após debater sobre o peitoral do juízo usado no Dia da Expiação, declarou em novembro de 1844: “A menos que algo tão decisivo quanto o início do julgamento tenha ocorrido no décimo dia [22 de outubro de 1844], o antítipo ainda não foi dado, a profecia não se cumpriu e continuamos em trevas.” Para Jacobs, “o juízo se iniciaria antes da aparição pessoal de Cristo e da ressurreição dos santos”.

Mais uma vez, em janeiro de 1845, Apollos Hale e Joseph Turner conclamaram uma compreensão mais profunda das parábolas das bodas. Em particular, destacaram que o relato de Lucas 12:35 diz que as pessoas precisaram esperar Cristo voltar do casamento. Os pregadores observaram que, na parábola de Mateus 22, há uma cena de julgamento na qual o rei examina os convidados para ver se eles estavam trajando a veste nupcial.

Turner e Hale conectaram essas parábolas das bodas à recepção de Cristo em Seu reino na cena de julgamento de Daniel 7. Concluíram que, a partir de 22 de

outubro, Jesus tinha uma nova obra a realizar “no mundo invisível”. Por isso proclamaram: “O julgamento é aqui!”

Em 20 de março de 1845, Miller também havia igualado o juízo de Apocalipse 14 à cena de julgamento de Daniel 7. Ele destacou que, desde 1844, Deus estava em seu “papel judicial, definindo os casos de todos os justos”, a fim de que “os anjos saibam a quem reunir” na segunda vinda. “Se isso for verdade”, Miller acrescentou, “quem poderia dizer que Deus já não está purificando Seu santuário?”

Obrigado, Senhor, porque um dia removerás todas as forças egoístas que têm controlado o mundo e estabelecerás um reino eterno, no qual governará a justiça.

O Ajuste da Primeira Mensagem Angélica – 4

Entrando, porém, o rei para ver os que estavam à mesa,
notou ali um homem que não trazia veste nupcial. Mateus 22:11

Ontem vimos que Enoch Jacobs, Apollos Hale, Joseph Turner e Guilherme Miller, no final de 1844 e início de 1845, já relacionavam a data de outubro e a doutrina do santuário ao juízo celestial pré-advento de Daniel 7. Portanto, esses homens, que não eram guardadores do sábado, haviam começado a considerar que passagens tão centrais ao milerismo, como o julgamento de Daniel 7 e a chegada do noivo às bodas, correspondiam ao iniciado juízo pré-advento, em lugar de se referir ao retorno de Cristo nas nuvens do céu. O mesmo raciocínio se aplicava à purificação do santuário de Daniel 8:14 e à hora do juízo de Apocalipse 14:7.

E os líderes guardadores do sábado? Como eles se posicionaram quanto ao ensino de um juízo pré-advento no final dos anos 1840?

José Bates foi bem claro quanto ao assunto. Em 1847, ele escreveu: “A respeito da expressão ‘é chegada a hora do Seu juízo’, deve haver uma ordem e um tempo para Deus, em Sua função judicial, decidir o caso de todos os justos, a fim de que o nome deles seja registrado no Livro da Vida do Cordeiro e estejam totalmente preparados para o grandioso momento da mudança da mortalidade para a imortalidade.” No final de 1848, ele exclamou: “Os santos mortos estão sendo julgados agora.” É provável que Bates tenha sido o primeiro dos líderes guardadores do sábado a ensinar o juízo pré-advento.

Parece que, em 5 de janeiro de 1849, Ellen White concordou com ele sobre o assunto. Ao comentar uma visão recebida nessa data, escreveu: “Vi então que Jesus não abandonaria o lugar santíssimo sem que cada caso fosse decidido, ou

para a salvação ou para a destruição” (PE, p. 36).

Até aí tudo bem. Bates e Ellen White pareciam estar em harmonia quanto ao assunto; mas Tiago não. Em setembro de 1850, ele ainda discordava abertamente de Bates quanto ao juízo pré-advento. Nesse mês, ele escreveu: “Muitas mentes estão confusas por visões conflitantes que foram publicadas sobre a questão do juízo. [...] Alguns [em referência a Bates] argumentam que o dia do juízo é anterior ao segundo advento. Sem dúvida, tal ponto de vista carece de base da Palavra de Deus.”

Uma lição marginal que podemos aprender é que até mesmo quando os pioneiros adventistas do sétimo dia diferiam um do outro em temas importantes, ainda assim conseguiam se respeitar. Necessitamos desse espírito em nossos dias.

O Ajuste da Primeira Mensagem Angélica – 5

Comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras. Apocalipse 22:12

Ontem vimos Tiago White confrontando José Bates publicamente. Para White, Bates estava confuso a respeito do juízo, por crer que este ocorreria antes do segundo advento. Tiago declarou que tal ensino "carece de base da Palavra de Deus".

Para Tiago, "o grande dia do juízo durar[ia] mil anos" e começaria no segundo advento. Quanto ao julgamento pré-advento, White observou: "Não é necessário que a sentença final seja dada antes da primeira ressurreição, conforme ensinam alguns; pois o nome dos santos está escrito no Céu, logo Jesus e os anjos certamente sabem a quem ressuscitar e reunir para a Nova Jerusalém." Portanto, até setembro de 1850, Tiago era contrário a sua esposa e a Bates na questão do juízo pré-advento. Entretanto, isso mudaria, aos poucos.

Evidências circunstanciais da mudança das ideias de Tiago White apareceram na *Review* de fevereiro de 1854, na qual publicou um artigo de J. N. Loughborough que relacionava a primeira mensagem angélica ao juízo pré-advento. Muito embora Loughborough não o tenha escrito para a publicação, Tiago observou, em uma rápida introdução, que o imprimira de qualquer forma porque "responde a perguntas que nos têm sido apresentadas".

Todas as dúvidas de Tiago White foram sanadas em janeiro de 1857, ocasião em que publicou um estudo completo do julgamento pré-advento de própria autoria. Segundo ele, tanto os justos quanto os ímpios "serão julgados antes de ressuscitarem dos mortos. O juízo investigativo da casa, ou igreja, de Deus acontecerá antes da primeira ressurreição; assim, o julgamento dos ímpios

ocorrerá durante os mil anos de Apocalipse 20 e eles ressuscitarão no fim desse período".

O termo "juízo investigativo" fora usado pela primeira vez na imprensa naquele mesmo mês, em um artigo de Elon Everts. Por volta de 1857, os adventistas guardadores do sábado haviam aceitado, em grande escala, o ensino do juízo pré-advento.

O desenvolvimento dessa doutrina ilustra bem como Deus orienta o entendimento de Seus seguidores ao longo do tempo. Ele sempre guia à medida que Seu povo busca uma compreensão aperfeiçoada da Palavra. O Senhor nos dá Sua Palavra, e nós devemos estudá-la em oração, enquanto procuramos conhecer a vontade e os caminhos divinos cada vez mais claramente.

As Boas-Novas do Juízo!

Enquanto eu olhava, esse chifre começou a lutar contra o povo de Deus e estava vencendo, até que chegou Aquele que sempre existiu. Ele julgou a favor do povo do Deus Altíssimo, pois havia chegado o tempo de esse povo começar a reinar.
Daniel 7:21, 22, NTLH

O juízo é uma boa notícia! O juízo é o evangelho! Porém, infelizmente não é assim que muitos adventistas consideram o assunto.

Lembro-me da primeira vez que fui a uma igreja adventista. Eu morava em uma cidade ligada ao comércio marítimo, na baía de San Francisco, e não tinha o menor interesse no cristianismo, muito menos no juízo! Entretanto, eu havia conhecido uma moça que me levou à igreja.

Todo aquele lugar foi um choque para mim. No entanto, o golpe fatal me atingiu quando uma "senhora" (ela deveria estar na casa dos 40) se levantou perante o grupo de jovens e começou a apontar o dedo para eles, dizendo em termos bem claros que o melhor que tinham a fazer era ficar acordados à noite refletindo e confessando todos os pecados que já haviam cometido. Afinal, ninguém sabia quando seu nome passaria diante do julgamento celestial. E, quando isso acontecesse, se houvesse tão somente um pecado não confessado, eles não passariam a eternidade no destino de sua preferência.

Décadas desse tipo de ensino não só mostraram aos adventistas a "má notícia" do juízo pré-advento, como também os levaram a desprezar o ensino em si. Quanta infelicidade, uma vez que, segundo a Bíblia, o juízo é uma boa-nova para o povo de Deus. Conforme o Senhor disse a Daniel, o juízo pré-advento é "a favor" dos santos. A Bíblia retrata o Juiz do nosso lado. Afinal, foi Deus quem enviou o Salvador. Ele não está tentando manter as pessoas longe do Céu,

mas, sim, levar tantas quanto for possível para lá. O Senhor quer encher Sua casa.

Contudo, nem todos aceitam Sua oferta de salvação e a mudança de coração que Ele proporciona. Alguns se rebelam contra Seus caminhos, maltratam os outros, tornam-se agressivos e destrutivos. Deus não pode permitir que isso continue para sempre. Logo, essas pessoas também precisam ser julgadas. Para aqueles que escolhem viver em rebelião ativa contra Deus e Seus princípios, o juízo certamente é uma má notícia.

Para os cristãos, porém, é a maior das boas-novas. O julgamento divino é sua vindicação. Como o evento é a favor deles, abre-lhes as portas para o reino eterno. Louvado seja Deus por Seu juízo amoroso!

Retrospectiva Sobre o Juízo

Pois estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio do Homem que designou. E deu provas disso a todos, ressuscitando-O dentre os mortos. Atos 17:31, NVI

Juízo. Um assunto temível para alguns e esperançoso para outros, mas complexo para todos. Hoje queremos parar um pouco e analisar de forma ampla esse tema. A maioria das pessoas acha que o juízo é um evento único que acontecerá em algum momento próximo ao fim dos tempos ou que ocorre na vida das pessoas quando morrem. Entretanto, os primeiros adventistas descobriram que o juízo é um processo, em vez de um evento único. Em 1857, Tiago White dividia o juízo em quatro fases distintas.

Segundo ele, a primeira fase seria o juízo pré-advento ou investigativo daqueles que afirmam seguir o Deus da Bíblia. Os primeiros adventistas entenderam, por meio da tipologia do Dia da Expiação, o fato de que esse juízo incluiria apenas o povo de Deus. Nesse dia, o sumo sacerdote entrava no lugar santíssimo usando o peitoral do juízo, no qual se encontrava inscrito o nome do povo de Deus. E era por esse grupo que ele intercedia no dia do juízo anual.

A segunda etapa é o que os adventistas classificavam como um juízo executivo que ocorrerá no segundo advento, quando Deus dará bênçãos a Seu povo (Ap 22:12; Mt 16:27).

A terceira fase é o julgamento durante o milênio, mencionado em Apocalipse 20:4. “Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar.” Nesse momento, você pode estar se perguntando o que resta para ser julgado. Afinal, os justos estão no Céu com Deus, e os ímpios dormem na sepultura. Ambos os fatos são verdadeiros, mas os ímpios ainda não

enfrentaram a destruição eterna. E, antes que isso aconteça, Deus dá a todos a oportunidade de ver os registros dos injustos durante o milênio. Ninguém precisará ter dúvidas. Ele dará tempo para todos reconhecerem Sua justiça. Portanto, a etapa milenar do julgamento é, em certo sentido, um juízo "investigativo" dos ímpios. Entretanto, acima de tudo, trata-se de um julgamento da justiça de Deus e da coerência de Suas decisões.

A fase final do juízo ocorrerá no fim das eras, quando o juízo executivo eliminar para sempre aqueles que continuaram a rejeitar a Deus e Seus princípios (Ap 20:9, 12-15). Essa última etapa não é feliz, mas Deus não tem escolha, pois Seu intuito é eliminar definitivamente o pecado. Seu desejo é que todos se arrependam, mas Ele não força a vontade de ninguém.

Quando Começa o Sábado? – 1

De uma tarde a outra tarde, celebrareis o vosso sábado.
Levítico 23:32

Ao contrário da questão do juízo pré-advento, os principais líderes do início do adventismo não divergiam quanto ao momento do início e do fim do sábado.

Apesar de os batistas do sétimo dia, de quem Bates aprendeu indiretamente a doutrina do sábado, o guardarem de um pôr do sol a outro, ele argumentava que a observância deveria ocorrer das 18h da sexta-feira até as 18h do sábado.

Em seu livro de 1846, sobre o sábado, ele defendeu tal posição, afirmando: "A história revela que os judeus [...] davam início a seus dias às seis da tarde." Não sei em qual história ele pesquisou, ou se inferiu tal conclusão de algo que estava lendo, mas a realidade é que Bates não poderia estar mais errado.

Ele também enumerou razões teóricas para guardar o sábado das 18h às 18h. Para simplificar, ele dizia que se todos honrassem o sábado de um amanhecer até o outro, ou de um pôr do sol ao outro, as pessoas nas diferentes latitudes guardariam o sábado em horários diferentes. E com certeza Deus não queria isso. Logo, concluiu, uma vez que o sol se põe às 18h no Equador, ao longo do ano inteiro, que se todos seguissem esse horário, todos observariam o mesmo sábado, tal como o Senhor queria.

Essa não era uma questão pequena para o capitão. Afinal, ele declarou em 1849: "É tão pecaminoso aos olhos de Deus rejeitar voluntariamente a luz da Bíblia sobre o início do sábado [...] quanto não guardá-lo de maneira alguma."

Tratava-se de uma convicção poderosa. E Bates era um entusiasta vigoroso e persistente quando se convencia de algo.

Como resultado, a igreja recebeu repetidas vezes a mensagem de que o sétimo dia começava às 18h, e Bates conseguiu influenciar quase todos os guardadores do sábado com sua interpretação, inclusive Tiago e Ellen White. Portanto, por dez anos, eles e a maioria dos outros adventistas guardaram o sábado de forma errada.

Isso sim é um problema! E qual foi a atitude de Deus diante desse erro? Condenou-os à “prisão” espiritual por estarem errados?

É claro que não. Essa é a amplitude da misericórdia de Deus. Em nossa sinceridade, Ele nos aceita da maneira que estamos. No entanto, não para por aí. Também nos conduz gentilmente ao caminho da verdade.

Quando Começa o Sábado? – 2

Senão no lugar que o Senhor, teu Deus, escolher para fazer habitar o Seu nome, ali sacrificarás a Páscoa à tarde, ao pôr do sol. Deuteronômio 16:6

Como Deus pôde deixar Seu povo viver no erro sobre o momento do início do sábado durante dez anos? Eu não sei, mas tenho certeza de que foi isso que Ele fez. Talvez isso nos revele algo sobre o Senhor.

Devemos reconhecer que nem todos os adventistas achavam que Bates estava certo quanto ao argumento das 18 horas. Alguns defendiam o começo ao amanhecer, outros, ao pôr do sol, e uns poucos, à meia-noite.

Em 1854, a questão se tornara tão problemática que Tiago White temia uma "divisão, a menos que fosse resolvida por meio de um bom testemunho". Tiago afirmou que nunca se satisfizera por completo com o argumento das 18h e que os guardadores do sábado nunca haviam feito uma investigação completa na Bíblia. Mais tarde, ele observou que, sem dúvida, a posição obstinada de Bates "sobre a questão, o respeito por sua idade e sua vida piedosa" foram os motivos por não terem "estudado antes" a questão nas Escrituras "de modo tão completo quanto se fez nas outras crenças".

No verão de 1855, White pediu ao jovem John Nevins Andrews para preparar um estudo sobre o assunto na Bíblia. Andrews era a pessoa certa. Detalhista ao extremo, apegou-se à tarefa com toda a dedicação.

Andrews acreditava firmemente no argumento das 18h, por isso ficou chocado com o que descobriu:

"Sacrificarás a Páscoa à tarde, ao pôr do sol" (Dt 16:6).

“O homem que o tocar será imundo até à tarde. [...] Posto o sol, então, será limpo” (Lv 22:6, 7).

“À tarde, ao cair do sol, trouxeram a Jesus todos os enfermos” (Mc 1:32).

Passagem após passagem aparecia à medida que Andrews reunia evidências bíblicas sobre a definição das Escrituras para “tarde”.

Suas conclusões: (1) a Bíblia não fornecia nenhuma evidência para o horário das 18h; e (2) “as Escrituras, mediante várias declarações claras, estabelece o fato de que tarde equivale ao pôr do sol”.

Ele apresentou suas conclusões em uma reunião geral dos guardadores do sábado, em 17 de novembro de 1855. Eles, então, passaram a agir de acordo com essa “nova” luz bíblica.

Senhor, ajuda-nos a manter a mente aberta à Tua Palavra, mesmo quando temos convicção de conhecer a verdade.

Quando Começa o Sábado? – 3

Todos os dias estudavam as Escrituras Sagradas para saber se o que Paulo dizia era mesmo verdade. Atos 17:11, NTLH

O estudo diligente da Bíblia era crucial para os primeiros adventistas guardadores do sábado. Foi isso que aconteceu, conforme vimos ontem, na questão do início e fim do sétimo dia.

Tiago White relatou que o estudo da Bíblia, realizado por Andrews em 1855, resolveu a questão na mente da maioria dos presentes, inclusive para ele, de que o horário do pôr do sol era o correto.

Entretanto, nem todos concordaram com as conclusões de Andrews. Conforme disse White, “Bates e alguns outros” naquele momento não entraram em harmonia com o corpo de crentes. O capitão havia ensinado a posição das 18h por uma década e trabalhou com afinco para defender seu ponto de vista.

Nisso encontramos um problema. Alguns dos líderes do movimento se apegaram à antiga posição mesmo depois de o estudo da Bíblia mostrar com clareza, texto após texto, que a “tarde” das Escrituras começava ao pôr do sol; logo, o sábado também, por definição bíblica, deveria iniciar nesse momento. Afinal, Deus ensinara de maneira inquestionável: “de uma tarde a outra tarde, celebrareis o vosso sábado” (Lv 23:32).

A despeito do estudo sobre o assunto na Bíblia, “Bates e alguns outros” ainda tentaram justificar a antiga abordagem por meio da aplicação “lógica” da razão humana, baseada em textos aleatórios tirados daqui e dali.

Tiago White não identificou quem eram os “outros” que se posicionaram contra a igreja na questão do horário de começar o sábado. No entanto, Uriah

Smith nos conta quem foi pelo menos uma dessas pessoas: Ellen White.

A tensão em relação ao assunto, com dois dos três fundadores em desarmonia com a maioria, deve ter sido algo grave e evidente para todos.

Tiago relembrou posteriormente que, dois dias depois de Andrews apresentar seu estudo, eles “fizeram uma reunião especial de oração”, durante a qual “a Sra. White teve uma visão que incluiu a informação de que a hora do pôr do sol estava correta, de acordo com a pesquisa de Andrews. Isso resolveu a questão com o irmão Bates e com os outros. Desde então, a harmonia prevaleceu entre nós a esse respeito”.

Quer gostemos, quer não, às vezes podemos discordar de nossos irmãos. Mesmo assim, temos motivos para agradecer ao ver que Deus está disposto a guiar Seu povo rumo à unidade.

Maio

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Formação da Doutrina dos Dons Espirituais – 1

A uns estabeleceu Deus na igreja, primeiramente, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois, operadores de milagres; depois, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas. 1 Coríntios 12:28

Quanto à nova compreensão, em 1855, sobre o horário certo para o início do sábado, observamos uma sequência definida de acontecimentos: (1) discordância em relação ao assunto; (2) um minucioso estudo bíblico; (3) concordância generalizada sobre as descobertas do estudo das Escrituras, com alguma discordância por parte dos que defendiam a antiga posição; e (4) uma visão de Ellen White confirmando o resultado da pesquisa bíblica, que trouxe união entre os crentes.

Essa sequência de acontecimentos traz várias observações à nossa mente. Tiago White mencionou uma delas: “A pergunta que surge naturalmente é: Se as visões são dadas para corrigir os errantes, por que ela [Ellen] não viu antes o erro do início do sábado às seis da tarde?” Ele observou: “Em primeiro lugar, sou muito agradecido a Deus por ter corrigido o erro em Seu tempo, não permitindo que uma divisão infeliz existisse em nosso meio a esse respeito. [...]

“Não parece ser desejo do Senhor ensinar Seu povo questões bíblicas por meio dos dons do Espírito até que Seus servos tenham pesquisado diligentemente Sua Palavra. Quando isso aconteceu a respeito da hora de início do sábado, a maioria entendeu, mas alguns correram o risco de ficar em desarmonia com o grupo. Então chegou o momento de Deus demonstrar Sua bondade mediante a manifestação do dom de Seu Espírito na realização apropriada de Sua obra. As Sagradas Escrituras nos foram dadas como regra de fé e prática, e recebemos a ordem de estudá-la. [...]

“Os dons devem ter seu lugar adequado dentro da igreja. Deus nunca os colocou na frente de tudo e ordenou que olhássemos para eles a fim de sermos guiados no caminho da verdade e para o Céu. Ele engrandece Sua Palavra. As Escrituras do Antigo e do Novo Testamento são a lâmpada do ser humano, que o ilumina em seu caminho para o reino. Siga isso, mas, caso se afaste da verdade bíblica e corra o risco de se perder, pode ser que [...] o Senhor o corrija e você seja levado de volta à Bíblia.”

Graças a Deus por Seus dons, inclusive o dom de profecia derramado pelo Espírito Santo. Os primeiros adventistas valorizavam o dom, mas procuravam colocá-lo em seu “devido lugar”. Aos olhos deles, a Bíblia era o centro, e os dons apontavam para a revelação de Deus nas Escrituras.

Formação da Doutrina dos Dons Espirituais – 2

A revelação das Tuas palavras esclarece e dá entendimento aos simples. Salmo 119:130

Ontem vimos que Tiago White destacou a supremacia da Bíblia como professora dos cristãos quanto a seus deveres. Segundo ele, a função do dom de profecia era não só confirmar as verdades já encontradas nas Escrituras e ajudar a unir o povo de Deus em torno dos ensinos bíblicos, mas também levar as pessoas de volta à Bíblia.

Esse é um ponto importante. Uma das funções apropriadas dos dons espirituais é *levar as pessoas de volta à Bíblia.* Ao exprimir essa ideia, Tiago chegou a um conceito crucial. Muitos adventistas não compreendem o papel correto dos dons espiri- tuais. Alguns chegam ao ponto de dedicar mais tempo e energia estudando os escritos de Ellen White do que as Escrituras.

Tal conduta é absolutamente contrária à compreensão da obra defendida por Tiago e Ellen White, e por todos os demais pioneiros do adventismo. De acordo com a perspectiva de Ellen, tais pessoas transformam a "luz menor" na "luz maior", ao relegarem a Bíblia ao segundo plano.

Ela escreveu: "A Palavra de Deus é suficiente para iluminar o espírito mais obscurecido, e pode ser compreendida por todo aquele que sinceramente deseja entendê-la. Mas não obstante isso, alguns que dizem fazer da Palavra de Deus o objeto de seus estudos, são encontrados vivendo em oposição direta a alguns de seus mais claros ensinos. Então, para que tanto homens como mulheres ficassem sem desculpa, Deus deu testemunhos claros e decisivos a fim de *reconduzi-los à Sua Palavra* que eles negligenciaram seguir" (T5, p. 663, 664; itálico acrescentado).

Ainda: “O irmão J confundiria a mente, buscando fazer parecer que a luz que Deus tem dado mediante os Testemunhos é um acréscimo à Palavra de Deus; mas nisso apresenta a questão sob uma falsa luz. Deus tem julgado adequado trazer desse modo à mente de Seu povo a Sua Palavra” (ibid., p. 663). Em outra ocasião, Ellen White escreveu: “Pouca atenção é dada à Bíblia, e o Senhor deu uma luz menor para guiar homens e mulheres à luz maior” (CE, p. 125).

Os pioneiros adventistas eram bem assertivos quanto ao papel de Ellen White como alguém que apontava para a Bíblia, em vez de ser a fonte de doutrinas. Aliás, um dos motivos que me leva a crer que ela foi uma profetisa verdadeira é o fato de sempre direcionar seus leitores a Jesus e à Bíblia. Que sigamos hoje seu conselho!

Formação da Doutrina dos Dons Espirituais – 3

"E Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas […] até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus." Efésios 4:11, 13

Em 1856, Ellen White passou a receber cada vez mais críticas de seus difamadores. Por isso, os guardadores do sábado sentiam a necessidade premente de desenvolver uma teologia dos dons proféticos e integrar tal conceito a todo o seu sistema teológico.

No mês de fevereiro daquele ano, Tiago White escreveu um artigo sobre o assunto. Primeiro, citou vários textos indicando que os dons do Espírito (inclusive o de profecia) continuariam a ser manifestados na igreja até o segundo advento. Em seguida, concentrou-se em Joel 2:28 a 32, observando que o Pentecostes foi apenas um cumprimento parcial e que a verdadeira ênfase de Joel envolvia o derramamento especial do dom de profecia sobre os "sobreviventes" do versículo 32.

White igualava os sobreviventes de Joel 2:32 ao remanescente dos últimos dias de Apocalipse 12:17, que "guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus". E qual seria o "testemunho de Jesus"? – perguntou Tiago. "Deixaremos o anjo que conversou com João responder a essa pergunta. Ele diz: 'o testemunho de Jesus é o espírito da profecia' (Ap 19:10)". Em conclusão, Tiago subentendeu que uma das marcas da igreja de Deus dos últimos dias seria um reavivamento do dom de profecia, o qual ele acreditava com toda convicção que sua esposa possuía.

Portanto, em 1856, os guardadores do sábado não só estruturaram uma compreensão bíblica do dom de profecia como também a encaixaram no

conjunto de passagens apocalípticas que formavam as bases para a autocompreensão e identidade do movimento. O resultado foi que a doutrina dos dons espirituais, por volta da metade dos anos 1850, havia se tornado um dos ensinos bíblicos (assim como o sábado, o santuário, o segundo advento e o estado dos mortos) que começavam a distingui-los no mundo religioso como uma igreja única.

Mais uma vez, porém, em fevereiro de 1856, Tiago escreveu um artigo deixando bem claro que ninguém "tem liberdade de [...] descobrir qual é seu dever por intermédio de qualquer um dos dons. Quem assim o faz, coloca os dons no lugar errado e assume uma posição extremamente perigosa".

Obrigado, Senhor, pela clareza dos pioneiros quanto à centralidade da Bíblia e ao lugar do dom de profecia. Ajuda-me a ser claro.

Conheça Uriah Smith

Mas é necessário que primeiro o evangelho seja pregado a todas as nações. Marcos 13:10

Uriah Smith (1832-1903) se tornou um dos adventistas do sétimo dia mais engajados na disseminação da mensagem da igreja pelo mundo, de forma impressa.

Ele começou a vida com dificuldades. Ainda jovem, sua perna esquerda foi amputada entre a coxa e o joelho. Como se isso não bastasse, a operação de 29 minutos foi feita na mesa de cozinha da família, sem anestesia. O único conforto que recebeu foi a mão de sua mãe para segurar. A maioria de nós sabe muito pouco sobre como era viver nos “bons e velhos tempos”.

A mãe de Uriah se tornou milerita, e o garoto foi batizado por um ancião no verão de 1844. A esperança de outubro de 1844 o impressionara profundamente; mas, quando Jesus não voltou, ele deixou o adventismo de lado e foi atrás de seus estudos, educação, para garantir uma boa posição nesta Terra. A preocupação com o Céu, enfatizada pelos adventistas, ficava cada vez mais distante de seus planos.

Aos 16 anos, entrou na Phillips Academy, em Exeter, New Hampshire, uma das escolas secundárias particulares de maior prestígio de sua época. Muitos dos “grandes” da nação haviam entrado como alunos por suas portas. O ambicioso jovem Uriah tinha plenas intenções de ingressar em Harvard depois de se formar. Seu alvo era a carreira letiva em uma das melhores instituições de ensino da nação. Com certeza, ele tinha inteligência para isso.

Entretanto, os planos de Deus para o jovem intelectual eram outros. E os de sua mãe também. Vimos algumas semanas atrás como Annie, irmã de Uriah,

fora levada ao adventismo por meio das orações de sua mãe, de um sonho concedido tanto à moça quanto a José Bates e da dinâmica atuação evangelística de Bates. Annie se uniu aos guardadores do sábado em 1852 e, depois disso, o talentoso Uriah também precisou enfrentar a influência dela.

Por fim, em setembro de 1852, aos 20 anos de idade, o jovem Smith concordou em ir a uma reunião adventista, na qual ouviu Tiago e Ellen White explicando o porquê do desapontamento de 1844 e o motivo da opção pelo sétimo dia. Isso o levou a mais de dois meses de estudo intensivo sobre o assunto. A crise veio em dezembro de 1852, com a morte de seu pai. Diante da realidade nua e crua, Uriah se entregou por completo ao Senhor, que o usaria poderosamente.

Senhor, como lutamos para não nos entregarmos por completo a Ti! Ajuda-me hoje a me dar por inteiro para Tua Causa. Usa-me, ó Deus, para ser uma bênção neste dia.

O Senhor Abençoa Uriah

Então, aproximando-se o que recebera cinco talentos, entregou outros cinco, dizendo: Senhor, confiaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco talentos que ganhei. Disse-lhe o senhor: Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei. Mateus 25:20, 21

Uriah Smith realmente era um homem com cinco talentos. Ele estava perto do topo no que se referia a suas habilidades entre os adventistas. Depois de sua conversão, no fim de 1852, dedicou-se à causa adventista pelo resto da vida, mas isso não significa que nunca tenha recebido propostas profissionais que o tentaram em áreas nas quais as recompensas financeiras seriam muito maiores do que poderia almejar, trabalhando para a igreja. Uma dessas oportunidades surgiu um mês após se converter. No entanto, a mente de Uriah estava firmemente direcionada para outro lugar, “a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador” (Hb 11:10).

No início de 1853, o jovem sonhador enviou a Tiago White um poema com 3.500 versos, chamado “A Voz de Advertência do Tempo e da Profecia”. Tiago se impressionou tanto que publicou trechos do poema semanalmente ao longo de cinco meses na Review and Herald. Em maio de 1853, Uriah passou a fazer parte da equipe editorial da Review, carreira na qual permaneceu até sua morte, 50 anos mais tarde.

As condições de trabalho eram, na melhor das hipóteses, primitivas. Toda a equipe da Review morava em uma casa, que Tiago havia alugado por 175 dólares por ano, localizada em Rochester, Nova York. Além de ser parcamente mobiliada, com móveis emprestados e meio danificados, também abrigava todo o equipamento de publicações.

Sem salário, a única promessa que tinham era de que não passariam fome. Contudo, aos olhos de alguns, era quase isso, pois a alimentação básica deles consistia de feijão e mingau de cereais. Uriah, porém, com seu otimismo jovial, encarava toda a experiência positivamente. Depois de morar lá por algumas semanas, observou que, “embora não fizesse objeção a comer feijão 365 dias seguidos, protestaria se isso se tornasse uma dieta regular!”

Mesmo com fome, às vezes, todos, inclusive o jovem com uma perna só, estavam dispostos a fazer sacrifícios pela obra que amavam.

Senhor, nós Te agradecemos hoje pelos talentos que deste a cada um de nós. Ajuda-nos a usá-los para Ti, à medida que abres o caminho, ainda que isso nos custe coisas terrenas.

Uriah Smith: Líder Adventista

Quem é fiel no pouco também é fiel no muito. Lucas 16:10

Para dizer o mínimo, as publicações adventistas eram bem primitivas quando Uriah Smith começou a trabalhar com Tiago White. Uma de suas primeiras funções, considerando que não tinham uma guilhotina, era aparar as pontas dos livros, com seu canivete.

Entretanto, isso mudou. Com o passar do tempo, não só os adventistas desenvolveram uma instituição de publicações da melhor qualidade, como também Uriah Smith se tornou o editor-chefe do periódico mais importante da denominação, atuando nessa função de 1855 a 1861, 1864 a 1873, 1877 a 1887 e de 1901 a 1903 – mais de 35 anos ao todo. Nessa função, ele podia moldar o pensamento adventista sobre quase todos os assuntos durante os anos formativos da igreja.

Além de ocupar a mais influente posição editorial durante um período decisivo, Uriah também escreveu alguns dos livros mais importantes da denominação. Os livros *Thoughts, Critical and Practical, on the Book of Revelation* [Pensamentos Críticos e Práticos Sobre o Livro do Apocalipse], de 1867, e *Thoughts, Critical and Practical, on the Book of Daniel* [Pensamentos Críticos e Práticos Sobre o Livro de Daniel], de 1873, tiveram grande influência na formação do pensamento adventista sobre as profecias. Mais tarde, as duas obras foram unidas em *Daniel and the Apocalipse* [Daniel e o Apocalipse], e seu trabalho próspero se tornou a referência sobre o assunto por cerca de 75 anos.

Além de editor e autor, Smith também serviu a igreja na segunda função administrativa mais importante ao longo de quase 25 anos. Foi secretário da Associação Geral nos períodos 1863 a 1881 e 1883 a 1888.

E isso não é tudo. Como não podia orar ajoelhado devido à perna amputada, ele criou uma perna artificial que lhe permitia ajoelhar-se. Ele também inventou e patenteou uma carteira escolar com o apoio das costas dobrável, e um objeto que cumpria a dupla função de bengala e banquinho. Os recursos provenientes de seus livros e invenções o tornaram relativamente próspero em seus últimos anos de vida. Smith entregou tudo ao Senhor, e Deus retribuiu, abençoando o homem de uma só perna que dedicou todos os talentos à Sua causa.

É claro que Uriah enfrentava desafios espirituais. Mais à frente, veremos algumas de suas lutas. No entanto, a boa notícia é que Deus usa pessoas imperfeitas e talentosas como nós.

Conheça John Andrews

Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade. 2 Timóteo 2:15

John Nevins Andrews foi o mais influente erudito da Igreja Adventista do Sétimo Dia em sua fase inicial. Mais do que qualquer outra pessoa, ele sentia a necessidade de estudar para se apresentar “a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2Tm 2:15).

Andrews nasceu em 1829 em Poland, Maine. Quando adulto, sabia ler a Bíblia em sete idiomas e afirmava ser capaz de recitar o Novo Testamento de cor. Sua vida foi de constante aprendizado até sua morte precoce em 1883.

Em conformidade com sua natureza intelectual, aos 15 anos de idade, John Nevins Andrews aceitou a mensagem por meio da leitura de um exemplar do folheto de Thomas Preble sobre o sábado, que chegou às suas mãos logo após ser publicado em 1845. Com vários outros adolescentes, comprometeu-se a guardar o dia especial de Deus antes mesmo que seus pais soubessem disso. Esses meninos passaram a cortar a lenha e a terminar suas tarefas na cozinha na sexta-feira, para “não mais serem transgressores do sétimo dia”. Foi só depois que seus pais se uniram a eles na nova fé.

Andrews conheceu os White em setembro de 1849, quando o casal livrou do fanatismo alguns adultos de sua família e da comunidade. Naquela ocasião, ao reconhecer o impacto maléfico dos ensinos equivocados, o jovem exclamou: “Eu trocaria mil erros por uma verdade!”

Em 1850, John começou a trabalhar como pastor. Em cinco anos, porém,

encontrava-se “completamente esgotado” por causa dos estudos intensivos e da agenda cheia. Depois de perder a voz e prejudicar sua visão, foi trabalhar na fazenda de seus pais, para recuperar a saúde. Mesmo nessas condições, não se afastou por completo dos livros. Em 1861, publicou a obra de fôlego *History of the Sabbath and First Day of the Week* [História do Sábado e do Primeiro Dia da Semana].

Em 1867, tornou-se o terceiro presidente da Associação Geral e, em 1869, foi editor da *Review and Herald*. Em 1874, foi para a Europa, como o primeiro missionário oficial da denominação em terras estrangeiras. Ellen White escreveu que eles haviam enviado “o homem mais capaz de todas as nossas fileiras” (Ct 2a, 1878).

Não há limites para o quanto Deus pode usar pessoas que dedicam a vida a Ele e ao estudo de Sua Palavra.

Ajuda-nos, Senhor, para que cada um de nós se torne um “obreiro que não tem de que se envergonhar” no que se refere a Ti e às Tuas sagradas Escrituras.

O Menino Pregador

Bom é para o homem suportar o jugo na sua mocidade.
Lamentações 3:27

John Loughborough (1832-1924) tinha 16 anos quando sentiu o chamado para pregar. Ele sofria de malária por nove semanas. Desesperado, finalmente clamou: “Senhor, cura estes calafrios e esta febre, e sairei para pregar assim que tiver forças suficientes para fazê-lo.” Os calafrios cessaram naquele mesmo dia.

John não tinha dinheiro para viajar. Depois de cortar lenha por algumas semanas, conseguiu economizar um dólar. Anos depois, observou: “Aquele dinheiro me levaria aonde eu queria ir, mas e as roupas? O vizinho para quem trabalhei me deu um colete e um par de calças parcialmente gastas; mas, como ele era muito mais alto que eu, essas roupas estavam longe de me servir, mesmo depois de cortar 17 centímetros do comprimento da calça. Para substituir o terno, meu irmão me deu um sobretudo, cuja borda tinha sido cortada.

“Com essa indumentária curiosa e um dólar, decidi ir a algum lugar onde não me conhecessem, e tentar pregar. Caso falhasse, meus amigos não ficariam sabendo; se tivesse êxito, consideraria o fato uma evidência de que era meu dever proclamar a mensagem.”

Na primeira noite fora de casa, deparou-se com uma pequena igreja batista em uma vila repleta de gente. Ele conta: “Eu cantei, orei e cantei mais uma vez. Falei sobre a queda do homem. Em vez de ficar envergonhado como temia, a bênção de Deus veio sobre mim e preguei sem reservas. Na manhã seguinte, fiquei sabendo que havia sete pastores na igreja na noite anterior.

“Na segunda noite, o lugar estava lotado de novo. Acho que eu atraía curiosos que queriam ouvir a pregação de um menino que não tinha nem barba.

[...] No fim do sermão, o [...] pastor se levantou e disse que na noite seguinte começaria uma série de aulas de canto, então minhas reuniões precisariam parar. Então, um senhor chamado Thompson se pôs de pé e falou: ‘Sr. Loughborough, esta escola de canto foi planejada com o objetivo de dar fim a suas reuniões.’” Então Thompson convidou o jovem pregador a transferir seus cultos para um grande prédio escolar que administrava. E mais uma vez o pregador iniciante foi bem-sucedido em circunstâncias nas quais os menos ousados teriam fracassado.

Quanto o Deus da graça é capaz de abençoar até aquela que parece a mais pobre das ofertas quando colocada a Seu serviço!

O Menino e o Pastor

Da boca de pequeninos e crianças de peito tiraste perfeito louvor. Mateus 21:16

O jovem pregador, como dá para imaginar, tinha medo de conhecer pastores. Tal temor logo se concretizou quando o ministro que havia cancelado suas reuniões decidiu visitar John em um culto informal com aqueles que estiveram presentes em suas reuniões.

John conta como foi:

– Muito bem – disse o pastor. – Você teve um público e tanto ontem à noite!

– É verdade, e eles pareciam bem interessados – respondi.

– O mais provável é que estivessem curiosos para ouvir um menino pregar, mas eu entendi direito você dizer que a alma não é imortal? – indagou o pastor.

– Foi o que eu disse.

Então ele perguntou:

– Como você explicaria o castigo, a morte que nunca tem fim?

– Fiquei surpreso e disse:

– Nunca vi esse texto bíblico. Metade de sua citação vem da Bíblia, e a outra, do hinário metodista.

– Com toda convicção – ele insistiu – digo-lhe que o que falei está na Bíblia! No capítulo 21 de Apocalipse.

– Acho que você se refere ao capítulo 25 de Mateus. Metade de seu texto está ali. Diz que os ímpios sofrerão um castigo eterno.

– Sim, é verdade, mas o texto que citei está no capítulo 21 de Apocalipse. Empreste-me sua Bíblia e lhe mostrarei – insistiu o pastor.

Para o espanto de todos, ele fez a busca somente para esbarrar em uma confusão. Então, devolveu a Bíblia e se desculpou, dizendo que tinha outro compromisso.

Podemos até rir dessa história um tanto simplória, mas ela reflete que a religião nas áreas rurais e fronteiriças dos Estados Unidos no século 19 era bem primitiva. Os pregadores das áreas campestres costumavam ser autodidatas. E isso se aplicava tanto aos adventistas quanto a seus críticos. Dentro de tal contexto, o conhecimento da Bíblia costumava sair vitorioso.

Muita coisa mudou desde então, mas não a importância de se conhecer a Bíblia. A Palavra de Deus é um dom especial do Céu. No entanto, quantos em nossa era mais esclarecida continuam tão ignorantes de sua mensagem quanto o pastor da história! Não há momento melhor do que hoje para transformar o estudo contínuo das Escrituras em parte de nosso cotidiano.

J. N. Loughborough Conhece J. N. Andrews

A lei do Senhor é perfeita e restaura a alma. Salmo 19:7

O pregador adventista John Norton Loughborough guardou o domingo por três anos e meio até que conheceu um pregador que guardava o sábado. Os ex-mileritas sabiam que vários defensores da teoria da porta fechada tinham tendências ao fanatismo. Além disso, contaram a Loughborough que o grupo que ele estava prestes a conhecer, além de guardar o sábado, gritava e fazia barulho quando se reunia.

Ele não estava muito ansioso para encontrar esses indivíduos, mas certo homem chamado Orton lhe disse: “O pessoal do sétimo dia está fazendo reuniões na avenida Mount Hope, 124.” E o convidou para comparecer.

John Loughborough recusou o convite, mas Orton respondeu: “Você tem um dever a cumprir. Alguns do seu rebanho se uniram aos adventistas sabatistas, e você precisa tirá-los dessa heresia. Eles lhe darão uma chance de falar. Então, prepare seus textos e mostre em dois minutos que o sábado foi abolido.”

Com esse desafio ecoando em seus ouvidos, Loughborough “preparou seus textos” e se dirigiu para a reunião dos guardadores do sábado, acompanhado de amigos guardadores do domingo.

O jovem pregador nunca mais seria o mesmo. Não houve fanatismo, nem demonstrações barulhentas na reunião; além disso, um pastor chamado John Nevins Andrews selecionou as mesmas passagens sobre a lei e o sábado que John Loughborough havia listado, e as explicou. Além de Andrews falar dos mesmos textos, Loughborough notou que ele o fez na mesma ordem. Aquilo foi demais para ele. John Loughborough aceitou o sábado em setembro de 1852 e se

tornou um pregador dessa mensagem.

Ele seria pioneiro da Igreja Adventista do Sétimo Dia na Califórnia e na Inglaterra, atuaria como pastor e administrador em várias partes dos Estados Unidos e publicaria a primeira história dos adventistas do sétimo dia em 1892: *The Rise and Progress of Seventh-Day Adventists* [Surgimento e Progresso dos Adventistas do Sétimo Dia], revisada em 1905 e lançada com o novo título de *The Great Second Advent Movement* [O Grande Movimento do Segundo Advento].

Ellen White declarou, em dado momento, que não há fim para a utilidade da pessoa que dedica sua vida a Deus. Esse foi o caso de John Loughborough. E o mesmo pode acontecer em nossa experiência também.

Centro em Battle Creek

Havia na igreja de Antioquia profetas e mestres. Atos 13:1

Todo movimento tem um centro. A igreja apostólica organizava sua missão aos gentios a partir de Antioquia, na Síria.

A pequena cidade de Battle Creek se transformou na sede da Igreja Adventista do Sétimo Dia durante o século 19. De lá, publicações e missionários se espalharam para os confins da Terra, à medida que o adventismo compreendia sua responsabilidade de pregar as três mensagens angélicas ao mundo.

Os adventistas guardadores do sábado iniciaram a obra em Battle Creek quando, em 1852, o itinerante José Bates visitou a então vila de dois mil habitantes. Sua chegada ali o colocou em um dilema. Em geral, ele começava a evangelizar uma nova região, entrando em contato com os membros da congregação adventista do primeiro dia, mas não havia nenhuma em Battle Creek. Então, conforme John Loughborough relatou, Bates foi aos correios e perguntou quem era o homem mais honesto da cidade. O funcionário o encaminhou para David Hewitt

O intrépido evangelista encontrou a família Hewitt tomando o desjejum e logo disse ao chefe da casa que, como as pessoas o consideravam o homem mais honesto da cidade, tinha verdades para partilhar com ele. Começando no desjejum e se estendendo até a tarde, Bates “lhes expôs a terceira mensagem angélica e o sábado”, mensagem que aceitaram antes que o sol se pusesse.

O batismo de Hewitt foi o início da congregação de guardadores do sábado em Battle Creek. Em 1855, quatro dos conversos de Bates – Dan Palmer, J. P. Kellogg, Henry Lyon e Cyrenius Smith – reuniram recursos para que se

construísse uma editora na cidade. Alguns deles chegaram a vender a própria fazenda a fim de custear a iniciativa.

Battle Creek se transformou na sede do adventismo pelo resto do século. Conforme veremos, diversas instituições adventistas surgiriam ali. E no centro da vida da comunidade estava o Tabernáculo Dime [igreja construída em 1879 com *dimes*, moedas de dez centavos de dólar, enviadas por adventistas de toda a denominação]. Com capacidade para quatro mil pessoas sentadas, constituía um grande monumento para a denominação que contava com 15 mil membros em todo o mundo. No tabernáculo, seriam realizadas as assembleias gerais da igreja.

Assim como doações sacrificiais do povo de Deus financiaram o crescimento em Battle Creek, elas têm servido para o avanço da igreja. Sem sacrifício, não há progresso.

Quem Quer Organizar a Igreja?

Proclamareis liberdade na terra a todos os moradores.
Levítico 25:10

Alguém queria organizar a igreja? Com certeza, Tiago White e José Bates, não, no fim dos anos 1840. Ambos haviam pertencido à Conexão Cristã, grupo religioso no qual liberdade significava não ter restrições por parte de estruturas eclesiásticas, nem de qualquer organização superior à congregação local.

Um de seus pastores mais importantes escreveu, no início da década de 1830, que a Conexão Cristã havia surgido simultaneamente em diversas partes dos Estados Unidos no início do século 19, "não com o objetivo de estabelecer doutrinas distintivas e peculiares, mas para *garantir a indivíduos e igrejas mais liberdade e independência* em relação a questões de fé e prática, bem como para *retirar a autoridade* de credos humanos *e* as *algemas* de modos e formas prescritos, a fim de fazer da Bíblia o único guia, atribuindo *a cada indivíduo* o direito de ser um expositor da Palavra e de julgar por si mesmo quais são suas doutrinas e exigências e, no viver diário, seguir mais de perto a simplicidade dos apóstolos e cristãos primitivos".

Um historiador do movimento resumiu em 1873 a ardente independência dos conexionistas: "Quando perguntamos a que grupo eles pertenciam, a resposta era: 'A nenhum'. 'A que denominação vocês pertencem?' 'A nenhuma.' 'Que nome partidário vocês assumirão?' 'Nenhum.' 'Então o que vocês farão?' 'Continuaremos como começamos: seremos cristãos. Cristo é nosso líder; a Bíblia, nosso único credo, e serviremos a Deus livres da rede do sectarismo.'"

Podemos dizer que os membros da Conexão Cristã eram antiorganizacionais. Eles aceitavam a necessidade de estrutura no nível local, mas consideravam cada

igreja ou congregação um corpo independente. O que unia as várias vertentes de conexionistas era, em grande medida, seus periódicos. E o nome de sua primeira publicação não poderia ser outro, senão *Herald of Gospel Liberty* [Arauto da Liberdade do Evangelho]. A segunda estratégia para manter uma vaga união era realizar reuniões desses cristãos com ideias parecidas.

Foi esse tipo de organização – periódicos e conferências – que Bates e White levaram para os primeiros guardadores do sábado. Eles não viam a necessidade de mais estruturas.

É importante destacar que a liberdade é algo bom. Conforme veremos, porém, isso não é tudo o que a Bíblia ensina sobre o assunto. Os primeiros adventistas descobriram que Deus guia todas as iniciativas à medida que as necessidades surgem.

Organização Babilônica

Na sua fronte, achava-se escrito um nome, um mistério:
Babilônia, a grande, a mãe das meretrizes e das abominações
da Terra. Apocalipse 17:5

Ao contrário dos conexionistas, a maioria dos adventistas mileritas não era contrária à organização da igreja. Em contrapartida, não tinham o desejo de formar uma estrutura eclesiástica. Afinal, o Senhor voltaria em breve e não haveria necessidade disso. Por isso, os cristãos mileritas procuraram permanecer em suas denominações enquanto testemunhavam da fé adventista e aguardavam o retorno de Cristo.

Isso funcionou bem até o verão de 1843, quando muitas congregações começaram a excluí-los, por causa da agitação crescente e constante acerca do advento que se aproximava. Conforme vimos, essa atitude agressiva levou Charles Fitch a proclamar a queda de Babilônia e a necessidade de que os cristãos saíssem das várias denominações. O conflito e a perseguição resultantes da rejeição da mensagem do advento levaram muitos a concluir que as igrejas estavam, de fato, desempenhando o papel de Babilônia – cidade opressora do povo de Deus no Antigo Testamento.

Um pregador milerita que sentiu a forte impressão de proclamar a mensagem de deixar as denominações foi George Storrs. Ele escreveu que a Babilônia “é a *velha mãe,* e todas as suas filhas [as denominações protestantes] [...] são reconhecidas pela semelhança familiar, um espírito dominador e arrogante; tal espírito suprime a livre busca pela verdade e a livre expressão de nossas convicções acerca do que é verdadeiro”. Os indivíduos necessitavam abandonar as denominações porque, de acordo com Storrs, “não temos o direito de permitir que nenhum homem ou grupo de homens domine sobre nós dessa maneira.

Permanecer em um corpo organizado assim [...] é permanecer em Babilônia".

Para Storrs, a religião organizada (tanto católica quanto protestante) tinha uma história repleta de intolerância e perseguição. Ele chegou a concluir: "Nenhuma igreja pode ser organizada por invenção humana. O que a torna Babilônia é o fato de ser um movimento organizado".

Tal mensagem, associada à dolorosa experiência dos fiéis sob as várias igrejas, deixaram na maioria dos mileritas uma impressão tão forte que seus grupos acharam impossível se organizar no fim dos anos 1840 e início da década de 1850.

Esse foi o caso dos guardadores do sábado. No entanto, logo eles descobririam que "Babilônia" tem mais de um significado na Bíblia.

Senhor, ajuda-nos a ver com clareza mesmo em períodos confusos.

Ausência de Estrutura Não Significa Ausência de Problemas

Quando eu estava de viagem, rumo da Macedônia, te roguei permanecesses ainda em Éfeso para admoestares a certas pessoas, a fim de que não ensinem outra doutrina. 1 Timóteo 1:3

No início da igreja cristã, havia uma estrutura formal mínima, mas provavelmente os primeiros cristãos não sentiam necessidade disso. No entendimento deles, Jesus logo voltaria. Entretanto, Cristo não regressou. Isso resultou em problemas na igreja, os quais requeriam atenção. As epístolas pastorais (1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito) serviram para manter a ordem nas congregações.

O adventismo passou por uma experiência semelhante. Desde setembro de 1849, encontramos Tiago White solicitando auxílio financeiro para os pregadores itinerantes do movimento e abordando a necessidade de "suspender" certa mulher "da comunhão". Então, em março de 1850, no contexto dos comentários sobre um indivíduo a quem ele não acreditava que Deus chamara para ser pregador itinerante, Tiago escreveu sobre a necessidade de prosseguirem em "ordem evangélica".

Parece que a esposa de Tiago tinha preocupações semelhantes. Em dezembro de 1850, ela escreveu: "Vi que tudo no Céu se encontra em perfeita ordem. Disse o anjo: 'Olha, Cristo é o cabeça; avançai em ordem, avançai em ordem. [...] Ele também disse: 'Contempla e vê como é perfeita e bela a ordem no Céu; segue-a.'" Perto da conclusão, ela observou: "se Israel [isto é, a igreja] progredisse de maneira constante, segundo a ordem bíblica, seria tão poderoso quanto um exército com estandartes" (Man. 11, 1850).

As preocupações iniciais de Tiago e Ellen White quanto à organização pareciam ser essencialmente as mesmas. Temiam representantes desordeiros, fanáticos e desautorizados. No início dos anos 1850, houve um rápido crescimento no número de indivíduos atraídos pela lógica da pregação dos guardadores do sábado. Em três anos, o número de adeptos ao movimento saltou de cerca de cem para mais de 2 mil, em 1852.

O crescimento é bom, porém, traz consigo problemas e desafios. Por exemplo, sem estrutura além da congregação, os grupos dispersos de guardadores do sábado teriam sido presas fáceis de fanáticos e pregadores sem autorização.

Pai, ajuda-nos a apreciar o valor da estrutura em Tua obra, bem como em nossa vida pessoal.

Ordenação de Líderes

A razão de tê-lo deixado em Creta foi para que você pusesse em ordem o que ainda faltava e constituísse presbíteros em cada cidade, como eu o instruí. Tito 1:5, NVI

Em 1851, os problemas entre as crescentes congregações de guardadores do sábado levaram o casal White a crer que o movimento exigia sua presença pessoal de tempos em tempos para corrigir os abusos. Nos anos seguintes, a *Review* traria relatos deles com títulos como "Nossa Viagem ao Leste". Durante as jornadas, os White lidavam repetidas vezes com questões de fanatismo e ordem eclesiástica dentro das congregações. Por exemplo, a respeito de uma conferência realizada em Medford, Massachusetts, no fim de 1851, Tiago declarou: "a dificuldade da reunião foi a ordem da igreja, apontar os erros de S. Smith e de H. W. Allen, bem como a importância da ação da igreja [exclusão da comunhão] para corrigir o rumo de alguns irmãos."

Em vários lugares, durante a mesma viagem, Tiago relatou a exclusão de pessoas que haviam "se tornado vítimas do poder encantador do espiritualismo", a repreensão do fanatismo e de "espíritos opositores" e a fala sobre "a ordem do evangelho e a perfeita união entre os irmãos, sobretudo daqueles que pregam a Palavra".

Em 1851, a viagem para o Leste também foi significativa porque seus registros fornecem a primeira informação sobre a nomeação de oficiais de igrejas locais. Lemos, portanto, que, em certa reunião, "foi escolhido um grupo de sete (ver At 6) para cuidar das necessidades dos pobres".

Anteriormente, naquele mesmo ano, a *Review* relatou pela primeira vez uma ordenação entre os guardadores do sábado. Em julho, "o irmão [Washington]

Morse foi separado pela imposição de mãos para administrar as ordenanças da casa de Deus. O Espírito Santo Se manifestou. [...] O lugar ficou [...] glorioso".

Em 1852, os guardadores do sábado começavam a se ver cada vez menos como um "rebanho disperso" e mais como uma igreja. Com a reinterpretação da porta fechada, passaram a reconhecer que tinham uma missão mais ampla, que ia além dos limites do milerismo. Tais percepções acrescentariam peso à decisão dos guardadores do sábado de criarem uma organização mais bem estruturada.

Senhor, dia a dia, enquanto lemos e meditamos, vemos Tua igreja despertando aos poucos para responsabilidades cada vez maiores. Ajuda-nos a ver que esse despertamento não foi apenas algo que aconteceu 150 anos atrás, mas um processo que precisa ocorrer em nossa vida pessoal à medida que Tu nos guias progressivamente, de maneira individual.

Lobos entre Ovelhas

Sei que, depois da minha partida, lobos ferozes penetrarão no meio de vocês e não pouparão o rebanho. E dentre vocês mesmos se levantarão homens que torcerão a verdade, a fim de atrair os discípulos. Atos 20:29, 30, NVI

O maior problema que os guardadores do sábado enfrentavam no início dos anos 1850 era não possuir um mecanismo sistemático de defesa contra os impostores. Praticamente qualquer um que quisesse podia pregar em suas congregações. Grandes setores do adventismo não possuíam uma ortodoxia ou mesmo moralidade ministerial, enfrentando a crise do ministério por autonomeação.

O problema se tornara evidente para todas as denominações ex-mileritas antes que se organizassem no fim dos anos 1850 e início da década de 1860. Um leitor escreveu, em 1850, a um periódico adventista do primeiro dia reclamando sobre um "falso ensino": "Faz três semanas que um homem chamado José Bates chegou aqui ao púlpito, professando ser um pregador adventista. [...] Nós o entrevistamos e descobrimos que sua 'mensagem' era o sábado, ou sétimo dia, e a porta fechada".

O editor, Himes, respondeu: "O capitão Bates é um velho amigo nosso e, pelo que sabemos, uma pessoa melhor do que a maioria de seus companheiros, mas não temos confiança em seus ensinos. Ele não deve ser tolerado nem por um instante."

O problema que os grupos religiosos de ex-mileritas enfrentavam dizia respeito a limites. Assim como Bates se sentia livre para fazer evangelismo nas congregações guardadoras do domingo, estas se dispunham a retribuir o favor.

Piores ainda eram os impostores maliciosos, cujo principal objetivo era se aproveitar financeiramente dos santos.

Em 1853, os guardadores do sábado deram dois passos para proteger suas congregações dos “falsos” irmãos. Primeiro, seus pastores mais proeminentes adotaram o plano de conceder aos pregadores aprovados um cartão, “recomendando-lhes à comunhão do povo do Senhor por toda parte”. Dois líderes reconhecidos assinavam e datavam os cartões. John Loughborough recebeu um desses em janeiro de 1853, com os nomes de Tiago White e José Bates.

O segundo método para a certificação dos líderes foi a ordenação. No fim de 1853, começaram a ser feitas ordenações de pregadores itinerantes (ainda não existiam ministros designados a congregações) e diáconos, ao que parece, os únicos oficiais das igrejas locais naquela época.

Obrigado, Pai, por proveres meios de proteção à Tua igreja na Terra, para nossa segurança.

A Ordem do Evangelho – 1

Porque Deus não é Deus de confusão, senão de paz, como em todas as igrejas dos santos. 1 Coríntios 14:33, ARC

“Porque Deus não é Deus de confusão”. Você nunca teria certeza disso se baseas- se sua opinião ao visitar algumas congregações adventistas do sétimo dia, em 1853. O movimento crescera com rapidez, mas carecia de ordem.

Muito embora tivessem avançado quanto à ordem, ainda eram bem vulneráveis, realidade evidente no relato de Ellen White da viagem que ela e Tiago fizeram para o Leste, naquele ano. Ela conta: “Foi uma jornada trabalhosa e um tanto quanto desanimadora. Muitos dos que aceitaram a verdade não eram santificados no coração e na vida. Elementos de contenda e rebelião estavam em atividade, e era necessário ocorrer um movimento de purificação da igreja” (LS, p. 150, 151).Por isso, não é difícil entender por que ela e o marido fizeram chamados à “ordem do evangelho”, em dezembro de 1853.

Tiago liderou a iniciativa por uma melhor organização em uma série de artigos publicada na *Review,* com o título “Ordem do Evangelho”. Em 6 de dezembro, ele destacou: “Esse era um assunto de grande importância para a igreja [cristã] primitiva” e “não pode ter menor importância nos últimos dias de perigo. [...] Se a ordem do evangelho era tão significativa a ponto de Paulo refletir sobre ela em suas epístolas às igrejas, não deve ser deixada de lado pelo povo de Deus desta época. Cremos que ela tem sido muito negligenciada, e a atenção da igreja deve se voltar a esse assunto. Esforços vigorosos devem se dirigir à concretização da ordem do evangelho, da melhor forma possível. [...]

“É um fato lamentável que muitos de nossos irmãos adventistas tenham fugido a tempo do cativeiro das igrejas, as quais, de forma coletiva, rejeitaram a

doutrina do advento, para entrar em uma Babilônia ainda maior que a anterior. Eles têm negligenciado demais a ordem do evangelho. [...]

“Muitos, no zelo por sair da Babilônia, aderiram a um espírito impetuoso e desordeiro e logo se encontraram em uma perfeita Babel de confusão. [...] Deus não chamou Seu povo para sair da confusão das igrejas a fim de que ficassem sem qualquer disciplina.”

É difícil chegar a um feliz meio-termo neste mundo pecaminoso. Encontrar uma posição entre o controle opressor e a liberdade desordenada faz parte do delicado equilíbrio na história da igreja. No entanto, Deus guia Seu povo não só em questões de doutrina, mas também rumo a uma administração eficaz.

A Ordem do Evangelho – 2

Tudo, porém, seja feito com decência e ordem. 1 Coríntios 14:40

Levar ordem e unidade de ação a um rebanho crescente, formado por fiéis independentes e, às vezes, cheios de opinião própria era o desafio que Tiago White enfrentava no início dos anos 1850. Muitos dos guardadores do sábado criam que qualquer tipo de restrição provinda de uma igreja organizada equivalia à opressão babilônica. Foi isso que levou White a conclamar a ordem do evangelho em dezembro de 1853. Em seu primeiro artigo sobre o assunto, ele afirmou: “Supor que a igreja de Cristo se encontra livre de regras e disciplinas é fanatismo em seu mais alto grau.”

No segundo artigo, convidou os crentes a analisar os métodos expostos no Novo Testamento e enfatizou a importância da unidade de sentimento e ação. “A fim de que haja união e ordem dentro da igreja, é da mais elevada importância que aqueles que professam ser mestres religiosos estejam em perfeita união. [...] O contrário geraria divisão e confusão em meio ao precioso rebanho. Aquele que ingressa na obra do ministério evangélico deve ser chamado por Deus, um homem santo e experiente.”

Tal declaração abriu caminho para o terceiro artigo, que falou da seleção, qualificação e ordenação de pastores, uma vez que “em nada o evangelho tem sofrido mais do que pela influência de falsos mestres”.

“Podemos dizer, pela experiência de muitos anos, que o motivo de maior sofrimento da verdade presente é em consequência daqueles que Deus nunca enviou e tomam para si a obra de ensinar. [...] Irmãos, continuaremos a nos lamentar” pela influência desastrosa de pregadores autodesignados “e não fazer

esforços para impedi-los? Que Deus não permita!” De acordo com o Novo Testamento, a igreja deve tomar cuidado ao escolher e ordenar ministros.

No quarto e último artigo da série, Tiago enfatizou o papel da igreja como um todo na ordem do evangelho: “Os esforços, cuidados e responsabilidades por essa grande obra não repousam apenas sobre alguns pregadores. [...] Toda a igreja deve aprender a sentir que parte da responsabilidade pela boa ordem e salvação das almas recai sobre cada um de seus membros.” Ele enfatizou, de maneira especial, a necessidade de que os membros sustentassem seus ministros por meio das orações e finanças.

Às vezes, não compreendemos o peso do último artigo de Tiago White. Digo que, se esperarmos os pastores terminarem a obra sozinhos, levará um pouco mais do que a eternidade para concluí-la. Cada um de nós tem sua responsabilidade.

A Ordem do Evangelho – 3

É necessário [...] que o bispo seja irrepreensível, esposo de uma só mulher, temperante, sóbrio, modesto, hospitaleiro, apto para ensinar. 1 Timóteo 3:1, 2

No fim de dezembro de 1853, Ellen White se uniu publicamente ao marido, no apelo à ordem do evangelho. Baseando seus sentimentos numa visão recebida em sua última viagem com Tiago para o Leste, em 1852, escreveu: “O Senhor tem mostrado que a ordem evangélica tem sido demasiado receada e negligenciada. A formalidade deve ser banida, mas por fazê-lo a ordem não deve ser negligenciada.”

“Há ordem no Céu. Havia ordem na igreja quando Cristo esteve na Terra, e depois que Ele partiu a ordem foi estritamente observada entre os Seus apóstolos. E agora nestes últimos dias, quando Deus está levando Seus filhos à unidade da fé, há mais real necessidade de ordem que jamais antes; pois, ao passo que Deus une os Seus filhos, Satanás e seus anjos maus estão muito ocupados procurando evitar essa união e buscando destruí-la” (PE, p. 97).

Ela tinha uma preocupação especial com a nomeação de pastores: “Homens de vida não santificada e não qualificados para ensinar a verdade presente entram no campo sem ser reconhecidos pela igreja ou pelos irmãos em geral, e o resultado é confusão e desunião. Alguns possuem uma teoria da verdade e podem apresentar argumentos, mas há falta de espiritualidade, discernimento e experiência” (ibid., p. 97, 98).

Tais “mensageiros enviados de moto-próprio”, censurou ela, “são uma maldição para a Causa”, sobretudo, para as “almas honestas [que] neles põem sua confiança”, achando que estão em harmonia com a igreja. Por causa dos

ministros problemáticos autonomeados, “é muito mais penoso para o espírito dos mensageiros de Deus ir a lugares onde estão os que exercem essa má influência, do que iniciar o trabalho em campos novos” (ibid., p. 99).

Em decorrência dos problemas, Ellen White fez o seguinte apelo: “a igreja devia sentir sua responsabilidade e vigiar cuidadosa e atentamente a vida, as qualificações e a conduta geral dos que professam ser ensinadores.” A solução, acrescentou, incluía descobrir na Palavra de Deus os princípios da ordem do evangelho e “impor as mãos” somente “sobre aqueles que tenham dado plena prova de que receberam o chamado de Deus” (ibid., p. 100, 101).

A liderança da igreja é uma pesada responsabilidade. Precisamos levá-la a sério, tanto no que se refere às qualificações necessárias quanto à sua prática.

Que Deus ajude Sua igreja à medida que tenta achar seu caminho em meio a um mundo despedaçado.

Divisão no Arraial

Estás ciente de que todos os da Ásia me abandonaram;
dentre eles cito Fígelo e Hermógenes. 2 Timóteo. 1:15

No início de 1854, Tiago e Ellen White já tinham uma opinião bem definida sobre a necessidade de mais ordem e estrutura entre os guardadores do sábado. Além de considerar tal medida importante, Tiago também acreditava que o movimento não progrediria muito sem ela. Por isso, escreveu em março que Deus estava "esperando Seu povo se endireitar e, na ordem evangélica, elevar o estandarte da piedade, antes que Ele acrescente muitos outros a nossas fileiras".

O fato de os adventistas guardadores do sábado enfrentarem suas primeiras divisões organizadas na época sem dúvida reforçava a convicção de Tiago sobre o assunto. No início de 1854, dois pastores, H. S. Case e C. P. Russell haviam se voltado contra o casal White. No outono daquele ano, lançaram a própria publicação, *Messenger of Truth* [Mensageiro da Verdade], a qual esperavam que não só rivalizasse a *Review and Herald* como também colocasse um número significativo de fiéis sob sua influência.

Concomitantemente à ascensão do partido dos "mensageiros", ocorreu a apostasia de dois dos quatro pregadores do sétimo dia em Wisconsin. J. M. Stephenson e D. P. Hall começaram a promover o ponto de vista de um milênio temporal e da era vindoura que propunha uma segunda chance de conversão durante o milênio. Logo os dois pastores de Wisconsin se uniram aos "mensageiros" em sua oposição à liderança do casal White.

Com tantas pessoas insubordinadas na época, não causa surpresa o aumento de artigos sobre a compreensão crescente dos princípios bíblicos relacionados à ordem na igreja e à ordenação de líderes aprovados entre os guardadores do

sábado durante a segunda metade da década de 1850. Deus é bom!

Ele até ajuda Seu povo a aprender com as divisões e os problemas que ocorrem em seu meio. Foi assim com a igreja primitiva. O resultado é que temos as excelentes cartas pastorais de Paulo a Timóteo e Tito, delineando os princípios bíblicos de organização. Além disso, as epístolas escritas por Paulo, Tiago, Pedro, Judas e João repreendem os ensinos errôneos dos separatistas. Sem a orientação divina para os problemas que tais falsos mestres continuam a suscitar, a igreja empobreceria mais a cada era.

Ajuda-nos, Pai, a perceber com mais clareza como Tu usas até mesmo as situações problemáticas, para o crescimento de Tua igreja.

O Congregacionalismo é o Melhor Caminho?

Áquila e Priscila os saúdam afetuosamente no Senhor, e também a igreja que se reúne na casa deles. 1 Coríntios 16:19, NVI

José Bates se uniu aos White na preocupação com a ordem evangélica. Em harmonia com suas raízes restauracionistas, ele afirmava que a organização eclesiástica bíblica deveria ser restaurada antes do segundo advento. Ele argumentava que, durante a Idade Média, os "transgressores da lei" "haviam pervertido" elementos essenciais do cristianismo como o sábado e a organização eclesiástica bíblica. Deus havia usado os adventistas do sétimo dia para restaurar o sábado e estava "perfeitamente claro" em sua mente "que Deus usaria os guardadores da lei como instrumentos para restaurar [...] uma 'igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga'. [...] Tal união entre fé e perfeita ordem eclesiástica nunca existiu desde os dias dos apóstolos. Está evidente que ela deve ocorrer antes do segundo advento de Jesus [...], na restauração de todas as coisas".

Como Bates cria na recuperação da ordem apostólica da igreja, não abria espaço para nada que não pudesse ser encontrado no Novo Testamento. Nesse período inicial, Tiago White defendia uma opinião semelhante. Por isso, escreveu em 1854: "ao dizer ordem da igreja ou do evangelho, nos referimos à ordem na associação e disciplina da igreja ensinada no evangelho de Jesus Cristo pelos escritores do Novo Testamento." Alguns meses depois, ele falou sobre o "perfeito sistema de organização, anunciado no Novo Testamento, por inspiração divina. [...] As Escrituras apresentam uma estrutura perfeita".

White, Bates e outros estavam convictos de que todos os aspectos da organização eclesiástica deveriam estar explicitamente citados na Bíblia. Foi por isso que J. B. Frisbie chegou a argumentar contra qualquer nome de igreja,

exceto o mencionado por Deus nas Escrituras. Conforme ele defendeu, “Igreja de Deus [...] é o único nome que o Senhor julgou adequado dar à Sua igreja”.

Com uma compreensão tão literal, não causa espanto descobrir que os primeiros líderes adventistas discutiam os deveres dos diáconos e anciãos ou bispos nos termos propostos por Paulo e, o que nos deixa um pouco mais confusos, definiam “igreja” como “uma congregação particular de crentes”, dadas as implicações de Atos 15 e o papel supervisor de Paulo e seus auxiliares. No entanto, era assim que as coisas aconteciam. O congregacionalismo foi a estrutura favorecida pelos guardadores do sábado na metade da década de 1850.

Obrigado, Senhor, por nossas igrejas locais. Ajuda-nos a nunca esquecer o papel importante que elas desempenham em Tua obra.

O Congregacionalismo Não Basta!

Ao passar pelas cidades, entregavam aos irmãos, para que as observassem, as decisões tomadas pelos apóstolos e presbíteros de Jerusalém. Atos 16:4

A igreja apostólica descobriu que algumas questões transcendiam a congregação local e necessitavam de uma decisão proveniente de uma estrutura coordenadora mais ampla. No concílio de Atos 15, anciãos e apóstolos se reuniram para decidir como fazer congregações judaicas e gentílicas desenvolverem um relacionamento satisfatório. A assembleia tomou decisões válidas para todas as igrejas.

Os primeiros adventistas também descobriram que não conseguiam resolver todas as questões somente na igreja local. Se, na primeira metade da década de 1850, os guardadores do sábado criaram estruturas e cargos dentro das igrejas locais, na segunda parte, eles se concentraram no que significaria “união” para elas.

Pelo menos quatro assuntos forçariam líderes como Tiago White a olhar para a organização da igreja de maneira mais abrangente. A primeira, sobre a propriedade legal, sobretudo, da editora e dos prédios da igreja. A última coisa que ele queria era a responsabilidade de ter uma editora em seu nome.

O segundo tópico que motivou sua reflexão foi a questão do pagamento dos pastores. Essa era uma situação especialmente difícil, uma vez que os ministros guardadores do sábado não serviam a congregações locais específicas naquela época, mas viajavam de igreja em igreja, como evangelistas itinerantes. O apoio financeiro aos pregadores se complicava pelo fato de que os adventistas não recolhiam o dízimo, nem contavam com outra forma de angariar recursos para

pagá-los.

O terceiro motivo que levou White a pensar numa forma mais ampla de organização da igreja envolvia a distribuição dos pregadores. Em 1859, Tiago escreveu que, enquanto comunidades como Battle Creek costumavam ter vários pastores atuando de uma vez, outras permaneciam “destituídas, sem ouvir uma pregação por três meses”. Quer todos gostassem, quer não, em 1859, Tiago White agia como um supervisor na distribuição geográfica e no pagamento dos pregadores, mas sem qualquer estrutura oficial para respaldar seus esforços. Tal sistema o deixava vulnerável a críticas relativas a má administração e apropriação indevida de recursos.

O quarto problema estava ligado à transferência de membros, sobretudo quando a pessoa fora excluída de uma igreja e desejava entrar em outra.

As igrejas necessitavam de um sistema e de ordem a fim de seguir em frente unidas. Isso porque vivemos em um mundo imperfeito, com pessoas nada perfeitas.

Crise no Ministério

Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho que vivam do evangelho. 1 Coríntios 9:14

Os pastores podem até tratar das coisas celestiais, mas até eles necessitam de alimento material, e isso tem um custo.

Como pagar os ministros na denominação em desenvolvimento foi uma questão que se transformou em crise na metade dos anos 1850. Um dos casos foi a situação do jovem John Nevins Andrews, que posteriormente serviu a igreja como seu principal erudito, primeiro missionário oficial em terras estrangeiras e presidente da Associação Geral. Contudo, na metade da década de 1850, a exaustão e as privações o forçaram se afastar do ministério ainda aos vinte e poucos anos. No outono de 1856, ele trabalhava como balconista na loja de seu tio em Waukon, Iowa.

Aliás, Waukon se transformava rapidamente em uma colônia de apáticos adventistas guardadores do sábado. Outro ministro influente que encontrou refúgio em Waukon em 1856 foi John Loughborough, o qual ficara, em suas palavras, “um pouco desanimado com as finanças”.

O casal White reverteu temporariamente a crise no ministério adventista, fazendo uma viagem perigosa a Waukon, no meio do inverno, com o objetivo de despertar a adormecida comunidade guardadora do sábado e recuperar os ministros desertores.

No entanto, isso não mudou a realidade financeira. Por exemplo, durante os três primeiros meses de trabalho após deixar Waukon, Loughborough recebeu casa e comida, um casaco de pele de búfalo que valia cerca de 10 dólares e mais 10 dólares em dinheiro. O problema estava longe de uma solução. A Sra.

Loughborough deve ter chegado a essa conclusão.

Tiago White escreveu: “Estou cansado de ver declarações de necessidade entre nossos pregadores e apelos por recursos na Review. Estou cansado de publicá-los. Esses apelos inespecíficos para todos, e não a alguém em particular, não chegam a lugar nenhum, só servem para encher papel e incomodar o leitor. Tais coisas prejudicam a Review e são uma mancha à causa.”

Os obreiros cristãos não vivem só de pão, mas necessitam dele. A esposa e os filhos também. Paulo é claro ao afirmar: os “que pregam o evangelho que vivam do evangelho.”

Como? A resposta é óbvia: com a contribuição de cada um de nós.

Ao provermos recursos para seu sustento, participamos da bênção do ministério deles.

Como Conseguir Recursos?

No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade, e vá juntando. 1 Coríntios 16:2

O angariamento de recursos para a obra dos adventistas guardadores do sábado era uma questão central na metade dos anos 1850. Samuel H. Rhodes de Brooksfield, Nova York, tornou-se, sem saber disso, o catalisador do diálogo para a criação de um plano nesse sentido, ao enviar dois dólares para a *Review,* em dezembro de 1856, dizendo a Tiago White que acreditava no que dizia 1 Coríntios 16:2, sobre o dever de separar dinheiro para a causa do Senhor a cada domingo.

White ficou empolgado com as possibilidades desse plano. “Recomendamos a todos os cristãos uma análise cuidadosa desse texto. É evidente que se trata de uma obra individual que ‘cada um’ deve realizar no temor de Deus.” Se todos os adventistas fizessem como Rhodes, “o tesouro do Senhor estaria cheio de recursos para o avanço da preciosa causa da verdade”.

Três semanas depois, outra pessoa enviou dinheiro para a *Review*, citando o mesmo texto. White observou: “é impossível criar um plano melhor do que o apresentado pelo apóstolo.” “Apeguem-se a ele”, desafiou os leitores. Entretanto, como Brian Strayer destaca, eles “não se apegaram”. Em abril de 1858, White escreveu: “desânimos repetidos estão entristecendo e desencorajando nossos pregadores.” Alguns “se mudaram na expectativa de ser sustentados pelos irmãos [...] mas estes, com frequência, têm falhado em seu dever”. Por isso, vários ministros “estão afundados na pobreza, saúde fragilizada e desencorajamento”.

Nessa época, Tiago White, um tanto desesperado, pensou num segundo plano, apelando a que enviassem equivalente aos impostos anuais. “Contudo”, observa Strayer, “se os adventistas já haviam demonstrado relutância em adotar o plano de 1 Coríntios 16, pareciam ainda mais hesitantes em responder ao plano do imposto eclesiástico”. Três semanas depois, White disse que Satanás “exultava” por causa da falta de um programa bem-sucedido para financiar a igreja.

Diante disso, em 1858, a congregação de Battle Creek, formou um grupo de estudo, para pesquisar na Bíblia um plano de apoio financeiro ao ministério. Sob a liderança de John Andrews, o grupo desenvolveu um conceito que seria adotado no início de 1859.

Às vezes nos esquecemos de como aqueles que nos antecederam lutaram com questões que nunca nos incomodaram. A verdade pura e simples é que estamos sobre os ombros deles, beneficiando-nos, a cada dia, de suas provas e soluções. E podemos aprender com suas dificuldades.

Benevolência Sistemática

Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria. 2 Coríntios 9:7

Em fevereiro de 1859, Tiago White anunciou, com alegria, os resultados que o grupo de estudo havia descoberto sobre como custear a obra da igreja. Ele apresentou um conceito conhecido como “benevolência sistemática”, que daria a todos os membros a oportunidade de fazer doações regulares para o sustento da igreja.

Bem convicto de que tal plano provinha de Deus, White enfatizou 1 Coríntios 16:2 a fim de justificar ofertas semanais, e textos como 2 Coríntios 9:5-7, que lançam o princípio de colher o que foi semeado, e de que o Senhor ama quem dá com alegria.

White não só anunciou o novo plano de benevolência sistemática, como também estabeleceu diretrizes. Homens de 18 a 60 anos de idade deveriam dar de cinco a 25 centavos de dólar por semana, ao passo que mulheres da mesma faixa etária contribuiriam com dois a dez centavos. Todos deveriam acrescentar de um a cinco centavos a cada 100 dólares de propriedades que tivessem.

Seguindo 1 Coríntios 16:2, os fundos da benevolência sistemática eram recolhidos a cada manhã de domingo, quando os tesoureiros visitavam os membros, com suas salvas de ofertas e o livro de registro da benevolência sistemática.

Como você já deve imaginar, isso não foi recebido com entusiasmo por todos. Porém, dois anos depois, Tiago White mostrou o lado animador da situação ao escrever: “todos esperam” o tesoureiro, “preparam-se para recebê-lo

e o encontram de mãos abertas e sentimento benevolente". Escreveu ainda: "ninguém se sente mais pobre, mas todos ficam felizes depois de depositar as pequenas quantias no tesouro."

Entretanto, o uso dos recursos se tornou um problema. A princípio, White sugeriu que cada congregação decidisse por si. Depois, propôs que cada igreja tivesse pelo menos cinco dólares em caixa para auxiliar os pregadores visitantes e enviasse o restante para o evangelismo em Michigan.

A benevolência sistemática, ou o que muitos conheceriam no futuro como "irmã Betsy", foi um passo à frente, mas ainda estava bem aquém das necessidades da igreja. Além disso, em 1859, os guardadores do sábado ainda careciam de uma maneira sistemática de usar os recursos para pagar os pastores.

A maioria de nós agradece porque nos dias atuais o tesoureiro da igreja não bate à nossa com um livro de registros em mãos. Deus nos conduziu a um sistema melhor, menos invasivo e mais adequado para prover recursos à Sua igreja.

Dízimo: Um Sistema Superior

Tragam o dízimo todo ao depósito do templo, para que haja alimento em Minha casa. Ponham-Me à prova, diz o Senhor dos Exércitos. Malaquias 3:10, NVI

É interessante notar que os primeiros debates sobre a benevolência sistemática não citavam Malaquias 3:8-10, nem os escritores da *Review* enfatizavam as bênçãos provenientes da fidelidade ao dar.

O que eles salientavam era o fato de a benevolência sistemática ter natureza indolor e não requerer sacrifícios. Na verdade, era tão indolor e sem sacrifícios que não custeava de maneira adequada as necessidades da igreja em crescimento.

Só aos poucos os guardadores do sábado aceitaram o sistema de dízimos. Parece que alguns haviam pensando sobre isso em 1859, mas Tiago White estava convicto de que a benevolência sistemática era superior ao “sistema israelita de dízimos”.

As coisas começaram a mudar em fevereiro de 1876, quando Dudley Canright publicou uma série de artigos na *Review,* colocando Malaquias 3:8-11 em destaque. Anunciando que os dízimos eram o plano bíblico para o sustento dos pastores, foi enfático em declarar: “Deus requer que o dízimo, ou um décimo de toda a renda de Seu povo seja dado para o sustento de Seus servos em seus labores.” Ele continuou observando: “o Senhor não diz que você deve dar um décimo para mim, mas que a décima parte pertence a Ele.” Uma vez que o dízimo já pertence a Deus, os cristãos estão meramente devolvendo para Ele. Canright também ressaltou as bênçãos e a recompensa de dizimar. “Tenho total convicção de que a bênção especial do Senhor contempla aqueles que se

mostram dispostos e liberais na devolução” de seu dízimo.

O sistema de dízimos obteve êxito no apoio financeiro à igreja, ao passo que a benevolência sistemática havia falhado. Na Assembleia da Associação Geral em 1876, Canright estimou que, se todos os membros devolvessem o dízimo com fidelidade, a tesouraria receberia 150 mil dólares por ano, em vez de apenas 40 mil.

Canright continuou a apelar à Associação Geral que aprovasse o sistema de dízimos, o que aconteceu em outubro de 1876. É claro que, nessa época, a igreja já contava com uma estrutura organizacional para atuar como o “depósito” de Malaquias 3, coletando e distribuindo os recursos.

Senhor, agradecemos Tua orientação até mesmo nas questões financeiras da igreja. Valorizamos as bênçãos sobre os que seguem o plano bíblico dos dízimos e das ofertas.

Redefinição de Babilônia

Chamou-se-lhe, por isso, o nome de Babel, porque ali confundiu o Senhor a linguagem de toda a Terra. Gênesis 11:9

Por volta da metade de 1859, Tiago White estava pronto para lançar a iniciativa final rumo à organização formal da denominação. “Carecemos de um sistema”, exclamou em 21 de julho. “Muitos de nossos irmãos estão dispersos. Guardam o sábado, leem a *Review* com algum interesse, mas, além disso, fazem muito pouco ou nada, por falta de um método unido de ação entre eles.” Para remediar a situação, ele convocava reuniões regulares em todos os estados, a fim de dar um direcionamento para as atividades dos guardadores do sábado.

Ele escreveu: “Estamos cientes de que tais sugestões não serão bem recebidas por todos. Os cautelosos em excesso ficarão assustados e logo advertirão seus irmãos a tomarem cuidado e não se aventurarem tão longe. Enquanto isso, o irmão Confusão bradará: ‘Oh, isso parece Babilônia! Estão seguindo a igreja caída!’. O irmão Preguiça dirá: ‘A causa é do Senhor, e o melhor que temos a fazer é deixá-la nas mãos dEle, que cuidará de tudo’. ‘Amém’, dizem o Amante-deste-mundo, o Indolente e o Egoísta. Já o Avarento fala: ‘se Deus chama homens para pregar, que saiam e preguem, pois Ele cuidará de todos [...]’; enquanto Coré, Datã e Abirão estão prontos a se rebelar contra aqueles que sentem o peso da causa [por exemplo, Tiago White] e que cuidam das almas como quem deverá prestar contas por elas, a ponto de levantarem o clamor: ‘Vocês carregam um fardo pesado demais.’”

Tiago expressou do modo mais descritivo possível o fato de que estava cansado de ouvir o clamor “Babilônia” toda vez que falava de organização. “O irmão Confusão comete o erro mais crasso ao chamar de Babilônia algo que está

em harmonia com a Bíblia e com o bom senso. Uma vez que Babilônia significa confusão, nosso irmão errante tem a própria palavra estampada em sua testa. E nos aventuramos a dizer que não há ninguém debaixo do céu mais merecedor da marca da Babilônia do que aquele que professa a fé adventista, mas rejeita a ordem bíblica."

Nessa época, Tiago estava muito preocupado com a saúde do movimento adventista do sétimo dia. Em seu apelo por organização, redefiniu Babilônia, de "opressão" para "confusão", palavra que descrevia adequadamente a situação em 1859.

Às vezes, é importante se posicionar e enfatizar nossas convicções bíblicas. Deus ainda usa homens e mulheres equilibrados e de convicção piedosa, assim como fez com Tiago White, a fim de ajudar Sua igreja a voltar para os trilhos. Que o Senhor nos dê coragem para erguer a voz no momento apropriado.

Pensamentos Grandiosos

Não havendo profecia, o povo se corrompe. Provérbios 29:18

Pensamentos pequenos levam a resultados medíocres. A maioria dos adventistas guardadores do sábado nos anos 1850 pensava pequeno. No entanto, a posição estratégica de Tiago White no adventismo lhe possibilitou uma maneira diferente de enxergar as coisas.

Para Tiago, em 1859, o adventismo do sétimo dia estava confuso e exigia uma estrutura. Além disso, de acordo com seu pensamento, a igreja precisava compreender o crescimento da missão confiada a ela. Tiago também havia descartado sua maneira literalista de interpretar a Bíblia, deixando de crer que as Escrituras deveriam mencionar explicitamente cada aspecto da organização da igreja. Então, argumentava: “Não devemos temer um sistema que não se oponha à Bíblia e seja aprovado pelo bom senso.”

Portanto, Tiago havia chegado a uma nova hermenêutica. Passara do princípio de interpretação que defende a aprovação mediante uma menção explícita nas Escrituras, para uma aprovação de tudo que não contradiz a Bíblia.

Essa mudança de pensamento foi essencial para os passos criadores da organização eclesiástica que ele defenderia durante a década de 1860.

No entanto, essa revisão da maneira de interpretar o colocou em oposição àqueles que continuavam a defender uma abordagem literalista à Bíblia, exigindo que esta declarasse com todas as letras qualquer coisa que a igreja se propusesse a aceitar.

Para reagir a essa mentalidade, White observou que, em nenhuma parte, a

Bíblia dizia que os cristãos deveriam ter um periódico semanal, uma editora a vapor, construir prédios de adoração, nem publicar livros. Ele prosseguiu afirmando que a “igreja viva de Deus” necessitava avançar com oração e bom senso.

Tiago White pensava grande. Ele pode não ter começado assim, mas, à medida que compreendeu a tarefa à frente da igreja, sua visão o forçou a ter pensamentos grandiosos e criativos.

Deus seja louvado por isso! Sem grandes pensadores como Tiago White, o adventismo do sétimo nunca teria ido além do canto nordeste dos Estados Unidos.

O Senhor ainda chama grandes pensadores para levar Sua igreja avante. E Ele pede a cada um de nós que tenhamos pensamentos mais grandiosos sobre aquilo que podemos fazer por Sua obra na Terra.

A Escolha de um Nome

O bom nome é melhor do que um perfume finíssimo.
Eclesiastes 7:1, NVI

É difícil entender como um movimento com um crescimento tão grande existiu por quase duas décadas sem um nome. Entretanto, essa foi a história dos adventistas guardadores do sábado. Alguns achavam que escolher um nome igualaria o movimento às outras igrejas. Além disso, que texto bíblico manda as igrejas terem nome?

O último questionamento é verdadeiro, mas aquilo que a Bíblia não ordenou, o governo exigiu quando a igreja, dona de propriedades, precisou se transformar em pessoa jurídica. A crise do nome resultou da necessidade de transformar em empresa a editora adventista de Battle Creek, Michigan. No início de 1860, Tiago White recusava continuar a assumir a responsabilidade pelos aspectos financeiros da instituição. Os guardadores do sábado precisavam fazer algo para manter as propriedades da igreja de "maneira adequada".

Tal sugestão acarretou reação vigorosa. Muito embora Tiago reconhecesse que a igreja não poderia se transformar em pessoa jurídica a menos que tivesse um nome. R. F. Cottrell escreveu que ainda acreditava que "seria errado 'fazer um nome para nós mesmos', uma vez que este seria o fundamento de Babilônia".

Tiago White foi totalmente contrário à sugestão de Cottrell de que o Senhor cuidaria da propriedade da igreja, declarando que "é perigoso deixar para Deus aquilo que Ele nos encarregou de fazer". Mais uma vez, usou o argumento crucial de que "nem todo dever cristão está listado nas Escrituras".

Em 1860, uma assembleia dos guardadores do sábado tomou três votos: a

transformação da editora em pessoa jurídica, a “organização da propriedade da igreja”, no que se refere às congregações locais, e a escolha de um nome para a denominação.

Muitos desejavam que fosse “Igreja de Deus”, mas a liderança destacou que já havia grupos demais com esse nome. Enfim, David Hewitt sugeriu o nome adventistas do sétimo dia. Sua proposta foi aprovada, e muitos delegados reconheceram que era um nome “expressivo de nossa fé e posição [doutrinária]”.

Ellen White permaneceu em silêncio durante o debate, mas posteriormente declarou sua exuberante opinião. Após as reuniões, escreveu: “O nome adventista do sétimo dia exibe o verdadeiro caráter de nossa fé. [...] Como uma flecha na aljava do Senhor, fere os transgressores da lei divina, induzindo ao arrependimento e à fé no Senhor Jesus Cristo” (T1, p. 224). Grande é o valor de um “bom nome”.

Enfim Organizados

E, promovendo-lhes, em cada igreja, a eleição de presbíteros, depois de orar com jejuns, os encomendaram ao Senhor. Atos 14:23

Embora o conceito de ordem e estrutura da igreja não esteja ausente do Novo Testamento, esse não era um assunto preferido para muitos adventistas.

O tempo havia chegado. Em abril de 1861, os guardadores do sábado criaram uma comissão, recomendando a formação de associações distritais ou estaduais para supervisionar as atividades da igreja nas respectivas regiões.

As reações foram enérgicas, sobretudo nos estados do Leste. Tiago White relatou em agosto que “os irmãos da Pensilvânia votaram contra a organização, e a causa em Ohio foi terrivelmente abalada”. Ele resumiu a situação: “Em nossa viagem para o Leste, até aqui temos prosseguido com dificuldade, enfrentando a influência de uma tola incerteza sobre a organização. [...] Estamos em muitos lugares, mas somos pouco mais do que fragmentos partidos, ainda espalhados e ficando mais fracos.”

Ellen White era da mesma opinião. No mesmo mês, ela declarou: “Foi-me exposto que alguns temiam que nossas igrejas se tornassem Babilônia caso se organizassem; mas aqueles no centro do Estado de Nova York têm sido uma babilônia perfeita, uma confusão. A menos que as igrejas sejam tão organizadas que possam impor a ordem, nada têm pelo que esperar; se desfarão em fragmentos.” Ela achava deplorável a falta de “coragem moral” e o excesso de “silêncio covarde” por parte dos pastores que criam na organização, mas nada falavam. Suas palavras não deixavam dúvidas de que havia chegado o momento de eles “se unirem” sobre a questão (T1, p. 270-272).

O momento para a ação chegara. Na reunião geral dos fiéis de outubro de 1861, o primeiro item na pauta era a “maneira apropriada de organização das igrejas”. Uma das contribuições centrais da sessão foi a “recomendação” de que as igrejas no estado de Michigan se unissem sob o nome de Associação dos Adventistas do Sétimo Dia de Michigan. Tiago White se encheu de alegria. Para ele, isso era “um sinal de dias melhores”. No ano seguinte, mais sete associações foram estabelecidas.

O que o diabo mais gosta de fazer é semear confusão. E ele consegue ter mais êxito nessa tarefa em meio a um grupo desorganizado. Infelizmente, o valor da organização só costuma ser valorizado depois que ela acaba.

Obrigado, Senhor, por aquilo que nos deste.

A Associação Geral

Há somente um corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação. Efésios 4:4

Embora a formação de associações estaduais tenha sido útil, essa medida não solucionou todos os problemas administrativos. Quem, por exemplo, coordenaria o trabalho delas ou distribuiria os pastores pelas diferentes regiões? Joseph Harvey Waggoner levantou essa questão de maneira impetuosa em junho de 1862. Ele escreveu: “Não acredito que reconheceremos plenamente os benefícios da organização até ser resolvido o assunto” de uma associação geral ou mais ampla. Vários leitores da *Review* responderam à proposta de Waggoner com declarações de apoio durante o verão de 1862.

Sem uma estrutura geral para representar todo o corpo de crentes, John Andrews argumentou: “Seremos lançados a um estado de confusão toda vez que houver necessidade especial de ação conjunta. Nos lugares em que a obra de organização se iniciou da maneira adequada, ela tem produzido bons frutos; por isso, desejo vê-la completa, de modo que garanta todos os seus benefícios, não só para cada igreja, mas para todo o corpo de irmãos e para a causa da verdade.”

B. F. Snook observou que sentimentos sectários já haviam se desenvolvido dentro da jovem denominação, e a única maneira de conferir unidade ao movimento era por meio de uma “associação geral”.

Como você já deve imaginar, Tiago White estava entusiasmado com essas declarações. Em sua opinião, a Associação Geral deveria ser “o grande órgão regulador” das associações estaduais, a fim de garantir “ação unida e sistema em todo o corpo de crentes”. O dever da Associação Geral seria “delinear o plano geral de ação a ser seguido pelas Associações estaduais”. Logo, “se a Associação

Geral não tiver autoridade mais elevada do que as associações estaduais, não vemos muita utilidade para ela". Sua função seria coordenar a obra da igreja em todo o seu espectro geográfico.

A Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia organizou uma reunião para esse propósito, de 20 a 23 de maio de 1863 em Battle Creek. Esse passo de importância crucial abriu caminho para uma igreja unida que, com o tempo, levaria as três mensagens angélicas de Apocalipse 14 até os confins da Terra. A extensão do programa missionário adventista nunca se realizaria por meio de um grupo de igrejas desconexas ou associações com interesses distintos.

Senhor, muito obrigado pela união e a força que vêm da organização.

Julho

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

Retrospectiva da Organização – 1

Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo nAquele que é a cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor. Efésios 4:15, 16

A organização da Associação Geral marcou o fim de uma era na história adventista. Os adventistas do sétimo deixaram um formato quase desprovido de estrutura para assumir outro levemente hierárquico.

Os White (líderes "não oficiais" da igreja) estavam bem satisfeitos com a nova organização. Os dois tinham vivenciado bem de perto a condição caótica do adventismo durante o fim dos anos 1840 e início da década de 1850. Por isso, nunca deixavam de elogiar a autoridade da igreja exercida de maneira adequada.

Ellen White escreveu uma de suas declarações mais fortes sobre o valor da organização em 1892. Olhando para o passado, recordou: "Enfrentamos uma luta difícil para estabelecer a organização. Apesar de o Senhor dar testemunho após testemunho sobre o assunto, a oposição era ferrenha e precisava ser enfrentada vez após vez. Mas sabíamos que o Deus de Israel estava nos conduzindo e guiando mediante Sua providência. Engajamo-nos na obra de organização, e prosperidade marcante resultou desse movimento de avanço. [...]

"O sistema de organização demonstrou ser um grande sucesso. [...] Não permita que ninguém abrigue o pensamento [...] de que podemos prescindir da organização. Foi-nos necessário bastante estudo e muitas orações pedindo sabedoria, as quais sabemos que Deus respondeu, para criar essa estrutura. Ela foi erguida sob a orientação divina. [...] Não deixe nenhum de nossos irmãos se enganar e tentar lançá-la por terra, pois você acarretará uma condição com a qual

não sonhou. Em nome do Senhor, eu lhe declaro que ela precisa permanecer, ser fortalecida, estabelecida e consolidada. [...] Que todos sejam extremamente cautelosos e não inquietem a mente com coisas que Deus ordenou para nossa prosperidade e sucesso no avanço de Sua causa (Ct 32a, 1892).

Deus acredita na organização, e eu também. A propagação do evangelho eterno e dos outros ensinos de Apocalipse 14 a todo o mundo não aconteceu por acidente. Os adventistas desenvolveram a organização para fazer avançar a missão denominacional. Foi isso que aconteceu. O sucesso da decisão de criar uma Associação Geral, em maio de 1863, para servir de órgão coordenador deixaria absolutamente surpresos aqueles que votaram a favor de tal passo.

Retrospectiva da Organização – 2

Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho que o Espírito Santo entregou aos seus cuidados. Atos 20:28, NTLH

A força propulsora por trás da iniciativa de organização era um complexo integrado de ideias. Uma das mais importantes era a crescente compreensão da missão da igreja, baseada na Bíblia. Em 1861, alguns líderes da denominação concluí- ram que precisavam alcançar o mundo e, em 1863, a recém-formada comissão diretiva da Associação Geral começou a discutir o envio de um missionário para terras estrangeiras. Uma visão mais ampla da missão levou a um reconhecimento mais abrangente da necessidade de desenvolver uma organização adequada para custear essa missão. Em suma, Tiago White e outros passaram a perceber gradual- mente que nenhum esforço missionário significativo poderia ser realizado sem um sistema racional e eficaz de apoio financeiro.

Uma segunda realidade que ajudou Tiago e seus companheiros de fé a expandir seu conceito de estrutura da igreja foi a necessidade de manter a unidade doutrinária. Em 1864, ele contrastou os bons frutos da organização adventista do sétimo dia com a “condição miseravelmente confusa daqueles que rejeitam a organização”.

George Butler desenvolveu essa linha de raciocínio um pouco mais em 1873, quando escreveu: “Somos um povo completamente organizado, e nossa organização não se baseia em meras aparências, mas em um sólido fundamento. Depois de lutar contra todo tipo de influência interna e externa, agora somos uma unidade, falamos a mesma coisa de um oceano a outro, e não é fácil nos quebrar em pedaços.”

A questão doutrinária, é claro, estava fortemente ligada à missão. Como os membros se encontravam unidos na doutrina, mostravam-se dispostos a se unir na missão de levar a mensagem aos extremos dos Estados Unidos e, futuramente, a todo o mundo.

Por fim, foi a missão da igreja que exigiu uma estrutura eclesiástica adequada. Conforme Tiago White observou repetidas vezes: “Não foi a ambição de criar uma denominação que levou à organização, mas, sim, a pura necessidade do caso.”

Para Tiago, em 1871, a marca de um sistema adequado era ver “a engrenagem funcionando bem”. Ao mesmo tempo, os primeiros adventistas buscavam basear suas estruturas organizacionais em um fundamento que se encontrasse em harmonia com os ensinos bíblicos sobre os princípios subjacentes à natureza e missão da igreja. No longo prazo, a organização consistiu num subproduto da compreensão bíblica da igreja de seu papel de advertência ao mundo no tempo do fim antes do segundo advento.

Os Bons e Velhos Tempos Eram Terríveis – 1

Acaso, não há bálsamo em Gileade? Ou não há lá médico?
Jeremias 8:22

Certa vez, C. P. Snow escreveu: “Ninguém, em sã consciência, escolheria nascer em uma época passada, a menos que tivesse a certeza de que pertenceria a uma família próspera, desfrutaria ótima saúde e conseguiria aceitar estoicamente a morte da maioria de seus filhos.”

Para ser claro, os bons e velhos tempos não eram, nem de perto, tão maravilhosos quanto a nostalgia faz parecer. A expectativa de vida ao nascer [nos Estados Unidos] era de 32 anos em 1800, 41 em 1850, 50 em 1900 e 67 em 1950. A expectativa de vida atual das mulheres nos Estados Unidos é de cerca de 80 anos, e a dos homens, um pouco inferior. Por que a mudança? A resposta é simples: melhores hábitos, saneamento e assistência médica.

Os hábitos de saúde da maioria das pessoas no século 19 deixavam muito a desejar. Os abastados engoliam grandes quantidades de alimento com toda rapidez e, para piorar, boa parte do que comiam não era saudável. As frutas e verduras eram evitadas por muitos, pois acreditavam que uma epidemia mortal de cólera, de 1832, fora ocasionada pelas frutas. Além disso, muitos suspeitavam que as frutas e verduras causavam prejuízos maiores às crianças. Noções básicas de nutrição eram desconhecidas. Além disso, até mesmo os bons alimentos costumavam ser encontrados em péssimas condições, por causa do processamento anti- higiênico e da falta de refrigeração.

É claro que a alimentação era apenas parte do problema da saúde. O hábito de tomar banho, por exemplo, também era insatisfatório. A maioria se banhava raramente, e algumas autoridades afirmavam que o norte-americano comum nos

anos 1830 nunca havia tomado um banho na vida. Em 1855, a cidade de Nova York tinha apenas 1.361 banheiras para seus 630 mil habitantes. Em 1882, somente cerca de 2% das casas de Nova York tinham água encanada.

Em 1872, quando Ellen White recomendou às “pessoas que estão com saúde” a tomar “pelo menos dois banhos por semana” (T3, p. 70), estava à frente no aspecto de cuidados pessoais com a saúde. Quando lemos os escritos de Ellen White e de outros reformadores de saúde de sua época, precisamos avaliá-los naquele contexto de ignorância, doença e morte. Podemos louvar ao Senhor por vivermos em dias melhores.

Os Bons e Velhos Tempos Eram Terríveis – 2

Também haverá um lugar fora do acampamento, para onde irás. Dentre as tuas armas terás um porrete; e, quando te abaixares fora, cavarás com ele e, volvendo-te, cobrirás o que defecaste. Deuteronômio 23:12, 13

Talvez você ache o texto de hoje estranho para um devocional, mas a verdade é que Deus se importa com todos os aspectos de nossa vida. Se os seres humanos tivessem seguido as instruções das Escrituras para a saúde ao longo da história, milhões de vidas teriam sido salvas de doenças e epidemias. Caso tais vidas fossem as de seus queridos, você agradeceria ao Senhor por textos como este de Deuteronômio.

O saneamento básico era um dos problemas de saúde nos Estados Unidos no meio do século 19. Até mesmo lares de classes média e alta tinham privadas do lado de fora. A cidade de Nova York, por exemplo, só contava com 10.388 banheiros internos, em 1855. E o vazamento de latrinas coletivas contribuía para a proliferação de bactérias nos lençóis freáticos.

As cidades não cuidavam do lixo. A maior parte acabava nas ruas, para os suínos esbanjarem livremente. Nos anos 1840, Nova York contava com milhares de porcos que ajudavam a cuidar do problema.

É claro que havia ainda fezes de cavalo em todos os lugares, que, durante o clima úmido, misturavam-se com a lama das ruas, quase todas sem pavimento. Quando o tempo estava seco, isso se transformava em uma poeira rica em substâncias maléficas que soprava sobre todos. Na cidade de Nova York, em 1900, os cavalos depositavam mais de mil toneladas de esterco e quase 16 mil litros de urina nas ruas por dia. H. L. Menken descreveu certa cidade norte-

americana como um “fedor sólido”. A vida rural não era muito mais saudável, uma vez que a maioria das casas era cercada por “uma expansão de sujeira e estrume”.

Os “bons e velhos tempos” eram uma época de ignorância, a qual cobrava um alto preço em vidas humanas. Por exemplo, a epidemia de febre amarela que ocorreu em 1878, em Memphis, Tennessee, matou 5.150 pessoas, de uma população de 38.500. As pessoas atribuíam a febre amarela e outras epidemias ao ar ruim, que as autoridades chamavam de “miasma”. Por isso, muitos tinham o costume de dormir em quartos mal ventilados ou completamente fechados, a fim de conservar a saúde.

Obrigado, Deus, pelas coisas simples da vida, como a água limpa e o ar puro.

Os Bons e Velhos Tempos Eram Terríveis – 3

Nisto, chegou uma mulher que fazia doze anos que estava com uma hemorragia. Ela havia gastado com os médicos tudo o que tinha, mas ninguém havia conseguido curá-la. Lucas 8:43, NTLH

Durante a maior parte do século 19, se você adoecesse, com certeza não sentiria vontade de ir a um hospital. A permanência ali costumava ser uma sentença de morte em uma era anterior ao conhecimento dos germes. As epidemias eram visitas regulares naquelas instituições anti-higiênicas, originalmente fundadas para atender os pobres. Na década de 1840, o hospital era o último recurso. As pessoas que tinham condições contavam com atendimento domiciliar.

Infelizmente, a prática médica domiciliar não era muito sofisticada. As doenças eram tratadas como um desequilíbrio nos "humores" corporais. A cura consistia em reequilibrá-los. O primeiro passo nesse processo envolvia extrair parte do "excesso" de sangue, em geral, de 500 ml a um litro. A "purificação" do corpo costumava vir após a sangria. Em geral, os médicos realizavam isso por meio da administração de drogas poderosas, muitas vezes compostas, em parte, por mercúrio e estricnina, substâncias que hoje sabemos serem extremamente venenosas.

No entanto, numa época em que se acreditava que febre, diarreia e vômito eram sintomas de recuperação, tais drogas provocavam o efeito desejado de esvaziar o corpo rápida e violentamente do excesso de fluidos.

As cirurgias não envolviam anestesia. É só nos lembrarmos de Uriah Smith sofrendo a amputação de uma perna na mesa da cozinha, sem nenhum

anestésico, apenas segurando a mão da mãe. Mesmo após a cirurgia, a perspectiva de recuperação era pouca, ao se considerar a falta de condições sanitárias.

Quanto estudo era necessário para alguém se tornar um médico? Não era preciso muito. Quatro a oito meses, em instituições que conferiam diplomas em série garantiam a formatura em medicina, mesmo se a pessoa não tivesse concluí- do o ensino médio. Não surpreende que Oliver Wendell Homes tenha declarado: “Se todos os materiais médicos usados hoje fossem parar no fundo do mar, seria ótimo para a humanidade e péssimo para os peixes.” Edson, filho de Ellen White, tinha um desses diplomas em medicina. Num gracejo sobre sua experiência, disse que o médico “é o vilão, [...] e a velha fábrica de médicos em série deveria ser jogada no [rio] Delaware”.

O erro mata. A verdade liberta.

O Surgimento dos Reformadores de Saúde

E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará. João 8:32

É no contexto da ignorância relativa à saúde que presenciamos a ascensão do movimento norte-americano de reforma da saúde durante os anos 1830. Um dos reformadores mais influentes e representativos foi Sylvester Graham. Obtemos um vislumbre de suas ideias em um artigo de 1837 extraído do *The Graham Journal*. Segundo ele: (1) “os principais alimentos devem ser verduras e frutas”; (2) o pão deve ser feito de farinha não refinada; (3) “pode-se usar um bom creme, em vez de manteiga”; (4) a comida deve ser totalmente mastigada; (5) “carne e peixe [...] é melhor omitir”; (6) deve-se evitar gordura, molhos pesados e condimentos apimentados; (7) “todo o tipo de estimulante, como chá, café, vinho, tabaco (em todas as suas formas), cidra, cerveja [...] estão proibidos”; (8) “água pura e fresca” é a melhor bebida; (9) “a última refeição do dia deve ser leve” e consumida de três a quatro horas antes de se deitar; (10) “não se deve comer nada entre as refeições”; (11) evite comer demais; (12) “a abstinência sempre é melhor do que tomar remédio”; (13) deve-se dormir cerca de sete horas por dia em um “quarto com ventilação adequada”; (14) evite roupas apertadas; (15) “banhos [até mesmo diários] em água morna ou fria são muito recomendados; (16) “exercitar-se ao ar livre é muito necessário”; e (17) o pão só deve ser consumido de 12 a 24 horas depois de pronto.

Para os reformadores religiosos, as leis de saúde eram divinas. Por isso, Theodore Dwight Weld afirmava: “estas são leis de Deus, assim como ‘Amarás o Senhor de todo o teu coração’ e ‘Amarás o próximo como a ti mesmo.’” Obedecer a essas orientações significava um corpo saudável, ao passo que a desobediência traria enfermidade. A escolha, sugeriu Weld, era “entre obedecer a

Deus e resistir a Ele, preservar a vida ou destruí-la, guardar o sexto mandamento ou cometer suicídio".

Claramente relacionada ao movimento de reforma da saúde e muito compatível com ele foi a ascensão de formas de prática médica que se opunham às técnicas de medicação e sangria da medicina padrão da época. Uma delas, a hidroterapia, recomendava a aplicação interna e externa de água para fins terapêuticos. Os médicos da cura pela água costumavam adotar o sistema de saúde proposto por Graham.

Às vezes, os adventistas acham que a reforma da saúde se originou em nossa igreja. Mas não! Deus ama todas as pessoas e toca o coração de muitas para aliviar os ais de um planeta doente. Graças ao Senhor pela extensão de Sua misericórdia!

Ellen White e os Reformadores de Saúde – 1

Que Deus tenha misericórdia de nós e nos abençoe, e faça resplandecer o Seu rosto sobre nós [...] para que sejam conhecidos na Terra os Teus caminhos, a Tua salvação entre todas as nações. Salmo 67:1, 2, NVI

Aqueles que têm conhecimento dos conselhos de Ellen White sobre saúde reconhecem que ela estava em harmonia com a maior parte das opiniões dos reformadores de saúde. Logo, estava em boa companhia quando rejeitou o "uso de drogas venenosas", que, "em lugar de ajudar a natureza, estão de contínuo paralisando os seus esforços" (CBV, p. 126; MS, p. 224).

Em um tom mais positivo, Ellen White apoiou os reformadores na recomendação dos remédios naturais: "Ar puro, luz solar, abstinência, repouso, exercício, regime conveniente, uso de água e confiança no poder divino" (CBV, p. 127).

Os adventistas estavam cientes da concordância de Ellen White com os reformadores de saúde de sua época, assim como de suas contribuições específicas. Por isso, J. H. Waggoner escreveu em 1866: "Não professamos ser pioneiros nos princípios gerais da reforma de saúde. Os fatos em que esse movimento se baseia foram elaborados, em grande escala, por reformadores, médicos e escritores sobre fisiologia e higiene espalhados pela terra. Mas afirmamos que, pelo método da escolha divina [conselhos de Ellen White], a reforma foi mais clara e poderosamente explanada, causando um efeito que não poderíamos esperar de outra fonte.

"Quando consideradas meras verdades fisiológicas e higiênicas, podem ser estudadas por alguns em seu tempo livre e deixadas de lado por outros, como se

não houvesse consequências; mas quando a reforma da saúde é colocada no mesmo nível das grandes verdades da terceira mensagem angélica, por sanção e autoridade do Espírito de Deus, e considerada o meio que dará a um povo fraco forças para vencer, além de limpar nosso corpo enfermo e adequá-lo para sermos trasladados, ela se torna parte essencial da verdade presente.”

Uma das contribuições de Ellen White foi a integração da mensagem da reforma de saúde à teologia adventista.

Desde a primeira vez em que ela escreveu sobre o assunto em 1863 até o presente, os adventistas do sétimo dia têm tido um estilo de vida distinto. A longevidade dos adventistas praticantes da reforma de saúde tem sido demonstrada para o mundo. Esse conceito de saúde deve estar presente em todas as áreas de nossa vida.

Ellen White e os Reformadores de Saúde – 2

Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora. João 16:12

Os adventistas nem sempre foram reformadores de saúde. Veja o exemplo das carnes imundas. Em novembro de 1850, Tiago White constatou que alguns dos guardadores do sábado estavam “perturbados a respeito da ingestão de carne suína” e que alguns se abstinham dela. Ele não objetava a essa prática, mas declarou: “De forma alguma acredito que a Bíblia ensina que seu uso adequado, na dispensação do evangelho, seja pecaminoso.” Sua verdadeira objeção era a indivíduos que distraíam outros do centro da mensagem: o sábado na perspectiva do tempo do fim.

Anos depois, sua esposa escreveu a uma mulher chamada Curtis, dizendo que a ingestão de carne suína não era prova de fé. Tiago escreveu no verso: “Para que você saiba qual é nossa posição sobre esse assunto, devo dizer que acabamos de abater um porco de 90 quilos.”

Em 1859, Ellen White aconselhou Stephen N. Haskell e outros: “Suas ideias sobre a carne de porco não seriam prejudiciais se vocês as retivessem para si mesmos, mas, em seu julgamento e opinião, os irmãos têm feito dessa questão uma prova, e seus atos têm demonstrado o que vocês creem sobre isso” (T1, p. 206, 207).

Ela prosseguiu afirmando: “Se Deus achar por bem que Seu povo se abstenha da carne de porco, Ele nos convencerá a respeito. [...] Se for dever da igreja abster-se da carne de porco, Deus o revelará a mais do que duas ou três pessoas. Ele ensinará a Sua igreja o dever dela.

“Vi que os anjos de Deus não levariam Seu povo mais depressa do que

pudesse compreender e agir segundo as importantes verdades que lhe são comunicadas. Mas alguns espíritos inquietos [...] anseiam por algo novo e apressam-se [...] causando assim confusão e discórdia nas fileiras. Eles não falam nem agem em harmonia com a igreja" (ibid., p. 207).

Ellen White sempre manteve a firme convicção de que Deus estava formando um povo e quando este se unia em determinado assunto (mas não antes disso), Ele o guiaria para o passo seguinte. O progresso até 1863 fora bem claro. Primeiro eles se uniram em doutrina, depois, na organização. Só então ficaram prontos para receber a guia divina acerca da reforma de saúde e de outras questões de estilo de vida. A orientação divina sempre se pauta por uma lógica.

Mas Havia um Reformador de Saúde

O Senhor afastará de ti toda enfermidade. Deuteronômio 7:15

Assim como em tantas outras áreas, José Bates foi pioneiro na reforma de saúde. Em 1821, o capitão abandonou as bebidas destiladas, por perceber que aguardava com mais expectativa sua dose diária do que o alimento. Logo depois, deixou o vinho em 1822, o tabaco em 1823, e todas as outras formas de álcool em 1824. Em 1831, parou de consumir chá e café. Ele escreveu: “Essas substâncias causavam um efeito tão forte em meu organismo inteiro que eu só conseguia descansar ou dormir depois da meia-noite.”

Em seguida, vieram os alimentos cárneos. Ele se recorda: “Em fevereiro de 1843, resolvi que não comeria mais carne. Alguns meses depois, parei de consumir manteiga, gordura, queijo, tortas e bolos recheados.”

Ele ficou atento às vantagens da alimentação vegetariana pela primeira vez em 1820, ao descobrir que dois trabalhadores irlandeses que se alimentavam a base de batata produziam mais do que sete a oito de seus homens consumidores de carne. Mais tarde, escritores como Sylvester Graham o levaram ainda mais longe.

A vida de Bates era uma propaganda dos benefícios da reforma de saúde. Em contraste com quase todos os outros líderes, sua saúde era excepcional. Desde que deixou o mar no fim dos anos 1820, só sabemos de duas ocasiões em que ele adoe- ceu, provavelmente, de malária.

Aos 79 anos de idade, testemunhou em uma convenção de saúde: “Minhas convicções anteriores eram que, caso me fosse permitido viver até esta idade, eu seria um inválido sofredor, por causa de minha exposição precoce à vida do mar.

Contudo, graças a Deus, [...] encontro-me completamente livre de incômodos e dores, com a alegre perspectiva de que, se continuar a reforma e abandonar todo erro, eu me apresentarei, com os seguidores remidos do Cordeiro, sem falta perante o trono de Deus.”

No entanto, antes do início da década de 1860, Bates era um reformador de saúde silencioso sobre o assunto. Quando lhe perguntavam por que não fazia uso de determinados alimentos, sua resposta costumeira era: “Já comi demais esse tipo de coisa.” Tiago White relata: “Ele não mencionava seus pontos de vista sobre a alimentação adequada em público naquela época, nem em particular, a menos que lhe perguntassem sobre o assunto.” Entretanto, isso mudou em 1863.

Devemos refletir sobre o elo entre vida saudável e saúde vigorosa. Tal relação não era acidental na vida de Bates e tampouco será na nossa.

A Visão da Reforma de Saúde

Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus? 1 Coríntios 6:19

Dias atrás, destacamos que o conhecimento da verdade é progressivo e que Deus conduz Seu povo passo a passo. Foi assim com a reforma de saúde. Depois que os passos doutrinário e organizacional foram dados, as questões relativas ao estilo de vida (inclusive a reforma de saúde) foram a etapa seguinte no desenvolvimento do adventismo e da verdade presente.

No dia 6 de junho de 1863, apenas quinze dias depois da criação da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Ellen White teve uma das visões mais influentes de todo seu ministério. Mais tarde, naquele dia, ela escreveu: “Vi que agora devíamos ter especial cuidado da saúde que Deus nos deu, pois nossa obra ainda não tinha sido realizada. [...] Vi que devemos incentivar uma disposição mental cheia de ânimo, esperança e paz, pois nossa saúde depende de fazermos isso. [...] Quanto mais perfeita for nossa saúde, tanto mais perfeito será o nosso trabalho.

“Não devemos confiar o cuidado de nós mesmos a Deus, para que Ele zele e cuide daquilo que Ele nos encarregou de vigiar e cuidar. Não é seguro, nem agrada a Deus que violemos as leis da saúde, pedindo então que Ele cuide de nossa saúde e nos livre de doenças, quando estamos vivendo diretamente ao contrário de nossas orações.

“Vi que era um dever sagrado zelar de nossa saúde, e despertar outros para seu dever [...]. Temos, porém, o dever de falar e de batalhar contra a intemperança de toda espécie – intemperança no trabalho, no comer, no beber e

no uso de medicamentos – indicando-lhes então o grande remédio de Deus: água, água pura, para doenças, para a saúde, para higiene e como um prazer" (ME3, p. 279, 280).

Embora se tratasse de um conselho pessoal para Tiago e Ellen, ele também se aplicava à igreja como um todo. "Vi", escreveu ela, "que não devemos calar-nos a respeito do assunto da saúde, mas despertar as mentes para ele" (ibid., p. 280).

Foi isso que ela buscou fazer. Desse momento em diante, seu ministério escrito se concentrou consideravelmente na necessidade e no dever de conservar a saúde.

E o momento não poderia ser mais propício. O esposo estava à beira de um derrame debilitador que limitaria seu ministério pelo restante da vida. Além disso, eles haviam perdido dois dos quatro filhos recentemente, e grande parte da liderança da igreja lutava com doenças crônicas.

Nada seria mais necessário naquela época do que a bênção de uma boa saúde. E essa verdade continua válida hoje.

Uma Segunda Visão Sobre a Reforma de Saúde

Ele os comprou e pagou o preço. Portanto, usem o seu corpo para a glória dEle. 1 Coríntios 6:19, 20, NTLH

"Na visão que me foi dada em Rochester, Nova York, em 25 de dezembro de 1865, foi-me mostrado que nosso povo, os observadores do sábado, têm sido negligentes em agir sob a luz que Deus lhes deu, com respeito à reforma de saúde; que ainda há uma grande obra diante de nós." (T1, p. 485).

A visão de 1865 indicou que a reforma de saúde não era apenas algo pessoal para os adventistas do sétimo dia, mas tinha desdobramentos sociais e missiológicos. Essa visão revelou que os adventistas deveriam fundar uma instituição de saúde.

De acordo com Ellen White, tal instituição causaria um impacto duplo. Primeiro, afetaria a vida dos adventistas, preparando-os "para o alto clamor do terceiro anjo", adequando-os para a trasladação (ibid., p. 486). Também, uma melhor condição de saúde capacitaria os fiéis a comunicar melhor sua mensagem aos outros.

O segundo aspecto missiológico da nova instituição de saúde seria o alcance direto a não adventistas: "Quando os descrentes frequentam uma instituição dedicada ao tratamento bem-sucedido de doenças e dirigido por médicos observadores do sábado, são postos sob direta influência da verdade. Tornando-se relacionados com nosso povo e nossa fé, seu preconceito será superado, e eles, favoravelmente impressionados. Colocando-se assim sob a influência da verdade, alguns não apenas obterão alívio para suas enfermidades físicas, mas encontrarão cura para seu coração perturbado pelo pecado. [...] Essas preciosas pessoas salvas serão de maior valor do que todos os meios necessários para

estabelecer tal instituição” (ibid., p. 493).

Essa era a filosofia de Ellen White para o funcionamento das instituições de saúde. O impacto missiológico estava no centro de seu pensamento. A igreja deveria criar instituições que não só ajudariam seus membros, mas também serviriam de agência para espalhar a terceira mensagem angélica para pessoas de fora da denominação. As instituições atenderiam às necessidades espirituais e morais dos indivíduos, além das físicas.

Vivemos em um mundo despedaçado, mas Deus deseja que encontremos plenitude de todas as formas. Nós, adventistas, temos o privilégio de viver de maneira saudável e, além disso, compartilhar esse estilo de vida com os outros.

Equilíbrio Desequilibrado

O Senhor é a força da minha vida. Salmo 27:1, ARC

A visão da reforma de saúde que Ellen White recebeu em 25 de dezembro de 1865 não só colocou em voga o propósito missiológico das instituições médicas adventistas, como também integrou a reforma de saúde à teologia adventista, ao indicar que “a reforma de saúde faz parte da mensagem do terceiro anjo, e está tão intimamente ligada a ela como o braço e a mão estão ao corpo” (T1, p. 486).

Essa ideia foi útil aos adventistas na esfera individual e também imprescindível para criar a conexão evidente entre a questão da saúde e a teologia do tempo do fim defendida pela denominação, demonstrando que, assim como nosso corpo se encontra unido nos aspectos físico, mental e espiritual, o sistema adventista de crenças é um todo integrado, em vez de um “bando” de ideias desconexas.

Os adventistas começaram a conceber a mensagem de saúde como “o braço direito da mensagem”. Isso foi bom. Contudo, alguns pregadores e outros membros empolgaram-se demais com a reforma da saúde.

Por isso, alguns meses depois, Ellen White tomou o cuidado de corrigir qualquer impressão errada que poderia se ter a partir de suas mensagens anteriores. Ela escreveu: “A reforma de saúde está intimamente ligada à obra da mensagem do terceiro anjo, mas não é a mensagem em si. Nossos pregadores deveriam ensinar a reforma de saúde, entretanto, sem fazer dela o tema principal na ordem das mensagens. Seu lugar está posto entre os assuntos que apresentam a obra preparatória para enfrentar os eventos mostrados pela mensagem, entre os quais ela é proeminente. Deveríamos assumir cada reforma com entusiasmo, mas evitando dar a impressão de que somos vacilantes e fanáticos” (ibid., p. 559).

Infelizmente, tem sido difícil para muitos chegar ao equilíbrio na reforma de saúde. Alguns, conforme Tiago White observou, prosseguem rápido demais no assunto, caem no fanatismo e levam opróbrio tanto à igreja quanto ao tema em si. Outros não fazem qualquer avanço.

Ellen White, por sua vez, teve dificuldades ao longo dos anos com aqueles que “escolhem declarações feitas acerca de alguns artigos de alimentação que são apresentados como censuráveis – declarações escritas como advertência e instrução para certos indivíduos que estavam entrando ou tinham entrado num mau caminho. Eles se demoram nessas coisas, tornando-as tão fortes quanto possível, entretecendo seus próprios e censuráveis traços de caráter nessas declarações [...] tornando-as assim uma prova e inculcando-as onde só causam dano” (ME3, p. 285).

Senhor, dá-nos equilíbrio em todos os aspectos de nossa vida. Amém.

Espalhando a Mensagem de Saúde – 1

Jesus Cristo te dá saúde. Atos 9:34, ARC

Quatro meses após sua segunda visão sobre a reforma de saúde, Ellen White teve a oportunidade de apresentar seu ponto de vista perante a jovem denominação na quarta sessão da Assembleia da Associação Geral em maio de 1866. Em tom vigoroso, ela expressou, diante dos principais ministros, os princípios da reforma de saúde e a importância de aceitá-los e ensiná-los.

Afirmou que a reforma tinha sido pouco praticada até então e que a igreja tinha "uma grande obra diante de nós, muito maior do que temos ideia" a esse respeito do que as pessoas haviam compreendido. O auge de seu apelo foi o chamado aos adventistas do sétimo dia a terem "uma instituição própria" de saúde e cura (T1, p. 486, 487, 492).

Em resposta, a Assembleia da Associação Geral votou várias resoluções. Uma delas reconhecia a importância da reforma de saúde "como parte da obra de Deus de que fomos incumbidos nesta época; comprometemo-nos a viver de acordo com tais princípios e empregar nossos melhores esforços para impressionar os outros quanto à sua importância".

Uma segunda resolução pedia ao Dr. Horatio S. Lay (provavelmente, o único médico adventista do sétimo dia na época) "para escrever uma série de artigos sobre a reforma de saúde a fim de se publicar na *Review*".

É comum que as pessoas sejam bem mais firmes em suas resoluções do que nas ações. Nesse caso, porém, foi o contrário. Embora se possa procurar em vão pela série de artigos de saúde de H. S. Lay, encontra-se algo ainda melhor: o anúncio de que o Dr. Lay seria o editor de uma publicação mensal de dezesseis

páginas chamada *The Health Reformer* [O Reformador de Saúde].

Em sua descrição do periódico, o Dr. Lay afirmou que seu propósito era: “ajudar na grande obra de reformar, tanto quanto possível, os falsos hábitos de vida tão comuns nesta época.” Defenderia a cura de doenças por meio do “uso dos remédios da própria natureza: ar, luz, calor, exercício, alimentos, sono, recreação e assim por diante”.

Os primeiros adventistas levaram a sério a propagação de sua nova visão. Uma vez que muitos deles, na época, sofriam com a saúde debilitada, valorizaram ainda mais o novo entendimento. Alegravam-se, porque Deus os conduzia.

Espalhando a Mensagem de Saúde – 2

Ainda O louvarei, a Ele, meu auxílio e Deus meu. Salmo 42:5

A denominação não perdeu tempo em publicar *The Health Reformer*. O primeiro número foi lançado em agosto de 1866, três meses após a Assembleia da Associação Geral.

Esse primeiro exemplar contava com artigos escritos por um grupo de pastores, pelo Dr. Lay e por Ellen White, que fez o seguinte apelo: “Homens e mulheres devem se informar a respeito da filosofia de saúde” e concluiu, declarando que “a ignorância quanto a esse importante assunto é pecado; a luz está agora a brilhar sobre nós, e estamos sem escusas, caso lhe não demos acolhida e nos tornemos sábios com relação a estas coisas” (HR, agosto de 1866).

Com tantos ministros escrevendo para o periódico, Lay, no segundo número, escreveu uma observação voltada para aqueles que pensavam que “ninguém pode falar sobre saúde, a não ser um doutor em medicina, nem sobre teologia, a não ser um doutor em divindade”. Ele também destacou que todos os artigos passavam por um “exame profissional, sendo endossados antes da apresentação ao leitor”.

Os testemunhos de transformação da saúde foram vários. G. W. Amadon, por exemplo, relatou: “Todos os dias meu coração se expande de alegria à medida que reconheço as bênçãos da questão da saúde [...] Posso dizer que estou cem vezes melhor do que quando vivia em aberta transgressão das leis de nosso ser. Hoje, em vez de dores e corizas, com o cérebro congestionado e grande número de enfermidades corporais e mentais, estou, em grande medida, completamente

livre. Graças a Deus!”

Isaac Sanborn observou: “Encontro-me totalmente liberto do reumatismo, do qual eu costumava ter crises seguidas tão fortes que não conseguia dar um passo por dias.” Também contou que, embora permanecesse com frequência em ambientes mal ventilados e com temperatura ruim que o expunham a doenças, não tinha um resfriado grave havia mais de dois anos.

Houve também a pérola do homem que disse: “Se fôssemos oferecer um holocausto ao diabo, ele escolheria um porco recheado com tabaco.”

Nosso coração também deve se expandir de alegria ao pensarmos nas alternativas para a boa saúde. É fácil nos esquecermos do período de ignorância e da bênção de uma saúde em dia.

Retrospectiva da Reforma de Saúde

Que o Deus da esperança os encha de toda alegria.
Romanos 15:13, NVI

Minha alma continua acalentada pela declaração que lemos ontem do pioneiro adventista, sobre seu coração se expandir de alegria ao reconhecer as bênçãos da reforma de saúde.

Tal pensamento me transporta para a primeira série evangelística que ministrei. Foi em Corsicanna, Texas, cidade com cerca de 26 mil habitantes em 1968. A igreja adventista local contava com doze membros. Dos doze, quase todos estavam na casa dos 70 anos de idade e só um era homem. Não tenho nada contra os idosos, afinal, faço parte desse grupo. E não tenho nada contra as mulheres, pois minha mãe é mulher. Entretanto, o que um jovem pregador deseja é um auditório cheio de pessoas de todas as idades e gêneros. A boa notícia é que um grupo se reunia a cada noite. Uma mulher não adventista levava cinco colegas de trabalho a cada reunião, mas certa noite, à saída, ela disse:

– Irmão Knight, não virei amanhã, nem vou trazer meus amigos.

– Por quê? – perguntei.

– Não gostei do título do sermão. Você vai me dizer o que não posso fazer.

Eu achava que meu título era uma graça, ou até mesmo extraordinariamente brilhante: “Por que eu não como cobras, ratos e lagartos.”

Quase fiquei sem fala, mas consegui pedir a ela e aos amigos para que voltassem na noite seguinte, pois assim poderiam dizer que aquele sermão fora o melhor que haviam ouvido até então. O único problema é que eu ainda não tinha preparado o sermão e não sabia como cumpriria minha promessa.

Foi uma noite sem dormir, mas entre quatro e cinco da manhã, tudo se encaixou. A mensagem que preguei pode ser resumida assim:

“Deus ama você! E por amá-lo, quer que você seja feliz. E Ele sabe que você não fica feliz quando está doente. Por isso, Ele nos deu algumas ideias de como ser mais felizes.”

Após a pregação, aquela senhora parou com seus amigos e disse: “Irmão Knight, esse foi mesmo o melhor sermão até agora.”

Se foi bom para ela, foi melhor ainda para mim. Graças à intervenção dela, pude mudar minha argumentação, de uma direção negativa, para uma linha positiva.

E o que seria mais positivo e alegre do que uma boa saúde?

Obrigado, Pai, por essa bênção especial. Nosso coração também se expande de alegria.

Um Instituto Próprio de Reforma de Saúde

E quando te vimos enfermo [...]? O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes Meus pequeninos irmãos, a Mim o fizestes. Mateus 25:39, 40

A cura desempenhou um papel importante no ministério terreno de Cristo. O mesmo se pode dizer em relação ao adventismo. Hoje, a igreja conta com um sistema de quase oitocentas instituições ligadas à saúde ao redor do mundo.

Essa imensa rede teve sua gênese na visão da reforma de saúde recebida por Ellen White em dezembro de 1865 e em seu apelo para a criação de um instituto com essa finalidade, em maio de 1866. Assim como ocorreu com o periódico *Health Reformer*, a resposta da igreja foi imediata e vigorosa. Os adventistas inauguraram o Instituto de Reforma de Saúde em Battle Creek, Michigan, no dia 5 de setembro, apenas quatro meses após a Assembleia da Associação Geral.

É claro que sua abertura não foi tão impressionante, “com dois médicos, dois auxiliares de banho, um enfermeiro (sem formação), três ou quatro ajudantes, um paciente, grande número de inconveniências e uma porção generosa de fé no futuro da instituição e nos princípios sobre os quais ela se fundamentava”.

Em uma nota publicada na última página da edição de 11 de setembro da *Review, Tiago White* se alegrava com a rápida reação da igreja e de seus membros. “Temos somente que volver nossos olhos para a assembleia de maio, menos de quatro rápidos meses atrás. [...]

Agora podemos contemplar um lugar elegante, pronto para o funcionamento, com uma equipe de auxiliares a postos, dois números do periódico de saúde já publicados, com uma lista de assinantes que dobrou nas últimas semanas, uma

soma de quase 11 mil dólares de reserva para a iniciativa, o instituto aberto, com as operações já iniciadas. Em nenhuma iniciativa realizada por esse povo a mão do Senhor se manifestou de maneira tão evidente quanto nesta.”

O começo do pequeno instituto pode ter sido humilde, mas, durante os 35 anos seguintes, ele se transformaria num dos melhores hospitais do mundo.

Nesse meio tempo, sua simples existência testemunhava da ampliação do senso de missão do povo adventista. A mensagem de Mateus 25:31-46 é que Deus deseja um povo socialmente preocupado com as necessidades dos outros.

A Chegada de John Harvey Kellogg

Porque te restaurarei a saúde e curarei as tuas chagas.
Jeremias 30:17

Dinâmico, enérgico e visionário. Estes são os melhores adjetivos para caracterizar o jovem John Harvey Kellogg, que assumiu a liderança do Sanatório de Battle Creek em 1876, aos 23 anos de idade. Ele tinha apenas 1,60 m de altura, mas o que lhe faltava em estatura, sobrava em puro comprometimento com a tarefa a que se propunha a fazer.

A princípio, ele não tinha o menor interesse em ser médico. Ele queria mesmo ser professor. No entanto, depois que Tiago White o patrocinou, bem como a Edson e Willie White, por seis meses de estudos no instituto higiênico-terapêutico do Dr. Trall, em 1872, Kellogg recebeu não só o diploma de médico, mas também o desejo de estudar mais.

Novamente com o auxílio financeiro dos White, passou um ano estudando medicina na Universidade de Michigan, e outro, na escola médica do hospital Bellevue em Nova York, que deveria ser, na época, a faculdade de medicina mais avançada do país. Ao terminar o curso em 1875, disse a Willie White: “Sinto-me uns vinte quilos mais pesado desde que recebi certo pedaço de pele de carneiro de 60 centímetros de comprimento. E é pele de carneiro de verdade, nada daqueles papéis falsificados como o documento higiênico-terapêutico.”

No verão de 1875, ele voltou para Battle Creek e logo começou a trabalhar no Instituto de Reforma de Saúde. No ano seguinte, tornou-se diretor da instituição, sob a condição, imposta por ele mesmo, de que seu mandato duraria apenas um ano. Mal sabia que o lideraria por 67 anos.

Quando ele assumiu, em 1876, o instituto contava com vinte pacientes, mas

seis partiram com o ex-administrador e dois outros foram embora depois de virem o médico com cara de menino. Entretanto, Kellogg não se incomodou.

Dentro de poucos meses, ele tinha o dobro do número costumeiro de pacientes e, em 1877, precisou acrescentar mais um prédio. Esse foi o início de um programa de construções que, na virada do século, transformaria o então Sanatório de Battle Creek em um dos maiores e mais conhecidos hospitais dos Estados Unidos.

Em seu tempo livre, Kellogg escreveu cerca de 50 livros, inventou os flocos de milho e a indústria do cereal frio, desenvolveu tecnologia médica de ponta e se tornou um cirurgião famoso no mundo inteiro.

Deus abençoou o pequeno gigante mais do que qualquer um poderia ter imaginado. Ele sempre derrama bênçãos sobre quem está disposto a crescer.

Em Tempos de Guerra – 1

Não matarás. Êxodo 20:13

O adventismo do sétimo dia nascia como denominação organizada quando uma guerra civil devastou os Estados Unidos entre 1861 e 1865. Ela ceifaria mais vidas da população relativamente pequena da nação do que a soma das guerras: da Independência, a Mexicano-Americana, de 1812, a Hispano-Americana, a Primeira e a Segunda guerras mundiais, a da Coreia e a do Vietnã. Contudo, o adventis- mo não enviou soldados para esse conflito tão importante, que determinaria se os Estados Unidos continuariam a existir como nação unificada e acabaria colocando fim à escravidão.

Por quê? Qual era o problema dos adventistas? Por que eles se afastaram? Tiago White procurou responder a essas perguntas na *Review and Herald* de 12 de agosto de 1861. Seus primeiros argumentos abordam o fato de que os adventistas eram cidadãos leais dos Estados Unidos. Ele observou: “A escravidão é destacada na palavra profética como o pecado mais negro e condenador desta nação”. Também mencionou que muitas publicações adventistas “haviam sido proibidas nos estados escravagistas”, por seus ensinos contrários à escravidão e que “aqueles dentre nosso povo que foram às urnas na última eleição presidencial, votaram em um homem chamado Abraham Lincoln”. Concluiu: “Não conhecemos nenhum adventista do sétimo dia que nutra a menor simpatia pela secessão.”

Tiago prosseguiu, explicando por que não enviavam soldados. Baseando-se com firmeza nos Dez Mandamentos, escreveu: “a posição que nosso povo assumiu em relação à perpetuidade e santidade da lei de Deus contida nos Dez Mandamentos não está em harmonia com todas as exigências da guerra. O

quarto preceito da lei diz: ‘Lembra-te do dia de sábado, para o santificar’. O sexto ordena: ‘Não matarás.’” Sua posição não poderia ter sido mais clara. Os adventistas não se voluntariariam para o serviço militar porque isso os colocaria em posição de escolher transgredir pelo menos dois dos mandamentos do Senhor.

White apenas havia começado a resolver o problema. Contudo, despertou uma posição que afetaria a vida de milhares de jovens adventistas. Nem todos os dilemas morais são tão claros em um mundo de pecado. A igreja necessita de orientação divina em situações como essa.

Senhor, dá sabedoria à Tua igreja, enquanto continuamos a lutar com questões importantes relativas a nosso dever em relação a Ti e aos governos terrenos.

Em Tempos de Guerra – 2

Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. Mateus 22:21

Como um cristão deve lidar com o serviço militar?

Foi essa questão que Tiago White levantou em 12 de agosto de 1861. Sua primeira resposta foi bem direta: os adventistas não podiam ser voluntários para servir no exército porque tal ato os colocaria na posição de escolher transgredir pelo menos dois dos Dez Mandamentos.

E se o governo recrutasse à força? E se a pessoa não tivesse escolha, estivesse apenas seguindo as leis da nação?

Para tais perguntas, Tiago White fez uma sugestão inesperada e controversa: “No caso de recrutamento forçado, o governo assume a responsabilidade pela violação da lei de Deus, e seria loucura resistir. Em nossa opinião, aquele que resiste até o ponto de incorrer na lei militar de execução vai longe demais, assumindo a responsabilidade pelo suicídio. [...] Para nós, a tentativa de resistir às leis do melhor governo debaixo do céu, que agora luta para extinguir a rebelião mais infernal desde a liderada por Satanás e seus anjos, precisamos repetir, seria loucura.”

Essa foi a resposta de Tiago à questão complexa de como os adventistas podem ser submissos tanto a Deus quanto ao governo. Em suma:

1. Os adventistas são cidadãos leais.

2. Os adventistas não devem se voluntariar para servir o exército, pois isso os faria escolher a transgressão da lei de Deus.

3. No entanto, se forem recrutados à força, a violação da lei se torna

responsabilidade do governo, e os adventistas devem se submeter a empunhar armas e a matar, até mesmo no dia de sábado.

O que você acha desses argumentos? Que evidências bíblicas consegue reunir a favor ou contra essa lógica? Como devemos agir quando as ordens do governo conflitam com os mandamentos de Deus?

Precisamos nos lembrar de que, naquela época, os Estados Unidos ainda não tinham aprovado uma lei de recrutamento compulsório. Tratava-se de uma mera possibilidade, mas era algo em que a jovem Igreja Adventista, ainda em 1862, sem a Associação Geral para representá-la junto ao governo, precisava refletir com seriedade, à medida que um conflito hediondo destruiria vidas.

Em Tempos de Guerra – 3

Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores; porque não há autoridade que não proceda de Deus; De modo que aquele que se opõe à autoridade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos condenação.
Romanos 13:1, 2

Esse era o texto bíblico preferido de Adolf Hitler! Ele exigia que essa passagem, ou a de conteúdo semelhante de 1 Pedro 2:13, fosse lida pelo menos uma vez por ano em todas as igrejas do Terceiro Reich.

Romanos 13 não deixa dúvida de que os cristãos devem obedecer ao governo. Contudo, perguntamos mais uma vez: O que devemos fazer se uma agência instituída por Deus (o governo) nos ordenar fazer coisas que nos colocam em posição de desobediência a outros ensinos do Senhor? Esse foi o questionamento que atribulou os adventistas durante a Guerra de Secessão – a primeira que precisaram enfrentar como igreja.

O artigo de Tiago na edição de 12 de agosto de 1862 da *Review* despertou uma reação acalorada. Como ele disse em 26 de agosto: “Vários irmãos se referem a nossos comentários [...] de duas semanas atrás com um estilo um tanto quanto exaltado. [...] Não é tempo para os cavalheiros cristãos darem lugar a sentimentos de preconceito e praticamente nos acusarem de ensinar a transgressão do sábado e o homicídio. [...] Se algum de vocês for recrutado em caráter compulsório e decidir entrar em conflito com o Tio Sam, em vez de obedecer, pode tentar. Não contenderemos com vocês, para evitar que alguns dos não resistentes façam uma pequena guerra antes de vocês serem chamados para lutar pelo país.”

Então, White acrescentou: “Qualquer artigo bem escrito, com o objetivo de

lançar luz quanto a nosso dever como povo no que se refere à guerra atual receberá atenção imediata.” O convite desencadeou uma onda de respostas ao longo dos três meses seguintes. Assim, os adventistas debatiam em público, por meio das páginas da *Review.*

Um tema que emerge nessas discussões é que devemos estudar tais questões controversas, mas importantes, em tempos de paz, quando os sentimentos estão calmos e há tempo para fazer uma pesquisa apropriada. Não foi o caso nessa ocasião. Eles lutavam para encontrar uma resposta em meio a uma crise assolada pelas emoções.

Ajuda-nos, Pai, a usar os tempos de paz em nossa vida individual e coletiva como igreja para nos aproximar de Ti em estudo e oração, a fim de discernirmos melhor qual é Tua vontade.

Em Tempos de Guerra – 4

Antes, importa obedecer a Deus do que aos homens. Atos 5:29

Essas foram as palavras e a conclusão dos apóstolos quando se viram diante de um conflito entre as ordens de Deus e as do governo terreno. Contudo, as consequências dessa verdade em relação ao serviço militar não eram claras para os membros da igreja em 1862.

O convite de Tiago White para as pessoas mandarem artigos sobre a posição adequada da igreja em relação ao serviço militar ocasionou um grande volume de respostas e também despertou um amplo espectro de opções.

Em um dos extremos, encontravam-se os pacifistas totais, os quais criam que os cristãos deveriam evitar o serviço militar a todo custo. É provável que tal posicionamento dos membros de Iowa, cuja agitação pacifista agressiva desencadeou a acusação de que o adventismo não era um movimento patriótico, tenha levado à publicação dos pensamentos iniciais de Tiago White sobre o assunto.

No outro extremo, havia os partidários da plena participação na guerra, como Joseph Clarke. Ele escreveu: “Estou muito ansioso para saber qual é o dever acerca da guerra, não tanto por medo de recrutamento compulsório, mas porque quero ver a traição receber sua recompensa merecida.

“Por isso, escrevi ao irmão White, a fim de saber se nos seria permitido unir-nos às fileiras de combate. Meus sonhos se encontram repletos de Gideões, Jeftés e Davis guerreiros. [...]

Tenho às vezes desejado estar na posição de Joabe, em seu embate com

Absalão, e quase imaginei o momento em que um regimento de guardadores do sábado daria o golpe final a essa rebelião, na força dAquele que sempre ajudou Seu valente povo, quando este guarda Seus estatutos. No inverno passado, a ânsia de ir à guerra foi tão grande que chegou a me prejudicar um pouco."

Em outro artigo, Clarke escreveu: "Não houve guerra no Céu? Seria assassinato enforcar ou um traidor ou matá-lo a tiros? Não, não! [...] Josué e Davi foram assassinos? Deixemos de lado o fanatismo e ajamos como homens."

Assim prosseguiu o debate, pelo menos até White colocar fim a esses artigos na *Review*, uma vez que as pessoas já haviam representado adequadamente cada ponto de vista disponível. O acalorado debate indica uma abertura revigorante no início do adventismo, a qual ajudaria no avanço rumo a um consenso sobre temas controversos.

Em Tempos de Guerra – 5

É permitido fazer o bem no sábado. Mateus 12:12, NVI

Foi isso que Jesus disse em relação aos atos de misericórdia no sábado. Tal princípio acabaria desvendando a resposta para o dilema adventista sobre como servir tanto a Deus quanto ao governo terreno em tempos de guerra.

Devemos nos lembrar de que, até março de 1863, não existia lei de recrutamento compulsório nos Estados Unidos. Também é preciso observar que nenhuma nação da época permitia a não combatência.

A lei do serviço militar obrigatório aprovada em 3 de março de 1863 permitia que os recrutados encontrassem substitutos, se pudessem pagar a taxa usada para o governo procurar outra pessoa. A Igreja Adventista ajudava seus membros a conseguir essa quantia. Entretanto, em 4 de julho de 1864, uma revisão na lei permitia que aqueles “contrários, por questão de consciência, ao porte de armas” ficassem isentos da taxa.

Naquela época, a Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, recentemente estabelecida, definiu-se como uma denominação não combatente. Em 3 de agosto, o estado de Michigan concedeu esse status à nova denominação. Outros estados fizeram o mesmo. Depois disso, a igreja enviou John N. Andrews com cartas de vários governadores estaduais para requerer o status de não combatente ao governo federal em Washington, D. C. Assim, em setembro de 1864, o governo dos Estados Unidos reconheceu o adventismo como uma igreja não combatente.

Em teoria, isso significava que, caso seus membros passassem pelo recrutamento compulsório, não teriam a obrigação de empunhar armas, nem de

matar inimigos. Na prática, porém, a maioria dos recrutados enfrentou oposição e ameaças. O lado positivo é que, até o fim da guerra, os não combatentes passaram a poder servir como médicos tanto na frente de batalha quanto nos hospitais.

Os adventistas ficaram felizes com o acordo, uma vez que os desobrigava de tirar a vida de outros e lhes permitia fazer o bem no sábado.

A partir de então, o papel médico e não combatente se tornou o padrão para os recrutas adventistas do sétimo dia, ao passo que a denominação continuou a ver com maus olhos o serviço voluntário. Na verdade, vários voluntários foram excluídos do rol de membros no fim da guerra civil, muito embora alguns (que provavelmente incluem Ellen White) não tivessem tanta certeza de que essa era a decisão apropriada.

Deus conduz Seu povo não só em questões estritamente espirituais, mas também em áreas ligadas de maneira específica ao mundo. Temos motivo para nos alegrar por Sua orientação em todas as coisas.

Retrospectiva do Adventismo em Tempos de Guerra

Amai os vossos inimigos. Mateus 5:44

Acho impossível amar os inimigos e sair para tirar a vida deles, ao mesmo tempo. Por isso, no verão de 1961, em meio à crise do Muro de Berlim, enfrentei a ameaça de um tribunal de guerra.

Eu era um soldado treinado de infantaria que, até aquele momento, tinha sido agnóstico convicto. Contudo, durante o primeiro semestre do ano, eu me interessara pelo adventismo e chegara à convicção de que não deveria mais portar armas, nem treinar aos sábados. Eu havia começado a gostar da lógica bíblica por trás da posição denominacional, embora ainda não houvesse me tornado membro da igreja.

Uma boa pergunta é como um jovem que tinha um relacionamento breve e tênue com o adventismo conhecia a posição da igreja sobre o serviço militar? A resposta é simples e direta: a igreja tinha sido clara e consistente em tornar pública sua posição, aconselhando pastores e jovens a esse respeito.

A Associação Geral havia nomeado pastores especiais para as associações locais ajudarem os recrutas a conquistar seus direitos de não combatentes, além de imprimir grande número de publicações sobre o assunto, para a juventude. Havia também a Corporação de Cadetes Médicos, instituição patrocinada por faculdades e colégios adventistas, com o objetivo específico de preparar os adventistas para ocupar posições não combatentes, quando recrutados.

Além disso, circulavam histórias de muitos jovens adventistas ao redor do mundo que haviam sido presos e até martirizados, por se recusarem a empunhar armas ou trabalhar no sábado. Caso não fosse o bastante, havia ainda a história

amplamente divulgada do médico Desmond T. Doss, que recebeu uma medalha de honra por salvar a vida de pelo menos 75 feridos na batalha de Okinawa.

Mas o recrutamento compulsório cessou, a divulgação, também, e o adventismo negligenciou o assunto, esquecendo, por fim, sua história. Desde 2007, o exército dos Estados Unidos contava com cerca de 7.500 adventistas voluntários, quase todos (com exceção dos capelães) servindo como combatentes.

Às vezes, a igreja perde sua história de vista e precisa lembrar o que ela representa. Isso também acontece em nossa vida pessoal. Que Deus nos conceda a força de vontade necessária para passar por esse processo com honestidade.

Educação nos Bons e Velhos Tempos

Sabes o grego? Atos 21:37

Embora esse versículo possa não parecer muito bom para uma reflexão devocional, ele aborda uma questão interessante.

Nos bons e velhos tempos, a educação não era muito boa. A sociedade só considerava instruído alguém versado em grego e latim antigos e na literatura desses idiomas. A educação tradicional se concentrava nos clássicos da Antiguidade.

Tal educação, é claro, não fazia o menor sentido para as massas, que precisavam trabalhar para obter seu sustento. De fato, a educação formal em escolas não estava aberta para a maioria das pessoas durante grande parte da história, nem mesmo em sua forma mais rudimentar. A escolarização era privilégio, dos poucos que tinham origem rica e nunca se viram forçados a trabalhar para ganhar a vida.

Assim como na questão da saúde, a educação nos bons e velhos tempos era terrível. Por mais de dois mil anos, a educação ocidental enfocou as línguas antigas, as palavras, ideias e os “grandes livros” de sua herança. O prestígio e a longevidade da tradição dificultavam aos educadores adotar abordagens alternativas.

Entretanto, as reformas viriam, chegando ao auge no século 19, justamente quando o adventismo se desenvolvia.

Na vanguarda das reformas educacionais dos anos 1830, estiveram pessoas como Horace Mann, que liderou a batalha em favor da educação básica pública e de qualidade para todas as crianças. Mann e seus amigos tentaram não só tornar

a escolarização acessível, mas, também, prática e sadia. Eles sabiam que não fariam muito bem se educassem a mente caso o corpo dos alunos estivesse doente.

À frente na educação superior se encontrava a Oberlin College, que, na década de 1830, eliminou o grego e o latim clássico, centralizou a cosmovisão bíblica e desenvolveu um programa de estudos de trabalhos manuais, a fim de ajudar as pessoas a adquirir habilidades úteis além da instrução teórica, garantindo um equilíbrio entre as esferas mental e física.

A propaganda da Oberlin dizia: “O sistema de educação neste instituto promove o corpo e o coração, bem como o intelecto, pois seu alvo é proporcionar a educação do ser humano completo.”

As ideias educacionais adventistas não surgiram no vácuo. Sempre podemos, até hoje, aprender com a cultura mais ampla, à medida que avaliamos tradições e práticas da perspectiva da cosmovisão bíblica.

Em Busca de uma Educação Apropriada – 1

Certamente, venho sem demora. Amém! Apocalipse 22:20

Para os adventistas do século 21, pode parecer que a educação cristã foi uma parte central da igreja desde seu nascimento. Contudo, isso está longe de ser verdade. Aliás, a educação formal foi o último grande desenvolvimento institucional da denominação. A criação de um rigoroso programa de publicações em 1849, a organização centralizada da igreja em 1863 e a iniciativa da saúde em 1866 precederam os avanços educacionais. Em contrapartida, a Igreja Adventista fundou sua primeira instituição de ensino em 1872 (28 anos após o desapontamento milerita) e só passou a ter um sistema abrangente de educação básica perto de 1900.

Embora o desenvolvimento tardio da escolarização adventista possa surpreender os fiéis de hoje, esse fato se explica pela lógica dos antepassados espirituais, que, acima de tudo, aguardavam o retorno imediato de Jesus. Os grupos religiosos que se concentram na proximidade do fim do mundo não costumam sentir muita necessidade de educar seus filhos além dos conceitos essenciais de persuasão religiosa e das habilidades necessárias para viver por um curto período.

Isso se aplicava à igreja cristã primitiva, bem como aos primeiros adventistas do sétimo dia. O raciocínio era o seguinte: Para que mandar as crianças estudarem se o mundo vai terminar logo, e elas nunca utilizarão o aprendizado obtido com tanta dificuldade? Alguns poderiam interpretar a educação formal dos filhos como falta de fé no caráter imediato do advento. Tais atitudes eram comuns entre os adventistas do sétimo dia.

Em 1862, um membro da igreja escreveu para Tiago White, perguntando se

era “correto e consistente para nós, que acreditamos de todo o coração no breve retorno do Senhor, dar uma educação formal a nossos filhos? Se for, devemos enviá-los para uma escola pública, onde aprenderão muito mais mal do que bem?”

White respondeu: “O breve retorno de Cristo não é motivo para deixar de aperfeiçoar a mente. Uma mente bem disciplinada e informada está mais bem capacitada para aceitar e apreciar as sublimes verdades do segundo advento.”

Com tal declaração, ele abriu as portas para o desenvolvimento do sistema de ensino adventista.

Deus deseja que desenvolvamos todos os nossos talentos enquanto esperamos Jesus voltar.

A Chegada de Goodloe Harper Bell

Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele. Provérbios 22:6

Uma onda de preocupação pela educação adventista ocorreu durante os anos 1850. Tiago White escreveu que não era certo tirar as crianças da escola e "deixá-las soltas a correr nas ruas. 'Mente vazia é oficina do diabo'".

Tentativas de fundar instituições adventistas de ensino tinham sido feitas em lugares como Buck's Bridge, Nova York e Battle Creek. Mas todas falharam. Desanimado no que se refere à educação, Tiago escreveu em 1861: "Fizemos uma tentativa completa de criar uma escola em Battle Creek, sob as circunstâncias mais favoráveis possíveis, e desistimos."

Por mais sete anos, parecia que o assunto da instrução formal estava morto no adventismo. Até a chegada de Goodloe Harper Bell.

Bell foi a Battle Creek pela primeira vez no inverno de 1866-1867, aos 34 anos de idade, acompanhando um amigo, ao recém-fundado Instituto de Reforma de Saúde. O lugar deve tê-lo impressionado, pois, no ano seguinte, quando precisou de tratamento, retornou.

Isso já era ótimo; mas, para melhorar, Bell ficou em um quarto com um adventista chamado Osborne. Noite após noite, ele ouvia Osborne orar em voz alta por ele, sem saber que o colega de quarto o ouvia. A sinceridade inquestionável do homem afetou tanto a Bell que o educador se uniu à igreja.

Parte de seu tratamento envolvia trabalho físico ao ar livre. Willie White nos conta que, por isso, alguém colocou um serrote nas mãos de Bell e lhe deu a tarefa de serrar madeira para a editora adventista, que ficava ali perto.

Foi ali que ele conheceu Edson White, o filho vivo mais velho de Tiago. Ao descobrir que Bell era professor, Edson comentou que detestava gramática. Em resposta, o educador disse que, quando ensinada de forma adequada, a gramática tornava-se muito interessante.

Esse contato casual levou à contratação de Bell nos meses seguintes pela igreja de Battle Creek. Em 1872, a Associação Geral assumiu a administração da escola. Foi assim que uma pequena instituição se tornou a primeira de um sistema mundial que, em 2013, contava com 5.714 escolas de ensino fundamental, 1.969 instituições de ensino médio e 113 faculdades e universidades.

Deus usa até mesmo estranhos como o irmão Osborne para fazer coisas especiais por Sua obra. Se ele usou Osborne, pode usar a você e a mim se permitirmos que Ele nos conduza.

Em Busca de uma Educação Apropriada – 2

Que todas estas palavras que hoje lhe ordeno estejam em seu coração. Ensine-as com persistência a seus filhos.
Deuteronômio 6:6, 7, NVI

Durante seus 28 primeiros anos de ministério profético, Ellen White não produziu nenhum artigo sobre escolarização ou instrução formal, embora tenha escrito sobre a educação no lar e a responsabilidade dos pais desde 1854.

Isso mudou radicalmente em 1872, quando a escola particular de Bell se transformou na primeira instituição de ensino administrada pela denominação. Sobre isso, ela escreveu “Educação Apropriada”, um de seus textos mais importantes e abrangentes sobre o assunto.

O capítulo “A Devida Educação” é um material influente entre os educadores adventistas porque eles o interpretam corretamente como uma ordem referente ao ideal da educação cristã. Não deixa dúvidas de que os adventistas devem ser “reformadores” educacionais (FEC, p. 44). Parte desse ideal de reforma envolvia ir além da ênfase excessiva nos livros, rumo a uma instrução mais equilibrada, que enfatizasse a “educação física, mental, moral e religiosa da criança” (ibid., p. 15). O conceito de uma educação equilibrada que abarca todo o ser se tornaria um marco dos escritos de Ellen White sobre o assunto ao longo dos 40 anos seguintes.

“A Devida Educação” tem três seções básicas. A primeira postula que a verdadeira educação é o desenvolvimento do autocontrole. Ao passo que as pessoas adestram os animais, os seres humanos devem ser educados como indivíduos, a fim de tomarem decisões morais responsáveis.

A segunda seção, que abrange 25 das 31 páginas do documento, fala da

saúde física e da utilidade do trabalho manual em sua ligação com a educação doméstica e escolar. Foi nessa seção que Ellen White ressaltou o fato de que os adventistas são reformadores educacionais.

O terceiro segmento discute brevemente o ensino da Bíblia e as áreas comuns de conhecimento destinadas àqueles que se preparam para o ministério.

Ela não tinha dúvidas quanto à importância da educação. Afinal, “a ignorância não aumenta a humildade ou a espiritualidade” e “Cristo pode ser melhor glorificado por aqueles que O servem inteligentemente. O grande objetivo da educação é habilitar-nos a usar as faculdades que Deus nos deu, de tal maneira que exponha melhor a religião da Bíblia e promova a glória de Deus” (ibid., p. 45).

Em Busca de uma Educação Apropriada – 3

Instruir-te-ei e te ensinarei o caminho que deves seguir.
Salmo 32:8

Os adventistas do sétimo dia deram um importante passo ao transformar a escola de Bell na primeira instituição de ensino oficial da denominação, em 1872, mas a liderança sabia que era preciso fazer mais. Ainda existia a necessidade de preparar ministros. Até o início dos anos 1870, o jovem que desejasse ser pastor tão somente observava os mais velhos e saía fazendo o mesmo.

Em 1873, Tiago White, ligado em cada avanço do adventismo, se deu conta de que a denominação necessitava fazer algo relativo à capacitação da liderança. Na Assembleia da Associação Geral daquele ano, ele disse: “É provável que não exista, neste momento, um ramo da obra que sofra tanto quanto a educação apropriada dos homens e das mulheres que proclamam a terceira mensagem angélica.” A situação exigia “uma educação mais santificada no ministério! Meu coração se regozija por saber que o Espírito de Deus está movendo o coração de homens instruídos para virem até nosso meio a fim de assumir a liderança da obra [educacional]”.

No entanto, não era só a preparação de ministros que exigia uma visão educacional mais ampla. A denominação também se movimentava aos poucos para a esfera das missões estrangeiras. Por isso, John N. Andrews escreveu em 1873: “Os chamados que vêm de todos os cantos, de pessoas que falam outras línguas, precisam ser respondidos. Não podemos fazer isso em nossas circunstâncias atuais, mas seremos capazes se o Senhor abençoar nossos esforços” em melhorar a escola de Battle Creek. “Adiamos essa tarefa por tempo

demais. Não podemos melhorar o passado, porém o tempo que ainda nos resta pode ser aperfeiçoado. [...] Pessoas de outras nacionalidades desejam ser instruídas a respeito do" segundo advento.

A liderança reconheceu que precisava fundar uma faculdade, e o fez em 1874. Antes da abertura dessa instituição, George Butler, presidente da Associação Geral, escreveu: "Vemos uma grande obra à nossa frente. [...] Reconhecemos que chegará o tempo em que centenas e centenas de missionários sairão desta terra para outras, a fim de anunciar a mensagem de advertência." Para essa finalidade, a faculdade proposta precisava educar não só pastores, mas também tradutores, editores e outros, que pudessem ajudar no avanço da mensagem do terceiro anjo.

A visão nunca é estática. Deus conduz Seu povo mediante um passo de cada vez. Quando compreendemos um nível de necessidade, Ele nos impulsiona para o seguinte. É isso que acontece em cada aspecto de vidas dedicadas para o Senhor.

Em Busca de uma Educação Apropriada – 4

“Venham, vamos refletir juntos”, diz o Senhor. Isaías 1:18, NVI

Os fundadores de Battle Creek College em 1874 eram extremamente claros quanto a seus objetivos para a nova escola. Desejavam uma instituição que ensinasse a Bíblia, preparasse ministros e missionários e desenvolvesse, em seus alunos, a habilidade de raciocinar com Deus. Sabiam por que estavam criando uma faculdade.

Então veio o problema do corpo docente. Ainda mais básica era a questão sobre onde a jovem denominação poderia encontrar professores e funcionários.

Felizmente, eles tinham entre si pelo menos uma pessoa graduada numa universidade. Sidney Brownsberger havia concluído o programa de estudos clássicos da Universidade de Michigan, em 1869, e logo receberia o grau de mestre da mesma instituição em 1875. Dadas as necessidades da igreja, a formação de Brownsberger e sua dedicação ao adventismo, ele era a escolha evidente para dirigir a nova faculdade, porém, não sabia como colocar em prática as metas dos fundadores.

Willie White conta que, em uma das primeiras reuniões da comissão diretiva da faculdade, sua mãe “leu para eles o testemunho sobre a educação apropriada. Todos ouviram com profundo interesse. Reconheceram que as palavras vinham em tempo oportuno. Também admitiram que elas requeriam uma obra mais ampla do que haviam planejado e que a bela localização” nas redondezas de Battle Creek, “tão próxima e conveniente”, não proporcionava tudo o que era necessário.

“Alguém perguntou: ‘Bem, irmão Brownsberger, o que podemos fazer?’

“Ele respondeu: ‘Não faço a menor ideia de como administrar uma escola como essa. [...]’

“Então ficou combinado que a obra da escola seria organizada, seguindo o método comum. A questão dos ofícios manuais seria estudada para que fossem introduzidos [posteriormente]. No entanto, não foram dados passos nessa direção por muitos anos.”

O jovem líder educador fez o que sabia de melhor. A escola que desenvolveu na metade dos anos 1870 tinha, em sua base curricular ideal, um curso tradicional de artes voltado para o latim, o grego clássico e a literatura dessas línguas. Não poderia ser chamada de instituição de “reforma”.

Entretanto, Deus a usou assim mesmo. E nisso encontramos uma boa notícia. Deus nos usa a despeito de nós mesmos.

Muito obrigado, Senhor!

Em Busca de uma Educação Apropriada – 5

Quanto melhor é adquirir a sabedoria do que o ouro!
Provérbios 16:16

Conforme vimos ontem, o Battle Creek College não conseguiu atender às expectativas de seus fundadores. Não havia aulas regulares de ensino religioso, muito menos, matérias obrigatórias. Embora seja verdade que Uriah Smith fizesse de tudo, mancando para lá e para cá, para dar algumas palestras eletivas um tanto quanto tediosas sobre profecia bíblica, parece que não conseguia reunir um bom público.

Os catálogos da instituição divulgavam: “Não há nada nos cursos, nem nas regras e práticas de disciplina que seja denominacional ou sectário. As aulas de Bíblia são totalmente opcionais.” Ainda: “Os administradores desta faculdade não têm nenhuma disposição de insistir com os alunos para adotar visões sectárias, nem de destacá-las.” Essa foi a gênese da educação superior adventista do sétimo dia.

Contudo, as coisas pioraram. Brownsberger deixou sua função em 1881, e a escola o substituiu por Alexander McLearn, que chegara com a vantagem de possuir um nobre diploma de doutor em divindade, mas a desvantagem de não ser adventista, nem um converso recente. Brownsberger podia até não entender a necessidade de uma educação genuinamente adventista, mas McLearn não entendia nem sequer o adventismo.

A instituição fechou as portas para o ano letivo de 1882-1883, sem a certeza de reabrir. Essa foi a primeira tentativa adventista de gerir uma instituição de educação superior. Um dos jornais de Battle Creek chamou o fiasco adventista de “circo do extremo Oeste”.

Foi em meio à confusão da liderança de McLearn que Ellen White transmitiu, apesar das dificuldades, um testemunho chamado “Nosso Colégio”, artigo lido no prédio central do colégio, perante a liderança eclesiástica e educacional da denominação, em dezembro de 1881. E ela não omitiu nenhuma palavra: “Há risco de nosso colégio ser desviado de seu desígnio original” (T5, p. 21).

Esta triste história pode nos ensinar algo importante. É fácil pensar que a igreja passa por um movimento descendente contínuo desde sua fundação, mas a realidade não é essa. A igreja sempre teve problemas e sempre terá. Entretanto, Deus não desiste dela. O Senhor trabalha com pessoas e instituições nada perfeitas, e persiste mesmo quando sentimos vontade de desistir.

Julho

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Em Busca de uma Educação Apropriada – 6

Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo.
Ezequiel 36:26

Não são apenas os seres humanos que necessitam de um coração novo. Às vezes, as instituições também. Foi isso que aconteceu com a educação adventista enquanto buscava encontrar seu papel adequado dentro da igreja, durante as décadas de 1870 e 1880.

Ontem concluímos com o poderoso chamado de Ellen White à reforma no cambaleante Battle Creek College em dezembro de 1881. Ela temia que a instituição tivesse se "desviado de seu desígnio original. [...] Por um ou dois anos passados, tem havido certo esforço para moldar nossa escola de acordo com outros colégios. [...] A influência moral e religiosa não deve ser deixada para trás" (T5, p. 21).

"Se uma influência mundana tiver que dominar nossa escola, seja ela então vendida aos mundanos, e assumam eles o total controle; e os que investiram seus recursos nessa instituição estabelecerão outra escola para ser dirigida, não de acordo com o plano das escolas populares, nem segundo a vontade de diretores e mestres, mas de acordo com o plano especificado por Deus. [...]

"Deus declarou ser desígnio Seu possuir na região um colégio em que a Bíblia tenha seu devido lugar na educação da juventude" (ibid., p. 25, 26).

Em seu duro discurso, Ellen White deu ênfase específica ao papel da Bíblia e à necessidade de voltar ao rumo dos objetivos dos fundadores.

Ela proclamou: "Pouca atenção tem sido dispensada à educação de jovens para o ministério. Esse era o principal objetivo no estabelecimento do colégio"

(ibid., p. 22).

Ellen White não era contrária às artes e à ciência. Ao invés disso, defendia o estudo dos campos mais amplos de conhecimento, “aprendendo ao mesmo tempo os reclamos de Sua palavra” (ibid., p. 21). O grande problema era o estudo dos livros “apenas”. “Essa espécie de educação pode ser obtida em qualquer colégio da região” (ibid., p. 22). Ela incentivava um aprendizado mais abrangente, que analisasse tudo com base em uma perspectiva bíblica. “Como poderoso meio de educação, a Bíblia não tem rival”, uma vez que desafia os alunos “a lidar com problemas difíceis” e amplia a compreensão de sua mente (ibid., p. 24). Seu chamado era para que a educação adventista voltasse aos trilhos.

Obrigado, Pai, pela voz profética em nossa história. Ajuda-nos a ouvir essa mesma voz neste dia.

Em Busca de uma Educação Apropriada – 7

Para a árvore pelo menos há esperança: se é cortada, torna a brotar, e os seus renovos vingam. Jó 14:7, NVI

Na primavera de 1882, a jovem árvore da educação adventista não foi apenas podada; ela foi cortada. No entanto, esse passo drástico não foi em vão. Do toco, brotariam ramos em várias direções, que revitalizariam o sistema e ajudariam imensamente na busca por uma educação apropriada. O Battle Creek College reabriria no outono de 1883, com a resolução de ser mais fiel à sua missão. E faria progressos significativos nessa direção durante a década de 1880.

Talvez, porém, ainda mais importante seja o fato de que os ex-líderes da escola de Battle Creek tenham ido para diferentes partes do país. Eles aprenderam lições que os ajudariam a fortalecer a educação adventista.

Goodloe Harper Bell se estabeleceu em Massachussets, onde fundou a South Lancaster Academy, na primavera de 1882, a qual se transformou posteriormente no Atlantic Union College.

Sidney Brownsberger, por sua vez, foi para o Oeste, onde, em abril de 1882, fundou a Healdsburg Academy, instituição que se transformou no Healdsburg College, e depois, no Pacific Union College. Brownsberger resolveu não cometer os mesmos erros. Começou a administração em Healdsburg com uma filosofia educacional bem diferente da que havia seguido em sua obra em Battle Creek. Depois de sua experiência em Michigan, decidiu “nunca mais ingressar [em nenhum emprego denominacional] sem a base dos *Testemunhos*”.

Nas propagandas e nos catálogos de Healdsburg durante os anos da gestão de Brownsberger, ganhava destaque o fato de que a escola procurava proporcionar uma educação equilibrada entre teoria e prática, parte mental e física. Em suma,

além de acadêmicos, ele prepararia seus formandos para o mercado de trabalho. Mais do que isso, a escola fora projetada “para prover instrução especialmente adaptada ao trabalho de rapazes e moças que desejam se preparar para entrar no ministério”. A instituição de reforma, Healdsburg College, exerceria uma boa influência sobre a de Battle Creek.

É possível, sim, aprender depois de velho. E, com a ajuda de Deus, pessoas e instituições podem se reformar a fim de se aproximarem mais de seus ideais. Esse foi o início, mas a verdadeira revolução na educação adventista ocorreria durante os anos 1890.

Reflexões Sobre Estilo de Vida e Doutrina – 1

Mostra-me, Senhor, os Teus caminhos. Salmo 25:4, NVI

Ellen White desempenhou um papel mais ativo na área das práticas do estilo de vida adventista do que na formação de doutrinas. Na formação doutrinária, o procedimento consistia em estudar a Bíblia até que se chegasse a um consenso. Nesse momento, ela às vezes recebia uma visão que confirmava o consenso e ajudava aqueles que ainda tinham dúvidas sobre se as conclusões do grupo eram corretas. Logo, podemos conceber que o envolvimento dela na formação de doutrinas se encontrava na confirmação, em vez de na iniciação.

Não se pode dizer o mesmo de sua participação no ramo do estilo de vida adventista. Por isso, é importante reconhecer algumas diferenças entre as esferas do estilo de vida e da doutrina.

Muito embora os adventistas do século 21 tenham a tendência de igualar a magnitude das questões doutrinárias e de estilo de vida, esse não era o posicionamento dos fundadores da denominação.

Talvez a diferença dissesse respeito ao fato de que as doutrinas definem uma denominação. Portanto, entre os primeiros adventistas guardadores do sábado, a doutrina era uma questão crucial, que recebia muita atenção. Em contrapartida, os itens relativos ao estilo de vida tendiam a constituir preocupações secundárias. Muitas questões de estilo de vida não são determinantes básicos da identidade de uma denominação, porém, maneiras de viver que facilitam a missão de espalhar a mensagem doutrinária.

Partindo dessa perspectiva, podemos entender que a reforma de saúde capacita as pessoas a se tornarem melhores testemunhas, permitindo que os

indivíduos curados cheguem à condição de compreender melhor o evangelho. De igual modo, a educação cristã facilita tanto o desenvolvimento de membros da igreja quanto de pregadores do evangelho. Os dízimos e a doação que envolve sacrifício levam as pessoas a refletir sobre o caráter daquele que amou o mundo de tal maneira que deu Seu único Filho, além de possibilitar o avanço da missão de Deus na Terra.

Senhor, valorizamos tanto o todo doutrinário quanto as opções de estilo de vida que transformaram os adventistas do sétimo dia em um povo único. Ajuda-nos a compreender melhor o papel de cada um desses elementos em nossa vida individual e coletiva.

Reflexões Sobre Estilo de Vida e Doutrina – 2

Andai como filhos da luz. Efésios 5:8

Quando se chega ao cerne da questão, só há dois caminhos nos quais podemos andar: na luz ou nas trevas. A Bíblia é clara a esse respeito. Mas o que é luz?

Muitos de nós agimos como se a doutrina correta ou mesmo o estilo de vida bíblico fossem a luz. Errado! Cristo é a luz. A religião gira em torno de nosso relacionamento com Ele. Dentro desse centro se encontra o problema do pecado e da solução divina na cruz de Cristo.

Tanto a doutrina quanto o estilo de vida são questões secundárias. Afinal, você pode crer em todas as doutrinas certas, adotar o estilo de vida correto e ainda assim se perder. A salvação está ligada a seu relacionamento com Deus por intermédio de Jesus. As doutrinas não são um fim em si mesmas, porém um meio para entender melhor a Deus e amá-Lo efetivamente. De igual forma, o estilo de vida aponta para um propósito maior. Por exemplo, a reforma de saúde permite que tenhamos a mente mais clara para compreender a doutrina e conhecer melhor a Deus, levando-nos a amar mais plenamente o Senhor e o próximo.

Em todas as épocas, a opinião dos fundadores do adventismo nas esferas do estilo de vida e da doutrina não foi idêntica. Por isso, eles se esforçaram ao máximo para definir com precisão as doutrinas, ao passo que a maioria das questões ligadas ao estilo de vida ficaram de lado, até que a necessidade ou mesmo uma crise os forçou a se posicionar.

Os adventistas preencheram de várias maneiras o vácuo resultante do estilo

de vida. Às vezes, chegavam a uma posição por meio do estudo da Bíblia e de conferências quando surgiam crises. Em outras ocasiões, Ellen White tomou a frente em mencionar o assunto, apontando para a solução e demonstrando como tal solução se encaixava no quadro mais amplo das três mensagens angélicas, como no caso da reforma de saúde. Por outro lado, o método da pesquisa bíblica predominou em aspectos como o serviço militar e a devolução dos dízimos.

Uma vez que Ellen White costumava aplicar princípios bíblicos à vida cotidiana da igreja e a seus membros, ao longo dos anos, seus conselhos passaram a assumir, cada vez mais, o centro dos debates sobre o estilo de vida adventista.

Pai, guia-nos, ajudando-nos a entender como as várias partes do todo de nossa fé estão relacionadas umas às outras e à nossa vida.

As Reuniões Campais – 1

Sete dias celebrarás a festa ao Senhor, teu Deus, no lugar que o Senhor escolher. Deuteronômio 16:15

Os antigos israelitas pontilhavam o ano religioso com uma série de festas, nas quais as pessoas saíam de casa e viajavam, a fim de se encontrarem para vários dias de edificação religiosa.

Embora não encontremos um paralelo idêntico às festas judaicas na era cristã, as reuniões campais compartilhavam muitas características com essas festividades bíblicas. As campais desempenharam um importante papel nos reavivamentos norte-americanos do início do século 19, ocorridos nos movimentos metodista e milerita. No entanto, a primeira campal convocada especificamente pelos adventistas do sétimo dia ocorreu em Wright, Michigan, em setembro de 1868.

O anúncio desse evento na *Review*, publicado em 18 de agosto, afirmava: “Essa reunião não foi convocada com o propósito de passarmos alguns dias em recreação e futilidade. Nem foi planejada para ser uma novidade, com o fim de atrair os ociosos e curiosos que não seriam alcançados de outra maneira. Nem desejamos meramente atrair grande número de pessoas, a fim de fazer uma demonstração de nossa força. Temos em mente um objetivo bastante distinto.

“Desejamos reunir o máximo possível de irmãos, tanto pastores quanto leigos, bem como o máximo de pessoas não convertidas que se interessem pela reunião, para que lhes façamos algo de bom.

“Queremos que todos aqueles que vierem tenham o propósito de buscar a Deus. Desejamos que nossos irmãos compareçam a fim de buscar uma nova conversão. Queremos que nossos pregadores sejam um exemplo digno de

imitação.

“Também desejamos que o maior número de pessoas sem interesse em Cristo, ou pelo menos sem conhecimento da verdade presente, convertam-se ao Senhor, alegrando-se na luz de Sua verdade.”

O propósito da reunião campal era a edificação e instrução dos santos, a conversão dos membros da igreja que necessitavam passar por esse processo e a apresentação da mensagem do terceiro anjo para aqueles que não a haviam aceitado ou nem mesmo ouvido falar dela.

Em suma, a campal deveria ser uma festa espiritual de primeira grandeza, feita pelos adventistas para toda a comunidade.

As Reuniões Campais – 2

Todos os anos os pais de Jesus iam a Jerusalém para a Festa da Páscoa. Lucas 2:41, NTLH

As campais no início do adventismo eram acontecimentos empolgantes. As pessoas ouviam boas pregações, encontravam velhos amigos, saíam da rotina, compravam publicações adventistas e recebiam uma bênção espiritual. A reunião campal anual era uma experiência incrível.

A primeira reunião campal oficial, que ocorreu em Wright, Michigan, do dia 1º a 7 de setembro de 1868, estabeleceu o padrão para as que viriam depois. Duas tendas redondas de 18 metros abrigavam as reuniões gerais, enquanto as pessoas ficavam em tendas menores. Como ainda não havia a opção de comprar uma barraca barata em um hipermercado, os editores da *Review* deram instruções sobre a construção de tendas simples para famílias e igrejas.

No total, foram 22 tendas para igrejas, em geral, com os quartos separados por cobertores ou colchas, a fim de que as famílias tivessem um pouco de privacidade. Em outras tendas, havia uma corda no meio para que os participantes pendurassem cobertores e fizessem a separação entre os sexos.

Famílias e amigos cozinhavam em fogueiras. Sentavam-se em troncos para comer em círculos, proporcionando excelentes oportunidades para comunhão. Devia ser um ótimo momento para as crianças, mas também era o ponto alto do ano para os adultos.

É claro que as coisas não eram tão confortáveis quanto em casa. E um pouco mais de privacidade não faria mal a ninguém. Além disso, era necessário fazer certo sacrifício financeiro, ao se somar os custos da viagem e o tempo sem trabalhar, mas os primeiros adventistas acreditavam que tais convocações valiam

a pena, apesar dos gastos e dos inconvenientes.

A realização de uma reunião campal por ano se consolidou após a que aconteceu em Wright. No ano seguinte, sete estados fizeram a sua. Depois disso, elas se espalharam para todos os lugares do mundo adventista.

Elas ainda acontecem. Com vigor em alguns lugares e definhando em outros, mas sempre são uma bênção. Se você não participa de uma campal há tempos, faça o esforço. Você será abençoado. O adventismo estaria em melhor condição hoje se houvesse um reavivamento dessa bênção anual.

Ajuda-nos, Senhor, a aproveitar mais todas as oportunidades que Tu nos dás para recebermos bênçãos ao longo do dia, da semana e do ano.

As Reuniões Campais – 3

O Senhor dos Exércitos dará neste monte a todos os povos
um banquete de coisas gordurosas. Isaías 25:6

Na Bíblia, “coisas gordurosas” são coisas boas, representam bênçãos espirituais e o cumprimento das promessas de Deus. O Senhor fala de banquetes com coisas gordurosas não só no Antigo Testamento, mas também da grande festa celestial dos redimidos no fim dos tempos. Enquanto isso, os primeiros adventistas consideravam as reuniões campais uma festa de coisas gordurosas.

Na que aconteceu em 1868, Ellen White fez o que chamaríamos hoje de discurso de abertura. Ela falou sobre as necessidades do povo do advento e preparou a mente dos participantes para a festa espiritual que viria em seguida. De acordo com Uriah Smith, ela “colocou os irmãos na linha de pensamento correta desde o princípio”. E “aqueles que não haviam reconhecido antes a necessidade de uma reunião como aquela, se é que havia alguém assim, devem ter mudado de opinião assim que os objetivos da campal foram expostos com tamanha clareza”.

Ou, conforme Joseph Clarke relatou: “O testemunho da irmã White foi tão poderoso que nos fez sentir como os discípulos ao perguntarem ‘Senhor, sou eu?’. Foi cheio de advertências”, insistindo com as pessoas quanto às possibilidades das reuniões e “para falarem de coisas celestiais”, em vez de terrenas.

Os cultos eram fundamentais em Wright: Tiago pregou seis vezes; Ellen, cinco; John Andrews, quatro e Nathan Fuller, uma. Smith relatou que todas as mensagens “brilhavam com o fogo da verdade presente”.

Depois disso, todos os estados queriam a presença de Tiago e Ellen a cada

ano. Eles faziam o melhor que podiam para comparecer, sacrificando muitos dias entre agosto e outubro para esse propósito, por anos.

A reunião campal em Wright contou com trezentas pessoas dormindo em barracas, além de várias centenas em casas da região, totalizando mil participantes ao longo da semana. No fim de semana, é claro, os números subiram muito, chegando a 2 mil e é provável que houvesse atingido 3 mil, caso não tivesse chovido tão forte.

As campais posteriores eram realizadas próximas às cidades, para beneficiar o grande número de não adventistas esperados, a fim de ouvir a mensagem do terceiro anjo e outras verdades. É possível que a mais bem-sucedida tenha sido a campal de Groveland, na qual cerca de 20 mil pessoas se reuniram no domingo para ouvir Ellen White falar sobre temperança.

Que oportunidade! Que bênção!

Pensando nas Missões

Tomai, pois, conhecimento de que esta salvação de Deus foi enviada aos gentios. E eles a ouvirão. Atos 28:28

A verdade é que os primeiros adventistas do sétimo dia não pensavam muito em missões. Criam que a comissão do tempo do fim de levar o evangelho a todo o mundo (Mt 24:14; Ap 10:11; 14:6) fora cumprida pelos protestantes, no início do século 19, e pelos mileritas, no começo dos anos 1840. Acreditavam na porta fechada em relação a missões nacional e internacional. A única que pensavam empreen- der se restringia aos mileritas desapontados, que precisavam ser consolados e informados sobre a terceira mensagem angélica.

Embora Ellen White tenha recebido uma visão em 1848 sobre parte da obra adventista funcionando como um raio de luz que clareava todo o mundo, e algumas outras que apontavam para missões abrangentes, os guardadores do sábado, não tinham entendimento ou interesse nas consequências de tais revelações.

A fase da porta fechada terminou em 1852, quando perceberam que estavam equivocados. Daquele momento em diante, Tiago White proclamou que eles tinham uma “porta aberta” para pregar o sábado e a terceira mensagem angélica a todos, quer houvessem participado do movimento milerita, quer não.

A porta para as missões se abrira um pouco, mas não muito. Ainda demoraria quase um quarto de século (1874) para os adventistas do sétimo dia enviarem o primeiro missionário além-mar. Nesse meio tempo, a abordagem dos guardadores do sábado em relação às missões prosseguia na velocidade de uma evolução, não de uma revolução.

Embora tenham surgido alguns chamados à missão durante os anos 1850,

também houve várias sugestões de motivos para a igreja não enviar missionários.

Uma das soluções mais curiosas para o assunto da missão foi proposta por Uriah Smith em 1859. A demora do advento de Cristo levava alguns a fazer questionamentos de cunho missionário. Certo leitor da *Review* perguntou se a mensagem do terceiro anjo precisava sair dos Estados Unidos. O editor Smith respondeu que talvez isso não fosse necessário, uma vez que os Estados Unidos eram formados por pessoas de todas as nações. Caso a mensagem chegasse a um representante de cada grupo linguístico, seria o suficiente para dizer que ela se espalhara a todas as línguas e nações.

Senhor, como Tu és paciente enquanto nos guias passo a passo em nossa visão limitada!

Conheça Michael Belina Czechowski

Vá e proclame o Reino de Deus. Lucas 9:60, NVI

As missões adventistas do sétimo dia no exterior aconteceram a despeito da atitude dos adventistas. A circulação de publicações foi um dos meios para isso, à medida que imigrantes as enviavam para a terra natal, e outros, para amigos que moravam em outros países.

O resultado disso é que os adventistas dos Estados Unidos sabiam da existência de conversos na Irlanda no início dos anos 1860. Em 1864, a África contava com pelo menos dois crentes na terceira mensagem angélica, e logo um deles levaria a mensagem para a Austrália.

Quer gostasse disso, ou não, a recém-organizada Igreja Adventista do Sétimo Dia enfrentava o desafio de uma missão mundial. Os conversos de outros países pediam incessantemente a visita de missionários.

Como em tantas outras ocasiões, Tiago White esteve à frente daqueles que vislumbraram uma missão mais ampla para a denominação. Um mês antes da organização da Associação Geral em maio de 1863, ele escreveu na *Review* que "nossa mensagem é mundial". Alguns meses antes disso, Tiago havia destacado a necessidade de enviar um missionário para a Europa. Em junho, a *Review* relatou: "A comissão diretiva da Associação Geral pode enviar um missionário [B. F. Snook] para a Europa antes do fim de 1863".

Embora a organização contasse com uma equipe tão pequena que não conseguiu liberar Snook de suas atividades da época, havia um pregador mais ansioso por fazer a viagem.

Em 1858, Michael Belina Czechowski (ex-padre católico polonês, que havia

se convertido ao movimento adventista sabatista em 1857) escreveu: “Como eu gostaria de visitar minha terra natal, cruzando as grandes águas, para contar tudo às pessoas sobre a volta de Jesus e a gloriosa restituição e como eles devem guardar os mandamentos de Deus e a fé em Jesus.”

Apesar disso, Czechowski era novo na fé, e alguns achavam que ele tinha certas instabilidades. O resultado foi que os adventistas do sétimo dia se recusaram a enviá-lo. Frustrado, o criativo polonês pediu aos adventistas do primeiro dia que custeassem suas despesas. Eles o fizeram; mas, quando chegou à Europa, Czechowski pregou a mensagem do sétimo dia.

A igreja é cheia de pessoas interessantes, e Deus consegue usar todos nós, a despeito de nossas óbvias limitações. Graças ao Pai por Sua graça que nos capacita.

A Missão de Czechowski na Europa

Assim como o Pai Me enviou, Eu também vos envio. João 20:21

M. B. Czechowski era uma figura interessante, para dizer o mínimo. Depois de conseguir ser custeado em sua missão por um grupo adventista do primeiro dia, partiu para a Itália, onde começou a pregar as doutrinas dos adventistas guardadores do sábado. Sua partida ocorreu no dia 14 de maio de 1863, dez anos antes do envio do primeiro missionário para terras estrangeiras pelos adventistas do sétimo dia.

Durante catorze meses, ele trabalhou em vilas valdenses nos alpes italianos. Lá, batizou vários fiéis e fundou o primeiro grupo de adventistas guardadores do sábado fora dos Estados Unidos.

Contudo, uma oposição esmagadora o forçou a ir para a Suíça em 1865, onde passou a visitar as pessoas de casa em casa, pregar em auditórios públicos, publicar e vender folhetos e editar um periódico chamado *L'Evangile Eternal* [O Evangelho Eterno]. Quando partiu dali, em 1868, deixou cerca de 40 conversos batizados congregando-se em vários grupos.

Sem saber ao certo o que Czechowski estava ensinando, mas presumindo que ele fora "excluído" pelos adventistas do sétimo dia, seus patrocinadores adventistas do primeiro dia discorriam com eloquência sobre suas virtudes e continuavam a angariar recursos para ele, "dizendo em uma só voz: Vá e Deus seja contigo".

E foi isso que ele fez, pregando a mensagem dos guardadores do sábado na Romênia, na Hungria e em outras partes da Europa. Perto de sua morte na Áustria, em 1876, ele já havia lançado as bases da futura atividade adventista do

sétimo dia em boa parte da Europa oriental e meridional.

No fim de 1869, a Igreja Adventista do Sétimo Dia descobriu qual era a natureza da missão europeia de Czechowski e percebeu a providência divina naquilo que ele vinha fazendo. Na Assembleia da Associação Geral de 1870, os líderes da denominação reconheceram de maneira específica a mão de Deus em sua missão: “Por causa de nossos temores de confiar dinheiro ao irmão Czechowski e de nossa falta de cuidado em aconselhá-lo com paciência quanto a seu uso apropriado, Deus usou nossos opositores ferrenhos para fazer a obra avançar. [...] Reconhecemos a mão do Senhor nisso.”

Conforme veremos dentro de um tempo, a missão de Czechowski levou de maneira direta ao envio de John N. Andrews, o primeiro missionário oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em 1874.

Gradual e relutantemente, os adventistas do sétimo dia despertavam para a abrangência de sua missão. Entretanto, não pareciam ter muita pressa.

Na Distante Califórnia

Peçam, pois, ao Senhor da colheita que envie trabalhadores para a Sua colheita. Mateus 9:38, NVI

A primeira atividade missionária fora do nordeste dos Estados Unidos aconteceu na distante Califórnia, um estado separado do restante da república por mais de 2.400 Km de deserto, florestas e montanhas. O ermo entre as duas partes da nação não só era extenso, mas difícil e perigoso de se atravessar.

No século 19, membros da igreja ou material impresso da denominação chegavam a um novo lugar muito antes que a igreja desenvolvesse qualquer atividade ali. Em 1859, Merritt G. Kellogg (meio-irmão mais velho de John Kellogg) chegou a San Francisco após uma viagem de seis meses por trem, carroça e carro de boi. É provável que ele tenha sido o primeiro adventista no estado.

Dois anos depois, Kellogg (membro leigo) fez uma série de conferências em San Francisco e batizou 14 pessoas. Quatro anos depois, o grupo de fiéis decidiu enviar 133 dólares para Battle Creek, para custear as despesas de viagem de um pastor, mas a igreja não tinha ninguém para enviar.

Em 1867, Kellogg voltou para o Leste por alguns meses, a fim de obter um diploma de médico no instituto higiênico-terapêutico do Dr. Trall. Enquanto estava lá, participou da Assembleia da Associação Geral, na qual apelou para que um missionário fosse enviado à Califórnia. “Mas quem iria?”– Tiago White perguntou.

Em resposta, John Loughborough falou dos sonhos e das fortes impressões que vinha tendo sobre fazer reuniões em tendas na Califórnia. A liderança logo concordou que ele deveria ir. Entretanto, John deveria se aventurar sozinho?

Afinal, observou Tiago, Cristo enviou os discípulos de dois em dois. Naquele momento, D. T. Bourdeau se levantou e declarou que sentia a convicção de ser a hora para uma mudança; por isso, ele e a esposa haviam ido à assembleia com tudo o que tinham já empacotado. Estavam prontos para ir aonde a igreja os mandasse.

Assim, os dois pregadores adventistas chegaram a San Francisco em julho de 1868. Lá encontraram uma carta de Ellen White instruindo-os a não serem sovinas em sua obra na Califórnia. Mas onde eles deveriam armar a tenda evangelística? O aluguel de um lote em San Francisco era muito mais do que poderiam pagar. Eles oraram, e Deus responderia.

A dedicação dos pioneiros me deixa pasmo. Quantos de nós iríamos a uma Conferência Geral com tudo o que temos, prontos para mudar e ir aonde o Senhor dirigisse?

Sonhos Para a Califórnia

O Senhor [...] enviará o Seu anjo adiante de você. Gênesis 24:7, NVI

Deus opera de maneiras misteriosas. Semanas antes da chegada de Loughborough e Bourdeau a San Francisco, um jornal de Nova York chegou à Califórnia com a notícia de que dois evangelistas estavam prestes a viajar para lá, a fim de fazer reuniões religiosas numa grande tenda.

O artigo chamou a atenção de um grupo de cristãos em Petaluma, uma vila cerca de 60 Km ao norte de San Francisco. Eles oraram para que o Senhor abençoasse os evangelistas.

Dentre os fiéis de Petaluma, havia um homem chamado Wolf. Em sonho, ele viu dois homens acendendo um fogo com uma luz brilhante, mas os pastores locais tentavam apagar as chamas. A tentativa dos ministros, porém, só fazia o fogo queimar com mais intensidade. No sonho, Wolf também descobriu que os dois homens eram os mesmos mencionados pelo jornal de Nova York e que os cristãos de Petaluma deveriam ajudá-los. Por isso, enviou um deles para procurar os pregadores na fervilhante San Francisco. Em uma cidade com 150 mil pessoas, ele não sabia exatamente por onde começar. Resolveu ir ao porto. Chegando lá, perguntou se havia chegado alguém nos últimos dias com uma grande tenda e anotou o endereço. Dentro de uma hora, encontrou os dois evangelistas.

Sem contar a Loughborough e Bourdeau sobre o sonho, convidou-os para irem a Petaluma, onde poderiam jantar com o Sr. Wolf, que diria ao grupo se aqueles eram os homens com os quais ele havia sonhado. De fato, eram eles. Então, o grupo de Petaluma organizou as reuniões na tenda. Cerca de 40 pessoas

compareceram. Mas logo o número cresceu para 200, e depois, para 400. Em pouco tempo, foi necessário deixar erguidas as divisórias da tenda, a fim de que as pessoas do lado de fora conseguissem ouvir os sermões.

Não demorou muito para que começasse a oposição predita no sonho. Pastores locais e até mesmo os líderes do grupo de cristãos que haviam levado os evangelistas adventistas para Petaluma começaram a trabalhar contra eles, especialmente depois de pregarem a doutrina do sábado.

Mesmo assim, ao serem encerradas as reuniões, vinte pessoas haviam aceitado os ensinos, e foi organizado um grupo. Em pouco tempo, os dois organizaram mais oito ou nove grupos em Santa Rosa e noutras partes da região de Sonoma.

Deus trabalhou de forma misteriosa. E Ele continua a agir assim. O Senhor opera de maneiras que não entendemos. Não estamos sozinhos em nossos esforços por Ele nesta Terra. Deus ainda envia anjos adiante de nós.

Os Seguidores de Czechowski Descobrem a Review

Passa para a Macedônia e ajuda-nos. Atos 16:9

O sonho de Paulo com o chamado macedônico por missionários foi espelhado inúmeras vezes na história adventista. Foi isso que aconteceu com os conversos europeus de Czechowski.

Esse homem peculiar, que tanto fez para introduzir a presença adventista na Europa, nunca mencionou sua igreja de origem. Quando lhe perguntavam onde ele havia aprendido aquilo que ensinava, sua resposta era: “Na Bíblia.” Até onde seus conversos sabiam, eles eram as únicas pessoas do mundo que acreditavam nos ensinos das Escrituras daquela maneira, mas a ignorância não durou para sempre. Certo dia, Albert Vuilleumier, um dos fiéis suíços, encontrou um exemplar da *Review and Herald* num quarto que Czechowski ocupara durante uma visita recente. O inglês de Vuilleumier não era perfeito, mas ele entendeu o bastante para descobrir que existia, nos Estados Unidos, um grupo religioso que ensinava os mesmos pontos de vista de Czechowski.

Por causa dessa descoberta, Uriah Smith, editor da *Review,* recebeu uma carta vinda da Europa. Os surpresos líderes em Battle Creek responderam, convidando um dos fiéis da Suíça e seu representante europeu para a Assembleia da Associação Geral em 1869. Foi assim que James Erzberger chegou aos Estados Unidos. Ele era recém-convertido. Estudante de teologia, estava se preparando para o ministério quando conheceu os guardadores do sábado. Depois de examinar as crenças deles, logo se convenceu.

Embora Erzberger tenha chegado tarde para comparecer à assembleia, permaneceu por 15 meses no país, morando, na maior parte do tempo, na casa de Tiago e Ellen White. Sua permanência foi uma temporada de estudos, na qual

aperfeiçoou o inglês e compreendeu mais plenamente a mensagem. Voltou para a Suíça como o primeiro pastor adventista do sétimo dia ordenado da Europa.

Czechowski ficou incomodado com o contato dos suíços convertidos com a igreja nos Estados Unidos, e partiu para a Romênia, onde fundou os primeiros grupos de guardadores do sábado no país.

A experiência na Suíça provocou um forte debate sobre a missão dos adventistas nos Estados Unidos e levou a um clamor para que um missionário fosse enviado à Europa. Os chamados da “Macedônia” ainda ecoam. E Deus ainda precisa de pessoas que respondam.

O Despertar Para as Missões Estrangeiras – 1

Todos os confins da Terra [...] se voltarão para o Senhor.
Salmo 22:27, NVI

O contato com os suíços mudou o adventismo para sempre. O povo que, no passado, fora contrário às missões estrangeiras, logo se colocou em um caminho que acabaria levando a mensagem até os confins da Terra.

Embora Erzberger não tenha conseguido chegar a tempo para a Assembleia da Associação Geral em 1869, as consequências de sua visita foram ricas em significado.

Naquela assembleia, aconteceu a criação da Sociedade Missionária Adventista do Sétimo Dia. O ato que a criou declara o seguinte: “O objetivo dessa sociedade será enviar as verdades da terceira mensagem angélica a terras estrangeiras e às partes distantes de nosso país, por intermédio de missionários, periódicos, livros, folhetos etc.” Ao introduzir a resolução, Tiago White observou que a igreja recebia “pedidos quase que diários para enviar publicações a outras terras”.

Alguns meses depois, Andrews reconheceu a providência de Deus na obra de Czechowski. Em 1871, a Assembleia da Associação Geral votou “fazer o que estiver a nosso alcance para ajudar a espalhar a verdade” para os países da Europa.

Ellen White fazia sua parte para incentivar as iniciativas missionárias da denominação. Em dezembro de 1871, ela teve uma visão na qual os adventistas do sétimo dia tinham “verdades de importância vital”, as quais “testariam o mundo”. Por isso, jovens adventistas deveriam aprender “outras línguas, para Deus poder usá-los como meios de comunicação de Sua verdade salvadora às

pessoas de outras nações” (LS, p. 203, 204).

Além de enviar suas publicações para povos estrangeiros, “pregadores vivos” deveriam ser mandados também. Ela afirmou: “Temos a necessidade de missionários em outras nações para pregar a verdade.” A “mensagem de advertência” adventista deveria ser dada “a todas as nações”, para que a luz de sua verdade as testasse. “Não podemos perder nem um minuto sequer”, escreveu. “Se fomos descuidados neste ponto, então já passou da hora de redimirmos o tempo com toda avidez, para que o sangue das almas não seja encontrado em nossas vestes.” “Isso exigirá despesas consideráveis, mas os gastos não devem, de maneira nenhuma, impedir a realização dessa obra” (ibid., p. 205, 206).

O adventismo se transformava de novo. Dessa vez, a mudança envolvia a abertura dos olhos missionários. O Deus que sempre conduz Seu povo continuava a guiá-lo passo a passo.

O Despertar Para as Missões Estrangeiras – 2

A Terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar. Isaías 11:9

Apesar de, até 1872, alguns dos principais pastores adventistas ainda pregarem que já se cumprira a obra de levar o evangelho a todo o mundo, dada em Mateus 24:14, o ímpeto pelas missões continuou a ganhar força entre os adventistas. Entretanto, o problema era onde encontrar pessoas instruídas. Em 1873 e 1874, tal dificuldade levou à abertura da primeira faculdade da denominação.

No verão de 1873, além de solicitar a criação de uma faculdade, Tiago White insistiu que John Andrews fosse à Suíça no outono, a fim de atender ao pedido pelo envio de um missionário. Em novembro, White convocou uma sessão especial da Associação Geral para discutir a questão, mas nada aconteceu.

Na assembleia de novembro de 1873, Tiago fez uma exposição de Apocalipse 10 em ligação com as missões estrangeiras. Naquele ano, ele havia aplicado as ordens encontradas em Apocalipse 14:6 de pregar do evangelho eterno a todo o mundo, e em Apocalipse 10:11, de profetizar “outra vez a muitos povos, e nações, e línguas, e reis” (ARC) à comissão mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia após o desapontamento milerita. Essas duas passagens, e a de Mateus 24:14, acabariam por impulsionar as missões adventistas, levando-as a todos os extremos da Terra, à medida que a denominação procurasse cumprir o que entendia como seu papel profético.

Em janeiro de 1874, Tiago White criou o primeiro periódico missionário adventista, *True Missionary* [Missionário Verdadeiro], incentivando o envio de missionários ao exterior. Ellen White compartilhava da mesma visão do marido.

Em abril de 1874, ela teve um “sonho impressionante” que ajudou a superar a oposição que ainda existia às missões. “Suas ideias sobre a obra nesta era são muito limitadas”, disse-lhe o mensageiro angelical. “Sua casa é o mundo. [...] A mensagem se espalhará com poder a todas as partes do planeta, chegando ao Oregon, à Europa, à Austrália, às ilhas oceânicas, ou seja, a todas as nações, todas as línguas e todos os povos.” Como consequência, ela apelou por mais fé, que se expressaria em ações (LS, p. 208-210).

“Mais fé.” Isso era necessário naquela época. E continua a ser hoje.

Pai, aumenta nossa fé para discernirmos Tua vontade para nossa vida.

Andrews Vai Para a Europa

Jejuando, e orando, e impondo sobre eles as mãos, os despediram. Atos 13:3

Quando as coisas finalmente acontecem, em geral, o processo é rápido. Foi assim com as missões adventistas. Em agosto de 1874, a Associação Geral votou o envio de John Andrews para a Europa “assim que possível”. Um mês depois, ele partiu para a Suíça como o primeiro missionário oficial adventista do sétimo dia em terras estrangeiras. Ele chegou ali no dia 16 de outubro.

Na Suíça, Andrews encontrou várias pequenas congregações de guardadores do sábado em funcionamento – fruto do trabalho de Czechowski e Erzberger. Andrews doutrinou de forma mais completa esses fiéis durante os primeiros encontros. Além disso, dois meses após sua chegada, soube da existência de congregações na Prússia e na Rússia. Então, convenceu-se de que havia “cristãos guardadores do sábado na maioria dos países da Europa”. Seu plano era desenvolver esses grupos-base já existentes.

Como encontrá-los? Para responder a essa pergunta, ele colocou em prática o que, para mim, parece um plano incerto. Sua esperança era alcançá-los, publicando seu desejo de se corresponder com eles “nos jornais de maior circulação da Europa”. E a grande surpresa foi que a abordagem missionária do anúncio funcionou com certo sucesso. Em pouco tempo, os adventistas do sétimo dia tinham missões na Inglaterra, Escandinávia e Alemanha, além da Suíça. A partir dessas bases, a mensagem adventista poderia alcançar as demais nações da Europa.

Os líderes das novas missões eram, em geral, imigrantes europeus de primeira geração que haviam se convertido ao adventismo nos Estados Unidos e

foram incentivados a voltar para seus países de origem. Além de conhecer o idioma e a cultura, tais pessoas quase sempre tinham a vantagem de contar com um grupo de conhecidos, com quem podiam iniciar o ministério.

Conforme já observamos diversas vezes, Deus conduz Seu povo passo a passo. A primeira etapa (1844-1850) do desenvolvimento das missões adventistas proporcionou tempo para a edificação de uma plataforma doutrinária. A segunda (1850-1874) permitiu o surgimento de uma base administrativa nos Estados Unidos para o apoio ao programa de missões estrangeiras. E a terceira (1874-1889) permitiria maiores avanços na Europa e em outras partes do mundo ocidental, a fim de que o adventismo se preparasse para levar a mensagem a todo o planeta nos anos posteriores a 1890.

O Amadurecimento das Missões – 1

A que é semelhante o reino de Deus, e a que o compararei? É semelhante a um grão de mostarda que um homem plantou na sua horta; e cresceu e fez-se árvore. Lucas 13:18, 19

No início dos anos 1880, as missões europeias haviam chegado à adolescência. Vários fatores sugeriam o aumento da importância das missões para a denominação.

Um deles foi uma série de visitas de líderes adventistas proeminentes, enviados pela Associação Geral para conhecer as várias missões europeias entre 1882 e 1887. O primeiro a fazer isso foi Stephen N. Haskell, em 1882. Haskell recomendou a publicação em mais idiomas e ajudou os europeus a desenvolverem uma estrutura de organização mais funcional.

Mais importantes, porém, foram as visitas de George Butler (presidente da Associação Geral), em 1884, e de Ellen White e seu filho (William C. White), de 1885 a 1887. Além de fortalecer a Igreja Adventista do Sétimo Dia na Europa, tais visitas demonstraram o interesse da denominação no programa missionário. Pouco a pouco, o adventismo se transformava em uma igreja mundial.

O segundo conjunto de indicadores do crescente amadurecimento das missões europeias foram os desenvolvimentos na parte organizacional. O principal deles foi a primeira reunião geral dos obreiros das diferentes missões adventistas do sétimo dia na Europa, em 1882, “para consultas a respeito das diversas necessidades da causa”. Intimamente ligado ao desenvolvimento do Concílio Europeu dos Adventistas do Sétimo Dia se encontra o início da publicação de periódicos alemães, italianos e romenos em 1884. Já existia um em francês desde 1879.

Fora da Europa, os adventistas fundaram missões custeadas pela Associação Geral entre os protestantes europeus na Austrália e na Nova Zelândia, em 1885, e na África do Sul, em 1887. É interessante observar que todos esses países já contavam com membros leigos antes da chegada dos missionários oficiais.

Essas novas missões logo se uniriam aos Estados Unidos e à Europa como bases para o envio de missionários a outras nações, para a etapa seguinte do desenvolvimento das missões adventistas: levar as três mensagens angélicas a todas as nações do mundo. Essa etapa, que começou por volta de 1889, foi um desdobramento lógico do desenvolvimento da interpretação adventista das passagens que se referem a toda nação, língua e povo (Ap 14:6; 10:11; Mt 24:14).

A esperança do adventismo é a missão cumprida. “Vem, Senhor Jesus” era a oração dos primeiros adventistas. “Vem, Senhor Jesus, vem depressa” continua a ser nossa prece diária.

O Amadurecimento das Missões – 2

A estes doze enviou Jesus, dando-lhes as seguintes instruções: Não tomeis rumo aos gentios... Mateus 10:5

"Muitas vezes se questionou por que o adventismo do sétimo dia escolheu a Europa central [...] como primeiro campo das operações de missões estrangeiras", escreveu B. L. Whitney em 1886, no primeiro parágrafo de *Historical Sketches of the Foreign Missions of Seventh-day Adventists* [Esboço Histórico das Missões Estrangeiras dos Adventistas do Sétimo Dia]. Parte da resposta se deve à "missão preparatória de Czechowski", porém houve mais do que isso.

John Andrews fez um esclarecimento crucial ao questionamento de Whitney em sua primeira carta depois de chegar à Europa. Ele escreveu: "Creio com toda firmeza que Deus tem muitas pessoas na Europa prontas para obedecer a Sua santa lei e reverenciar o sábado, além de aguardar Seu Filho voltar no céu. Vim aqui para dar minha vida à proclamação dessas sagradas verdades."

Em outras palavras, Andrews acreditava que sua tarefa era apresentar as doutrinas adventistas àqueles que já eram cristãos. Não se tratava de uma missão geral do cristianismo aos pagãos. A responsabilidade pelos últimos ficou fora do escopo das missões adventistas até a década de 1890.

Borge Schantz resume com precisão o procedimento adventista entre 1874 e 1890 ao observar que "a missão aos não cristãos era aprovada e louvada" pelos adventistas, mas "era considerada uma tarefa de que outras sociedades missionárias evangélicas podiam se encarregar. Depois que as pessoas fossem levadas a Cristo, os adventistas do sétimo dia estavam comprometidos a lhes dar a última advertência" e compartilhar as doutrinas distintivas adventistas.

Tal abordagem surgiu da compreensão adventista do dever de chamar as pessoas a “sair de Babilônia”. Tiago White expressara abertamente esse ponto de vista ao escrever que os adventistas necessitavam de um espírito missionário “não para levar o evangelho aos pagãos, mas para estender a mensagem de advertência a todas as esferas do cristianismo corrompido”. Esse procedimento ecoava os primeiros esforços missionários de Paulo, que pregava antes aos judeus, e só depois, aos gentios.

Senhor, muito obrigado pela luz. Assim como deste à Tua igreja uma visão mais ampla no decorrer do tempo, rogamos que amplies e aprofundes nossa visão pessoal também.

Quando as Coisas Dão Certo

Cada um exerça o dom que recebeu para servir os outros, administrando fielmente a graça de Deus em suas múltiplas formas. 1 Pedro 4:10, NVI

Às vezes, as coisas dão certo. Tudo parece sair como Deus deseja. Esse foi o caso de John Gottlieb Matteson. Nascido na Dinamarca em 1835, imigrou com os pais para Wisconsin em 1854, levando consigo uma boa formação, mas também o ceticismo tão comum em sua terra natal. Ele se considerava um livre pensador, e um de seus passatempos favoritos era desconcertar pregadores.

No entanto, até mesmo livres-pensadores ardilosos podem ter um ponto fraco. Foi isso que aconteceu quando Matteson ouviu um pregador falar entusiasmado sobre a beleza do Céu. Por ter sido criado na atmosfera das "igrejas estatais mortas do velho continente", ele "nunca conhecera uma religião viva". Tal experiência levou a acontecimentos que culminaram em uma mudança total em 1859, conforme ele próprio recorda: "Sozinho na floresta encontrei Jesus como meu Salvador pessoal." Após sua conversão, Matteson sentiu o chamado para pregar, o que começou a fazer, mesmo sem conhecer a Bíblia muito bem. Deus o abençoou desde o início com pessoas que responderam à sua sinceridade tão evidente. Em 1860, ele se matriculou em um seminário batista em Chicago e foi ordenado pastor em 1862.

As coisas ficaram ainda melhores. Em 1863, Matteson aceitou a mensagem adventista do sétimo dia. Sua congregação pediu que pregasse sobre sua nova fé, e ele o fez com alegria, durante seis meses. O resultado foi que todos se uniram à Igreja Adventista do Sétimo Dia, com exceção de uma família.

Sendo um pregador eficaz, Matteson fundou igrejas de dinamarqueses e

noruegueses nos estados do meio-oeste. Em 1872, teve a ideia de publicar um periódico no idioma de seus conversos. *Advent Tidende* foi o primeiro periódico adventista do sétimo dia em uma língua diferente do inglês nos Estados Unidos.

Logo exemplares foram enviados à Escandinávia, onde pessoas se converteram, e os novos fiéis não tardaram em escrever para os Estados, pedindo o envio de um missionário. Matteson aceitou o chamado em 1877 e, ao longo dos 11 anos seguintes, trabalhou plantando igrejas na Dinamarca, na Noruega e na Suécia. Organizou a primeira Associação fora dos Estados Unidos (a Dinamarquesa, em 1880) e também fundou a primeira editora fora do país. Em seu ministério, conduziu cerca de 2 mil pessoas à fé que amava.

Obrigado, Pai, por tamanhas bênçãos no passado. Rogamos que elas também sejam derramadas no presente.

Quando as Coisas Não Dão Certo

Fui estrangeiro, e vocês não me acolheram. Mateus 25:43, NVI

Como vimos ontem, os acontecimentos na vida de John Matteson funcionaram bem. No outro extremo do espectro se encontra o caso de Hannah More.

Assim como Matteson, More tinha uma excelente formação para a época. E, como ele, possuía excelente potencial para contribuir para o adventismo.

Ávida estudante da Bíblia, ela havia memorizado o Novo Testamento. Tinha experiência no trabalho cristão como professora, administradora de escola, missionária do Comitê Americano de Chamados a Missões Estrangeiras, em meio às distantes tribos cherokee e choctaw, em Oklahoma. Também serviu como missionária no oeste da África, custeada pela Associação Missionária Norte-Americana.

Em 1862, ela conheceu Stephen Haskell, que a encheu de bons livros adventistas, inclusive *History of the Sabbath* [História do Sábado], de John Andrews. Depois de voltar para a África, aceitou o adventismo por meio de leituras. Essa foi a parte boa de sua história.

Rejeitada por sua antiga comunidade por causa do adventismo, viajou até Battle Creek, na primeira metade de 1867, com a esperança de encontrar conforto e trabalho junto aos companheiros de fé. Aí começa a parte ruim da história.

Tendo chegado a Battle Creek quando os White estavam em viagem, Hannah não conseguiu encontrar emprego, nem um lugar para morar entre os membros

da igreja. Ignorada pelos adventistas, acabou encontrando um lar com uma ex-colega de missões, no norte de Michigan.

Apesar de tudo, Hannah não desistiu de sua fé. Os White, dando-se conta da tragédia, começaram a se corresponder com ela, prometendo ajudá-la a se mudar para Battle Creek, mas isso não chegaria a acontecer. Hannah More adoeceu em fevereiro e descansou em 2 de março de 1868. Segundo a perspectiva de Ellen White, “ela morreu como mártir do egoísmo e da cobiça dos professos guardadores dos mandamentos” (T1, p. 674).

Anos mais tarde, quando os adventistas tentavam introduzir-se no campo das missões estrangeiras, Ellen White escreveu: “Oh, quanto necessitamos de nossa Hannah More para ajudar-nos agora a chegar a outras nações! Seu vasto conhecimento de campos missionários nos daria acesso a outras línguas das quais não nos é possível agora aproximar. Deus trouxe essa dádiva [...] mas não a apreciamos.” (T3, p. 407, 408).

Pai, perdoa-nos. Ajuda-nos a ter um coração como o Teu.

Família e Missão

Em ti serão benditas todas as famílias da terra. Gênesis 12:3

O texto de hoje nos lembra, em alguns aspectos, de um “outro” James Bond. Seu irmão, Seth, foi um dos primeiros adventistas da Califórnia, em 1872, fruto do ministério de John Loughborough. Com os bolsos cheios de folhetos, seu primeiro alvo missionário foi James, fazendeiro no vale central da Califórnia.

Encontrou o irmão arando o campo com um carro puxado por dez mulas, mas não perdeu tempo. Falou sobre sua nova fé ali mesmo, prosseguiu no celeiro e continuou dentro de casa. A esposa de James, Sarah, era batista devota e suportou aquilo por alguns dias, até perder a paciência. Finalmente, depois de dizer a Seth que ela e o esposo gostavam de sua visita, deixou claro que se não parasse de falar sobre o tal do sábado, era melhor procurar outro rumo.

Seth respondeu:

– Sarah, se você conseguir me mostrar um só texto no Novo Testamento que sugira que devemos guardar o primeiro dia da semana, não falarei mais nada.

– Isso é fácil – foi a resposta dela.

Fazendo James interromper o trabalho de aragem até encontrarem uma passagem, Sarah e seu esposo leram o Novo Testamento juntos. Quatro dias depois, chegaram ao último versículo de Apocalipse, mas sem um texto em mãos.

No sábado pela manhã, James Bond saiu de casa, alimentou e amordaçou as mulas, preparando-se para arar a terra. Voltou, tomou o café da manhã, fez o culto familiar e retornou para o celeiro. Por volta das 9 horas, sua esposa viu o

arado desocupado no campo. Com medo de que ele houvesse se machucado, correu apenas para descobrir que o marido estava sentado em uma caixa, lendo folhetos sobre o sétimo dia. Naquele momento, eles se tornaram guardadores do sábado.

Posteriormente, após um apelo de Ellen White, esse pai de onze filhos se tornou médico. Cinco de seus filhos se tornaram pastores e sete deles serviram como missionários em terras estrangeiras.

Dois, Frank Starr Bond e Walter Guy Bond, foram pioneiros das missões adventistas na Espanha em 1903. Walter perderia a vida ali 11 anos depois, aos 35 anos de idade. Ao que tudo indica, foi vítima de envenenamento. Ambos passaram pelas provações de Paulo, ao serem apedrejados e expulsos de vilas. Tenho interesse pessoal por esta história porque minha esposa (Elizabeth Bond) é neta de Frank e bisneta de James.

As famílias fazem a diferença! O modo como os filhos se relacionam com Deus, com a igreja e com o serviço é influenciado, em grande medida, pelos pais.

George King

Assim será a palavra que sair da Minha boca: não voltará para Mim vazia, mas fará o que Me apraz e prosperará naquilo para que a designei. Isaías 55:11

George King queria ser pregador. Só havia um problema: ele não sabia pregar. Sua gagueira e falta de educação formal convenceram Tiago White de que ele não tinha o dom da pregação. No entanto, Ellen White, com coração maternal, convenceu Richard Godsmark, um fazendeiro nas proximidades de Battle Creek, a recebê-lo durante o inverno, para que ele fizesse uma tentativa na primavera.

Com o incentivo de Godsmark, o jovem King passava seu tempo livre pregando para as cadeiras vazias da sala de estar, até que chegou o dia do sermão experimental. “Desastre” é a única palavra para descrever bem a experiência. Naquela ocasião, Godsmark sugeriu a King que pregasse de outra maneira – vendendo livros de porta em porta. Como resultado, ele começou a espalhar livrinhos e assinaturas de *Signs of the Times*. Na primeira semana, o total de vendas foi de apenas 62 centavos de dólar, mas King gostou do trabalho.

Em contrapartida, esse colportor que desejava pregar queria que todas as três mensagens angélicas fossem levadas às pessoas. Por isso, no outono de 1880, convenceu os administradores da editora adventista em Battle Creek a encadernar os livros de Uriah Smith sobre Daniel e o Apocalipse em um só volume, para que pudesse vendê-los. Se a obra contivesse ilustrações dramáticas das bestas e dos outros símbolos abordados, ele tinha certeza de que os venderia com facilidade.

Os administradores não estavam tão certos assim, mas encadernaram alguns

exemplares. O sucesso de King surpreendeu a todos. No ano seguinte, a editora lançou uma nova edição de *Daniel and the Revelation* [Daniel e o Apocalipse] belamente ilustrada.

Levando em conta o crescente sucesso de King e seu entusiasmo em recrutar outros, mais pessoas entraram no campo.

A colportagem se tornou mais uma maneira de alcançar as pessoas ao redor do mundo. Elas compravam os livros e se uniam à igreja após lê-los.

A promessa de Deus a Isaías se cumpria. Assim como Ele envia a chuva para abençoar as plantações e alimentar os seres humanos, a palavra impressa sai para converter pessoas. Antes de concluir, gostaria de contar que comprei meu primeiro livro cristão de um colportor.

A moral da história de George King? O fato de não saber pregar não significa que Deus não possa nos usar.

O Quadrilátero Adventista

Que o próprio Deus da paz os santifique inteiramente. Que todo o espírito, a alma e o corpo de vocês sejam preservados irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. 1 Tessalonicenses 5:23, NVI

No conceito bíblico do ser humano, Deus se interessa por sua saúde total. Ele não se preocupa apenas com a saúde espiritual das pessoas, mas também com seu bem-estar mental e físico. É por isso que encontramos as dimensões de cura e ensino no ministério de Jesus.

O desdobramento missionário dessa teologia leva a um programa que não só toca a natureza espiritual dos indivíduos, como também visa atender às suas necessidades mentais e físicas. Assim, com o tempo, desenvolveu-se aquilo que gosto de chamar de quadrilátero missionário adventista.

A origem desse quadrilátero ocorreu em Battle Creek, onde a igreja fundou seu ministério de publicações no início dos anos 1850, a estrutura de Associação, em 1861, sua instituição médica inicial, em 1866, e a primeira instituição educacional, em 1872. Talvez a liderança adventista não tivesse plena consciência do que fazia, mas tais instituições proporcionavam uma abordagem à missão que atendia às necessidades de todo o ser, formando um modelo para a missão.

Com isso em mente, não devemos considerar acidental o fato de os adventistas terem exportado o quadrilátero para a Califórnia, o primeiro campo missionário. As coisas se formalizaram um pouco mais quando, em fevereiro de 1873, os 238 membros de sete igrejas organizaram a Associação Californiana.

O passo seguinte ocorreu em 1874 e 1875, com a publicação de *Signs of the*

Times e a formação da Pacific Seventh-day Adventist Publishing Association [Associação Publicadora Adventista do Sétimo Dia do Pacífico], hoje conhecida como Pacific Press, em Oakland. Em 1878, surgiu o Rural Health Retreat [Retiro Rural de Saúde], hoje o hospital Santa Helena, na parte norte do estado. Por fim, fundaram em 1882 o que se tornou o Healdsburg College, futuramente chamado de Pacific Union College.

As missões na Europa seguiram o mesmo padrão durante os anos 1870 e 1880. A partir de 1890, o quadrilátero se espalhou pelo mundo, à medida que o adventismo começou a tentar melhorar a vida das pessoas das mais diversas maneiras.

Deus tem uma mensagem para o povo da Terra e essa mensagem não é apenas teológica. Está ligada a uma vida mais saudável, a um pensamento mais claro e à responsabilidade social.

Agradecemos-Te, Senhor, pelo equilíbrio da mensagem e da missão. Ajuda-nos a ter uma vida equilibrada hoje.

A Autoridade da Associação Geral – 1

Com que autoridade fazes estas coisas? Ou quem te deu tal autoridade para as fazeres? Marcos 11:28

Com que autoridade? Essa é uma boa pergunta. Devemos fazê-la e refletir em todas as suas facetas, não só em relação a Cristo, mas também no que se refere à liderança de Sua igreja na Terra.

Nem todos ficaram felizes com a formação da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia nos anos 1860. Os opositores mais ferrenhos foram o primeiro presidente e secretário da recém-organizada Associação de Iowa, respectivamente B. F. Snook e W. H. Brinkerhoff.

Eles se opunham fortemente à organização da igreja e fizeram uma campanha de críticas e desafetos contra a liderança geral da igreja, em especial, a Tiago e Ellen White. Em julho de 1865, os membros da Associação de Iowa votaram a substituição de Snook por George Butler. Posteriormente, Snook e Brinkerhoff saíram da denominação e levaram alguns membros com eles, formando um grupo chamado Marion Party. Ao contrário da maioria das ramificações que saíram do adventismo do sétimo dia, Marion Party não desapareceu. Hoje o conhecemos como Igreja de Deus (do Sétimo Dia). A rebelião de Marion seria a última cisão significativa na denominação até o início do século 20.

Dez anos depois da fundação da Associação Geral, Tiago White continuava a louvar os resultados da organização: “Quando levamos em conta o início pequeno e a forma obscura que essa obra começou, bem como a agilidade e a solidez de nosso crescimento, a perfeição e a eficiência de nossa organização, percebemos que uma grande obra já foi realizada. [...]Ao olharmos para todas

essas coisas e vermos como Deus nos fez prosperar, nós que estamos ligados a este trabalho podemos dizer: ‘Que maravilhas o Senhor operou!’”

Contudo, apesar dos elogios, nem tudo ia bem. Havia tensões dentro do arraial adventista sobre a natureza e a abrangência da autoridade da Associação Geral, sobretudo no que se refere às Associações estaduais. Tais tensões atingiram um ponto crítico em 1873.

E elas ainda não desaparecem mais de um século depois. Portanto, é conveniente analisarmos o assunto dentro da história adventista.

Obrigado, Senhor, por teres dado a nós a vontade de servir, a cabeça para pensar e o coração para sentir. Ajuda-nos a usar todos esses elementos ao máximo, no relacionamento contigo e com Tua igreja.

A Autoridade da Associação Geral – 2

Tendo Jesus convocado os doze, deu-lhes poder e autoridade. Lucas 9:1

Nenhum cristão que acredita na Bíblia duvida do fato de que Cristo deu autoridade a Seus doze discípulos, porém temos dificuldades com a autoridade concedida em nossos dias.

As tensões sobre o assunto dentro do adventismo ficaram patentes em 1873, quando Tiago White enfrentou a questão. Primeiro, declarou abertamente suas convicções: “Expressamos sem hesitar nossa firme convicção de que nossa organização ocorreu por providência divina direta”. Afirmou também que a “mão orientadora” de Deus poderia ser vista conduzindo-os para uma organização que depois de “mais de dez anos não revelou defeitos que exijam mudanças”. White também fez uma observação de defesa ao discutir o papel da Associação Geral.

Em particular, Tiago escreveu: “É simplesmente um insulto a nosso sistema de organização” deixar o presidente (George Butler) e outros membros da administração da Associação Geral fazer todo o trabalho nas reuniões campais do estado e, então, “não demonstrar a devida consideração pela posição e decisão deles nas questões importantes das Associações estaduais”.

Nesse tom, White observou: “Nossa Associação Geral é a maior autoridade terrena de nosso povo, e foi criada para se encarregar de toda a obra nessa região e em todos os outros países.” Por isso, “espera-se que os líderes de nossas Associações estaduais e instituições [...] respeitem os administradores da Associação Geral, considerando-os homens nomeados para fazer a supervisão geral da causa em todas as suas ramificações e em cada um de seus interesses”.

Tiago prosseguiu, reivindicando que representantes da Associação Geral estivessem presentes em cada convocação administrativa das associações estaduais. Disse a seus leitores que desconsiderar o papel adequado dos líderes da Associação Geral era “um insulto à ação providencial de Deus para conosco e um pecado de grande magnitude”.

Devemos ter em mente que Tiago White disse algo bem significativo ao afirmar que a “Associação Geral é a maior autoridade terrena” no adventismo, refletindo os sentimentos anteriores de sua esposa.

Sabemos que o contexto imediato dessa declaração se refere às associações locais. No entanto, quais são suas consequências para a vida da igreja e até mesmo para nossa vida pessoal? Trata-se de um assunto de extrema importância, uma vez que nosso Senhor é um Deus de ordem, não de confusão.

A Autoridade da Associação Geral – 3

Cristo é o cabeça da igreja. Efésios 5:23

O esclarecimento costuma vir pela argumentação entre duas partes. Esse foi o caso enquanto a igreja lutava com a questão da autoridade da Associação Geral.

É possível que, aproveitando a deixa do pronunciamento de Tiago White sobre o assunto, George Butler, presidente da Associação Geral desde 1871, também tenha decidido escrever sobre o poder ligado à sua função.

"Nunca houve nenhum grande movimento neste mundo sem um líder e, pela própria natureza das coisas, isso não pode ocorrer", Butler afirmou em seu discurso à liderança, em novembro de 1873, na Assembleia da Associação Geral. Argumentou que, embora Cristo seja o cabeça da igreja, não é "irrelevante" atrapalhar um indivíduo que Deus chamou para liderar Sua causa. Butler não tinha dúvidas de que Tiago White havia desempenhado um papel semelhante ao de Moisés e que, em todas as questões de ordem prática, era correto "dar preferência ao julgamento [de White]".

Ao passo que Butler escrevia abertamente para apoiar Tiago White como o verdadeiro líder da Igreja Adventista, sem dúvida, ao mesmo tempo, procurava fortalecer a própria posição.

Em resposta, os delegados da Associação Geral registraram a seguinte resolução: "Endossamos plenamente a posição do artigo sobre liderança lido pelo irmão Butler. Exprimimos nossa firme convicção de que nossa falta de consideração à mão orientadora de Deus na seleção de Seus instrumentos para nos conduzir nesta obra tem resultado em perdas graves para a prosperidade da

causa, e em dano espiritual para nós.” A resolução foi concluída com o compromisso de “fielmente […] levar em conta” os princípios que Butler havia declarado.

As afirmações abrangentes acerca da liderança individual feitas por Butler deixaram o casal White desconfortável, não só porque Butler colocara Tiago no papel de Moisés, mas também porque viram o perigo da glorificação dos líderes humanos.

Tiago sentiu necessidade de rebater as observações de Butler em público na *Signs* e na *Review*. Ele não deixou dúvidas de que Cristo é o cabeça da igreja e nunca havia nomeado nenhum discípulo em particular para dirigir os assuntos de Sua igreja.

Senhor, em nosso papel de membros e líderes de Sua igreja, ajuda-nos a nunca perder de vista que é Cristo quem está no comando.

A Autoridade da Associação Geral – 4

E pôs todas as coisas debaixo dos pés e, para ser o cabeça sobre todas as coisas, O deu à igreja, a qual é o Seu corpo.
Efésios 1:22, 23

É fácil partir para uma visão elevada ou inferiorizada demais da liderança da igreja. Ontem, notamos que Butler errou por elevá-la em excesso.

Ellen White se uniu ao marido na oposição à perspectiva de Butler. Afirmou que ele, em defesa de seu estilo independente de liderança e de seus modos um tanto quanto dominadores, desenvolvido suas ideias sobre liderança para "benefício próprio". Ela prosseguiu, negando a validade de seu princípio de liderança exercida por uma só pessoa.

Todavia, embora rejeitasse a autoridade de um só indivíduo como líder, defendia as prerrogativas da Associação Geral como corpo. Escreveu para Butler: "Você não parecia ter percepção verdadeira do poder que Deus tinha dado à Sua igreja na voz da Associação Geral. [...] Quando esse poder que Deus colocou na igreja é atribuído a um homem, e ele é investido com a autoridade de ser julgamento para outras mentes, então a verdadeira ordem bíblica é alterada. [...] Nunca foi a intenção de Deus que Sua obra levasse o timbre da mente e do julgamento de um homem" (T3, p. 492, 493).

Reconhecendo que, por necessidade, Tiago liderara a igreja durante seus anos iniciais, Ellen prosseguiu dizendo que depois que os adventistas estabeleceram a organização, "era tempo apropriado para meu marido deixar de atuar [...] para suportar as responsabilidades e levar os fardos pesados" (T3, p. 501).

Em um panfleto contendo a carta de Ellen a Butler, Tiago anexou um trecho

sobre liderança, no qual observou que “nunca havia professado ser líder em nenhum sentido diferente daquele dado a todos os ministros de Cristo”.

Logo, Tiago e Ellen White foram firmes na defesa do poder da Associação Geral como um corpo, e contrários ao tipo de poder individualista proposto por Butler.

A maioria dos adventistas do sétimo dia de hoje não pensa muito sobre a questão da autoridade da igreja. Só expressamos aquilo de que gostamos ou não na liderança.

Esse assunto é de fundamental importância tanto na Bíblia quanto em nossa história. É certo que nos faria bem analisar o que é a autoridade da igreja e qual impacto ela deve exercer sobre nossa vida.

A Autoridade da Associação Geral – 5

Falando a verdade com espírito de amor, cresçamos em tudo até alcançarmos a altura espiritual de Cristo, que é a cabeça.
Efésios 4:15, NTLH

Às vezes, só aprendemos depois de levarmos uns tombos. Foi assim com o presidente da Associação Geral, George Butler. Tanto Ellen quanto Tiago White, pessoas a quem ele respeitava profundamente, opuseram-se a ele quanto à ideia da liderança individualista; por isso, Butler se arrependeu, deixou a presidência, comprou e queimou todos os exemplares disponíveis de seu livro *Leadership* [Liderança], cerca de 960, e, na Assembleia da Associação Geral em 1875, propôs que a igreja invalidasse o endosso anterior de suas ideias sobre liderança.

Contudo, em vez de tomar uma decisão apressada sobre esse assunto tão importante, os delegados escolheram uma comissão para estudar a questão. Na assembleia de 1877, com base no relatório da comissão, foi votada a revogação da aprovação de todas as partes do tratado de Butler que ensinavam "que a liderança do corpo se confina a um homem". A reunião de 1877 também votou que "a mais elevada autoridade entre os adventistas do sétimo dia, depois de Deus, se encontra na vontade de um grupo de pessoas, conforme expressas nas decisões da Associação Geral, quando esta age dentro da jurisdição que lhe é própria, e tais decisões devem ser aceitas por todos sem exceção, a menos que se demonstre haver conflito com a Palavra de Deus e com os direitos da consciência individual".

Assim, a partir de 1877, Butler e Tiago White, que se alternaram no posto da presidência da Associação Geral entre 1869 e 1888, concordaram, com a autoridade da Associação Geral como um corpo.

Infelizmente, embora fosse algo inevitável, os delegados da Associação Geral provenientes das Associações locais só se encontravam em poucas semanas por ano. O resultado natural disso era que os adventistas olhassem para o presidente da Associação Geral e para os membros de sua comissão diretiva menor, em busca de liderança. Isso ocorreu mais quando figuras enérgicas como Butler e White ocuparam a presidência. Ambos tinham a tendência de centralizar a autoridade nas próprias mãos, inclinando-se, na prática, para o estilo de liderança individual proposto por Butler.

Nesse fato, encontramos uma lição importante que afeta a todos nós. Não importam nossas crenças mentais sobre liderança, quase todos nós nos sentimos tentados a “assumir o controle”.

Pai, ajuda-nos a lidar com nossas inclinações naturais. Faze-nos líderes melhores.

A Autoridade da Associação Geral – 6

Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.
Apocalipse 2:29

Alguns de nós parecemos ter verdadeira dificuldade de ouvir. Butler, o presidente da Associação Geral, parecia sofrer desse mal. Ellen White o aconselhou diversas vezes, bem como a Tiago, sobre os perigos de um estilo de liderança centralizado em um indivíduo.

Sua frustração com Butler chegou ao grau máximo, por volta da assembleia da Associação Geral de 1888. Logo depois das reuniões, ela escreveu: “O pastor Butler [...] já está no cargo por três anos a mais do que deveria, e agora toda a humildade, e mansidão de espírito o deixaram. Ele acha que sua posição lhe concede tanto poder que sua voz é infalível” (Ct 82, 1888).

Após mais três anos, ela declarou: “Espero que nunca mais haja o menor incentivo, por parte de nosso povo, para depositar nossa confiança em seres humanos finitos e errantes como aconteceu com o pastor Butler, pois os ministros não são como Deus, e se confiou demais no pastor Butler no passado. [...] É por serem incentivadas a esperar que um homem pense por elas e lhes sirva de consciência que as pessoas são agora tão ineficientes e incapazes de permanecer firmes no posto de seu dever como fiéis sentinelas de Deus” (Ct 14, 1891).

Era mais fácil para Butler aperfeiçoar suas ideias sobre a teoria de liderança da igreja baseada em “grandes homens” na esfera verbal do que colocá-las em prática. Levando em conta a natureza humana, trata-se de um problema perene com o qual aqueles que se encontram em posições de liderança continuam a lutar.

Esse triste fato da vida também levou Ellen White a fazer algumas declarações acerca da autoridade da Associação Geral nos anos 1890. Ela mencionou o assunto em várias ocasiões ao longo dessa década. Por exemplo, em 1891, escreveu: “Fui obrigada a assumir a posição de que não foi a voz de Deus que se ouviu na administração e nas decisões da Associação Geral. Foram elaborados métodos e planos que o Senhor não sancionou, mas o pastor Olsen [presidente da Associação Geral, de 1888 a 1897] fez parecer que as decisões da Associação Geral eram a voz de Deus. Muitas das posições assumidas, anunciadas como a voz da Associação Geral, têm sido a voz de um, dois ou três homens que a estavam desencaminhando” (Man. 33, 1891).

Não é fácil ouvir quando os ouvidos não estão funcionando. Temos a tendência de assumir uma postura crítica em relação aos administradores que Ellen White precisou confrontar; mas, nesse processo, é importante nos lembrarmos de nossa falta de ouvidos em tantas coisas que o Espírito tem tentado nos dizer.

A Autoridade da Associação Geral – 7

Obedeçam aos seus líderes e submetam-se à autoridade deles. Eles cuidam de vocês como quem deve prestar contas.
Hebreus 13:17, NVI

Qual seria a autoridade apropriada para os líderes? Ontem ouvimos Ellen White reclamar sobre o estilo de administração da Associação Geral de uma determinada época, que representava somente a autoridade do presidente. Cinco anos depois, ela comentou: “O caráter santo da causa de Deus não é mais reconhecido no centro da obra. A voz de Battle Creek, que tem sido considerada a autoridade para aconselhar como o trabalho deve ser conduzido, não é mais a voz do Senhor” (Ct 4, 1896). Uma análise criteriosa de tais declarações indica que se referiam a momentos em que a Associação Geral não agia como um corpo representativo, quando sua autoridade para tomar decisões se centralizava em uma só pessoa ou em poucos indivíduos, ou ainda quando deixava de seguir princípios confiáveis.

Tal conclusão se alinha com as afirmações de Ellen White ao longo do tempo. Ela foi específica quanto a isso em um manuscrito lido perante os delegados da Assembleia da Associação Geral realizada em 1909, na qual reagiu às atividades separatistas de A. T. Jones, que trabalhava para minar a autoridade da Associação Geral, na tentativa de voltar ao modelo congregacional de administração da igreja.

Ela disse aos delegados: “Por vezes, quando um pequeno grupo de homens, aos quais se acha confiada a direção-geral da obra, tem procurado, em nome da Associação Geral, executar planos imprudentes e restringir a obra de Deus, tenho dito que não poderia por mais tempo considerar a voz da Associação Geral, representada por esses poucos homens, como a voz de Deus. Mas isso não

equivale a dizer que as decisões de uma Associação Geral composta de uma assembleia de homens representativos e devidamente designados, de todas as partes do campo, não deva ser respeitada. Deus ordenou que os representantes de Sua igreja de todas as partes da Terra, quando reunidos numa Assembleia Geral, devam ter autoridade. O erro que alguns estão em perigo de cometer, é dar à opinião e ao juízo de um homem, ou de um pequeno grupo de homens, a plena medida de autoridade e influên- cia de que Deus revestiu Sua igreja, no juízo e voz da Associação Geral reunida para fazer planos para a prosperidade e avançamento de Sua obra" (T9, p. 260, 261).

No conselho de muitos, há sabedoria. Devemos acrescentar que o equilíbrio do conselho de pessoas com perspectivas diversas e de diferentes regiões geográficas também leva a escolhas bem pensadas. As decisões de uma igreja mundial são dotadas de proteções implícitas que não estão disponíveis a indivíduos e congregações.

Retrospectiva Sobre a Autoridade da Igreja

O que ligares na Terra terá sido ligado nos Céus; e o que desligares na Terra terá sido desligado nos Céus. Mateus 16:19

Essas foram as palavras de Cristo ao fundar Sua igreja na Terra, mas as pessoas as traduzem e interpretam de várias formas. A versão Almeida Revista e Corrigida, por exemplo, traduz: “tudo o que ligares na terra será ligado nos céus”, fazendo parecer que o Céu ratifica tudo aquilo que a igreja decide na Terra. A Nova Tradução na Linguagem de Hoje leva essa linha de pensamento ainda mais além, ao verter a passagem por: “o que você proibir na terra será proibido no céu, e o que permitir na Terra será permitido no céu.”

Tais interpretações perdem de vista o que Jesus estava dizendo. O tempo verbal no grego indica, com toda clareza, que devemos traduzir a locução verbal do texto de hoje por “terá sido ligado”. Logo, Cristo declara que a igreja na Terra coloca em prática as decisões do Céu. Não é o Céu que ratifica as decisões da igreja. Tal diferença não é nada sutil. E, na história da igreja, as duas traduções levaram a dois pontos de vista sobre a autoridade eclesiástica.

O *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* interpreta corretamente a passagem ao observar que “estender o significado de ‘ligar’ e ‘desligar’ à autoridade de ditar o que os membros da igreja podem crer e o que podem fazer, em matéria de fé e prática, é ler nessas palavras de Cristo mais do que Ele queria dizer com elas e mais do que os discípulos entenderam por elas. Deus não sanciona essa reivindicação.

“Os representantes de Cristo na Terra têm o direito e a responsabilidade de ‘ligar’ o que foi ‘ligado no Céu’ e ‘desligar’ o que foi ‘desligado no Céu’, isto é, exigir ou proibir tudo aquilo que as Escrituras revelam claramente. Entretanto, ir

além disso é substituir a autoridade de Cristo, [...] tendência que o Céu não tolera nos que foram designados para a supervisão dos cidadãos do reino dos Céus na Terra.”

Nos últimos devocionais, meditamos sobre a autoridade da igreja porque esse é um assunto bíblico importante que nos afeta a todos e porque a maioria reflete muito pouco a esse respeito. Em vez de apenas aceitar ou rejeitar a autoridade eclesiástica, precisamos compreender tanto sua base teológica quanto suas limitações e seu propósito.

Sejamos gratos, pois não estamos sozinhos em nossa vida cristã. Pertencemos a uma igreja que nos dá orientações dentro dos preceitos da Bíblia. Uma liderança eclesiástica equilibrada é mais um motivo que temos para louvar a Deus.

Agosto

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Aos Negros

De um só fez Ele todos os povos. Atos 17:26, NVI

O esforço evangelístico adventista em relação aos afro-americanos teve um início lento, em parte, porque o adventismo era uma igreja do Norte, em uma nação amargamente dividida no que se referia à escravidão e à etnicidade. No meio do século 19, quase todos os negros norte-americanos viviam no sul dos Estados Unidos e, até entre a população branca dessa região, o evangelismo da denominação só chegou a um ponto alto no fim dos anos 1870 e início da década de 1880.

Isso não significa que o adventismo do sétimo dia não se importava com a condição deplorável dos afro-americanos. Pelo contrário, a nova igreja foi abolicionista desde o princípio, defendendo que a escravidão africana era o maior pecado dos Estados Unidos. Ellen White aconselhou desobediência à lei federal relativa ao escravo foragido, mesmo que isso significasse ir para a cadeia. Líderes guardadores do sábado como J. P. Kellogg (pai de John Harvey e Merritt G.) e John Byington (primeiro presidente da Associação Geral) operavam estações da rota clandestina de fuga de escravos em suas fazendas, para ajudar os escravos foragidos do Sul a chegar em liberdade ao Canadá.

Após a libertação dos escravos durante a Guerra de Secessão, a Associação Geral reconheceu, em 1865: “Um campo agora se abriu no Sul para o trabalho entre os negros, e devemos adentrá-lo conforme nossas habilidades.”

É provável que os primeiros negros adventistas do sétimo dia habitassem no Norte, mas sabemos muito pouco sobre a identidade deles. Foi só quando a denominação começou a entrar no Sul que se deparou com negros em quantidade e em um estado de segregação. Durante os anos 1870, vários

adventistas fizeram esforços individuais para ajudar ex-escravos a obter uma educação básica. Um grande passo foi dado quando R. M. Kilgore chegou ao Texas para ajudar a fundar igrejas numa região inflamada por conflitos raciais. Ele sofreu ameaças de linchamento várias vezes e, em determinada ocasião, sua tenda foi incendiada.

Até mesmo o modo de pregar no Sul era problemático. Uma das abordagens envolvia falar tanto a negros quanto a brancos de uma porta aberta que separava dois ambientes. As Assembleias da Associação Geral de 1877 e 1885 discutiram sobre a criação de igrejas separadas para os dois grupos. A maioria dos que exprimiram sua opinião disse que fazer isso não seria nada cristão; mas, quando os evangelistas tentavam pregar a grupos mistos no Sul, brancos boicotavam as reuniões e, às vezes, negros também. O que fazer?

Senhor, transformamos a questão étnica em uma verdadeira crise. Ajuda-nos a perceber que somos um só povo. E capacita-nos a superar os preconceitos de nossa cultura.

Conheça Charles Kinny

Não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. Gálatas 3:28

Charles M. Kinny se tornou o primeiro pastor afro-americano ordenado da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Nasceu escravo na Virgínia em 1855. Após a Guerra de Secessão, aos 10 ou 11 anos de idade, ele partiu rumo ao Oeste com um grupo de ex-escravos que esperavam encontrar oportunidades melhores.

O ponto de virada em sua vida ocorreu em 1878, quando participou de uma série evangelística realizada por John Loughborough em Reno, Nevada. No fim, Kinny, que talvez fosse o único negro, tornou-se um dos sete primeiros membros da nova congregação de Reno.

Enquanto a série de Loughborough estava em andamento, Ellen White visitou a cidade e, no dia 30 de julho, pregou para quatrocentas pessoas sobre as palavras de João: “Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus” (1 Jo 3:1). Esse texto e o sermão que discorria sobre seus desdobramentos deram a Kinny a certeza e a coragem que lhe permitiram avançar na vida.

Sua experiência de escravo e nômade fora incerta; mas encontrou uma família carinhosa no adventismo. Os membros da congregação de Reno, percebendo sua dedicação, escolheram-no como o primeiro secretário daquela igreja. Entretanto, coisas melhores estavam por vir. A Associação Californiana lhe ofereceu a posição de secretário da Nevada Tract and Missionary Society [Sociedade de Missões e Folhetos de Nevada]. Depois de ele ter sido bem-sucedido nessa função, a Associação entrou em um acordo com os membros da

igreja de Reno, em 1883, para custear os estudos de Kinny no recém-fundado Healdsburg College.

Após dois anos de estudo, a liderança da igreja o enviou para Topeka, Kansas, em 1885, para trabalhar entre a crescente população negra daquela cidade. Em 1889, a Associação Geral o destinou para Louisville, Kentucky, ordenando-o ao ministério no mesmo ano. Por mais de duas décadas, Kinny trabalhou no Sul, organizando igrejas de negros. Tornou-se o primeiro grande porta-voz adventista das aspirações afro-americanas.

Assim como em tantas outras coisas no adventismo, os anos 1890 testemunhariam um gigantesco passo adiante na obra entre os negros, por meio do talento de Edson White e da fundação de uma escola em Oakwood.

Senhor, ficamos impressionados com o que fizeste com a vida de Charles Kinny. Toma nossa vida hoje e nos capacita a ser uma bênção para os outros. Amém.

Defensores da Temperança

Para quem são os ais? Para quem, os pesares? Para quem, as rixas? Para quem, as queixas? Para quem, as feridas sem causa? E para quem, os olhos vermelhos? Para os que se demoram em beber vinho. Provérbios 23:29, 30

Uma das grandes cruzadas ocorridas nos Estados Unidos durante o século 19 foi o movimento de temperança, cujo objetivo era tornar ilegal o consumo e a venda de bebidas alcoólicas. Lyman Beecher, um dos mais influentes pregadores da nação, deu início ao movimento em 1825. “A intemperança”, alardeava ele, “é o pecado de nossa terra [...] e se há algo que possa derrotar as esperanças do mundo [...] é esse rio de fogo”. Beecher conclamava a uma solução nacional, por meio da proibição de bebidas fortes como objeto de comércio.

Quando o adventismo chegou à sua adolescência, na década de 1870, a campanha geral em prol da temperança passara a abranger a abolição de todas as bebidas alcoólicas. A jovem igreja defendia ativamente o voto em candidatos favoráveis à temperança. Ellen White se preocupava tanto com a questão que chegou a sugerir o passo sem precedentes de ir às urnas no sábado e votar nos defensores da temperança.

Desde então, o adventismo tem oferecido suas propriedades e seus oradores, nos Estados Unidos e no mundo, para ajudar no combate ao alcoolismo. Em 1874, por exemplo, os adventistas emprestaram duas grandes tendas evangelísticas para uma série de reuniões cujo objetivo era fechar os 135 bares de Oakland, Califórnia, sede do programa de publicações adventistas na costa oeste. Tal cooperação estreitou os laços dos adventistas com o “prefeito da cidade, vários pastores, um dos jornais diários e muitos dos principais cidadãos e empresários. [...] Depois de tudo organizado, a comissão executiva planejou uma

série de reuniões para o grande público, realizadas em nossas grandes e confortáveis tendas. Eles trabalharam noite e dia, até a cidade inteira ser despertada à ação". O resultado foi uma "vitória gloriosa" pela qual os adventistas receberam crédito parcial nas manchetes dos jornais.

Ellen White esteve à frente dos adventistas na questão da temperança, discursando, muitas vezes, para grandes públicos não adventistas nos Estados Unidos, na Europa e na Austrália. Em 1879, os adventistas do sétimo dia criaram a Associação Norte-Americana de Saúde e Temperança, sob a liderança de John Harvey Kellogg.

A cruzada em prol da temperança foi um dos meios que Deus usou para abrir caminho a fim de que a igreja tivesse um impacto mais amplo sobre a cultura de sua época. Em que movimentos de reforma nós (ou eu) deveríamos nos envolver hoje?

O Fim de uma Era

Pois toda carne é como a erva, e toda a sua glória, como a flor da erva; seca-se a erva, e cai a sua flor; a palavra do Senhor, porém, permanece eternamente. 1 Pedro 1:24, 25

Entre 1872 e 1881, a Igreja Adventista do Sétimo Dia testemunharia o descanso de dois de seus três fundadores. O primeiro foi José Bates, que faleceu no Instituto de Reforma de Saúde, de Battle Creek, em 19 de março de 1872, pouco antes de completar 80 anos. O idoso reformador de saúde mantinha um intenso ritmo de trabalho até perto do fim de sua vida. No ano anterior à sua morte, fez pelos menos 100 reuniões públicas, além das que organizava em sua igreja local e das conferências nas quais participava.

O velho guerreiro compareceu a uma de suas últimas Assembleias da Associação Geral um ano antes de sua morte. Com empolgação, relatou: “A reunião anual foi de interesse profundo e inspirador para a causa. Foi animador ouvir o que se realizou no ano decorrido, descobrir a ampla abertura para a obra missionária e os chamados urgentes para o trabalho ministerial nos vastos campos de colheita.” Bates desejava desesperadamente atender ao chamado, mas não podia.

Ele foi à sua última assembleia dois meses antes de falecer, concluindo com uma oração: “Ó Senhor, em nome de Jesus, ajuda-nos, com este querido povo, a cumprir nossa sagrada promessa e que todo o Teu povo remanescente e expectante entre na aliança contigo.”

Se Bates desfrutou boa saúde até o fim da vida, o mesmo não ocorreu com Tiago White. O excesso de trabalho desencadeou uma série de derrames debilitantes desde a metade da década de 1860. Considerando a condição de sua

saúde, é absolutamente incrível perceber o quanto ele continuou a realizar. Tiago morreu dois dias depois de completar 60 anos, em 6 de agosto de 1881.

Ellen ficou arrasada. “Tenho a forte opinião”, escreveu para o filho Willie, “de que minha vida era tão entrelaçada e interligada à de meu marido que me é quase impossível ser de algum valor significativo sem ele” (Ct 17, 1881).

Dezesseis anos mais tarde, ela escreveu: “Quanto, porém, lhe sinto a falta! Como almejo suas palavras de conselho e sabedoria! Como desejaria ouvir suas orações unidas às minhas, pedindo luz e guia, sabedoria para planejar e dirigir a obra!” (ME2, p. 259).

É aí que entra a esperança do advento. Assim como Ellen, também aguardamos o reencontro na manhã da ressurreição com nossos entes queridos.

Novos Começos

Esquadrinhemos os nossos caminhos, provemo-los e voltemos para o Senhor. Lamentações 3:40

O período entre 1885 e 1900 seria marcado por grandes pontos de virada na história do adventismo. A denominação passaria por mudanças significativas em quase todos os aspectos de sua identidade, a tal ponto que, no início do novo século, parecia ser diferente do que tinha sido até então.

Encabeçando a lista de transformações, está a grande virada na teologia, como desdobramento da Assembleia da Associação Geral de 1888, em Mineápolis. Ela despertou o apelo por uma pregação mais cristocêntrica, para que Cristo fosse o ponto central da mensagem adventista como nunca antes, levando a uma ênfase na salvação pela graça mediante a fé, conceito que a igreja passou a conceber como a justificação pela fé. A antiga ênfase na lei não desapareceu, mas foi reorientada para seu lugar adequado dentro do plano da salvação.

A nova ênfase em Cristo e Sua justiça também contribuiu para que novas personalidades fossem colocadas em evidência dentro do adventismo. Especialmente importantes foram Alonzo Jones, Ellet Waggoner e William Prescott. Jones e Waggoner se tornariam os mais proeminentes pregadores adventistas dos anos 1890. Por exemplo, foram eles que dominaram o púlpito de todas as seis Assembleias da Associação Geral, entre 1889 e 1899. No fim da década, Jones se tornaria o editor da *Review and Herald*, uma das posições de maior influência dentro da igreja na época.

A década de 1890 também testemunhou uma transformação na perspectiva adventista sobre a natureza divina. Afinal, sempre que se fala sobre salvação por

meio de Cristo, é necessário ter a atuação de um Salvador e do Espírito Santo.

Acompanhando a reforma na teologia adventista, ocorreu uma explosão no programa missionário, que finalmente chegou a “toda” nação. Em 1900, a Igreja Adventista do Sétimo Dia era, de fato, mundial.

Outra área de transformações grandiosas foi a educacional. A reforma teológica e a explosão missionária levaram a uma mudança no sistema educacional da denominação, tanto em orientação quanto em sua importância relativa para a igreja. Conforme alguns descobriram, mudar pode ser doloroso, mas também é essencial.

Ó Deus, dá-nos uma mente aberta para vislumbrarmos as transformações do passado à medida que nos conduzes rumo ao futuro.

Novas Questões – 1

Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus. Efésios 2:8

Em 1850, os adventistas guardadores do sábado estavam muito empolgados com as novas verdades que haviam descoberto. Eles não paravam de falar, escrever e pregar sobre as doutrinas que os distinguiam como povo: o segundo advento literal, visual e pré-milenar; as duas etapas do ministério de Cristo no santuário celestial; o sábado no contexto do tempo do fim; a imortalidade condicional. Quando observadas pelo prisma das três mensagens angélicas de Apocalipse 14, tais doutrinas formam um bloco teológico poderoso, digno de ser proclamado em alto e bom som!

Precisamos reconhecer que os adventistas mantinham dois conjuntos de crenças, naquela época. A primeira categoria incluía doutrinas que eles *compartilhavam* com outros cristãos, como a salvação somente pela graça mediante a fé, a importância da Bíblia como único fator determinante das verdades doutrinárias, o papel histórico de Jesus como Salvador do mundo, o poder da oração intercessória e assim por diante.

A segunda categoria doutrinária consistia das crenças que tornavam os adventistas um povo distinto, que os *separavam* dos outros cristãos, como o sábado e o ensino sobre o santuário celestial.

Como os adventistas do século 19 viviam em uma cultura predominantemente cristã, tendiam a não enfatizar o que tinham em comum com os outros cristãos. Afinal, por que pregar sobre a graça salvadora aos batistas, ou sobre a importância da oração para os metodistas, se eles já acreditavam nesses ensinos?

Os adventistas achavam que o mais importante era apresentar suas verdades distintivas, pois os outros necessitavam ouvir e aceitar.

Assim, ao chegarem a uma nova vila ou cidade, procuravam o melhor local de reuniões, em geral, um auditório escolar, e desafiavam o melhor pregador da região a um debate público sobre temas como: “qual o dia de descanso?” ou “o que acontece com a pessoa quando ela morre?”

Você já parou para refletir em seu sistema de crenças e em como suas partes se encaixam? Ele é biblicamente válido?

Isso é algo que você deveria fazer. Cada um é responsável por saber por que somos cristãos e adventistas. Eu o desafio hoje a aprofundar seu estudo pessoal da Bíblia.

Novas Questões – 2

Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Mateus 16:16

Ontem mencionamos que os primeiros pregadores adventistas sentiam a necessidade de enfocar em assuntos que os distinguiam, como o sábado, em vez de se concentrar nas doutrinas que tinham em comum com os outros cristãos.

O método de entrar em uma comunidade desafiando um pastor proeminente a um debate público parecia dar certo. Afinal, antes do surgimento da televisão, o melhor programa em uma cidade pequena podia ser assistir a dois pregadores discutindo sobre o tempo que as pessoas passariam sofrendo no inferno. De todo modo, os evangelistas adventistas não pareciam ter dificuldades de atrair uma multidão para ouvir sua mensagem.

No entanto, o período de 40 anos dando destaque às verdades adventistas distintivas numa atmosfera de debate, em detrimento das doutrinas cristãs gerais, teve dois efeitos prejudiciais. Em primeiro lugar, favoreceu o desenvolvimento de alguns adventistas bem combativos, traço de personalidade que perturbou a denominação nos acontecimentos ligados às reuniões de 1888.

Além disso, as quatro décadas de ênfase excessiva nos ensinos distintivos, e negligência das doutrinas em comum levaram a uma separação entre os adventistas e os outros grupos cristãos. No meio da década de 1880, a questão havia assumido proporções problemáticas. A igreja fizera um excelente trabalho no que diz respeito à identidade adventista, mas perdera de vista as esferas mais amplas que tornavam o adventismo uma crença cristã.

O adventismo precisava de uma correção de rumo. Dois jovens adultos do oeste dos Estados Unidos – Alonzo T. Jones e Ellet J. Waggoner – deram início a

essa correção. A princípio, Jones e Waggoner pareciam fazer um ajuste doutrinário, ao conferir um papel mais destacado a Cristo e à fé, na teologia adventista, e uma posição de menor proeminência à lei.

Entretanto, os líderes da denominação – George Butler e Uriah Smith – viram tal "correção" como um grande terremoto teológico. Consideravam os novos ensinos uma subversão do adventismo histórico, com sua ênfase na lei e nas obras.

Por isso, lutaram com toda a força, que não era pequena, uma vez que exerciam influência direta sobre os pastores de uma denominação que ainda contava com cerca de 25 mil membros em todo o mundo.

Senhor, ajuda-nos a aprender, por meio de nossa história, lições de equilíbrio teológico em nossa caminhada contigo.

Novas Questões – 3

Como água fria para o sedento, tais são as boas-novas.
Provérbios 25:25

Em 1886, as posições assumidas dentro do debate teológico adventista em andamento já estavam bem visíveis. De um lado, encontravam-se George Butler e Uriah Smith, presidente e secretário da Associação Geral respectivamente. Do outro, os dois recém-chegados editores do Oeste: Alonzo Jones e Ellet Waggoner.

Parece que a única protagonista nesse conflito procurou permanecer neutra, a fim de poder trabalhar com ambas as partes. Entretanto, no início de 1887, Ellen White começou a concluir que os dois mais jovens estavam sendo maltratados numa luta desigual, embora tivessem algo muito importante a ensinar para a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Por isso, em abril de 1887, ela se dedicou a garantir que Jones e Waggoner tivessem a oportunidade de falar na Assembleia da Associação Geral de 1888.

No fim, foi Ellen White quem expressou, da maneira mais clara, o real sentido da mensagem de Jones e Waggoner em 1888. Seu tema principal giraria em torno da reinterpretação de parte de Apocalipse 14:12: “Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus.”

Essa passagem é um texto central na história do adventismo. Ela contém a última mensagem que Deus daria ao mundo antes do segundo advento, que é retratada ocorrendo nos versículos 14 a 20.

O interessante é que ambos os lados no debate adventista acerca de 1888 enfocavam Apocalipse 14:12, mas enfatizavam partes diferentes do versículo.

Os tradicionalistas exaltavam “os mandamentos de Deus”, ao passo que os reformadores davam ênfase à “fé em Jesus”. Das reuniões em Mineápolis surgiria uma nova interpretação de Apocalipse 14:12, a qual mudaria para sempre o formato da teologia adventista.

Ellen White sofreu por apoiar Jones e Waggoner. Em dezembro de 1888, ao relembrar a Assembleia da Associação Geral que acontecera pouco tempo antes, declarou: “Meu testemunho foi ignorado, e nunca em minha vida [...] fui tratada como naquela conferência” (Ct 7, 1888).

Alguns de nós acham que nos “velhos e bons tempos” tudo ia bem na igreja. Isso não é verdade! O mesmo continua a acontecer hoje. Pessoas boas entram em conflito entre si, e precisam pedir perdão a Deus.

Conheça Ellet Waggoner

Isto é o Meu sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos. Marcos 14:24, NVI

Ellet Joseph Waggoner foi o mais jovem dos principais participantes da Assembleia da Associação Geral em 1888. Nascido em 1855, era filho de Joseph Harvey Waggoner.

Ellet se formou em medicina, na cidade de Nova York, em 1878, mas nunca encontrou na prática médica a realização que almejava. Por isso, ingressou no ministério e recebeu o convite para ser editor assistente do periódico *Signs of the Times*, em 1884.

O ponto crucial na vida do jovem Waggoner ocorreu numa reunião campal em Healdsburg, Califórnia, em outubro de 1882. Durante o sermão, ele experimentou o que chamou de uma "revelação extrabíblica".

"De repente", contou, "uma luz brilhou a meu redor e, para mim, a tenda estava muito mais iluminada do que se o sol do meio-dia estivesse resplandecendo. Vi Cristo pendurado na cruz, *crucificado por mim*. Foi naquele momento que tive, pela primeira vez, uma certeza clara, que me inundou o ser, de que Deus *me* amava e Cristo havia morrido *por mim*".

Waggoner sabia "que esta luz [...] era uma revelação direta do Céu". Por isso, resolveu ali e naquele momento que "estudaria a Bíblia com base naquela revelação", a fim de "ajudar os outros a enxergar a mesma verdade". Por causa desse plano, observou, "sempre que me volto para o Livro Sagrado, encontro Cristo sendo revelado como o poder de Deus para a salvação das pessoas, e nunca encontrei nada além disso".

Foi a “visão” de Waggoner que o levou a um estudo aprofundado do livro de Gálatas. Levando em conta seu ponto de partida, não é de se espantar que tenha encontrado o evangelho em Gálatas. Tal descoberta o levaria à preeminência no adventismo durante o fim dos anos 1880. Também o colocaria em confronto direto com os líderes – George Butler e Uriah Smith na Assembleia da Conferência Geral de 1888.

Conforme veremos, Waggoner era o mais brando dos participantes dos acontecimentos que giraram em torno dos novos ensinos na era de 1888.

A “visão” da justiça de Cristo sempre transforma nosso pensamento e modo de agir. Todos os dias, precisamos nos perguntar se nosso adventismo foi batizado pela luz proveniente da cruz.

Conheça Alonzo Jones

Ainda que um exército se acampe contra mim, não se atemorizará o meu coração. Salmo 27:3

“Morto para o mundo e vivo para Ti, ó Deus meu!”

Com essas palavras e as mãos levantadas, o sargento Alonzo T. Jones ascendeu da sepultura batismal das águas em Walla Walla, território de Washington, no dia 8 de agosto de 1874. Durante semanas, ele vinha “buscando fervorosamente ao Senhor”, e alguns dias antes havia recebido “grandes evidências do perdão dos pecados”. Carismático, enérgico, dramático, belo e tendendo aos extremos, Jones se tornou uma figura de liderança nos círculos adventistas durante a década de 1890.

Jones sentia orgulho de seu passado militar. Sua pretensão à glória militar vinha da participação na Guerra Modoc, no norte da Califórnia em 1873, durante a qual ele e seu pelotão “dispararam uma chuva de balas” em direção ao inimigo, no esforço de proteger um oficial ferido.

O destemido Jones passaria o resto da vida disparando “uma chuva de balas” contra de qualquer alvo que reconhecesse como inimigo.

Sua personalidade e estilo confrontador contribuíam muito para antagonizar seus oponentes. Ellen White o advertiu diversas vezes sobre seus comentários duros; mas, para Jones, era praticamente impossível distinguir entre franqueza e rispidez. Ele deixou isso bem claro em 1901, quando alguns contestaram sua candidatura à presidência da Associação Californiana, porque sua “fala direta e franca [...] magoava as pessoas”. Jones confessou a veracidade da acusação, mas observou: “Não posso me arrepender disso, pois não passa de puro cristianismo.”

Seus comentários cáusticos ajudaram a definir o tom das reuniões de Mineápolis quando deixou escapar que não era culpa dele a ignorância de Uriah Smith sobre determinados fatos históricos ligados a Daniel 7. Depois de fazer suas pesquisas, Jones sabia que estava correto, e fez questão de deixar isso bem claro.

Embora tal assertividade dirigida a um patriarca da denominação não tenha feito muito para ajudar sua causa, seus modos enérgicos e destemidos sem dúvida o auxiliaram nos salões do Congresso dos Estados Unidos e em todos os outros lugares onde lutou contra as leis dominicais prestes a serem votadas. Jones era um homem que prosperava no calor da batalha. A despeito de seus erros, Deus o usou poderosamente!

Identifico uma lição importante para mim aqui. Mesmo com todos os meus defeitos, Deus ainda é capaz de me usar (e a você também). Embora Ele deseje nos transformar se o permitirmos, o Senhor inicia a obra conosco assim como estamos.

Conheça George Butler

Porque sete vezes cairá o justo e se levantará; mas os perversos são derribados pela calamidade. Provérbios 24:16

Algumas pessoas simplesmente são mais duronas do que outras. Esse era o caso de George Butler, presidente da Associação Geral em 1888. Em seus melhores momentos, ele conseguia ser bem honesto a respeito de si mesmo. Talvez a autoanálise mais precisa e perceptiva que ele fez foi ao escrever, em 1886: "[Tenho] naturalmente [...] ferro demais em minha natureza" e muito pouco do amor de Jesus. "A escola na qual fui treinado para resistir a todo tipo de influência favoreceu muito a permanência do ferro, tornando-me rígido."

O último comentário pode nos ajudar a compreender a "dureza" de muitos dos líderes adventistas do século 19. Não era fácil liderar um movimento pequeno e desprezado, que não proporcionava nenhuma segurança terrena e não tinha quase nenhuma instituição para conferir prestígio numa época em que o desapontamento milerita ainda era uma vívida lembrança na sociedade. Somente indivíduos cheios de força de vontade teriam condições de ser bem-sucedidos quando Butler começou a assumir funções administrativas. Uma vontade férrea era imprescindível para a maioria dos adventistas pioneiros antes que o movimento se transformasse em uma religião mais "confortável" e respeitável.

Butler tinha o necessário para sobreviver em meio a uma fase como aquela, mas o preço a pagar foi o "ferro". Por isso, descreveu-se em 1886 como alguém que pendia "um pouco para o lado brigão". Sentindo que fora agressivo demais com Waggoner no início do conflito sobre Gálatas, escreveu para Ellen White que "queria ser como Jesus – sábio, paciente, terno, manso de coração [e] franco", com "amor pela justiça e equidade a todos". Lamentou o fato de "haver

uma porção considerável da natureza humana ainda em mim” e de travar “grandes lutas com o velho homem”. Butler queria que sua velha natureza morresse “de uma vez por todas”.

Todavia, tal desejo demorou a se cumprir. Na experiência dele, assim como acontece com a maioria de nós, o processo de santificação era verdadeiramente uma obra para a vida inteira. Ao escrever para John H. Kellogg em 1905, o idoso Butler começou: “Eu mesmo sou bem teimoso, essa é a verdade. Você acertou em cheio quando disse: ‘É melhor argumentar com um poste do que com Butler depois que ele já tomou sua decisão.’”

Pai, temo que haja um pouco de Butler em mim. Ajuda-me hoje a morrer para o velho eu “de uma vez por todas”.

Carência de Humildade

Tomai sobre vós o Meu Jugo e aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Mateus 11:29

Em 1888, Uriah Smith, companheiro de Butler na administração, havia atuado como secretário da Associação Geral desde seu início em 1863, com exceção de três anos. Além disso, Smith estivera ligado ao periódico semioficial do adventismo (a *Review and Herald*) desde a década de 1850 era editor-chefe havia quase 25 anos.

Além disso, Smith era inquestionavelmente a maior autoridade da denominação, em interpretação profética. Seu livro *Thoughts on Daniel and the Revelation* [Pensamentos sobre Daniel e o Apocalipse] era um *best-seller* tanto na igreja quanto fora dela. Ao anunciar sua chegada para as reuniões de 1888, um dos jornais de Mineápolis-Saint Paul escreveu: “O pastor Uriah Smith [...] tem a reputação de ser um dos mais capacitados escritores e oradores da conferência, sendo, além disso, um culto erudito.”

Assim como Butler, Smith se considerava guardião da ortodoxia denominacional. Em 1892, declarou sucintamente sua política editorial a respeito de algumas das novas ideias de Alonzo Jones: “Depois de muito estudo e anos de observação na obra, tendo-me estabelecido sobre certos princípios, não estou preparado para ceder diante da sugestão de qualquer novato.” Sem dúvida, esse fora seu posicionamento no que se referia à “nova teologia” de Jones e Waggoner em 1888. Nem Smith, nem Butler tinham a menor inclinação a ceder diante dos ensinos de homens mais jovens da Califórnia. Na verdade, foi exatamente o contrário que aconteceu.

Conforme já observamos, algumas características de Jones e Waggoner não ajudaram na situação. Ellen White escreveu-lhes uma carta em 1887, tentando suavizar o tom agressivo: “O pastor [J. H.] Waggoner tem demonstrado amar discussões e embates. Temo que E. J. [Waggoner] tenha cultivado amor pelas mesmas coisas. Necessitamos agora de boa e humilde religião. E. J. W. precisa de humildade e mansidão. O irmão Jones poderá ser uma força para o bem se desenvolver, a todo instante, a piedade prática” (Ct 37, 1887).

Não necessitamos ser humildes? Uma coisa é cantar um hino para que o Senhor nos torne humildes e mansos. Outra bem diferente é aceitar esse dom. *Senhor, ajuda-nos*.

O Ano de 1888

Vi ainda outra besta emergir da terra; possuía dois chifres, parecendo cordeiro, mas falava como dragão. Apocalipse 13:11

"Volvamos nossos olhos para o futuro", escreveu Uriah Smith na introdução do editorial da Review em 1888. "Ano após ano, as perspectivas ficam cada vez mais claras, e as evidências, mais certas de que não seguimos fábulas ardilosamente inventadas ao divulgar o breve retorno do Senhor. As profecias estão convergindo para seu cumprimento. Os acontecimentos se movem com velocidade acelerada. A Palavra de Deus demonstra suas reivindicações de veracidade e conforta todos os humildes fiéis com o pensamento de que a esperança nela fundamentada jamais pode falhar."

O presidente da Associação Geral, George Butler, partilhava de uma perspectiva semelhante à de Smith. Em janeiro, escreveu: "Temos muitos motivos para agradecer a Deus e nos encher de ânimo ao iniciarmos o ano de 1888". Observando que os adventistas do sétimo dia "nunca assumiram uma postura na exegese bíblica que os tenha forçado a renunciar", destacou: "A cada ano, temos mais e mais evidências de que estamos corretos em nossa interpretação dos grandes temas proféticos que nos distinguem como povo."

Em janeiro de 1888, Alonzo Jones, coeditor de *Signs of the Times*, defendeu que os acontecimentos ligados à união entre religião e governo nos Estados Unidos estavam no "rumo direto do cumprimento de Apocalipse 13:11-17", com seu ensino sobre a formação da imagem da besta. Nessa época, os adventistas do sétimo dia estavam empolgados com o segundo advento, pois os acontecimentos sugeriam que eles logo veriam a tão predita lei dominical se tornar realidade.

A interpretação adventista de Apocalipse 13 antevia uma prova final dos

últimos dias entre aqueles que honravam o sábado verdadeiro e os que seguiam simbolicamente à besta. Como consequência, os adventistas do sétimo dia prediziam em público, desde o fim dos anos 1840, que acabariam sofrendo perseguição por causa de sua fidelidade ao sábado.

Dentro desse contexto histórico e teológico, não é difícil entender por que Apocalipse 14:12 (“Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus”) era seu texto-chave, impresso palavra por palavra no topo da Review durante quase um século. Levando em conta essa ênfase, é fácil entender por que eles eram tão sensíveis às leis ligadas ao domingo.

Senhor, somos gratos pelas profecias de Daniel e do Apocalipse. Ajuda-nos a estudá-las com maior afinco.

Perseguição Dominical

Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça,
porque deles é o reino dos Céus. Mateus 5:10

Ao longo dos anos 1880, as leis relativas ao domingo e à perseguição a quem as descumprisse ganharam força e abrangência. O problema irrompeu de forma explosiva na Califórnia em 1882, quando a questão dominical se tornou um dos principais assuntos nas eleições estaduais. As consequências atingiram os adventistas quando autoridades locais prenderam William C. White por abrir a Pacific Press aos domingos.

Embora a Califórnia logo tenha revogado a lei dominical, a ameaça de legislações semelhantes por toda a nação levou os adventistas do sétimo dia a agir. Talvez o passo mais importante tenha sido a fundação, em 1884, da *American Sentinel of Religious Liberty* [Sentinela Norte-Americana da Liberdade Religiosa], hoje conhecida como *Liberty*, para liderar a luta contra as leis dominicais.

O cenário mudou para o estado de Arkansas, em 1885. Entre 1885 e 1887, o estado tinha 21 processos ligados à profanação do domingo. Todos, com exceção de dois, envolviam guardadores do sábado, e as autoridades dispensaram os réus nessas duas exceções sem fiança e suspenderam o caso. Já para os adventistas, a fiança variou entre 110 e 500 dólares, uma multa pesada numa época em que o trabalhador do sexo masculino ganhava cerca de 1 dólar por dia.

Alonzo Jones concluiu: “Não poderia haver demonstração mais clara de que a lei era usada somente como meio de destilar rancor religioso contra uma classe de cidadãos inocentes de qualquer crime, a não ser o de professar uma religião diferente da seguida pela maioria.”

No fim de 1885, a crise das leis dominicais deslocou-se fortemente para o Tennessee, onde as autoridades prenderam vários adventistas no fim dos anos 1880 e início da década de 1890. Alguns, inclusive pastores, ficaram acorrentados em grupo como se fossem criminosos comuns.

A empolgação escatológica dos adventistas se intensificou em 1888, quando o cardeal católico James Gibbons se uniu aos protestantes, endossando uma petição ao Congresso em prol de uma lei federal de observância ao domingo. Os protestantes aceitaram sem hesitar tal ajuda. A publicação *Christian Statesman* [Estadista Cristão] proclamou: “Sempre que eles [os católicos romanos] estiverem dispostos a cooperar na resistência ao progresso do ateísmo político, alegremente lhes daremos as mãos.”

A liberdade religiosa é um dom de valor incalculável. Devemos valorizá-lo e desfrutá-lo enquanto ainda o temos.

Lei Dominical Nacional

Exerce toda a autoridade da primeira besta na sua presença. Faz com que a Terra e os seus habitantes adorem a primeira besta, cuja ferida mortal fora curada. Apocalipse 13:12

O divisor de águas da questão dominical ocorreu em 21 de maio de 1888, quando o senador de New Hampshire, Henry Blair, propôs um projeto de lei para o Senado norte-americano, no sentido de promover a observância o domingo "como dia de culto religioso".

O projeto de lei dominical de Blair para todo o país foi o primeiro do tipo a ser aprovado pelo Congresso desde o início do movimento adventista nos anos 1840. Quatro dias depois, ele submeteu a proposta de uma emenda à constituição dos Estados Unidos para cristianizar o sistema nacional de educação pública.

Os adventistas do sétimo dia não ignoraram a importância profética dos projetos de lei de Blair. A empolgação escatológica em relação ao movimento pró-lei dominical foi um dos fatores que contribuiu para o aumento das tensões no período anterior à Assembleia da Associação Geral de 1888.

A crise escatológica criou uma atmosfera emocional diretamente ligada a duas outras questões que viriam à tona nas reuniões de Mineápolis. A primeira dizia respeito à interpretação das profecias, sobretudo as do livro de Daniel. A segunda colocaria em foco a função da lei de Deus no plano da salvação, com os adventistas debatendo sobre seu papel no livro de Gálatas.

É impossível compreender a exaltação emocional dos participantes das reuniões de 1888, sem levar em conta que os adventistas sentiam já estar enfrentando o fim dos tempos, por causa da crise dominical.

Stephen Haskell escreveu pouco antes do início da sessão que a liberdade

dos guardadores do sábado logo seria retirada e que em breve eles poderiam ser encontrados dando testemunho nos tribunais e nas prisões.

Com isso em mente, não é difícil perceber por que alguns líderes adventistas reagiram de maneira agressiva e emocional quando Jones e Waggoner começaram a questionar a validade de alguns aspectos da interpretação profética e da teologia da lei predominantes na igreja até então. Segundo seu modo de ver, tais questões ameaçavam o cerne da identidade adventista em um momento de grande crise.

A linha entre uma reação equilibrada e exagerada costuma ser bem tênue. Que o Senhor nos ajude a não só discernir a diferença, como também colocar em prática a maneira mais saudável tanto em nossa vida dentro da igreja quanto na esfera particular.

A Polêmica dos Dez Chifres

E eis aqui o quarto animal, [...] era diferente de todos os animais que apareceram antes dele e tinha dez chifres. Daniel 7:7

"Bem", você pode estar pensando, "este não é exatamente o texto ideal para minha meditação diária". Você está certo. No entanto, há uma história por trás dele que abalou o adventismo nos anos 1880. Tudo começou em 1884, quando a Assembleia da Associação Geral pediu a Alonzo Jones que reunisse informações históricas sobre o cumprimento das profecias, incluindo a dos dez chifres de Daniel 7.

Uriah Smith estava mais do que feliz porque Jones tinha tempo para a tarefa, mas sua animação acabou quando o homem mais jovem divergiu dele quanto à identidade de um dos chifres, sugerindo que a lista tradicional estava errada. As coisas pioraram quando Jones publicou suas descobertas em *Signs of the Times*. Smith o rebateu na *Review and Herald,* e o calor da discussão aumentou.

Por que tanto rebuliço por um ponto tão pequeno? Deixemos Smith responder. Conforme ele observou, se mudassem aquilo que havia sido pregado ao longo de 40 anos, as pessoas notariam e diriam: "Ah, então agora vocês descobriram estar enganados em relação àquilo que consideravam um dos pontos mais claros! Então, se lhes dermos tempo suficiente, provavelmente reconhecerão estar enganados quanto a tudo!" Para Smith, com esse golpe, todo o sistema de interpretação profética que incluía a lei federal de guarda ao domingo entraria em colapso.

Jones também discordou sobre a questão dominical, afirmando que "a verdadeira batalha da verdade e pela verdade" ainda não havia começado.

Entretanto, a aprovação da lei dominical mudaria tudo. As crenças adventistas do sétimo dia na crise do tempo do fim se tornariam “o principal tema de discussão. [...] Então, nossos pontos de vista serão notados pelos grandes da Terra. Todos os pontos serão analisados e desafiados. [...] Precisaremos, nesta ocasião [...] apresentar um argumento melhor em defesa de nossa fé do que ‘é assim que pregamos por 40 anos’ ou que o bispo Chandler diz que é dessa maneira”.

Foi a crise dominical que transformou um tópico aparentemente sem importância, a identidade de um dez chifres, em algo explosivo. Para Smith e Butler, não parecia ser uma boa hora ficar emendando em público uma interpretação tão antiga das profecias. Um dos fatos da história adventista é que até mesmo uma *questão pequena* pode abrir espaço para *grandes batalhas* quando as pessoas se inflamam num confronto que não edifica.

Pai, ajuda-nos a obter a perspectiva correta ao lermos Tua Palavra e lidarmos uns com os outros.

A Polêmica da Lei em Gálatas – 1

A Lei foi o nosso tutor até Cristo, para que fôssemos justificados pela fé. Agora, [...] já não estamos mais sob o controle do tutor. Gálatas 3:24, 25, NVI

É mais fácil entender por que essa passagem poderia causar uma verdadeira explosão no meio adventista do que os dez chifres de Daniel 7. Ainda mais, se entendermos que o texto sugere que a lei se tornou desnecessária depois da vinda de Cristo, em vez de compreender que a lei sempre aponta para nossos pecados e, além deles, para o Salvador.

Sem dúvida, Butler e seus amigos temiam a primeira opção. Seria um problema sério se a lei em questão fosse os Dez Mandamentos. Eles contornaram o problema, interpretando que a lei referida em Gálatas é a cerimonial. Logo, compreendiam que a lei cerimonial apontava para Cristo; mas, depois que Ele veio, não necessitamos mais dela.

Então, surgiu Waggoner, em 1884, com o ponto de vista de que a lei mencionada em Gálatas corresponde aos Dez Mandamentos. Os favoráveis a Butler consideraram tal interpretação uma ameaça ao coração da teologia adventista: a continuação da santidade do sábado, com base na lei moral. Por isso, a liderança da igreja via Jones e Waggoner como ameaças a um dos pilares do adventismo.

A igreja defendera a interpretação da lei cerimonial por mais de 30 anos. De acordo com a perspectiva de Butler e Smith, no meio da crise de uma lei dominical, Waggoner vinha com um ensino que minava o próprio fundamento do motivo para guardar o sábado, levando “grande auxílio e conforto” aos inimigos dos adventistas, contrários à lei.

Butler concebia o novo ensino como a “porta de entrada” para um “dilúvio” de mudanças doutrinárias e proféticas que poderiam “acabar entrando” na Igreja Adventista.

Smith partilhava da mesma opinião de Butler. Para ele, “depois da morte do irmão White, a maior calamidade que sobreveio à nossa causa foi quando o Dr. Waggoner publicou seus artigos sobre o livro de Gálatas em *Signs of the Times*”. Caso a denominação mudasse o posicionamento sobre Gálatas, declarou ele sem rodeios: “Podem parar de contar comigo”, pois “não estou preparado para renunciar ao adventismo do sétimo dia”.

Às vezes, o medo impulsiona mais nossa teologia do que uma leitura cuidadosa da Bíblia. Quando isso acontece, reagimos exageradamente e perdemos a habilidade de ler com clareza.

Pai, ajuda-nos a ler Tua Palavra com ambos os olhos abertos e com as emoções em seu devido lugar.

A Polêmica da Lei em Gálatas – 2

Todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus.
Gálatas 3:26

O fato de Ellen White ter recebido uma visão na qual identificara a lei em Gálatas na década de 1850 complicava ainda mais a controvérsia. Butler e Smith afirmavam que ela havia especificado se tratar da lei cerimonial. Ela respondeu que se lembrava da visão, mas não fizera um registro escrito a seu respeito e, por isso, não conseguia recordar o que havia dito. Também afirmou que o assunto deveria ser deixado de lado, pois não era importante. Para ela, tratava-se de um "mero arremedo" de problema. Sua preocupação não era a lei, mas, sim, "apresentar Jesus e Seu amor a meus irmãos, pois vi evidências marcantes de que muitos não têm o espírito de Cristo" (Man. 24, 1888).

Esse discurso enfureceu Butler e Smith, que passaram a acusar Ellen White de mudar de ideia. E subentendiam que nenhum profeta verdadeiro faria algo assim. Portanto, seu dom profético também foi questionado pela liderança da denominação em uma época já tensa.

Entretanto, essa não foi a primeira vez, na década de 1880, que Smith se incomodara com a profetisa adventista. Em 1882, ele se chateou com um testemunho que o culpou por sua forma de tratar Goodloe Harper Bell, no colégio de Battle Creek. Nessa ocasião, concluiu que nem tudo que Ellen White escrevia vinha de Deus. Seu conselho só seria inspirado se ela dissesse "Eu vi". Por isso, a menos que mencionasse "Eu vi", suas cartas, para ele, não passariam de bom conselho. Ou de mau conselho, conforme considerou no caso de Bell.

Na metade dos anos 1880, no calor da controvérsia em torno de Gálatas, Butler se uniu a Smith em sua visão preconceituosa sobre os maus conselhos de

Ellen White.

Ela, é claro, tinha sua opinião: “Se as opiniões pré-concebidas ou as ideias particulares de alguns forem reprovadas pelos testemunhos, eles assumem a tarefa de deixar clara sua posição de discriminar os testemunhos, definindo qual seria o julgamento humano da irmã White e qual seria a palavra do Senhor. Tudo o que confirma suas ideias preferidas seria divino, ao passo que os testemunhos de correção de seus erros seriam humanos – as opiniões da irmã White. Dessa maneira, anulam o conselho de Deus pelas próprias tradições” (Man. 16, 1889).

Ó Deus, protege-nos de nós mesmos.

Sons de Batalha em 1886

Há na terra estrondo de batalha. Jeremias 50:22

Butler estava decidido, no fim de 1886, a resolver os conflitos sobre a lei em Gálatas e os dez chifres de Daniel 7. Primeiro, escreveu uma série de cartas para garantir que Ellen White ficaria do lado dele. Segundo, preparou um "breve comentário" sobre Gálatas, que, na verdade, consistia de um livro de 85 páginas intitulado *The Law in the Book of Galatians* [A Lei no Livro de Gálatas], cujo objetivo era se contrapor à posição de Waggoner.

Terceiro, tentou usar a Assembleia da Associação Geral de 1886 para colocar Jones, Waggoner e seus "falsos ensinos" no devido lugar, fazendo, assim, a denominação retornar para o rumo certo. O presidente da Associação Geral entregou a cada participante um exemplar de seu livro. E o mais importante: organizou uma comissão teológica para resolver, de uma vez por todas, as questões debatidas.

No entanto, as esperanças de Butler sobre elaborar uma declaração dogmática que definisse a verdade sobre os temas controversos, sem deixar espaço para dúvidas, foram frustradas. A comissão de nove membros ficou dividida, cinco contra quatro. Butler relatou: "Tivemos uma argumentação de várias horas, mas nenhum dos lados se convenceu." A dúvida seguinte, notou ele, "foi se deveríamos levar o assunto para a Assembleia e ter um grande embate público a esse respeito." Sendo um político astuto, percebeu que isso lhe causaria mais problemas.

Tanto Butler quanto Ellen White se recordariam da Assembleia da Associação Geral de 1886 como uma "reunião terrível". Ele constatou que foi uma das mais infelizes de que participou, ao passo que ela destacou que "Jesus

estava triste e ofendido na figura de seus santos". Ela se incomodou sobretudo com a "rispidez", o "desrespeito e a falta de amor e simpatia entre os irmãos" (Ct 21, 1888; Man. 21, 1888). A dinâmica das reuniões de Mineápolis já estava pronta.

A maior perda da Assembleia de 1886 foi de Dudley Canright, forte apoiador da posição de Butler sobre a lei. Ao que parece, ele percebeu que a posição tradicional do adventismo era problemática. Reconheceu que Butler e seus amigos "exaltavam a lei acima de Cristo". Contudo, em vez de adotar o ponto de vista de Waggoner, de que os Dez Mandamentos conduziam os seres humanos a Cristo, Canright abandonou tanto o adventismo quanto a lei e se transformou em um dos antagonistas mais agressivos da denominação.

Não há assunto mais importante do que a exaltação de Jesus.

Guia-nos, Senhor, enquanto meditamos, por meio da história do adventismo, sobre o papel de Cristo em nossa vida.

Ellen White Tenta Equilibrar as Coisas

Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a Terra.
Mateus 5:5

Ellen White estava cada vez mais preocupada com a igreja e com os rumos que ela tomava. Por isso, expressou alguns de seus pensamentos e temores em uma carta a Jones e Waggoner, em 18 de fevereiro de 1887. Ela enfatizou: "Corremos o risco de que nossos ministros estejam se demorando demais nas doutrinas e pregando discursos excessivos sobre questões argumentativas, quando a própria alma deles necessita de religiosidade prática. [...] Concentramo-nos muito pouco nas maravilhas da redenção. Necessitamos que tais assuntos sejam apresentados de forma mais completa e contínua. [...] Corremos o risco de que mantenhamos os discursos e os artigos impressos como a oferta de Caim, desprovidos de Cristo" (Ct 37, 1887).

Parte da carta era uma repreensão a Jones e Waggoner por tornarem públicas questões polêmicas numa época de crise, e por certos traços de caráter indesejáveis que demonstravam.

Uma cópia da carta reprovando Jones e Waggoner foi enviada a Butler. Exultante com seu conteúdo, ele a interpretou erroneamente como uma confirmação de sua posição sobre a lei. Em estado de euforia, escreveu para Ellen White que havia aprendido a "amar" os dois jovens, observando que sentia pena deles. "Sempre fico com pena daqueles que sofrem tamanho desapontamento." Apesar da "pena", Butler alegremente publicou um artigo agressivo na *Review* de 22 de março, promovendo sua opinião sobre os dois tipos de lei.

Para usar um termo bem brando, Ellen White ficou chateada com Butler pelo

uso de sua carta a Jones e Waggoner. Em 5 de abril de 1887, ela disparou uma epístola para Butler e Smith, alegando que a única razão para ter enviado uma cópia de sua carta aos dois homens mais jovens era que eles precisavam ter a mesma cautela ao levar dissensões a público. No entanto, o fato de Butler ter reaberto a batalha publicamente foi apenas mais uma oportunidade para Waggoner contra-argumentar.

À medida que Ellen White começou a entender o caso com mais clareza, ficou mais enérgica em relação aos métodos arbitrários da liderança da Associação Geral. “Precisamos trabalhar como cristãos”, escreveu. Sempre se voltando para as verdades bíblicas, declarou: “Nosso desejo deve ser ficar cheios da plenitude de Deus, além de ter a mansidão e a humildade de Cristo” (Ct 13, 1887).

Tais posturas continuam a ser necessárias para nós.

Senhor, ajuda-nos a ter Tua humildade e Teu espírito, mesmo em tempos de controvérsia teológica.

O Espírito dos Fariseus

Honroso é para o homem o desviar-se de contendas.
Provérbios 20:3

Ellen White “discerniu, desde o início do encontro [em Mineápolis], um espírito que a perturbou”, uma atitude que ela nunca vira antes entre os colegas de liderança e pastores. Ela se sentiu incomodada porque era algo “tão diferente do espírito de Jesus, tão contrário ao espírito que deve ser exercido uns para com os outros” (Man. 24, 1888), que ela viria a chamar essa hostilidade de “espírito de Mineápolis” ou “espírito dos fariseus”. A compreensão da atitude exibida em Mineápolis é essencial para compreendermos a dinâmica das reuniões de 1888 e o futuro da história adventista.

Uma descrição completa do espírito de Mineápolis, conforme o retrato feito por Ellen White, teria as características mencionadas a seguir. Primeiro, demonstrava sarcasmo e zombaria em relação aos defensores da reforma da denominação. Alguns, por exemplo, se referiam a Waggoner como o “capacho da irmã White”. Segundo, levava à crítica. Terceiro, muitos manifestavam suspeitas maldosas, ódio e inveja. Quarto, despertava “sentimentos” e atitudes “mordazes”. Quinto, aqueles que o possuíam estavam “embriagados com o espírito de resistência” à voz do Espírito. Sexto, induzia os participantes a falar de maneira calculada para inflamar uns contra os outros a respeito daqueles que defendiam posições doutrinárias contrárias. Sétimo, fomentava contendas e debates doutrinários, em vez de o espírito de Jesus. Oitavo, gerava uma atitude de “jogar com palavras” e “preocupar-se com minúcias” nas discussões doutrinárias. Em suma, o espírito manifesto era “descortês, deselegante e nada cristão”.

Um dos aspectos que mais se destaca no espírito de Mineápolis é que ele resultou do desejo de proteger os antigos “marcos” doutrinários adventistas. Ellen White lastimou o fato de que “uma diferença na aplicação de algumas passagens bíblicas faça os homens esquecerem seus princípios religiosos” (Man. 30, 1889). Ela declarou: “Deus me livre das ideias de vocês [...] se recebê-las me tornar tão não cristã em espírito, palavras e obras” (Man. 55, 1890).

A tragédia de Mineápolis foi que, na tentativa de preservar a pureza doutrinária e as interpretações tradicionais das Escrituras, a liderança de Battle Creek perdeu todo seu cristianismo.

Senhor, salva-nos do espírito dos fariseus. Enche-nos do espírito de Jesus em tudo aquilo que tivermos para fazer hoje.

A Maior Necessidade do Adventismo

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos. Mateus 5:6

"O reavivamento da verdadeira piedade entre nós", escreveu Ellen White em 1887, "é a maior e mais urgente de todas as nossas necessidades. Buscá-lo deve ser nossa primeira ocupação". Contudo, observou ela, muitos adventistas não estavam preparados para receber a bênção de Deus, e muitos ainda precisavam se converter. "Não há nada que Satanás tema mais, do que a limpeza do caminho do povo de Deus, por meio da remoção de todos os obstáculos, para que o Senhor derrame Seu Espírito sobre uma igreja abatida e uma congregação impenitente" (RH, 22 de março de 1887).

No fim dos anos 1880, Ellen White estava profundamente preocupada com a condição do adventismo. Tantos líderes e membros tinham uma teoria para a verdade, mas não viviam de acordo com ela.

Tal preocupação não era algo novo em seus escritos. Em 1879, ela escreveu: "Bom seria passar cada dia uma hora de reflexão, recapitulando a vida de Jesus da manjedoura ao Calvário. [...] Contemplando assim Seus ensinos e sofrimentos, e o infinito sacrifício por Ele feito para redenção da raça humana, podemos revigorar fé, vivificar nosso amor e imbuir-nos mais profundamente do espírito que sustinha nosso Salvador. Caso queiramos afinal ser salvos, todos nós devemos aprender, junto à cruz, a lição de penitência e fé." Ela prosseguiu dizendo que ansiava "ver nossos pastores se demorarem mais na cruz de Cristo" (T4, p. 374, 375).

A mesma ênfase foi dada durante a Assembleia da Associação Geral de 1883, na qual a Ellen White disse aos ministros reunidos: "Temos de aprender na

escola de Cristo. Coisa alguma senão a Sua justiça pode dar-nos direito a uma única das bênçãos do concerto da graça. Por muito tempo desejamos e procuramos obter essas bênçãos, mas não as recebemos porque temos acariciado a ideia de que poderíamos fazer alguma coisa para nos tornar dignos delas. Não temos olhado para fora de nós mesmos, crendo que Jesus é um Salvador vivo" (ME1, p. 351).

Mais uma vez, às vésperas do encontro em Mineápolis, ela escreveu: "a ênfase de nossa mensagem deve ser a missão e a vida de Jesus" (RH, 11 de setembro de 1888).

A maior carência do adventismo nos anos 1880 era de Jesus e Seu amor. Essa ainda é nossa principal deficiência.

Identificando o Problema

Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade. 2 Timóteo 2:15

Em 5 de agosto de 1888, dois meses antes do início das reuniões da Conferência Geral, Ellen White escreveu uma carta poderosa para os “Caros Irmãos que Se reunirão na Conferência Geral”, colocando o dedo na ferida dos problemas no coração do impasse teológico. Leia a seguir com atenção suas preocupações e os temas que abordou.

“Com a mente humilde e o espírito de Cristo, examinem as Escrituras com cuidado para descobrir qual é a verdade. A verdade em nada perde com a investigação minuciosa. Que a Palavra de Deus fale por si só, que seja a própria intérprete. [...]

“Há uma preguiça surpreendente em grande parte de nossa classe de pastores que estão dispostos a deixar outros [isto é, Smith e Butler] examinar as Escrituras por eles; e tomam a verdade dos lábios deles como algo inquestionável, sem saber se é a verdade bíblica pela própria pesquisa individual e pela profunda convicção do Espírito de Deus em seu coração e em sua mente. [...]

“Nosso povo precisa compreender as verdades bíblicas de forma mais completa e pessoal, pois certamente será chamado perante concílios; será criticado por mentes aguçadas e críticas. Uma coisa é assentir com a verdade e outra bem diferente é conhecê-la por meio do exame apurado como estudantes da Bíblia. [...]

“Muitos se perderão porque não estudaram as Escrituras de joelhos, em

oração fervorosa a Deus para que a absorção da Palavra forneça luz a seu entendimento. [...]

“Um dos maiores impedimentos ao sucesso espiritual é a grande falta de amor e respeito evidenciados uns pelos outros. [...] É obra do inimigo criar um espírito partidário e nutrir sentimentos de separação, mas alguns acham que estão fazendo a obra do Senhor ao fortalecer o preconceito e a inveja entre os irmãos. [...]

“A Palavra de Deus é a grande detectora de erros; acreditamos que os equívocos devem ser levados a ela. A Bíblia deve ser o padrão para todas as doutrinas e práticas. Precisamos estudá-la com reverência. Não devemos aceitar a opinião de ninguém sem antes compará-la com as Escrituras. Nela se encontra a autoridade divina, a qual é suprema em questões de fé” (Ct 20, 1888).

Em tais pensamentos, podemos encontrar o rumo para seguir em nossa marcha hoje.

A “Conspiração da Califórnia”

Jesus, sabendo o que eles estavam pensando, perguntou:
Por que vocês estão pensando assim? Lucas 5:22, NVI

Pensar *pode* ser bom; mas nem sempre. Sobretudo, quando o pensamento é alimentado por teorias conspiratórias.

Foi esse tipo de pensamento que tomou conta de George Butler e de seus amigos às vésperas da Assembleia da Associação Geral de 1888. O fósforo que pôs fogo na conspiração foi uma carta enviada no fim de setembro por William Healey, um pastor da Califórnia, para Butler, sugerindo que os líderes da igreja no Oeste (Jones, Waggoner, William e Ellen White) haviam elaborado um esquema para modificar a teologia da denominação.

Ao que tudo indica, antes da chegada da carta de Healey, Butler estava emocionalmente estável. Ele não gostava do fato de pontos controversos em Daniel e Gálatas virem à tona, mas as cartas de William e Ellen White enviadas em agosto o haviam convencido da necessidade de permitir que isso acontecesse.

No entanto, o presidente da Associação Geral, já tenso, sentiu-se arrasado ao receber a notícia do que parecia ser uma conspiração organizada poucos dias antes do início das reuniões em Mineápolis. De repente, os acontecimentos dos dois anos anteriores começaram a fazer sentido para ele. O motivo para os White terem pressionado tanto para que a nova teologia de Jones e Waggoner fosse ouvida é que eles estavam todos juntos nessa empreitada. Com certeza, concluiu Butler, tratava-se de uma conspiração das mais perigosas e de uma ameaça às crenças adventistas, as quais já haviam passado pelo teste do tempo.

Tal raciocínio levou Butler a uma correria frenética de última hora para organizar suas forças a fim de resistir àquilo que ele considerava uma coalizão

do Oeste, enviando uma série de telegramas e cartas para os delegados, advertindo-os da conspiração e apelando para que “defendessem os marcos antigos”.

Enquanto isso, os White, Waggoner e Jones, bem como os outros delegados da Califórnia, permaneciam na ignorância quanto ao fato de serem vistos como conspiradores, pelo grupo de Battle Creek. Conforme expressou William C. White, ele era “inocente como um cordeiro” acerca daquele desentendimento e isso logo levou a delegação da Califórnia a cair nas mãos dos defensores da teoria da conspiração.

Pensar com sensatez já é difícil, mas quando o raciocínio está manchado com teorias conspiratórias, a tarefa se torna emocionalmente impossível. Precisamos tomar cuidado com esse tipo de pensamento e pedir, em oração, a graça de Deus para nos livrar dele.

Um Líder Confuso

Pois, onde há inveja e egoísmo, há também confusão e todo tipo de coisas más. Tiago 3:16, NTLH

Que *confusão*! Essa é a palavra que caracteriza a mente do presidente George Butler, às vésperas da Assembleia da Associação Geral, em 1888. Influenciado pelos pensamentos da "conspiração da Califórnia", disparou uma carta datilografada de 42 páginas para Ellen White em 1º de outubro, poucos dias antes do início das reuniões, a qual, na melhor das hipóteses, revela um estado de grande confusão mental.

Butler culpou Ellen White pela "exaustão nervosa" que ele estava sofrendo e pelo fato de sua "força cerebral haver esmorecido". Ele afirmou que deveria "abdicar de todas as posições de responsabilidade na causa", dizendo que White era o motivo de sua "condição atual mais do que qualquer outra coisa".

O presidente estava especialmente inflamado em relação à mudança de opinião da Sra. White quanto à natureza da lei de Gálatas. Ele estava, para dizer o mínimo, obcecado com o assunto.

Escreveu: "A abertura dessa questão, como tem acontecido na costa do Pacífico ao longo dos últimos quatro anos, se encontra repleta de mal e somente de mal. Creio firmemente que será motivo de inquietação da mente de muitos dentre nosso povo, despedaçando sua fé na obra como uma unidade. Almas se perderão e desistirão da verdade por causa disso, e haverá uma grande porta aberta para outras inovações entrarem e minarem nossas antigas posições de fé.

"O modo como o assunto tem sido tratado tende a destruir a confiança de nosso povo nos testemunhos. E creio que toda essa questão ajudará ainda mais a minar a confiança em sua obra do que qualquer coisa que já aconteceu até aqui,

desde o início desta causa. [...] Abalará a fé de muitos dos nossos líderes obreiros nos testemunhos.”

Ele prosseguiu culpando William C. White por boa parte do problema e afirmou que Jones e Waggoner precisavam ser “repreendidos em público”.

Butler acreditava que ele havia sido “ferido na casa de amigos seus”. Com a mente e o coração quebrantados, não compareceu à Assembleia de 1888. E tudo isso, por uma questão que Ellen White lhe dissera não ter importância.

Esses são os fatos. Podemos ficar chocados com Butler, mas quantos de nós nos agitamos por causa de dificuldades teológicas, até nos encontrarmos em um estado semelhante de enfermidade mental e espiritual! Que Deus nos dê a graça de não nos prendermos a minúcias, mas, em vez disso, nos concentrarmos nos grandes temas centrais das Escrituras.

A Mensagem de 1888 – 1

E Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a Mim mesmo. João 12:32

Ouvimos muito falar, em nossos dias, sobre a mensagem de 1888. Entretanto, qual é o conteúdo dela? Talvez a melhor síntese se encontre numa carta que Ellen White escreveu alguns anos depois das reuniões de Mineápolis. Leia e ouça com os ouvidos do coração:

"Em Sua grande misericórdia, enviou o Senhor preciosa mensagem a Seu povo por intermédio dos pastores Waggoner e Jones. Esta mensagem devia pôr de maneira mais preeminente diante do mundo o *Salvador crucificado,* o *sacrifício* pelos pecados de todo o mundo. Apresentava a justificação pela fé no Fiador; convidava o povo para receber a justiça de Cristo, que se manifesta na obediência a todos os mandamentos de Deus. *Muitos perderam Jesus de vista.* Deviam ter tido o olhar fixo em Sua *divina pessoa*, em Seus méritos e em Seu imutável amor pela família humana. Todo o poder foi entregue em Suas mãos, para que Ele pudesse dar ricos dons aos homens, transmitindo o inestimável *dom* de Sua *justiça* ao impotente ser humano. *Esta é a mensagem que Deus manda proclamar ao mundo.* É a terceira mensagem angélica que deve ser proclamada com alto clamor e regada com o derramamento de Seu Espírito Santo em grande medida.

"O *Salvador crucificado* deve aparecer em Sua eficaz obra como o Cordeiro sacrificado, sentado no trono, para dispensar as inestimáveis bênçãos do concerto, os benefícios que Sua morte concederia a *cada alma que nEle cresse*. João não podia exprimir em palavras esse amor; era profundo e amplo demais; ele apela à família humana para que o contemple. Cristo intercede pela igreja nas

cortes celestiais, lá em cima, rogando por aqueles por quem pagou o preço da redenção – Seu sangue. Os séculos, o tempo, nunca poderão diminuir a eficácia de Seu sacrifício expiatório" (TM, p. 91, 92, itálico acrescentado). Que mensagem!

Os adventistas exaltavam o sábado, o santuário, o estado dos mortos, o segundo advento, mas não exaltavam o suficiente a única Pessoa que dava sentido a todas essas coisas.

Ellen White se uniu a Jones e Waggoner no chamado para que o adventismo mudasse de foco. Você mudou? Se não, por quê?

A Mensagem de 1888 – 2

Sendo justificados gratuitamente, por Sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus. Romanos 3:24

Continuamos de onde paramos ontem, na declaração que, sem dúvida, resume melhor a importância da mensagem de Jones e Waggoner em 1888:

"A mensagem do evangelho de Sua graça devia ser dada à igreja em linhas claras e distintas, *para que não mais o mundo dissesse que os adventistas do sétimo dia falam na lei, mas não ensinam a Cristo nem nEle creem.*

"A eficácia do sangue de Cristo devia ser apresentada ao povo com vigor e poder, para que sua fé se pudesse apropriar de Seus méritos. Como o sumo sacerdote espargia o sangue quente sobre o propiciatório, enquanto a fragrante nuvem de incenso ascendia diante de Deus, assim, ao confessarmos os nossos pecados, e rogarmos a eficácia do sangue expiador de Cristo, devem as nossas orações ascender ao Céu com a fragrância dos méritos do caráter de nosso Salvador. Não obstante nosso demérito, devemos ter sempre em mente que *há Um que pode tirar o pecado e salvar o pecador*. Todo o pecado reconhecido diante de Deus com um coração contrito, Ele removerá. *Tal fé é a vida da igreja*. [...]

"A menos que torne a ocupação de sua vida contemplar o Salvador levantado, e pela fé aceite os méritos que é seu privilégio suplicar, não mais poderá o pecador ser salvo do que podia Pedro andar sobre as águas, a não ser que conservasse os olhos bem fixados em Jesus. Ora, é o propósito determinado de Satanás eclipsar a visão de Jesus e levar os homens a olhar para o homem, a no homem confiar, e serem educados a esperar auxílio do homem. Por anos tem estado a igreja olhando para o homem, e dele muito esperando, mas *sem olhar*

para Jesus, em quem Se centraliza nossa esperança de vida eterna. Portanto, Deus deu a Seus servos um testemunho que apresentava a *verdade como esta é em Jesus*, e que é a terceira mensagem angélica, em linhas claras e distintas. [...] Este é o testemunho que deve ir por toda a largura e extensão do mundo. Apresenta a lei e o evangelho, unindo os dois num todo perfeito" (TM, p. 92-94, itálico acrescentado).

O pensamento impressionante da mensagem de 1888 era exaltar a Jesus. É impossível exagerar nesse ato. Exalte-O hoje no trabalho, na família, nos esportes, em tudo. Que Ele verdadeiramente seja o Salvador e Senhor de sua vida.

A Mensagem de 1888 – 3

Nisto conhecerão todos que sois Meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros. João 13:35

Nos últimos dois dias, examinamos o cerne da mensagem de 1888 com base em uma carta escrita em 1895. Hoje analisaremos um registro do diário de Ellen White, de fevereiro de 1891:

“Muitos de nossos ministros só fazem sermões, apresentando os assuntos de maneira argumentativa, quase sem mencionar o poder salvador do Redentor. Por nunca terem tomado do Pão vivo do Céu, seu testemunho carece de substância e do sangue salvífico de Jesus Cristo, que purifica de todo pecado. A oferta deles parece a de Caim. [...]

“Por que Ele não é apresentado ao povo como o Pão vivo? Porque não mora no coração de muitos que pensam ser seu dever pregar a lei. [...] A igreja está faminta do Pão da vida.

“Dentre todos os que se professam cristãos, os adventistas do sétimo dia deveriam ser os primeiros a exaltar Cristo diante do mundo. [...] A lei e o evangelho, unidos, convencem do pecado. Embora a lei de Deus condene o pecado, ela aponta para o evangelho, revelando Jesus Cristo. [...] Em nenhum discurso devem [a lei e o evangelho] ser separados. [...]

“Por que, então, manifesta-se dentro da igreja tamanha falta de amor [...]? É porque Cristo não é apresentado constantemente ao povo. Seus atributos de caráter não são levados para a vida prática. [...]

“Há o perigo de apresentar a verdade de tal modo que o intelecto é exaltado, deixando a alma dos ouvintes insaciada. É possível apresentar uma teoria correta

da verdade, sem manifestar o calor da afeição que o Deus da verdade requer. [...]

“A religião de muitos se parece com um pedaço de gelo – frio e congelante. [...] Tais pessoas não conseguem tocar o coração dos outros, uma vez que o próprio coração não transborda com o amor bendito que flui do coração de Cristo. Há outros que falam da religião como algo que depende da vontade. Demoram-se no severo dever como se fosse um mestre a governar com cetro de ferro – um mestre rígido, inflexível, todo-poderoso, desprovido do terno e doce amor e da bondosa compaixão de Cristo” (Man. 21, 1891).

Ajuda-nos, Pai, a compreender o sentido do evangelho e o que ele deve operar em nossa vida. Amém.

Na Conferência Geral – 1

Um irmão ofendido é mais inacessível do que uma cidade fortificada, e as discussões são como as portas trancadas de uma cidadela. Provérbios 18:19, NVI

Nem todas as reuniões da igreja são igualmente agradáveis. Infelizmente, o encontro em Mineápolis caiu no lado negativo desse espectro. O jornal de Mineápolis, em 13 de outubro, alardeou que os adventistas eram “um povo peculiar, que guarda o sábado como se fosse o domingo reverencia os profetas e crê que o fim do mundo está próximo”.

Em 19 de outubro, o jornal relatou que os adventistas “abordam problemas difíceis de teologia com o mesmo ímpeto que um homem enérgico usaria para cortar uma pilha de lenha”. A publicação poderia ter acrescentado que eles, em seu debate teológico, usavam a mesma “delicadeza” de alguém cortando lenha. O espírito agressivo que foi demonstrado era justamente o que Ellen White temia acontecer.

A Assembleia da Associação Geral se reuniu na recém-construída igreja de Mineápolis, entre os dias 17 de outubro e 4 de novembro. Uma semana antes, um concílio pastoral havia ocorrido. Embora os itens administrativos tenham se restringido à assembleia maior, os debates teológicos se estenderam aos dois eventos. Waggoner observou, no fim da sessão, que os três principais itens teológicos da agenda haviam sido os dez reinos de Daniel 7, o papado e a proposta de lei dominical, e “as várias relações entre lei e evangelho, sob o tema geral da justificação pela fé”.

Desses três, o único que não dividiu a liderança adventista em Mineápolis foi a questão da liberdade religiosa. Todos concordavam que o projeto de lei

dominical para todo o país representava um sinal terrível da história profética, ligado a Apocalipse 13 e 14. O resultado foi que ninguém questionou os sermões de Alonzo Jones sobre liberdade religiosa.

A assembleia votou três ações ligadas à questão dominical: publicar os sermões de Jones sobre o assunto, custeá-lo em uma viagem para divulgar o tópico e nomeá-lo líder de uma delegação de três pessoas que testemunhariam diante de uma comissão do Senado dos Estados Unidos.

Portanto, no fim da assembleia, Jones estava a caminho de se tornar um defensor da liberdade religiosa em tempo integral, posição na qual daria algumas de suas contribuições mais importantes à Igreja Adventista.

Pai, enche-nos de Teu Espírito, sobretudo em tempos difíceis, para aprendermos a trabalhar juntos de maneira mais eficaz.

Na Conferência Geral – 2

Assim, a Lei foi o nosso tutor até Cristo, para que fôssemos justificados pela fé. Gálatas 3:24, NVI

O debate sobre os dez chifres de Daniel 7 em Mineápolis não lançou muita luz teológica sobre o assunto. Sua principal contribuição foi o aumento da tensão, quando Smith disse que a mera discussão do tema era “completamente desnecessária” e equivalia a “rasgar em pedaços uma antiga verdade”. Jones alegou que não deveria ser responsabilizado pela ignorância de Smith em relação a determinados temas, ao que Ellen White respondeu: “Não seja tão mordaz, irmão Jones, não seja tão mordaz.”

Em contrapartida, ocorreu avanço teológico genuíno na área da justificação pela fé. Um dos fatos interessantes das reuniões de 1888 foi que, embora os lados opostos tenham começado com ênfase na questão da lei em Gálatas, o principal resultado do debate foi uma nova ênfase na justificação pela fé. Para muitos, é um mistério como isso aconteceu.

Waggoner deve receber o crédito pelo novo rumo que a discussão tomou. Ele fez a escolha estratégica de não só debater a lei em Gálatas, mas também suscitar o tema mais amplo da salvação em termos de lei e evangelho, para depois abordar a epístola dentro desse contexto.

Portanto, mesmo tendo feito pelo menos nove discursos sobre a lei e o evangelho, os cinco ou seis primeiros enfocaram a justificação pela fé. Só depois é que ele tratou mais especificamente de Gálatas. Isso colocou a controvérsia sobre Gálatas em segundo plano, trazendo o tema da salvação para a frente do debate.

De acordo com a teologia de Waggoner, a lei encontrada nos Dez

Mandamentos nos leva “para Cristo, *a fim de sermos justificados pela fé*”. Ellen White o apoiava nesse ponto. Ela disse aos delegados: “Veja a beleza da verdade na apresentação da justiça de Cristo em relação à lei, como nos expôs o doutor. [...] [Ela] harmoniza perfeitamente com a luz que Deus aprouve me dar durante todos meus anos de experiência” (Man. 15, 1888).

Waggoner construiu uma ponte entre a lei e o evangelho, esclarecendo a função evangélica dos Dez Mandamentos. A lei continua a desempenhar a mesma função em nossa vida. Além de elevar o ideal de Deus, leva os indivíduos que dEle se afastaram a buscar perdão e justificação em Cristo.

Apelos à Autoridade Humana – 1

Pois que diz a Escritura? Romanos 4:3

O que a Bíblia tem a dizer sobre esse assunto? Essa foi a pergunta de Paulo enquanto refletia sobre a justificação pela fé no livro de Romanos. Essa também foi a pergunta dos primeiros adventistas guardadores do sábado. Eles eram um povo radicalmente comprometido com a Bíblia, que se recusava a usar a tradição, a autoridade da igreja, o conhecimento acadêmico ou qualquer outra forma de autoridade religiosa para responder a suas inquietações teológicas. Eram o povo da Bíblia.

As coisas haviam mudado entre a liderança adventista do fim dos anos 1880. Na era de Mineápolis, eles tentaram usar pelo menos quatro formas de autoridade humana para resolver as controvérsias teológicas que assolavam a igreja.

A primeira estava ligada às posições de autoridade. Butler, com sua vontade férrea, achava-se particularmente suscetível a essa abordagem. Seu conceito de que os líderes tinham uma "visão mais clara" e uma posição mais importante que a de seus seguidores o predispunha a abusos de autoridade. Ellen White o repreendeu em outubro de 1888 por favorecer aqueles que concordavam com ele, ao passo que via com suspeita os que "não se sentiam obrigados a aceitar suas impressões e as ideias de seres humanos, [agindo] somente como eles agem, [falando] só como eles falam, [pensando] apenas como eles pensam, transformando-se, na verdade, em menos do que máquinas" (Ct 21, 1888).

A abordagem do presidente da Associação Geral ao incentivar os adventistas "a esperar que um homem pense por eles e lhes sirva de consciência" havia, aos olhos da Sra. White, criado muitos indivíduos inseguros que eram "incapazes de

se manter firmes na posição do dever” (Ct 14, 1891).

Discordando da posição autoritária em questões bíblicas e doutrinárias, Ellen White destacou, em dezembro de 1888: “não devemos considerar que o pastor Butler ou o pastor Smith são os guardiães das doutrinas adventistas do sétimo dia e que ninguém pode ousar exprimir uma ideia diferente da deles. Meu apelo tem sido: *estudem as Escrituras por si mesmos*. [...] *Nenhum ser humano deve servir de autoridade para nós*” (Ct 7, 1888; itálico acrescentado).

É assim que deve ser. A Palavra de Deus, encontrada na Bíblia, é a autoridade de todo cristão. Era dessa forma em 1888 e continua a ser hoje. Com isso em mente, como fez o apóstolo Paulo, precisamos iniciar cada dia com a pergunta: “Que diz a Escritura?”

Setembro

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

Apelos à Autoridade Humana – 2

Não só de pão viverá o homem, mas de tudo o que procede da boca do Senhor. Deuteronômio 8:3

Embora todos concordemos que a Bíblia é importante, como é difícil tentar resolver nossas dificuldades teológicas sem citar a opinião de “especialistas”! Tanto Uriah Smith quanto George Butler fizeram apelos a essa fonte de autoridade em 1888. Conquanto a maioria dos pastores adventistas concordasse com a liderança, o elemento de reforma dentro do adventismo levantou um coro de objeções.

E. J. Waggoner demonstrava bastante lucidez nesse aspecto. Quando Butler usou a opinião de um especialista para resolver a questão de Gálatas, o mais jovem o refutou usando seu ponto mais vulnerável. “De nada me importa”, argumentou Waggoner, “o que diz o homem. Quero saber o que Deus diz. Não ensinamos palavras de seres humanos como doutrinas, mas a Palavra do Senhor. Tenho certeza de que você não citaria Greenfield caso fosse capaz de encontrar um argumento nas Escrituras”.

Caso os adventistas começassem a depender da opinião de autoridades, declarou Waggoner: “Poderíamos muito bem nos tornar papistas, pois a essência do papado é reduzir a fé à opinião de um homem.” Os adventistas do sétimo dia “devem ser protestantes de fato, testando todas as coisas somente à luz da Bíblia”.

Além da tentação de recorrer a autores do cristianismo em geral para apoiar diversas posições, eles também contavam com os próprios escritores de peso.

William C. White observou que alguns ministros adventistas atribuíam “igual importância às citações das Escrituras e aos comentários do pastor Smith”

porque Ellen White havia elogiado o livro *Daniel and the Revelation* [Daniel e o Apocalipse]. Afinal, argumentavam alguns pastores, ela não dissera que Smith "teve a ajuda de anjos do céu em sua obra"?

Essa é uma lição interessante da história adventista. Muitas vezes, as pessoas argumentam em favor da aceitação da autoridade de alguém porque Ellen White recomendou seus escritos ou disse que o indivíduo tinha a verdade.

Essa não era a posição dos reformadores de Mineápolis, nem da própria Ellen White. Todos eles diriam que, a despeito do tanto de verdade que alguém possuísse, só seria possível confirmar algum de seus ensinos em particular depois de ir à Bíblia e examinar o tema por completo.

Tal conselho continua a ser excelente. Ou, como eu gosto de dizer, o décimo primeiro mandamento é: "Nunca confiarás em um teólogo." Todas as ideias precisam ser verificadas nas Escrituras.

Apelos à Autoridade Humana – 3

Vocês negligenciam os mandamentos de Deus e se apegam às tradições dos homens. Marcos 7:8, NVI

O terceiro uso inválido da autoridade humana durante a era de 1888 estava ligado a recorrer à tradição adventista para resolver uma questão. Repetidas vezes, tanto Smith quanto Butler usaram o argumento de que a posição adventista sobre Gálatas e Daniel era a mesma havia 40 anos e, por isso, não deveria ser mudada. Smith chegou a ponto de afirmar que, se os pontos de vista tradicionais estivessem errados, ele seria forçado a renunciar ao adventismo.

Ellet J. Waggoner e Alonzo T. Jones rejeitavam o apelo à tradição adventista. Joseph H. Waggoner apoiava o filho. Ele escreveu: “Há muito acredito que há um erro grave a crescer entre nós, a saber, considerar que a denominação deve se apegar a um ponto de vista porque foi exposto por um indivíduo ou até mesmo por uma editora, pelo simples fato de ter sido publicado por eles. [...] A exposição das Escrituras não pode depender” da autoridade da tradição. “Ela só pode ser resolvida por meio da investigação ponderada, do raciocínio justo e todos devem ter direitos iguais de expressar a própria opinião”.

Como de costume, Ellen White estava ao lado dos reformadores. Advertiu: “Como povo, certamente corremos grande risco se não vigiarmos a todo tempo ou se considerarmos que nossas ideias, por serem há muito defendidas, consistem em doutrinas bíblicas infalíveis em cada um de seus pontos, medindo a todos pela regra de nossa interpretação da verdade das Escrituras. Esse é nosso perigo e seria o maior dos males que poderia nos acometer como povo” (Man. 37, 1890).

A tradição é um assunto interessante. Até mesmo os adventistas mais puristas

conseguem perceber que outros cristãos estão errados ao dependerem de suas tradições. Afinal, em alguns casos, tais tradições são claramente equivocadas. Por isso, afirmamos, eles devem buscar a Bíblia.

Entretanto, a *tradição adventista* costuma ser avaliada de modo um pouco diferente. Os pioneiros, nos diz a lógica, não tinham a verdade?

Sim, podemos responder, mas não era toda a verdade livre de qualquer traço de erro. O único teste genuíno da tradição ou de qualquer outra fonte de autoridade é comparar o ensino com a posição bíblica a respeito do assunto.

Em suma, a tradição adventista não é, em si, melhor do que a tradição de qualquer outro grupo religioso. É sempre à Bíblia que devemos apelar.

Apelos à Autoridade Humana – 4

Foi que me senti obrigado a corresponder-me convosco, exortando-vos a batalhardes, diligentemente, pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos. Judas 3

Batalhar pela fé não era uma das carências dos líderes adventistas dos anos 1880. O problema deles não era batalhar, mas fazê-lo da forma correta.

A última categoria de autoridade humana usada pelo grupo de Smith e Butler em sua tentativa de preservar o adventismo tradicional foi a iniciativa de votar uma declaração em forma de credo que cimentaria a teologia pré-1888, impedindo que fosse alterada no futuro.

A liderança da Associação Geral havia tentado votar uma declaração como essa na Assembleia de 1886, mas falhou quando não conseguiu o consenso da comissão teológica do lado considerado certo em relação a Gálatas e Daniel 7.

Um dos problemas dos credos é a tendência de colocar assuntos marginais de interesse da época ao lado das doutrinas fundamentais da Bíblia, no papel de marcos da fé. Depois de estabelecidos em forma de credo, é quase impossível contrariá-los no futuro, uma vez que as pessoas interpretam qualquer mudança como a destruição da fé mantida pelos antigos.

Nas reuniões de Mineápolis, houve a tentativa de fazer resoluções em forma de credo tanto no tocante aos dez chifres quanto à lei em Gálatas. Por exemplo, em 17 de outubro, G. B. Starr propôs um voto sobre os dez chifres. “Eu gostaria”, disse ele, “de definir de uma vez por todas esta questão para que não volte a ser debatida”. O auditório respondeu com “brados de ‘amém, amém’”.

Contudo, Waggoner e os White conseguiram resistir a essa medida. Ellen escreveu que ela e “Willie [...] precisaram vigiar todos os pontos, para que não

fossem feitos votos, nem passassem resoluções que seriam prejudiciais à obra futura” (Ct 82, 1888).

Em 1892, ela declarou: “A igreja pode aprovar resolução após resolução para extinguir as discordâncias de opiniões, mas não podemos forçar a mente e a vontade, acabando assim com os desacordos. Tais resoluções podem até esconder a discórdia, mas não a eliminam, nem estabelecem concordância perfeita.” Por isso, ela sugeriu que certa “tolerância cristã” da variação de crenças era necessária. Em contrapartida, “as grandes verdades da Palavra de Deus são expressas com tanta clareza que ninguém precisa errar em sua compreensão”. O problema acontece com aqueles que transformam “meras elevações [...] em montanhas e [...] criam barreiras entre os irmãos” (Man. 24, 1892).

Pai, ajuda-nos a não ser especialistas em detalhes sem importância.

Apelos a Ellen White – 1

Pois toda carne é como a erva, e toda a sua glória, como a flor da erva; seca-se a erva, e cai a sua flor; a palavra do Senhor, porém, permanece eternamente. 1 Pedro 1:24, 25

Os líderes da Associação Geral haviam falhado na tentativa de resolver, por meio da autoridade humana, as questões teológicas que a igreja enfrentava. Entretanto, eles achavam que um "testemunho" de Ellen White sobre as questões controversas seria ainda melhor. Afinal, seus escritos não provinham de Deus?

Butler, em particular, estava bastante empolgado com a possibilidade desse tipo de decisão. Entre junho de 1886 e outubro de 1888, ele escreveu uma série de cartas que revelam uma pressão cada vez maior para que Ellen White interpretasse definitivamente a questão da lei em Gálatas. Caso houvesse conseguido, poderia escrever um livro chamado *Como Pressionar um Profeta*.

Usando a psicologia positiva, começou a pedir uma resposta de forma branda. Em 20 de junho de 1886, escreveu reclamando que os ensinos de Jones e Waggoner não estavam em harmonia com o ensino tradicional adventista.

Então Butler passou a apelar, discretamente incitando-a a dar a resposta adequada: "Anos atrás, ouvi que você recebeu luz sobre a lei adicionada, no sentido de estar ligada ao sistema típico, não à lei moral. Acho que, de alguma forma, essa questão deve ser esclarecida. Seria uma grande decepção para muitos de nossos irmãos da liderança serem obrigados a ver o ensino generalizado da ideia de que a lei adicionada [...] corresponde à própria lei moral."

Em 23 de agosto, o presidente da Associação Geral foi um pouco mais aberto quanto ao assunto. Depois de observar que a questão estava criando

controvérsia, foi bem específico ao dizer que, nos anos 1850, a liderança adventista havia adotado a interpretação da lei cerimonial. Ele sugeriu que escreveria um tratado sobre o assunto. Por fim, deu a entender que sabia muito pouco sobre qual era a opinião dela, dando à Sra. White a oportunidade de colocar um selo de aprovação sobre a perspectiva “verdadeira” que ele acabara de lhe descrever.

No entanto, Butler enfrentava um grande problema. Como forçar, manobrar, convencer ou exigir que um profeta faça algo? Boa pergunta. Veremos um pouco mais sobre essa resposta amanhã. Enquanto isso, precisamos começar a refletir seriamente sobre a relação entre o dom de profecia moderno e a Bíblia.

Apelos a Ellen White – 2

Pois tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança. Romanos 15:4

Ontem vimos o presidente Butler em sua tentativa de manobrar Ellen White a “criar” um testemunho para resolver a controvérsia de Gálatas. Ele não conseguiu ir muito longe até 23 de agosto de 1886. Por volta de 16 de dezembro, sua paciência com a profetisa silenciosa havia se deteriorado rapidamente. O plano de votar uma resolução em forma de credo na Assembleia da Associação Geral havia falhado, e ele começou a sentir-se desesperado pela falta de cooperação de Ellen White. Butler, então, disparou: “Estamos esperando há anos ouvir de você sobre o assunto [de Gálatas], ciente de que a agitação só terminaria em debate.” Doze dias depois, ele disse claramente que “nada, a não ser um testemunho do Céu” o faria mudar de ideia.

Em março de 1887, Butler estava em um melhor estado de espírito, depois de haver tomado conhecimento da repreensão de Ellen White a Waggoner e Jones por terem tornado públicas suas opiniões controversas. Interpretando que alguns de seus comentários indicavam de que lado ela estava no embate sobre Gálatas e, na expectativa de que ela diria as coisas que ele considerava certas, lembrou-a de que havia escrito diversas vezes para ela sobre o assunto, mas não recebera resposta.

Certo de que agora Ellen White se posicionaria publicamente do lado dele, Butler ficou ao mesmo tempo magoado e chocado quando ela escreveu, em abril de 1887, que a carta de repreensão aos dois homens mais jovens não significava que a posição dos líderes era a correta.

Após essa “traição”, ele não desperdiçou mais tinta pedindo a opinião de Ellen White sobre o assunto. Em vez disso, fantasmas de desastre teológico, traição profética e conspiração começaram a crescer em sua mente, levando-o, por fim, ao colapso nervoso e à volumosa carta de 1º de outubro de 1888, na qual a atacou por não ter a resposta certa.

E tudo isso diante dos repetidos conselhos de Ellen White de que o assunto não tinha importância e deveria ser deixado de lado.

Eis uma pergunta para cada um de nós: Quanto de nossas preferências pessoais dominam nosso pensamento ao estudarmos a Bíblia e os conselhos de Ellen White? Pense sobre isso. Seja honesto!

Apelos a Ellen White – 3

Procurem no livro do Senhor e leiam. Isaías 34:16, NVI

Conforme observamos ao longo dos últimos dias, George Butler, presidente da Associação Geral, tentou manobrar Ellen White a dar uma resposta definitiva às questões bíblicas e teológicas com que estava lidando, uma vez que não contava com evidências suficientes do "livro do Senhor" para defender seus argumentos.

A sequência de cartas de Butler é bem interessante quando se leva em conta como muitos adventistas veem a obra de Ellen White. Muitos de nós já desejamos, em silêncio ou verbalmente, que ela ainda estivesse viva em nossos dias para que pudéssemos perguntar-lhe qual é o "verdadeiro" significado de determinada passagem bíblica. Na série de correspondências enviadas por Butler, encontramos a resposta dela a essa abordagem: silêncio, frustrante silêncio. Os líderes da Associação Geral queriam que a Sra. White agisse como uma espécie de polícia teológica ou juíza exegética. É significativo notar que foi justamente isso que ela se recusou a fazer.

Ellen White se negou a resolver o impasse bíblico por meio de um apelo a seus escritos e foi além: em 24 de outubro, deixou subentendido aos delegados das reuniões de Mineápolis que fora providencial a perda do testemunho a J. H. Waggoner no qual ela supostamente resolvera a questão de Gálatas de uma vez por todas nos anos 1850. "*Deus tem um propósito para isso. Ele quer que nos voltemos para a Bíblia e busquemos evidências nas Escrituras*" (Man. 9, 1888; itálico acrescentado).

Em outras palavras, ela estava mais interessada no que a Bíblia tinha a dizer sobre o assunto do que naquilo que havia escrito. Para Ellen White, os

testemunhos não deveriam se transformar na palavra de autoridade final em questões bíblicas, nem tomar o lugar das Escrituras. Ela enfatizou esse aspecto com todo vigor no início de 1889, na publicação do *Testemunho 33*, o qual traz uma extensa seção sobre o papel de seus escritos. Precisamos nos familiarizar com esse texto. Que tal lê-lo hoje ou no próximo sábado? (ver T5, p. 654-691).

Ellen White deixou claro que seus escritos tinham o objetivo de reconduzir as pessoas à Palavra de Deus (p. 663) e ajudá-las a entender os princípios bíblicos. Ela nunca os considerou um comentário divino sobre as Escrituras, mas isso nem sempre ficava tão evidente para seus companheiros adventistas. E muitos ainda não entenderam esse fato nos dias de hoje.

Ellen White nunca deixou de conduzir as pessoas ao “livro do Senhor” e a Jesus. Ela não apontava para si mesma, nem para os próprios ensinos como a fonte de autoridade. Esse é o melhor testemunho que temos da validade de seu dom.

Apelos a Ellen White – 4

Receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim. Atos 17:11

Os fiéis bereanos estudavam as Escrituras meticulosamente para descobrir a verdade. Era exatamente isso que Ellen White queria que a liderança da igreja fizesse no fim da década de 1880. No entanto, a maioria estava procurando respostas nos escritos dela para resolver os dilemas bíblicos, em vez de fazer a própria parte investigando as Escrituras. Foi esse problema que ela tentou resolver. Seus "seguidores" confusos podem ter falhado em convencê-la a "produzir" um testemunho sobre o impasse de Gálatas, mas sentiam uma onda de gratidão por terem escritos seus publicados sobre o assunto, sobretudo porque ela parecia ter identificado a lei em Gálatas no livro *Paulo, o Apóstolo da Fé e da Coragem* (*Sketches From the Life of Paul*, 1883). Por meio de registros em diários, sabemos exatamente quais páginas alguns indivíduos leram na Assembleia de 1888.

Em 24 de outubro, J. H. Morrison usou a obra na tentativa de demonstrar a validade da interpretação da lei cerimonial. Ele leu a página 73 do livro em questão para os delegados: "Ele [Paulo] descreve a visita que fez a Jerusalém para garantir uma resolução das próprias questões que agora estavam agitando as igrejas da Galácia, quanto a se os gentios deveriam submeter-se à circuncisão e guardar a lei cerimonial". Em seguida, Morrison citou a página 190 na qual Ellen White analisa a natureza dos problemas dos gálatas: "Tendo ganho esta posição, eles [os cristãos judaizantes] os induziram [os cristãos da Galácia] a retornar à observância da lei cerimonial como um elemento essencial à salvação. A fé em Cristo e a obediência à lei dos Dez Mandamentos eram considerados

fatores de menor importância.” Morrison também leu um trecho da página 69, no qual a Sra. White fala sobre o jugo mencionado em Atos 15:10 e Gálatas 5:1: “Esse jugo não era a lei dos Dez Mandamentos, como asseveravam aqueles que se opõem aos reclamos da lei; mas Pedro se referia à lei das cerimônias.”

Depois de apresentar essas evidências, Morrison se assentou e os tradicionalistas devem ter acreditado que haviam dado o assunto por encerrado. Afinal, tinham uma citação de Ellen White. Logo, estavam certos, e Waggoner e Jones, errados, com base no comentário da profetisa sobre a Bíblia.

Contudo, conforme veremos amanhã, não foi essa posição que Ellen White assumiu.

Guia-nos, Pai, enquanto meditamos na importante questão da autoridade religiosa e da relação entre os dons do Espírito e a Bíblia.

Apelos a Ellen White – 5

E todo o povo tinha os ouvidos atentos ao Livro da Lei.
Neemias 8:3

Ontem vimos que J. H. Morrison leu trechos da obra *Paulo, o Apóstolo da Fé e da Coragem*, de Ellen White, com o objetivo de dar por encerrada a discussão sobre Gálatas, confirmando que o livro faz menção à lei cerimonial, não à moral. As citações pareciam ensinar tal posicionamento. Morrison e seus amigos tinham certeza de que haviam comprovado seu argumento com base no "comentário divino" de Ellen White sobre as Escrituras.

Entretanto, essa *não* foi a posição que a Sra. White assumiu. Naquela mesma manhã (antes da apresentação de Morrison), ao falar sobre o impasse de Gálatas, ela disse: "Não posso me posicionar até ter estudado a questão" (Man. 9, 1888). Foi nesse contexto que ela observou ser providencial o fato de não ter conseguido encontrar seu testemunho a J. H. Waggoner sobre o assunto. Alguns o teriam usado indevidamente para afastar as pessoas do estudo da Palavra de Deus.

Ellen White tinha luz a dividir com os delegados da Associação Geral sobre a questão de Gálatas, mas essa luz, afirmou ela diversas vezes, era que eles precisavam estudar a Bíblia e não depender de nenhuma outra forma de autoridade enquanto buscavam compreender o significado das Escrituras. Ela enfatizou com todo vigor esse ponto em sua última mensagem registrada em Mineápolis: "Um Apelo ao Estudo Mais Profundo da Palavra."

Ao que tudo indica, o uso de trechos do livro sobre Paulo por Morrison para comprovar seu argumento não a impressionou. Não temos nenhum indício de que ela considerou a questão resolvida por esse método, nem que tenha citado os

próprios escritos em Mineápolis a fim de decidir qualquer das controvérsias teológicas, históricas ou bíblicas. Seus escritos tinham propósitos, mas um deles era não assumir uma posição superior à das Escrituras por meio de um comentário infalível.

A Sra. White refletiu essa mesma atitude vinte anos mais tarde, no dilema sobre o "sacrifício diário" de Daniel 8, polêmica baseada, mais uma vez, em seus comentários. E de novo ela disse ao povo que não usasse suas publicações daquela forma.

Na verdade, para impedir que as pessoas usassem seus escritos sobre a lei em Gálatas, ela eliminou tais declarações quando revisou o material sobre Paulo para publicar *Atos dos Apóstolos* em 1911. Ela estava falando sério sobre a necessidade de as pessoas recorrerem à Bíblia.

A questão da autoridade é de suprema importância. Que Deus nos ajude a estudar Sua Palavra com o objetivo de descobrir Sua verdade e Sua vontade para nossa vida.

A Autoridade da Bíblia

Pois toda a Escritura Sagrada é inspirada por Deus e é útil para ensinar a verdade, condenar o erro, corrigir as faltas e ensinar a maneira certa de viver. 2 Timóteo 3:16, NTLH

Waggoner, Jones e os White estavam em harmonia quanto à maneira adequada de resolver dilemas teológicos. Todos defendiam que a Bíblia é o único fator determinante para as crenças cristãs. Por isso, uniram-se contra as tentativas dos tradicionalistas de usar qualquer outra forma de autoridade para resolver impasses bíblicos.

Ellen White foi bastante insistente quanto à necessidade de estudar a Bíblia para resolver disputas teológicas. Por exemplo, em abril de 1887, ela escreveu para Butler e Smith: “Queremos evidências bíblicas para todos os pontos em que avançarmos. Não desejamos apoiar pontos com declarações, como fez o pastor Canright” (Ct 13, 1887). Em julho de 1888, ela expôs sua posição da forma mais clara possível, quando publicou na *Review* que “a Bíblia é a única regra de fé e doutrina” (RH, 17 de julho de 1888).

Em 5 de agosto de 1888, ela instruiu seus leitores: “Examinem as Escrituras com cuidado para discernir qual é a verdade”, acrescentado que “a verdade em nada perde pela investigação detalhada. Deixem a Palavra de Deus falar por si, que ela seja a própria intérprete”. “A Palavra de Deus é a grande detectora de erros; acreditamos que a ela os equívocos devem ser levados. *A Bíblia necessita ser o padrão para todas as doutrinas e práticas. [...] Não devemos aceitar a opinião de ninguém sem antes compará-la com as Escrituras. Nela se encontra a autoridade divina, a qual é suprema em questões de fé. É a palavra do Deus vivo que deve decidir todas as controvérsias*” (Ct 20, 1888, itálico acrescentado).

Ellen White também enfatizou essa mensagem em sua última fala em Mineápolis: “As Escrituras devem ser seu objeto de estudo, então saberão que têm a verdade. [...] Vocês não devem acreditar em qualquer doutrina simplesmente porque outra pessoa diz ser verdade. Não creiam porque o pastor Smith, o pastor Kilgore, o pastor Van Horn ou o pastor Haskell dizem ser verdade, mas porque a voz de Deus o declarou em Seus oráculos vivos” (Man. 15, 1888). Ela poderia muito bem ter acrescentado o próprio nome à lista, dada a posição que assumira durante as reuniões.

Senhor, muito obrigado por Tua Palavra na Bíblia. Hoje desejamos dedicar mais uma vez nossa vida ao estudo diário das Escrituras com mais persistência e energia.

Vitória em Mineápolis

E isso para que o servo de Deus esteja completamente preparado e pronto para fazer todo tipo de boas ações. 2 Timóteo 3:17, NTLH

Vários pastores levaram a sério o apelo de Ellen White em Mineápolis em prol do estudo pessoal da Bíblia. Em 2 de novembro de 1888, William C. White escreveu: “Muitos saem desta reunião determinados a estudar as Escrituras como nunca antes e isso resultará em pregações mais claras.”

R. DeWitt Hottel escreveu em seu diário que uma de suas primeiras atividades depois de ir embora de Mineápolis e voltar para casa foi “ler o livro do irmão Butler sobre Gálatas, bem como a resposta do irmão Waggoner. Também li a Bíblia”. Parece que Hottel comparou as conclusões dos dois homens com as Escrituras.

Outra história de sucesso foi a de J. O. Corliss, que examinou a Palavra de Deus e obteve resultados gratificantes: “Nunca recebi tanta luz nesse mesmo intervalo de tempo e a verdade nunca me pareceu tão boa quanto agora. Sozinho, estudei sobre as alianças e a lei em Gálatas. Cheguei a minhas conclusões sem consultar ninguém, a não ser o Senhor e Sua santa Palavra. Creio agora que a questão está clara em minha mente e consigo ver beleza e harmonia na posição do doutor [Waggoner] sobre a lei em Gálatas.”

Parece que nem todos desconsideraram Ellen White em Mineápolis. Durante a Assembleia da Associação Geral de 1889, ela afirmou: “[Estou] agradecida por ver entre nossos irmãos ministros a disposição em examinar as Escrituras por si mesmos” (Man. 10, 1889).

No início dos anos 1890, a Associação Geral organizou cursos anuais para os

ministros, em resposta ao apelo em Mineápolis para que os pastores adventistas se tornassem estudantes mais dedicados da Bíblia. As reuniões de 1888 destacaram a inabilidade deles de interagir com as Escrituras. O dominador George Butler não era mais presidente da Associação Geral, e a administração de O. A. Olson fez o possível para capacitar os ministros da denominação a estudarem melhor a Palavra.

Dada a importância da Bíblia, uma das perplexidades da igreja do século 21 é o fato de não dedicarmos muito tempo às Escrituras. A maioria de nós passa mais tempo em frente à televisão do que diante de uma Bíblia aberta. Hoje é o dia de mudar esse padrão de conduta.

Fracasso em Mineápolis

Achadas as Tuas palavras, logo as comi; as Tuas palavras me foram gozo e alegria para o coração. Jeremias 15:16

É bom comer as palavras de Deus. Entretanto, às vezes, preferimos ingerir as de outras pessoas. Tal pensamento nos conduz de volta à questão da autoridade em Mineápolis. Embora os desdobramentos da assembleia tenham incluído sucessos, também envolveram fracassos. Talvez o mais óbvio tenha sido a tentação contínua de depender de opiniões humanas. Todavia, em 1894, não eram mais as palavras de autoridade de Butler e Smith que causavam problema, mas as de Jones. Sem dúvida, os repetidos endossos de Ellen White a ele e a Waggoner em Mineápolis e em outras ocasiões predispuseram a mente de muitos a aceitar tudo aquilo que eles dissessem ou escrevessem. Por exaltarem a Cristo e pelo poder das forças adventistas que se alinharam contra eles, foi necessário que ela "gritasse a plenos pulmões" seu apoio a eles, para que fossem ouvidos.

Sua voz não passou despercebida. Em 1894, Stephen N. Haskell foi obrigado a admitir para ela que fora "absolutamente necessário defender Alonzo e Waggoner ao longo desses anos". "Mas", acrescentou, "o país inteiro ficou em silêncio quanto a qualquer tipo de crítica em relação a eles. Essa batalha foi travada, e a vitória, obtida".

Naquele momento, porém, a denominação enfrentava o problema contrário: os membros e líderes da igreja "estavam aceitando tudo que eles [Jones e William W. Prescott] diziam praticamente como se fosse inspirado por Deus". F. M. Wilcox chegara a uma conclusão semelhante. Escrevendo em Battle Creek, constatou: "Houve um tempo em que muitos dos princípios expostos pelo irmão Jones eram alvo de oposição; mas, nos últimos tempos, as pessoas têm se

apegado às palavras dele quase como se fossem palavras de Deus.”

Logo, por volta de 1894, os adventistas estavam diante de uma nova crise de autoridade. Ellen White comentou: “Alguns de nossos irmãos têm olhado para esses ministros e os colocado no lugar que Deus deveria ocupar. Aceitam todas as palavras que saem de seus lábios sem buscar cuidadosamente o conselho divino para si” (Ct 27, 1894).

Será que um dia nós vamos aprender? Uma das mais importantes lições da Assembleia da Associação Geral em 1888 envolve autoridade – a verdade é que a Palavra de Deus é a autoridade suprema. Necessitamos deixar de confiar em palavras de seres humanos e de ler a Bíblia por intermédio dos olhos deles.

Ó Deus, ajuda-nos!

O Profeta e os Mensageiros

Toma contigo Marcos e traze-o, pois me é útil para o ministério. 2 Timóteo 4:11

De tempos em tempos, os profetas e apóstolos da Bíblia recomendavam indivíduos que seriam uma bênção especial para a igreja. Ellen White não foi diferente nesse sentido. O apoio mais frequente que ela fez ao longo de seu ministério envolveu Waggoner e Jones. Em muitos momentos, ela os defendeu por sua mensagem focada em Cristo.

No entanto, as repetidas recomendações significam que ela concordava com tudo que eles ensinavam – mesmo em relação à lei e ao evangelho?

Deixemos que a própria Sra. White responda. No início das reuniões de Mineápolis, ela escreveu que o anjo que a guiava "estendeu os braços em direção ao Dr. Waggoner e a você, pastor Butler, dizendo exatamente o seguinte: 'Nenhum [tem] toda a luz sobre a lei; nenhuma das duas posições é perfeita'". Embora o contexto dessa declaração seja a Assembleia da Associação Geral em 1886, Ellen White conservava a mesma posição em 1888 (Ct 21, 1888).

No início de novembro, ela disse aos delegados em Mineápolis que algumas das coisas que Waggoner havia exposto sobre a lei em Gálatas não se harmonizavam com seu próprio entendimento do assunto. Posteriormente, na mesma fala, ela afirmou: "Não considero corretas algumas das interpretações das Escrituras feitas pelo Dr. Waggoner" (Man. 15, 1888).

William C. White confirmava a posição de sua mãe. De Mineápolis, escreveu para a esposa que "grande parte do que o Dr. W. ensina estava de acordo com o que" sua mãe havia "presenciado em visão". Isso levou alguns a concluir que "ela endossa todos os seus pontos de vista [e que nenhuma] parte de seus ensinos

discorda [da mãe] e de seus testemunhos. [...] Posso provar que tudo isso é [falso]".

Ellen White validava constantemente o cerne daquilo que Jones e Waggoner apresentavam sobre a justiça de Cristo. Entretanto, uma análise dos escritos dos dois revela uma série de pontos teológicos dos quais ela diferia.

Eles, porém, apontavam para a direção correta ao buscarem exaltar a Jesus e a justificação pela fé, em vez da justificação pela observância da lei.

Mesmo recebendo endosso profético, as pessoas continuavam sendo falíveis. Tudo deve ser avaliado à luz da Bíblia.

Dois Tipos de Justificação – 1

Mestre, que farei eu de bom, para alcançar a vida eterna?
[...] Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos.
Mateus 19:16, 17

Ao longo dos anos, os adventistas têm ouvido bastante sobre a justificação pela fé na Assembleia da Associação Geral de 1888. Mas o que exatamente Jones e Waggoner ensinavam? E quais posições de Smith e Butler precisavam ser corrigidas? Dedicaremos vários dias a encontrar respostas para essas perguntas.

Talvez a melhor maneira de introduzir o assunto seja por meio dos editoriais de Uriah Smith na *Review* em janeiro de 1888. Em 3 de janeiro, no texto intitulado "O Ponto Principal", ele afirmou que o objetivo dos pioneiros adventistas era divulgar a última proclamação do segundo advento e "conduzir almas a Cristo por meio da obediência a esta verdade final de prova. Este era o ponto objetivo de todos os seus esforços; e o fim que buscavam só era considerado alcançado quando almas se convertiam a Deus e eram levadas a buscar, por meio da obediência esclarecida a todos os seus mandamentos, o preparo pelo Senhor dos céus". Smith ligou "o ponto principal" à terceira mensagem angélica ao enfatizar a palavra guardam de Apocalipse 14:12: "Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus."

Precisamos parar um pouco e pensar sobre isso. Como as pessoas vão a Cristo? Pela obediência, conforme defendia Smith? Ou por algum outro método?

Essa ênfase aparece mais uma vez no último editorial de janeiro de 1888: "Condições para a Vida Eterna." Ele baseou seus comentários na pergunta do

jovem rico a Cristo: “Mestre, que farei eu de bom, para alcançar a vida eterna?” De acordo com Smith, a resposta da Bíblia poderia ser resumida em uma proposição como “arrepender-se, crer, obedecer e viver”. Essa, afirmava ele, fora a resposta de Jesus. Afinal, Cristo dissera ao jovem rico: “Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos.”

Smith continuou observando que “o problema da justificação dos fariseus” é que eles ainda não haviam alcançado um teor aceitável de “caráter moral” em relação à “lei moral”.

Seguindo a falsa orientação de José Bates sobre o significado da história do jovem rico, Smith e os seus estavam imersos em legalismo. Eles ainda não haviam descoberto a relação entre lei e evangelho do Novo Testamento.

Alguns de nós, e me incluo nesse meio, lutam fortemente com a mesma tendência. No entanto, permaneçamos firmes. Foi para isso que serviu 1888.

Dois Tipos de Justificação – 2

Não foi por obras que Abraão, o nosso pai, foi justificado?
Tiago 2:21

A relação entre fé e obediência está no âmago do tema da justificação. Ontem vimos Uriah Smith argumentando, no início de 1888, que a obediência era a chave para a salvação. Sua principal ilustração vinha da história do jovem rico. O que Smith não conseguiu perceber é que, mesmo guardando os mandamentos, o jovem rico ainda assim se afastou de Cristo.

Smith e seus colegas acreditavam na justificação pela fé. Não havia como ser diferente, já que tal ensino está na Bíblia. Entretanto, eles baseavam sua compreensão na tradução de Romanos 3:25 da King James Version, que transmite uma ideia equivocada. Ela se assemelha à Almeida Revista e Corrigida, a qual afirma que a justiça de Cristo teria em vista a "remissão dos pecados *dantes* cometidos, sob a paciência de Deus". Por isso, J. F. Ballenger escreveu: "Para remir os pecados do passado, a fé é *tudo*. Quão precioso é o sangue que apaga todos os nossos pecados e transforma o passado em um registro limpo! Somente a fé nos permite apropriar-nos das promessas de Deus. Todavia, o dever presente cabe a nós cumprir. [...] Obedeça à voz de Deus e viva, ou desobedeça e morra."

Por acreditarem que a justificação pela fé lidava com pecados do passado, Smith, Butler e seus amigos ensinavam que, para manter a justificação após a conversão, era necessária a "justificação pelas obras". Citando Tiago, Ballenger escreveu: "Não foi *por obras* que Abraão, o nosso pai, foi *justificado*?" "Quando obedecemos, tal ato, aliado à fé, garante nossa justificação."

Para esses adventistas, a justificação não era somente pela fé, mas pela fé,

acrescida das obras.

Era precisamente dessa teologia que Waggoner e Jones discordavam. Em um editorial de janeiro de 1888 da revista *Signs* chamado “Diferentes Tipos de Justificação”, Waggoner, argumentando contra Smith, notou que não era possível melhorar a justiça moral dos escribas e fariseus, porque “eles confiavam nas próprias obras e não se submetiam à justiça de Deus”. Na verdade, afirmou, a justiça deles “não era justiça de fato”. Eles simplesmente tentavam “cobrir um pano sujo e rasgado colocando por cima mais retalhos imundos”.

Como somos salvos? E como as obras se relacionam com a salvação? Essa foi a essência do embate em Mineápolis. Também foi o conflito entre Paulo e seus adversários em Romanos e Gálatas.

Pai, dá-nos entendimento sobre este assunto de importância crucial à medida que refletirmos sobre ele dia após dia.

Dois Tipos de Justificação – 3

Os nossos atos de justiça são como trapo imundo. Isaías 64:6, NVI

São mesmo? Essa foi a posição de Waggoner diante da ênfase de Smith e seus amigos na justificação pelas obras. Ele escreveu: “A justiça humana não vale nem um pouco mais depois que o homem é justificado do que antes.” O cristão justificado “viverá pela fé”. Portanto, “aquele que tem mais fé viverá de forma mais justa”. Isso é verdade porque Cristo é “o Senhor, justiça nossa”. Para Waggoner, a fé era tudo, e a equação fé + obras = justificação encontrava raízes no “espírito do anticristo”.

Jones se posicionou firmemente ao lado de Waggoner. Em maio de 1889, por exemplo, ele disse a seus ouvintes que a lei *não* era o lugar para buscar justiça. Todos “os nossos atos de justiça são como *trapo imundo*”.

Smith se opôs a tais comentários. Um mês depois, ele disparou a artilharia em Jones em um artigo da *Review* chamado “Nossa justiça”. Comentou que alguns dos assinantes da *Review* estavam caindo nas mãos daqueles que queriam invalidar a lei, fazendo comentários sobre nossa justiça ser como “trapos imundos”. O editor continuou dizendo que “a perfeita obediência à [lei] desenvolve justiça perfeita e só há uma forma de obter a justificação”. Declarou: “Não devemos ficar assentados, sem fazer nada, como uma massa inerte nas mãos do Redentor. [...] ‘Nossa justiça’ [...] provém da harmonia com a lei de Deus. [...] E ‘nossa justiça’ não pode, neste caso, ser um trapo imundo.” Existe, concluiu ele, uma justificação “a ser garantida por meio da prática e do ensino dos mandamentos”.

Quando esse artigo foi publicado, Ellen White estava pregando que a fé deve

preceder as obras. Em uma reunião campal em Rome, Nova York, quando as pessoas não conseguiram conciliar o discurso dela com o artigo de Smith, sua resposta foi que o irmão Smith “não sabe do que está falando; ele vê árvores como se fossem homens andando”. Ela destacou que somente pelo fato de Jesus e Sua justiça serem centrais à salvação, isso não significa que descartamos a lei de Deus (Man. 5, 1889). Para Smith, a irmã White escreveu que ele estava em um caminho que o levaria a um precipício, e que estava “caminhando como um cego” (Ct 55, 1889).

Como está sua visão espiritual? Temos clareza sobre a relação existente entre fé e obras, lei e graça? Talvez não, mas essa foi a ênfase de 1888. As respostas vêm à medida que seguimos a orientação de Deus neste pedaço da história adventista.

Dois Tipos de Justificação – 4

Visto que ninguém será justificado diante dEle por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado. Romanos 3:20

Esse ensino da Bíblia parece bem evidente. A função da lei é exaltar o ideal de Deus e apontar para nosso pecado quando falhamos em alcançar esse ideal. O texto bíblico de hoje afirma com toda clareza que a lei não tem poder nenhum para salvar.

Tudo isso é verdade. Entretanto, se eu realmente creio que a justificação é pela graça mediante a fé, sem obras da lei, então o que acontece com a lei? Boa pergunta!

Foi o medo de que a diminuição da importância da lei acabaria eliminando a observância do sábado que preocupou Smith, Butler e seus apoiadores na era de 1888.

Ouçamos o que Butler tinha a dizer a esse respeito. Em um artigo chamado "A Justiça da Lei Cumprida por Nós", ele observou: "Há um sentimento que prevalece em quase todos os lugares", o qual é agradável, mas perigoso, "'só creia em Cristo e tudo ficará bem'. [...] Jesus faz tudo." Tal ensino, proclamava ele, "é uma das heresias mais perigosas do mundo". O grande objetivo da terceira mensagem angélica é enfatizar "a necessidade da obediência à lei de Deus. 'Os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus'". O mundo cristão, acrescentou Butler, estava perdendo rapidamente essa verdade, e os adventistas precisavam anunciá-la.

Esse era o problema. Alguns temiam que o excesso de Cristo e Sua justiça acabaria com a lei, a obediência e a necessidade de justiça humana.

Tal temor se encontrava no âmago da reação aos ensinos de Jones e Waggoner em Mineápolis.

Os dois lados tinham perspectivas bem diferentes. Para os reformadores, as palavras-chave eram “Cristo”, “fé”, “justificação pela fé” e termos ligados à justiça de Cristo. Já o grupo de Smith e Butler enfatizava o “esforço humano”, as “obras”, a “obediência”, a “lei”, os “mandamentos”, “nossa justiça” e a “justificação pelas obras”.

Essas duas ênfases continuam a ser bem distintas dentro do adventismo mais de 120 anos depois de Mineápolis. Elas precisam se excluir? Por quê? Ou, por que não?

Que posição você assume a respeito dessas questões? Pense bem. Discuta com seus familiares e amigos.

A Visão de Waggoner Sobre Salvação – 1

Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Efésios 2:8, 9

A primeira coisa a destacar na teologia de Waggoner é que os seres humanos não podem fazer nada para ganhar a salvação. “Nossa salvação”, escreveu ele, “se deve totalmente à infinita misericórdia de Deus por meio dos méritos de Cristo”. Deus “não espera que os pecadores desejem o perdão, antes disso faz um esforço para salvá-los”. Essa é uma verdadeira boa-nova, mas se trata de um evangelho bem distante da visão de Uriah Smith, de que a obediência leva os seres humanos a Deus. Pelo contrário, de acordo com Waggoner, o Deus da graça vai em busca dos perdidos indignos. O Senhor toma a iniciativa da salvação.

O segundo pilar da teologia de Waggoner é que ninguém consegue se tornar bom por meio da obediência à lei, porque “a lei não tem nem uma partícula de justiça sequer para conceder ao ser humano”. Ele afirmava que “*a pessoa só é capaz de fazer coisas boas depois que ela se torna boa*. Portanto, os atos realizados por um pecador não têm efeito nenhum para justificá-lo. Pelo contrário, provindos de coração mau, tais atos são maus e só acrescentam à soma de seus pecados”. Todavia, observou, “os fariseus não estão extintos; existem muitos em nossos dias que têm a esperança de alcançar a justificação por meio das próprias boas obras”.

De acordo com Waggoner, Deus nunca apresentara a lei como um caminho para chegar ao Céu. Tanto Waggoner quanto Jones criam que *a função da lei era não só “tornar conhecido o pecado”, como também “levar as pessoas a Cristo, a fim de serem justificadas pela fé”*.

Ele assegurava: “Uma vez que os melhores esforços de um ser humano pecador não têm o menor efeito em produzir justificação, é óbvio que a única maneira de consegui-la é por meio de um presente.” Nossas tentativas de alcançar a justiça são como procurar cobrir o próprio corpo nu com “trapos imundos”. Mas “descobrimos que, quando Cristo nos cobre com o manto de Sua justiça, Ele não fornece uma roupa para encobrir o pecado; em vez disso, leva o pecado embora”. Na verdade, quando aceitamos a justiça de Cristo, nossos “pecados são anulados”.

Senhor, muito obrigado pelo manto de Cristo. Depois de tentar inutilmente por anos, finalmente estamos prontos para nos entregar e aceitar Teu dom sem restrições. Amém.

A Visão de Waggoner Sobre Salvação – 2

Mas, a todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no Seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus. João 1:12, 13

Waggoner afirmava que, quando uma pessoa aceita a justificação pela fé em Cristo, ela se torna parte da família de Deus. “Observe”, escreveu ele, “que é pela justificação mediante Sua graça que nos tornamos herdeiros. [...] *A fé em Cristo Jesus nos torna filhos de Deus*; por isso, sabemos que todo aquele que foi justificado pela graça do Senhor, ou seja, foi perdoado, é um herdeiro de Deus”.

Entretanto, a justificação e a adoção na família de Deus não eram a soma total da salvação para Waggoner. Longe disso: “O Senhor não nos adota como filhos por sermos bons, mas para nos tornar bons.”

Na mesma ocasião em que Deus justifica e adota os indivíduos para Sua família, Ele os transforma em um novo ser. Tais pessoas, acrescenta Waggoner, não estão mais sob a condenação, mas “são novas criaturas em Cristo, que devem andar em novidade de vida, não mais ‘debaixo da lei’, mas ‘debaixo da graça’”. No momento da justificação, Deus dá ao pecador convertido “um novo coração”. Logo, “é correto dizer que ele é salvo”.

É importante notar que Waggoner costumava falar sobre a justificação pela fé e o novo nascimento de uma vez. Isso é bem apropriado, pois ambos acontecem no mesmo momento. Em outras palavras, quando a pessoa é justificada, ela também nasce de novo pelo Espírito Santo. Logo, a justificação e a transformação da natureza acontecem simultaneamente.

Em consequência, ser considerado justo, de acordo com Waggoner, não é um

fato consumado. As pessoas justificadas pensam diferente e desejam agir de maneira diferente sob a orientação de Deus. É claro que, quando falham e confessam o erro, a graça divina está lá para perdoá-las mais uma vez.

A adoção na família de Deus para indivíduos que nasceram fora dela (ver Ef 2:1-3) é uma bela promessa.

Obrigado, Senhor, porque podemos fazer parte de Tua família.

A Visão de Waggoner Sobre Salvação – 3

E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas. 2 Coríntios 5:17

O ensino da nova “criatura” (ARA) ou “criação” (NVI) em Cristo é poderoso. Ele aparece em todo o Novo Testamento, mas recebe destaque especial nos escritos de Paulo.

Waggoner fez uso desse tema, observando que, no momento em que as pessoas são justificadas, elas também nascem mais uma vez como um novo ser e são adotadas na família de Deus.

Ele afirmou: “A diferença entre um justo e um pecador é muito mais do que a mera diferença de crenças. É mais do que uma contagem arbitrária da parte de Deus. Trata-se de uma distinção real. [...] Deus nunca declara alguém justo simplesmente por reconhecer a verdade. Existe uma mudança verdadeira e literal de um estado de pecado para a justiça, explicando o motivo para Deus fazer tal declaração.” De forma simples, a pessoa justificada vive de maneira diferente do que o pecador, porque o Senhor a transforma em uma nova criatura no momento da justificação.

Para Waggoner, a justificação, o novo nascimento e a adoção eram o princípio da caminhada cristã. Opondo-se aos proponentes da santidade, os quais defendiam uma forma de santificação “sem qualquer mudança de hábito da parte do indivíduo”, *ele considerava que a “santidade” sem uma obediência que levasse à transformação da vida era uma “ilusão”*.

O salvo, segundo Waggoner, vive em conformidade com a lei de Deus. Ele escreveu: “É tão impossível amar a Deus sem manifestar esse sentimento em

ações quanto viver sem respirar.” A vitória sobre o pecado vem do poder interior do Espírito na vida do cristão. Somente aqueles que obtêm a vitória sobre o pecado, defendia ele, entrarão no reino eterno.

Conforme podemos constatar, Waggoner não era contrário à lei e à obediência, mas era totalmente oposto à ideia de que a lei e a obediência estavam no centro da experiência de justificação. Não! Tal lugar pertence somente a Cristo e à Sua justiça.

No entanto, dentro da esfera da justiça de Cristo, a pessoa recém-nascida espiritualmente sente, por necessidade, o desejo de andar com Deus e de guardar Sua lei.

A ordem dos fatores é crucial. Primeiramente vem a salvação. Depois, a obediência. Se invertermos isso, esbarramos no legalismo.

E a Aliança? – 1

Eis aí vêm dias, diz o Senhor, e firmarei nova aliança com a casa de Israel. [...] Na sua mente imprimirei as Minhas leis, também sobre o seu coração as inscreverei. Hebreus 8:8, 10

Uma aliança religiosa é um acordo entre Deus e seres humanos, no qual Deus promete abençoar aqueles que O aceitarem e se comprometerem com Ele.

Essa é uma boa definição. No entanto, o que exatamente ela quer dizer? Quais são suas consequências? Tais questionamentos dividiram a comunidade adventista nos anos 1880.

Smith e Butler tinham uma resposta para a questão da aliança. Era simples: "Obedeça e viverá." Aqueles que obedecessem teriam a vida eterna. Logo, sua ênfase estava na lei, na obediência e na justificação pessoal.

Entretanto, Waggoner virou a equação "obedeça e viverá" de cabeça para baixo. Primeiro, afirmava ele, vinha a justificação e a vida em Cristo, só depois a obediência. Portanto, podemos dizer que sua fórmula era "viva [em Cristo] e [então] obedecerá".

Da perspectiva de Waggoner, o problema crucial da velha aliança é que "ela não fazia provisão para o perdão dos pecados". Todavia, a nova aliança coloca no centro a justificação pela fé em Cristo. Trata-se de uma aliança da graça, na qual cristãos nascidos de novo têm a lei de Deus no coração. "Andar na lei", ele afirmava, será um estilo de vida natural para aqueles que nasceram na família de Deus e têm a lei no coração.

Os adventistas de 1888 estavam preocupados com a aliança. E deveriam mesmo. Afinal, o que seria mais importante do que a salvação? Nada! Comparados com a salvação, um carro novo, uma casa melhor e até mesmo a

vida terrena não têm nenhum valor.

Não devemos culpar os adventistas de mais de um século atrás pela agitação que demonstraram quando alguém questionou sua ideia de salvação e da missão da igreja. Cada um de nós deve se preocupar profundamente com as mesmas questões. Vivemos em um mundo caótico, cheio de doenças e morte. Essa confusão durará para sempre? De que modo Deus pode salvar pessoas problemáticas em um mundo caótico? Essas são as perguntas que compõem a crença religiosa. As respostas a elas estimularam a criação da Igreja Adventista e estarão ligadas a seu destino final.

Pai, ajuda-nos a aprender a pensar o que Tu pensas. Ajuda-nos a entender os assuntos mais importantes da Bíblia e da vida.

E a Aliança? – 2

Eis aí vêm dias, diz o Senhor, em que firmarei nova aliança com a casa de Israel. [...] Pois perdoarei as suas iniquidades e dos seus pecados jamais Me lembrarei. Jeremias 31:31, 34

Ellen White e Waggoner estavam em total harmonia no que se refere às alianças. A abordagem dela ao assunto das alianças, escrita no fim dos anos 1880, faz uma boa síntese da visão de ambos sobre o tema.

Ela escreveu: “As condições do ‘velho concerto’ eram: Obedece e vive – ‘cumprindo-os [estatutos e juízos] o homem, viverá por eles’ (Ez 20:11; Lv. 18:5); mas ‘maldito aquele que não confirmar as palavras desta lei’ (Dt 27:26). O ‘novo concerto’ foi estabelecido com melhores promessas: promessas do perdão dos pecados, e da graça de Deus para renovar o coração, e levá-lo à harmonia com os princípios da lei de Deus. ‘Este é o concerto que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei a Minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração. [...] Porque lhes perdoarei a sua maldade, e nunca mais Me lembrarei dos seus pecados’ (Jr. 31:33, 34, ARC).

“A mesma lei que fora gravada em tábuas de pedra é escrita pelo Espírito Santo nas tábuas do coração. Em vez de cuidarmos em estabelecer nossa própria justiça, aceitamos a justiça de Cristo. Seu sangue expia os nossos pecados. Sua obediência é aceita em nosso favor. Então o coração renovado pelo Espírito Santo produzirá os ‘frutos do Espírito’. Mediante a graça de Cristo viveremos em obediência à lei de Deus, escrita em nosso coração. Tendo o Espírito de Cristo, andaremos como Ele andou” (PP, p. 372).

O conceito da aliança da graça abalou muitos dos adventistas tradicionalistas, com sua ênfase da velha aliança na primazia da obediência. O

foco de Waggoner na fé em Cristo minava a teologia voltada para a lei, muito embora, conforme vimos, Waggoner, Jones e Ellen White atribuíssem um lugar de proeminência para a lei em sua teologia. *Para eles, porém, a obediência fluía de uma relação de salvação com Jesus, em primeiro lugar.*

Para que lado corre esse "fluxo" em sua vida? Tenho a impressão de que há adventistas demais preocupados com o próprio desempenho – como estão se saindo –, em vez de se interessarem, em primeiro plano, por Cristo e por aquilo que Ele já fez em seu lugar.

Hoje é o melhor dia de todo o restante de sua vida para inverter o "fluxo" e começar uma caminhada de nova aliança com Deus.

A Doutrina e o Amor Cristão

Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros. [...] Se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o Seu amor é, em nós, aperfeiçoado.
1 João 4:11, 12

Suponho que, se pudéssemos ganhar a salvação pelos próprios méritos, teríamos motivos para sentir orgulho de nossas realizações e até mesmo para tratar os outros como se fossem "inferiores", até com um pouco de repugnância, porque não conseguiram chegar a nosso alto nível de conquistas.

Entretanto, não é isso que acontece. Todos nós falhamos e continuamos a fazê-lo. Somente o amor divino nos resgata. Levando em conta essa realidade, a única reação possível é amar a Deus e as pessoas ao nosso redor. O amor é a única resposta apropriada a um Deus que nos salva, a despeito de nós mesmos.

Isso não quer dizer que a doutrina não é importante. Ellen White, por exemplo, tinha profundo interesse pela compreensão correta da Bíblia e da doutrina cristã. Contudo, ela desejava que o estudo da Bíblia e os debates doutrinários fossem feitos dentro do contexto do amor cristão.

Ela alertou: "Corremos o risco de que nossos ministros estejam se demorando demais nas doutrinas [...] quando a própria alma deles necessita de religiosidade prática" (Ct 37, 1887).

Em 1890, D. T. Jones (secretário da Associação Geral) escreveu para William White: "Tanto sua mãe quanto o Dr. Waggoner dizem que os pontos de doutrina não são o problema, mas o espírito demonstrado pelas pessoas que se opõem a essas questões às quais eles são contrários. Tenho plena liberdade de reconhecer que o espírito não tem sido o de Cristo. [...] Tenho pensado bastante

sobre o assunto e me perguntado por que temas de tão pouca importância prática causaram tamanha perturbação e divisão. [...] O objetivo na mente de sua mãe e do Dr. Waggoner não era trazer essas questões à tona e forçá-las sobre todos, mas ensinar a doutrina da justificação pela fé e o Espírito de Cristo, na tentativa de converter as pessoas a Deus."

Esse é o ponto crucial! Encaremos a realidade: quando nosso "cristianismo" nos leva a agir sem amor, não estamos sendo cristãos de verdade, mesmo se estivermos corretos quanto a todas as doutrinas. Todavia, quando reconhecemos que Cristo, mediante a graça de Deus, de fato nos resgatou do abismo do pecado, nossa reação é amar. A falta de amor revela que ainda precisamos ser resgatados.

Ajuda-nos, Pai, a aceitar Tua graça para que nos tornemos um canal do Teu amor.

Deixe Jesus Entrar – 1

Por esta causa, me ponho de joelhos diante do Pai [...] a fim de poderdes [...] conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus. Efésios 3:14, 18, 19

A ênfase de Ellen White em Mineápolis não foi um ensino novo sobre algum aspecto da teologia adventista, mas um apelo para que o adventismo exaltasse e praticasse o cristianismo básico. “Minha preocupação durante a assembleia”, escreveu ela, “foi apresentar Jesus e Seu amor a meus irmãos, pois vi evidências nítidas de que muitos não tinham o espírito de Cristo” (Man. 24, 1888).

“A fé em Cristo como a única esperança do pecador tem sido deixada de lado, não só dos discursos proferidos, mas também da experiência religiosa de muitos dos que afirmam crer na terceira mensagem angélica. Nesta reunião, testemunhei que a luz mais preciosa a brilhar das Escrituras vinha da apresentação do grandioso tema da justificação de Cristo ligada à lei, que sempre deve ser mostrado ao pecador como sua única esperança de salvação. [...]

“O padrão para o caráter é a lei divina. A lei é a detectora do pecado. Por meio da lei, o pecado se torna conhecido. Mas o pecador é constantemente atraído a Jesus pela manifestação maravilhosa de Seu amor, uma vez que Ele Se humilhou para morrer de forma vergonhosa sobre a cruz. Que estudo sublime é esse! Anjos têm lutado e avidamente ansiado por compreender o maravilhoso mistério. Trata-se de um estudo que sobrecarrega até mesmo a mais elevada inteligência humana, compreender que o homem caído e enganado por Satanás, assumindo o lado de Satanás no conflito, possa se amoldar à imagem do Filho do Deus infinito. Que os seres humanos podem ser como Ele, por causa da justiça de Cristo dada aos homens e que Deus ama as pessoas – caídas, mas redimidas –

assim como amou Seu Filho. [...]

“Esse é o mistério da piedade. Essa imagem do mais alto valor deve ser colocada em cada discurso, exibida no corredor da memória, proferida pelos lábios humanos, praticada por aqueles que provaram e viram que o Senhor é bom. Devemos meditar sobre ela e usá-la como base para toda exposição” (ibid.).

Deixe Jesus entrar. Se Ellen White pudesse nos dar apenas um conselho em relação às reuniões de 1888, seria esse. Que escolhamos deixá-Lo entrar agora mesmo,.

Deixe Jesus Entrar – 2

Portanto, sejam imitadores de Deus, como filhos amados, e vivam em amor, como também Cristo nos amou e Se entregou por nós. Efésios 5:1, 2, NVI

“Teorias secas são apresentadas enquanto almas preciosas estão famintas pelo Pão da Vida. Não é esta a pregação necessária, nem a que será aceita pelo Deus do Céu, pois é desprovida de Cristo. A imagem divina de Cristo deve ser apresentada ao povo. [...]

“Ele deve ser exaltado perante os seres humanos. Quando isso é mostrado às pessoas, o mérito das criaturas se reduz à insignificância. Quanto mais os olhos se demoram nEle, quanto mais Sua vida, Suas lições e Sua perfeição de caráter são estudadas, mais terrível e repugnante o pecado parecerá. Por meio da contemplação, o homem pode admirá-Lo e se atrair mais a Ele. Assim, ficará encantado e desejoso de ser como Jesus, até se assemelhar à Sua imagem e ter a mente de Cristo. Como Enoque, ele andará com Deus. Sua mente estará cheia de pensamentos de Jesus. Ele será o melhor Amigo. [...]

“Estude Cristo. Estude Seu caráter, traço por traço. Ele é o Padrão que devemos copiar em nossa vida e em nosso caráter para que não falhemos em representar a Jesus, apresentando ao mundo uma cópia espúria. Não imite nenhum homem, pois os seres humanos são defeituosos em hábitos, fala, maneiras e caráter.

“Permita-me apresentar-lhe o Homem Jesus Cristo. Você deve conhecê-Lo individualmente como Salvador antes de poder estudá-Lo como padrão e exemplo. [...]

“Todos aqueles que afirmam ser seguidores de Cristo têm a obrigação de

seguir Seus passos, imbuir-se de Seu Espírito e, assim, apresentar ao mundo Aquele que veio a nosso planeta representar o Pai. [...]

"Exaltar a Cristo como nossa única fonte de força, apresentar Seu amor incomparável ao assumir a culpa dos pecados humanos e imputar a própria justiça aos homens não elimina a lei de maneira alguma, nem diminui sua dignidade. Pelo contrário, coloca-a no devido lugar, onde uma luz apropriada brilha e a glorifica. [...] A lei só é completa e plena no grande plano da salvação quando apresentada à luz do Salvador crucificado e ressurreto" (Man. 24, 1888).

Ao ouvir Ellen White, o pensamento que vem à mente é que Jesus nunca é demais. Isso é verdade. Ele é a única coisa no mundo que você pode querer sem nenhum comedimento.

Refletindo Jesus – 1

Porque Eu vos dei o exemplo, para que, como Eu vos fiz, façais vós também. João 13:15

O humilde e amável Jesus é um exemplo digno de ser seguido, mas que os seres humanos “normais” não são tentados a imitar. É aí que entra a graça transformadora e o novo nascimento. Deus quer tomar seres humanos normais e transformá-los em novas criaturas – em cristãos que refletem Seu caráter de amor.

Esse foi outro tema das pregações de Ellen White em Mineápolis. Em 20 de outubro, ela apresentou um sermão que o jornal da cidade, chamado *Tribune,* disse ter levado muitos às lágrimas. Ela própria afirmou ter ouvido vários testemunhos emocionados de seus ouvintes.

Ela disse ao público: “Só é possível ser um cristão frutífero e ter o conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo se você for cristão na prática, se estiver progredindo o tempo todo na vida divina. Isso é muito importante. Muitos parecem pensar que assim que entram nas águas, recebem o batismo e seu nome é escrito no livro da igreja, a obra está completa.”

Pelo contrário, “se eles não levarem para casa a religião prática, logo perderão tudo. [...] É importante que, a todo tempo, acrescentemos graça sobre graça e, se trabalharmos no plano da soma, Deus operará no plano da multiplicação” à medida que desenvolve Sua “imagem moral” em Seus seguidores.

“Todo o universo celestial estava interessado na grande obra” de Cristo. “Todos os mundos que Deus criou observam para ver como a batalha entre o Senhor da luz e da glória e os poderes das trevas terminará. Aqui está Satanás,

que busca, com todas as suas forças, ocultar o verdadeiro caráter de Deus, para que o mundo não o compreenda e, revestindo-se de uma falsa justiça, opera em muitos que professam ser cristãos, mas que representam o caráter do inimigo, em vez do caráter de Jesus Cristo. Eles distorcem a imagem de meu Senhor. Distorcem o caráter de Jesus toda vez que carecem de misericórdia e de humildade" (Man. 8, 1888).

"Deus é amor" (1 João 4:8). Cristo veio demonstrar esse amor em Sua vida e morte. Deseja que sejamos como Ele, que O deixemos desenvolver Sua "imagem moral" em nós.

Toma-me hoje, Senhor. Ajuda-me não só a desejar Tua dádiva, como também aceitá-la e colocá-la em prática em minha vida.

Refletindo Jesus – 2

Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos. 1 João 3:14

Será que realmente amamos nossos irmãos? Ainda mais aqueles que nos causam aversão? O amor aos outros membros da igreja era um problema central do adventismo na era de 1888.

Em 21 de outubro, Ellen White disse aos delegados da Associação Geral: “Aqueles que amam a Deus de verdade devem manifestar longanimidade de coração, julgamento e justiça a todos com quem entram em contato, pois é assim que o Senhor age. Não há nada de que Cristo necessite tanto quanto agentes que sentem a necessidade de representá-Lo. Falar e pensar mal dos outros arruína a alma. Isso tem sido comum nesta assembleia. Não há nada de que a igreja careça mais do que a manifestação de um amor semelhante ao de Cristo. Quando os membros da igreja se unem em relacionamentos santificados, cooperando com Cristo, Ele vive e opera neles.

“Nossos olhos necessitam ser ungidos com colírio celestial, a fim de vermos quem somos e quem deveríamos ser. Esse poder provido em Cristo é suficiente para nos capacitar a atingir o elevado padrão da perfeição cristã.

“Devemos manter Jesus, nosso padrão, sempre diante de nós. Isso é e sempre será verdade presente. Foi contemplando a Jesus e apreciando as virtudes de Seu caráter que João se tornou um com seu Mestre em espírito. [...] E a ele foi confiada a obra de falar do amor do Salvador e do amor que Seus filhos devem demonstrar uns pelos outros. ‘A mensagem que ouvistes desde o princípio é esta’, escreveu ele, ‘que nos amemos uns aos outros. [...] Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos.’

“O Senhor tem palavras claras para aqueles que, assim como os fariseus, se gabam de sua piedade, mas cujo coração se encontra destituído do amor de Deus. Os fariseus se recusaram a conhecer a Deus e a Jesus Cristo, a quem Ele enviara. Não corremos nós o risco de fazer a mesma coisa que os fariseus e os escribas?” (Man. 8a, 1888; itálico acrescentado).

Não é coincidência que Cristo (Mt 5:43-48; 19:21) e Ellen White (PJ, p. 67-69, 316, 384) coloquem juntos o conceito de perfeição e amor em várias ocasiões. Refletir o caráter moral de Deus não significa o que você come, nem mesmo aquilo em que você crê. Em vez disso, é ser semelhante ao Deus que é amor.

Refletindo Jesus – 3

Tendo, pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus. 2 Coríntios 7:1

"A pior coisa que existe – a mais grave – é a falta de amor e de compaixão uns pelos outros", disse Ellen White aos delegado da assembleia de 1888. "Essa é a luz que o Senhor me apresentou e gostaria de lhes dizer que se já houve um tempo em que devemos nos humilhar perante Deus, esse tempo é agora. [...]

"*É obra estudada de Satanás manter o amor de Cristo longe de nosso coração.* [...] Há muitas cerimônias e formas. O que desejamos é o amor de Cristo, amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. Quando isso acontecer, haverá uma derribada como a dos muros de Jericó diante dos filhos de Israel. Mas há muito egoísmo e desejo de supremacia em nossas fileiras. [...]

"O que Deus e Jesus estão fazendo? [...] Estão purificando o santuário. Bem, devemos nos unir [a Eles] nesta obra e purificar o santuário de nossa alma de toda injustiça para que nosso nome seja escrito no livro da vida do Cordeiro, para que nossos pecados sejam apagados quando chegar o tempo de refrigério na presença do Senhor. [...]

"Você não tem tempo para exaltar o eu, mas [somente] para elevar Jesus. Oh, eleve-O! Como podemos fazer isso? [...] Que o Deus do Céu faça Seu poder descer ao nosso coração, a fim de que tenhamos o caráter correto, o coração puro e saibamos trabalhar em prol dos enfermos [e] sofredores. [...]

"*Assim que passamos a amar a Deus de todo o coração e ao próximo como a nós mesmos, Deus opera por meio de nós*. Como permanecer de pé no tempo

da chuva serôdia?” Somente se tivermos Seu amor.

“*O amor de Cristo no coração faz mais para converter os pecadores do que todos os sermões que você pregar*. Precisamos obter o amor de Cristo, para podermos estudar a Bíblia e saber o que dizem as Escrituras. [...] Agora, irmãos, podemos jogar fora o lixo que está à porta de nosso coração [...] pois não temos tempo a perder” (Man. 26, 1888, itálico acrescentado).

Essa é a verdade. Hoje é o dia da nossa salvação. Busquemos a Deus com humildade.

Pai que estás no Céu, nos últimos dias percebi como nunca antes a centralidade absoluta do amor no cristianismo. Ajuda-me hoje mesmo a ser um canal mais frutífero de Teu amor na família, no meu local de trabalho e em todas as áreas da vida.

A Lei e o Evangelho

O homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus [...] pois, por obras da lei, ninguém será justificado. Gálatas 2:16

Conforme vimos nos últimos dias, Ellen White estava um pouco frustrada com o adventismo da era de 1888 – e com razão. Com o foco em corrigir a doutrina, conservar a tradição da igreja e ser bons adventistas, muitos haviam esquecido o real sentido do evangelho, tanto na teoria quanto na prática. Imitando os fariseus de outrora, tiveram um comportamento nada cristão uns com os outros, mesmo ao debater a lei de Deus e outros bons ensinos adventistas.

Clamando com o coração, em 24 de outubro, Ellen White disse aos delegados mais uma vez: “O que queremos é a verdade de Jesus. Sempre que vier algo para fechar as portas à verdade [sobre Jesus], impedindo-a de entrar, vocês ouvirão minha voz onde quer que for, seja na Califórnia, na Europa ou em qualquer lugar onde estiver, porque Deus me deu luz e meu alvo é deixá-la brilhar.

“Tenho visto almas preciosas que aceitariam a verdade [do adventismo] se afastarem por causa da maneira que a verdade tem sido tratada, porque Jesus não está nela. *E é isto que venho suplicando a vocês o tempo todo: queremos Jesus*” (Man. 9, 1888, itálico acrescentado).

Um ano e meio depois, ela continuava lutando com os ministros adventistas para “abrirem o coração e deixarem o Salvador entrar”. Ela disse aos pastores reunidos para a escola bíblica para pastores da Associação Geral que, quando saíssem das reuniões, deveriam estar “tão cheios da mensagem” do evangelho

que teriam a sensação de fogo dentro dos ossos, até que não conseguiriam ficar em silêncio. Todavia, caso exprimissem seus sentimentos, as pessoas diriam: “Você está empolgado demais, dando importância exagerada a esse assunto, sem pensar o bastante na lei; você deve pensar mais na lei; não fique recorrendo o tempo inteiro à justiça de Cristo, em vez disso se baseie na lei.”

A esses “bons” sentimentos adventistas, ela respondeu: “Deixe a lei cuidar de si mesma. Temos trabalhado na lei até ficarmos tão secos quanto os montes de Gilboa, sem orvalho ou chuva. Confiemos nos méritos de Jesus Cristo de Nazaré. Que Deus nos ajude para que nossos olhos sejam ungidos com colírio, a fim de conseguirmos ver” (Man. 10, 1889). É bom ficarmos empolgados com algumas coisas, se o fizermos com o espírito correto.

Justificação Pela Fé e a Terceira Mensagem Angélica – 1

Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus. Apocalipse 14:12

Conforme vimos, em 1888, a diferença entre o conceito evangélico e adventista sobre a salvação havia se tornado um problema. O ponto forte dos adventistas estava ligado às crenças distintivas, mas o ponto fraco era o grande ensino evangélico que os fundadores compartilhavam com os outros cristãos.

Ao contrário de alguns líderes de sua época, focados nas obras, Waggoner reconhecia que a igreja havia se afastado da doutrina histórica da salvação. Ellen White proferiu a mesma verdade ao expressar sua surpresa por descobrir que alguns achavam que Jones e Waggoner ensinavam uma "estranha doutrina", quando, na verdade, a "mensagem" deles não era "uma nova verdade, mas a mesma que Paulo e o próprio Cristo ensinaram" (Man. 27, 1889).

O comentário de Waggoner de que sua interpretação da lei e do evangelho refletia a de Paulo, Lutero e Wesley se tornou ainda mais esclarecedor quando ele acrescentou que "era um passo para mais perto do coração da terceira mensagem angélica". Ellen White defendia o mesmo ponto de vista. Ao mesmo tempo em que alguns temiam que a igreja estivesse se concentrando "demais na questão da justificação pela fé", vários lhe haviam escrito, "perguntando se a mensagem de justificação pela fé é a mensagem do terceiro anjo". Ela respondeu que "em verdade, é mesmo a terceira mensagem angélica" (RH, 1º de abril de 1890).

Tal declaração tem confundido alguns. O que exatamente ela quis dizer? Analisaremos esse assunto ao longo dos próximos dias.

Enquanto isso, devemos nos lembrar de que Apocalipse 14:12 é um texto

central na história adventista: “Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus.”

Reconhecendo o uso adventista desta passagem como uma descrição de sua denominação, um repórter de Mineápolis sugeriu que “uma presunção sem tamanho ou uma fé sublime os leva a aplicar esse texto a si mesmos”.

Os adventistas, é óbvio, consideravam essa interpretação uma “fé sublime”. E ambos os lados, na crise de 1888, passaram a perceber, cada vez mais claramente, que suas diferenças estavam ligadas ao significado de Apocalipse 14:12.

A propósito, esse é um bom texto bíblico para memorizar enquanto meditamos em seu sentido e em suas implicações.

Justificação Pela Fé e a Terceira Mensagem Angélica – 2

Felizes os que lavam as suas vestes, e assim têm direito à árvore da vida e podem entrar na cidade pelas portas.
Apocalipse 22:14, NVI

Os primeiros adventistas eram grandes guardadores dos mandamentos – às vezes por bons motivos, às vezes por razões nem tão boas assim.

Esse lado ligado às obras do sistema adventista de crenças desempenhou um papel crucial na compreensão pré-1888 de Apocalipse 14:12: “Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus.”

A interpretação desse versículo fora bem consistente antes de 1888. Tiago White criou um modelo para o conceito em abril de 1850. Ele sugeriu que o versículo tinha três pontos principais de identificação.

Ele mostrava: (1) um povo que deveria ser perseverante, apesar do desapontamento dos anos 1840, aguardando o retorno de Jesus; (2) um povo que “vencera a besta, sua imagem e sua marca e recebera o selo do Deus vivo, ao guardar ‘os mandamentos de Deus’”; e (3) um povo que “guarda a ‘fé’”, um conjunto de crenças em coisas como “o arrependimento, a fé, o batismo, a ceia do Senhor, o lava-pés dos santos” e assim por diante. Uma parte de guardar a fé, enfatizava ele, envolvia “guardar os mandamentos de Deus”. Observe que Tiago White conseguiu encaixar a obediência à lei de Deus em duas das três partes do versículo.

Dois anos depois, ele foi ainda mais preciso: “A fé em Jesus deve ser guardada, bem como os mandamentos de Deus. [...] Além de mostrar a distinção entre os mandamentos do Pai e a fé do Filho, isso também mostra que a fé em

Jesus a ser guardada envolve necessariamente os dizeres de Cristo aos apóstolos. Abarca todas as exigências e doutrinas do Novo Testamento.”

John N. Andrews tinha a mesma opinião, afirmando que “a fé em Jesus [...] deve ser guardada da mesma maneira que os mandamentos de Deus”.

R. F. Cottrell escreveu que a fé em Jesus “é algo que pode ser obedecido ou guardado. Portanto, concluímos que tudo que devemos fazer para ser salvos do pecado pertence à fé em Jesus”.

Conforme observamos antes, guardar é importante. Entretanto, seria verdade que “tudo que devemos fazer para ser salvos do pecado pertence à fé em Jesus”? Pense sobre isso. Discuta o assunto e ore a esse respeito.

Outubro

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Justificação Pela Fé e a Terceira Mensagem Angélica – 3

Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus. Apocalipse 14:12

Quase todos os intérpretes adventistas de Apocalipse 14:12 antes de 1888 consideravam que a "fé em Jesus" seria um conjunto de verdades em que se deveria crer e guardar. Todavia, na maior parte das vezes, os adventistas não dedicavam muito tempo a essa parte do versículo. Era o trecho sobre a obediência aos mandamentos que recebia mais atenção. Portanto, conforme observamos antes, Uriah Smith deu ênfase à palavra "guardam" quando comentou o texto em janeiro de 1888 e George Butler fez o mesmo em maio de 1889.

Tal ênfase derivava da visão de que a verdade do sábado, no contexto da marca da besta, seria a última mensagem de Deus a um mundo pronto para a segunda vinda. Não causa espanto o fato de essa interpretação levar o adventismo tradicional para muito próximo do legalismo. Tais consequências estavam na base do vocabulário de sua crença. Palavras como "guardar", "fazer", "obedecer", "lei" e "mandamentos" lhes enchiam a mente com a importância das contribuições distintivas do adventismo para o cristianismo em geral.

Foi essa interpretação de Apocalipse 14:12 que se questionou em 1888. De Mineápolis emanou um novo entendimento do texto central da história do adventismo.

Jones aludiu à nova interpretação em dezembro de 1887. Ele escreveu: "A única forma de obter harmonia com a justa lei de Deus é por meio da justiça divina, a qual vem mediante a fé em Jesus Cristo. [...] Na mensagem do terceiro

anjo, encontra-se personificada a verdade suprema e a justiça suprema.”

Note o que Jones fez. Ele identificou uma equivalência entre “a verdade suprema” e “os mandamentos de Deus”, e entre “a justiça suprema” e “a fé em Jesus”, que ele sugeria ser a fé depositada em Cristo.

De fato, Jones ajudou os adventistas de sua época a compreenderem que somente a fé alicerçada no filho de Deus é capaz de nos conduzir a uma vida de obediência aos mandamentos. Essa é a mensagem que devemos levar ao mundo ainda hoje.

Justificação Pela Fé e a Terceira Mensagem Angélica – 4

Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê. Romanos 1:16

Alonzo T. Jones pode ter feito a primeira alusão ao novo entendimento do que seria a "fé em Jesus" em 1887, mas Ellen White seria ainda mais específica. Ela escreveu:

"A mensagem dada ao povo nas reuniões [em Mineápolis] apresentou em linhas claras não só os mandamentos de Deus – uma parte da terceira mensagem angélica – mas também a fé em Jesus, a qual envolve mais do que se costuma supor. E fará muito bem a proclamação da terceira mensagem angélica em todos os lugares, pois as pessoas necessitam de cada jota e cada til dela. Se proclamarmos os mandamentos de Deus e deixarmos a outra metade quase sem menção, a mensagem será manchada em nossas mãos. [...]

"A mensagem presente que o Senhor confiou como dever para Seus servos proclamarem às pessoas não é algo novo, nem inédito. Trata-se de uma verdade antiga que foi perdida de vista, uma vez que Satanás fez grandes esforços para que isso acontecesse.

"O Senhor tem uma obra para cada um que pertence a Seu povo leal: levar a fé em Jesus ao lugar correto – dentro da mensagem do terceiro anjo. A lei ocupa uma posição importante, mas ela só tem poder quando a justiça de Cristo é colocada a seu lado para conferir sua glória a todo o padrão real de justiça. [...]

"Uma confiança plena e irrestrita confere a qualidade correta à experiência religiosa. Sem ela, essa experiência se resume a nada. O serviço se torna como a oferta de Caim: sem Jesus. Deus é glorificado por meio da fé viva em um Salvador pessoal e todo-suficiente. A fé vislumbra Cristo como Ele de fato é: a

única esperança do pecador. A fé se apega a Jesus e confia nEle. Ela diz: ‘Ele me ama e morreu por mim. Eu aceito o sacrifício, e Cristo não terá morrido por mim em vão.’

“Além de nós termos perdido muitas pessoas, os ministros têm negligenciado a parte mais solene de nossa obra ao não se demorarem no sangue de Jesus Cristo como a única esperança de vida eterna para o pecador. Contem a história de Cristo. [...] Digam aos pecadores: ‘vede e vivereis’” (Man. 30, 1889).

A fé em Cristo como Salvador é o cerne do evangelho. É também o centro da terceira mensagem angélica, o coração da mensagem de 1888.

Ajuda-nos, Pai, a entender melhor a relação entre lei e evangelho à medida que refletimos sobre os desdobramentos de Apocalipse 14:12.

Justificação Pela Fé e a Terceira Mensagem Angélica – 5

Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se Ele próprio maldição em nosso lugar (porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro). Gálatas 3:13

A exaltação da fé em Cristo como o coração da terceira mensagem angélica se tornou central para a mensagem de Ellen White na Assembleia da Associação Geral de 1888 e depois também.

Pouco após as reuniões em Mineápolis, ela fez uma de suas declarações mais poderosas sobre Apocalipse 14:12 e o significado central da mensagem de 1888: “A terceira mensagem angélica é a proclamação dos mandamentos de Deus e da fé em Jesus Cristo. Os mandamentos de Deus têm sido proclamados, mas a fé em Jesus não tem sido anunciada pelos adventistas do sétimo dia com a mesma importância, andando a lei e o evangelho de mãos dadas como deveriam. Não consigo encontrar palavras para expressar este assunto em sua plenitude.

“‘A fé em Jesus’ – fala-se sobre ela, mas não é compreendida. O que constitui a fé em Jesus, que pertence à mensagem do terceiro anjo? Jesus levou nossos pecados a fim de Se tornar o Salvador que nos perdoa. Ele foi tratado como nós merecemos ser tratados. Veio ao mundo e levou sobre Si nossos pecados, a fim de que pudéssemos nos revestir de Sua justiça. A fé na capacidade de Cristo nos salvar de maneira ampla, completa e sem medida é a fé em Jesus. [...]

“Só há salvação para o pecador no sangue de Jesus Cristo, que nos purifica de todo pecado. O ser humano com o intelecto culto pode ter grandes somas de conhecimento, engajar-se em especulações teológicas, ser grande, honrado e considerado um depositário de sabedoria; mas, a menos que tenha o

conhecimento salvífico de Jesus crucificado em seu lugar e, pela fé, se apegue à justiça de Cristo, estará perdido. ‘Ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele, e pelas Suas pisaduras fomos sarados’ (Is 53:5). ‘Salvos pelo sangue de Jesus Cristo’ será nossa única esperança para este tempo e nosso cântico pela eternidade” (Man. 24, 1888, itálico acrescentado).

Cristo morreu por nós e só podemos ser salvos por meio de uma fé vital em Seu sacrifício. Esse é o centro da fé em Jesus e de Apocalipse 14:12. É o cerne do que significa ser adventista do sétimo dia e o coração do verdadeiro cristianismo.

Justificação Pela Fé e a Terceira Mensagem Angélica – 6

Olhei, e eis uma nuvem branca, e sentado sobre a nuvem um semelhante a Filho de homem, tendo na cabeça uma coroa de ouro e na mão uma foice afiada. Apocalipse 14:14

Ouso dizer que não era qualquer assunto que empolgava Ellen White. No entanto, o entusiasmo que ela demonstrava pelo plano da salvação em Cristo era insuperável.

Ao refletir sobre a recém-concluída Assembleia da Associação Geral em 1888, ela constatou: “O Pastor E. J. Waggoner recebeu o privilégio de falar claramente e de apresentar sua perspectiva sobre a justificação pela fé e a justiça de Cristo em relação à lei. Não foi nenhuma luz nova, mas uma luz antiga colocada no lugar em que deveria estar, dentro da terceira mensagem angélica.

“Qual é o objetivo dessa mensagem? João vê um povo. Ele diz: ‘Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus’ (Ap 14:12). João contempla esse povo logo antes de ver o Filho do homem ‘tendo na cabeça uma coroa de ouro e na mão uma foice afiada’ (v. 14).

“A fé em Jesus tem sido negligenciada e tratada de maneira indiferente, descuidada. Ela não ocupa a posição de proeminência que foi revelada a João. A fé em Cristo como a única esperança do pecador muitas vezes vem sendo deixada de lado, não só nas pregações, mas também na experiência religiosa de muitos dos que afirmam crer na mensagem do terceiro anjo.

“Nesta reunião, testemunhei que a mais preciosa luz tem brilhado das Escrituras na apresentação do grande tema da justiça de Cristo ligado à lei, que deve ser constantemente colocada diante do pecador como sua única esperança de salvação.

“Não foi uma luz nova para mim, pois me foi dada por uma autoridade superior ao longo dos últimos 44 anos e eu a tenho apresentado ao povo por meio da pena e da voz, nos testemunhos do Espírito. Mas muito poucos têm respondido. [...] Pouco se fala e se escreve sobre este grande tema. Os discursos proferidos por alguns seriam corretamente representados como a oferta de Caim: sem Cristo. O padrão para medir o caráter é a lei divina. A lei detecta o pecado. Por meio da lei, vem o conhecimento do pecado. Mas o pecador é constantemente atraído a Jesus” que morreu pelos pecados de cada indivíduo na cruz (Man. 24, 1888).

Reflita hoje em Cristo e no que Ele fez por você. Tais pensamentos não só lhe confortarão a alma, como também revigorarão sua vida e transformarão suas ações.

Justificação Pela Fé e a Terceira Mensagem Angélica – 7

O justo viverá por fé. Romanos 1:17

Algo muito interessante que lemos antes foi o fato de Ellen White destacar mais de uma vez que a verdade sobre a justificação pela fé anunciada por Waggoner não era nova luz, que ela própria a vinha proclamando por 44 anos. Waggoner concordava com essa ideia, observando que a mensagem ensinada por ele fora proclamada “por todos os eminentes reformadores” “desde os dias de Paulo até a época de Lutero e Wesley”.

Em outras palavras, de acordo com Waggoner, suas ideias eram uma retomada do ponto de vista evangélico da justificação pela fé.

Essa também era a interpretação de Ellen White a respeito de, no mínimo, parte da contribuição de Jones e Waggoner. Em agosto de 1889, ela escreveu que a doutrina da “justificação pela fé” ficara “por muito tempo escondida debaixo de um entulho de erros”. Tais erros, afirmou ela, foram demonstrados pelo “povo da Santidade”, que pregava a fé em Cristo, mas também defendia a “eliminação da lei” (RH, 13 de agosto de 1889). De acordo com essa perspectiva, o ensino da justificação pela fé estivera na “companhia do erro” (Man. 8a, 1888).

No outro extremo, estavam os adventistas que defendiam a santidade da lei, mas haviam “perdido de vista” a “doutrina da justificação pela fé”. Nesse contexto, ela afirma que “Deus levantou homens [Jones e Waggoner] para atender às necessidades desta época. [...] A obra deles não é somente proclamar a lei, mas pregar a verdade para este tempo: o Senhor, justiça nossa”.

Segundo ela, os adventistas vinham fazendo um bom trabalho no que se refere à lei, enquanto o povo da santidade pregava a fé em Cristo. Mas as duas

partes estavam erradas. Os adventistas negligenciavam a fé, ao passo que o povo da santidade denegria a lei. A realização de Jones e Waggoner foi eliminar os erros de cada grupo enquanto aliavam suas verdades.

Como resultado, Ellen White podia afirmar que, por meio da ênfase de Jones e Waggoner na justificação pela fé, “Deus resgatou essas verdades da companhia do erro [os que desprezavam a lei] e as colocou dentro de seu contexto apropriado [a terceira mensagem angélica]” (Man. 8a, 1888).

O Senhor não deseja adventistas desequilibrados, focados apenas na lei ou na fé. Ele quer um povo que coloque esses dois elementos na perspectiva correta.

Justificação Pela Fé e o Alto Clamor

Depois destas coisas, vi descer do céu outro anjo, que tinha grande autoridade, e a Terra se iluminou com a sua glória. Então, exclamou com potente voz, dizendo: Caiu! Caiu a grande Babilônia. [...] Retirai-vos dela, povo meu. Apocalipse 18:1, 2, 4

Observamos ontem que um dos aspectos da mensagem de Waggoner e Jones que empolgou Ellen White foi a junção das duas metades de Apocalipse 14:12. Eles pregavam não só os mandamentos de Deus, mas também a fé em Jesus como Senhor e Salvador. Assim, haviam resgatado as verdades da justificação pela fé "da companhia do erro [os que desprezavam a lei]" e as colocaram "dentro de seu contexto apropriado [a terceira mensagem angélica]" (Man. 8a, 1888).

Segundo seu modo de ver, a mensagem de 1888 não era uma doutrina adventista específica desenvolvida por Jones e Waggoner. Em vez disso, tratava-se da reunião do adventismo com o cristianismo geral. Ela exaltava Jesus Cristo como a coluna central de todo o viver e pensamento cristão, proclamava a justificação pela fé e ensinava que a santificação se reflete na obediência à lei de Deus por intermédio do poder do Espírito Santo.

Depois de compreendermos que o âmago da contribuição de Jones e Waggoner foi unir as várias partes da terceira mensagem angélica, é possível compreender a intrigante declaração de Ellen White a respeito do início do alto clamor em 1888. Na *Review* de 22 de novembro de 1892, lemos: "O período de prova se encontra sobre nós, pois o alto clamor do terceiro anjo já começou na revelação da justiça de Cristo, o Redentor que perdoa os pecados. Este é o princípio da luz do anjo cuja glória encherá toda a Terra. Pois é a obra de todo

aquele que recebeu a mensagem de advertência [...] exaltar a Jesus.”

Jones, confundindo a chuva serôdia (o derramamento do Espírito Santo – uma pessoa) com o alto clamor (uma mensagem), fez um grande alarde da declaração feita em 1892, proclamando que a chuva serôdia havia começado. Entretanto, ele precisava ler com mais cuidado. Era o alto clamor, não a chuva serôdia, que tinha iniciado em Mineápolis.

A poderosa ideia que Ellen White comunicou em 1892 foi que, em 1888, os adventistas do sétimo dia finalmente tinham a última mensagem de misericórdia completa para pregar ao mundo. O alto clamor proclamaria a continuidade da importância dos Dez Mandamentos no contexto de uma fé firme em Jesus como Senhor e Salvador, tudo dentro da expectativa do segundo advento (Ap 14:12).

Que mensagem! E Deus quer que sejamos fiéis a todas às suas partes.

E a Trindade? – 1

Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Mateus 28:19

Pode ser uma surpresa para muitos dos adventistas do sétimo dia atuais descobrir que a maioria dos fundadores da denominação não entraria para a igreja hoje se precisassem concordar com as 28 crenças fundamentais. Para ser mais específico, eles rejeitariam a crença número 2, sobre a Trindade, porque eram antitrinitários; refutariam a crença 4, sobre o Filho, pois defendiam que Ele não era eterno; e negariam a número 5, sobre o Espírito Santo, porque para eles o Espírito era uma força, em vez de uma pessoa.

Em grande medida, a Conexão Cristã havia moldado a compreensão deles acerca desses assuntos. Em 1835, Josué Himes, importante ministro dessa denominação, escreveu que “a princípio, eles [os membros da Conexão Cristã] eram, de modo geral, trinitários”, mas se afastaram da crença quando passaram a compreender que “não era bíblica”. Himes declarou que somente o Pai era “não originado, independente e eterno”. Logo, Cristo seria originado, dependente e trazido à existência pelo Pai. Os conexionistas também tinham a tendência de conceber o Espírito Santo como “o poder e a energia de Deus, a santa influência divina”.

José Bates, Tiago White e outros levaram tais pontos de vista para o adventismo do sétimo dia. Por exemplo, em 1846, White chamou a Trindade de “antigo credo antibíblico” e, em 1852, de “velho absurdo trinitário”.

John N. Andrews partilhava das perspectivas de White. Em 1869, ele escreveu que: “O Filho de Deus [...] tem Deus por Pai e, em algum momento

passado da eternidade, teve um princípio de seus dias.”

Uriah Smith também rejeitava a Trindade. Ele argumentou, em 1865, que Cristo foi “o primeiro ser criado” e, em 1898, que somente Deus não tem princípio.

Esse panorama dá uma ideia de quem era quem na Trindade segundo o modo de ver dos adventistas guardadores do sábado. Você pode ter observado que somente um nome está faltando: o de Ellen White. Não que ela não tivesse nada a dizer sobre o assunto. Contudo, é impossível saber exatamente em que ela acreditava com base no que disse nas primeiras décadas do movimento.

Como os primeiros líderes adventistas podem ter se equivocado em um tema tão importante? Parte da resposta é esta: Deus conduz Seu povo passo a passo e, à medida que progride, sua visão se torna cada vez mais clara. Ao longo dos próximos dias, veremos uma transformação que ocorreu no pensamento adventista sobre a Trindade.

E a Trindade? – 2

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. João 1:1

Os primeiros líderes adventistas do sétimo dia eram, de modo quase unânime, antitrinitarianos. E os reformadores em Mineápolis?

É interessante notar que esse era um ponto teológico no qual E. J. Waggoner concordava com Uriah Smith. “Houve um momento”, escreveu Waggoner em seu livro de 1890, intitulado “Cristo e Sua Justiça”, “em que Cristo procedeu e se originou de Deus [...], mas isso aconteceu há tanto tempo na eternidade que, para a compreensão finita, é quase como se Ele não tivesse princípio”.

Sua declaração é notavelmente paralela à de Smith na mesma década: “Só Deus não tem princípio. Em uma época das mais remotas em que se pudesse haver um início – uma ocasião tão distante, que, para as mentes finitas, é essencialmente eterna – surgiu o Verbo.”

Se Smith e Waggoner estavam do mesmo lado no que se refere à Trindade, precisamos perguntar: De onde veio o estímulo para a mudança?

É aí que entra outra reformadora de 1888. A experiência de 1888 literalmente transformou o ministério escrito de Ellen White. Foi durante os acontecimentos ligados à Assembleia da Associação Geral que ela reconheceu mais plenamente a ignorância dos ministros e leigos adventistas a respeito do plano da salvação e da centralidade de Cristo.

Nos anos seguintes, seus livros mais importantes sobre esses assuntos foram publicados:

Em 1892, o clássico *Caminho a Cristo*.

Em 1896, *O Maior Discurso de Cristo*, que aborda o sermão do Monte.

Em 1898, *O Desejado de Todas as Nações*, seu livro sobre a vida de Cristo.

Em 1900, *Parábolas de Jesus*, sua obra sobre as parábolas.

Em 1905, *A Ciência do Bom Viver*, cujos capítulos iniciais se concentram no ministério de cura de Jesus.

Nenhum desses livros traz um capítulo ou mesmo um parágrafo sobre a Trindade ou a divindade plena de Cristo, mas ela profere expressões e palavras que levaram os adventistas a estudar novamente o assunto. Tal estudo da Bíblia acabaria por transformar a posição do adventismo sobre a Trindade e tópicos relacionados.

Obrigado, Senhor, por Tua bondosa guia. Tu fazes Tua igreja avançar na velocidade em que é capaz de absorver o que tens para ela.

E a Trindade? – 3

Então, disse Pedro: Ananias, por que encheu Satanás teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo? [...] Não mentiste aos homens, mas a Deus. Atos 5:3, 4

A despeito da clareza da Bíblia sobre o assunto, os primeiros adventistas falharam em reconhecer a pessoalidade e a plena divindade do Espírito Santo. Isso teria consequências desastrosas para a denominação por volta do fim do século 19.

Entretanto, primeiro precisamos reconhecer que, nos anos 1890, possivelmente foi escrito mais sobre o Espírito Santo e Cristo do que em qualquer outra década da história adventista. Isso era natural, uma vez que começaram a falar sobre a justificação pela fé e a centralidade de Cristo para a salvação. Afinal, se é Cristo quem salva, é importante que Ele seja adequado para a tarefa. E se o Espírito desempenha um papel-chave nesse processo, seria esperado falar sobre Sua função. Portanto, não foi acidental o início da discussão sobre a Divindade dentro do adventismo na década de 1890.

No entanto, os adventistas não eram os únicos a falar sobre o Espírito Santo. As denominações wesleyanas, com sua ênfase na cura pela fé e na vida vitoriosa surgiram durante esses anos e, na virada do novo século, ocorreria a ascensão do pentecostalismo moderno. Ambos os movimentos tinham muito a dizer sobre a obra do Espírito na vida das pessoas e na igreja. No outro extremo do espectro teológico, encontravam-se os cristãos liberais, que renovaram o interesse em teorias ligadas ao Espírito, como a imanência de Deus e também as ideias de religiões orientais como o hinduísmo, com a perspectiva panteísta de que tudo o que existe é Deus.

O adventismo, sofrendo com a falta de um entendimento apropriado sobre esses assuntos, seria profundamente afetado pelos movimentos do mundo religioso mais amplo. De um lado, aconteceria, na virada do século, um afloramento pentecostal, com o movimento da Carne Santa, o qual proclamava que até o dente caído dos fiéis cresceria de volta antes do retorno de Cristo, para todos terem uma carne perfeita. Em contrapartida, Waggoner e J. H. Kellogg se deixaram influenciar pelo panteísmo. Nas assembleias da Associação Geral de 1897 e 1899, por exemplo, Waggoner afirmou que Cristo “apareceu como uma árvore” e que “o indivíduo pode obter justificação ao se banhar, quando sabe de onde provém a água”.

Que confusão! Mas foi nesse contexto que Deus conduziu o adventismo ao passo seguinte no caminho progressivo da verdade presente.

Deus tinha uma mensagem sobre a Trindade para Seu povo; porém, ela só seria compreendida por meio do estudo da Bíblia.

E a Trindade? – 4

Mas a respeito do Filho, diz: "O Teu trono, ó Deus, subsiste para todo o sempre." Hebreus 1:8, NVI

Muito embora a Bíblia não tenha nenhuma dificuldade de chamar Jesus de Deus, os adventistas sofriam desse problema, sem dúvida com base em um preconceito, segundo o qual a doutrina da Trindade era produto de uma igreja em apostasia. Entretanto, tal atitude mudaria.

E à frente daqueles que direcionavam a igreja a um novo rumo se encontrava Ellen White. Embora ela nunca tenha usado a palavra "Trindade", seus escritos da era de 1888 e após esse período estão repletos de expressões e conceitos trinitários. Ela observou, por exemplo, que "há três pessoas vivas pertencentes à Trindade celeste [no original, trio celeste]" (Ev, p. 615). Em 1901, escreveu sobre "os eternos dignitários celestes – Deus, Cristo e o Espírito Santo" (ibid., p. 616). Várias vezes, referiu-se ao Espírito Santo como a "terceira pessoa da Trindade [no original, Divindade]" (ibid., p. 617; DTN, p. 671). E não tinha dúvidas de que "o Espírito Santo [...] é tanto uma pessoa como o próprio Deus" (Ev, p. 616).

Com respeito a Cristo, Ellen White foi bem além de Waggoner, Smith e da maioria dos outros adventistas de sua época, ao caracterizá-Lo não só como "igual a Deus", mas também como "o Filho de Deus, preexistente, existente por Si mesmo" (ibid., p. 615). Ele era um com o Pai "desde toda a eternidade" (RH, 5 de abril de 1906).

Talvez a declaração mais controversa e inesperada da Sra. White para os adventistas dos anos 1890 seja uma frase de seu livro sobre a vida de Jesus, na qual destacou que "*em Cristo há vida original, não emprestada, não derivada*"

(DTN, p. 530, itálico acrescentado). Tal afirmação pegou a denominação de surpresa. Alguns questionaram se ela não haveria se afastado da fé. Não temos a menor dúvida de que Ellen White esteve na vanguarda daqueles que procuraram cristianizar o adventismo em sua compreensão sobre a natureza de Jesus.

Contudo, é crucial observar que ela nunca resolveu nenhum problema, nem desenvolveu a teologia da Trindade. Em vez disso, salpicou seus escritos com declarações que levaram os pastores e membros da igreja a se voltarem mais uma vez para a Bíblia a fim de estudar novamente o assunto por si mesmos.

Pai celestial, nós Te agradecemos hoje porque Cristo é suficiente para salvar e por termos o Espírito Santo ao nosso lado em Sua tarefa redentora.

E a Trindade? – 5

Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os Seus ombros; e o Seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte. Isaías 9:6

Ontem vimos algumas das declarações distintamente trinitárias de Ellen White, feitas durante o período de 1888. Para muitos, a mais problemática era a encontrada em *O Desejado de Todas as Nações*, página 530: “Em Cristo há vida original, não emprestada, não derivada.”

A convicção dessa frase pegou muitos de surpresa. Um deles foi o jovem pregador M. L. Andreasen. Ele tinha certeza de que a Sra. White não havia escrito aquilo, que seus editores e assistentes deveriam ter feito alguma alteração. Por isso, pediu para ler o manuscrito original. Ela disponibilizou o documento com alegria. Posteriormente, ele recordou: “Eu tinha levado uma série de citações para ver se constavam no original escrito por seu próprio punho. Lembro-me de como fiquei pasmo quando *O Desejado de Todas as Nações* foi publicado, pois continha coisas que considerávamos inacreditáveis, dentre elas, a doutrina da Trindade, que não era, na época, aceita pelos adventistas de modo geral.”

Tendo permanecido por vários meses na Califórnia, Andreasen teve tempo suficiente para averiguar suas suspeitas. Ele tinha interesse especial pela “afirmação em *O Desejado de Todas as Nações* que, na época, causou grande preocupação teológica para a denominação: ‘em Cristo há vida original, não emprestada, não derivada’. [...] Essa frase pode não parecer muito revolucionária para você”, disse a seu público em 1948, “mas foi para nós. Mal podíamos acreditar. [...] Eu tinha certeza de que a irmã White nunca havia escrito” a passagem. “Mas então a encontrei registrada de próprio punho assim como fora

publicada.”

Alguns ainda não acreditam nisso. Durante os últimos quinze anos, tem havido um renascimento do antitrinitarismo entre alguns adventistas. Assim como Andreasen, os adeptos desse movimento acham que os editores mudaram os pensamentos de Ellen White.

Com certeza, isso revela muito sobre sua falta de conhecimento a respeito de Ellen White. Ela sabia em que acreditava e discordava de editores e até mesmo de administradores da Associação Geral, conforme vimos em 1888. Seus assistentes tinham permissão para modificar palavras específicas, por meio do uso de sinônimos, mas não seus pensamentos.

A recuperação da crença na Trindade foi mais um passo na guia progressiva de Deus no adventismo, rumo a uma compreensão mais plena das Escrituras.

Retrospectiva Sobre a Trindade

A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós. 2 Coríntios 13:13

Essas foram as últimas palavras de Paulo em sua segunda carta aos coríntios, uma frase que chama a atenção de todos os leitores da Bíblia para a identidade dos membros da Trindade – o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Entre os anos 1880 e o meio do século 20, o adventismo passou por uma revolução na crença sobre a Trindade e a natureza divina do Filho e do Espírito. Conforme constatamos, Ellen White apontou o adventismo para a nova direção, mas suas declarações não criaram a revolução. Em vez disso, incentivaram outros adventistas a explorarem as Escrituras por si mesmos, em busca de uma resposta bíblica sobre o assunto.

Mesmo assim, porém, a mudança não foi rápida. Na verdade, demorou décadas. Um exemplo foi a Conferência Bíblica organizada pela Associação Geral em 1919. Nela, o debate inicial sobre a Trindade deixou alguns nervosos. Um dos pastores da liderança declarou: “Não posso aceitar a suposta doutrina trinitária. [...] Não consigo acreditar que duas pessoas da Divindade são iguais, o Pai e o Filho. [...] Não posso crer na doutrina trinitária de três pessoas que sempre existiram.”

O presidente da Associação Geral, Arthur G. Daniells, tentou acalmar as coisas ao dizer: “Não vamos votar em favor do trinitarismo ou do arianismo.” Ele também afirmou que as escamas haviam caído de seus olhos após a publicação de *O Desejado de Todas as Nações* e depois de pesquisar o assunto na Bíblia.

Em 1931, a denominação fez a primeira declaração de crenças fundamentais com uma posição trinitária. Isso não quer dizer que todos concordaram com ela. Redutos antitrinitários permaneceram até os anos 1940; mas, na década de 1950, a igreja passou a ecoar a mesma voz em relação à Trindade.

Por isso, surpreende um pouco ver o reavivamento do antitrinitarismo. Alguns dos apóstolos dessa doutrina me pararam em um "corredor escuro" da Assembleia da Associação Geral em Toronto, no ano 2000. Eu lhes perguntei por que acreditavam que sua posição era verdadeira. A resposta foi que essa era a opinião de nossos fundadores. Tal lógica nos levaria a comer carne de porco e a guardar o sábado das 18h às 18h. Disse-lhes que a tradição era um bom argumento para a igreja medieval, mas não para um movimento baseado na Bíblia.

A única tradição válida é que os adventistas são um povo da Bíblia.

Os Anos Pós-Mineápolis – 1

Nós lhes anunciamos as boas-novas: o que Deus prometeu a nossos antepassados Ele cumpriu [...] ressuscitando Jesus. Atos 13:32, 33, NVI

Espalhar as “boas-novas” foi a tarefa dos reformadores de 1888 após o encerramento da Assembleia da Associação Geral.

Ellen White foi embora de Mineápolis desanimada com a liderança ministerial da denominação, mas continuava a ter esperança no povo adventista como um todo. Antes do encerramento da assembleia, ela disse aos ministros reunidos que, se eles não aceitassem a luz, queria “dar ao povo essa chance; talvez os membros a recebessem” (Man. 9, 1888). Com certeza, precisavam dela. Em setembro de 1889, a Sra. White comentou que não havia “um em cem” que realmente entendesse o que significa ser justificado pela fé, o que quer dizer que “Cristo deve ser [...] a única esperança de salvação” (RH, 3 de setembro de 1889).

Até o outono de 1891, ela, Jones e Waggoner percorreram a nação, pregando a justificação pela fé “ao povo” e aos pastores. Depois que partiu para a Austrália em 1891 e Waggoner foi para a Inglaterra, Jones e William W. Prescott continuaram a apresentar a mensagem nos Estados Unidos. Ao longo de todo esse período e além, Ellen White enfatizava que Deus havia escolhido Jones e Waggoner para dar uma mensagem especial à Igreja Adventista. Ela também publicava bastante material sobre a justificação pela fé.

Os novos administradores da Associação Geral, Ole A. Olsen (1888–1897) e G. A. Irwin (1897–1901), tiveram uma reação positiva, dando visibilidade a Jones e Waggoner ao longo dos anos 1890. Esses dois tinham acesso ao povo por

meio das igrejas, das lições da escola sabatina, dos colégios, das escolas para ministros e das casas publicadoras da denominação.

De especial importância foi o fato de Jones e Waggoner terem recebido papéis proeminentes no estudo da Bíblia e da teologia em cada Assembleia da Associação Geral de 1889 a 1897. Além disso, em 1897, Jones assumiu a importante posição de editor da *Review and Herald*.

É difícil imaginar um esquema que daria mais proeminência aos reformadores durante a década de 1890.

Verdadeiramente, as “boas-novas” estavam sendo levadas ao “povo”. E continuam a ser. Cristo ainda é a atração principal na pregação adventista centrada na Bíblia.

Os Anos Pós-Mineápolis – 2

Como são belos os pés dos que anunciam boas-novas!
Romanos 10:15, NVI

Os meses após Mineápolis foram de muito trabalho para Ellen White, Jones e Waggoner, enquanto pregavam Cristo e Seu amor aos pastores adventistas e membros leigos por toda a nação em 1889. Embora os resultados tenham ficado bem aquém do desejado, ocorreram algumas confissões acerca da atitude errada em Mineápolis, bem como grande júbilo pela nova liberdade encontrada na justiça de Cristo. A Sra. White escreveu, com alegria, durante a Assembleia da Associação Geral de 1889: “Temos tido reuniões excelentes. O espírito que prevaleceu na reunião de Mineápolis não está aqui.” Muitos dos delegados testemunharam que o ano que havia se passado fora “o melhor de sua vida; a luz a resplandecer da Palavra de Deus foi clara e distinta – a justificação pela fé, Cristo justiça nossa” (ME3, p. 160).

A boa notícia é que estava acontecendo progresso. E ele prosseguiria ao longo da década de 1890, mesmo que alguns continuassem se apegando ao passado.

Em 1899, Waggoner disse aos delegados da Assembleia da Associação Geral que os princípios que ele e Jones haviam pregado em Mineápolis “foram aceitos, em grande medida, desde aquela ocasião”.

Quatro dias depois, Jones comentou na *Review* que a igreja como um todo havia aceitado tanto a mensagem, a ponto de ele ter medo “de haver uma tendência de chegar ao outro extremo agora, de pregar a fé em Jesus sem os mandamentos”. Então ele prosseguiu argumentando em favor do equilíbrio adequado, apresentando as várias partes de Apocalipse 14:12.

Uma terceira testemunha da aceitação teológica da mensagem de 1888 foi Ellen White. Em 6 de fevereiro de 1896, ela aconselhou a interrupção dos institutos ministeriais com cursos de três a cinco meses, inaugurados na esteira da crise de Mineápolis para instruir os pastores. “Houve um tempo em que este trabalho se tornou necessário, porque nosso próprio povo se opôs à obra de Deus, recusando a luz da verdade sobre a justiça de Cristo pela fé”, mas tal esforço não era mais necessário (TM, p. 401).

Louvado seja o Senhor! A denominação progrediu. No entanto, esse tipo de conquista nunca é universal, nem totalmente duradouro. A reforma é uma ordem constante para a igreja. Necessitamos mais de Cristo hoje, mas também precisamos de um equilíbrio contínuo enquanto procuramos apresentar, ao mesmo tempo, a fé salvadora e os mandamentos de Deus na relação adequada que deve existir entre eles.

O que Aconteceu com Butler? – 1

Abandonaste o teu primeiro amor. Apocalipse 2:4

Nem todas as experiências após Mineápolis foram felizes. George Butler, sentindo que fora "ferido" em casa de amigos seus, abdicou à presidência da Associação Geral no encerramento da Assembleia de 1888. Pouco depois, ele e a esposa se mudaram para a Flórida, a fim de cultivar laranjas. Seis dias antes de sua partida para o Sul, no meio de dezembro, Ellen White lhe enviou uma carta, chamando-o de inimigo dos Testemunhos e de não convertido. Encerrou com um apelo para que ele mudasse os caminhos de seu coração.

Essa foi a primeira de muitas cartas mandadas para Butler, mas ele não estava disposto a confessar. Recordando o período inicial que passou na Flórida, da perspectiva de 1905, Butler escreveu: "Algumas pessoas têm muita dificuldade de fazer uma confissão. [...] Ela costumava me escrever, vez após outra, sobre a Assembleia de Mineápolis e coisas do tipo, e eu invariavelmente respondia que não tinha utilidade nenhuma eu sair fazendo confissões que não considerava necessárias. Fiquei firme nesse ponto." Disse que nunca cometeria o erro de fingir paz quando esta não existia.

No que se refere às aparências externas, a frustração de Butler chegou ao auge no início de 1893, quando pediu à denominação que não renovasse sua credencial de pastor. Na verdade, porém, Butler provavelmente não estava solicitando a renúncia da posição de ministro, mas levantando um questionamento para o qual ele precisava de resposta: "Eu ainda sou necessário?"

Mais ou menos na mesma época, ele pregou pela primeira vez em quatro anos. Enquanto isso, a igreja renovou sua credencial. Cheio de alegria pela

aceitação, Butler declarou que estava quase pronto a exclamar que “os queridos irmãos fizeram uma conspiração para matar o velho pecador com atos de bondade”.

Contudo, sendo uma pessoa complexa, como todos nós, ainda não conseguia acreditar “que Deus conduzira Waggoner a inundar a denominação com a controvérsia de Gálatas”. Em contrapartida, pelo menos ele estava disposto, nessa ocasião, a admitir que Deus havia extraído algo bom de tudo aquilo – sobretudo no que se refere ao aumento da proeminência da justificação pela fé e da justiça de Cristo.

Senhor, nós queremos Te agradecer por Tua longanimidade com os seres humanos rebeldes. Todos necessitamos de ajuda. Mais do que isso, queremos ajuda. Muito obrigado por permanecer em nossa vida, a despeito de quem somos.

O que Aconteceu com Butler? – 2

Na velhice darão ainda frutos. Salmo 92:14

O irmão Butler era um velho durão, mas Deus o amava assim mesmo. Essa é uma ótima notícia para a maioria de nós.

Ele teve seus momentos de arrependimento. Por exemplo, em 1893, escreveu para Ellen White: “Ao longo dos últimos anos, quase me matei de tanto trabalhar, mas isso não é nada em comparação com o progresso da obra.” No outono de 1894, Butler até convidou Alonzo T. Jones para ajudá-lo na reunião campal da Flórida.

Em 1901, após a morte de sua esposa, Butler saiu de sua “semiaposentadoria” e se tornou presidente da Associação da Flórida. Entre 1902 e 1907, atuou como presidente da União Sul dos Estados Unidos.

Ellen White se alegrou ao ver o experiente pioneiro de volta em uma posição de liderança. “Eu sabia”, disse ela aos delegados da Assembleia da Associação Geral em 1903, “que chegaria o momento em que ele assumiria novamente seu lugar na obra. Gostaria que vocês reconhecessem as provas pelas quais ele passou. [...] Deus deseja que os pioneiros de cabelos brancos”, os quais participaram do início do adventismo, “assumam uma posição em Sua causa hoje. Eles não devem desaparecer de vista” (Boletim da Associação Geral de 1903, p. 205).

O novo Butler, escreveu ela em 1902, não era o mesmo de 1888. Além de estar “forte em saúde física e espiritual”, “o Senhor o provara e testara, assim como fizera com Jó e com Moisés.” Ela disse: “Vejo no pastor Butler alguém que humilhou a alma perante Deus. Ele tem outro espírito, diferente do pastor

Butler de anos atrás. Está aprendendo uma lição aos pés de Jesus” (Ct 77, 1902).

Tal atestado de saúde não quer dizer que Butler havia entendido as questões de 1888. Ele disse ao presidente da Associação Geral Arthur G. Daniells, em 1909, que “nunca conseguira ver a luz” das mensagens de Jones e Waggoner. Seu lema continuava a ser “obedeça e viverá”.

A despeito de seus problemas, Ellen White escreveu, a seu respeito: “Embora ele possa cometer alguns erros, continua a ser um servo do Deus vivo e farei tudo a meu alcance para apoiá-lo em seu trabalho” (Ct 293, 1905). Butler permaneceu surpreendentemente ativo na igreja até sua morte, em 1918, aos 84 anos de idade.

Deus usa até mesmo pessoas nada perfeitas. E isso é ótimo. Caso contrário, ele não teria ninguém a quem usar.

Toma-nos, Senhor, com todos os nossos defeitos e nos usa para Tua glória. Amém.

O que Aconteceu com Smith?

Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços. Lucas 20:18

Assim como Butler, Uriah Smith passou por uma experiência traumática em Mineápolis. Em novembro de 1888, profundamente decepcionado e chateado com a assembleia, renunciou à posição de secretário da Associação Geral, que ocupava havia bastante tempo, mas continuou editando a *Review*.

Manteve-se nessa função até 1897, discutindo com Alonzo T. Jones, na maior parte do tempo, acerca da interpretação profética e de outras questões. Contudo, sua atuação editorial entrou em uma espiral descendente, diante da popularidade do carismático Jones, que, por volta do fim de 1892, havia se tornado a voz ministerial mais ouvida dentro do adventismo. Em 1897, Smith recebeu sua humilhação final quando a denominação nomeou Jones como editor da *Review* e Smith como seu associado.

Nos anos posteriores a 1888, Smith achava quase impossível conciliar os fatos de que Waggoner pregara que os Dez Mandamentos eram a lei a que Gálatas se referia e de que Ellen White o apoiava na relação entre a lei e o evangelho. Após as reuniões de Mineápolis, Smith seria o cabeça na onda de lançar dúvidas sobre a obra de Ellen White.

Contudo, ela não desistiu dele. Escreveu-lhe carta após carta, apelando para que se arrependesse, mas sem resultado. Até que, em janeiro de 1891, confessou seus erros em Mineápolis. Conforme expressou a Sra. White, “ele caiu sobre a Pedra e ficou em pedaços”. No entanto, isso não significa que ele se apoiou por completo nessa Rocha. A teologia focada na lei ainda lhe causava problemas.

Em 1901, a liderança da igreja o renomeou editor da *Review*. Ellen White

ficou cheia de alegria, expressando seu apreço pelo nome de Smith estar, mais uma vez, no “topo da lista de editores; pois assim deve ser. [...] Quando, alguns anos atrás, o nome dele foi colocado em segundo [depois do de Jones], fiquei magoada. Mas quando foi novamente posto em primeiro, chorei e disse: ‘Obrigada, Senhor’” (Ct 17, 1902).

Entretanto, ele ainda tinha parte do velho Smith dentro de si. Pouco depois de reassumir o posto de editor, voltou a abrir a guerra sobre Gálatas e precisou ser demitido. Ele nunca se recuperou do choque. A mesma *Review* que anunciou a mudança de editoria informou que Smith estava gravemente enfermo. Ele descansou em 1903, aos 70 anos de idade.

Senhor, ajuda-nos hoje a lidar com nosso eu teimoso. Ajuda-nos a entregar tudo a Ti, até mesmo as ideias e os hábitos pelos quais mais prezamos.

O que Aconteceu com Jones e Waggoner?

Conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa.
Apocalipse 3:11

Logo depois de Mineápolis, Jones e Waggoner tiveram dificuldade de ser ouvidos pela igreja, mas essa situação não persistiu. Por meio da ajuda do novo presidente da Associação Geral, O. S. Olsen, de Ellen White e outros, eles se tornaram grandes oradores da denominação.

Talvez seja mais fácil mensurar o apoio da Associação Geral mediante o papel central dos dois homens como os principais oradores sobre temas bíblicos nas Assembleias da Associação Geral no período pós-Mineápolis:

Em 1889, Jones fez uma série sobre a justificação pela fé. O povo, observou Ellen White, “está recebendo grandes bocados da mesa do Senhor” e “grande interesse se manifesta” (Man. 10, 1889).

Na Assembleia de 1891 (após 1889, elas passaram a acontecer a cada dois anos), Waggoner fez 16 sermões exaltando Jesus Cristo e o evangelho eterno em Romanos.

Jones conduziu os momentos de estudo da Bíblia em 1893, com 24 sermões sobre a terceira mensagem angélica. Dez sermões sobre a promessa do Espírito Santo, pregados por William W. Prescott – o colega de obra mais próximo a Jones nos Estados Unidos, de 1892 até o fim do século – complementaram seu trabalho.

Na Assembleia de 1895, Jones foi, mais uma vez, o principal expositor da Bíblia, com 26 sermões sobre a mensagem do terceiro anjo, além de outras apresentações.

As 18 exposições de Waggoner sobre Hebreus foram o ponto central do estudo das Escrituras em 1897. Além disso, Jones discursou 11 vezes.

No longo prazo, os reformadores de Mineápolis foram “vencedores” na batalha contra Smith e Butler. Infelizmente, porém, sua vitória não foi duradoura. Ambos saíram da igreja no início dos anos 1900 – Waggoner por causa do panteísmo e de uma mulher que não era sua esposa, e Jones por lutar e não conseguir se tornar líder da Associação Geral. Por volta de 1907, Jones havia se tornado um amargo inimigo de Ellen White e da denominação.

Paradoxo dos paradoxos: os “vencedores” de Mineápolis saíram perdendo! “Conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa.” Esse conselho é necessário para todos nós em um mundo de pecado. Precisamos manter os olhos centrados em Jesus a cada passo de nossa jornada.

Retrospectiva Sobre Mineápolis

E lhe porás o nome de Jesus, porque Ele salvará o Seu povo dos pecados deles. Mateus 1:21

A Assembleia da Associação Geral de 1888 foi um dos grandes pontos de virada na história dos adventistas do sétimo dia.

Não podemos ter a menor dúvida acerca de suas conquistas. Orientou a igreja de volta à Bíblia como única fonte de autoridade tanto em doutrina quanto em prática, exaltou Jesus, colocou a salvação pela graça mediante a fé no centro da teologia adventista, contextualizou o papel adequado da lei dentro do evangelho da graça, levando a um novo estudo sobre a Trindade, a plena divindade de Cristo e a pessoalidade do Espírito Santo.

Esse importante evento também deu ao adventismo um entendimento mais completo sobre a terceira mensagem angélica de Apocalipse 14:12 – o texto central para a compreensão adventista da própria identidade. Essa passagem, além de identificá-los como adventistas que aguardam com perseverança o Senhor enquan- to guardam todos os mandamentos de Deus, também colocou diante deles a mensa- gem evangélica de que a última proclamação divina ao mundo antes do segundo advento (v. 14-20) se concentraria em ter a fé *em* Jesus.

Em suma, os acontecimentos de 1888 transformaram o pensamento adventista sobre sua mensagem. Essa é a boa notícia.

A má notícia é que o diabo sempre procura um jeito de garantir que nos esqueçamos das boas-novas ou as negligenciemos. Por isso, alguns adventistas nos anos 1890, e depois disso também, continuaram a focar a lei, em vez do evangelho, ao passo que outros usaram a mensagem de Jones e Waggoner como uma nova porta de acesso ao velho legalismo e perfeccionismo humano que eles

haviam sido criados para resistir.

Toda a saga de Mineápolis traz à mente duas das maiores verdades da Terra. A primeira é a perversidade dos seres humanos. A segunda é a graça irrestrita de Deus. Olhando para trás na história da igreja na era de Mineápolis, o que me vem à mente são as palavras do grandioso hino de John Newton: “Ó graça excelsa de Jesus! Perdido me encontrou. Estando cego, me fez ver. Da morte me livrou.”

A “graça excelsa” é a única que existe. Essas duas palavras sintetizam a mensagem e o significado de 1888.

Conheça William Prescott

Eu repreendo e disciplino a quantos amo. Sê, pois, zeloso e arrepende-te. Apocalipse 3:19

Um dos líderes mais enérgicos do adventismo no fim do século 19 foi William Warren Prescott, mas pessoas enérgicas nem sempre são líderes espirituais. Esse era o caso de Prescott em sua juventude, quando se tornou presidente do Battle Creek College em 1885.

O ponto de virada em sua vida aconteceu no fim dos anos 1890, quando leu um testemunho especial chamado “Sê zeloso e arrepende-te” durante um culto para a congregação no tabernáculo de Battle Creek. A mensagem dizia: “O Senhor tem visto nossa apostasia. [...] Porque Deus abençoou e honrou, no passado, ela [Igreja Adventista] se orgulha de ser escolhida e verdadeira, e acha que não precisa de advertências, instruções e reprovação.”

Contudo, “a Testemunha Fiel e Verdadeira diz: ‘Eu repreendo e disciplino a quantos amo. Sê, pois, zeloso e arrepende-te’”, caso contrário, “‘virei sobre ti sem demora e retirarei a luz deste lugar’. [...] O desprazer do Senhor é contra Seu povo. Na condição presente, é impossível que ele represente o caráter de Cristo. E quando a Testemunha Verdadeira lhe envia conselhos, repreensões e advertências porque o ama, recusa-se a aceitar a mensagem. [...] Qual é o sentido de uma graça tão sublime não abrandar nosso duro coração? [...]

“Deve haver nas igrejas uma excelsa manifestação do poder de Deus, mas ele só se moverá sobre aqueles que se humilharam perante o Senhor e abriram a porta do coração por meio da confissão e do arrependimento. [...] Talento e vasta experiência não transformam as pessoas em canais de luz, a menos que se coloquem sob os raios brilhantes do Sol da Justiça. [...]

“A luz brilhará sobre o povo de Deus em raios claros e distintos, levando Jesus às igrejas e ao mundo. [...] Um só interesse prevalecerá e um assunto sobrepujará todos os outros: Cristo, justiça nossa. [...] Todos aqueles que preferirem os próprios caminhos e não se unirem aos anjos enviados do Céu com uma mensagem para encher toda a Terra com sua glória passarão. A obra irá avante sem eles e não terão parte alguma em seu triunfo” (RH Extra, 3 de dezembro de 1890).

Enquanto lia, Prescott se emocionou tanto que precisou parar várias vezes porque seus olhos se encheram de lágrimas. Sua vida nunca mais seria a mesma. Até então, ele fora adventista, mas, naquele dia, encontrou a Cristo como Salvador. Após a leitura, uniu forças com Ellen White, Jones e Waggoner na pregação de Cristo e de Seu amor. Prescott levou a sério o conselho para se arrepender e ser zeloso.

Batismo da Educação Adventista – 1

Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a Minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo. Apocalipse 3:20

Em dezembro de 1890, conforme vimos ontem, Cristo foi até William Warren Prescott e bateu à porta de seu coração. O jovem educador abriu-a e nunca mais foi o mesmo. Nem Uriah Smith. Um dos resultados da conversão de Prescott foi um ministério junto a Smith, levando-o à confissão pública e à reconciliação entre ele e Ellen White.

É assim que a mensagem de Cristo transforma vidas e as remodela. No caso de Prescott, esse remodelamento não só afetou vidas individuais, como também teve um poderoso impacto sobre a educação adventista.

Além de diretor do Battle Creek College, Prescott era também presidente da Associação Educacional da Igreja Adventista do Sétimo Dia e logo seria o líder tanto do Union College quanto do Walla Walla College. Por ser o presidente da associação e diretor de três instituições de ensino ao mesmo tempo, o articulado Prescott se encontrava na posição apropriada para fazer mudanças radicais na educação adventista.

Ele iniciou a transformação na educação adventista em uma convenção educacional em Harbor Springs no norte de Michigan, em julho e agosto de 1891.

Até aquele momento, a educação adventista lutava com sua missão e identidade. Embora a igreja a tenha fundado para que fosse distintamente cristã e preparasse pastores e missionários, desde seus primórdios, no Battle Creek College em 1874, a instituição se mantivera refém dos clássicos pagãos e do

estudo do latim e do grego antigos. Houve a tentativa de algumas reformas, mas ainda faltava muito.

Isso começou a mudar com a conversão de Prescott. A verdade da história de Prescott é que Deus usa as pessoas para mudar Sua igreja, mas o Senhor só trabalha por intermédio daqueles que estão dispostos a ser usados por Ele.

É aí que você e eu entramos. Deus deseja tomar nossa vida e nos moldar de tal maneira que possa nos usar para tocar e afetar outros indivíduos e a igreja como um todo.

Sei que alguns devem estar dizendo que não têm influência nenhuma. Mas isso não é verdade. Cada um de nós influencia outras pessoas todos os dias. É por meio de pequenas atitudes que a bola de neve da mudança acaba por se formar.

Batismo da Educação Adventista – 2

Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.
Apocalipse 3:22

O Espírito Santo tinha muito a dizer à igreja e a seu programa educacional nos anos 1890. Além de Ellen White, Alonzo T. Jones e Ellet J. Waggoner estarem levando a mensagem de Cristo e Sua justiça às igrejas e reuniões campais, a Associação Geral havia criado o instituto anual para ministros, no qual os pastores adventistas se reuniam ao longo de várias semanas a cada ano a fim de estudar a Bíblia e o plano da salvação.

Prescott, cheio de energia, decidiu fazer o mesmo com os educadores da denominação no verão de 1891 em Harbor Springs. William C. White descreveu as reuniões como um reavivamento espiritual, destacando a ênfase em testemunhos pessoais espontâneos. Ele relatou que cada dia começava com uma mensagem de Jones sobre o livro de Romanos. Ellen White também falou sobre assuntos como a necessidade de um relacionamento pessoal com Cristo, de um reavivamento espiritual entre os educadores que participavam da convenção e a centralidade da mensagem cristã para a educação.

Prescott afirmou que, em 1893, a Assembleia da Associação Geral marcou o ponto de virada na educação adventista: “Embora o propósito geral até aquela época [fosse] ter um elemento religioso em nossas escolas, desde aquele instituto de verão, como nunca antes, nossa obra *prática* [em vez de teórica] tem se sustentado sobre essa base, o que se demonstra nas disciplinas de estudo e nos planos de ensino de uma forma que não ocorria antes.”

Antes das reuniões em Harbor Springs, o ensino da Bíblia ocupava um lugar de menor destaque dentro da educação adventista. Entretanto, a convenção

adotou a recomendação de quatro anos de estudo da Bíblia para os alunos dos colégios adventistas. De maneira específica, os delegados decidiram que “a Bíblia toda deve ser estudada como o evangelho de Cristo do princípio ao fim”. Também recomendaram o ensino de história da perspectiva da cosmovisão bíblica.

Existe uma lição valiosa ao pensarmos nas mudanças ocorridas na educação adventista em Harbor Springs: quando realmente entendemos a centralidade de Cristo em nossa vida, ela afeta tudo que fazemos como indivíduos e como denominação. No que se refere à educação, precisamos pensar que, se nossa salvação depende de Cristo, o melhor que temos a fazer é conhecê-Lo ainda mais.

O Experimento em Avondale – 1

Está escrito nos profetas: E serão todos ensinados por Deus. Portanto, todo aquele que da parte do Pai tem ouvido e aprendido, esse vem a Mim. João 6:45

O primeiro passo para a transformação das escolas adventistas ocorreu no instituto educacional, no verão de 1891 em Harbor Springs. O passo seguinte começou quando Ellen White e o filho, William C. White, embarcaram para a Austrália em novembro de 1891. Eles permaneceram no país até 1900 e tiveram a oportunidade de trabalhar em uma reforma com alguns dos líderes adventistas que se mostraram mais receptivos às suas sugestões.

Uma das iniciativas mais importantes dos adventistas australianos nos anos 1890 foi a fundação da Avondale School for Christian Workers [Escola Avondale para Obreiros Cristãos], hoje conhecida como Avondale College. A Austrália tinha a vantagem de estar fora do alcance da liderança adventista extremista dos Estados Unidos, na época. Além disso, era um campo missionário novo para os adventistas do sétimo dia. Por isso, a denominação nascente não tinha tradições consolidadas contra as quais lutar. Como resultado, essa instituição se tornou o piloto para diversas inovações durante a década de 1890, que teriam sido mais difíceis de experimentar dentro dos Estados Unidos.

A igreja criou um novo tipo de escola adventista em Avondale. No fim do século, Ellen White estava tão impressionada que chamava Avondale de “lição prática”, “escola-modelo”, “instituição modelar” e “padrão” (LS, p. 374; CPPE, p. 349). Em 1900, afirmou categoricamente: “A escola em Avondale deve ser um padrão para as outras instituições que serão estabelecidas entre nosso povo” (Man. 92, 1900).

Milton Hook, o historiador de Avondale, concluiu que dois objetivos principais norteavam a escola. O primeiro era a conversão e o desenvolvimento do caráter dos alunos. “Educação superior”, conforme a definição de Avondale, era a que preparava indivíduos para a vida eterna.

O segundo objetivo era a capacitação dos jovens para o serviço cristão tanto na comunidade local quanto nas missões mundiais. As duas metas refletem um nítido afastamento da orientação estritamente acadêmica de Battle Creek College e das escolas sob sua influência.

Por que valorizamos a educação adventista? A única resposta importante é que ela faz a diferença na vida de nossos filhos. Seu propósito primário é lhes apresentar Jesus Cristo como Salvador e Senhor. Quando isso acontece, ela tem um valor que transcende qualquer soma monetária.

O Experimento em Avondale – 2

Todos os teus filhos serão ensinados do Senhor; e será grande a paz de teus filhos. Isaías 54:13

Conforme observamos ontem, Ellen White passou grande parte da década de 1890 trabalhando de perto no desenvolvimento da escola em Avondale, Austrália, para que fosse um modelo cujos princípios a igreja pudesse aplicar a outras instituições.

No início de 1894, ela escreveu: “Nossa mente tem estado muito preocupada, de dia e de noite, com referência a nossas escolas. Como elas devem ser dirigidas? E qual deve ser a educação e o preparo dos jovens? Onde deve localizar-se a nossa Escola Bíblica Australiana? Acordei esta manhã à uma hora da madrugada com um pesado fardo em minha alma. O assunto da educação tem-me sido apresentado em diversos sentidos, em aspectos variados, por meio de muitas ilustrações e com especificações diretas, ora acerca de um ponto, ora de outro. Creio realmente que temos muito que aprender. Somos ignorantes a respeito de muitas coisas” relacionadas à educação (FEC, p. 310).

A Sra. White estava pensando seriamente sobre a futura instituição australiana porque via nela a possibilidade de desenvolver uma escola fora da esfera da influência do Battle Creek College. Em seu principal testemunho sobre o assunto, abriu caminho para a reflexão sobre um novo tipo de escola adventista. Seria uma escola bíblica que enfatizaria atividades missionárias e o lado espiritual da vida. Além disso, seria prática, ensinaria os jovens a trabalhar e teria localização rural.

Após vinte anos de tentativas e erros, Ellen White estava mais convencida do que nunca de que esse era o tipo de educação do qual a igreja precisava. Com

base em sua compreensão crescente dos próprios testemunhos das duas décadas anteriores, já havia afirmado explicitamente que a Bíblia deveria ser o centro e que as escolas adventistas não deveriam seguir os falsos rumos da instrução clássica. Ela escreveu: “Passou, porém, muito tempo para que compreendêssemos as mudanças que deveriam ser feitas” a fim de estabelecer uma educação de “diferente ordem” (T6, p. 126). No entanto, o processo de entender e colocar em prática tal entendimento se desenvolveria rapidamente entre 1894 e 1899.

Conforme observamos vez após vez ao longo dos últimos meses, Deus guia Seu povo passo a passo. Ele não dá toda a compreensão de uma só vez. O Senhor nos dirige ao passo seguinte na hora certa. Foi assim no campo da educação. Na década de 1890, o adventismo estava pronto para uma revolução educacional.

O Experimento em Avondale – 3

Todos Me conhecerão, desde o menor deles até ao maior.
Hebreus 8:11

Parte da experiência da aliança sobre a qual Hebreus 8 reflete é educacional. Um elemento central na nova aliança é o conhecimento de Deus e de Sua vontade. Com isso em mente, não é acidental que a revolução pós-Mineápolis, a qual deu início à transformação no pensamento adventista sobre o papel de Cristo e da igreja, também tenha moldado poderosamente a filosofia educacional da denominação.

Foi à luz do experimento em Avondale que Ellen White escreveu: "Produções humanas têm sido usadas como mais essenciais" na educação adventista até então "e a Palavra de Deus tem sido estudada simplesmente para dar colorido a outros estudos" (FEC, p. 395).

Esse modelo, afirmou ela, deveria chegar ao fim. "Não se deve introduzir a Bíblia em nossas escolas para ser intercalada no meio da incredulidade. A Bíblia deve tornar-se o fundamento e o assunto da educação. [...] Ela deve ser usada como a Palavra do Deus vivo e considerada como o primeiro e o último e o melhor em todas as coisas. Então se verá verdadeiro crescimento espiritual. Os alunos desenvolverão salutar caráter religioso, porque comem a carne e bebem o sangue do Filho de Deus. A não ser, porém, que seja cuidada e promovida, a saúde da alma decairá. Mantende-vos no conduto de luz. Estudai a Bíblia" (FEC, p. 474).

Além disso, "a mais elevada educação é o conhecimento experimental do plano da salvação, adquirido por meio de sincero e diligente estudo das Escrituras. Essa educação renovará o entendimento e transformará o caráter,

restaurando a imagem de Deus na alma. Fortalecerá a mente contra [...] [o] adversário, e nos habilitará a compreender a voz de Deus. Ensinará o discípulo a tornar-se um coobreiro de Jesus Cristo. [...] Ela é a singeleza da verdadeira piedade – nosso certificado da escola preparatória da Terra para a escola superior do alto.

“Não há mais elevada educação a adquirir do que a que foi ministrada aos primeiros discípulos, e que nos é revelada mediante a Palavra de Deus. Obter a mais alta educação é seguir implicitamente essa palavra; isso significa andar nas pegadas de Cristo e exercer Suas virtudes. Importa renunciar ao egoísmo e consagrar a vida ao serviço de Deus” (CPPE, p. 11).

Essa é a base da educação revolucionária para uma vida cristã.

O Experimento em Avondale – 4

Vocês mesmos já foram ensinados por Deus a se amarem uns aos outros. 1 Tessalonicenses 4:9, NVI

O reavivamento espiritual na igreja e em seus ensinos havia levado a um chamado, nos anos 1890, para uma reforma semelhante na educação adventista. As escolas da denominação deveriam ser mais especificamente cristãs e adventistas do que haviam sido até então.

Os numerosos testemunhos de Ellen White sobre educação nos anos que ela passou na Austrália continuaram a prover direcionamento para a instituição em Avondale. Além disso, por morar perto do *campus* durante os anos de formação da escola, pôde participar do desenvolvimento de maneira única para sua experiência. Para completar, William W. Prescott, que havia reunido e editado os manuscritos de *Christian Education* [Educação Cristã], 1893, e *Special Testimonies on Education* [Testemunhos Especiais sobre Educação], 1897, passou vários meses no *campus* na metade da década de 1890. Durante esse período, ele e Ellen White tiveram longas conversas sobre a educação cristã. Ambos se beneficiaram por poderem compreender mais plenamente os desdobramentos dos testemunhos e como seria possível colocar seus princípios em prática. Ela escreveu para o filho Edson que Prescott instigara sua mente e seus pensamentos como seu marido fizera no passado. Os diálogos que tiveram a ajudaram a esclarecer suas ideias e a falar mais do que antes. “Conseguimos enxergar as coisas com uma luz mais clara” (Man. 62, 1896).

O experimento em Avondale ajudou a transformar a Bíblia, a espiritualidade dos alunos, a missão e o serviço aos outros nos pontos focais da educação adventista. Além disso, também incentivou que as escolas fossem rurais sempre

que possível. Por isso, em vez dos poucos hectares de terra na cidade que haviam bastado para o Battle Creek College, a nova instituição ficaria em uma propriedade de 60 hectares em Brettville. O tamanho e a localização rural não só permitiam que os alunos ficassem distantes dos problemas das cidades e mais próximos à natureza, como também davam bastante espaço para o ensino de habilidades práticas do mundo do trabalho. A educação adventista nunca mais seria a mesma após a fundação de Avondale. A denominação passaria a contar com um vasto material de ideias educacionais a partir dos escritos de Ellen White e também com um modelo real no qual poderia se espelhar em outras partes do mundo.

Dada a importância da educação para a igreja, precisamos nos interessar mais pelos jovens e pelas escolas denominacionais. Além de auxiliá-los com nossos recursos, também devemos ajudá-los a se tornarem aquilo que podem e devem ser.

As Escolas Adventistas de Ensino Fundamental – 1

Que todas estas palavras que hoje lhe ordeno estejam em seu coração. Ensine-as com persistência a seus filhos.
Deuteronômio 6:6, 7, NVI

Um dos acontecimentos mais empolgantes na educação adventista nos anos 1890 foi o movimento em prol das escolas de ensino fundamental. Até a metade da década, os adventistas haviam basicamente negligenciado essa modalidade, a não ser nos locais em que havia uma faculdade ou escola de ensino médio. Tal indiferença mudaria até o fim da década. Desde então, os adventistas têm apoiado um forte sistema de escolas de nível fundamental.

A Associação Geral havia proposto, em 1887 e 1888, o início de uma rede de escolas de ensino fundamental, mas nada saíra das resoluções.

Contudo, em 1897, Ellen White desafiou a igreja com um novo apelo por escolas para essa faixa etária. A situação australiana a alertara quanto ao assunto. Afirmou: “Em alguns países os pais são obrigados por lei a mandar os filhos à escola. Nesses países, nas localidades onde há igreja, devem-se estabelecer escolas, mesmo que não haja mais de seis crianças para frequentá-las. Trabalhemos como se o fizéssemos para salvar a própria vida, para salvar os filhos de serem afogados nas influên- cias contaminadoras e corruptoras do mundo.

“Achamo-nos demasiado aquém de nosso dever [...]. Em muitos lugares, as escolas já deveriam estar funcionando há anos” (T6, p. 199).

Também escreveu: “Onde quer que haja alguns observadores do sábado, os pais se devem unir para providenciar um lugar para uma escola em que suas crianças e jovens possam ser instruídos. Empreguem um professor cristão que,

como consagrado missionário, eduque as crianças de tal maneira que as induza a se tornarem missionárias. Empreguem-se professores capazes de ministrar uma educação completa em todos os ramos comuns da vida, tornando a Bíblia o fundamento e a vida de todo o estudo” (ibid., p. 198).

Tais palavras foram um de seus conselhos mais importantes. Nos anos seguintes, as igrejas adventistas de todo o mundo criariam escolas, mesmo se tivessem apenas poucas crianças para frequentá-las. A salvação e o futuro delas se transformaram em um ponto central, à medida que a igreja começou a levar a sério sua responsabilidade de preparar as crianças para o reino de Deus.

Com base nessa perspectiva, a educação é uma forma de evangelismo. Não ousemos perder de vista esse ideal!

As Escolas Adventistas de Ensino Fundamental – 2

Eu o escolhi para que ele mande que os seus filhos e os seus descendentes obedeçam aos Meus ensinamentos e façam o que é correto e justo. Gênesis 18:19, NTLH

A educação para a fé tem uma longa história na tradição judaico-cristã. Aliás, Deus escolheu e separou Abraão, o pai da fé, por sua disposição em educar sua família nos caminhos e ensinos do Senhor.

Entretanto, essa antiga ordem bíblica demorou a chegar ao adventismo do sétimo dia. A denominação demoraria mais de 50 anos, desde o grande desapontamento de 1844, para começar a desenvolver um sistema de ensino fundamental.

Conforme vimos ontem, o estímulo veio da intimação de Ellen White, na distante Austrália, para que as igrejas locais organizassem escolas mesmo se na congregação não houvesse mais do que seis crianças para frequentá-la.

Nos Estados Unidos, pessoas como Edward Alexander Sutherland e Percy T. Magan, os líderes da renovação que levariam o Battle Creek College para o campo em 1901, consideraram com seriedade a admoestação. Anos depois, Sutherland recordou, com um toque de exagero: “Magan, Miss DeGraw e eu pegávamos um professor no fim de cada semana, saíamos e fundávamos três escolas antes da segunda de manhã.”

Exageros à parte, as estatísticas do ensino fundamental adventista cresceram extraordinariamente desde a segunda metade dos anos 1890. Observe a curva: em 1880, a denominação tinha uma escola de educação básica com um professor e 15 alunos; em 1885, contava com 3 escolas, 5 professores e 125 alunos; em 1890, eram 7 escolas, 15 professores e 350 alunos; em 1895, já havia 18 escolas,

35 professores e 895 alunos; em 1900, o total era de 220 escolas, 250 professores e 5 mil alunos. E o crescimento não parou por aí! Em 1910, os números haviam saltado para 594 escolas, 758 professores e 13.357 alunos. Em 2012, o total era de 5.714 escolas, cerca de 40 mil professores e 1.147.830 alunos.

O movimento em prol do ensino fundamental também estimulou a expansão da educação secundária e superior dentro da igreja. Acima de tudo, o movimento divulgou a crença de que todo jovem adventista deveria ter uma educação cristã.

Senhor, muito obrigado pelo sistema educacional adventista. Ajuda-me a fazer minha parte para apoiar cada jovem de minha congregação a ter uma educação que o preparará para a eternidade.

Explosão Educacional

E, desde menino, você conhece as Escrituras Sagradas, as quais lhe podem dar a sabedoria que leva à salvação, por meio da fé em Cristo Jesus. 2 Timóteo 3:15, NTLH

Podemos chamar os anos 1890 de década da educação adventista. Começando com o reavivamento em Mineápolis em 1888, passando pelo início da reforma na Convenção de Harbor Springs em 1891, até chegar ao experimento em Avondale e ao movimento em prol da educação básica, os anos 1890 moldariam a educação adventista por toda a sua existência nesta Terra.

E ainda nem mencionamos a explosão missionária dos anos 1890, que levou o adventismo e seu sistema educacional quase que literalmente para todos os extremos do globo. Nem exploramos o impacto do modelo de Avondale sobre as escolas adventistas em outras partes do mundo.

Um pequeno aspecto dessa influência foi a transformação da educação adventista nos níveis secundário e superior em um sistema amplamente rural. Por exemplo, E. A. Sutherland e P. T. Magan transferiram o Battle Creek College de seu *campus* limitado para os “ermos” de Berrien Spring, Michigan, onde se transformou em Emmanuel Missionary College [Faculdade Missionária Emmanuel] em 1901. Num movimento semelhante, os diretores de Healsburg College transferiram a instituição, no início do século 20, para o pico do monte Howell, onde passou a se chamar Pacific Union College. Além de isoladas dos problemas das cidades, foram construídas dentro de extensas propriedades, com muitos hectares. Nós, alunos do Pacific Union College no início dos anos 1960, brincávamos que a escola estava localizada a 15 quilômetros do pecado mais próximo,

Esse modelo tornou-se referência para a educação adventista ao redor do mundo. As reverberações de Avondale nunca cessaram. E tiveram alguns desdobramentos interessantes. Com o crescimento da população, a expansão das cidades e o aumento dos valores imobiliários, as escolas adventistas do sétimo dia costumam se encontrar hoje em propriedades valiosíssimas que nunca conseguiriam comprar nos preços atuais.

Deus dirigiu Seu povo de uma forma única e especial. Quando relembramos os vários aspectos do progresso adventista ao redor do mundo, temos apenas uma coisa a fazer: louvar o nome do Senhor pela orientação que Ele nos concedeu em nossa história passada. Agora precisamos orar para que tenhamos convicção e coragem a fim de seguir Sua direção na história presente.

Pai, ajuda-nos a responder à Tua orientação assim como os reformadores de eras passadas.

Um Reviravolta na Educação

Se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos. Marcos 9:35

“Nossas ideias acerca da educação têm sido demasiadamente acanhadas. Há a necessidade de um objetivo mais amplo e mais elevado. A verdadeira educação significa mais do que avançar em certo curso de estudos. É muito mais do que a preparação para a vida presente. Visa o ser todo, e todo o período da existência possível ao homem. É o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para a satisfação do serviço neste mundo, e para aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro” (Ed, p. 13).

Essas são as palavras de abertura do livro Educação, uma das mais importantes contribuições de Ellen White para o adventismo. Não foi acidental a data de publicação do livro em 1903. Após uma década de reflexão e escrita sobre educação, ela estava pronta, nos primeiros anos do novo século, para desenvolver um livro que desse orientações para um dos setores mais importantes da denominação. Educação provê as diretrizes para o sistema educacional adventista em termos filosóficos. E, nesse processo, enuncia os ideais de uma educação que se choca com os programas tradicionais.

Ao passo que o objetivo da educação tradicional é preparar as pessoas para uma vida de sucesso na Terra, o livro *Educação,* ao mesmo tempo em que reconhece essa importante função, afirma que tal preparo não é suficiente. Mais vital ainda é preparar os alunos para morar com Deus ao longo de toda a eternidade.

Enquanto a educação tradicional tende a se concentrar no desenvolvimento

mental de seus alunos, a educação cristã conclama ao aperfeiçoamento do ser por inteiro.

No modelo tradicional, as pessoas são preparadas para se colocar em posição de vantagem e sair à frente no mundo, mas, no livro *Educação,* o serviço a Deus e aos outros é apresentado como o objetivo central da vida. Em sua última página, lemos: “Em nossa vida aqui, posto que terrestre e restrita pelo pecado, a maior alegria e mais elevada educação se encontram no serviço em favor de outrem. E no futuro estado, livres das limitações próprias da humanidade pecaminosa, será no serviço que se encontrará a nossa máxima alegria e mais elevada educação” (ibid., p. 309).

O livro *Educação* dá uma verdadeira reviravolta na educação tradicional. E, nesse processo, expressa uma filosofia de educação e de vida que necessitamos compreender e praticar. Trata-se de uma filosofia que torna reais os valores dAquele que disse: “Se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos.”

Evangelismo Educacional

Criou Deus, pois, o homem à Sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. Gênesis 1:27

O livro *Educação*, de Ellen White, tira a pedagogia da esfera do mundo e a transfere para o tema crucial do grande conflito.

Na segunda página, a autora declara qual é o propósito supremo da educação adventista: “A fim de compreendermos o que se acha envolvido na obra da educação, necessitamos considerar tanto a natureza do homem como o propósito de Deus ao criá-lo. Precisamos também considerar a mudança na condição do homem em virtude da entrada do conhecimento do mal, e o plano de Deus para ainda cumprir Seu glorioso propósito na educação da humanidade” (Ed, p. 14, 15).

Nesse ponto, o livro destaca que: (1) Deus criou os seres humanos à Sua imagem, para serem como Ele; e (2) eles têm potencial infinito.

Em seguida, discorre de maneira específica e bem pertinente sobre a situação humana: “Pela desobediência, porém, isto se perdeu. Com o pecado, a semelhança divina ficou obscurecida, sendo quase que totalmente apagada. Enfraqueceu-se a capacidade física do homem e sua capacidade mental diminuiu; ofuscou-se-lhe a visão espiritual. Tornou-se sujeito à morte. Todavia, o ser humano4 não foi deixado sem esperança. Por infinito amor e misericórdia foi concebido o plano da salvação, concedendo-se um tempo de graça. Restaurar no homem a imagem de seu Autor, levá-lo de novo à perfeição em que fora criado, promover o desenvolvimento do corpo, espírito e alma para que se pudesse realizar o propósito divino da sua criação – tal deveria ser a obra da redenção. Este é o objetivo da educação, o grande objetivo da vida” (ibid., p. 15, 16).

Ellen White é ainda mais franca quando diz que o ser humano “não pode encontrar auxílio senão em um poder. Esse poder é Cristo. A cooperação com esse poder é a maior necessidade do homem. Em todo esforço educativo não deveria esta cooperação ser o mais alto objetivo? [...] No mais alto sentido, a obra da educação e da redenção são uma. [...] Deve ser o primeiro esforço do professor e seu constante objetivo” apresentar os alunos a Jesus e a Seus princípios (ibid., p. 29, 30).

Com tais pensamentos em mente, não surpreende que os adventistas apoiem a educação cristã tanto para os próprios filhos como para outros jovens por meio de doações e sacrifícios. Eles reconhecem a verdade de que a educação é uma obra evangelística.

Novembro

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

Explosão Missionária Protestante

E a boa notícia sobre o reino será anunciada no mundo inteiro como testemunho para toda a humanidade. Então virá o fim. Mateus 24:14, NTLH

As missões mundiais estavam no coração do cristianismo protestante durante o século 19. O movimento missionário moderno começou em 1792, quando William Carey publicou uma importante obra sobre o desafio da pregação do evangelho a todo o mundo.

Pode não parecer uma ideia revolucionária para nós, mas era em 1792. No ano seguinte, ocorreu a fundação da primeira sociedade missionária para custear missões estrangeiras e o envio de Carey à Índia, onde ele trabalhou durante sete anos, sem converter nenhum indiano.

Muito embora os esforços dele tenham começado devagar, estabeleceram-se sobre bases firmes. Na época de sua morte, em 1834, Carey tinha consolidado uma forte igreja cristã na Índia, como também originado o movimento missionário moderno que levaria o protestantismo ao mundo inteiro. A primeira grande onda de missões pelo mundo chegou ao auge na década de 1830, mas não parou aí. Em vez disso, aumentou em magnitude na última parte do século. Kenneth Scott Latourette chamou o século 19 de “o grande século” das missões protestantes. Sydney Ahlstrom, estudioso da história da igreja nos Estados Unidos, observou que “as duas décadas finais do século 19 testemunharam o ápice do movimento de missões estrangeiras no protestantismo norte-americano”.

Um dos principais fatores de estímulo foi o movimento de estudantes voluntários em prol das missões estrangeiras, que surgiu de um apelo do

evangelista Dwight L. Moody em 1886 para que os universitários dedicassem a vida ao serviço missionário. Cem deles fizeram isso no primeiro ano. Em poucos anos, vários milhares de jovens se comprometeram com o serviço das missões. O lema do movimento era “a evangelização do mundo nesta geração”.

De acordo com Ernest R. Sandeen, Moody estimulou “a maior demonstração de interesse missionário já observada nos Estados Unidos”. Em resultado, os protestantes norte-americanos começaram a considerar que lugares como África, China e Japão eram suas províncias espirituais.

Tal movimento não pegou os adventistas de olhos fechados. Deus abriu o caminho por meio da iniciativa protestante, e os adventistas do sétimo dia logo chegariam “a cada nação, e tribo, e língua, e povo” com as três mensagens angélicas.

Explosão Missionária Adventista – 1

Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a Terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo. Apocalipse 14:6

É preciso confessar que a Igreja Adventista do Sétimo Dia não começou com uma orientação missionária. Pelo contrário, nos primeiros anos, seus membros eram o que poderíamos chamar de um povo antimissões.

Entre 1844 e 1850, apegando-se à teologia da porta fechada, não sentiam a necessidade de pregar àqueles que não haviam participado do movimento milerita dos anos 1840.

“Que mente fechada!”, você pode dizer. É verdade, mas foi uma etapa essencial para o desenvolvimento do adventismo. Esse período da missão adventista (1844-1850) foi dedicado essencialmente à elaboração de uma plataforma doutrinária. Em outras palavras, primeiro veio uma mensagem distintiva e só depois ela começou a ser espalhada.

A segunda etapa da missão adventista (1850-1874) se limitou à América do Norte. Esse também foi um passo necessário na progressão das missões adventistas. Tais anos permitiram o desenvolvimento de uma base administrativa nos Estados Unidos que poderia, com o tempo, subsidiar o projeto de missões estrangeiras.

Podemos classificar a terceira etapa (1874-1889) como a missão às nações cristãs. Assim, os adventistas do sétimo dia enviaram o primeiro missionário oficial da denominação para a Suíça, a fim de chamar as pessoas a saírem de Babilônia. E mesmo quando foram para lugares como a Austrália e a África do Sul, os adventistas sempre começavam sua obra entre os cristãos dessas nações.

Por mais limitada que tenha sido, essa etapa contribuiu para a criação de mais bases administrativas em meio às várias populações cristãs espalhadas pelo mundo. O resultado foi que tais nações se prepararam para servir de pontos de apoio para o envio de missionários no início da quarta etapa da missão adventista, que começou em 1890. Podemos chamar essa etapa de missão ao mundo – não só às populações cristãs, mas a todos os povos.

Passo a passo, sem que ninguém estivesse consciente do que se passava no desenvolvimento geral das missões adventistas, Deus colocou a Igreja Adventista do Sétimo Dia em uma posição na qual poderia extrair vantagem da explosão missionária protestante que ocorreu nos últimos anos do século 19.

Deus nos conduz mesmo quando não nos damos conta disso.

Explosão Missionária Adventista – 2

Importa que profetizes outra vez a muitos povos, e nações, e línguas, e reis. Apocalipse 10:11, ARC

Da perspectiva da história adventista, a década de 1890 foi uma época excelente para a explosão missionária protestante, que quase concluiria sua introdução nas partes mais remotas da Terra. Conforme vimos ontem, o desenvolvimento da mentalidade missionária adventista em três etapas ajudou a denominação a aproveitar os novos impulsos que eclodiam pela comunidade cristã mais ampla.

Além disso, os adventistas publicaram seu primeiro livro sobre missões estrangeiras que poderia ser traduzido como *Esboço Histórico das Missões Estrangeiras dos Adventistas do Sétimo Dia*, no mesmo ano (1886) em que D. L. Moody estimulou o nascimento do movimento de estudantes voluntários.

No início de 1889, a denominação enviou Stephen N. Haskell e Percy T. Magan em um itinerário de dois anos ao redor do mundo para descobrir oportunidades, problemas e possíveis lugares para missões em várias partes da África, da Índia e do Oriente. Eles fizeram um relato completo de sua viagem nas páginas do periódico *Youth's Instructor* [O Instrutor da Juventude]. Foi dessa forma que a missão e o serviço missionário começaram a cativar a mente e o coração dos jovens adventistas, assim como o movimento protestante de estudantes mobilizou milhares de jovens.

Em novembro de 1889, a Assembleia da Associação Geral deu o passo histórico de fundar o Comitê Adventista do Sétimo Dia de Missões Estrangeiras "para administrar a obra missionária estrangeira" da denominação. No mesmo ano, foi criado o periódico *Home Missionary* [Missionário Local], com o

objetivo de promover os diversos aspectos do serviço missionário.

A criação do Comitê de Missões Estrangeiras foi mais do que simbólico. Ele proclamou que, enfim, os adventistas estavam prontos para levar a sério sua comissão missionária. Nunca mais os adventistas do sétimo dia seriam retrógrados em relação às missões estrangeiras. Pelo contrário, eles se tornariam conhecidos pelos esforços de alcançar o mundo inteiro com sua mensagem especial dos três anjos, espalhando não só esta, mas também suas instituições nas áreas de publicação, saúde e educação.

Senhor, apreciamos a importância da mensagem final de advertência que dás à Tua igreja. Ajuda-nos a apoiá-la com nossas orações, nossos recursos e até mesmo com a própria vida se Tu assim desejares.

Surgimento dos Colégios Missionários

Como, porém, invocarão Aquele em quem não creram?
Romanos 10:14

Essa é uma boa pergunta. Nos anos 1890, tanto a comunidade cristã mais ampla quanto os adventistas do sétimo dia começaram a dar passos sem precedentes para desenvolver colégios missionários e institutos bíblicos. Tais escolas tinham o objetivo de preparar o maior número possível de obreiros para ocupar posições missionárias no país e no exterior. As novas instituições se concentravam no treinamento prático e conhecimento da Bíblia. A primeira delas surgiu em 1883, com o nome que poderia ser traduzido como *Colégio Missionário de Treinamento para Missionários e Evangelistas Locais e em Terras Estrangeiras*.

Os acontecimentos dentro do adventismo foram paralelos aos da esfera educacional evangélica. Logo, as missões participaram diretamente da expansão do sistema de ensino da denominação. A igreja procurava em suas instituições educacionais as pessoas preparadas para enviar ao crescente programa de expansão mundial.

Ao que tudo indica, John Harvey Kellogg foi o primeiro adventista a fundar uma escola missionária. Ele criou o Sanatório-Escola Para Treinamento de Médicos Missionários em 1889, sucedido pelo Colégio Médico-Missionário Norte-Americano em 1895.

Enquanto isso, pontilhavam a paisagem adventista a Escola Avondale para Obreiros Cristãos, estabelecida em 1894, as escolas de treinamento fundadas por E. A. Sutherland e Percy Magan, e os colégios adventistas missionários em Washington, Berrien Springs e Loma Linda, entre outros. Todos tinham intenção

de contribuir com o movimento missionário evangélico.

A expansão missionária afetou o crescimento educacional adventista de, no mínimo, duas formas. Primeiramente, aumentou muito o número de escolas e alunos nos Estados Unidos, uma vez que a maioria dos primeiros obreiros da denominação vinham de lá. Em segundo lugar, os adventistas começaram a fundar escolas em todo o mundo a fim de que a igreja pudesse capacitar as pessoas em sua terra natal. Por isso, em 1900, além de as instituições educacionais explodirem em números, o sistema se tornou internacional.

É impossível duvidar da orientação missionária das escolas adventistas nos anos 1890. Nosso desafio atual é manter o mesmo foco à frente de nossas instituições de ensino de todos os níveis. A natureza da missão mudou ao longo do último século, mas não a necessidade de contar ao mundo sobre a esperança em Cristo.

O Adventismo na Rússia – 1

E como crerão nAquele de quem nada ouviram? Romanos 10:14

Às vezes, Deus usa meios estranhos para ajudar as pessoas a ouvirem sobre Sua Palavra. Esse foi o caso da chegada do adventismo à Rússia. Assim como em tantas outras regiões do mundo, os conversos ao adventismo nos Estados Unidos que faziam parte de populações de imigrantes da Rússia foram os primeiros estimuladores dos primórdios do adventismo em seu país. Sentindo o desejo de partilhar sua fé, eles tinham o hábito de enviar folhetos doutrinários para familiares e amigos.

Foi assim que, em 1882, um vizinho de Gerhardt Perk, na Crimeia, lhe informou que tinha literaturas interessantes, mas perigosas, que lhe haviam mandado em 1879. Depois de muito insistir, o vizinho emprestou a Perk *The Third Angel's Message* [A Mensagem do Terceiro Anjo], de John N. Andrews. Perk leu a obra em segredo e escreveu para os publicadores norte-americanos, pedindo mais informações. Logo ele se convenceu da doutrina adventista por meio da leitura, mas hesitava em guardar o sábado.

Mais ou menos naquela época, Perk se tornou agente da Sociedade Bíblia Britânica e Estrangeira. Enquanto viajava de um lugar para outro vendendo livros, escapou várias vezes de desastres, por meio do que acreditava se tratar de proteção divina. Nesse momento, convenceu-se de que, para ter a expectativa de viver sob o cuidado de Deus, deveria colocar em prática toda a verdade bíblica que conhecia. Por isso, acrescentou literatura adventista às Bíblias que vendia.

Entretanto, Perk não era o único espalhando a doutrina adventista no sul da Rússia. Havia também um converso germano-russo que conhecera o adventismo

em Dakota do Sul. Muito embora tivesse mais de 80 anos de idade, um problema de fala e nenhum dinheiro, ele voltou à Rússia para partilhar sua fé, chegando a vender as próprias botas a fim de pagar parte da passagem.

Para dizer o mínimo, ele era um sujeito criativo. Afirmando ter a visão debilitada, chegava ao mercado das vilas e pedia às pessoas que lessem para ele. Caso o leitor se interessasse pelo assunto, ele lhe dava um folheto.

Contudo, passar adiante esse tipo de material era ilegal na Rússia. Quando, porém, o padre da região solicitou que o velhinho fosse preso, as pessoas apedrejaram o clérigo por dizer que um idoso quase cego pudesse ser perigoso. O “senhorzinho inofensivo” evangelizou dessa forma por mais de um ano.

Esse foi o início do adventismo na Rússia. Deus parece capaz de usar quase qualquer um em qualquer condição, por meio de praticamente qualquer método para espalhar as verdades bíblicas. É provável que consiga usar até mesmo cada um de nós!

O Adventismo na Rússia – 2

E como ouvirão, se não há quem pregue? Romanos 10:14

Havia pregadores! Um dos mais importantes foi L. R. Conradi, imigrante de naturalidade alemã que foi para os Estados Unidos, onde descobriu a mensagem do advento. Em 1886, voltou para a Europa a fim de atuar como pastor.

Quase que imediatamente, recebeu um convite de Gerhardt Perk para que visitasse a Rússia. As autoridades não permitiam que ministros entrassem no país, mas Conradi havia trabalhado na editora Review and Herald em Battle Creek e, por isso, disse que era impressor.

A despeito do título que tenha usado para se descrever, assim que entrou na Rússia, Conradi começou a pregar abertamente a mensagem adventista do sétimo dia. Ele e Perk localizaram cerca de 50 guardadores do sábado. As congregações batistas e luteranas costumavam saudá-los de braços abertos. Em outras ocasiões, os dois adventistas eram recebidos com pedras, sobretudo quando falavam sobre o sábado.

Entretanto, em todas as suas atividades, Conradi estava violando a lei russa, que proibia a pregação e o proselitismo. Mesmo assim, as coisas iam bem até eles chegarem a Berde Bulat, onde organizaram uma igreja e fizeram uma cerimônia pública de batismo no mar Negro. Os telhados das casas ficaram lotados de espectadores que queriam assistir à cena inusitada.

Aquilo foi demais para as autoridades locais. Prenderam Conradi e Perk e os acusaram de ensinar heresias judaicas, batizar em público e converter russos. Durante 40 dias, eles suportaram a permanência em uma cela lotada, alimentação insuficiente e ameaças. Por fim, a embaixada dos Estados Unidos

em São Petersburgo conseguiu a libertação deles. E o que fizeram? Pregaram mais, espalhando a mensagem do advento em um lugar difícil de evangelizar. Depois de um tempo, Conradi se estabeleceu na Alemanha, de onde liderou a denominação adventista na Europa ao longo dos 35 anos seguintes.

Enquanto isso, lá na Rússia, mais imigrantes adventistas que retornaram à terra natal chegaram para pregar a mensagem que amavam. Alguns deles acabariam exilados na Sibéria, mas foi por meio de sacrifícios como esses que a mensagem adventista do sétimo dia criou raízes e começou a crescer no país.

Senhor, a maioria de nós hoje tem muitas facilidades. Ajuda-nos a relembrar os sacrifícios daqueles que nos antecederam para espalhar as três mensagens angélicas.

O Adventismo nas Ilhas do Pacífico – 1

E como pregarão, se não forem enviados? Romanos 10:15

Alguns foram mesmo sem ser enviados. Um deles foi John Tay, marceneiro de navios que tinha o antigo sonho de visitar as ilhas Pitcairn, onde os mal-afamados rebeldes da embarcação *Bounty* haviam finalmente se estabelecido em 1790. Trabalhando em seis navios para chegar até lá, Tay finalmente aportou em Pitcairn no ano de 1886.

Dez anos antes, Tiago White e John Loughborough haviam ouvido falar da ilha e enviado uma caixa com materiais adventistas, na esperança de que os habitantes os lessem, mas eles não o fizeram. A caixa ficou em um depósito por dez anos. Até que alguns jovens do local a redescobriram. E, para sua surpresa, aprenderam que o sétimo dia é o sábado verdadeiro. Contudo, mesmo impressionados com as evidências bíblicas, hesitaram em mudar suas práticas.

Foi nessa época que Tay chegou, pedindo permissão para permanecer em Pitcairn até a chegada do próximo navio. Quando lhe convidaram para falar na igreja no primeiro domingo que estava ali, o “missionário” enviado por conta própria abordou a questão do sétimo dia. Muitos se convenceram, mas outros ficaram com dúvida. No entanto, o estudo da Bíblia com Tay persuadiu a todos. Quando ele partiu da ilha cinco semanas depois, todos os adultos haviam aceitado as doutrinas adventistas do sétimo dia.

A empolgante notícia da conversão dos habitantes das ilhas Pitcairn inspirou os adventistas dos Estados Unidos. Eles interpretaram o acontecimento como um sinal divino de que era hora de iniciar a obra adventista no sul do Pacífico.

Como? Parte do problema era que as conexões por navio em grande parte do

trajeto eram um tanto quanto irregulares. Por isso, em 1887, a Assembleia da Associação Geral autorizou a despesa de 20 mil dólares para comprar ou construir uma embarcação o mais rápido possível, mas isso não aconteceu. Pelo menos, não naquela época.

Na tentativa de agilizar o processo, a liderança enviou Tay de volta a Pitcairn para fortalecer os conversos. Ele tentou fazê-lo, mas acabou retornando a San Francisco, a fim de conseguir encontrar um navio que o levasse para a isolada região. Mais desastrosa foi a experiência de A. J. Chudney, que também foi enviado a Pitcairn. Depois de não conseguir encontrar uma embarcação indo para aqueles lados, comprou uma bem barata. No entanto, ele e sua tripulação naufragaram no Pacífico. Tal catástrofe fez os líderes da igreja refletirem seriamente e voltarem à ideia de construir o próprio navio missionário.

O Adventismo no Pacífico – 2

Deem glória ao Senhor e anunciem o Seu louvor nas ilhas.
Isaías 42:12, ARC

O desastre de Chudney e a frustração de John Tay ao não conseguir encontrar um navio para levá-lo às ilhas Pitcairn reorientaram a Associação Geral para a necessidade de construir uma embarcação resistente que servisse na imensidão de ilhas do sul do Pacífico.

O navio missionário foi um projeto que despertou o entusiasmo das Escolas Sabatinas dos Estados Unidos como nunca antes. Os adultos levavam moedas e notas de um dólar, enquanto as crianças preparavam coisas para vender a fim de participar da compra de pregos, tábuas e lonas.

Os membros da Escola Sabatina foram até convidados a sugerir um nome para o navio. Alguns optaram por *Glad Tidings* [Notícias Alegres], mas outros acabaram decidindo pelo nome da ilha que havia estimulado o projeto. Assim, os adventistas chamaram seu primeiro barco missionário de *Pitcairn*.

Em outubro de 1890, a embarcação de 30 metros de comprimento, 120 toneladas e dois mastros partiu com sete tripulantes e três casais de missionários. A primeira parada propriamente dita foi nas ilhas Pitcairn, onde E. H. Gates e A. J. Read batizaram 82 dos habitantes e organizaram uma igreja.

Semanas depois, o navio missionário prosseguiu para Taiti, Rarotonga, Samoa, Fiji e Ilha Norfolk. Em cada um desses locais, as pessoas eram motivadas a conhecer mais sobre a mensagem por conta da literatura que recebiam e das reuniões evangelísticas lideras pelos navegantes.

Dois anos depois, o *Pitcairn* voltou para San Francisco. Sua primeira viagem

foi um sucesso, mas cobrara um preço em vidas humanas. John Tay, que ficara em Fiji para ser pioneiro da obra adventista ali, morreu cinco meses após o início do trabalho. E o capitão J. O. Marsh descansou enquanto o navio passava por reparos na Nova Zelândia.

Entretanto, a obra prosseguiu. No total, *Pitcairn* fez seis viagens entre 1890 e 1900. A partir de então, o trânsito de navios melhorou a ponto de a denominação não necessitar da embarcação missionária.

Esses dez anos, porém, não só levaram ao estabelecimento da igreja nas ilhas do Pacífico, mas também inspiraram outros adventistas ao serviço missionário e a doações para essa causa, em virtude das aventuras intrépidas no *Pitcairn.*

O Adventismo na África do Sul

Ajuntai para vós outros tesouros no Céu. Mateus 6:20

Alguns caçadores de tesouros encontram mais do que estavam procurando. Esse foi o caso de William Hunt, enquanto buscava ouro na Califórnia nos anos 1870 e acabou aceitando o sábado por meio da pregação de J. N. Loughborough.

Anos depois, dessa vez garimpando diamantes na África do Sul, Hunt conheceu dois fazendeiros holandeses que, de maneira independente, haviam se convencido, por meio do estudo da Bíblia, que o sétimo dia era o sábado.

O encontrou pareceu acidental; mas, aos olhos da fé, é possível considerá-lo providencial. George van Druten, um dos fazendeiros, cruzou com Hunt durante uma caminhada num sábado à tarde. No entanto, ele observou algo estranho no explorador. Em vez de trabalhar, o homem estava lendo a Bíblia. E foi assim que os dois guardadores do sábado se conheceram nas minas de diamante da África do Sul.

Hunt colocou van Druten e outro guardador do sábado independente, chamado Pieter Wessels, em contato com os adventistas do sétimo dia nos Estados Unidos. Os dois sul-africanos enviaram um apelo para Battle Creek mandar um missionário que falasse holandês. Junto ao pedido, anexaram a considerável soma de 50 libras (boa parte do salário anual de um trabalhador) para custear a viagem.

Alguém leu o “chamado macedônico” que aqueles homens fizeram antes da Assembleia da Associação Geral em 1888. Os delegados ficaram tão emocionados que se levantaram espontaneamente e cantaram um hino de louvor a Deus. No mês de julho seguinte, um grupo de sete missionários, liderados por

D. A. Robinson, partiu para a Cidade do Cabo. Nesse meio tempo, os sul-africanos converteram sozinhos cerca de 40 pessoas.

A obra missionária na África do Sul teve um salto para melhor após a descoberta de diamantes na fazenda de Johannes Wessels, pai de Pieter. Milionário de uma hora para a outra, o patriarca Wessells investiu fortemente no avanço do adventismo em sua terra natal. Logo a jovem igreja já contava com uma editora, um colégio, um sanatório e outras instituições.

Ao que tudo indica, foi muito mais do que acidental o encontro dos guardadores do sábado no meio de uma mina de diamantes sul-africana. Deus estava conduzindo Seu povo. E a boa notícia é que Ele continua a fazê-lo.

O Adventismo na Rodésia – 1

Por toda a Terra se fez ouvir a Sua voz, e as Suas palavras,
até aos confins do mundo. Romanos 10:18

Uma coisa era começar uma missão entre os imigrantes europeus da África do Sul e outra bem diferente seria anunciar a mensagem do advento aos povos nativos do grande continente africano. O primeiro passo rumo a essa vasta missão ocorreu na Rodésia (hoje o Zimbábue).

Em 1894, a Associação Geral, após os apelos da família Wessels, decidiu tentar estabelecer um entreposto missionário em Matabeleland, no norte da África do Sul. Isso ocorreu logo depois de os britânicos terem massacrado a poderosa tribo Matabele.

Chamada de Rodésia em homenagem a Cecil Rhodes, desbravador de impérios e primeiro ministro da Colônia do Cabo da África do Sul, aquela era uma terra intocada pela influência europeia. A. T. Robinson e Pieter Wessels receberam um envelope selado após o término daquilo que temiam ter sido uma reunião bem insatisfatória com Rhodes. Os adventistas ficaram absolutamente surpresos ao descobrir que a carta lhes concedia cerca de 5 mil hectares perto da cidade de Bulawayo.

Conseguir a doação acabou sendo a parte fácil do desenvolvimento daquilo que se tornaria a Missão Solusi. Um desafio ao projeto veio dos Estados Unidos, onde Alonzo T. Jones disparou um ataque contra aqueles que aceitavam doações governamentais, confundindo os limites entre Estado e Igreja. De acordo com Jones e outros editores da revista *Sentinel of Religious Liberty* [Sentinela da Liberdade Religiosa], os missionários haviam “se vendido por um pedaço da confusão do caldeirão africano”. Caso a denominação fosse inconsistente,

afirmou Jones, a notícia logo chegaria a seus inimigos e enfraqueceria o argumento adventista contra aqueles que queriam cristianizar a América por meio de ações como leis dominicais. O influente Jones chegou a conseguir, em 1895, que a Assembleia da Associação Geral votasse a negação da doação, com base na separação entre Igreja e Estado.

Do outro lado da polêmica estava Ellen White, que, lá da distante Austrália, escreveu aos líderes da Associação Geral, recomendando que Jones e outros lessem o livro de Neemias: “O Senhor continua a tocar o coração de reis e governantes em favor de Seu povo. Aqueles que tanto se interessam pela liberdade religiosa não devem eliminar favores, nem recusar o auxílio que Deus moveu os homens a darem para o avanço de Sua causa” (Ct 11, 1895).

O Adventismo na Rodésia – 2

Fui achado pelos que não Me procuravam, revelei-Me aos que não perguntavam por Mim. Romanos 10:20

Após Ellen White mencionar que Neemias havia “orado pedindo a ajuda de Deus e o Senhor ouvira sua oração”, “moveu o coração de reis pagãos para irem a seu auxílio” (Ct 11, 1895), a Associação Geral anulou o voto contra a aceitação da doação de Solusi. Assim o desafio interno à missão foi superado.

Entretanto, a situação política era desafiadora. Não muito tempo depois da chegada dos missionários, a tribo Matabele se revoltou contra os britânicos. Isso forçou os missionários a se retirarem por cinco meses. E se esse já não fosse um problema suficiente, logo após o retorno eles precisaram enfrentar uma fome entre o povo local e um surto de peste bovina. A doença destruiu o escasso gado da missão que havia sobrevivido à guerra recente.

A missão ainda se deparava com outro problema grave: a malária. Ainda me lembro de percorrer o pequeno cemitério localizado no que hoje é a Universidade Solusi. Quase todos os missionários morreram por se recusarem a tomar quinino, o único preventivo para a malária conhecido nos anos 1890.

Por que eles se recusaram a tomar um remédio que lhes salvaria a vida? Porque, sem entender plenamente o contexto do conselho de Ellen White contra a ingestão de drogas prejudiciais, rejeitaram, de maneira inflexível, a única coisa que poderia tê-los ajudado. Foram “fiéis reformadores da saúde” até a morte.

Dos sete que chegaram em 1894, somente três sobreviveram até 1898 e dois deles estavam na Cidade do Cabo se recuperando da malária.

O missionário que permaneceu fora o “infiel”. Ele tomara quinino,

justificando que o uso de um pouco de uma droga prejudicial era melhor do que ficar vulnerável à força de uma doença letal. Na verdade, ele estava usando o "bom senso" que Ellen White defendia em situações difíceis como aquela. Como resultado, continuou a servir e a testemunhar na Missão Solusi.

Em 2007, aquele início modesto havia resultado em mais de 5 milhões de membros batizados e três divisões mundiais da igreja que atendem ao continente.

As lições que podemos aprender com a Missão Solusi são muitas. Uma das mais importantes é que Deus continua a dirigir Sua igreja a despeito dos seres humanos falhos que escolheu usar em Sua obra.

Senhor, vivemos em um mundo complexo. Por favor, ajuda-nos em nossas lutas a manter os olhos bem abertos, superando os desafios com sabedoria e fé.

O Adventismo na América Central

Portanto, a fé vem por ouvir a mensagem, e a mensagem vem por meio da pregação a respeito de Cristo. Romanos 10:17, NTLH

Há muitas maneiras de alguém ouvir a mensagem do advento. Essa é a lição que aprendemos com a introdução do adventismo do sétimo dia ao mundo tropical na região do Caribe.

Tudo começou em 1883, quando um adventista da cidade de Nova York convenceu o capitão de um navio a levar um fardo de material impresso para Georgetown, na Guiana Inglesa. O estilo de entrega do capitão deixou muito a desejar, mas cumpriu o objetivo. Ele jogou o pacote no porto e pensou ter realizado sua obrigação. Enquanto isso, certo homem que passava juntou alguns dos papéis que começavam a se espalhar. Além de lê-los, compartilhou com os vizinhos.

Muitos deles começaram a guardar o sábado e uma mulher enviou exemplares da revista *Signs of the Times*, que haviam sido encontradas, para a irmã em Barbados. Lá eles chegaram até uma mulher que, anos antes, dissera aos filhos que o verdadeiro sábado seria restaurado.

Nesse meio tempo, do outro lado do Caribe, a Sra. E. Gauteray, que havia se convertido ao adventismo na Califórnia, retornou em 1885 para as Ilhas da Baía, sua terra natal, ao largo da costa de Honduras. Depois de partilhar sua fé por seis anos, a denominação enviou Frank Hutchins para cuidar das pessoas que ela havia influenciado. As Escolas Sabatinas, no espírito de *Pitcairn*, angariaram recursos para Hutchins construir uma embarcação missionária, que recebeu o nome de *Herald* [Arauto] e tinha o objetivo de espalhar a mensagem do advento

pela costa da América Central.

Em Antígua, foi a Sra. A. Roskrug, que aceitara o adventismo na Inglaterra, quem começou a plantar as sementes da igreja após voltar para sua ilha natal em 1888. Não demorou muito para que um livro adventista vendido em Antígua chegasse até a Jamaica.

A mensagem adventista no México iniciou em 1891 com um alfaiate ítalo-americano que se tornou colportor. Sem encontrar nada para vender em espanhol, ele espalhou exemplares de *O Grande Conflito* em língua inglesa.

Essas histórias revelam que Deus é capaz de usar qualquer pessoa e qualquer método para disseminar Sua mensagem. Ele pode inclusive nos usar, se estivermos dispostos a isso.

O Adventismo na América do Sul – 1

Assim como o Pai Me enviou, Eu também vos envio. João 20:21

Muitos dos missionários adventistas pioneiros não contavam com o apoio da "organização". Em vez disso, o Espírito os impulsionava a irem e se sustentarem por conta própria. Foi isso que aconteceu na América do Sul.

O mais interessante é que, embora os principais idiomas desse continente sejam o espanhol e o português, os primeiros conversos à Igreja Adventista foram imigrantes de língua alemã e francesa na Argentina, no Chile e no Brasil. Em grande parte, isso aconteceu porque a denominação não contava com materiais em espanhol e português, nem com pessoas que falassem esses idiomas.

Os primeiros adventistas do sétimo dia a chegarem à América do Sul foram Claudio e Antonieta de Dessignet, que aceitaram o adventismo na França por meio da influência de D. T. Bourdeau e imigraram para o Chile em 1885.

Mais ou menos na mesma época, duas famílias de regiões diferentes da Argentina descobriram o adventismo mediante o recebimento de periódicos da Europa. No norte da Argentina, um casal italiano, os Peverini, leu um artigo zombando da revista *Sinais dos Tempos* publicada em francês, a qual afirmava que o fim do mundo estava próximo. A Sra. Peverini conseguiu um exemplar da publicação adventista com o irmão que estava na Itália e, com o marido, leu e se converteu à fé adventista do sétimo dia. Mais ao sul, Julio e Ida Dupertuis, que moravam em uma colônia batista suíça e francesa, tiveram uma experiência semelhante.

Os Dupertuis, além de aceitarem as novas crenças, convenceram várias

outras famílias da colônia quanto à verdade daquilo que descobriram. Por volta de 1889, eles entraram em contato com os adventistas do sétimo dia em Battle Creek. Suas perguntas estimularam os líderes da denominação a refletir sobre o início da missão na América do Sul. Entretanto, onde obter os recursos? Esse era um problema constante. A solução permanente acabou sendo as ofertas da Escola Sabatina. As coletas da segunda metade da década de 1890 foram dedicadas à Missão Sul-Americana.

Deus trabalha de maneiras inesperadas. Ele toma indivíduos humildes e os usa para espalhar Sua verdade sem fazer alarde. Isso aconteceu no passado e continua a ocorrer em nossos dias, sempre que as pessoas abrem o coração e a vida para Seu Espírito.

O Adventismo na América do Sul – 2

Deus [...] abrira aos gentios a porta da fé. Atos 14:27

Ontem nós relatamos que a Escola Sabatina dedicou as ofertas da segunda metade dos anos 1890 para dar início à Missão Sul-Americana.

Precisamos parar neste ponto por um instante. A maioria de nós já contribuiu com as ofertas missionárias da Escola Sabatina, mas poucos sabem como elas começaram. A primeira arrecadação da Escola Sabatina destinada às missões ocorreu em 1885, quando a Igreja Adventista iniciava seu trabalho na Austrália. Entretanto, as ofertas missionárias só despertaram verdadeiro entusiasmo a partir do projeto *Pitcairn*, em 1889 e 1890. Depois dele, a Escola Sabatina nunca mais seria a mesma. Ela se tornaria uma grande apoiadora das missões adventistas ao redor do mundo e seu segundo grande projeto de doação seria para a Missão Sul-Americana em 1890. A partir de então, a Escola Sabatina nunca deixou de incentivar financeiramente as missões em todas as partes do planeta.

Isso nos leva de volta aos primórdios do adventismo na América do Sul. No início de 1890, antes que a igreja tivesse condições de enviar missionários custeados pela denominação, George Riffel conduziu quatro famílias germano-russas de fazendeiros do Kansas para a Argentina, a fim de serem missionários que sustentavam a si próprios. Riffel era recém-convertido ao adventismo e havia escrito sobre sua nova fé para colonos germano-russos do país sul-americano. Um deles respondeu que guardaria o sábado se tivesse alguém para observá-lo com ele. Isso foi o suficiente para levar Riffel a uma mudança transformadora de vida.

No fim de 1891, a Igreja Adventista do Sétimo Dia enviou seus primeiros missionários “oficiais” para a América do Sul. Nenhum deles falava espanhol,

nem português. Por isso, os três colportores começaram o trabalho vendendo livros em alemão e inglês para uma população de outro idioma.

Os apelos da família Dupertuis, os relatos dos colportores e os pedidos da família Riffel estimularam a Associação Geral a enviar, em 1894, F. H. Westphal para supervisionar a missão adventista na Argentina, no Uruguai, no Paraguai e no Brasil. Westphal passaria mais de vinte anos trabalhando nesses países e no Chile.

Pequenas ideias geram grandes resultados. A obra de pessoas leigas e humildes partilhando literatura com outras contribuiu muito para a disseminação do adventismo pelo mundo. Essa é uma atividade da qual todos nós podemos participar.

O Adventismo na Índia

Vão e ensinem a todos os que encontrarem, de perto e de longe, sobre este estilo de vida. Mateus 28:19, A Mensagem

Assim como em tantos outros lugares do mundo, os colportores logo começaram a espalhar a mensagem adventista na Índia. William Lenker e A. T. Stroup chegaram a Madras em 1893 para vender livros para os habitantes das principais cidades da Índia que falavam inglês.

Assim como aconteceu em tantos outros lugares, Lenker e Stroup não foram os primeiros adventistas do país. Enquanto estava em Londres, a caminho da Índia, Lenker ficou feliz ao descobrir que já havia adventistas morando lá. Ele disse: “Meu coração se regozijou ao descobrir que a verdade fora antes para a Índia e havia começado com indícios animadores.”

Não se sabe como a mensagem adventista chegou até lá. Presume-se que tenha sido por meio de folhetos enviados da América, Europa ou Austrália. Tais mensageiros silenciosos realizaram mais do que todos os outros métodos combinados para espalhar os ensinos adventistas “a cada nação, e tribo, e língua, e povo” (Ap 14:6).

Em 1894, pelo menos cinco colportores trabalhavam na Índia, três deles provenientes da Austrália. Os livros tinham boas vendas e não demorou muito para as pessoas solicitarem traduções para o tâmil e outras línguas locais.

A primeira funcionária da Igreja Adventista do Sétimo Dia na Índia foi Georgia Burrus (posteriormente Georgia Burgess), jovem obreira bíblica da Califórnia. Ela chegou ao país em 1895 para ser a única representante oficial da igreja naquela nação.

A Associação Geral planejara que D. A. Robinson liderasse a missão, mas sua viagem foi protelada na Inglaterra. Isso não deteve a intrépida Srta. Burrus, que prosseguiu sozinha, mesmo que só tivesse recebido pela passagem. Enquanto aprendia o bengali, trabalhava para sobreviver, mas logo alguém da África prometeu uma ajuda financeira. Georgia passaria 40 anos no país que adotou, espalhando a mensagem do advento.

Outros missionários chegaram à Índia no fim de 1895 e, em 1898, William A. Spice (que se tornaria presidente da Associação Geral em 1922) chegou para dar início à publicação do periódico *Oriental Watchman* [Atalaia Oriental].

Algo chama a atenção de quem estuda a disseminação das missões adventistas: elas foram internacionais desde o início. Muito embora, ao longo do século 19, o movimento tenha sido predominantemente norte-americano, encontramos pessoas, literaturas e recursos provenientes de toda parte distribuídos a todos os lugares. Essa continua a ser a dinâmica nas missões adventistas.

O Adventismo na Ásia Oriental

Muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos Céus. Mateus 8:11

Abram La Rue (1822-1903) foi uma pessoa verdadeiramente fascinante no adventismo, assim como um número considerável de outros indivíduos únicos. Depois de juntar uma fortuna nas minas de ouro da Califórnia e de Idaho, conseguiu perder tudo até os anos 1880 e alternava trabalhos como pastor de ovelhas e lenhador quando conheceu a mensagem adventista.

Logo após sua conversão, La Rue, que não tinha problemas com falta de ousadia, nem de entusiasmo, solicitou à Associação Geral um chamado missionário para a China. Contudo, levando em conta que era recém-convertido e já chegara à idade de se aposentar, os líderes recusaram a proposta, sugerindo que ele fosse pelo sistema de sustento próprio para uma das ilhas do Pacífico.

Depois de estudar um semestre no Healdsburg College, La Rue conseguiu chegar a Honolulu em 1883 ou 1884. Seu sucesso ali levou a denominação a enviar W. M. Healey para o Havaí, a fim de organizar a igreja nas ilhas.

Em 1888, o animado pioneiro partiu para Hong Kong, onde fundou uma missão para marinheiros e trabalhou na obra da colportagem durante catorze anos. Seu foco eram os muitos navios do porto multinacional. Contudo, durante os anos que passou ali, La Rue conseguiu encaixar, em sua agenda, viagens missionárias a lugares como Xangai, Japão, Bornéu, Java, Ceilão, Malásia, Cingapura e até Palestina e Líbano. É claro que ele também vendia livros e folhetos por onde o navio parava. Em seu tempo livre, também conseguiu a publicação dos primeiros folhetos adventistas em mandarim.

Enquanto isso, na Califórnia, um dos primeiros conversos de La Rue, W. C. Grainger, se tornou presidente do Healdsburg College; porém, inspirado por seu mentor, logo receberia o chamado oficial para ir ao Japão. Lá, com um ex-aluno de ascendência japonesa, cujo nome era T. K. Okohira, ele fundou uma escola da língua estrangeira para ensinar inglês a universitários usando a Bíblia. Desse modo, Grainger iniciou um tipo de evangelismo produtivo no Extremo Oriente até os dias atuais.

Uma das lições que podemos aprender com a história de La Rue é que Deus pode usar os “velhos” para espalhar Sua mensagem. A boa notícia é que, para o Senhor, a vida não acaba depois da aposentadoria.

Missão aos Negros Americanos – 1

Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus. Gálatas 3:26

Um aspecto singular da ampliação das missões adventistas durante os anos 1890 foi o evangelismo aos afro-americanos. Embora alguns negros tenham participado do movimento milerita (inclusive o pastor William Foy, que desempenhou um papel profético de 1842 a 1844), o movimento dos adventistas guardadores do sábado era formado predominantemente por brancos. Na verdade, demorou cerca de meio século após o grande desapontamento para que o adventismo chegasse aos negros norte-americanos com algum sucesso verdadeiro.

Historiadores da denominação estimam que havia apenas cerca de 50 negros adventistas do sétimo dia nos Estados Unidos em 1894; mas, até 1909, esse número havia aumentado para 900. O crescimento do número de membros negros resultou de vários projetos missionários focados na evangelização desse grupo durante os anos 1890.

As décadas de 1870 e 1880 testemunharam um trabalho esporádico em meio aos negros sulistas no Texas, Tennessee, na Geórgia e em outros estados. A primeira igreja de negros foi oficialmente organizada em Edgefield Junction, Tennessee, em 1886. No entanto, os *yankees* brancos do Norte estavam meio perdidos quanto a como enfrentar os problemas raciais tão difíceis e específicos do Sul. Eles levantaram suspeitas dos brancos sulistas por serem do Norte (é preciso lembrar que os dois grupos haviam acabado de travar uma sangrenta guerra civil por causa da questão racial). Além disso, passavam pelo dilema de como lidar com questões como a segregação.

A obra costumava ser recebida com violência pelos brancos locais, pois estes temiam que os intrusos estivessem pregando a “perigosa” doutrina da igualdade racial. Levando em conta as dificuldades, a liderança adventista finalmente concluiu que seria melhor seguir as convenções sociais e fundar congregações separadas para as duas etnias. Charles M. Kinny, que já conhecemos este ano como o primeiro afro-americano a se tornar um pastor ordenado da Igreja Adventista do Sétimo Dia, concordou com esta decisão. Embora não considerasse que as congregações separadas fossem o ideal, Kinny acreditava que tal solução era preferível a segregar os negros, restringindo-os aos bancos detrás das igrejas de brancos.

Senhor, pedimos hoje e a cada dia que tragas cura às relações entre os diversos grupos étnicos do mundo. Se isso não acontecer no mundo como um todo, que se torne realidade em nosso coração.

Missão aos Negros Americanos – 2

Porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes. Gálatas 3:27

Em 1891, Ellen White estava preocupada com a falta de trabalho adventista entre os negros norte-americanos. Em 21 de março, ela apresentou um "testemunho" sobre o assunto para os delegados da Assembleia da Associação Geral. Ela pediu, de maneira especial, por uma obra mais intensiva entre os negros do Sul. Seu apelo logo foi impresso em um livreto de dezesseis páginas.

Ela disse aos delegados: "O Senhor nos deu luz a respeito de tais questões. Há princípios em Sua Palavra que devem nos orientar ao lidarmos com estas questões que causam perplexidade. O Senhor Jesus veio ao mundo para salvar homens e mulheres de todas as nacionalidades. Ele morreu tanto pelos negros quanto pelos brancos. [...] O mesmo preço foi pago pela salvação do homem negro e do homem branco, e o menosprezo lançado sobre os negros por muitos dos que alegam ser redimidos pelo sangue do Cordeiro [...] representa mal a Jesus, revelando egoísmo, tradição e preconceito que poluem a alma. [...] Que nenhum dos que levam o nome de Cristo sejam covardes em Sua causa. Em nome de Cristo, permaneçam firmes como quem olha para os portais abertos da cidade de Deus" (SW, p. 9-18).

A despeito de seu apelo para uma forte expansão das missões adventistas aos negros do Sul, nada aconteceu até 1893. Nesse ano, James Edson White "descobriu" o documento. Edson, seu filho vivo mais velho, passara por uma experiência recente de conversão aos 40 e poucos anos. Tomado por zelo, sentiu a convicção de que deveria levar a mensagem adventista aos ex-escravos do extremo Sul.

Inspirado, ao que tudo indica, pelo navio *Pitcairn*, o criativo Edson logo se aliou a Will Palmer (outro recém-convertido com um passado dúbio) para construir um “barco missionário” e escrever um dos capítulos mais empolgantes das missões adventistas nos Estados Unidos.

Os dois missionários improváveis construíram a embarcação *Morning Star* [Estrela da Manhã] em Allegan, Michigan, em 1894, gastando 3.700 dólares. A embarcação serviria de casa para a equipe de obreiros. Além disso, tinha espaço para uma capela, biblioteca, impressora, cozinha e laboratório fotográfico. Em suma, tratava-se de um entreposto missionário sobre as águas.

O fato de Deus ter conseguido usar Edson e Will me surpreende. Esse é um aspecto de Sua graça. Além disso, traz um raio de esperança para aqueles cujos filhos ainda não encontraram o Caminho.

Missão aos Negros Americanos – 3

Não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto
[...] porque todos vós sois um em Cristo Jesus. Gálatas 3:28

O barco missionário de Edson White tinha um grande problema. Ele estava a centenas de quilômetros de seu público-alvo e a pelo menos 32 quilômetros de um corpo de água importante.

Isso não era problema para o criativo Edson. Ele fez a embarcação flutuar pelo rio Kalamazoo até o lago Michigan, cruzou o lago Michigan até a região de Chicago, atravessou o Illinois no sistema fluvial que ligava o lago Michigan ao Mississippi e desceu esse rio até Vicksburg, Mississippi, no sul dos Estados Unidos, onde estabeleceu sua sede.

White ainda tinha outro problema: dinheiro! Sem a confiança dos líderes da Igreja Adventista, ele e seus companheiros obtinham o próprio sustento durante a missão. Assim como seu pai, um dos talentos de Edson era conseguir dinheiro.

Um projeto que ele usou para custear o trabalho missionário foi a publicação de *Gospel Primer* [Cartilha do Evangelho], um livro simples para ensinar analfabetos a ler, e transmitir, ao mesmo tempo, a mensagem bíblica. A venda dessa pequena obra de sucesso ajudou a financiar a missão.

De Vicksburg, a obra se espalhou pelas redondezas, enfrentando, muitas vezes, resistência e violência. Contudo, no início do século 20, a missão já contava com quase 50 escolas em funcionamento. Em 1895, a missão autossustentada de Edson organizou a Sociedade Missionária do Sul. Em 1901, a sociedade se tornou parte da recém-fundada União Sul dos Estados Unidos. Depois de um tempo, a parte de publicações da iniciativa também passou a ser administrada pela denominação e foi chamada de Associação Publicadora do

Sul, com sede em Nashville, Tennessee.

Na metade dos anos 1890, ocorreu a abertura de uma escola de treinamento para obreiros negros. A Associação Geral inaugurou a Escola Industrial Oakwood em 1896, em uma propriedade de 145 hectares no Alabama. Logo Oakwood se transformou em um centro para a capacitação de líderes negros, tornando-se uma faculdade em 1943 e uma universidade em 2007.

A missão tardia aos negros norte-americanos é uma lição muito importante. É fácil demais nos empolgarmos com o envio de missionários para além-mar, ao mesmo tempo em que negligenciamos as pessoas que estão ao nosso lado.

Senhor, ajuda-nos a colocar os valores de Teu povo no lugar certo e a permitir que Tu nos uses onde estamos hoje para espalhar Teu amor.

Mulheres de Poder – 1

Não pode haver [...] nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. Gálatas 3:28

"Ela realizou mais nos últimos dois anos do que qualquer pastor do estado. [...] Sou [...] favorável a conceder [uma] licença para a Sra. Lulu Wightman pregar e, se o irmão W. for um homem capaz e trabalhar com a esposa, prometendo se transformar em um obreiro de êxito, sou a favor de dar uma licença para ele também." Essas foram as palavras do pastor S. M. Cobb, ao escrever para o presidente da Associação de Nova York, em 1897.

Uma vez que a maioria dos ministros adventistas é do sexo masculino, poucos reconhecem a contribuição de mulheres que serviram na obra em diferentes funções.

Sem dúvida, o papel de Ellen White foi central para a fundação e o desenvolvimento do adventismo. Embora a denominação nunca a tenha ordenado formalmente, desde 1872, ela possuía uma credencial de obreira. É inquestionável que ela foi a pessoa mais influente que já serviu à Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Muitas outras mulheres atuaram durante o fim do século 19 e início do século 20 na função de obreiras licenciadas. Uma das primeiras deve ter sido Sarah Lindsay, que recebeu a licença em 1872. Os anuários da denominação citam mais de vinte outras mulheres que serviram como obreiras licenciadas desde 1884 até 1904 – as duas primeiras décadas do anuário. Apesar de, por vezes, sofrerem discriminação, tais mulheres deram importantes contribuições para a igreja.

Minnie Sype, por exemplo, fundou pelo menos dez igrejas. Em determinada

ocasião, ela foi criticada por se propor a pregar mesmo sendo mulher. Ela respondeu que, depois de ressuscitar, Jesus comissionou Maria a contar para os discípulos que Ele estava vivo. Minnie declarou que estava seguindo os passos de Maria, contando às pessoas que Cristo, além de ter ressuscitado, viria outra vez.

Deus pode usar tanto homens quanto mulheres para espalhar as boas-novas da salvação em Cristo. Esse é o sentido do testemunho cristão. A igreja estaria em melhores condições se contasse com mais homens e mulheres de fé e poder engajados na obra de testemunhar do Salvador ressurreto.

Mulheres de Poder – 2

Maria! [...] vai ter com os Meus irmãos e dize-lhes: Subo para Meu Pai e vosso Pai, para Meu Deus e vosso Deus. João 20:16, 17

“Ontem a Câmara dos Deputados [de Missouri] tomou a resolução de convidar a Sra. Wightman para falar aos políticos sobre a ‘Ascensão da Liberdade Religiosa nos Estados Unidos’. Creio que tal ação por parte do legislativo de Missouri é sem precedentes na história de nosso povo.”

Esse ato foi parte do impacto do ministério da impressionante Lulu Wightman, uma das evangelistas de maior sucesso no adventismo. Ela recebe o crédito por ter fundado no mínimo dezessete igrejas.

Outra mulher de poder foi Jessie Weiss Curtis, que apresentou 80 candidatos ao batismo no fim de sua primeira campanha evangelística. A igreja de Drums, Pensilvânia, surgiu mediante esse esforço. Ela ampliou sua esfera de influência capacitando jovens ao ministério adventista. Um desses foi N. R. Dower, que posteriormente se tornou diretor do departamento Ministerial da Associação Geral.

Além das mulheres que detinham credenciais de obreiras, muitas outras serviam à denominação de diversas maneiras. A maioria ocupava papéis costumeiramente femininos, como enfermeiras e professoras, mas outras exerceram funções de liderança. Entre elas, encontrava-se L. Flora Plummer, que se tornou secretária da Associação de Iowa, em 1897, e foi a presidente interina durante parte do ano de 1900. Em 1901, ela assumiu a função de secretária do recém-organizado departamento de Escola Sabatina da Associação Geral. Em 1913, tornou-se diretora do departamento, em que atuou ao longo dos 23 anos

seguintes.

Houve também Anna Knight, pioneira do programa educacional adventista entre os negros no sul dos Estados Unidos. Ela também tem a honra de ter sido a primeira mulher missionária afro-americana a ser enviada dos Estados Unidos para a Índia.

No fim do século 19 e início do século 20, muitas outras mulheres serviram como tesoureiras, secretárias de Associação e líderes de departamento. Além disso, existem milhões de mulheres anônimas que integram a liderança de importantes congregações ao redor do mundo.

A comissão de Jesus a Maria continua a ser levada avante.

Revendo a Organização da Igreja – 1

Crescia a palavra de Deus, e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos. Atos 6:7

De modo geral, o crescimento é algo bom. Nas igrejas, porém, ele leva à necessidade de se repensar as estruturas que permitem ao corpo religioso desempenhar suas funções. Foi isso o que aconteceu em Atos 6, quando a mudança levou à nomeação dos diáconos.

O adventismo do sétimo dia experimenta um crescimento dinâmico desde sua gênese. De 1863 a 1900, ocorreu uma expansão denominacional sem precedentes, em parte por causa de sua organização. O adventismo iniciou esse período com 30 evangelistas e seis Associações, todas localizadas no nordeste dos Estados Unidos. A denominação o concluiu com 45 Associações e 1.500 evangelistas espalhados pelo mundo.

Além do crescimento das Associações, o setor institucional da denominação também se desenvolveu rapidamente. Somente entre 1888 e 1901, o número de instituições médicas importantes saltou de 2 para 24, terminando com cerca de 2 mil funcionários. Em 1903, a denominação contava com 464 escolas adventistas nos níveis básico e médio, 687 professores e 11.145 alunos matriculados. Além das instituições de saúde e educação, um número cada vez maior de casas publicadoras estava em funcionamento ao redor do mundo.

Tal expansão sem precedentes em todos os setores da igreja levou a uma situação administrativa com a qual o formato organizacional de 1863 estava desprepa- rado para lidar. A maioria das pessoas parecia satisfeita com os dois níveis administrativos acima da estrutura das congregações locais, mas logo descobriram a existência de alguns problemas inerentes.

Um deles era a centralização da tomada de decisões nas mãos dos poucos indivíduos que compunham a pequena comissão diretiva da Associação Geral (no máximo oito até 1897, quando mudou para 15), que se reunia com pouca frequência. Por isso, a maioria das principais decisões ficava nas mãos do presidente da denominação. Além disso, não ajudava o fato de Tiago White e George I. Butler terem tendências dominadoras em sua personalidade. Portanto, um problema constante da estrutura de 1863 era que ela se tornava vulnerável àquilo que Ellen White chamou diversas vezes de “poder controlador”.

Em 1900, quase todos reconheciam a necessidade de mudança.

Revendo a Organização da Igreja – 2

O cabeça de todo homem é Cristo. 1 Coríntios 11:3, NVI

Na era pós-1888, ocorreria o desenvolvimento de duas abordagens principais para a reorganização da igreja. Os líderes da denominação e os teólogos mais influentes durante os anos 1890 (Alonzo T. Jones, Ellet J. Waggoner e William W. Prescott) promoveram o primeiro caminho para a reforma. Eles elaboraram uma eclesiologia teológica a qual defendia o ponto de vista de que a igreja não necessitava ter um presidente, uma vez que Cristo era o cabeça e dirigiria cada pessoa nascida de novo.

Waggoner afirmou: "União perfeita significa independência absoluta. [...] A questão da organização é muito simples. A única necessidade é de cada um se entregar ao Senhor, que fará com o indivíduo aquilo que quiser. [...] 'Recebei o Espírito Santo.' O Espírito Santo é o organizador." Prescott afirmava: "Se entendermos direito essa ideia, não haverá oficiais aqui." "Vós todos sois irmãos" é o ideal bíblico.

Para Prescott, Jones, Waggoner e seus colegas, tal esquema não era anarquia, mas a verdadeira organização bíblica. Eles propagaram suas ideias com vigor nas Assembleias da Associação Geral de 1897, 1899, 1901 e 1903.

Obtiveram o maior sucesso em 1897. Impulsionados por uma citação de Ellen White de 1896 (tirada do contexto de suas declarações gerais sobre o assunto), de que "não é sábio escolher um homem como presidente da Associação Geral" (Ct 24a, 1896), os reformadores pressionavam para que não houvesse presidente (a preferência deles) ou para que fossem escolhidos vários presidentes. Em 1897, conseguiram fazer passar a resolução para a escolha de três presidentes da Associação Geral, um na América do Norte, outro na Europa

e o terceiro na Austrália.

Na prática, as coisas não funcionaram como queriam os reformadores, mas suas ideias eram firmes e eles as defenderam com toda força em 1901 e 1903.

Arthur G. Daniells, que, no futuro, viria a tornar-se presidente da denominação, brincava que as ideias de Jones e Waggoner sobre organização funcionariam muito bem no Céu, mas certamente não na Terra. E Ellen White deve ter se espantado com a estranha distorção de sua declaração original, feita pelos dois homens.

Senhor, ajuda-nos enquanto pensamos sobre o propósito da organização e como ele se relaciona à missão de Tua igreja aqui na Terra.

Revendo a Organização da Igreja – 3

E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim. Mateus 24:14

O segundo caminho para a reforma organizacional proposto nos anos 1890 surgiria nos campos missionários da denominação, focado em necessidades pragmáticas, não na teologia. A teologia não estava ausente, mas não era central. A base teológica para essa abordagem era escatológica. Uma vez que os adventistas necessitavam pregar as três mensagens angélicas para todo o mundo antes do segundo advento, essa perspectiva se concentrava na relação da missão denominacional com seu objetivo escatológico.

Os primeiros elementos da reforma começaram na recém-fundada Associação Sul-Africana em 1892, sob a liderança de A. T. Robinson. O principal problema ali era a falta de pessoal. De maneira nenhuma ele conseguiria encontrar pessoas para dirigir todas as organizações auxiliares independentes que haviam se desenvolvido em Battle Creek. Lá havia a Associação de Publicações, a Sociedade Geral de Folhetos e Missões, a Sociedade Educacional, a Associação Geral da Escola Sabatina, a Associação de Temperança e Saúde, a Associação Geral e o Conselho de Missões Estrangeiras.

A solução de Robinson nasceu da necessidade. Em vez de criar organizações independentes, ele desenvolveu departamentos ligados à Associação.

Ole A. Olsen, presidente da Associação Geral, e William C. White se preocupa- ram com a sugestão, e a Associação Geral escreveu pedindo a Robinson que não criasse os departamentos.

Era tarde demais. Por causa do tempo que as correspondências demoravam

para chegar por navio naquela época, quando a instrução da Associação Geral chegou, Robinson já havia colocado o programa em prática e descoberto que ele funcionava.

Nos anos 1890, Robinson foi transferido para a Austrália, onde conseguiu convencer Arthur G. Daniells e William C. White da ideia dos departamentos. Estes, por sua vez, levariam a ideia para a Assembleia da Associação Geral de 1901, como parte de um plano de reorganização.

A inovação costuma estar na origem do progresso. Embora estruturas e regras sejam necessárias para qualquer organização estável, a habilidade de improvisar é essencial para a continuação da vitalidade.

Ajuda-nos, Pai, a encontrar o equilíbrio adequado entre regras e inovações tanto em nossa vida diária quanto na igreja.

Conheça Arthur G. Daniells

Uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo. Filipenses 3:13, 14

“Se eu realizei algo que valeu a pena na causa de Deus, é porque, em minha juventude, fixei os olhos no alvo e [...] pela graça de Deus, nunca permiti que nada desviasse minha mente, nem tirasse meus olhos desse objetivo”, escreveu Arthur G. Daniells perto do fim de uma vida longa e frutífera. Ele foi um líder por excelência não só por conhecer seu alvo, mas também por persistir nele e alcançá-lo.

Daniells nasceu em 1858. Seu pai morreu durante a guerra civil dos Estados Unidos. O menino aceitou o adventismo aos dez anos de idade. Assim como todos os jovens, enfrentou a assustadora dúvida do que fazer com a vida. Depois de estudar no Battle Creek College por um ano, foi dar aulas em uma escola pública quando recebeu o chamado para o ministério.

Não era isso que ele esperava. Sentia-se despreparado; mas, assim como muitos ao longo das eras, Arthur não conseguia se livrar da certeza da vocação.

Daniells iniciou o ministério no Texas em 1878, onde atuou como secretário de Tiago e Ellen White por um ano. Em 1886, enquanto conduzia uma série evangelística, recebeu o convite de ir para a Nova Zelândia e Austrália, onde serviu como administrador da igreja por catorze anos. Enquanto esteve no hemisfério sul, trabalhou de perto com William C. White e sua mãe. Ele e Willie criaram as estruturas que Daniells colocaria em prática em 1901 para a reorganização da igreja.

Eleito presidente da Associação Geral em 1901, permaneceu no cargo por 21

anos, mais do que qualquer outro homem. Em parte por causa do eficiente modelo de organização adotado em 1901 e 1903, o adventismo cresceu com rapidez durante sua administração.

Posteriormente, ele criou a Associação Ministerial da Associação Geral, por meio da qual influenciou uma geração de jovens pregadores a enfatizar, em sua vida e ministério, a Cristo e a salvação por intermédio dEle. O livro de sua autoria, *Cristo, Nossa Justiça*, relembrou as questões de 1888 ligadas à salvação e é um clássico adventista.

Daniells era uma pessoa com um alvo, seguindo, nesse ponto, o exemplo de Paulo e de Jesus. Eu também preciso ser assim.

Senhor, ajuda-nos hoje e sempre a prosseguir “para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus”.

Revendo a Organização da Igreja – 4

Há um só corpo e um só Espírito, assim como a esperança para a qual vocês foram chamados é uma só; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos. Efésios 4:4-6, NVI

Como manter, ao mesmo tempo, unidade e eficiência em uma igreja mundial? Não se trata de uma tarefa fácil, mas é muito importante.

Parte da dificuldade enfrentada pela denominação que se espalhava rapidamente nos anos 1890 estava ligada à comunicação. Em nome da unidade, a praxe declarava que a sede da igreja em Battle Creek precisava aprovar todas as decisões acima do nível das Associações.

Arthur G. Daniells falou sobre o problema do intervalo temporal na comunicação e no processo de tomada de decisões da perspectiva de 1913. A dificuldade era que as correspondências demoravam, no mínimo, quatro semanas para chegar e muitas vezes encontravam os membros da Comissão Diretiva da Associação Geral em viagem, longe do escritório. Daniells observou: “Lembro que esperávamos de três a quatro meses para receber respostas a nossas perguntas.” E, mesmo então, podia ser apenas um questionamento de cinco ou seis linhas, dizendo que os líderes da Associação Geral não haviam entendido o assunto direito e precisavam de mais informações. E assim a situação prosseguia até que “depois de seis a nove meses, talvez, conseguíamos resolver a questão”.

Ellen White também se deparou com obstáculos em relação à estrutura de 1861/1863, que centralizava a tomada de decisões. Depois de passar anos nos campos missionários da igreja, ela reconheceu que “os homens em Battle Creek não são mais inspirados a dar conselhos livres de erros do que as pessoas de

outros lugares, a quem o Senhor confiou a obra em cada localidade” (Ct 88, 1896).

O desafio era como descentralizar e, ao mesmo tempo, manter a unidade. A resposta foi a criação das Uniões, unidades administrativas “inventadas” na Austrália na metade da década de 1890. A União Australásia era formada por várias Associações e Missões que faziam parte de seu território e servia como intermediária entre a Associação Geral e os campos locais. Com poder executivo em seu território, descentralizou o processo de tomada de decisões, mantendo a unidade.

Quando os líderes da igreja australiana criaram as Uniões, A. T. Robinson chegou da África do Sul com o sistema de departamentos, que também foi adotado na Austrália.

A maioria de nós não pensa muito na mecânica necessária para administrar uma igreja mundial. Talvez devêssemos fazê-lo. Mesmo nessa área relativamente “trivial”, podemos ver a mão orientadora de Deus.

Revendo a Organização da Igreja – 5

O Senhor usou um profeta para tirar Israel do Egito, e por meio de um profeta cuidou dele. Oseias 12:13, NVI

Algumas coisas parecem impossíveis de realizar. Uma delas era a reestruturação da Igreja Adventista em 1901. Os pastores da liderança haviam esbarrado nessa questão por mais de dez anos, sem conseguir resolver nada.

Tudo isso mudaria a partir de uma reunião com os líderes da denominação, presidida por Arthur G. Daniells na biblioteca do Battle Creek College em 1º de abril de 1901. Daniells disse aos que ali estavam reunidos que alguns deles haviam se encontrado na noite anterior, mas queriam abrir a discussão para mais pessoas e também permitir à irmã White estar presente e expor a luz que ela tivesse sobre a questão.

Contudo, Ellen White não quis tomar frente da reunião. Ela disse a Daniells: “Pensei em deixá-lo liderar e, se eu tiver algo a dizer, direi.” O presidente respondeu que ele e os colegas não queriam discutir mais a questão da organização sem antes ouvir a opinião dela.

A Sra. White contra-argumentou: “Eu prefiro não falar hoje [...] não por não ter nada a dizer, porque eu tenho.” Então, por cerca de uma hora e meia, ela fez um dos discursos mais influentes de seu ministério.

Sem meias palavras, ela defendeu a chegada de “sangue novo” e de “uma organização totalmente nova”, que ampliasse a base administrativa. Opondo-se à centralização do poder, não deixou dúvidas de que o “poder controlador, absoluto” e qualquer administrador que se assentasse em um “pequeno trono” precisariam ir embora. Ela apelou por uma renovação imediata, dizendo: “Deus não permita, irmãos, Deus não permita que esta assembleia aconteça e termine

como as outras, com o mesmo espírito de manipulação!” (Man. 43a, 1901).

No dia seguinte, na reunião de abertura da Assembleia da Associação Geral, ela foi à frente e pediu a reorganização de forma clara, muito embora “a maneira exata de realizá-la [ela não pudesse] dizer” (1901, Boletim da Associação Geral 25). Em seu modo de ver, era seu dever impelir à reforma, mas os delegados tinham a responsabilidade de desenvolver as estruturas.

Nessa situação, nos deparamos com esclarecimentos interessantes sobre o papel profético de Ellen White. Ela foi a catalisadora para que as coisas acontecessem. Sem a faísca que ela acendeu em 1901, a igreja provavelmente não teria partido para nenhuma ação firme no que se refere à reorganização. O dom profético é uma das formas usadas por Deus para guiar Seu povo.

Revendo a Organização da Igreja – 6

Na verdade, não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a que há de vir. Hebreus 13:14

Esta Terra não é nosso lar. Essa filosofia e a necessidade missionária impeliu o grupo que saiu vitorioso da Assembleia da Associação Geral em 1901.

G. A. Irwin, o presidente, abriu as reuniões reconhecendo a força do apelo de Ellen White por reforma, mas parou em generalidades.

Nesse momento, Arthur G. Daniells foi à frente e sugeriu que "os papéis e procedimentos costumeiros para organizar as questões administrativas da assembleia fossem suspensos" e eles escolhessem uma comissão geral para desenvolver recomendações relacionadas à reorganização denominacional e outros tópicos de interesse. Sua proposta foi aprovada.

Os líderes nomearam Daniells presidente da comissão de reorganização. Ele e William C. White foram as principais vozes na reorganização, muito embora a coalizão de Jones e Waggoner tenha tentado mudar as coisas em sua direção.

Quando Daniells falou sobre a reorganização da igreja, estava se referindo à reestruturação administrativa para maior êxito no alcance missionário. Ele deixou isso bem claro na segunda manhã da Assembleia de 1901, ao dizer aos delegados que, a menos que algo definitivo fosse feito, levaria "um milênio para dar esta mensagem ao mundo".

A Assembleia da Associação Geral de 1901 resultou em algumas das mais relevantes mudanças na história da denominação. As mais importantes, em termos organizacionais, foram cinco: (1) a criação das Uniões Associações e Uniões Missões que supervisionariam as Associações e Missões locais,

descentralizado, assim, a autoridade administrativa dos líderes da Associação Geral; (2) o fim da maioria das organizações auxiliares e a adoção do sistema de departamentos; (3) a comissão diretiva da Associação Geral aumentou o número de membros para 25; (4) a propriedade e a administração da maioria das instituições passou da Associação Geral para as Uniões Associações; (5) a Associação Geral não teria mais presidente, apenas um coordenador da comissão diretiva, podendo ser removido do cargo a qualquer momento que esta decidisse.

A igreja fez mudanças radicais baseadas na experiência missionária de Daniells e de William C. White. E a liderança fez a diferença. Deus continua trabalhando por intermédio das pessoas, tanto na esfera coletiva quanto individual, para guiar Sua igreja.

Revendo a Organização da Igreja – 7

De onde procedem guerras e contendas que há entre vós?
Tiago 4:1

Ótima pergunta! A resposta se encontra na natureza humana universalmente pervertida. Queremos as coisas do nosso jeito. Queremos proteger nosso lado.

Isso se aplica às pessoas de todos os lugares, seja na família ou na vida profissional. E, na igreja, tais disputas podem surgir quando a "missão" de indivíduos se sobrepõe à missão evangélica ordenada por Deus.

Dois problemas estruturais persistiram após a Assembleia de 1901. O primeiro era que a forte iniciativa médica sob o controle do Dr. John Harvey Kellogg continuava fora do sistema de departamentos. O segundo era a questão da presidência.

Em 1902, desenvolveu-se uma grande luta de poder entre Arthur G. Daniells, o "coordenador" da comissão diretiva da Associação Geral, e Kellogg. Ela resultou do fato de Daniells exigir responsabilidade fiscal enquanto o médico tinha planos de gastos ilimitados na ampliação de seu império médico.

A solução para a dificuldade parecia clara para Kellogg, que controlava um terço dos votos na comissão diretiva e tinha influência sobre outros: tirar Daniells da função e substituí-lo por Alonzo T. Jones, que era favorável a seu ponto de vista.

Os intempestivos sons da contenda abalaram a denominação em novembro de 1902. O motivo: quem controlaria a igreja e por quais razões. Podemos ser gratos por Daniells ter vencido a batalha que determinaria o propósito do adventismo no século 20.

Nesse meio tempo, Daniells voltou assumir o título de “presidente”, após descobrir que, para fins legais, era quase que uma necessidade.

Esses foram os embates que criaram o clima para a Assembleia da Associação Geral de 1903. Nela, o programa médico se transformou em um departamento da igreja e a presidência foi restabelecida, abrindo caminho para o cisma.

Muitas vezes na história da igreja, a missão se transformou em “eu” e “meu programa”, o que leva ao fim da paz e da espiritualidade. O diabo sempre está a postos para incentivar nossos desejos individuais. Todos somos tentados a nos assentar em pequenos tronos pessoais.

Senhor, ajuda-nos a avaliar nossas intenções ao trabalhar para Ti. Salva-nos do “eu”.

Reflexões sobre a Reestruturação de 1901 e 1903

Aumentarei a produção das árvores e as safras dos campos.
Ezequiel 36:30, NVI

A reestruturação da igreja abriu caminho para maior produtividade e eficiência. Assim, seu programa missionário mundial avançou de uma forma que teria sido impossível com os problemas da velha estrutura.

Devemos, porém, observar que a organização de 1901 e 1903 não era uma estrutura nova. Ela manteve o esboço geral do plano de 1861/1863, modificando-o apenas para atender às necessidades de uma igreja em crescimento.

Apenas modificar o que estava ultrapassado, porém, não era o ideal de alguns dos delegados em 1901 e 1903. A facção de Jones e Waggoner buscava uma revolução total. No fim, sua proposta de remodelamento drástico da igreja perdeu por vários motivos. Tratava-se de um modelo teologicamente inadequado, pois focava no membro da igreja, sem espaço para uma abordagem prática à ação unificada. Na teoria, parecia ótimo: cada um trabalharia em harmonia com os outros se fossem convertidos; mas, na prática, a imagem bíblica reflete menos perfeccionismo e uma visão mais complexa do pecado do que a defendida pelos candidatos a revolucionários do adventismo.

Esse grupo também tinha o costume de deslocar citações de Ellen White de seu contexto literário e histórico, fazendo transparecer que ela dissera coisas nas quais não acreditava. Por exemplo, ela não tinha problema nenhum com o título “presidente”, uma vez que o usava com frequência.

A abordagem de Daniells era mais próxima da realidade e estava em harmonia com a organização que Tiago White desenvolvera em 1861/1863.

Ambos buscavam uma estrutura eficiente para a conclusão da tarefa de levar a mensagem adventista aos confins da Terra o mais rápido possível. Então Cristo logo iria voltar.

A eficiência para a missão é uma palavra-chave na história da organização do adventismo do sétimo dia. Embora a maioria dos delegados de 1903 tenha concordado com as conclusões finais da Assembleia, M. C. Wilcox fez a importante ressalva de que a igreja não deveria ser organizacionalmente inflexível. Era imprescindível se manter aberta para fazer adaptações às necessidades que surgissem da missão.

Pai, obrigado pela estrutura da igreja, capaz de alcançar o mundo inteiro de maneira unificada. Queremos, mais do que qualquer outra coisa, que Jesus venha.

Dezembro

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

A Babilônia Reinventada

Chamou-se-lhe, por isso, o nome de Babel, porque ali confundiu o Senhor a linguagem de toda a Terra. Gênesis 11:9

Após 1903, Alonzo T. Jones atacou implacavelmente Arthur G. Daniells, Ellen White e a estrutura da igreja. Para ele, liberdade religiosa se tornara sinônimo de libertação da organização da igreja.

Em 1907, Daniells afirmou que Jones e outros tinham o objetivo de "semear desafetos entre as igrejas; onde encontrarem uma igreja que está fora da união com o corpo, incitam discórdias até formar uma chama e, se possível, a induzem a separar-se da organização geral".

No que se refere à Associação Geral, Jones predisse: "Haverá um esfacelamento completo até que nada reste dela."

Ellen White percebeu que, na defesa do congregacionalismo, Jones e seus associados estavam tentando levar o adventismo de volta à confusão babilônica da qual ela e o esposo tanto se esforçaram para tirar o movimento nos anos 1850. Em janeiro de 1907, escreveu: "Oh, como se regozijaria Satanás, se pudesse ter êxito em seus esforços de se insinuar entre este povo e desorganizar o trabalho, num tempo em que é essencial uma completa organização, e será este o maior poder [...] para refutar declarações não endossadas pela Palavra de Deus! Temos que conservar uniformemente as nossas fileiras para que não haja quebra no sistema de método e ordem que foi construído por um trabalho sábio e cuidadoso. [...] Alguns têm apresentado o pensamento de que ao nos aproximarmos do fim do tempo, todo filho de Deus agirá independentemente de qualquer organização religiosa. Mas fui instruída pelo Senhor de que nesta obra não há coisa que se assemelhe a cada homem ser independente" (TM, p. 489).

Em 1909, o ano em que a igreja tirou Jones do rol de membros, a Sra. White falou sobre “pessoas iludidas” defendendo “o espírito de desorganização”. Embora abrisse espaço para a opinião independente, foi firme ao declarar que “Deus ordenou que os representantes de Sua igreja de todas as partes da Terra, quando reunidos numa Assembleia Geral, devam ter autoridade” (T9, p. 257, 261). Assim ela se aliou a Daniells sem deixar espaço para dúvidas, embora tenha continuado a adverti-lo a não exercer excesso de controle pessoal. Seu ideal era a unidade na diversidade.

Agora você sabe por que é importante rejeitar os apelos periódicos ao congregacionalismo dentro do adventismo. Reforma é uma coisa, mas revolução rumo a ações desconexas é outra bem diferente.

Desastre e Desorientação

Na minha angústia, invoquei o Senhor, clamei a meu Deus;
Ele, do Seu templo, ouviu a minha voz, e o meu clamor chegou
aos Seus ouvidos. 2 Samuel 22:7

O adventismo passou por grande angústia durante os primeiros anos do século 20. E, em meio a essa angústia, houve muito clamor a Deus.

O século começou com o incêndio total do Sanatório de Battle Creek, que havia ficado famoso no mundo inteiro. Como se isso não fosse ruim o suficiente, um segundo incêndio destruiu o prédio da Review and Herald e os escritórios da Associação Geral.

A dúvida era se deveriam reconstruir em Battle Creek ou mudar as instituições da denominação para outro lugar. O Dr. Kellogg estava determinado a reconstruir um sanatório maior e melhor, apesar de os líderes da igreja se oporem a uma medida tão extravagante numa época em que a denominação estava à beira da falência por causa da rápida expansão nos campos missionários ao redor do mundo. O dinheiro e a questão de quem estava no controle logo dividiram Daniells e Kellogg, naquilo que se tornou uma luta até as últimas consequências.

Dinheiro e poder não eram os únicos pontos que os separavam. Nessa época, o médico também defendia aberrações teológicas ligadas ao panteísmo, ponto de vista segundo o qual Deus é uma força dentro da natureza, em vez de superior a ela. Por isso, Kellogg escreveu em seu livro *Living Temple* [Templo Vivo]: “Está presente na árvore um poder que a cria e mantém, um criador de árvore dentro da árvore, um criador de flor dentro da flor.”

Kellogg não estava sozinho em sua perspectiva panteísta. E. J. Waggoner,

que teve preeminência em 1888, ensinou, na Assembleia da Associação Geral de 1897, que Cristo “apareceu como uma árvore, ou como a grama”. Na Assembleia de 1899, Waggoner proclamou: “O indivíduo pode obter justificação ao se banhar, quando sabe de onde provém a água.”

A disputa de Kellogg e seus colegas com os partidários de Daniells durou vários anos. Por um tempo, Ellen White tentou pacificar a situação; mas, a partir de 1903, cada vez mais ela se posicionava ao lado de Daniells em público e em seus escritos. Kellogg acabou abandonando a Igreja Adventista. Foi excluído da congregação de Battle Creek em 1907, levando consigo Alonzo T. Jones, Ellet J. Waggoner e outros.

Períodos de aflição sempre sobrevêm ao povo de Deus. A pergunta que se impõe a cada um de nós é onde focaremos durante tais épocas. Nossa única segurança está em Jesus e em Seus princípios.

Das Cinzas – 1

Os povos renovem as suas forças; cheguem-se e, então, falem; cheguemo-nos e pleiteemos juntos. Isaías 41:1

Renovação e reconstrução eram a marca do pensamento adventista nos primeiros anos do século 20. Além dos incêndios desastrosos que destruíram a presença da instituição em Battle Creek e da perda de John H. Kellogg, Alonzo T. Jones, Ellet J. Waggoner e outros, Kellogg conseguiu na justiça para si a propriedade do Sanatório de Battle Creek reconstruído e da escola médica da igreja (o American Medical Missionary College).

Era tempo não só de reconstruir, mas de fazê-lo em outro local. No início do século 20, a migração contínua de adventistas para Battle Creek havia se tornado um grande problema. Em vez de morar em lugares diferentes onde poderiam testemunhar de sua fé, grande parte dos membros havia se congregado na cidade, fazendo fofocas entre si e atrapalhando a missão adventista de outras formas.

Além disso, Battle Creek tinha se transformado em uma base de poder centralizada demais para o mundo adventista. Ali se localizavam não só as maiores e mais influentes instituições da igreja, como também a sede mundial. Uns poucos homens participantes de comissões entrelaçadas “governavam” o adventismo em todas as partes. Em suma, em 1900, Battle Creek era, para a Igreja Adventista, o equivalente a Jerusalém para os judeus. Contudo, o novo século testemunhou o fim da “cidade santa” do adventismo.

Ellen White insistia para que isso acontecesse desde o início dos anos 1890, mas poucos deram ouvidos. Os primeiros líderes da instituição que partiram da cidade foram E. A. Sutherland e P. T. Magan, os quais transferiram o Battle Creek College para Berrien Springs, Michigan, em 1901.

O incêndio de 1902, que destruiu o prédio da Review and Herald, proporcionou o ímpeto necessário para tirar da cidade tanto o programa de publicações quanto a sede da Associação Geral.

O grande dilema de muitos era para onde ir. A princípio, parecia que Nova York seria o local apropriado; mas, em 1903, a cidade de Washington se tornara a preferida.

O ajuntamento dos adventistas tem prejudicado seu testemunho praticamente desde os primórdios do movimento. É possível que parte de nossa missão seja que mais de nós se mudem para regiões onde possamos testemunhar a nossos vizinhos. Pense nisso.

Das Cinzas – 2

Curarei as tuas chagas, diz o Senhor. Jeremias 30:17

A cura é algo maravilhoso, tanto no corpo físico, quanto no corpo da igreja. Na verdade, às vezes, o corpo curado fica mais forte do que antes. Esse seria o caso do adventismo sediado em um novo lugar, longe da influência de Kellogg e Jones, com seus ensinos dissidentes e suas características fomentadoras da divisão.

Nos anos seguintes, ocorreu a criação de um novo centro de operações dentro dos limites de Washington, D. C. A sede da Associação Geral e a Review and Herald foram transferidas para o distrito de Columbia. A alguns quilômetros de lá, em Takoma Park, Maryland, foram construídos o Sanatório de Washington e o Colégio de Treinamento de Washington. Essa instituição foi renomeada, em 1907, como Seminário de Washington para Missionários em Terras Estrangeiras. Portanto, logo a nova sede contava com a gama completa das instituições adventistas típicas.

Washington, D. C. e Takoma Park continuaram a ser a sede do adventismo mundial ao longo de quase nove décadas. A publicadora Review and Herald acabou se mudando para Hagerstown, Maryland, em 1982-1983, onde funcionou até 2014. Nesse ano, foi votado transferi-la para Silver Spring, Maryland, onde foi instalada a sede da Associação Geral, em 1989. O sanatório e o colégio permaneceram em sua localização original. O primeiro é conhecido hoje como Hospital Adventista de Washington e o segundo como Columbia Union College.

O afastamento de Battle Creek trouxe consigo uma grande mudança no programa médico adventista e, dessa vez, o impetuoso Kellogg não estava no comando.

O primeiro aspecto da nova obra médica adventista consistia de uma nova geração de instituições de saúde. O centro das atividades médicas mudou de Michigan para o sul da Califórnia.

Ellen White começara a apontar para a Califórnia em 1902, antes das dificuldades com Kellogg chegarem ao ponto de crise. Ela escreveu: Deus está "preparando o caminho para nosso povo obter a posse, com baixo custo, de propriedades onde há construções que podem ser utilizadas em nossa obra" (Ct 153, 1902). Em vez de uma "grande instituição" (T7, p. 96), Ellen White aconselhou que a denominação fundasse muitas clínicas menores em locais diferentes.

Por mais profunda que seja a ferida, servimos a um Deus que sabe curar. *Obrigado, Senhor, por esse aspecto de Tua graça*.

Deus Ainda Conduz – 1

Como a águia desperta a sua ninhada e voeja sobre os seus filhotes, estende as asas e, tomando-os, os leva sobre elas, assim, só o Senhor o guiou. Deuteronômio 32:11, 12

Orientação divina: às vezes, pensamos que isso pertence ao passado. Não é verdade. Uma das histórias interessantes da orientação divina no adventismo durante o início do século 20 está ligada à retomada da atividade médica após a denominação perder para Kellogg o Sanatório de Battle Creek e a instituição para formação de médicos-missionários.

Mesmo antes da perda, desde o verão de 1902, Ellen White apelava para a necessidade de uma obra médica na Califórnia. Em 5 de setembro, ela escreveu para o presidente da Associação Geral: “O Senhor tem me mostrado constantemente que o sul da Califórnia é o lugar onde deveríamos fundar instituições médicas. Todos os anos, essa região recebe a visita de milhares de turistas. Sanatórios devem ser estabelecidos nessa parte do estado” (Ct 138, 1902).

Três semanas depois, ela escreveu: “Há meses o Senhor tem me instruído que está preparando o caminho para nosso povo obter a posse, com baixo custo, de propriedades onde há construções que podem ser utilizadas em nossa obra” (Ct 153, 1902).

A Sra. White não tinha dúvidas de que o adventismo necessitava de “pequenas clínicas em diversos lugares [...] para alcançar um grande número de inválidos que buscam refúgios de saúde no sul da Califórnia”. Afinal, “nossos sanatórios devem ser estabelecidos com uma finalidade – o avanço da verdade presente” (T7, p. 98, 97).

Eram boas ideias. Entretanto, de onde viria o dinheiro para colocá-las em prática? Em parte por causa da rápida expansão mundial na década anterior, a denominação estava à beira da falência. Terminara o ano de 1900 com apenas 32 dólares na tesouraria da Associação Geral. Para piorar, esse total era dinheiro emprestado. Por vários anos, a Associação Geral funcionava em um sistema de déficit, mal contando com o dinheiro necessário para se manter. E isso foi antes que os incêndios colocassem por terra as instituições de Battle Creek.

Então de onde viria o dinheiro, naquela época de escassez, para reconstruir o que se perdera?

Essa é uma pergunta da maior importância, para a qual não havia nem mesmo um início de resposta. Sem a orientação divina, não seria fundada a nova geração de instituições médicas que tanto entusiasmava Ellen White. No entanto, o Senhor pode fazer aquilo que é humanamente impossível.

Deus Ainda Conduz – 2

Reconhece-O em todos os teus caminhos, e Ele endireitará as tuas veredas. Provérbios 3:6

Ontem terminamos com Ellen White e seu sonho “impossível” de adquirir diversas propriedades no sul da Califórnia.

E era uma época excelente para comprá-las. No fim do século 19, outros haviam construído belos hospitais na região. Então vieram secas prolongadas. Sem água, as instituições começaram a encerrar suas atividades. A crise era uma oportunidade para os adventistas, mas nem mesmo uma boa pechincha é suficiente se não houver o dinheiro para fazer negócio.

Bem, a igreja conseguiu reunir alguns recursos. A primeira propriedade comprada para a igreja foi o San Fernando College, por 10 mil dólares, em 1902 – menos de um quarto de seu custo original.

A segunda foi um sanatório inativo no Paradise Valley, perto de San Diego, que continha um prédio de três andares em oito hectares de terra. Quando Ellen White visitou Paradise Valley pela primeira vez, teve a certeza de que os adventistas comprariam a propriedade.

A construção principal havia custado 25 mil dólares, mas os donos ofereceram toda a área por 12 mil. Onde, porém, os adventistas da região arranjariam dinheiro? Eles não podiam contar com a Associação Geral. E a Associação do Sul da Califórnia, com seus 1.100 membros, tinha uma dívida de 40 mil dólares e havia acabado de comprar a propriedade em San Fernando. Tais quantias podem parecer pequenas hoje, mas eram verdadeiras fortunas naquela época. Não havia como uma Associação conseguir reunir 12 mil dólares.

Mesmo depois que o preço tenha baixado para 8 mil dólares e depois para 6 mil, ainda parecia impossível. Quando chegou a 4 mil, Ellen White fez um empréstimo pessoal de metade do valor no banco, a 8% de juros, convenceu um amigo próximo a conseguir o restante e telegrafou uma mensagem para que a propriedade fosse comprada.

Fora dado o primeiro passo para a criação do programa médico denominacional no sul da Califórnia, mas esse primeiro passo foi o mais fácil.

Como Deus conduz Seu povo? A resposta curta é: levando indivíduos a enxergar Sua visão do que deve ser feito. Ele abre as portas. Depende de nós entrar por elas.

Deus Ainda Conduz – 3

E me conduz. Salmo 23:2, NVI

Logo depois da compra do Sanatório de Paradise Valley, Deus revelou a Ellen White a necessidade do estabelecimento de um sanatório adventista perto de Los Angeles. Encontrar a propriedade foi a parte fácil. O pastor John A. Burden logo descobriu o Hotel Glendale, com 75 quartos e construção parecida com um castelo. Comprado por 60 mil dólares em 1886, estava à venda por 26 mil. Burden acreditava que a aceitação de sua oferta de 15 mil dólares seria um sinal da aprovação de Deus. Todas as dúvidas desapareceram quando os proprietários disseram que fechariam o negócio por 12 mil dólares.

Entretanto, a pergunta de sempre voltou: Onde conseguir o dinheiro? A pequena Associação estava praticamente falida. Havia acabado de comprar as propriedades em San Fernando e Paradise Valley. E os 20 dólares que Burden tirara do bolso para o pagamento inicial não iriam muito longe. A Associação não tinha condições de desembolsar nem mesmo os mil dólares da primeira parcela, e os membros haviam recusado a compra.

Diante dessas condições desanimadoras, Burden e o presidente da Associação adiantaram a primeira parcela, usando as próprias economias. Nessa época, chegou uma carta de Ellen White perguntando por que a obra estava sendo atrasada. O presidente a leu para os membros. Isso derrubou o muro de resistência. Eles se comprometeram a comprar a propriedade de Glendale.

A aquisição das propriedades de Paradise e Glendale ocorreu por meio da combinação de visão e sacrifício. No entanto, a verdadeira prova ainda estava por vir.

A igreja comprou as duas propriedades em 1904. Porém, a Sra. White afirmou que Deus ainda tinha mais uma reservada para a igreja. Em outubro de 1901, ela dissera que Deus havia lhe mostrado distintamente em visão a propriedade para uma instituição médica no sul da Califórnia que consistia de “um prédio ocupado” com “árvores frutíferas em torno do sanatório”. A visão foi tão real que ela teve a impressão de estar vivendo ali (Man. 152, 1901).

No entanto, ela não sabia qual era a localização exata da propriedade. Deus trabalha com momentos. Ele sabe a hora certa para determinadas ações que farão avançar rapidamente Sua causa na Terra. Contudo, deseja que estejamos em sintonia com o tempo dEle, para poder nos usar de maneiras inesperadas.

Deus Ainda Conduz – 4

E o guiou pelo deserto, como um rebanho. Salmo 78:52

Ontem contamos que, em 1901, Ellen White teve uma visão de um terceiro sanatório no sul da Califórnia que a igreja precisava adquirir. Entretanto, ela não sabia qual era a localização precisa da propriedade. E nem Glendale, nem Paradise cumpriam os requisitos.

Logo os adventistas descobriram um lugar chamado Loma Linda. O local custara 150 mil dólares para seus donos; mas, por causa de falência, estava à venda por 110 mil e depois caiu para 85 mil. No entanto, podia muito bem ser 1 bilhão de dólares, pois a Associação não conseguiria juntar nem mil, visto que havia se comprometido recentemente com grandes propriedades em San Fernando, Paradise Valley e Glendale.

Não é difícil imaginar a perplexidade dos administradores da Associação quando a Sra. White começou a incentivar a compra de mais um sanatório poucos meses depois da aquisição de dois. Ela não pararia nunca? Entretanto, Ellen White foi inflexível, pois tinha certeza de que a compra da propriedade de Loma Linda era da vontade de Deus.

A boa notícia é que os proprietários logo baixaram o preço para 40 mil dólares. Porém, nem isso ajudava quem não tinha dinheiro algum.

Infelizmente, o tempo não para. Ou eles faziam um primeiro pagamento ou perderiam Loma Linda. Ellen White, que ainda não conhecera a propriedade, telegrafou para John Burden instruindo-o a pagar a primeira parcela naquele momento.

Ele o fez, reconhecendo que a Associação lhe dissera com todas as letras que

eles não podiam se comprometer. O bondoso pastor, ciente de que poderia perder os mil dólares de pagamento inicial, decidiu seguir o conselho de Ellen White, não o dos oficiais da Associação. Entendendo a visão de que a aquisição da propriedade de Loma Linda era a vontade de Deus, ele deu um passo de fé.

Pensar grande não é algo natural para muitos de nós. Contudo, ao longo de toda a história adventista, foi esse tipo de pensamento que sempre impulsionou a igreja.

Senhor, ajuda-nos a conseguir pensar grande, a enxergar aquilo que tens em mente e a fazer parte do processo de dinamização da Tua obra.

Deus Ainda Conduz – 5

Eu sou o Senhor, o seu Deus, que lhe ensina o que é melhor para você, que o dirige no caminho em que você deve ir. Isaías 48:17, NVI

Na metade de 1905, o adventismo no sul da Califórnia havia chegado ao limite de seus recursos financeiros. Mesmo assim, após a compra de três grandes propriedades, Ellen White ainda insistia em uma quarta.

Os termos da compra de Loma Linda eram: uma primeira parcela de 5 mil dólares (que venceria em 15 de junho) e o depósito do mesmo valor em 26 de julho, 26 de agosto e 31 de dezembro. Os outros 20 mil poderiam ser pagos em três anos. No entanto, como você já sabe, não havia dinheiro em vista. De fato, a fé, nesse caso, baseava-se na "convicção de fatos que se não veem" (Hb 11:1), a não ser em visão profética.

Nesse meio tempo, a Sra. White fez sua primeira visita à propriedade de Loma Linda no dia 12 de junho. Ao sair do carro a cavalo que a levara, disse:

– Willie, eu já estive aqui antes.

– Não, mamãe, você nunca veio aqui.

– Foi este exato local que o Senhor me mostrou, pois tudo me é familiar.

Ela não tinha a menor dúvida. Olhando para os líderes da igreja que avaliavam a propriedade, declarou: "Precisamos ser donos deste lugar." Enquanto o grupo examinava os prédios e seus entornos, Ellen White afirmava repetidas vezes: "Foi este exato local que o Senhor me mostrou." Quando Burden e ela entraram no prédio de recreação, ela fez uma observação profética: "Este prédio será de grande valor para nós. Uma escola será fundada aqui [...]

Battle Creek está em decadência. Deus restabelecerá Sua obra médica neste lugar" (ver A. L. White, *Ellen G. White*, v. 6, p. 18).

Contudo, palavras e visões não são dinheiro. Eles só tinham três dias para conseguir os primeiros 5 mil dólares. Do contrário, perderiam a opção de comprar a propriedade e os mil dólares que Burden havia depositado.

Faço agora uma pergunta para os acanhados: Como reagir à vida quando as coisas ficam difíceis? Com apenas três dias pela frente e nenhum dinheiro no horizonte, a coisa mais sensata seria desistir, dizendo que haviam feito tudo que podiam. No entanto, é aí que entra o caminho da fé. Já nos foi dito que "a oração move o braço da onipotência". E é isso mesmo que acontece. Foi assim em Loma Linda, conforme veremos ao longo dos próximos dias, e pode ser em nossa experiência pessoal. Nosso Pai estimula e recompensa a fé.

Deus Ainda Conduz – 6

Ele os conduziu pelo imenso e pavoroso deserto, por aquela terra seca e sem água. Deuteronômio 8:15, NVI

Deus ainda conduz Seu povo por caminhos difíceis. Nesses casos, só há duas escolhas: permanecer com Ele ou voltar para a vida “fácil” no Egito espiritual.

Ali estavam os líderes adventistas da Califórnia, com três dias para conseguir 5 mil dólares para a compra de Loma Linda, com nada em vista além de areia financeira.

No entanto, eles tinham uma possibilidade. Algumas semanas antes, Burden e o pastor R. S. Owen ficaram sabendo de uma pessoa com alguns recursos. Depois de pegar um trem para ir à casa do homem, andaram mais 2,4 quilômetros; mas ninguém estava em casa.

Eles voltaram para a estação ferroviária e ficaram esperando. Por algum motivo, porém, não conseguiram fazer sinal para o trem parar, e ele passou a plena velocidade. Como precisariam aguardar mais duas horas até o próximo passar, voltaram para a casa, que agora estava com uma luz acesa.

– Louvado seja o Senhor! – exclamou o fazendeiro quando Burden lhe explicou a situação. – Há meses, tenho pedido ao Senhor que envie um comprador para este local, a fim de que eu saia da cidade e dedique meus recursos para o avanço de Sua causa. Há poucos dias, um homem veio, fez a compra e agora o dinheiro está no banco. O diabo não para de me tentar a investir o valor em terras de novo, mas tenho certeza de que o Senhor deseja a aquisição dessa propriedade. Naquele instante, ele ofereceu 2.400 dólares aos perplexos ministros.

Na véspera de 15 de junho, Burden pediu um empréstimo a uma mulher chamada Baker, que também entendera a visão.

– Você está disposta a arriscar mil dólares? – perguntou.

– Sim – respondeu ela.

– Você pode perder o dinheiro – lembrou ele.

– Tudo bem. Vou arriscar.

Em seguida, Burden conversou mais uma vez com R. S. Owen, que disse: “Não tenho o dinheiro, mas vou hipotecar minha casa para conseguir.” Com o empréstimo de Owen, eles finalmente reuniram os 5 mil dólares no dia do vencimento.

Até aí tudo bem. Porém, os 5 mil dólares seguintes deveriam ser pagos em cinco semanas. Onde conseguir mais dinheiro?

Às vezes, os desertos da vida são maiores do que esperamos. No entanto, o fato de passarmos por provas não significa que Deus deixou de estar conosco.

Deus Ainda Conduz – 7

Lembrem-se de como o Senhor, o seu Deus, os conduziu por todo o caminho no deserto, durante estes quarenta anos, para humilhá-los e pô-los à prova, a fim de conhecer suas intenções, se iriam obedecer aos Seus mandamentos ou não. Deuteronômio 8:2, NVI

A data da segunda parcela do pagamento pela propriedade de Loma Linda, 26 de julho, rapidamente se aproximava dos atribulados líderes adventistas. Na verdade, chegou o dia e não havia esperança no horizonte.

Naquela manhã, os líderes da Associação se reuniram em perplexidade profunda. O pastor Burden relembra: “Era fácil e natural culpar e censurar aqueles que haviam levado o negócio à frente quando a razão e o bom senso mostravam que o melhor era não fazê-lo.”

Ele e os outros não conseguiam esquecer a afirmação de Ellen White a respeito da propriedade. “Vamos esperar a correspondência da manhã”, sugeriu alguém.

Logo chegou o carteiro. Ao abrirem uma carta proveniente de Atlantic City, New Jersey, encontraram uma ordem de pagamento de 5 mil dólares, a exata quantia de que necessitavam para fazer o pagamento.

Burden nos conta: “Nem preciso dizer que o sentimento daqueles que haviam sido críticos mudou rapidamente. Os olhos se encheram de lágrimas e um dos que haviam feito uma das críticas mais ferrenhas foi o primeiro a quebrar o silêncio. Com a voz trêmula, falou: ‘Parece que o Senhor está nesta questão.’”

Ele certamente estava. Imediatamente pagaram a segunda parcela de 5 mil dólares, mais uma vez, no dia do vencimento.

Agora enfrentavam o desafio de conseguir o mesmo montante para a terceira prestação, que deveria ser quitada em 31 dias. Mais uma vez, tentaram conseguir os recursos, mas não foram bem-sucedidos. Poucos dias antes de 26 de agosto, um senhor de Oregon ficou sabendo do projeto e escreveu contando que havia vendido uma propriedade e poderia doar 4.500 dólares. O terceiro pagamento aconteceu a tempo.

As coisas estavam encaminhadas. Agora eles tinham três meses para conseguir os últimos 5 mil dólares, mas receberam a proposta de 100 dólares de desconto para o pagamento imediato. Isso foi suficiente para inspirar ofertas de reuniões campais para a prestação de dezembro, quitada poucos dias após o pagamento de agosto.

Pai, é tão fácil criticar os outros quando as coisas não acontecem como queremos. Dá-nos a graça da paciência quando tudo der certo e a graça do perdão quando resolveres os problemas de outra maneira.

Deus Ainda Conduz – 8

O Senhor é quem vai adiante de ti; Ele será contigo, não te deixará, nem te desamparará; não temas, nem te atemorizes.
Deuteronômio 31:8

Com o adiantamento pago, ainda faltavam generosos três anos para os outros 20 mil dólares da compra de Loma Linda. Entretanto, com a empolgação do momento e a oferta de mil dólares de desconto, por parte dos antigos donos, para o pagamento imediato do restante, a liderança da Associação agiu rapidamente.

O ímpeto para o esforço final veio de uma mulher que não era membro da igreja. Ela internou-se no sanatório antes que ele estivesse pronto para receber pacientes. Era um inconveniente, mas os funcionários fizeram o melhor para que a senhora se sentisse confortável. Burden conta: “No dia seguinte, quando ela estava no jardim, observamos que parecia solitária, então pensamos em ir animá-la. Comentamos sobre a beleza do lugar e ela disse: ‘Eu estava pensando em como seria feliz se morasse em um local com este. Sou totalmente sozinha. Meu marido morreu. Sinto-me tão solitária que quase me vem o desejo de morrer.’

“Sugerimos que ela poderia sim transformar aquele lugar em seu lar. A senhora perguntou quanto custaria. Ao mencionarmos o valor, ela disse: ‘Tenho essa quantia em dinheiro’. Fomos para o escritório e definimos uma anuidade vitalícia.”

É claro que o valor era bem menor do que os 19 mil dólares necessários, mas a bênção inesperada os incentivou. Logo encontraram um membro da igreja disposto a emprestar 15 mil dólares para serem pagos ao longo dos três anos seguintes.

Milagres modernos continuam a acontecer. Em menos de seis meses, a igreja

conseguiu todos os 40 mil dólares, e a propriedade de Loma Linda foi adquirida. Burden se entusiasmou: “O conselho” de Ellen White “se confirmou. Ao avançarmos em fé, o Senhor abriu o caminho a nossa frente e o dinheiro veio de fontes inesperadas. Afinal, quase todos se convenceram de que era verdadeiramente Deus quem estava levando adiante aquela iniciativa”.

Conforme predito, Loma Linda se transformou, no futuro, em uma faculdade de medicina de alto gabarito, cujos graduados têm abençoado pessoas de todo o mundo tanto com a cura física quanto com o amor de Jesus.

Deus ainda conduz Sua igreja, muito embora ela não seja perfeita e até mesmo quando seus membros e líderes discordam quanto à melhor maneira de seguir em frente. Apesar de tudo, o Senhor continua a guiar.

O Falecimento de Ellen White

Porque sei em quem tenho crido e estou certo de que Ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia. 2 Timóteo 1:12

Vimos no início do ano que José Bates, Tiago White e Ellen White foram os fundadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Bates faleceu em 1872 e Tiago, em 1881, mas Ellen continuou a guiar a Igreja Adventista até 1915. Embora ela nunca tenha ocupado uma posição administrativa oficial na denominação, detinha imensa autoridade carismática. Seus escritos e conselhos transmitiam significado especial tanto para pessoas específicas quanto para o adventismo como um todo.

Em 16 de julho de 1915, “a velhinha de cabelos brancos, que sempre falava de Jesus com tanto amor” (usando as palavras de seus vizinhos não adventistas) morreu aos 87 anos de idade. As últimas palavras que seus familiares e amigos ouviram foram: “Eu sei em quem tenho crido” (LS, p. 449). O filho Willie afirmou que seu falecimento “foi como o apagar de uma vela, bem silencioso”.

Ela pode ter morrido em silêncio, mas sua vida longa foi de constantes atividades e realizações. Extraordinariamente ativa durante a velhice, compareceu à Assembleia da Associação Geral pela última vez em 1909, na cidade de Washington. Depois das reuniões, visitou sua cidade natal, Portland, Maine, onde iniciara seu ministério profético cerca de 65 anos antes. Foi sua última viagem para o leste dos Estados Unidos. Embora com idade avançada, pregou 72 vezes em 27 lugares durante a jornada de cinco meses.

Ao voltar para o sul da Califórnia, dedicou seus últimos anos à escrita de livros como *Atos dos Apóstolos* (1911), *Obreiros Evangélicos* (1915), *Life*

Sketches of Ellen G. White [Esboços da Vida de Ellen G. White] (1915), a última versão de *O Grande Conflito* (1911) e *Profetas e Reis* (publicado em 1917, após sua morte).

Na manhã de 13 de fevereiro de 1915, Ellen White tropeçou e caiu em sua casa, em Elmshaven. Um exame de raio X revelou uma fratura no quadril esquerdo. Ela passou os últimos cinco meses de vida na cama e em uma cadeira de rodas. Em 24 de julho, foi enterrada ao lado do marido no cemitério de Oak Hill em Battle Creek, Michigan. Lado a lado, eles aguardam a ressurreição na segunda vinda – ensino pelo qual ambos deram a vida.

Minha esperança é encontrá-los no dia em que todos saudarmos a Jesus, em Seu glorioso retorno.

Crescimento Missionário Sem Precedentes – 1

Cresceu e fez-se grande árvore. Lucas 13:19, ARC

O início do adventismo do sétimo foi exatamente como o grão de mostarda da parábola. Como cresceu depois que as raízes afinal se firmaram!

Depois de se espalhar pelo mundo na década de 1890, nos primeiros anos do novo século, o adventismo estava pronto para uma expansão explosiva, guiada e sustentada por sua forte estrutura organizacional.

Parte do sucesso se deve ao fato de que, ao longo das três primeiras décadas do século 20, dois dos líderes mais voltados para o avanço das missões ocuparam os cargos principais da denominação. Arthur G. Daniells foi presidente da Associação Geral de 1901 a 1922 e depois secretário por mais quatro anos. William A. Spicer, por sua vez, foi secretário de 1903 a 1922 e presidente de 1922 a 1930.

A função presidencial é claramente importante para definir a orientação das ações. No adventismo, porém, o secretariado é igualmente vital no que se refere às missões estrangeiras, pois o responsável por essa função assumiu os encargos da Comissão de Missões Estrangeiras em 1903.

Spicer e Daniells, além de líderes capazes, eram dedicados às missões e à pregação da terceira mensagem angélica “a cada nação, e tribo, e língua, e povo” (Ap 14:6).

É difícil compreender a magnitude do progresso nos esforços missionários adventistas. Em 1880, a denominação contava com oito missões em terras estrangeiras. O mesmo número se manteve até 1890; mas, em 1900, já eram 42 e, em 1910, 87. Esse total saltou para 153 e 270 em 1920 e 1930,

respectivamente. A dinâmica expansionista começava a transformar o adventismo do sétimo dia, que passava de uma igreja norte-americana para um movimento global. Os anos 1890 foram cruciais para o desenvolvimento das missões. Antes desse período, a igreja testemunhara pouco crescimento nessa área. Contudo, a partir de então, o aumento se deu rapidamente. A contínua disseminação pelo mundo alterou não só os limites geográficos da igreja, mas também a própria natureza do adventismo.

Como os pioneiros do adventismo do sétimo dia se surpreenderiam caso pudessem ver a igreja em 1930! Todavia, as grandes transformações só haviam começado. Os líderes de 1930 achariam a denominação de hoje irreconhecível. E imagino que os líderes atuais teriam o mesmo choque se pudessem ser transportados para 2030. O adventismo é uma igreja em movimento.

Crescimento Missionário Sem Precedentes – 2

Em boa terra, à borda de muitas águas, estava ela plantada,
para produzir ramos, e dar frutos, e ser excelente videira.
Ezequiel 17:8

Em 1900, o crescimento rápido se transformara em uma forte característica adventista. A igreja começava a dar frutos abundantes ao redor do mundo.

Em 1890, o adventismo contava com 255 obreiros dedicados à pregação do evangelho e 27.031 membros na América do Norte; havia apenas cinco obreiros e 2.680 membros em outras terras. Em 1910, as estatísticas norte-americanas revelavam 2.326 obreiros evangelistas e 66.294 membros, ao passo que o número de membros de países estrangeiros era 38.232, atendidos por 2.020 obreiros. Duas décadas depois, os totais eram 2.509 obreiros e 120.560 membros na América do Norte; e 8.479 obreiros e 193.693 membros em terras estrangeiras. Em 1950, o número de obreiros evangelistas na América do Norte era 5.588 e o de membros, 250.939. O total em terras estrangeiras era 12.371 e 505.773.

Esses números surpreendentes demonstram não só o crescimento rápido, mas também uma mudança na proporção de adventistas fora da América do Norte. Durante a metade dos anos 1920, a denominação ultrapassou, em terras estrangeiras, o número de membros que havia dentro de seu continente de origem. Logo, a igreja não só pregava no mundo inteiro, mas começava a se internacionalizar.

Algumas das consequências da internacionalização já se tornavam evidentes em 1900. Uma foi a expansão das bases de apoio para o envio de missionários a terras estrangeiras. Embora tal prática tenha começado durante o século 19,

Daniells procurou desenvolver mais o adventismo em países como Alemanha, Inglaterra e Austrália, a fim de fortalecer as bases para expansão adicional.

As primeiras décadas do século 20 testemunharam a igreja alemã, sob a liderança de L. R. Conradi, ser pioneira do adventismo no Oriente Médio e no leste da África. Enquanto isso, os missionários australianos espalharam a mensagem com rapidez por grande parte do sul do Pacífico. Já o adventismo britânico, extraindo vantagem do império global da nação e da forte tradição missionária do país, movimentou-se para implantar o adventismo em muitas partes do mundo. Com o passar do século, mais e mais missões tanto em países desenvolvidos quanto não desenvolvidos se transformaram em Associações com autonomia financeira, podendo funcionar como bases para mais atividades missionárias.

Passo a passo, Deus continuava a conduzir Seu povo.

Crescimento Missionário Sem Precedentes – 3

Dize aos filhos de Israel que marchem. Êxodo 14:15

Os filhos de Israel nunca teriam chegado a Canaã sem fé na liderança divina, que lhes deu coragem para pisar no mar Vermelho. De maneira semelhante, a ordem de pregar as três mensagens angélicas a todo o mundo, aliada à fé na missão profética e no poder dado por Deus concedeu aos primeiros adventistas a coragem e o entusiasmo para fazer o impossível pelo Senhor. E foi isso que eles fizeram!

Deus agiu por meio deles. No entanto, devemos observar que o Senhor não atuou sem eles. Além de darem a vida pelo serviço missionário, também contribuíram com dízimos e ofertas, alimentando o sempre dinâmico trabalho evangelístico da denominação. Era um programa do qual todos os membros podiam participar.

Parte do apoio financeiro ia para o ministério das novas mídias, que ajudava a acelerar a propagação da mensagem adventista aos confins da Terra. Seguindo a tradição da grande mídia iniciada por Joshua Himes, H. M. S. Richards visualizou as possibilidades existentes no rádio. Em 1930, ele deu início ao programa Tabernáculo do Ar. Renomeado A Voz da Profecia, tornou-se um dos primeiros programas religiosos a ser transmitido em toda a nação norte-americana.

Num mundo em que a TV ainda era novidade, um meio de comunicação bem inédito, o primeiro programa Faith for Today [Fé para Hoje], com William Fagel, foi ao ar em maio de 1950. Logo depois, veio It is Written [Está Escrito], com George Vandeman.

Em diversos idiomas, adventistas reproduziram esses esforços pioneiros na mídia ao redor do mundo. Além disso, a partir de 1971, a Rádio Adventista Mundial começou a desenvolver poderosas estações de rádio em várias partes do planeta, com a ideia de cobrir a Terra com as três mensagens angélicas. Já no fim dos anos 1990, a igreja entrou em áreas estratégicas de evangelismo como a internet e o desenvolvimento de uma rede mundial de comunicação televisiva via satélite, com pontos de transmissão em milhares de locais.

Sem dúvida, o primeiro anjo está “voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a Terra”, em todas as suas partes (Ap 14:6). A era dos milagres ainda não acabou.

Maturidade – 1

Avancemos para a maturidade. Hebreus 6:1, NVI

Não são só as pessoas crescem e se desenvolvem, mas as igrejas também. Passamos um ano estudando o nascimento do adventismo, sua infância em busca das doutrinas bíblicas que passaram a definir o movimento como um povo e também sua adolescência, exercitando os músculos ao começar a se espalhar pelo mundo.

Nas décadas de 1950 e 1960, a denominação atingiu o nível de maturidade para o qual todas as décadas anteriores vinham apontando. Um sinal disso foi um processo mais genuíno de internacionalização do que no passado. Em parte, isso significa que “missionários estrangeiros” dos Estados Unidos, da Europa, Grã-Bretanha, Nova Zelândia e África do Sul pararam de controlar a obra nos campos mais novos de entrada do adventismo. Em vez disso, a igreja capacitou líderes locais em todas as áreas de seu abrangente programa missionário.

Hoje, a administração dos setores geográficos do adventismo, até o nível das Divisões da Associação Geral, é formada por pessoas nascidas na região em que lideram. Isso quer dizer que asiáticos dirigem a igreja na Ásia, africanos na África e latino-americanos na América Central e do Sul. O líder de cada uma das Divisões também é vice-presidente da Associação Geral.

Além disso, indivíduos de partes do mundo que, até poucos anos atrás, ainda eram dependentes da liderança norte-americana, agora ocupam algumas das posições mais importantes da administração central da Associação Geral.

Esse tipo de internacionalização está bem longe da mentalidade “missionária” existente nos anos 1950 e 1960. Na verdade, o próprio conceito de

missionário mudou. Ao passo que alguns anos atrás ser missionário significava um europeu ou norte-americano ir para uma região não cristã ou não protestante, que podia apresentar condições bem primitivas, hoje o termo sugere trabalhar em um lugar diferente de sua terra natal. E o serviço missionário passou a ser uma via de mão dupla, não só com “missionários” que vão dos Estados Unidos para a África, mas também com outros que saem da África para servir nos Estados Unidos. “De toda parte para toda parte” é o lema que reflete os moldes atuais das missões adventistas com mais adequação do que o termo “missionário”. A igreja ao redor do mundo está crescendo.

Nesse momento de maturidade, devemos orar para que ela não se esqueça do destino para onde está indo.

Maturidade – 2

Mas o que foi semeado em boa terra é o que ouve a palavra e a compreende; este frutifica e produz a cem, a sessenta e a trinta por um. Mateus 13:23

O adventismo do sétimo dia encontrou solos frutíferos em quase todas as partes da Terra. Já se foram os dias em que se tratava de uma igreja predominantemente norte-americana. Na verdade, somente cerca de 8% dos adventistas do mundo vivem na América do Norte. O país que enviou os primeiros missionários parece pequeno diante do tamanho de seus filhos. Atualmente, mais de 5 milhões dos cerca de 17 milhões de membros da igreja vivem na África, mais de 5 milhões nas Américas Central e do Sul, mais de 2,5 milhões na Ásia oriental e na Índia. Em contrapartida, a Divisão Norte-Americana só ultrapassou recentemente a marca de um milhão de membros.

O formato do adventismo mundial continua a se transformar à medida que diversas partes do mundo passam por picos de crescimento. Ocorreu uma expansão recente na Índia, onde o total de membros da Divisão saltou de 290.209 em 1999 para mais de 1,5 milhão no fim de 2012.

E o total de membros é apenas um dos indicativos da dinâmica adventista mundial. Uma rápida análise do relatório estatístico da Associação Geral revela que, em 2012, a igreja contava com 124 Uniões, 601 Associações e Missões, 141.968 igrejas, 5.714 escolas de ensino fundamental, 1.969 escolas de ensino médio, 106 faculdades e universidades, 21 indústrias alimentícias, 175 hospitais e sanatórios, 170 casas de repouso e orfanatos, 449 clínicas e centros de distribuição de medicamentos, 14 centros de mídia e 63 casas publicadoras. Essas várias instituições empregavam mais de 200 mil pessoas. Há publicações denominacionais em 361 idiomas e, de forma oral, a igreja abrange mais de 885

línguas.

E o ritmo não diminuiu. Ao contrário, o crescimento está se acelerando. Segundo o índice atual de crescimento, podemos esperar 40 milhões de adventistas entre 2025 e 2030, se Cristo não voltar antes.

Espero que volte! Afinal, Deus não criou o adventismo para transformar-se em uma grande igreja com muitas instituições. Pelo contrário! Ele não quer nenhum adventista do sétimo dia na Terra. O desejo do Senhor é que entremos no reino celeste. Este é o alvo – a razão para todas as atividades e para cada sacrifício. A boa notícia é que Deus guiou Seu povo no passado, levando-o muito além de seus sonhos mais ousados. E Ele continuará a fazê-lo no futuro, se não nos esquecermos de quem somos e por que estamos aqui.

O Significado de Tudo

No futuro, quando os seus filhos lhes perguntarem: "Que significa isto?", digam-lhes: Com mão poderosa o Senhor nos tirou do Egito, da terra da escravidão. Êxodo 13:14, NVI

"Que significa isto?" Essa era a pergunta da Páscoa judaica, com sua refeição estranha e a aspersão de sangue nos umbrais das portas. Deus tomava o cuidado de que Seu antigo povo não perdesse de vista o modo como os conduzira no passado.

O mesmo Deus está no controle hoje. E "nada temos a recear no futuro, a não ser que nos esqueçamos do caminho pelo qual Deus nos tem conduzido" (VE, p. 196).

Passamos quase um ano meditando nessa condução. Até agora, vimos o adventismo nascer do movimento de Guilherme Miller, lutar para encontrar sua identidade no período pós-1844, exercitar seus jovens músculos dos anos 1850 até a década de 1870, passar por transformações e reorientações com a mensagem de 1888 e avançar para a maturidade no século 20.

A denominação está irreconhecível, comparando-a com seus primeiros anos. Na verdade, mesmo nos últimos 70 anos ela foi tão remodelada que os líderes dos anos 1940 mal poderiam imaginar. E as décadas futuras sem dúvida farão o mesmo – provavelmente até mais.

Iniciando com um pingo de membros dispersos, sem nenhuma estrutura institucional, o adventismo do sétimo se transformou em uma igreja mundial com mais de 17 milhões de membros e uma curva de crescimento em aceleração.

No início, era uma minoria olhada com desdém; hoje, em algumas nações, trata-se de uma das principais denominações, ou até mesmo a dominante,

embora em muitos países continue sendo minoria (e provavelmente sempre será).

Por que estamos aqui? Com certeza, a resposta não é para criar uma denominação forte, com status social, que promova um lugar confortável de comunhão para seus membros. Tudo isso é bom, mas não o suficiente. A razão de existir do adventismo é preparar as pessoas para um futuro melhor e pregar as mensagens finais de Deus para o mundo antes do segundo advento.

Nos últimos dias do ano, meditaremos sobre o significado da história adventista, inclusive sobre as perguntas: “O que aconteceu com todos aqueles mileritas?” e “Por que os adventistas do sétimo dia tiveram êxito enquanto outros fracassaram?”

O povo de Deus ainda precisa fazer a si mesmo a pergunta do êxodo: “Que significa isto?”

O que Aconteceu com Todos Aqueles Mileritas? – 1

Fortalecei o vosso coração, pois a vinda do Senhor está próxima. Tiago 5:8

Até aqui vimos que o adventismo do sétimo dia expandiu-se do nada para cerca de 16 milhões de membros em todo o mundo. O caminho entre o zero e a maturidade não foi livre de obstáculos. Passo a passo, porém, a verdade foi desvendada e pregada “a cada nação, e tribo, e língua, e povo” (Ap 14:6).

O que tudo isso quer dizer? Que lições podemos aprender com a história adventista? E o que essas lições podem significar para o futuro do movimento? Abordaremos essas perguntas nos últimos dias de nossa jornada histórica.

A primeira coisa que faremos em nossa busca por perspectiva é olhar para as denominações pós-mileritas. Entre 1844 e 1848, conforme observamos alguns meses atrás, desenvolveram-se três ramificações de adventismo. A primeira era formada pelos espiritualizadores, que negaram a interpretação literal das Escrituras e espiritualizaram até mesmo o significado das palavras concretas. Logo, podiam afirmar que Cristo havia vindo espiritualmente para dentro do coração deles em 22 de outubro de 1844.

O segundo grupo era o dos adventistas de Albany, que se organizaram em 1845 a fim de se distanciarem dos espiritualizadores fanáticos. Seus membros acabaram abandonando a crença no esquema profético de Miller.

O terceiro grupo, o dos guardadores do sábado, continuou a defender um segundo advento literal (ao contrário dos espiritualizadores) e os princípios mileritas de interpretação profética (ao contrário dos adventistas de Albany). Por isso, os guardadores do sábado passaram a se considerar os únicos herdeiros reais do adventismo pré-desapontamento.

Entre 1844 e 1866, surgiram seis denominações desses três ramos do milerismo. O grupo de Albany deu origem a quatro: Associação Evangélica Americana (1858), a Igreja Cristã do Advento (1860), a Igreja de Deus (Oregon, Illinois, anos 1850) e a União da Vida e do Advento (1863). O movimento dos guardadores do sábado resultou em duas: A Igreja Adventista do Sétimo Dia (1861-1863) e a Igreja de Deus (do Sétimo Dia), fundada em 1866.

Os espiritualizadores, com sua diversidade, individualidade extrema e falta de organização, não formaram nenhuma denominação permanente. Vários espiritualizadores acabaram migrando para outras igrejas.

E o que aconteceu com o restante? Essa questão nos leva a refletir sobre o significado da jornada adventista ao longo do tempo.

O que Aconteceu com Todos Aqueles Mileritas? – 2

Aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que O aguardam para a salvação. Hebreus 9:28

Embora não haja estatísticas precisas disponíveis, parece seguro sugerir que os adventistas evangélicos e os cristãos do advento eram, de longe, os mais numerosos no início dos anos 1860. Os cristãos do advento existiam em maior número do que os evangélicos. Um motivo para o sucesso relativamente maior dos cristãos do advento parece ser o fato de terem doutrinas únicas, que lhes proporcionavam motivos para defender sua posição. As doutrinas do estado de inconsciência das pessoas por ocasião da morte e da destruição final dos ímpios proporcionaram um ponto focal para sua identidade, que acabou por superar a ênfase no advento.

Os evangélicos, por sua vez, tinham apenas o advento pré-milenar para separá-los do restante dos cristãos. Quando parte significativa dos protestantes conservadores também adotou interpretações do pré-milenialismo nas décadas posteriores à Guerra de Secessão, o adventismo evangélico passou a ter poucas razões para continuar a existir separadamente. No início do século 20, aquele que provavelmente foi o maior grupo pós-milerita no início dos anos 1860 havia deixado de ser um corpo religioso distinto.

Em 1860, o primeiro censo adventista estimava cerca de 54 mil fiéis. Cerca de 3 mil dentre eles guardavam o sábado. Porém, em 1890, o censo do governo dos Estados Unidos revelou uma mudança radical no tamanho relativo das denominações adventistas. Os adventistas do sétimo dia, diminutos no passado, haviam conquistado a predominância, com 28.991 membros nos Estados Unidos. Em seguida, vinham os cristãos do advento, com 25.816. As outras quatro

denominações variavam de 647 a 2.872 adeptos cada.

Um século depois, somente quatro das seis denominações adventistas continuavam a existir. Nos primeiros anos do século 21, os adventistas do sétimo dia contavam com mais de 1 milhão de membros dos Estados Unidos e mais de 15 milhões ao redor do mundo, ao passo que os cristãos do advento eram 25.277 nos Estados Unidos e não havia quase nenhum fora da América do Norte. As outras denominações adventistas restantes relataram 3.860 e 9.700 membros. Conforme afirmou o historiador cristão do advento, Clyde Hewitt, “o mais minúsculo dos grupos originados do milerismo foi o que se tornou maior”.

Mais uma vez, nos vem à mente a pergunta: Que elemento ausente nos outros grupos impulsionou os adventistas do sétimo dia em sua missão?

O Motivo do Sucesso – 1

A terra por si mesma frutifica: primeiro a erva, depois, a espiga, e, por fim, o grão cheio na espiga. Marcos 4:28

Por que algumas coisas crescem e outras não? Por que o minúsculo movimento dos guardadores do sábado, com suas doutrinas impopulares, prosperou?

É impossível responder a essa pergunta com certeza absoluta, mas os dados históricos sugerem diversas razões. Antes de analisá-las, porém, precisamos investigar um questionamento bem semelhante: por que o milerismo foi bem-sucedido? Parece que os dois movimentos obtiveram êxito basicamente pelos mesmos motivos.

Uma série de eruditos não adventistas também indagou o porquê do crescimento, sobretudo do milerismo. Um deles sugere que o movimento surgiu no momento certo. Assim, desastres naturais, crises econômicas e sociais proporcionaram o clima adequado para pessoas que procuravam soluções em tempos de estresse e tensão. Em suma, a mensagem de Miller oferecia esperança em um mundo no qual o esforço humano falhara em produzir os resultados esperados. Em outras palavras, quanto mais caóticas as coisas ficam, mais atrativas parecem as vantagens de se crer na volta de Jesus e no milênio. Vemos a ilustração dessa verdade na história do adventismo do sétimo dia com o crescimento das respostas positivas ao evangelismo durante a Primeira Guerra Mundial e em outros períodos problemáticos do século 20.

Um segundo estudioso não adventista atribuiu o sucesso do milerismo a sua ortodoxia – sua harmonia essencial com outras forças religiosas da época. A única “heresia” marcante do milerismo era a doutrina do advento pré-milenar.

Porém, a ortodoxia do movimento na maioria dos pontos favoreceria a abertura das pessoas à sua única mensagem não ortodoxa.

Uma terceira resposta para o sucesso do milerismo é que ele se desenvolveu em uma era de reavivamento que proporcionava um método para formar prosélitos, uma atmosfera de esperança que predispunha as pessoas a reagir ao reavivamento e aceitar a visão do novo mundo por vir.

Com certeza, tais fatores externos prepararam o solo para que tanto o milerismo quanto o adventismo do sétimo dia prosperassem. Mais importantes, porém, foram as forças internas (as quais examinaremos ao longo dos próximos dias) que impulsionaram o milerismo e o adventismo do sétimo dia ao sucesso.

Devo acrescentar que tais forças inspiram não só movimentos à ação, mas pessoas também. Portanto, elas continuam a ser significantes para nossa vida hoje, no século 21.

O Motivo do Sucesso – 2

É como um grão de mostarda, que, quando semeado, é a menor de todas as sementes sobre a terra mas, uma vez semeada, cresce e se torna maior do que todas as hortaliças e deita grandes ramos, a ponto de as aves do céu poderem aninhar-se à sua sombra. Marcos 4:31, 32

Um dos fatores para tornar um movimento bem-sucedido é ele fazer sentido dentro e fora de seus limites.

Esse é um ponto problemático para alguns grupos que pregam o milênio. Afinal, os movimentos apocalípticos tendem a atrair dois tipos de personalidades. De um lado, encontramos os racionalistas que investigam as profecias bíblicas e criam esquemas para os eventos apocalípticos. Na outra ponta do espectro, reúnem-se os tipos emocionais que gravitam em torno da empolgação da expectativa apocalíptica e costumam se afundar em extremismos fanáticos e irracionais.

O movimento se desintegra sempre que as forças racionais não são fortes o suficiente para conter o irracionalismo e excesso de emoção. Foi nesse ponto que a ramificação espiritualizadora do adventismo sucumbiu. Para ser bem direto, quando os fanáticos e “malucos” assumem o comando, o movimento sai do controle e perde a direção.

Um dos pontos fortes do milerismo era o desenvolvimento racional de sua doutrina central. Tal elemento atraía fiéis em virtude da lógica. Todavia, o milerismo, em seu melhor estado, também abria espaço para as emoções. Tais emoções ocorriam dentro dos limites de uma abordagem racional à vida. A combinação dos dois fatores conferia vitalidade e estabilidade ao movimento, aumentando seu apelo.

O adventismo do sétimo dia mantém o mesmo equilíbrio, muito embora pareça, às vezes, se afastar muito para o polo puramente racional. É claro que tanto o milerismo quanto o adventismo do sétimo dia contaram com elementos febris e fanáticos, mas a estabilidade do sucesso pode ser atribuída, em grande medida, à habilidade de apelarem para o elemento racional das pessoas. Por isso se concentravam em converter indivíduos à verdade revelada.

Devo admitir que, em minha experiência de conversão adulta, do agnosticismo racional para o adventismo do sétimo dia, algo que me chamou atenção na mensagem adventista foi o fato de fazer sentido em um mundo confuso. Aos 19 anos de idade, descobri que a lógica e a coerência dos principais ensinos da denominação eram muito atraentes. Eles não só faziam sentido, como também se sustentavam em um conjunto coerente – um conjunto de esperança em um Deus de amor que põe fim à bagunça do pecado de maneira harmônica com Seu caráter.

O Motivo do Sucesso – 3

Crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. 2 Pedro 3:18

Outro fator que levou ao sucesso evangelístico do milerismo e do adventismo do sétimo dia foi o conteúdo ou elemento doutrinário em sua visão de verdade. Isto é, o milerismo tinha aquilo que considerava ser uma importante compreensão da Bíblia para oferecer às pessoas que estavam em busca de significado: o retorno pré-milenar de Cristo. Em consequência, não era apenas mais um grupo eclesiástico qualquer, mas distinto dos outros movimentos religiosos. Tinha uma mensagem para pregar. E muitos a aceitaram.

Conforme observamos anteriormente, um dos motivos para o fim do adventismo evangélico foi o fato de ter perdido sua distinção doutrinária depois que uma porção significativa dos protestantes norte-americanos aceitou o pré-milenialismo. Após essa mudança, o adventismo evangélico não tinha mais razão para existir. Já os cristãos do advento adotaram a imortalidade condicional como ponto distintivo. Isso lhes deu motivo para continuar sua existência denominacional separada.

Os adventistas do sétimo dia, por sua vez, desenvolveram todo um arsenal de crenças não convencionais e consideram que é sua missão especial compartilhá-las com o mundo. Assim como uma pipa voa contra o vento, existe uma dinâmica nos movimentos religiosos vitalizada pelas diferenças e até mesmo pela oposição. Ser diferente dá aos indivíduos e grupos sociais um senso de identidade e significado.

Clyde Hewitt, na tentativa de explicar o crescimento do adventismo do sétimo dia, em contraste com a falta de expansão de sua comunidade de cristãos

do advento, observa que “embora as crenças e práticas distintivas da denominação [adventista do sétimo dia] a façam ser vista com suspeita por muitos cristãos tradicionais, elas parecem ter dado a seus membros fiéis uma firmeza de caráter individual e coletivo que consegue explicar boa parte de seu sucesso”. Em contrapartida, o adventismo do sétimo dia (assim como o milerismo) é próximo o suficiente da ortodoxia na maior parte de suas doutrinas centrais a ponto de receber crédito e ser ouvido por outros cristãos.

Tudo bem ser diferente (mas não “estranho”). Isso é verdade contanto que as diferenças se baseiem em princípios bíblicos. Um dos pontos mais fortes do adventismo é o compromisso com a doutrina e com um estilo de vida que o diferencia como um movimento único. Ele representa algo bíblico, verdadeiro, ao qual vale a pena dedicar a vida. Isso é parte do atrativo da mensagem adventista às pessoas que procuram respostas para os problemas mais desafiadores da existência.

O Motivo do Sucesso – 4

Mas escolha dentre todo o povo homens capazes, tementes a Deus, dignos de confiança e inimigos de ganho desonesto. Estabeleça-os como chefes de mil, de cem, de cinquenta e de dez. Êxodo 18:21, NVI

Os filhos de Israel não chegaram a Canaã sem organização. Na verdade, nenhuma tarefa de grande magnitude é realizada sem esse fator.

O terceiro elemento que levou ao sucesso evangelístico do adventismo do sétimo dia foi sua estrutura organizacional adequada para levar a missão adiante e atender aos desafios de sua mensagem.

Foi a falta de organização que causou a decadência dos espiritualizadores e a estagnação das duas denominações adventistas que adotaram o nome de Igreja de Deus. Sem organização suficiente, não conseguiram concentrar recursos para a missão, nem manter a unidade. O resultado foi uma cisão de grandes proporções.

Também foi em relação à estrutura organizacional que os cristãos do advento e os adventistas do sétimo dia seguiram rumos distintos. A Igreja Adventista do Sétimo Dia foi a única denominação adventista a conferir autoridade significativa a um nível eclesiástico superior à congregação local. Clyde Hewitt, lamentando o destino dos cristãos do advento, sugere que a falta de uma “forte organização centralizada” é um dos motivos para a “ameaça de que a redução supere a expansão” em sua denominação. Hewitt afirma que, por causa da estrutura organizacional, os cristãos do advento não conseguiram se mobilizar para ações conjuntas. Ele sugeriu em 1990 que, caso tivessem uma organização adequada, eles poderiam ser “uma denominação crescente, não às vias de

morte”.

Já os estudos sobre a estrutura organizacional dos adventistas do sétimo dia revelam que a estrutura da denominação foi conscientemente desenvolvida com a missão em mente, tanto em 1861-1863, quanto em 1901-1903.

A missão mundial da igreja do fim dos tempos, de levar as três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-12 “a cada nação, e tribo, e língua, e povo”, requer uma estrutura organizacional suficiente para a tarefa.

A missão do adventismo não se resume às igrejas e comunidades locais, mas deve se estender a todo o mundo. Temos razões para agradecer a Deus por Ele nos ter dado uma estrutura equivalente à tarefa. Nem sempre a apreciamos como deveríamos. Porém, tanto os princípios bíblicos quanto a história do adventismo demonstram que ela não surgiu por acidente.

O Motivo do Sucesso – 5

Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a Terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo. Apocalipse 14:6

O último e o mais importante fator para a rápida disseminação do milerismo foi seu senso de missão profética e a urgência resultante dessa compreensão.

O milerismo era um movimento motivado por uma missão. O peso da responsabilidade pessoal de advertir o mundo a respeito do fim iminente impeliu Guilherme Miller, Joshua V. Himes e seus colegas mileritas a dedicarem tudo o que tinham para anunciar o julgamento vindouro do mundo. Himes expressou muito bem essa ideia no editorial do primeiro número de *Midnight Cry* [Clamor da Meia-Noite]: “Nossa obra é de indizível magnitude. Trata-se de uma missão e iniciativa diferente, em alguns aspectos, de tudo que já despertou as energias humanas. [...] É um *alarme*, um clamor bradado por pessoas de todos os grupos protestan- tes, que agem como atalaias posicionados nos muros do mundo moral, as quais creem que *a crise mundial chegou* e que, sob a influência dessa fé, se unem na proclamação a todo o planeta: ‘Eis o noivo! Saí ao seu encontro!’”

Devemos enfatizar que a sensação avassaladora de urgência se baseava em uma interpretação das profecias de Daniel e do Apocalipse. Os mileritas acreditavam de todo o coração que tinham uma mensagem que as pessoas *precisavam ouvir*. Tal crença e a dedicação total que a acompanhava impulsionaram os mileritas a uma missão incansável.

Essa mesma visão, baseada nas mesmas profecias, também deu origem à principal missão dos adventistas do sétimo dia. Desde o início, os adventistas guardadores do sábado não se viam como apenas mais uma denominação. Ao

contrário, eles compreendiam que seu movimento e sua mensagem eram um cumprimento da profecia. Consideravam-se um povo profético com a mensagem divina dos últimos dias para anunciar a todo o mundo antes da colheita da Terra (Ap 14:14-20).

É a perda dessa perspectiva que tanto tem ameaçado a relevância e o sentido real do adventismo dos dias atuais. A falta dessa visão retarda o crescimento da igreja e pode transformar o adventismo de um movimento a um monumento desse movimento e talvez até mesmo em um museu do monumento do movimento.

Pai celeste, ajuda-nos a manter viva nossa missão profética e a urgência da pregação do evangelho.

O Motivo do Sucesso – 6

Dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo. Apocalipse 14:7

O adventismo não é apenas mais uma denominação. É um movimento profético! Essa constatação foi fortalecida pela convicção profunda de que a interpretação básica de Miller sobre as profecias estava correta. Da perspectiva dos guardadores do sábado, os outros grupos adventistas haviam perdido o foco e até mesmo sua missão, por negarem os princípios mileritas de compreensão das profecias.

Tal negação ocorreu em duas direções diferentes. A primeira envolveu a rejeição da interpretação óbvia de passagens bíblicas que pareciam ser bem literais. Assim, a crença de que Cristo já havia voltado arrefeceu a força missiológica dos espiritualizadores. Afinal, se Jesus já tinha vindo, qual seria o motivo da missão?

Em contrapartida, os adventistas de Albany rejeitaram o estímulo à missão que havia enchido o milerismo de convicção e poder quando abandonaram os princípios de Miller para interpretação profética, desconsiderando as grandes profecias temporais de Daniel e do Apocalipse. Sem a certeza do decorrer da história profética, perderam o senso de convicção e urgência. Por fim, precisaram encontrar sentido para sua existência em outras doutrinas, como a imortalidade condicional. Isso pode ter bastado para criar uma espécie de *status quo* da existência denominacional, mas o grupo de Albany abandonou os pontos principais que haviam impulsionado com tanto vigor a missão milerita.

Ao invés disso, os guardadores do sábado desenvolveram seu movimento justamente com base nesses pontos principais. Além de manterem o esquema

profético de Miller para interpretação, ampliaram-no de maneira a encontrar sentido tanto para o desapontamento quanto para o tempo que ainda restava antes do advento de Cristo. Elementos centrais para essa interpretação ampliada eram a obra de Jesus no santuário celestial e a natureza progressiva das três mensagens angélicas de Apocalipse 14.

Pai celeste, enquanto pensamos no passado e no futuro do adventismo, ajuda-nos a perceber a importância das profecias apocalípticas para o tempo presente do movimento. Reconhecemos que uma compreensão renovada da relevância e da importância do estudo do Apocalipse para o século 21 é a única esperança para um adven- tismo vibrante.

O Motivo do Sucesso – 7

Adorai Aquele que fez o céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas. Apocalipse 14:7

Os adventistas guardadores do sábado consideravam Guilherme Miller e Charles Fitch os iniciadores, respectivamente, da proclamação da primeira e da segunda mensagem angélica. Contudo, viam no próprio movimento, com sua ênfase nos mandamentos de Deus, o começo do anúncio da terceira. Seu conceito da batalha do tempo do fim por causa dos mandamentos de Deus, retratada em Apocalipse 12:7, e a exposição mais plena desse versículo nos capítulos 13 e 14 reforçavam a convicção de que não só eram herdeiros do milerismo, como também faziam parte de um movimento predito por Deus que pregaria as três mensagens angélicas a todo o mundo logo antes da colheita do tempo do fim.

Como resultado, tal compreensão das profecias os impeliu à missão. No início do século 21, a convicção de que o movimento correspondia ao cumprimento de profecias resultara em um dos mais abrangentes programas missionários da história do cristianismo. Os adventistas do sétimo dia haviam estabelecido a obra em 204 das 230 nações reconhecidas na época pelas Nações Unidas.

Esse tipo de dedicação não acontece por acidente. Trata-se de um resultado direto da convicção profética de sua responsabilidade. São centrais a essa convicção a ordem do primeiro anjo de Apocalipse 14:6, de pregar “a cada nação, e tribo, e língua, e povo” e o comando de Apocalipse 10:11, de que os desapontados deveriam profetizar “outra vez a muitos povos, e nações, e línguas, e reis” (ARC).

Clyde Hewitt, na tentativa de justificar o sucesso dos adventistas do sétimo dia, em oposição ao encolhimento vivenciado pelos cristãos do advento, denominação à qual pertence, mencionou um elemento essencial ao afirmar: “Os adventistas do sétimo dia têm a convicção de que receberam a ordem divina de dar continuidade à obra profética iniciada por Guilherme Miller e são dedicados a essa tarefa.”

Em contrapartida, o pai de Hewitt escreveu, em 1944, que os cristãos do advento haviam abandonado a interpretação milerita de Daniel 8:14 e das 2.300 tardes e manhãs sem terem chegado à unanimidade quanto ao sentido da passagem. Em 1984, entrevistei outro importante erudito cristão do advento, o qual afirmou que sua denominação não chegava mais a um acordo quanto à interpretação do milênio – o próprio centro da contribuição de Miller.

Senhor, ajuda Tua igreja moderna a perceber que as profecias bíblicas não são uma história morta, mas a única compreensão que a tornará viva em plenitude à medida que a trajetória da Terra avança em direção ao clímax.

O Motivo do Sucesso – 8

Isso exige que o povo de Deus aguente o sofrimento com paciência. Esse povo são aqueles que obedecem aos mandamentos de Deus e são fiéis a Jesus. Apocalipse 14:12, NTLH

Quando as denominações adventistas de Albany e dos espiritualizadores saíram da plataforma milerita de interpretação profética, sua compreensão sobre os acontecimentos do tempo do fim começou a se deteriorar e com ela veio a falta de visão e de missão. A ramificação adventista do sétimo dia do milerismo, por sua vez, levou a sério as profecias.

Devemos destacar que apenas ter a convicção de crer na "doutrina correta" não explica por completo a expansão do adventismo do sétimo dia. Afinal, os batistas do sétimo dia pregavam o sábado com convicção, mas a quantidade atual de membros nos Estados Unidos representa um total inferior ao número de fieis em 1840. Conforme um pregador batista do sétimo dia disse a Bates, os batistas conseguiram "convencer as pessoas da verdade do sábado; porém, não convertê-las, como fizeram os adventistas do sétimo dia".

De igual forma, muitos dos grupos que não defendiam o sábado pregavam o milênio pré-advento, entretanto, sem os mesmos resultados dos adventistas do sétimo dia. Clyde Hewitt observa que "os cristãos do advento não são uma igreja evangelística e não têm causado um grande impacto no mundo". O resultado, afirma ele, tem sido pequenez – não só em números, mas, acima de tudo, "em sonhos, na visão. Pequenez gera pequenez". Ele também defende que os cristãos do advento não podem atribuir sua falta de crescimento a doutrinas impopulares, uma vez que a lista de doutrinas impopulares do adventismo do sétimo dia "inclui todas as da fé cristã do advento e ainda conta com várias outras". Ele

atribui o sucesso adventista do sétimo dia à convicção de possuir uma missão profética, na tradição de Guilherme Miller.

Em suma, o principal motivo para o sucesso é bem mais do que a crença de possuir a “verdade” sobre o sábado e o segundo advento. A força motivadora que subjaz ao adventismo do sétimo dia é a certeza de ser um povo profético, com uma mensagem única acerca do breve retorno de Cristo a um mundo aflito. Tal compreensão profética da missão, integrada às doutrinas dentro da estrutura das três mensagens angélicas, proporcionou aos guardadores do sábado a força de vontade para sacrificar-se a fim de espalhar suas convicções por todos os cantos.

É esse entendimento que o adventismo corre o risco de perder no início do século 21.

O que Aconteceu com Todos Aqueles Mileritas? – 3

Não havendo profecia, o povo se corrompe; mas o que guarda a lei, esse é feliz. Provérbios 29:18

E o que aconteceu com todos aqueles adventistas? Muita coisa, mas nada de extraordinário. Várias das denominações pós-mileritas estão mortas e enterradas. Outras estão em processo de extinção. Com certeza, essa é a inferência de Richard C. Nickels, na obra de 1973 que conta a história da Igreja de Deus (do Sétimo Dia), a qual conclui com uma seção chamada “Uma Igreja Moribunda?”. As nefastas últimas palavras do livro vêm da mensagem de Cristo à igreja de Sardes: “Tens nome de que vives e estás morto.” De maneira semelhante, a seção final dos três volumes de Clyde Hewitt sobre a história dos cristãos do advento (1990) se chama “Deve-se Dizer a uma Denominação que Ela Está Morrendo?”.

Tais reflexões nos levam de volta à primeira visão da jovem Ellen White em dezembro de 1844. Ela fez muito poucas predições. Entretanto, talvez a mais interessante delas se encontre no início de seu ministério.

Ao escrever sobre a experiência dos adventistas após o desapontamento, ela afirmou: “Vi um caminho reto e estreito, levantado em lugar elevado do mundo. O povo do advento estava nesse caminho, a viajar para a cidade que se achava na sua extremidade mais afastada. Tinham uma luz brilhante colocada por trás deles no começo do caminho, a qual um anjo me disse ser o ‘clamor da meia-noite’. Essa luz [...] proporcionava claridade para seus pés, para que assim não tropeçassem. Se conservavam o olhar fixo em Jesus, que Se achava precisamente diante deles, guiando-os para a cidade, estavam seguros. Mas logo alguns ficaram cansados. [...]

“Outros temerariamente negavam a existência da luz atrás deles e diziam que

não fora Deus quem os guiara tão longe. A luz atrás deles desaparecia, deixando-lhes os pés em densas trevas, de modo que tropeçavam e, perdendo de vista o sinal e a Jesus, caíam do caminho para baixo, no mundo tenebroso e ímpio" (PE, p. 14, 15).

O clamor da meia-noite foi a direção divina no estudo profético que culminou no desapontamento de outubro de 1844. Os fatos da história são que todas as denominações pós-mileritas, com exceção da Igreja Adventista do Sétimo Dia, negaram "a existência da luz atrás deles" e se reduziram a nada ou quase nada.

Em contraste, o único grupo que se apegou à base profética continua a prosperar e se transformou em um dinâmico movimento mundial. A única coisa a temer é o esquecimento de como Deus o conduziu na história passada.

As Pedras Memoriais Ainda Falam

As doze pedras que tiraram do Jordão, levantou-as Josué em coluna em Gilgal. E disse aos filhos de Israel: Quando, no futuro, vossos filhos perguntarem a seus pais, dizendo: Que significam estas pedras?, fareis saber a vossos filhos, dizendo: Israel passou em seco este Jordão. Josué 4:20-22

Começamos nossa jornada de um ano pela história do adventismo com esse texto bíblico. Não a encerramos com ele por acaso. A verdade de Deus não mudou com o passar do tempo. A Bíblia é um livro histórico. Ela narra os pontos altos da história da salvação desde a criação até o segundo advento.

Portanto, a Bíblia é um livro de memórias da miraculosa direção divina na história. E isso não terminou. Ela continuará a ser o manual de Deus até a vitória final.

Quando as igrejas perdem de vista o significado e a realidade da orientação divina em sua história passada, começam os problemas. Era assim nos tempos bíblicos e ainda o é hoje.

Não foi por acidente que a idosa Ellen White alertou seus leitores a esse respeito: “Passando em revista a nossa história, percorrendo todos os passos de nosso progresso até ao estado atual, posso dizer: ‘Louvado seja Deus!’ Quando vejo o que Deus tem executado, encho-me de admiração por Cristo, e de confiança nEle como dirigente. Nada temos a recear quanto ao futuro, a menos que nos esqueçamos do caminho pelo qual Deus nos tem conduzido” (VE, p. 204).

Nós, adventistas do sétimo dia, não temos nada a temer quanto ao futuro, a menos que nos esqueçamos de como Deus conduziu nosso passado.

O caminho do passado indica o trajeto para o futuro. Quando os cristãos se esquecem da orientação divina no passado, também perdem sua identidade no presente. E essa perda de identidade provoca perda de missão e de propósito. Afinal, se você não sabe quem é dentro do plano de Deus, o que terá para contar ao mundo?

Conforme observamos 364 dias atrás, a história do cristianismo está repleta de grupos religiosos que se esqueceram de onde vieram e, por isso, não têm direção para o futuro.

Agora, no fim do ano, sabemos que a história do adventismo também está cheia de grupos que morreram ou estão em vias de morrer, tudo porque se esqueceram de seu passado profético.

Esse esquecimento é uma das maiores tentações do adventismo do sétimo dia atual. Porém, nada temos a temer quanto ao futuro, *a não ser que nos esqueçamos!*

Índice Bíblico

Gênesis	
1:27	31 out.
2:3	1º mar.
3:4	2 abr.
11:9	27 maio; 1º dez.
12:3	21 jul.
18:19	28 out.
24:7	12 jul.
28:15	30 jan.

Êxodo	
13:14	19 dez.
14:15	16 dez.
15:21	21 jan.
18:21	25 dez.
20:8-10	28 fev.
20:13	18 jun.

Levítico	
23:27	23 jan.
23:32	28 abr.
25:10	12 maio

Deuteronômio	
6:6, 7	27 jun.; 27 out.
7:15	9 jun.

8:2	11 dez.
8:3	1º set.
8:15	10 dez.
16:6	29 abr.
16:15	5 jul.
23:12, 13	4 jun.
31:8	12 dez.
32:11, 12	5 dez.

Josué	
4:20-22	1º jan.; 31 dez.
24:15	8 mar.

1 Samuel	
3:8, 9	12 jan.

2 Samuel	
22:7	2 dez.

1 Reis	
17:12, 13	18 mar.
19:11, 12	13 jan.

Neemias	
8:3	8 set.

Jó	
14:7	2 jul.

Salmos	
19:7	10 maio
22:27	14 jul.

23:2	7 dez.
25:4	3 jul.
27:1	12 jun.
27:3	10 ago.
32:8	13 abr.; 28 jun.
34:4	1º fev.
42:5	14 jun.
67:1, 2	7 jun.
69:9	17 jan.
78:52	8 dez.
92:14	16 out.
119:105	7 jan.
119:130	2 maio

Provérbios	
3:6	6 dez.
16:16	30 jun.
18:19	29 ago.
20:3	21 ago.
22:6	26 jun.
23:29, 30	3 ago.
24:16	11 ago.
25:25	8 ago.
29:18	28 maio; 30 dez.

Eclesiastes	
2:15, 16; 3:19, 20	5 jan.
7:1	29 maio
12:1	7 fev.

Isaías	
1:18	29 jun.

6:8	4 mar.
9:6	11 out.
11:9	15 jul.
25:6	7 jul.
34:16	6 set.
35:10	28 mar.
41:1	3 dez.
41:6	20 abr.
42:12	8 nov.
48:17	9 dez.
52:7	21 mar.
54:13	24 out.
55:11	22 jul.
58:12	22 fev.
64:6	15 set.

Jeremias	
8:22	3 jun.
15:16	11 set.
30:17	17 jun.; 4 dez.
31:21	17 mar.
31:31, 34	21 set.
50:22	19 ago.

Lamentações	
3:27	8 maio
3:40	2 fev.; 5 ago.

Ezequiel	
3:17, 18	11 jan.
17:8	15 dez.
36:26	1º jul.

36:30	30 nov.

Daniel	
6:22	19 jan.
7:7	16 ago.
7:9, 10	22 abr.
7:21, 22	26 abr.
7:25	7 mar.
7:26, 27	23 abr.
8:14	8 jan.; 14 fev.
12:4	2 jan.

Oseias	
12:13	27 nov.

Joel	
2:28	19 fev.

Jonas	
1:1-3	4 fev.

Malaquias	
3:10	26 maio

Mateus	
1:21	19 out.
5:5	20 ago.
5:6	22 ago.
5:10	14 ago.
5:18	2 mar.
5:44	23 jun.
6:20	9 nov.

6:34	31 jan.
7:15, 16	26 fev.
8:11	16 nov.
9:38	11 jul.
10:5	18 jul.
11:29	12 ago.
12:12	22 jun.
13:23	18 dez.
16:16	7 ago.
16:19	31 jul.
19:4, 5	6 mar.
19:16, 17	13 set.
21:16	9 maio
22:9	16 jan.
22:9, 10	19 mar.
22:11	24 abr.
22:21	19 jun.
24:14	3 jan.; 1º e 24 nov.
24:36	6 abr.
24:42	7 abr.
25:5	9 abr.
25:6	14 jan.
25:10-12	13 fev.
25:19	8 abr.
25:20, 21	5 maio
25:21	10 abr.
25:39, 40	16 jun.
25:40	11 abr.
25:43	20 jul.
26:31	27 jan.
28:19	7 out.; 15 nov.

Marcos	
4:28	22 dez.
4:31, 32	23 dez.
7:8	2 set.
9:24	8 fev.
9:35	30 out.
9:38	19 abr.
11:28	24 jul.
13:10	4 maio
14:24	9 ago.

Lucas	
1:76	25 mar.
2:41	6 jul.
4:18	20 jan.
5:22	24 ago.
8:43	5 jun.
9:1	25 jul.
9:60	9 jul.
13:18, 19	17 jul.
13:19	14 dez.
14:23	20 mar.
16:10	6 maio
20:18	17 out.
24:21	25 jan.

João	
1:1	8 out.
1:12, 13	18 set.
3:3	4 jan.
6:45	23 out.
8:32	6 jun.

10:16	18 abr.
12:32	26 ago.
13:15	25 set.
13:35	28 ago.
14:2, 3	9 fev.
14:15	3 mar.
16:12	8 jun.
16:32	26 jan.
20:16, 17	21 nov.
20:21	10 jul.; 13 nov.

Atos	
1:8	22 mar.
2:17	20 fev.
5:3, 4	9 out.
5:29	21 jun.
6:7	22 nov.
9:34	13 jun.
13:1	11 maio
13:3	16 jul.
13:32, 33	13 out.
14:23	30 maio
14:27	14 nov.
15:39	26 mar.
16:4	22 maio
16:9	13 jul.
17:11	12 fev.; 30 abr.; 7 set.
17:19, 20	3 abr.
17:26	1º ago.
17:31	27 abr.
18:9	21 fev.; 9 mar.

20:28	2 jun.
20:29, 30	16 maio
21:37	24 jun.
28:28	8 jul.

Romanos	
1:16	2 out.
1:17	5 out.
3:20	10 mar.; 16 set.
3:24	27 ago.
4:3	31 ago.
6:23	1º abr.
10:14	4-6 nov.
10:15	14 out.; 7 nov.
10:17	6 jan.; 12 nov.
10:18	10 nov.
10:20	11 nov.
12:1	5 abr.
13:1, 2	20 jun.
15:4	5 set.
15:13	15 jun.

1 Coríntios	
6:19	10 jun.
6:19, 20	11 jun.
9:14	23 maio
11:3	23 nov.
12:28	24 fev.; 1º maio
14:33	17 maio
14:40	28 jan.; 18 maio
16:2	24 maio

16:19	21 maio

2 Coríntios	
5:17	19 set.
7:1	27 set.
9:7	25 maio
13:13	12 out.

Gálatas	
2:16	28 set.
3:13	3 out.
3:24	30 ago.
3:24, 25	17 ago.
3:26	18 ago.; 17 nov.
3:27	18 nov.
3:28	2 ago.; 19 e 20 nov.

Efésios	
1:22, 23	27 jul.
2:8	6 ago.
2:8, 9	11 mar.; 17 set.
3:14, 18, 19	23 set.
4:4	31 maio
4:4-6	26 nov.
4:11-13	23 fev.
4:11, 13	3 maio
4:15	28 jul.
4:15, 16	1º jun.
5:1, 2	24 set.
5:8	4 jul.
5:23	26 jul.

Filipenses	
3:13, 14	25 nov.

1 Tessalonicenses	
4:9	26 out.
4:13	31 mar.
4:16-18	10 fev.
5:19-21	25 fev.
5:23	23 jul.

1 Timóteo	
1:3	14 maio
3:1, 2	19 maio

2 Timóteo	
1:12	13 dez.
1:15	20 maio
2:15	7 maio; 23 ago.
3:15	29 out.
3:16	11 fev.; 9 set.
3:17	10 set.
4:1, 2	5 fev.
4:2, 3	4 abr.
4:5	6 fev.
4:11	12 set.

Tito	
1:5	15 maio

Hebreus	
1:8	10 out.
6:1	17 dez.

7:25	17 fev.
8:1, 2	15 fev.
8:5	16 fev.
8:8, 10	20 set.
8:11	25 out.
9:23, 24	18 fev.
9:28	21 dez.
11:3	29 jan.
13:14	28 nov.
13:17	30 jul.

Tiago	
2:21	14 set.
3:16	25 ago.
4:1	29 nov.
5:8	20 dez.

1 Pedro	
1:24, 25	4 ago.; 4 set.
3:15	5 mar.
4:10	19 jul.

2 Pedro	
1:12	23 mar.
1:20, 21	10 jan.
3:13	3 fev.
3:18	24 dez.

1 João	
3:14	26 set.
4:1	27 fev.
4:11, 12	22 set.

Judas	
3	3 set.

Apocalipse	
1:7	22 jan.
2:4	15 out.
2:29	29 jul.
3:7	14 abr.
3:8	12 abr.
3:11	18 out.
3:19	20 out.
3:20	21 out.
3:22	22 out.
7:17	15 abr.
10:9	9 jan.
10:10	24 jan.
10:11	3 nov.
11:19	12 mar.
12:17	13 mar.
13:11	13 ago.
13:12	15 ago.
14:6	2 nov.; 26 dez.
14:6, 7	15 jan.; 21 abr.
14:7	15 mar.; 27 e 28 dez.
14:8	18 jan.; 16 abr.
14:9	24 mar.
14:12	14 mar.; 29 set.; 1º out.; 29 dez.
14:14	16 mar.; 4 out.
15:3	27 mar.
17:5	13 maio
18:1, 2	17 abr.

18:1, 2, 4	6 out.
21:3	29 mar.
21:4	30 mar.
22:12	25 abr.
22:14	30 set.
22:20	25 jun.

CPB NA INTERNET

FAÇA SUAS COMPRAS COM COMODIDADE

APROVEITE PROMOÇÕES EXCLUSIVAS

LIVROS, REVISTAS, AUDIOLIVROS, CDS E DVDS

CONECTE-SE ATRAVÉS DAS NOSSAS REDES SOCIAIS COM MILHARES DE SEGUIDORES

ACESSE AGORA

www.cpb.com.br